Januario Barreto

SELECTA BRASILIENSE

OU

NOTICIAS, DESCOBERTAS, OBSERVAÇÕES,
FACTOS E CURIOSIDADES

EM RELAÇÃO

AOS HOMENS, Á HISTORIA E COUSAS DO BRASIL

Primeira parte: Biographia — Historia.
Segunda parte: Indigenas.
Terceira parte: Curiosidades — Variedades.

POR

J. M. P. de Vasconcellos

MEMBRO DE DIVERSAS SOCIEDADES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS
DA CÔRTE E DAS PROVINCIAS DA BAHIA, S. PAULO,
S. PEDRO DO SUL E ESPIRITO-SANTO

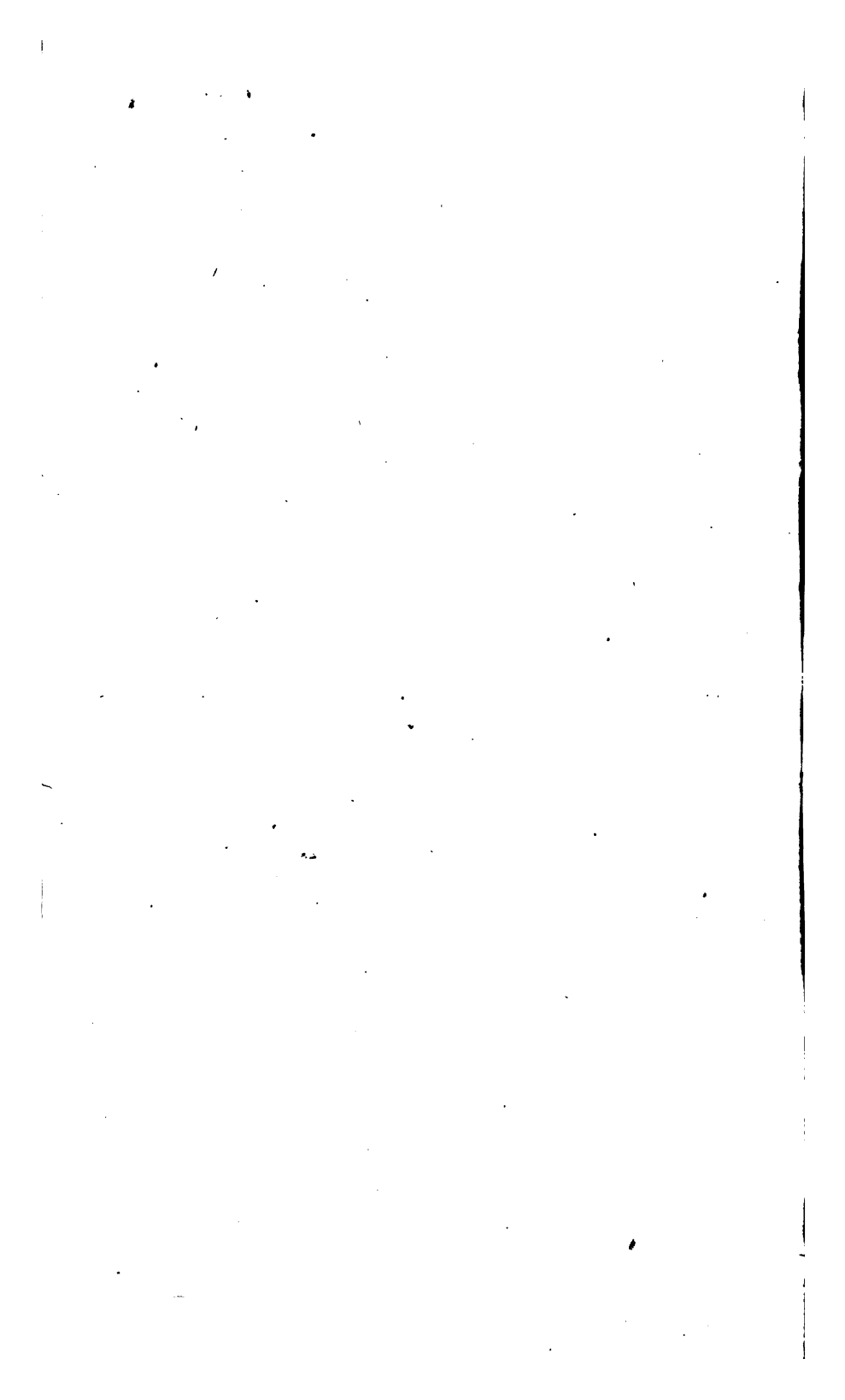
RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT
61 B, Rua dos Invalidos, 61 B

1868

AMIGO LEITOR.

Nihil novum sub sole! Não esperes *novidade* nesta obra; pouco me pertence, além da ordem na collocação das materias, pois em algumas de suas paginas fiz a *repetição* fiel das palavras de outros— eu não faria melhor estylo. Nunca será demais quanto se disser, quanto se espalhar, quanto se escrever em respeito aos homens, e ás cousas da nação.

Se minhas forças permittirem, ainda publicarei outras *series* de igual trabalho; — preciso, porém, a par de indulgencia para os erros, do apôio de meus concidadãos.

Quaesquer informações, e correcções, que estiverem no plano da obra, receberei com prazer, e agradecimento.

SELECTA BRASILIENSE

PARTE I

Biographia—Historia

ALEXANDRE DE GUSMÃO.

Nasceu em 1695, na cidade de Santos.

Havendo cursado as aulas dos jesuitas, mandou-o seu pai para companhia de seu irmão mais moço Bartholomeu Lourenço de Gusmão, em Lisboa, afim de se dedicar inteiramente á carreira das letras, para a qual mostrava vocação, pois na idade de 15 annos fez alguns versos ao monarcha D. João V, agradecendo-lhe e elogiando, em nome da sua patria, os serviços que a ella prestára.

Apenas formado em direito civil pela universidade de Coimbra foi despachado secretario da embaixada portugueza, que partio para a côrte de Luiz XIV em França; ahi frequentou a faculdade de direito romano, e ecclesiastico, e nella tomou o gráo de doutor, estudando tambem com todo o fervor as obras dos publicistas, as collecções de tratados europeus, e os precedentes diplomaticos.

Ligou-se em consorcio com D. Germana Pereira de Queiroz, filha do capitão Luiz Pereira da Cunha, seu correspondente na remessa dos productos, que enviára á côrte.

A historia de seu casamento é extraordinaria, posto que breve — ponderando-lhe o capitão Luiz Pereira, que se achava no desembolso de consideravel despeza, *com a qual poderia dotar sua filha*, pela remessa dos productos que lh'enviára, respondeu Alexandre: « *Isto não servirá de embaraço a seu casamento; eu serei quem receba por mulher sua filha.* »

Empregou-se tanto em aperfeiçoar e apurar preciosos materiaes, que, antes de concluir a organisação delles, foi atacado de melancolia, que o roubou á terra a 23 de Abril de 1815, em Lisboa.

Indicárão-se as causas dessa melancolia como envolvidas no manto das generalidades, attribuindo-a a desgostos, provenientes de illusões desvanecidas ácerca dos homens e das cousas da côrte.

Mesmo atacado da fatal misanthropia, lançou mão da penna para defender amigos, com os quaes se achava divorciado, mas que julgava injustamente accusados, e, até a hora de expirar, desempenhou os seus deveres de empregado publico.

AMADOR BUENO.

Recusou ser, com risco de sua vida, rei do Brasil.

A gloria de o ter por progenitor pertence a muitas familias nobres de S. Paulo, Goyaz, Minas, Matto-Grosso, e Rio de Janeiro, e são illustres descendentes os da

casa de Marapicú, cujo senhor, o desembargador João Pereira Ramos, era quarto neto de Amador Bueno. O filho deste, Manoel Bueno da Fonseca, sendo capitão e governador da Nobreza, teve a mercê do habito de Christo em 20 de Novembro de 1704 com doze mil réis de tença.

Ultimamente um jornal da provincia de S. Paulo noticiou haver fallecido em Atibaia, em 23 de Outubro de 1866, na idade de 96 annos, o capitão-mór Lucas de Siqueira Franco, quarto neto de Amador Bueno, e chefe de numerosa familia, deixando cêrca de duzentos descendentes.

ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA MACHADO E SILVA.

Nasceu na cidade de Santos a 1 de Novembro de 1773, e, sob a direcção de seus progenitores, fez ahi os estudos elementares da lingua vernacula, franceza e latina, dando logo mostras de vasta intelligencia.

Sua mãi, já viuva, mandou-o para a universidade de Coimbra, onde tomou o gráo de bacharel em direito.

Completados os seus estudos, merecendo sempre as maiores distincções, volveu ao Brasil para exercer o lugar de juiz de fóra de Santos, para que fôra despachado, e cujo lugar servio com illibada honra, e proverbial justiça.

Foi depois nomeado ouvidor e corregedor de Olinda, e como fosse o creador dessa comarca, coube-lhe logo assento de desembargador effectivo na relação da Bahia.

Tendo o espirito publico em Pernambuco, em 1817, feito um mallogrado movimento contra o despotismo colonial, se bem que Andrada não estivesse nelle compromettido, antes o procurasse embaraçar por muitas razões plausiveis, todavia relações de amizade que prezava, cego enthusiasmo, o seu patriotismo, as esperanças de realidade em seus sonhos de independencia e liberdade, o fizerão cahir nas ciladas, que a fortuna lhe armava.

Suffocado o movimento, Andrada veio espontaneamente da villa de Iguaraçú apresentar-se ao governo interino da capitania, a fim de responder por sua conducta, e d'ahi foi conduzido ao calabouço das Cinco Pontas, e carregado de ferros.

Impavido e sereno soffreu ultrages, e affrontas, tormentos e nudez, grilhões e segredos;—jazeu mais de quatro annos nas cadêas da Bahia, e sepultado anno e meio em lobrego segredo.

A muitos de seus companheiros de prisão ensinou linguas, historia, e sciencias; e foi elle quem generosamente defendeu a quasi todos com a maior dedicação, e variados recursos.

Antes de seu julgamento D. João VI mandou-lhe insinuar, que, se pedisse perdão, o mandaria soltar, e restituir a todos seus direitos, e até promovê-lo á casa da supplicação.

Firme na paz da consciencia, e sobranceiro aos padecimentos, não hesitou responder—*que pedia perdão só a Deos de seus peccados, e ao rei só pedia justiça.*

Em 1821 chegou no Brasil o grito de liberdade, que soltára Portugal, declarando as bases de sua constituição; Andrada das grades da prisão aconselha

o juramento dessas bases, como o primeiro passo para a posterior emancipação do Brasil.

Julgado innocente, e estando na Bahia, foi escolhido deputado ás côrtes constituintes de Portugal pela sua provincia de S. Paulo.

Foi nesse recinto dos sabios portuguezes, que sua voz se fez temida e cara, trovejando contra absurdas pretenções; foi ahi que o corajoso patriota, arrostrando punhaes, defendeu a todo custo os fóros de sua patria, que queria emancipar-se.

Chegando o momento de jurar-se uma constituição vergonhosa, que desnacionalisava os Brasileiros, declarando o rei destituido se viesse para o Brasil, Andrada foi o primeiro a negar-lhe sua assignatura, e acompanhado de seis de seus companheiros deputados retirou-se para Inglaterra a 6 de Outubro de 1822, e, logo depois, para o Rio de Janeiro.

A esse tempo, por conselho dos outros Andradas, (José Bonifacio e Martim Francisco) ministros do principe regente o Sr. D. Pedro I, tinha este principe declarado a independencia do Brasil.

Convocada a nova assembléa constituinte, é Antonio Carlos eleito novamente deputado pela sua provincia.

Foi incumbido de organisar o projecto de nossa constituição pelos legisladores constituintes, e é desse projecto, que, com algumas alterações, foi copiada a actual constituição.

Apezar dos relevantes esforços de Andrada, e seus irmãos, em prol das liberdades de seus concidadãos, apezar de seu patriotismo e saber, um mal disfarçado plano de intriga, urdido por uma coalisão de ultra-liberaes com os absolutistas e Lusitanos que já havia

obrigado a demissão do ministerio Andrada, poude illaquear a boa fé do desavisado principe, pintando os Andradas como inimigos de suas prerogativas magestaticas.

Pretextando-se que os discursos dos Andradas provocavão sedição, que escrevião para o *Tamoyo* artigos incendiarios, e outras razões aterradoras, foi, á força d'armas, dissolvida a primeira representação nacional, e os Andradas, e outros, levados aos carceres da Lage, e d'ahi, deportados para França.

Em Bordéos cumprio o desterro immerecido, por mais de quatro annos, em companhia de sua familia, e irmãos.

Em 1828 chegou ao Rio de Janeiro, apezar da opposição singular do ministro brasileiro residente em França, que se oppunha a seu regresso, não obstante o haverem citado por editos no Brasil.

Na côrte defendeu-se, e a seu irmão Martim, do inaudito crime de *legislador constituinte*, sendo ambos reconhecidos innocentes pelo tribunal da Relação.

Depois de sua absolvição recolheu-se a seu paiz natal para viver vida privada, longe dos redemoinhos da politica; — ahi, a regencia provisoria que succedeu aos acontecimentos de 1831, lhe enviou a nomeação de ministro plenipotenciario junto á côrte de Londres, lugar que não aceitou, por haver desapprovado a revolução de 7 de Abril, e não querer defender suas consequencias, até onde suppunha que chegassem.

Em 1333 voltou á Europa, enjoado de odios mesquinhos, e discussões infindas; e voltando de França em 1835, seus proprios adversarios o elegêrão deputado, sendo em 1840 o coripheu da brilhante opposição que

venceu pela declaração da maioridade de S. M. o Sr. D. Pedro II, a cujo primeiro ministerio é Andrada chamado, e do qual fez parte, sem desanimar ante a posição difficil, em que se veria collocado, symbolisando a politica do começo do reinado de um grande principe!

Decomposto esse gabinete em 23 de Março de 1841, foi eleito deputado para a legislatura de 1842, que foi dissolvida; e voltando a Santos, teve ainda de arrostrar a injustiça da politica, por occasião dos movimentos desastrosos de S. Paulo e Minas, em que não teve parte, senão a de desapprovar a repressão desmedida que se empregava contra seu partido.

Foi escolhido senador pela provincia de Pernambuco, depois de entrar na lista de quatro provincias. Uma violenta febre, e forte congestão celebrar o fez succumbir em 5 de Dezembro de 1845.

Viveu e morreu pobre; — era excellente pai, carinhoso marido, optimo irmão e zeloso parente, de facil, e bondoso accesso, ameno e jovial na conversação, indulgente para todos, extremoso amigo, e generoso adversario.

ANTONIO DA COSTA (Dr.)

Nasceu no Rio de Janeiro, em 15 de Março de 1816.

Recebeu em Montpellier o grão de doutor em medicina a 14 de Agosto de 1837, e defendeu theses no anno seguinte perante a faculdade do Rio de Janeiro, afim de exercer legalmente sua profissão e a cirurgia, como exerceu até 1855.

Foi habilissimo e notavel operador; viveu para a cirurgia, e só para ella; não houve ambição de grandeza

humana que o deslumbrasse: o mal, que o levou ao tumulo, acommetteu-o em um hospital, e no meio de seus doentes.

Morreu como o guerreiro intrepido no campo da batalha.

ANTONIO DE GUADELUPE (D.)

Natural de Amarante. Trocou a ordem da magistratura pelo habito de religioso, sendo sagrado bispo do Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1725.

Lançou em 1732 a primeira pedra da igreja de S. Pedro; fundou a obra do Aljube; estabeleceu o util edificio do seminario de S. José; levantou a proveitosa fabrica do collegio dos meninos orphãos, além de outras muitas acções louvaveis.

Transferido para o bispado de Vizeu, não tomou posse, por fallecer em Lisboa a 30 de Agosto de 1741.

ANTONIO DE MARINS LOURENÇO (PADRE).

Tomou posse da prelatura, e administração ecclesiastica do Rio de Janeiro em 28 de Junho de 1644.

Passando a visitar em S. Paulo os lugares de sua jurisdicção, negárão-lhe obediencia seus moradores, unindo-se e conspirando contra sua vida, intento que lhe foi participado.

Procurou o refugio do convento de Santo Antonio, apezar de o haverem cercado com sentinellas, e escapou

felizmente do perigo, retirando-se para o Rio de Janeiro, d'onde, proseguindo seu destino em visita á então capitania do Espirito-Santo, lhe foi administrado veneno na alimentação, com o qual perdeu logo o juizo. Em tão miseravel estado embarcou para Portugal, onde, sem remedio, terminou a vida.

ANTONIO DE MORAES SILVA.

Nasceu no Rio de Janeiro, e, feitos seus primeiros estudos, passou a Coimbra para formar-se em leis.

Taes vexames lhe fizerão soffrer seus contemporaneos na universidade, quando elle apresentou-se alli, fallando e pronunciando-se muito incorrectamente, que protestou comsigo vingar-se de um modo seguro, e terminante, e o fez, publicando seu *Diccionario da lingua portugueza*, depois de profundo estudo dos classicos.

Em 1779 achava-se em Londres, onde emprehendeu uma traducção da *Historia de Portugal.*

Passando ao Brasil, estabeleceu-se em Pernambuco, com engenho de assucar; e no ultimo quartel da vida appareceu a figurar em politica, pertencendo ao governo provisorio.

Antes tinha o titulo de capitão-mór do Recife, e a patente de coronel de milicias da Moribeca, onde tinha seu engenho.

Era rispido, pouco insinuante, e até repellente, demasiado franco para dissimular as faltas dos outros, que procurava corrigir lançando-as em rosto (*).

(*) Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de Innocencio, vol. 1.°, 1858, e *Varões Illustres* de Pereira da Silva, vol. 2°, supp., 1858.

ANTONIO FRANCISCO DUTRA E MELLO.

Nasceu no Rio de Janeiro, em 8 de Agosto de 1823. Feito um curso completo de estudos elementares, dedicou-se ao magisterio; e apezar de desperto o seu gosto no amor da litteratura, seu maior pensamento conservava-se para a vida religiosa dos claustros, que se propunha abraçar.

Exhausto de forças por effeito de um estudo sem descanço, rendeu sua alma ao creador em 22 de Fevereiro de 1846, deixando muitos trabalhos e manuscriptos interessantes.

ANTONIO GONÇALVES DIAS.

Nasceu em Caxias, provincia do Maranhão, sendo seu pai o negociante portuguez João Manoel Gonçalves Dias. Perdeu-o ainda na flôr dos annos, de modo que difficilmente poude tomar em 1843 o gráo de bacharel em sciencias juridicas na universidade de Coimbra.

Esperavamos encontrar valentes subsidios para a noticia de Gonçalves Dias na biographia, que devia preceder ás obras posthumas deste poeta, que o Dr. A. H. Leal acaba de fazer publicar na cidade de S. Luiz; mas essa biographia não passou da vida do estudante, porque motivo imprevisto e grave privou o seu digno autor de conclui-la.

Foi breve a vida de Gonçalves Dias sobre a terra:

todos, porém, o conhecem como o poeta brasileiro mais sentimental e harmonioso, basta ler qualquer dos seus cantos.

Duas coincidencias precedêrão a morte do poeta lyrico. Quando estava doente em Marselha correu a vaga noticia de haver elle fallecido. Chegando este boato aos seus ouvidos, escreveu a seguinte carta, refutando o boato atterrador:

« Paris, 23 de Agosto de 1862. — E' cousa inapreciavel andar a gente morta entre os vivos! Bem devia eu desconfiar de alguma cousa semelhante, quando via todos olharem-me de certo modo, como se eu acabasse de chegar de Orizaba, no Mexico, ou dos campos Elysios, no Paraiso!

« Morto e amortalhado em uma grande folha do *Jornal do Commercio*, com ares de quem recita o — *O' vos omnes qui transitis, etc.*, — mesmo estes superficialissimos francezes devião olhar-me como cousa muito séria! Já me não admiro de nada.

« O coitado do negociante de Marseille tem desculpa. A quarentena do *Grand Condé* custou-lhe ahi uns vinte mil francos (cêrca de 7:000$) : ora um negociante que perde vinte mil francos se enternece a ponto de chorar até pela morte de um poeta. Pobre homem! Eu imagino a dôr que elle teve com esse prejuizo, pela choradeira e lastima do meu passamento. Havia de ser cousa para derreter penhascos.

« O facto é que entre as singularidades da minha vida terei de mais a mais o prazer singular e exquisito de ler as minhas necrologias.

« V. não se esqueça de recolher tudo o que tiver apparecido nesse genero e mande-me. Quero fazer um album — uma caveira, dous femures em cruz, e por legenda — Historia de minha morte.

« V. tem razão. Os dictados representão a sabedoria das nações multiplicada pelos seculos da creação do mundo.

« E mesmo, quando assim não fosse, é claro que só se morre uma vez. Ora, como eu já morri, não tenho mais que morrer. Resta-me agora viver desencadernadamente até a consummação dos seculos.

« Supponho que irei passar o inverno na Allemanha, porque me recommendão os banhos hydrotherapicos de Mariembad.

« Vichy fez-me bem, mas a molestia já estava muito adiantada, e não estou de todo restabelecido, mas não obstante estou engordando.

« Adeos, dê-me noticias suas, e crêa que, apezar de necrologiado, conservo os mais sinceros e vivos sentimentos de amizade a seu respeito. — Do S. do C. — *O fallecido G. Dias.* »

A outra coincidencia acha-se dignamente exposta em suas poesias.

Escrevêra Gonçalves Dias o — *Hymno ao mar* — e entretanto verificou-se o seu dito.

Eis como elle prediz a sua sorte :

Mas nesse instante que me será marcado,
Em que hei d'esta prisão fugir p'ra sempre,
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue
Teu sonoro rugido.

Então mais forte do que tu, minh'alma,
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo
Quebrará n'um relance o circ'lo estreito
Do finito e dos céos.

Diz o Sr. Vidal Junior, de S. José de Leonissa, em 15 de Junho de 1867 :

« Existe entre os povos da Lithuania uma lenda que affirma a existencia de uma ave, tão cheia de conhecimentos propheticos, que viaja muito tempo fóra da patria, e quando sente-se proxima a morrer, torna aos seus lares para ahi exhalar o ultimo sopro vital.

« Foi, pois, Antonio Gonçalves Dias semelhante áquella ave das lendas tradiccionaes : sentindo-se proximo a despedir-se da mansão dos vivos, embarcou-se no *Ville de Boulogne*, e veio morrer perto de Maranhão, sua terra natal. Eis como se exprime n'um orgão de publicidade uma bem aparada penna, a respeito do immortal poeta :

— « Estavamos para concluir a nossa tarefa, quando acabamos de receber a mais triste e dolorosa noticia.

« Antonio Gonçalves Dias, o primeiro poeta brasileiro, já não existe !

« Seu ultimo pensamento mandou-o elle á immensidade do céo, que era o da sua patria, assim como o seu corpo occultou-se na immensidade das aguas, que banhão a sua terra. Eis como devia acabar o homem que deixa á posteridade a grandeza de seu nome, como deixa á sua terra, cujas bellezas tantas vezes cantou, o ultimo suspiro de sua alma.

« O oceano recebeu-o com todas as preciosidades, que levava junto de si, as reliquias mais queridas do seu coração, tudo quanto por amor da patria elle estimava mais sobre a terra. As lindas flôres de sua intelligencia fecunda, os bellos fructos de seu talento creador os risos e os prantos de sua alma de poeta, tudo guardou-o o mar avaro de tão rico thesouro ! E a patria que chora a morte de um de seus mais dilectos filhos ,

lamenta com profundo pezar, que tenhão desapparecido os ultimos reflexos de tão grande genio.

« Os filhos do Maranhão, onde nasceu o illustre poeta, experimentando a dôr que mais de perto os ferio, convidão a todos os compatriotas para ajuda-los na creação de um monumento ao cantor dos *Tymbiras*. Crêmos que tão grata idéa será bem acolhida por todo Brasileiro amigo das glorias, que dão renome á terra natal. »

ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

Nasceu em 8 de Maio de 1705 no Rio de Janeiro. Começava em Lisboa sua educação, quando sua mãi soffria os tratos do santo officio por *christã nova.*

Formado em canones na universidade de Coimbra, advogava em Lisboa com seu pai em 1726, quando em 8 de Agosto foi levado para os carceres da inquisição, sendo solto no auto publico do mez de Outubro, depois de soffrer crueis tormentos de polé, e de fazer decidida abjuração.

Dedicou-se á carreira dramatica no tempo, que lhe ficava livre da advocacia, compondo muitos libretos e operas comicas, que erão postas em scena, e applaudidas.

Casou em 1734 com Leonor Maria de Carvalho, Portugueza, matrimonio abençoado um anno depois com o nascimento de uma menina.

Aos 7 de Outubro de 1737, quando se approximava o segundo anniversario de sua filhinha, foi subitamente arrebatado do seio de sua familia por um familiar do santo officio. O pretexto foi a denuncia de uma

preta de Cabo Verde, escrava da mãi de Antonio José, que este castigára por ser de má vida.

Na falta de capitulos de provas, e não sendo possivel tira-los da liberdade do pensamento de suas producções, devidamente licenciadas, tratou-se de os crear dentro dos mesmos carceres, por meio de espionagem, e por meio da interpretação maliciosa de suas acções.

Muito empenho houve a favor de Antonio José, até do proprio rei D. João V. Houve a mais plena justificação de sua innocencia, e, quando o julgavão absolvido, lavrou-se contra elle a tremenda sentença de relaxação de 11 de Março de 1739.

Mais de sete mezes depois de sentenciado, na tarde de 16 de Outubro, foi-lhe feita a intimação, e entregue no oratorio aos cuidados do jesuita Francisco Lopes. Passados tres dias estava elle na eternidade! Sua mãi e sua mulher forão tambem victimas do tribunal! (*)

ANTONIO JOSÉ VIEIRA DA VICTORIA (**).

ANTONIO NAVARRO DE ABREU.

Bacharel formado em direito, deputado á assembléa geral pela provincia de Matto-Grosso, onde nasceu, e o mais ardente e fervoroso propugnador da maioridade do Sr. D. Pedro II.

(*) Vide *Dicc. bibl. port.*, de Innocencio, vol. 1, 1858.

(**) Vide *Bombix* na 3ª parte.

De imaginação exaltada, se bem que de bom coração, teve a desgraça de ser atacado de alienação mental, depois de muitos desgostos; e finou seus dias no hospital da Misericordia da côrte, ainda moço, a 3 de Outubro de 1846.

ANTONIO PAES DE SANDE.

Foi empossado no cargo de governador do Rio de Janeiro a 25 de Março de 1693. Pouco antes de morrer teve a satisfação de ver as amostras do primeiro ouro, que appareceu *nas* Minas geraes, apresentado pelos paulistas Carlos Pedroso de Silveira, e Bartholomeu Bueno de Cerqueira em principios do anno de 1695.

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS (*).

Nasceu no Rio de Janeiro a 24 de Novembro de 1762;— recebeu o gráo de bacharel em direito na universidade de Coimbra, e ordens sacras em Roma. Era de compleição debil.

Foi preso pela policia de Portugal, que o espreitava, e castigava então a mais leve sombra de liberdade de pensamento; e foi entregue ao santo officio, d'onde passou, por ordem do governo, á congregação dos padres catechistas de Rilhafolles, para fazer exercicios por seis mezes.

Superior a seus desastres, porque o sabio sabe crear

(*) Vid. *Varões Illustres*, de Pereira da Silva, vol. 2º, 1858.

consolações nos mesmos lugares, em que os ignorantes e máos lhe preparão amarguras, e sempre dado ao estudo das letras, adoçou de tal modo o tempo de sua injusta reclusão que, no fim de quinze dias, os padres catechistas representárão em seu favor, e obtiverão que fosse solto, e restituido a seus amigos e parentes.

Cahio em profunda melancolia, que o obrigou a fazer uma viagem á França para distrahir-se, recebendo em Paris o bom acolhimento do embaixador portuguez, que muito o instou para ir morar no palacio das embaixadas.

Desinteressado, recusou o bispado do Rio de Janeiro, recusou a pingue abbadia de Lobrigos, da apresentação do duque de Lafões. Falleceu em 2 de Março de 1814, abrilhantando a carreira de sua vida com actos de virtude, sabedoria, e caridade.

ANTONIO THOMAZ DE GODOY.

(DESEMBARGADOR HONORARIO.)

Nasceu na cidade Diamantina, então arraial do Tejuco, em Minas, a 8 de Dezembro de 1812. Perdeu seu pai aos seis annos, tendo porém encontrado logo desvelada tutela em seu tio Sebastião Felix de Godoy.

Aos dezeseis annos foi mandado para S. Paulo, alcançando em 1834 o grão de bacharel em direito.

Voltou ao seu torrão natal, onde se estabeleceu como advogado; mas pela sua vocação, e pelo seu genio, anhelava a carreira da magistratura, ambição, louvavel e justa, em que foi satisfeito, sendo nomeado em 1837 juiz de direito da comarca de Jequitinhonha, em cuja

effectividade entrou a 21 de Janeiro de 1841, em virtude de decreto imperial. Godoy foi membro decidido e influente do partido liberal, desde que teve uma opinião a manifestar; mas se era de seu partido como homem, como juiz era de toda sociedade; tinha nos olhos a venda, e na dextra a balança de Astréa.

Em Novembro de 1841 foi removido para o Baixo Amazonas; mandou tomar posse de seu lugar por meio de procurador, tomando assento na assembléa provincial de Minas em Abril de 1842, assembléa que foi addiada em 9 de Maio, e da qual foi elle unanimemente eleito presidente.

Godoy envolveu-se em 1842 nos movimentos de S. Paulo e Minas, e foi preso em 26 de Junho; se commetteu um erro grave, está lavado pela amnistia imperial. Quando forão abertas a Godoy as portas da prisão em 10 de Julho de 1843, já em 10 de Maio havia sido declarado em abandono o seu lugar, de modo que voltou á banca de advogado.

Por Decreto de 20 de Junho de 1844 foi restituida a Godoy a comarca de Jequitinhonha, sendo removido para a do Serro, por utilidade publica, a 26 de Outubro seguinte.

Como deputado á assembléa geral pela sua provincia teve assento na camara desde 1845 a 1848; e senão conquistou fóros de orador, distinguio-se em trabalhos de commissões importantes.

Removido da comarca do Serro para a provincia do Espirito-Santo, ahi desempenhou elle por mais de seis annos o lugar de juiz de direito da comarca da capital, e logo depois o de chefe de policia da provincia de um modo que nunca será olvidado, pois retirou-se coberto de bençãos, e com uma reputação e nome que assignalão o seu merecimento.

Tocando na capital do Imperio, quando ia exercer as funcções de chefe de policia na provincia de S. Pedro do Sul, o governo de Sua Magestade o removeu para o mesmo lugar na côrte, sendo então presidente do conselho o Marquez de Paraná, um dos chefes mais extremados do partido, que Godoy combatêra; é que a época era a da inauguração de um novo systema eleitoral, e da liberdade do voto. Virão todos na luta eleitoral a mais completa abstenção da força publica, e dos agentes policiaes; ao povo, e só ao povo deixou-se a escolha daquelles, que devião eleger seus representantes.

Tendo pedido e obtido demissão do cargo de chefe de policia da côrte em 27 de Março de 1857, foi nomeado juiz especial da 2ª vara do commercio. Por esse tempo foi seu nome incluido na lista sextupla de senadores, que foi offerecida á escolha do Imperante.

Sua brilhante carreira foi interrompida pela morte; uma longa e cruel enfermidade o arrebatou á terra e aos amigos em 2 de Julho de 1858. Em sua vida teve sempre ordem e regularidade de systema. Começando muito pobre, soube levantar-se acima das privações, mostrando-se sempre economico sem ser mesquinho (*).

(*) Tivemos a fortuna de possuir a amizade deste varão, cuja perda nos ha sido dolorosa, por mais que decorrão os annos. A elle dedicámos a primeira edição do — *Roteiro dos delegados e subdelegados de policia*; — era um documento da affeição, que lhe votavamos. Em 31 de Julho de 1856 descrevemos no *Capichaba* a sensação, que causou sua ausencia na capital da provincia do Espirito-Santo, artigo que reproduzimos a pag. 79 do *Ensaio sobre a historia e estatistica* daquella provincia. Em 30 de Julho de 1858 na cidade da Victoria, na capella nacional de S. Thiago, levan-

ARARIGBOIA (*).

Indio (depois do baptismo Martim Affonso de Souza) notavel por esforço, e amizade com os portuguezes, aos quaes tinha dado, na capitania do Espirito-Santo, e na conquista do Rio de Janeiro, as mais evidentes provas de fidelidade, motivo por que lhe forão dadas terras, onde, com os indios de sua tribu, formou a aldêa de *S. Lourenço*, em Nictheroy.

Para expulsão de Nicoláo Villegaignon, veio elle em soccorro dos portuguezes, trazendo quatro mil arcos do Espirito-Santo para o Rio de Janeiro.

Sua Magestade em remuneração de serviços, premiou-o com a mercê de Cavalleiro da Ordem de Christo, e com o posto de capitão-mór de sua aldeia, recebendo da fazenda as gratificações, que lhe forão conferidas, como consta dos livros antigos da provedoria. Acabou desgraçadamente, morrendo afogado junto á ilha de Mocanguê.

BALTHAZAR DA SILVA LISBOA.

Doutor em direito civil e canonico, commendador de Christo: — nasceu a 6 de Janeiro de 1761, na Bahia.

Estudando grammatica latina foi recrutado, por occa–

---

támos nossa fraca voz sobre as virtudes do finado, por occasião de celebrar-se uma missa, a expensas dos membros da assembléa provincial, de que eramos membro, allocução que foi publicada no *Correio da Victoria* de Agosto daquelle anno.

(*) Significa — cobra feroz.

são de abrir-se um geral recrutamento em consequencia da guerra entre Portugal e Hespanha; e o governador e capitão general Manoel da Cunha Menezes não attendeu ás supplicas do pai de Balthazar (para não abrir exemplo), consentindo porém que embarcasse no dia seguinte para Lisboa, como o fez em Julho de 1775.

Debaixo da direcção e conselhos de seu irmão José, depois Visconde de Cayrú, concluio seus estudos em muitas materias; e sendo recommendado pelo bispo de Coimbra ao ministro de estado Martinho de Mello Castro, este encarregou-o de examinar a mina de carvão de pedra de Buarcos, e as minas de chumbo nos contornos da villa de Coja, a respeito do que escreveu algumas memorias.

Despachado juiz de fóra para o Rio de Janeiro, o vice-rei o enviou á Serra dos Orgãos a exames de objectos de historia natural, cujos productos remetteu para Lisboa, além de um mappa que fez levantar daquella serra, e dos lugares mais notaveis.

O Conde de Rezende, avaro e vingativo, foi interrompido em suas negociações de farinhas por Balthazar, que encontrou carregamentos deste genero com marcas de um ajudante de ordens, que era agente do Conde; e fazendo intervir em taes negociações a sua autoridade de juiz de fóra, lhe resultárão perseguições por parte do avarento, a par de vivas e bençãos do povo.

Retirando-se para Lisboa, de ordem superior, voltou ao Brasil como ouvidor dos Ilhéos, com o encargo de conservador das mattas, e inspector dos córtes respectivos, em que prestou bons serviços, tombando as

mattas do Estado, escrevendo uma physica dos bosques dos Ilhéos, e fazendo a descripção desta comarca, trabalhos, alguns dos quaes forão impressos.

O Conde da Ponte, e o Conde dos Arcos incumbirão Balthazar, o primeiro de ir examinar uma grande massa de ferro, achada no riacho de Bendego, cabeceira do rio da Cachoeira, e o segundo a mina de carvão de pedra, que em 1813 se encontrou quatro leguas ao norte da Bahia, no rio Cotegipe.

Sobre a massa informou « que era de ferro nativo,
« puro, flexivol, e maleavel ao fogo pela forja, de fórma
« oval, comprimento de nove palmos, seis na maior lar-
« gura, e tres na maior altura, e tão pesada que apenas
« seis juntas de bois a poderião levar a quarenta passos de
« distancia. Achava-se collocada sobre um leito de quar-
« tzo e spato, não sendo producto volcanico, nem arras-
« tado por agua de inundação. Não tinha ferrugem, de
« que parecia isenta pela parte de zinco, que nella ap-
« parecia.

Quanto á mina de carvão, achou que « era formado
« de camadas, umas horizontaes e outras inclina-
« das e parallelas com as das pedras, que o cercavão, e
« extrahio pedaços daquelle mineral, que se assemelha-
« vão a vegetaes petrificados, com contexturas e nodosi-
« dades lignoso. »

Balthazar foi encarregado da mudança da aldeia dos indios da freguezia d'Almada para a nova estrada, que do rio da Cachoeira da villa dos Ilhéos seguia para a povoação do rio Pardo; e apezar das recusas e objecções dos indios, poude conseguir por suas boas maneiras que no lugar chamado das Ferradas, oito leguas longe dos Ilhéos, se levantasse a nova povoação

que abrio para civilisar, na parte opposta, a horda dos indigenas PATAXO'S, que o barbadinho Fr. Ludovico de Leorne conduzio das mattas.

Foi-lhe concedida sua aposentadoria, quando accommettido de sezões terriveis, com dôr no figado; e suppondo-se tranquillo em uma fazenda, que comprára no Rio de Contas, entregue a trabalhos litterarios, foi ahi preso sem ser ouvido, por accusações de seus emulos, que não poude evitar, apezar da bondade de sua alma, pretextando-se que elle recusára jurar a Constituição que havião feito as côrtes portuguezas, em occasião que se achava gravemente enfermo.

Dirigio se logo á Bahia, apresentou-se ao governo, que o mandou retirar quando vio o seu estado de molestia, o que elle só fez, depois que jurou a Constituição, declarando que lhe parecia *que ella não faria a felicidade da nação.*

Ainda quando se proclamou a independencia do Brasil, houverão invejosos que conseguirão novas representações contra elle das camaras de Cachoeira, Rio de Contas, e Valença, como opposto á causa do Brasil, as quaes forão ouvidas por algum tempo pelo governo, tanto que Balthazar, depois de ter soffrido innumeras privações, andando por mattos e atravessando pantanos para vir ao Rio de Janeiro, teve o desgosto de não ser admittido a fallar ao ministro d'estado José Bonifacio, cuja elevação havia felicitado; — nem se consentio que se apresentasse ao Imperador.

Desfizerão-se depressa essas calumnias, e houve conhecimento de sua innocencia; foi então recebido pelo Imperador e pelo ministro com toda a benignidade e bom acolhimento.

Ficou advogando na côrte, e ainda prestou bons serviços ao Estado quer ahi, quer em S. Paulo, dandó a alma ao Creador em 14 de Agosto de 1840.

BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO (PADRE).

Natural de Santos: foi o inventor das machinas aerostaticas, sendo concebido, ou ao menos executado esse invento em Lisboa no anno de 1709, setenta e quatro annos antes do tempo marcado pelos physicos francezes, quando o attribuem aos seus Montgolfiers.

Existe a este respeito uma memoria escripta pelo conego Francisco Freire de Carvalho, reivindicando para a nação brasileira a gloria da invenção das machinas ditas. Falleceu em 19 de Novembro de 1724 no hospital da Misericordia de Toledo (*).

BARTHOLOMÉU SIMÕES PEREIRA (PADRE E DOUTOR).

Foi o primeiro prelado encarregado da administração da jurisdicção ecclesiastica da capitania do Rio de Janeiro, em virtude do breve do Papa Gregorio XIII, datado de 19 de Julho de 1576.

Os odios e desattenções do povo, que não soffria a reprehensão de seus vicios, nem se sujeitava á obediencia da igreja e ao temor de Deos, e muito menos á demasiada autoridade que este prelado, e seus successores

(*) Vide o *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Innocencio, vol. 1º, 1858, e os *Varões Illustres* de Pereira da Silva, vol. 1º.

mal e indevidamente chamavão a si, foi causa de retirar-se este prelado para a capitania do Espirito-Santo pertencente á sua jurisdicção, onde acabou a vida com signaes de envenenado.

Por ordem sua tomárão os religiosos de Santo Antonio posse da capella de Nossa Senhora da Penha, na provincia do Espirito-Santo, a qual havia fundado o servo de Deos Fr. Pedro Palacios.

BENTA PEREIRA.

Em 1748, em Campos de Goytacazes, pertencente hoje á provincia do Rio de Janeiro, na acção de um levantamento contra o donatario das terras, deu grande brado uma mulher deste nome, a qual pelejava contra o partido do donatario.

Montada a cavallo com pistolas nos coldres, e uma espada em punho, fazia desapparecer tudo diante de si, com uma resolução mais que varonil, e desde então ficou tão celebre o seu nome, que ainda hoje é mui nomeado.

BERNARDO RODRIGUES NOGUEIRA (D.)

Bispo da diocese de S. Paulo, sagrado em 13 de Março de 1746, prototypo de virtudes e caridade.

Morreu em 7 de Novembro de 1748, com idade maior de 54 annos; tres dias esteve insepulto para se lhe fazerem as honras devidas á sua dignidade, e em todos elles se conservou flexivel; e dando-se á sepul-

tura no terceiro dia na capella-mór do collegio dos jesuitas, junto aos degráos do presbyterio, ahi se tirou sangue de seu corpo, que muitos aproveitárão em lenços e pannos.

BERNARDO VIEIRA RAVASCO.

Irmão do insigne padre Antonio Vieira, nascido na Bahia. Como politico, e como soldado exercitou-se desde a adolescencia até á ultima idade em beneficio da patria.

Por espaço de quatorze annos achou-se nos maiores perigos, principalmente quando o Conde de Nassau, em 1638, assaltou as trincheiras do forte de S. Antonio, onde, com a morte de muitos hollandezes, recebeu na mão esquerda uma penetrante ferida.

Ainda foi maior a valentia com que, em 1647, impedio que na ilha de Itaparica se fortificasse o general Sigismundo.

Finalmente, em 1651, quando parecia não ter obrigação de empunhar as armas, por estar reformado, embarcou-se animosamente em uma canôa, não obstante furiosa tempestade, e soccorreu ao mestre de campo Nicoláo Aranha, para que quatro náos hollandezas não infestassem os engenhos de Paraguassú.

Retribuia aggravos com beneficios, sem que nunca em seu semblante se descobrisse o menor signal de indignação. Naturalmente generoso, despendeu o que possuia mais em remedio da pobreza, do que em ostentação da vaidade. Teve natural genio para a poesia.

Falleceu em 20 de Julho de 1697, dous dias depois da morte de seu irmão o padre Vieira, com quem viveu na maior intimidade.

CAETANO LOPES DE MOURA (DOUTOR).

Nasceu na Bahia, tendo por pai um pobre carpinteiro.

Sem recursos e sem protecção, aprendeu a soletrar lendo os classicos portuguezes, e estudou o latim em dezoito mezes em uma aula publica.

Para juntar um peculio, com que podesse ir fartar sua sêde de sciencia em alguma academia da Europa, tornou-se mestre, ensinando latim. Um dia abrio seu cofre, e nelle encontrou 300$ — é pouco, quasi nada — não importa, o bahiano mais não espera, e traspassa o Atlantico. E lá ficou no velho mundo até contar 81 annos de idade, e até cerrar os olhos! Em sua velhice lutou com a miseria, e lá foi a mão caridosa e magnanima do Senhor D. Pedro II attenuar-lhe as privações, e os soffrimentos (*).

CASSIANO SPIRIDIÃO DE MELLO E MATTOS.

Nasceu na Bahia a 11 de Setembro de 1793, e formou-se em leis na universidade de Coimbra em 1819.

Nomeado juiz de fóra para Ouro-Preto, entrou em exercicio de seu emprego em 1820; e ao grito de li-

(*) Vid. *Dicc. bibl. port.*, de Innocencio, vol. II, 1859.

berdade que soou em toda a extensão do Brasil, um voto contrario a tão heroicas aspirações partio do seio do governo de Minas, contribuindo Cassiano para elle.

Cassiano commetteu um grande erro; era o piloto novel, que temia sossobrar no ardor da borrasca; mas recebeu o maior castigo de seu erro não sendo contemplado no numero dos benemeritos, que erão cobertos de acclamações do povo, e dignamente premiados pelo soberano.

O campo da politica, diz o escriptor que consultámos para esta biographia, é coberto de espinhos, e cavado de abysmos; se é verdade que os proprios, que vão entrando nelle, muitas vezes tropeção e vacillão, mais certo é ainda que nem um só dos mais prestantes varões, que se dedicárão aos cuidados da governação, deixou de reconhecer que alguma vez transviou-se involuntariamente. Os politicos, antes de todos, devem recommendar-se mais ou menos á indulgencia da posteridade.

Esteve desempregado dous annos, até que foi nomeado em 1824 desembargador para a relação de Pernambuco. Quando foi tomar conta do seu lugar, estava em pleno gozo de ephemero triumpho o presidente illegal Paes de Andrada.

Cassiano nega-se a reconhecer a legitimidade de um tal governo; o presidente intruso o manda, irritado, vir á sua presença, e quer ouvir a razão, por que o desembargador nomeado não toma posse do lugar que lhe compete. — *A minha carta de nomeação*, responde Cassiano, *é dirigida ao presidente Paes Barreto, que ainda não foi demittido pelo governo de Sua Magestade; a elle pois, e só a elle, a entregarei.* A casa de Cassiano foi cercada, elle preso, e mandado entregar a bordo de um navio de guerra.

Algum tempo depois teve assento na relação da Bahia, e foi membro do supremo tribunal de justiça.

Eleito deputado pela sua provincia desde 1830, foi testemunha das tremendas peripecias que se derão desde 1831; foi sempre um paladino firme da Constituição, e da corôa, calmo no fervor das tormentas, impavido diante do perigo. Em 1836 foi escolhido senador.

Morreu aos 64 annos de idade, em 5 de Julho de 1857, depois de uma longa enfermidade.

CHRISTOVAL COLON.

(*Christovão Colombo*). Natural de Genova, homem obscuro e pouco conhecido, que em 1491 seguia a côrte de Andaluzia na pretenção de descobrir um novo mundo. Seu idoso pai era cardador de lã, e vivia em estado proximo da indigencia.

Ainda muito moço deixou a universidade de Pavia, onde uma secreta inspiração da Providencia o guiou ao estudo da geographia, astrologia, e navegação; seus progressos em arithmetica, geometria, escripta e desenho forão rapidos, e desde quatorze annos servio como grumete de uma embarcação genoveza, que cruzava no Adriatico. Fez parte da expedição que João d'Anjou, Duque de Calabria, tentou em 1459 contra o reino de Napoles.

Tinha 26 annos, quando foi enviado a Tunis para capturar a galera *Fernandina*; chegado á ilha de S. Pedro, em Sardenha, soube que alli havia duas nãos, e uma caraca com a galera, o que intimidou de tal sorte as pessoas da tripolação, que pretendêrão mais adiante não ir, mas voltar a Marselha em busca de

reforço; e não tendo Colombo meio de os constranger, fingio condescender, fazendo força de véla, e dando outra direcção á bussola. Persuadião-se todos que navegavão para Marselha, quando, no dia immediato, estavão na altura de Carthagena (*).

De guerreiro passou a mercador; percorreu todas as ilhas da Grecia, a Jonia e a Asia menor.

Tomando de novo as armas, teve um combate desesperado ao longo da costa de Portugal, de que resultou o incendio das embarcações, o naufragio dos marinheiros, e a sua salvação em um remo, seguro ao qual chegou á praia, na distancia de mais de duas leguas, maltratado pelos rochedos.

Fixou residencia em Lisboa. Sua idéa fixa era ir ás Indias por mar. Revelou seus planos, pedio vasos para navegar, fallou de immensas riquezas; mas de chimericos e extravagantes forão taxados taes planos pela corporação de sabios, nomeada pelo Rei, de cujo juizo Colombo appellou para outro conselho.

Aventureiro e impostor forão os titulos, que se derão a Colombo; a cobardia e a perfidia se unirão, seus mappas e planos, dados em confiança, forão mandados executar por outro, que voltou, ridiculisando-o, açoitado de ondas e ventos.

Deixou Lisboa occultamente em 1484, e foi á côrte de Hespanha, porém em má occasião, que se tratava de guerra. Estrangeiro, de simples vestuario, sem recommendação alguma senão a de um frade, não lhe prestárão attenção.

(*) Sobre o risco em que esteve por *tres dias* a vida de Colombo, escreveu um bello poemeto Casimir Delavigne, e uma balada Luiza Brachmann.

A muito custo, e depois de algum tempo, fez-se um conselho de astronomos, e geographos, que Fernando reunio em Salamanca, e onde Colombo foi generosamente acolhido ; mas, no meio das conferencias, a guerra desenvolveu-se, o estrondo das armas abrio a campanha de Malaga, e a junta pronunciou-se contra o projecto. A Hespanha occupou-se em acontecimentos politicos durante 1487 e 1488. Portugal tentou uma reconciliação com Colombo, mas este recusou-se.

Colombo enviou á Inglaterra seu irmão Bartholomeu para sondar Henrique VII, e delle recebeu animadora resposta em 1489. Em 1491 a côrte de Hespanha fez reunir um grande e respeitavel auditorio composto das altas dignidades da igreja, e dos homens que o paiz possuia nas universidades, e no clero secular, e regular ; — ahi appareceu Colombo, e os seus planos forão julgados impossiveis, produzindo um susurro, que foi desfeito pelos frades dominicos de Salamanca, em cuja habitação já Colombo havia sido hospedado ; á frente deste movimento achava-se Diogo de la Doza, professor de theologia, e mestre do principe D. João. Apezar da decisão da junta, Fernando e Isabel, instigados pelos protectores de Colombo, respondêrão ao religioso Diogo — *que a proposta seria tomada em consideração apenas fosse firmada a paz.*

Quinze annos sonhou Colombo uma gloria gigantesca, entretanto que a maldade o qualificava de aventureiro, e os rapazes de louco.

Pretendeu deixar Hespanha, indignado com as humiliações, que o fazião soffrer, mas amava Beatriz Enriguez, de quem já tinha um segundo filho, e isto prendeu-o em Hespanha.

não ouvia as paixões que estrugião a seus pés, arrebatado pelas suas brilhantes illusões. Conjurações se armárão, os indios igualmente se conspirárão, de modo que Colombo entregou o governo da ilha a uma junta, presidida por seu irmão Diogo, e em 24 de Abril de 1494 partio com tres caravélas para reconhecer finalmente a extremidade da Asia.

O destroço de seus navios, quando estava proximo a dobrar o cabo de S. Antonio, e entrar no golfo Mexico, obrigou Colombo a voltar a Hispaniola, á vista da qual suas forças o abandonárão, e cahio em completa lethargia, achando-se nos braços de seu irmão Bartholomeu, quando tornou a si.

O chefe militar de accôrdo com um frade, que fazia parte do governo provisorio, depois de percorrerem a ilha, e praticarem os mais horriveis excessos, apoderárão-se violentamente das caravélas, que estavão no porto, e voltarão á Hespanha com os descontentes, e culpados, contando calumnias, que não produzirão fructo, por haver chegado repentinamente Diogo, que trazia a nova da ultima viagem de seu irmão. Colombo restabeleceu-se, e marchou contra o inimigo, derrotando com 200 hespanhóes um exercito de 100,000 homens, graças aos elementos que tinha em seu favor.

Ainda veio á Castella, deixando a direcção da ilha a seu irmão Bartholomeu ; a viagem foi longa e penosa, porque uma curiosidade o determinou a fazer rumo para léste. Chegou a 11 de Junho de 1496 ; não era já o Colombo que a admiração publica embalava como um idolo ; todo o enthusiasmo se havia esfriado—tinhão divinizado seu genio, exageravão seus erros.

Voltou ainda a Hispaniola, alistando malfeitores para

completar a tripolação de seis navios, que lhe forão destinados, e que estavão promptos. Sahio para seu destino em 30 de Maio de 1498, indo a oéste até ás bocas do Orinoco, descobrindo o littoral do Pará, etc.

Mandado Bobadella para tomar conhecimento do estado da Colonia, accusado e intrigado Colombo na côrte como cruel e delapidador por aquelles, cuja rapacidade não fôra satisfeita, foi preso, carregado de ferros, e lançado em uma masmorra. Transportado á côrte, depois de privado das honras e riquezas que tão difficultosamente havia adquirido (pois que até um mercador florentino, Americo Vespuccio, piloto de Alonzo de Ojeda ligava seu nome á descoberta das Indias occidentaes, roubando o maior titulo da gloria de Colombo aos olhos da posteridade), a côrte arrastada pela opinião publica, embalou Colombo durante dous annos com promessas, e com a desapprovação dos actos de Bobadella.

Colombo ainda fez uma quarta viagem, com quatro caravélas, partindo de Cadix em 11 de Maio 1502. Esta viagem foi um tecido de crueis revezes. Vio-se obrigado a costear a Jamaica, por não poderem mais os seus navios navegar. Ainda tocou em Hispaniola, onde se vio nas aperturas da fome, sendo necessario usar de estrategias para obter viveres para sua gente. Ainda teve novos combates com os indios, que venceu.

Voltou á Hespanha, que ainda o tornou a ver, pobre, extenuado pelos soffrimentos, tendo sómente por ventura as cartas de seu filho Diogo. Fernando, não tendo cousa alguma mais a desfructar deste velho, acabado em seu serviço, não attendeu ás suas reclamações, até que falleceu em Valladolid a 20 de Maio de 1506, com 68 annos de idade.

Eis aqui curiosos trechos de algumas cartas suas:

« Tal é todavia a minha felicidade que vinte annos de serviço no meio de fadigas e trabalhos tão perigosos, não me têm aproveitado cousa alguma, a ponto de não possuir em Castella uma telha; e se quero comer e descançar não o posso fazer senão na estalagem ou na taverna; e as mais das vezes este recurso me falta, por isso que não tenho com que pagar o meu *escote.* »

« .... Tinha eu a idade de 28 annos quando entrei no serviço de VV. AA., e agora não tenho um só cabello em minha cabeça que não seja branco. Estou enfermo, tenho gasto o que me restava, e se me tem tomado ou vendido, assim como a meus irmãos, tudo, até a minha casaca. Sou tão desgraçado, como o digo, quanto ao temporal não tenho uma moeda para offertar. Isolado em minha afflicção, enfermo, esperando cada dia a morte, cercado de um milhão de selvagens, cheios de crueldades e nossos inimigos, aquelle que possue a caridade, que ama a verdade e justiça, chore sobre mim! » (*)

O arcebispo de Bordeaux, o cardeal Donnet, dirigio em 1868 ao Papa Pio IX a seguinte carta, pedindo que se instaure o processo para a canonisação do descobridor do Novo Mundo, o celebre genovez Christovão Colombo:

« Santissimo Padre.—Compatriota e contemporaneo do veneravel cura de Ars, tive a fortuna de defender a sua causa perante a sagrada congregação dos ritos.

« Tambem tive a honra de assistir ao acto da recente beatificação de Germana Cousin, que durante a sua vida

---

(*) Vid. Hist. dos princ. succ. polit. do Bras., de José da Silva Lisboa, cap. 4°. 1825.

edificou singularmente os habitantes de um paiz limitrophe do meu arcebispado, e uni-me de coração aos que dispensárão as honras proprias da Igreja áquelle pobre tão generoso, o mendigo Bento Labre, cuja santa memoria se conserva no Artois.

« Seja-me permittido hoje chamar a attenção de Vossa Santidade para um homem celebre e providencial, que dedicou toda a sua vida ao descobrimento de um novo mundo, para alli estabelecer o imperio de Jesus Christo.

I. « A vida de Christovão Colombo, escripta pelo Conde Rosselly de Lorgues, sob os auspicios de Vossa Santidade, veio descobrir pela primeira vez o coração evangelico, o zelo infatigavel daquelle inspirado engenho, que teve na terra a nobre missão de um verdadeiro nuncio de salvação.

« Antes do Conde de Rosselly, ninguem tinha ainda tratado, sob o aspecto catholico, nem do descobrimento do Novo Mundo, nem das evangelicas virtudes do seu maravilhoso iniciador. Por uma estranha singularidade, só escriptores anti-catholicos se havião occupado com a biographia do virtuoso navegante ; e as suas versões eivadas de parcialidade, vendo na sua belleza moral, pura expressão do seu acrisolado catholicismo, um obstaculo invencivel, e de que ao mesmo tempo não podião deixar de fallar, apresentárão suas virtudes como um mixto de devoção, astucia, orgulho e fraqueza.

« A escola racionalista, não satisteita com o negar-lhe a pureza das suas virtudes, pintando-o de certo modo como um homem ambicioso e dissimulado, teve a ousadia de attribuir-lhe defeitos e vicios, que nem sequer chegárão ao conhecimento dos seus contemporaneos.

Tão atroz calumnia, divulgada pela imprensa e aceita sem exame pela maior parte das sociedades e corporações scientificas, prevaleceu na opinião. Deste modo a Igreja ficou completamente esbulhada da sua iniciátiva, e de toda a parte que lhe coube em uma empreza que foi, todavia, obra exclusivamente sua.

« Porém, afim de que a verdade sobrepujasse á mentira, quiz Vossa Santidade conhecer o verdadeiro caracter daquelle grande acontecimento, um dos mais memoraveis da historia. Na conformidade das vossas indicações, a rehabilitação do grande navegante devia ser escripta por uma penna imparcial, que apresentasse os factos com a inflexibilidade e justiça da historia.

« Foi para a minha patria uma grande honra, Santissimo Padre, que vos dignasseis confiar tão importante trabalho a um escriptor francez.

« A obra escripta por ordem de Vossa Santidade prestou um grande serviço, tanto á sociedade como ao catholicismo.

« A sciencia e a erudição lhe são devedoras da reparação de alguns esquecimentos involuntarios, e de muitas omissões premeditadas; da rectificação de datas, e circumstancias até agora mal conhecidas ou mal comprehendidas; da solução de muitas questões que se andavão debatendo sem resultado, e finalmente uma verdadeira restauração da historia daquella época.

« Sob o aspecto religioso, aquelle trabalho foi para a Igreja uma restituição importante, fazendo evidente a superioridade das suas vistas, a providencia tutelar e a fecundidade do seu espirito vivificador; e demons-

trando de um modo incontestavel que o descobrimento do Novo Mundo foi um triumpho da inspiração catholica.

« A Igreja na sua mais genuina representação, e em todos os gráos de sua jerarchia, tomou debaixo da sua protecção a pessoa e a idéa de Christovão Colombo.

« Deu-lhe hospitalidade, auxilio e protecção publica; prestou-lhe a sua poderosa intervenção e soccorros materiaes, emquanto os sabios mais eminentes do mundo então conhecido, emquanto a côrte e a junta dos cosmographos desprezavão o que a sua pouca fé chamava « sonhos do louco. »

« Os primeiros e maiores protectores do illustre genovez pertencião todos á Igreja; erão religiosos de S. Francisco, de S. Domingos. Um bispo, um arcebispo, um cardeal, o nuncio de Sua Santidade e o proprio Pontifice, todos lhe derão amparo e protecção.

« Tres papas fomentárão e abençoárão successivamente os seus immortaes trabalhos.

« Já não ha a menor duvida ácerca da efficaz cooperação que a Igreja prestou ao descobrimento do continente, d'onde tem derivado para a sciencia vantagens incalculaveis. Sua acção directa e benefica naquelle transcendental acontecimento, apresenta uma epopéa magnifica e um motivo de profunda edificação. Nada mais dramatico, nada causa mais commoção do que seguir os passos daquelle homem predestinado.

« Nenhum caracter historico apresenta, nem uma vocação mais determinada, nem um intuito mais apostolico.

« O descobrimento do Novo Mundo não era o

unico objecto dos esforços de Christovão Colombo, nem tão pouco era esse o ponto culminante das suas ambições. Para elle, aquelle descobrimento só representava um fim — espalhar por terras desconhecidas o nome do nosso Divino Redemptor, e fazer que as mais remotas nações podessem vir um dia adorar o sagrado tumulo do Salvador; esperando por este modo franquear o caminho, e por meio das riquezas dos paizes recem-descobertos remir o Santo Sepulchro.

« Santissimo Padre, o homem destinado por Deos para pôr o antigo mundo em relação com o novo, era na verdade digno da sua missão providencial. Por isso a Providencia o cobrio sempre com seu manto protector. A existencia de Colombo tem um cunho especial. Nella se vêem manifestos e caracterisados o sobrenatural e maravilhoso auxilio da virtude divina, que Deos dá aos fortes, e a perseverança que infunde no animo dos predestinados.

« Colombo foi paciente, casto, austero e misericordioso ; ninguem soube, como elle, praticar a humildade, a obediencia, a resignação e o perdão das offensas. Ninguem foi mais generoso do que elle com os pobres e os prisioneiros ; Colombo assistia aos enfermos e curava-os pelas suas proprias mãos. A ultima carta que escreveu foi um acto de caridade ; nella o descobridor do Novo Mundo implora o perdão para dous réos condemnados á morte. Tudo quanto soffreu da parte dos homens, póde attribuir-se ao seu amor pelo Redemptor, e á pratica fiel dos seus mandamentos. Por ser amigo dos pobres, dos pequenos, dos fracos, vio-se o immortal navegante perseguido, odiado e calumniado.

« O orgulho dos nobres não lhe perdoou nunca a protecção que sempre dispensou aos indios, fazendo delles christãos, que havião de achar na Igreja um apoio contra a tyrannia dos seus oppressores. Os seus mais encarniçados e acerrimos inimigos forão alguns dos seus subordinados, que a sua vigilancia não deixava entregarem-se ao roubo, á pilhagem e mais extremos, a que os seus perversos designios os levavão. Mas o grande homem perdoou-lhes sempre; só teve palavras de paz e misericordia para os marinheiros rebeldes, que quizerão attentar contra sua vida.

« Assim que chegou ao cumulo dos seus desejos, o descobrimento do Novo Mundo, Colombo esqueceu tudo, e foi para os ex-rebeldes um pai carinhoso; constituio-se seu advogado, implorando para elles a compaixão e indulgencia da côrte. Todos os actos da sua vida são admiraveis, e apresentão um exemplo de piedade. As virtudes daquelle servo de Deos são tão sublimes, chegão á região tão elevada, que hesitamos em empregar a palavra virtude, tão prodigalisada hoje, para caracterisar os actos do insigne genovez que forão para os seus contemporaneos um objecto de edificação. Necessita-se de outro termo para qualificar dignamente a sua superioridade moral e religiosa.

« Ha já dez annos, Santissimo Padre, que a historia de Colombo corre pelo mundo traduzida em varios idiomas. A opinião tem tido tempo sufficiente para firmar-se e reproduzir-se. Esta opinião temo-la visto expressada unanimemente pelos catholicos de todas as nações. Personagens de todas as asses, seculares, ecclesiasticos, doutores, religiosos, chefes de communidades monasticas, bispos, arcebispos, e até membros

do sacro collegio, não puderão deixar de reconhecer o caracter de santidade naquelle perfeito discipulo do Evangelho.

« Como arcebispo que sou, de uma Igreja ligada por tão apertados laços com a do Novo Mundo, e que conta na sua esphera metropolitana o bispado das Antilhas francezas ; estando a séde episcopal, que occupo, tão proxima da Hespanha, com cuja Igreja tem importantes e numerosas relações; além disso sendo eu o primeiro membro do episcopado que tive a honra de fazer uma apreciação solemne da vida de Christovão Colombo, considero como um imperioso dever depositar aos pés de Vossa Santidade a expressão do voto de grande numero de fiéis de todas as condições, e pertencendo a todas as classes da sociedade.

II. « Não dissimulo as difficuldades que hei de encontrar ao tratar de obter de Vossa Santidade a autorisação para apresentar á congregação dos ritos a causa de Christovão Colombo.

« Uma memoria especial responderá ás objecções que possão apparecer, e que eu mesmo me antecipo em apresentar aqui.

« Em razão do tempo decorrido desde a morte de Colombo, ha falta absoluta de testemunhas oculares e de milagres comprovados.

« Falta de um principio de culto, e por conseguinte, de fama de santidade.

« Impossibilidade de produzir o testemunho do bispo da diocese do apresentado, requisito este que as regras fixadas pelo Papa Benedicto XIV exigem como indispensavel.

« Supplico a Vossa Santidade que, emquanto espera pela mencionada memoria, especialmente destinada a combater aquellas e outras objecções, se digne lançar uma vista de olhos sobre as seguintes considerações ácerca de uma causa, que, póde dizer-se, unica e sem precedentes na Igreja.

« A causa de Christovão Colombo é verdadeiramente excepcional.

« Tudo, o homem, a obra, o cunho que lhe imprimio a Providencia, o triumpho que obteve, a ingratidão dos homens para com elle, a usurpação da sua legitima gloria, que se verificou depois da sua morte, essa mesma morte, e até a sua sepultura, tudo foi excepcional na vida de Colombo.

« Por pouco que qualquer aprofunde o assumpto, logo se convence de que o descobrimento do Novo Mundo não podia de modo nenhum ser obra de um geographo qualquer, era preciso que fosse alguem chamado lá de cima para levar a cabo uma empreza de tanta magnitude.

« Todavia, a idéa de Colombo foi inteiramente sua; foi filha da sua propria resolução, que só pela Providencia lhe podia ser inspirada ; e a não ser elle, ninguem, absolutamente ninguem, poderia tê-la posto em execução.

« A historia de Christovão Colombo é a de um homem excepcional, que de modo nenhum póde julgar-se pelas regras do criterio commum.

« Seguindo o exemplo da Providencia, o Papa dispensou-lhe favores excepcionaes.

« Nunca nenhum secular recebeu de Roma tantas demonstrações de confiança e carinho. Colombo era

casado, pai de familia, grande almirante, vice-rei, e, não obstante isso, a côrte de Roma autorisou-o a considerar-se como legado natural da Santa Sé nas novas terras onde proclamou a luz do Evangelho.

« Antes de apresentar a ninguem o seu projecto de descobrimento, Christovão Colombo havia pedido e obtido venia da Santa Sé.

« Innocencio VIII foi um dos que mais o protegêrão; o interesse e amizade que consagrava ao celebre navegante, póde vêr-se ainda nas inscripções que ornão o seu tumulo na basilica de S. Pedro em Roma.

« Um dos seus successores, não contente com dispensar-lhe o titulo de « querido filho » (*dilectum filium*), declarou-o « completamente digno » (*utique dignum*) da alta missão que a Providencia o tinha chamado a desempenhar.

« Por uma simples reclamação de Colombo, o Papa publicou a famosa bulla da concessão á Hespanha; e, em resultado de uma indicação sua, o mesmo Pontifice traçou a celebre linha divisoria de um a outro pólo, que não deixava a possibilidade de litigio algum.

« Veja-se, pois, Santissimo Padre, a predilecção excepcional que a Santa Sé teve pela obra do descobrimento e pelo seu inspirado autor. » (*)

(*) Por vario modo tratárão Mad. Dubocage, Barlow, W. Irving, e outros escriptores de eternisar a memoria e os infortunios de Colombo. Na lingua de Camões pagou divida igual um filho da America, o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, que em um

CLARA FELIPPA CAMARÃO.

India, ligada em consorcio a D. Antonio Felippe Camarão (*), a quem seguio em todas as campanhas, tomando parte em todas as victorias, empunhando as armas, e incitando com seu exemplo as senhoras do Porto Calvo, que se desalentavão em gritos de terror, marchando á frente dellas contra os invasores, quando João Mauricio de Nassau tentava a conquista do mesmo Porto Calvo, onde o Conde de Bagnolo acabou de fortificar-se (1634).

O nosso amigo Rangel de Sampaio, que com gosto cultiva a linguagem das musas, offereceu-nos a seguinte poesia a respeito de D. Clara:

Quem é que ora vejo? Tem face morena,
Tem face morena
De longe carmi?
Tem longos cabellos, tão negros, lustrosos,
Como é a plumagem do ameno japi.

---

poema, em que tomou acertadamente o nome do heróe, celebrou o descobrimento de seu continente meridional, que illustravão os monumentos de uma civilisação mysteriosa, desenho vasto desenvolvido em não menos de quarenta cantos, repartidos por dous tomos magnificamente editados em Vienna d'Austria.

(*) Commendador, filho do Rio Grande do Norte, segundo descobrio o Sr. commendador Varnhagen, passando pela Bahia, (e o communicou ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro em sessão de 24 de Outubro de 1867), em um dos livros de registros das *provisões reaes* existentes no cartorio da fazenda. Carta Régia de 14 de Maio de 1633 dirigida a Mathias de Albuquerque.

E sobre essa coma, na fronte regina
Na fronte regina
Se vê ondular
De pennas formosas e longas da arara
Presas pela *icica* lindo *kanitar.*

Que os olhos mais negra não é a *guariba,*
Não é a *guariba,*
De certo não é;
Seus labios espessos de talhe faceiro
São rubros, mais rubros que o rubro *tié.*

No collo robusto bem feito se ostenta,
Bem feito se ostenta
Não *ayucará,*
Mas quadruplas voltas de contas mui lindas
Da côr do *ajerú, coaracy* e *guará.*

Nos pulsos traz contas, na cinta elegante,
Na cinta elegante
Traz plumeo fraldão;
Traz pennas brilhantes na curva da perna,
Pendente umas settas, um arco na mão.

Quem és, linda joven das selvas brazilias,
Das selvas brazilias
Filhà de Tupá?
Preferes *inubias* ao *memby* festivo?
Ás lides da *oca,* forte *urupará*?

A *taba* trocaste por campo de guerra,
Por campo de guerra,
Sangrento cruel?
Adoras a gloria, os louros, a fama?
Não vês que os precedem sabores de fél?

Que fazes á frente de nymphas tão bellas,
De nymphas tão bellas,
Quaes só as brazis?
Procuras co'as armas vingar as offensas
Causadas por settas de amores subtis?

ELLA.

Ao Batavo intruso, expulso da patria;
Expulso da patria
Mauricio Nassau.
Já bastão de povos ferozes da Europa,
Pois qual desses povos é máo, muito máo!

Os Luzos nos chegão — não cremos na Hollanda
Não cremos na Hollanda,
Que Lizia é peor;
Se Lizia por troca de amor deu-nos ferros,
Os brancos da Hollanda não farão melhor!

Poty meu esposo, excelso, valente,
Excelso, valente,
Seus bravos chamou,
Esposa de um bravo, serei heroina,
Mover o *tacape* Poty me ensinou.

A' testa das jovens das tribus guerreiras,
Das tribus guerreiras,
De sangue tupy;
Eu hei dee screver p'ra sempre na historia
O nome preclaro de Clara Poty!

Não miro interesse — nasci nestas selvas,
Nasci nestas selvas,
Eu Brazilia sou;
Conto em minha raça os bravos mais bravos,
Quaes Jaguararys, e com elles eu vou.

um mosquete e polvora do barco naufragado, Diogo lançou mão de um e outro, e nunca mais os deixou.

Um dia, que vagueava com os selvagens, vendo um bando de passaros, apontou e disparou o mosquete com feliz resultado; pois os indios, cheios de assombro, e admiração, prostrárão-se bradando « *Caramurú, Caramurú.* » (*)

Desde esse dia tornou-se de prisioneiro em chefe, unio-se á bella india Paraguaçú, e teve immensos descendentes.

Actualmente os bahianos julgão-se venturosos, se podem contar entre seus ascendentes Caramurú e Paraguaçú.

O poeta mineiro Santa Rita Durão decantou-o em um bellissimo poema em oitava rima.

Alguns historiographos têm posto em duvida a existencia de Caramurú; Coruja, em seu Compendio de *Historia do Brasil*, pag. 31, diz « constar que em um antigo caderno de obitos da sé da Bahia se encontra o fallecimento de Caramurú, com o nome de Diogo Alvares Corrêa, a 5 de Outubro de 1557. »

(*) *Homem de fogo* é a significação de — *Caramurú.*

Caramurú é um peixe da familia dos *anguilli-formes*, especie de moreia grande, de dez e mais palmos de comprido, cuja mordedura é perigosa, a ponto de fazer apodrecer e gangrenar as mãos e pernas dos que são mordidos della. Tem muitas espinhas; é gordo e saboroso peixe, assado sabe a leitão, anda junto das pedras, e dizem que têm ajuntamento com as cobras, porque muitas vezes têm sido encontradas no ventre, outras enroscadas com o *caramurú*, que as espera na praia.

Caramurú — nome do partido que procurava a contra-revolução de 7 de Abril de 1831.

Caramurú — nome de um partido, que na capital do Espirito-Santo festeja S. Benedicto, erecto no convento franciscano, em opposição aos devotos do mesmo santo, erecto na capella do Rosario. É verde a côr, de que usão os devotos *Caramurús.*

ESTACIO DE SÁ.

Sobrinho de Mem de Sá. Depois de entrar em luta com os Francezes, que estavão na posse do Rio de Janeiro, empenho em que alcançou mais de uma victoria, foi ferido no rosto com uma setta em 1567, passando á melhor vida um mez depois desse acontecimento.

Lê-se no periodico *Actualidade* (1862):

« No domingo ultimo fez-se a exhumação dos ossos de Estacio de Sá, depositados em uma sepultura da igreja do Castello. Apezar do que se diz na noticia official que abaixo publicamos, escripta por um membro do Instituto, asseguranão-nos que a exhumação não foi feita como devia ser. Era obra para medicos que estivessem sós, e que com toda paciencia podessem combinar entre si, e chegar a um resultado que satisfizesse.

« Entretanto eis a noticia official da exhumação:

« O governador Mem de Sá conquistou o Rio de Janeiro aos Francezes, que havião sabido angariar as sympathias dos Tamoyos, uma das mais valentes e esforçadas tribus brasileiras, que occupavão o littoral que se estende desde Cabo-Frio até Angra dos Reis.

« Estacio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, veio em 1565 com plenos poderes para fundar uma nova cidade n'uma das margens da bahia do Rio de Janeiro, e achou-se de guerra aberta com os terriveis adversarios dos Portuguezes, ou audazes Tamoyos. Era preciso afugenta-los, porque os antigos possuidores do paiz não cessavão de inquietar os seus conquistadores.

« Estacio de Sá, capitão e governador do Rio de Janeiro, vio-se por dous annos consecutivos accommet-

tido na sua nascente cidade, fundada sobre as encostas das montanhas que torneão o Pão de Assucar; requisitou, pois, soccorro da Bahia, e seu tio veio em pessoa ajuda-lo nas guerras contra os Tamoyos.

« Uruçumirim, talvez praia do Flamengo, e Paranacupu, depois ilha do Governador, erão as aldêas poderosas dos bravos Tamoyos. Estacio de Sá, audaz e animoso, marchou á frente de seus soldados, derrotou e expellio os Tamoyos para longe, mas a victoria de duas batalhas custou a vida ao governador. Uma setta varou-lhe o rosto, e Estacio de Sá succumbio em Fevereiro de 1567, depois de trinta dias de dolorosos tormentos.

« O primeiro governador foi sepultado na capella de toscos ramos e seccas palmas da sua aldêa. Dezeseis annos depois, seu primo Salvador Corrêa de Sá, segundo capitão e governador do Rio Janeiro, trasladava os seus restos mortaes para a nova capella dedicada a São Sebastião, e que havia feito erigir no morro do Castello.

« Sobre uma lapide de granito mal lavrado lê-se o seguinte epitaphio:

AQVI IAZ ESTACIO D
SAA PRO CAPITÃO E CÕ
QVISTADOR DTTA TERRA E
CIDÃDE E A CAMPA MA
DOV FAZER SALVADOR
CORÊA DE SAA SEV P
RIMO SEGD.° CAPITÃO
E GD.° CÕ SVAS ARMAS
E ESTA CAPELLA ACA
BOV O ANO de 1582.

« A igreja de São Sebastião, occupada pelos missionarios capuchinhos, entrou em concertos. Frei Caetano de Messina não quiz tocar no tumulo de Estacio de Sá sem que se lavrasse o competente termo. O Instituto Historico foi para isso designado por S. M. o Imperador.

« Sua Magestade Imperial chegou á antiga sé do Rio de Janeiro pelo meio dia, com os seus semanarios os Srs. Meira e Netto dos Reis. Já lá o esperavão os membros do Instituto, os Srs. Visconde de Sapucahy, Dr. Macedo, J. Norberto, Drs. Souza Ramos, e Carlos Honorio, Coruja, conselheiro Mello, e Dr. Lagos, e muitas pessoas gradas. O recinto da igreja achou-se para logo invadido por uma multidão de avidos curiosos de todas as classes e de ambos os sexos.

« S. M. o Imperador ordenou que se fizesse a exhumação. Removida a lapide com facilidade, conheceu-se que não havia deposito algum; era uma campa rasa sobre o solo artificial da igreja.

« Nas primeiras camadas de argilla apparecêrão alguns ossos esparsos de criança; depois os ossos de um adulto, todos de data não mui remota, e finalmente, onde se concluia o aterro, e começava o solo da montanha, os ossos já delidos do grande capitão.

« O Sr. Dr. Souza Fontes dirigio as excavações com todo o cuidado, coadjuvado pelos Srs. Drs. Macedo e Pinheiro Guimarães; mas os ossos estavão em tal estado, que o craneo desfez-se nas mãos do Sr. Dr. Souza Fontes, quando elle dizia que Estacio de Sá devia ter tido uma bella cabeça.

« A exhumação durou até ás cinco horas da tarde. S. M. o Imperador mostrou grande interesse em que se não perdesse uma só dessas reliquias que contão 295

annos! Seis horas seguidas esteve o Imperador em pé, dirigindo as excavações archeologicas por meio de suas sabias indicações e conselhos.

« Sua Magestade recommendou a Fr. Caetano de Messina que tivesse todo o cuidado nesses restos venerandos; ao Sr. Dr. Souza Fontes que apresentasse um trabalho scientifico sobre o seu exame; ao Sr. Norberto que tomasse todas as notas e fizesse indagações historicas sobre a campa; e ao Sr. Visconde de Sapucahy que se lavrasse o termo respectivo por parte do Instituto Historico.

« Seguio-se um *memento* rezado ante os ossos pelos padres capuchinhos, ao qual assistio S. M. o Imperador, que retirou-se depois, descendo a montanha do Castello acompanhado de todas as pessoas, que presenciárão esse acto de homenagem pága ao fundador da capital do Imperio.

« Hoje o Rio de Janeiro conta por seu brazão de armas as tres settas de S Sebastião, symbolo tambem do martyrio de Estacio de Sá.

« Os seus restos, tocados pela mão imperial, têm de ser depositados em nova campa, e cobertos com a mesma lapide, que tem pelo menos a seu favor o merito historico. »

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 8 de Outubro de 1799, concluio seus estudos de preparatorios na idade de 19 annos. Seu pai, que era professor de primeiras letras, deixou o magisterio para ser mercador de livros, e chamou para o balcão seu filho Evaristo.

Ahi desenvolveu este intelligencia, vivendo entre os livros, com os quaes conversava durante longas horas da noite.

A fortuna adquirida no negocio distribuia-a pelos desvalidos, a quem sua caridade hia encontrar até em paizes estrangeiros; e não querendo ser tambem avaro das riquezas intellectuaes, começou a dirigir exclusivamente desde 1828 a *Aurora Fluminense*, que se tornou a tribuna, em que se advogavão os interesses publicos, o pulpito de que baixavão lições para o povo. Durou oito annos este periodico, orgão das necessidades do povo, defensor de seus direitos, campeão destemido das liberdades publicas, guia consciencioso da opinião.

Negociante honrado, homem affavel, e esposo modelo, foi tres vezes escolhido representante da provincia de Minas na camara dos deputados, e em 1836 reunio dous diplomas — o de Minas e do Rio de Janeiro.

Sua conducta politica pertence já á historia. Sua doutrina era — liberdade moderada para o povo, prestigio e força para a monarchia, respeito ás leis, fiel observancia da Constituição.

Combatendo face a face a idéa de restauração do ex-Imperador, cuja realização considerava uma fonte de males, na noite de 8 de Novembro de 1832, achando-se em sua loja discorrendo em companhia de varias pessoas, ouvio o estrondo de uma pistola, e vio tres de seus amigos cahirem por terra banhados em sangue. Evaristo levemente ferido corre á porta da loja, explica ao povo a scena que se acaba de dar, e termina — *Não nos farão calar com estes argumentos.*

Em 30 de Dezembro de 1835 cessou a publicação da *Aurora,* e desde então conservou-se afastado dos negocios publicos.

Falleceu em 12 de Maio de 1837, depois de sete dias de soffrimento, dando á sua esposa, e ás suas tenras filhas este ultimo conselho — *Vivei no santo temor de Deos e nelle confiai, e em meu irmão.*

Muitas poesias se publicárão por occasião do passamento de Evaristo; — algumas dellas forão recolhidas no *Semanario*, periodico que dirigimos em 1857, e no *Jardim Poetico*, collecção de poesias de naturaes do Espirito-Santo, que em duas séries publicámos em 1858 e 1860. O distincto poeta brasileiro, o Sr. Gonçalves Magalhães, compoz uma bella ode, que anda em seus *Suspiros e Saudades*, da qual é a seguinte estrophe:

« Onde está elle ? Esse homem fabricado
« De sangue novo, pelo molde antigo,
« De grega e de romana contextura,
« De tempera sublime,
« Que vale mais que os seculos que o produzem ?

FRANCISCO AGOSTINHO GOMES.

Nasceu na cidade da Bahia a 4 de Julho de 1769, de pais opulentos, que o destinavão á vida ecclesiastica, para que não tinha vocação. O seu patrimonio, entregue á gestão de imperitos e espertos, ficou desfalcado e reduzido a pouco , além de ser Gomes levado a rixosos litigios, e acerbos desgostos.

Calumnias contra Gomes e prevenções politicas da Metropole, o determinárão a ir a Portugal em 1797 ou 1798, voltando á Bahia, depois de desfeitas taes prevenções, já recommendado pelo ministerio, a que fôra suspeito, como cidadão prestante.

Foi deputado á assembléa constituinte em 1821—nunca pertenceu á seita dos idealistas, que presumem poder sulcar-se o oceano da metaphysica politica, perdida a terra de vista, sem outra bussola nem outro compasso mais do que a simples razão humana! Prezava a liberdade pautada pela lei, e assentada sobre as regras imprescriptiveis do justo e do honesto.

Não era homem proprio para realçar nas discussões parlamentares; nem o seu genio, nem a sua excessiva timidez, nem a sua mesma compleição o habilitavão para fallar desembaraçadamente em publico, dado em verdade que não lhe faltavão as condições adequadas para poder entrar na analyse e na polemica de quaesquer assumptos; foi deputado de consciencia, e trabalhando accuradamente nas differentes commissões, para que fôra nomeado, teve ahi occasião de remir, por assim dizer, o seu silencio na tribuna, ganhando desta arte o respeito, admiração e benevolencia das maiores illustrações da assembléa.

Regressou ao Brasil, depois de assignar com seus comprovincianos o protesto dirigido ao congresso portuguez para se considerarem como nullos os seus poderes, e por conseguinte incompetentes para haverem de aceitar e assignar em nome de seus preponentes a nova constituição, já então decretada para a monarchia portugueza.

Foi deputado á primeira legislatura ordinaria, e não tomou assento, affligido com gravissimos achaques, e amargurado de pungentes dissabores.

Enriqueceu o jardim real de Lisboa com muitas plantas indigenas do Brasil, publicou uma memoria apologetica por occasião de ser rejeitado em 1836 na camara electiva

o tratado de commercio entre o Brasil e Portugal, e muitos artigos de valia em alguns jornaes da Bahia e de Pernambuco, sendo fama que redigira uma folha politica em Pernambuco em quanto alli se demorou no ultimo regresso de Portugal.

E como decifrar esta especie de anomalia? Tantas luzes por uma parte, e por outra tanta avareza em as diffundir? Seja licito explica-la, e resolvê-la com estas palavras: — *Que a capacidade litteraria e scientifica, por mais possante que seja, nem sempre póde triumphar dos nossos habitos, nem vencer aquella desconfiança e temor de si mesmo*, que o padre Antonio Vieira appellidára de virtude. O que á primeira vista parece um como contrasenso, revela ao contrario uma grande qualidade, companheira inseparavel do verdadeiro saber, a da modestia, e esta Gomes possuia em gráo superior.

De coração beneficente, mandou á sua custa estudar na Europa alguns mancebos menos favorecidos de fortuna, adiantou gratuitamente quantiosas sommas para a introducção e propagação da cultura da pimenta da India; emprehendeu a creação de uma companhia de fundição de ferro e cobre descoberto nas serranias de varios districtos da Bahia; fez vir de Portugal e Inglaterra differentes machinas e instrumentos apropriados para o melhoramento dos processos agricolas do paiz, e concorreu para a fundação da bibliotheca publica da Bahia, abrindo finalmente a bolsa para actos de caridade publica e particular.

Morreu pobre e desacompanhado, até quasi ignorado na mesma terra, que o víra nascer rico e applaudido. Quasi ignorado em verdade, porque mal do homem de

letras! esquecido vive, e esquecido acaba. Falleceu em 19 de Fevereiro de 1842 (*).

FRANCISCO DE CASTRO MORAES.

Governador do Rio de Janeiro em 1710, sem animo e sem disposição para combater os Francezes, que nessa época buscavão conquistar o territorio brasileiro.

O general da primeira tentativa, durante a administração deste governador, João Francisco Du Clerc, entregou-se á prisão, com os seus, para salvar a vida, sendo assassinado em 18 de Março de 1711 em uma casa em que se achava, não sabendo os soldados que o guardavão quem fôra o autor desse facto, que não foi averiguado.

Na segunda tentativa, sob o mando do general Renato du Guai Trouin, compondo-se a armada de sete náós, oito fragatas, e duas travessias com 5,396 praças, mais felizes forão, tomando a fortaleza da ilha das Cobras, d'onde pretendião bombardear a cidade, se o governador não capitulasse por uma grande porção de ouro, que veio a ficar em seiscentos mil cruzados, cem caixas de assucar, e duzentos bois, para o que concorreu a Fazenda Real, os moradores da cidade e reconcavo, e algumas ordens religiosas.

Esta capitulação teve lugar, quando já os Francezes estavão occupando a cidade, que saqueárão, e em que achárão um despojo mais rico do que suppunhão, porque importou muitos milhões. Sahírão em 26 de Outubro de 1711.

(*) A *Min. Bras.* de Maio de 1844 n. 14 do vol. 2º traz uma biographia deste Brasileiro escripta pelo engenheiro Francisco Primo de Souza Aguiar. A noticia que consultámos é do Sr. Bivar.

FRANCISCO DE MELLO FRANCO (Doutor).

Nasceu em Paracatú, na provincia de Minas-Geraes, a 17 de Setembro de 1757. Tomou o gráo de bacharel em medicina pela universidade de Coimbra.

Por quatro annos esteve preso nas masmorras da inquisição, carregado de ferros, por haver sido accusado como irreligioso; e nesse tempo compoz algumas elegias, intituladas — *Noites sem somno.*

Foi tambem encarcerada uma senhora para servir de testemunha da irreligiosidade, de que Mello Franco era accusado, e supportou todos os tormentos com uma coragem pouco commum ; em recompensa deste procedimento, Mello Franco a tomou por esposa, depois de solto.

Compoz em quinze dias, antes de terminar os estudos escolares, o poema *Reino da estupidez*, obra em que pretendeu fazer patente a todo o mundo o que a universidade era em seu conceito, apezar de julgar prudente supportar com indifferença tudo que visse e ouvisse. Este poema, disperso por toda parte em uma occasião de festa, se por um lado produzio odios, e desejos de vingança, e até a prisão e degredo de muitos innocentes por denuncias vagas, por outro lado produzio beneficos resultados, mandando D. Maria I substituir o reitor da universidade, e fazer nesta muitas outras reformas.

Desejoso de voltar para sua patria, vio-se embaraçado em falta de meios para transportar-se com sua familia, por lh'os haver recusado o correspondente em Lisboa ; e vendo-se obrigado a persistir nesta cidade no uso de sua profissão, teve occasião de curar com felicidade a

Condessa de Obidos de uma dispepsia obstinadissima, que os medicos mais notaveis havião declarado desesperada. Esta occurrencia tornou-se tão publica, que muito contribuio para gloria deste habil pratico.

Publicou tambem em 1789 um tratado da educação physica dos meninos, que chegou á terceira edição.

Mello Franco gozava de grande reputação em Lisboa, tinha muito que fazer, possuia a amizade das pessoas mais conspicuas, e já alguma riqueza havia adquirido; parecia que não tornaria mais á sua patria, quando o destino determinou que acabasse nella a existencia, cheio de desgostos, pobre, e quasi sem reputação. Vendeu tudo que possuia para, em qualidade de medico escolhido por D. João VI, acompanhar a Princeza d'Austria, promettida em consorcio do principe D. Pedro, primeiro Imperador.

Dirigio-se a Liorne para esperar a princeza, e de lá partio ao Rio de Janeiro, onde chegou com ella em fins do anno de 1817. O rei o acolheu com muito agrado e benignidade; mas homens versados nas intrigas e baixezas da côrte, nas quaes são sempre supplantadas as pessoas simples e rectas, receiando a sombra que Mello Franco lhes podia fazer, tratavão de o afastar da graça, tornando-o suspeito aos olhos do rei, a quem advertírão que Mello Franco era um dos que entrárão na conspiração de Lisboa, que tinha por fim dar o rei por demente.

Retirou-se-lhe logo a permissão de entrar no paço, e fez-se-lhe perder as esperanças de retribuição, que lhe fôra promettida, aos sacrificios que fizera.

Sua fortuna, posta nas mãos de um negociante seu falso amigo, que fizera uma banca-rota fraudulenta,

desappareceu em um só dia, fructo de muitos annos de fadigas, e patrimonio de seus filhos.

Tantas circumstancias accumuladas, a mudança de clima e habitos de vida o fizerão cahir em uma febre consumptiva, que fez rapidos progressos. Não tendo experimentado o menor allivio em S. Paulo, para onde partira por conselho de amigos, voltou ao Rio de Janeiro em uma canôa de voga, e quando era na altura de Ubatuba, pedio que aportassem, e ahi, debaixo de uma palhoça, acabou seus dias a 22 de Julho de 1823. Deixou quatro filhos. Era bom poeta, e conhecia a fundo algumas linguas (*).

FRANCISCO DE PAULA SOUZA E MELLO.

Nasceu na cidade de Itú, da provincia de S. Paulo, em 13 de Junho de 1791. Era de uma constituição tão debil, e de uma saude tão fraca, que seus pais temêrão manda-lo para a escola; mas elle os havia enganado, porque a furto procurou seu mestre, e estava prompto nas primeiras letras.

Estudou latim, francez, e italiano com um seu tio, que fôra jesuita, e, a instancias deste prelado, consentirão seus pais, que fosse para S. Paulo estudar humanidades; em um anno fez exame de rhetorica e philosophia. A morte de seu pai o fez voltar para Itú, onde se conservou até 1821, em que, como secretario da camara, escreveu o primeiro acto official que falla da Independencia.

(*) Vid. Dicc. bibl. port., de Innoc., vol. 3º, 1859.

Com fortuna, ainda que mediocre, collocou-se n'uma athmosphera independente; e, acostumado a soffrer, trocou o bulicio do mundo por essa especie de hypogeo, onde se encontrão os mortos com os vivos de todas as nações da terra, e fez de sua bibliotheca o seu mundo, e os seus prazeres; — foi na vida silenciosa, na universidade do gabinete, onde avultou aquella espantosa realidade, aquelle doutor sem carta, que conquistou uma reputação, que durante vinte e nove annos foi um continuo triumpho.

Deputado ás côrtes, á constituinte, e em todas as legislaturas, foi por ultimo escolhido senador. Chamado á presidencia do conselho, á pratica dos negocios, encontrou aquelles obstaculos naturaes, que o homem virtuoso encontra na direcção de um mundo, onde pleiteão a verdade com o interesse, e a moral com o egoismo. Idealista, havia talhado um mundo que se não compadecia com os homens da sua época; honrado e virtuoso desdenhava a prevenção como um abysmo de injustiças, sem se lembrar que ella é o grande escudo protector do homem de estado na pratica dos negocios, o qual é necessario que marche com um olho no Evangelho, e com o outro no *Principe* de Machiavello. Amava a monarchia constitucional, preferia a razão á conveniencia, e a tolerancia á compressão. Por amor da verdade immolou sempre o interesse, e por ella sacrificou mais de uma vez o seu egoismo. Falleceu em 1852.

Em 18 de Novembro de 1866 falleceu em Itú um de seus filhos, o conselheiro Antonio Francisco de Paula e Souza, que, pouco tempo havia, exercêra o cargo de ministro da agricultura e obras publicas, e fôra mais de uma vez

eleito deputado á assemblea geral pela sua provincia.

FRANCISCO DE S. JERONYMO (D.)

Bispo do Rio de Janerio, de cujo cargo tomou posse em 11 de Junho de 1702.

Edificou á sua custa, no monte da Conceição, o palacio em que residem os bispos, para o que havia dado o Rei oito mil cruzados.

A elle se deve a fundação do convento de Nossa Senhora da Conceição d'Ajuda, para que foi, em 19 de Fevereiro de 1705, prestado o consentimento devido.

Declarou dia de guarda, santificado para os moradores do Rio de Janeiro, o dia de S. Januario, em memoria da victoria alcançada contra os Francezes em 19 de Setembro de 1710.

Contão-se muitos factos de virtude, caridade e bons successos deste bispo, entre os quaes citaremos os seguintes:

Á bordo do navio, que o conduzia, ateou-se um incendio, causado pelo fogo de uma caldeira de alcatrão, incendio que se estendêra ás enxarcias, e mais cordoalha; instantaneamente, por sua intervenção, terminou Deos o incendio, e salvou a embarcação, e a tripolação.

Pelas suas rogativas a Deos, livrou este do ultimo paroxismo a um enfermo no seu palacio. Depois de pa-

decer dilatado tempo, sem achar remedio á sua enfermidade, senão por meio da separação de uma perna, para cuja operação estava já disposto, e munido com os remedios d'alma, inteiramente se restituio á saude, não precisando de outra medicina, senão o — *surge et ambula.*

FRANCISCO DO MONTE ALVERNE (Fr.)

Nasceu no Rio de Janeiro a 9 de Agosto de 1784, e no seculo teve o nome de Francisco José de Carvalho. Em 28 de Junho de 1801 tomou o habito para frade do coro no convento de S. Antonio, e professou em 3 de Outubro de 1802. Distincto por talento transcendente, por incessante estudo, e pela austeridade de suas virtudes; lente de prima, de theologia dogmatica, de philosophia e de rhetorica, rodeou-se de uma mocidade ardente e esperançosa, que espalhava a fama de seu saber, e os prodigios de sua eloquencia.

Em Outubro de 1816 sua reputação de orador tão firmada estava, que foi nomeado prégador régio. Na serie não interrompida das victorias do pulpito, illustrou-se elle por mais de vinte annos; e, como elle diz, teve de lutar com S. Carlos, Sampaio, conego Januario, monsenhor Neto, gigantes da oratoria, e, em resultado de tantas fadigas, vio a extenuação de seu cerebro, e a perda irreparavel de sua vista.

Dezoito annos jazeu recolhido no claustro, retirado no silencio, sendo apenas animada sua vida pela resignação. Desse retiro veio arranca-lo em um dia de arrebatadoras, e saudosas recordações, a voz animadora do Imperador. Era o dia solemne de S. Pedro de Al-

cantara de 1854; ia ouvir-se na capella imperial, immensamente concorrida, a palavra do velho inspirado.

Não foi vão o seu apparecimento no pulpito; Monte Alverne era Milton escrevendo a ultima pagina do seu immortal poema; era Homero repetindo o derradeiro canto da Illiada. Velho, alquebrado pelos annos, pela cegueira, e por molestias repetidas, Monte Alverne descançou em fim a 3 de Dezembro de 1858. Uma das mais altas illustrações do paiz, era membro de muitas sociedades scientificas, e em sessão magna da sociedade « Ensaio Philosophico » de 10 de Dezembro de 1848 foi solemnemente proclamado « *genuino representante da philosophia do espirito humano no Brasil* » recebendo das mãos do bispo conde capellão-mór, que presidia a sessão, uma corôa de louro, que lhe offereceu aquella sociedade.

Foi honrado em 4 de Outubro de 1855 com uma visita pessoal de Sua Magestade o Imperador, e sua Augusta Esposa, que se dignárão demorar-se algum tempo na cella humilde do franciscano.

Morreu aos 79 annos de idade, legando á patria suas obras oratorias, e gravando em intelligencias brilhantes e illustradas de numerosos discipulos as lições de sua portentosa eloquencia, e de sua philosophia espiritualista.

FRANCISCO DIAS PAES.

Foi o primeiro sertanejo, que descobrio, pelos annos de 1664, minas de ouro, e pedras preciosas no interior da provincia de Minas. Seu irmão Garcia Rodrigues Paes

em 1863 obteve patente de capitão-mór das entradas e descobertas das minas de esmeraldas.

FRANCISCO PEDRO DO AMARAL.

Estudou desenho por espaço de sete annos na escola publica fundada no Rio de Janeiro por Manoël Dias de Oliveira Brasiliense, mas pouco avançou, apezar de sua constante applicação, tendo começado o seu desenvolvimento com a vinda de artistas francezes, e com os os exemplos que estes derão nas festas do casamento do principe com a Archiduqueza d'Austria, primeira Imperatriz do Brasil.

O primeiro trabalho de Francisco Pedro, que fez a admiração geral, foi uma miscellanea, que se conserva no museu nacional, offerecida ao ministro Thomaz Antonio, afim de que este o nomeasse substituto da cadeira de desenho, o que não teve lugar por causa da projectada vinda dos artistas francezes, que devião fundar uma academia de bellas-artes, a que ficou addido Francisco Pedro, sem vencimento.

Para subsistir foi trabalhar debaixo da direcção de Manoel da Costa, (com quem esteve alguns annos, apezar de insuportavel caracter), pintor portuguez, e scenographo do real theatro de S. João, onde trabalhou tambem, tempos depois, com o pintor e architecto italiano Argenzio.

Encarregado pelo mordomo imperial de diversos trabalhos, deixou o theatro, e se occupou exclusivamente da decoração.

Logo que chegou ao Rio de Janeiro a primeira im-

prensa lithographica com um suisso Steinmann, veio tambem uma pequena prensa para o fallecido imperador fazer ensaios particulares. Francisco Pedro foi o ajudante do principe, pela sua habilidade, e foi victima de sua fidelidade e respeito, por que o tornárão unico responsavel de duas caricaturas, que em S. Christovão se estampárão.

Fez a obra de decoração nas duas grandes salas, que servirão de bibliotheca publica, a chamado de Frei Antonio d'Arrabida, depois bispo de Anemuria.

Depois da bibliotheca passou a pintar a fresco todo o palacio da Marqueza de Santos, obra em que desenvolveu um grande talento de compositor e poeta; hoje nada existe, desde que foi de todo reconstruido o palacio. Fundou em 1827 a sociedade de S. Lucas, composta de todos os pintores, e á sua morte, que teve lugar em 10 de Novembro de 1830, tinha ella um fundo sufficiente para acudir a seus irmãos necessitados.

Cuidou sempre de sua velha mãi, e de uma irmã, que tinha em sua companhia. Foi um dos discipulos mais estimados de Mr. Debret, e sendo os nossos artistas obrigados a trabalhar em tudo, porque no paiz não existia a pintura monumental, Francisco Pedro era dourador, estucador, architecto, scenographo, decorador, e paiságista.

Era de côr parda, estatura média, e de uma physionomia intelligente. Contaremos um facto: — Costumava o mestre Manoel da Costa dormir largo espaço para completar a digestão, e fazia-o na propria sala da pintura, por cima do tecto do theatro. Francisco Pedro, em um dia de pouco trabalho, e de mais largo somno do mestre, escondeu-lhe as chinellas, e pintou em seu lugar outras iguaes. Começa a fazer grande barulho, e Ma-

noel da Costa sentando-se sobresaltado, quer calçar-se, mas em vão: seus pés passavão e repassavão no ar, roçavão pelo chão, e nunca enfiavão as chinellas. Abaixa-se, e reconhecendo o ardil, corre para o discipulo com um sarrafo, que, a não ser a ligeireza de Francisco Pedro, alli ficaria morto.

GABRIEL JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS.

Nasceu em S. Paulo ao 1° de Abril de 1816, sem o prestigio de um nome, e sem o condão da riqueza. Tomou o gráo de bacharel em direito em Novembro de 1836, quando contava vinte annos de idade, e dous annos depois defendeu theses, e tomou o gráo de doutor.

Nas sociedades, nos clubs, e nas discussões academicas Gabriel fez-se logo notavel pela eloquencia, com que sustentava os principios liberaes, que não abandonou durante sua vida.

Em 1840 foi eleito deputado á assembléa de S. Paulo, lugar que lhe disputárão sob pretexto de faltar-lhe a idade, porém venceu sua boa causa.

Foi secretario da provincia na presidencia do brigadeiro Tobias de Aguiar.

Em 1842 seguio o destino dos seus amigos nos movimentos de S. Paulo e Minas, e soffreu resignado as consequencias do falso passo que dera.

Em 1845 foi eleito deputado pela sua provincia, e, sendo reeleito, tomou parte na sessão de 1848.

A dissolução da camara em 1849 lançou Gabriel na arena do jornalismo, e no jornal *Ypiranga*, de que foi um dos mais constantes collaboradores, espalhou suas idéas,

e fallou com a penna quando não poude fallar com a voz.

Arrefecendo as lutas politicas pela execução do programma do gabinete Paraná, tolerante e moderado, e filho de um influxo magestoso, o merecimento do Dr. Gabriel foi aproveitado por seus proprios e antigos adversarios.

Em 1854 recebeu a nomeação de lente da academia de S. Paulo; — em 1856 o districto do Rio Claro o elegeu deputado á assembléa geral, e no anno seguinte o mesmo districto, e o de Taubaté, o escolhêrão para seu representante na assembléa provincial de S. Paulo, de que foi presidente em 1858.

Contava 42 annos de idade, quando a morte cortou-lhe a vida no dia 23 de Maio de 1858. Vida curta e trabalhosa, porém cheia, e brilhante. Ao bem de sua provincia consagrou elle as horas que lhe deixava a politica, o magisterio, e a advocacia, que foi em todos os tempos a fonte d'onde tirava recursos.

Na sociedade Auxiliadora da Industria de S. Paulo, ou fóra della, procurou, com o mais patriotico esforço, encorajar e desenvolver a agricultura naquella parte do Imperio, e especialmente introduzir nella o cultivo do trigo (*).

(*) Aos *Discursos parlamentares* do Dr. Gabriel, volume publicado em 1863 na officina de Paula Brito, precede uma biographia do mesmo, que nos parece da bella penna do Dr. Paulo Antonio do Valle. É digna de ser consultada, porque mais de um motivo a faz interessante.

GOMES FREYRE DE ANDRADE.

Governador do Rio de Janeiro, desinteressado, casto, zeloso do serviço publico. A entrega da praça da Colonia do Sacramento aos Castelhanos pelo seu governador Vicente da Silva Fonseca, e uma carta anonyma com duas balas, que insolentemente introduzírão em seu palacio, ameaçando-o em sua vida, e arguindo-o de cumplice na entrega daquella praça, o fizerão apaixonar de modo, que falleceu em 1 de Janeiro de 1763, tendo governado a capitania vinte e nove annos, cinco mezes, e quatro dias, com satisfação do povo.

Gomes Freyre de Andrade é tambem o nome de um governador mandado de Lisboa para o Maranhão, em Março de 1685, o qual abafou o movimento revoltoso, alli levantado por *Bekeman*, ou *Bequimão* (Vid. este nome).

Gomes Freyre de Andrade é o nome de um descendente deste governador, que foi fuzilado em 1817 na esplanada da torre de S. Julião da Barra, em Lisboa, onde estava preso (*).

GREGORIO DE MATTOS.

Nasceu na Bahia a 7 de Abril de 1623, e, feitos seus primeiros estudos, passou a Coimbra, onde doutorou-se na faculdade de leis.

(*) Vide Diccionario Bibliographico Portuguez, de Innocencio, vol. 3º, 1859.

Exerceu a advocacia com grande credito, e servio o lugar de juiz do crime, e tambem o de orphãos.

Era poeta, refinado na satyra, de que não escapou nem sua propria mulher.

Conta-se de seu genio extravagante, além de muitas anedoctas, a seguinte :— sua mulher sahio para casa do tio, desesperada das desenvolturas de Gregorio — o tio, querendo restabelecê-la na amizade de seu marido, achou este bem disposto, sómente com a condição de que a receberia das mãos de um capitão do matto, como escrava fugitiva, acto que se executou da fórma mais decorosa, pagando Gregorio generosamente ao capitão do matto, e protestando então que todos os filhos que tivesse deste matrimonio se chamarião Gonçalos, para que se dissesse que sua casa era de Gonçalo.

Ferindo elle com suas satyras a todos, e a tudo, ficou solitario, e resolveu-se portanto a peregrinar pelo reconcavo até mesmo para pôr em mais segurança seus dias, que perigavão no meio de tantos offendidos.

O governador da Bahia D. João de Alencastre, victima tambem do genio de Gregorio, resolveu-se a pô-lo fóra da Bahia, fazendo-o cahir de muito boa fé em prisão, e desta no exterminio para Angola, por meio de um engano.

Desembaraçado em Angola, deu-se outra vez á advocacia ; e por alguns serviços que prestára ao governador em uma rebellião da tropa, não forão embargados os seus desejos de passar-se a Pernambuco, onde o respectivo governador Caetano de Mello e Castro, lastimado de o ver tão perseguido e pobre, lhe fez presente de uma bolsa bem provida, intimando-lhe que cortasse muito os *bicos da penna,* se o queria ter por amigo.

Enfermando de febres, morreu aos 73 annos de idade,

em 1696, deixando um só filho de seu consorcio, que não herdou o éstro de seu pai (*).

HENRIQUE LUIZ DE NIEMEYER BELLEGARDE.

(MAJOR DE ENGENHEIROS.)

Falleceu em 21 de Janeiro de 1839, tendo nascido em Lisboa a 12 de Outubro de 1802.

Á elle se deve a construcção do pharol de Cabo-Frio, que se avista a quinze leguas de distancia; o melhoramento da barra do mesmo Cabo; os argolões de espia collocados no focinho da rocha, e na barra mencionada, as pontes da cidade de Campos, e de Itajurú, os canaes de Cacimbas, do Ururahy, e de Maricá.

A elle se deve tambem o estabelecimento de uma casa de caridade em Cabo-Frio, e de uma confraria que tem a seu cargo a cura dos enfermos, e a consolação da humanidade afflicta.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO.

Nasceu no Rio de Janeiro ao acabar o anno de 1748. Encetou seus estudos no collegio dos jesuitas, e dirigio-se a Coimbra, onde tomou o grão de bacharel em canones.

Foi nomeado juiz de fóra de Cintra, por empenho de seu amigo e protector o Rio-grandense padre Manoel de

(*) Vide Varões Illustres, de Pereira da Silva, vol. 1º, 1858, e Diccionario Bibliographico Portuguez, de Innocencio, vol. 3º, 1859.

Macedo, jesuita celebre, que se passára, com a desnaturalisação da companhia, para a congregação de S. Felippe Nery, de Lisboa.

Depois de exercer o lugar de juiz por espaço de tres annos, desejando regressar á sua patria, obteve a nomeação de ouvidor para a comarca do Rio das Mortes, em Minas.

Chegou ao Rio de Janeiro em 1776, travou-se de amizade com o vice-rei o Marquez de Lavradio, que o animou a desenvolver o seu genio poetico.

Seguio para sua comarca, onde foi magistrado integro e illustrado, para quem a justiça não tinha duas faces, e para quem a lei não se prestava a diversas interpretações; nos momentos que repousava de suas obrigações entregava-se á poesia.

Findo seu tempo de ouvidor, renunciou a carreira, e conservou-se em S. João d'El-Rei, casando-se e entregando-se aos prazeres domesticos, e cuidando de uma fazenda e lavras que á sua mulher couberão em dote.

Foi nomeado, e dignamente exerceu, o emprego de coronel de cavallaria de milicias da Campanha do Rio Verde. Mas a tranquillidade de sua vida desappareceu. Quando diversos amigos de Peixoto combinárão separar a capitania de Minas do governo portuguez, e proclamar a liberdade, Peixoto foi preso com seus amigos, recolhido á cadêa de Villa Rica, e logo depois enviado para o Rio de Janeiro, abandonando assim esposa, e quatro filhinhos todos innocentes, e de tenra idade.

Por Accórdão de 18 de Abril de 1792 foi condemnado á morte, com infamia para si e seus filhos e netos, e confiscação de bens, sendo a pena de morte commutada por Accórdão de 2 de Maio do mesmo anno em degredo per-

petuo para o presidio de Ambaca, nos sertões de Angola.

O presidio de Ambaca o recebeu, não o mesmo Peixoto de presença alegre, de olhos vivos, e de força varonil, mas um velho carregado de cans, curvado de dôres e soffrimentos, e mais proprio do sepulchro, em que cahio, quando raiava o anno de 1793. Em uma só noite, naquella que se seguio ao dia da sentença cruel, os cabellos se lhe mudárão de côr, e de castanhos que erão tornárão-se repentinamente brancos; as grandes dôres metamorphoseão repentinamente o homem, semblante, cabellos, intelligencia, não de susto, mas de sentimento! (*)

JANUARIO DA CUNHA BARBOZA.

(CONEGO.)

Falleceu no Rio de Janeiro, onde tinha nascido, em 22 de Fevereiro de 1846, com 66 annos de idade.

Sua vida se dividio entre o altar e a patria. A esta prestou relevantes serviços desde a época memoravel de sua independencia, encetando a carreira do jornalismo com a publicação do *Reverbero*, e trabalhando com denodo e energia.

Desterrado pelos Andradas, o conego regressou pouco depois da dissolução da assembléa constituinte, e, na primeira sessão da assembléa geral legislativa, tomou assento como deputado.

Dedicou-se com actividade á cultura das letras, e da

(*) Vide Varões Illustres, de Pereira da Silva, vol. 2º, 1858.

poesia, publicando o *Parnaso Brasileiro*, hoje raro, o poema dos *Garimpeiros*, sendo redactor em chefe do *Correio do Brasil*, ou *Gazeta Official do Governo*.

Foi uma das columnas monumentaes da fundação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sociedade que conta trinta annos de existencia, e agente incansavel da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e de ambas foi secretario.

Era lente jubilado de philosophia, commendador de duas ordens brasileiras, e de algumas estrangeiras, official do Cruzeiro, e socio de dezoito congregações scientificas e litterarias da Europa e America.

JERONYMO FRANCISCO COELHO.

Nasceu na cidade da Laguna, da provincia de Santa Catharina, a 30 de Setembro de 1806, sem o berço da riqueza, nem a perspectiva da fortuna. Na provincia do Ceará, onde seu pai, em 1813, era inspector das tropas, assentou elle praça de primeiro cadete, na companhia de artilharia, nesse mesmo anno.

Em 1815 voltou ao Rio de Janeiro, foi escuso da praça, e achou-se orphão e sem amparo, vendo seu pai exhalar o ultimo suspiro. Sua mãi, que ainda lhe ficára, desvellou-se pela sua educação, fazendo-o cursar latinidade, e philosophia racional e moral.

Assentando praça de novo em 16 de Fevereiro de 1816 no regimento de artilharia, e terminando seus estudos, matriculou-se na academia militar em 8 de Março de 1820, e nella primou sempre, alcançando premios, e conquistan-

do as cartas de dous cursos de mathematicas, e engenharia.

Em Fevereiro de 1823 foi promovido a segundo tenente, e vinte mezes depois, em Outubro de 1824, quando contava apenas 18 annos de idade, era capitão.

Os acontecimentos politicos de 1831, a prohibição de promoções decretada pela assembléa geral, e a subsequente desorganisação do exercito, interrompêrão o brilhante caminho de Jeronymo Coelho, que só foi despachado major em 1837, tenente-coronel em 1842, coronel em 1847, e brigadeiro em 1855.

A sua provincia deu-lhe um assento na assembléa provincial desde 1835 até 1847, e enviou-o á assembléa geral, como seu deputado, desde 1838 até 1847.

Em 1844 foi chamado aos conselhos da corôa na qualidade de ministro da guerra, e coube-lhe a gloria de ver pacificado o Rio Grande do Sul no tempo de sua administração. Em 1848 foi nomeado presidente do Pará, deixando esta commissão em 1850.

De volta á capital do Imperio exerceu, durante seis annos, diversos e importantes cargos militares, e em 1856 foi nomeado presidente e commandante das armas da provincia do Rio Grande do Sul.

Em 1857, depois de um esquecimento de oito annos, a provincia de Santa Catharina o mandou representa-la na camara temporaria, como seu deputado, e em 4 de Maio desse anno foi encarregado de novo da pasta da guerra.

Apezar de abatido por uma dolorosa enfermidade, ainda prestou relevantes serviços ao seu paiz, com esforço heroico, no parlamento e fóra delle, até que, passando a pasta ao seu collega da marinha, e retirando-se da camara para

cuidar de sua saude, deu alma ao Creador em Nova-Friburgo no dia 16 de Janeiro de 1859.

Bom amigo, filho extremoso, pai desvelado, moderado e prudente, sem se mostrar duvidoso em seu posto, decidido propugnador da opinião liberal, de elocução facil, clara, e graciosa, tão sereno nas horas de triumpho como nos dias da adversidade, morreu pobre, como tinha nascido, legando a seus filhos sua mãi, pobre velhinha, testamento digno de um dos vultos heroicos da Grecia.

JOÃO BAPTISTA VIEIRA GODINHO.

(TENENTE GENERAL.)

Nasceu na cidade de Marianna, da provincia de Minas, em 1742, e prestou grandes serviços a Portugal. Foi lente do regimento de artilharia de Gôa — mandado ás Molucas na qualidade de governador e capitão-general das ilhas de Timor e Solor — exerceu o seu posto de tenente-coronel no regimento de artilharia da Bahia, em qualidade de artilheiro e tambem de engenheiro. Falleceu a 13 de Fevereiro de 1811 em pobreza. Foi intimo amigo do grande e infeliz José Anastacio da Cunha, de cujos manuscriptos ficou depositario, confiando depois ao Conde de Linhares tão inestimavel thesouro (*).

JOÃO DA COSTA (DOUTOR).

Prelado que succedeu ao padre Bartholomeu Simões na jurisdicção ecclesiastica do Rio de Janeiro. Estando

(*) Outras particularidades de sua vida podem ler-se na *Min. Brasil*. n. 14.

em S. Paulo empregado em differentes objectos de seu ministerio, deu fim á carreira da vida, depois de duplicados desgostos, com que foi maltratado, até na rua, onde em seu seguimento corrêrão para o injuriarem.

JOÃO DA CRUZ (D. Fr.)

Tomou posse do bispado do Rio de Janeiro em 4 de Maio de 1741. Dirigio-se a Minas para visitar esta capitania, e alli, não sendo bem aceito pelo povo, soffreu notaveis desgostos, entre elles o de lhe destelharem a casa, em que residia, e o de tirarem os badalos aos sinos para não repicarem. O ouvidor de Minas, que movia estes acontecimentos, foi conduzido em prisão por ordem do governo, a cujo conhecimento o bispo levou todos os factos.

JOÃO EVANGELISTA DE FARIA LOBATO.

Nascido em 1763 na provincia de Minas, e fallecido em 25 de Junho de 1846.

Graduado em direito pela universidade de Coimbra, depois de estar em Lisboa algum tempo, voltou á sua provincia, onde se entregou ao exercicio da advocacia.

Instado pelo Visconde de Barbacena para aceitar o cargo de thesoureiro pagador geral das tropas, o servio com inteireza, resignando-o, por occasião de casar-se com a filha de José Fernandes Valladares, proprietario e negociante da villa de Pitangui.

Achando-se Valladares enfermo, e possuindo valiosissimos diamantes, que comprára a garimpeiros, e que aliás erão então propriedade exclusiva da nação, Faria Lobato exhortou seu sogro a restitui-los ao fisco, o que verificou-se, entrando para erario um valor importante, de que foi portador para o Rio de Janeiro um filho de Valladares.

Por occasião de chegar ao Rio de Janeiro em 1808 o Sr. D. João VI, foi Lobato condecorado com a ordem de Christo, e despachado juiz de fóra de Paracatú. Por muitos annos, no exercicio de lugares da magistratura, seu nome foi bemdito e venerado, administrando recta justiça, e promovendo paternal solicitude em favor do povo.

Introduzio no Serro Frio a cultura do inhame (plan ta desconhecida na provincia, que lhe foi fornecida por seu amigo Visconde de Caeté), e occorreu com remedio aos apuros do commercio.

Servio na comarca do Rio das Mortes, e foi um dos primeiros desembargadores, que teve a relação de Pernambuco.

Tomou activa parte na grande obra de nossa independencia, participando dos segredos do fundador do Imperio, e indo a S. Paulo buscar o illustre Andrada, de quem sempre foi o primeiro amigo. Nessa quadra gloriosa apresentou quatro filhos em idade de pegar em armas, cuja educação aliás havia sido destinada para carreira differente.

Durante o governo da regencia foi um dedicado campeão, que poz peito á grande luta contra a anarchia, e assignalou muitas vezes a sua opinião e o seu voto declarado, como senador, de que deu testemunho nas actas respectivas.

Sérias apprehensões pelo futuro da patria, e cogitações melancolicas sobre a sorte de sua numerosa familia, de quem foi amantissimo, e que via sem ter o conveniente arranjo, apressárão o enfraquecimento de suas faculdades, e reduzirão seu corpo ao estado de inteira prostração até o momento de ir gozar em melhor vida do galardão, que pertence aos justos.

JOÃO FERNANDES VIEIRA.

(CASTRIOTO LUSITANO.)

Nasceu na ilha da Madeira em 1613. — Morava em Pernambuco, quando, senhoreados os Hollandezes desta parte da America, elle foi o restaurador della, sustentando-se por seis dias, novo Leonidas, com trinta e sete defensores no forte de S. João contra os esforços de um exercito de quatro mil homens.

Em 1644 fôra Vieira acclamado chefe dos restauradores ; estava casado e bem estabelecido ; tão abastado que não se póde dizer que foi destes aventureiros, que se atirão ás revoluções para pescarem em aguas turvas ; sómente o amor da patria o movia. Diz o seu historiador que «*quando sahio a campo era mais estimado do Flamengo que nenhum outro, e respeitado dos naturaes ; servido de mil e quinhentos escravos e criados, acompanhado de cento e cincoenta homens de sua casa e guarda ; na sua estrebaria sustentava vinte e dous cavallos, e outros tantos Mouros para curarem delles, etc.*» *Gastou de seu*, diz o mesmo escriptor, 600,000 *cruzados*

afóra talvez outro tanto que perdeu em bens móveis e fazendas por andar foragido, e com risco de vida. Pretendêrão os Hollandezes comprar Vieira por 200,000 cruzados, mas elle replicou, *que não vendia a honra de castigar tyrannos por tão baixo preço.* Esta guerra de Hollandezes durou sete annos, e em todo este tempo prestou Vieira, sempre com bom successo, relevantes serviços.

Pouco tempo depois destas batalhas Vieira procurou D. João IV, que o nomeou governador e capitão-general de Angola, tomando posse em 18 de Abril de 1658. Ahi teve que guerrear varios *Sovas*, que estavão levantados, com bom successo; perseguio corsarios e contrabandistas; acabou a fortaleza de S. Amaro, e mandou começar a do Presidio. Substituido em 10 de Maio de 1661, voltou ao reino, onde foi estimado e honrado, e prestou ainda serviços, morrendo em idade sexagenaria.

JOÃO FRANCISCO LISBOA.

Nasceu em Iguará, na provincia do Maranhão, a 22 de Março de 1812.

Emquanto menino viveu na fazenda dos pais, e joven, achou-se em uma casa commercial; aos 17 annos porém a sua indole revoltou-se, e estudou humanidades na capital de sua provincia.

Os acontecimentos politicos de 1831 o collocárão na arena do jornalismo, escrevendo desde então até 1841, com poucas interrupções, o *Brasileiro*, o *Pharol*, o *Echo do Norte*, e a *Chronica*.

Nem os trabalhos da administração em que prestou bom serviço como secretario do governo, nem os trabalhos legislativos da assembléa provincial, de que foi membro distincto nas duas primeiras legislaturas, o desviárão da tarefa de jornalista durante dez annos. O que, porém, não poude a fadiga, o a aggressão dos contrarios, poude o desamor e a ingratidão dos proprios alliados.

Lisboa fôra dez annos o jornalista do seu partido, era além disso um orador de merecimento, e um homem illustrado ; em 1840 apresentou-se candidato á assembléa geral, e em breve reconheceu que o ciume e a má vontade dos proprios correligionarios politicos lhe preparavão uma triste derrota. Então seu orgulho alterou-se, seu ciume resentio-se ; não se suicidou como Chatterton ; quebrou a penna desamada, e calou-se.

Entregou-se á advocacia exclusivamente, e descançou onze annos das lides da imprensa ; mas em 1852 voltou de novo a ella, sómente para castigar os abusos de todos os partidos, fulminar a desmoralisação, e tambem para escrever a historia de sua provincia. Foi então que sahirão do prélo interessantissimos folhetos sob o titulo de *Jornal de Timon.*

Foi agraciado com a commenda de Christo, em 1855, vindo ao Rio de Janeiro, partio d'ahi para Portugal incumbido pelo governo de colligir documentos relativos á historia patria.

Desempenhava esta commissão com solicitude, escrevendo ao mesmo tempo a historia do padre Vieira, quando, depois de longo padecer, falleceu em 26 de Abril de 1863.

Deixou em viuvez D. Violante Luiza da Costa, com quem se casára em 1834 (*).

JOÃO MANSO.

Muito conhecido no Rio de Janeiro por suas letras e estudo da chimica; — fez a porcellana, o verniz, e o charão tão perfeito como o melhor da India.

Em Lisboa foi vista uma banca de charão, feita por Manso, na qual vinha retratada em ouro, de diversas côres, a cidade do Rio de Janeiro, e marcadas algumas ilhas de sua bahia, obra que fez admirar os melhores conhecedores da arte. O principal ingrediente da composição do verniz é a gomma da arvore Jatobá, dissolvida em aguardente mui forte.

JOÃO RAMALHO.

Portuguez, genro de Tiberiçá, regulo dos Guianazes, e senhor das aldeias de Piratininga (**), fez testamento em 3 de Maio de 1580 nas notas da então villa de S. Paulo.

Repetio, na occasião do testamento, « que tinha alguns noventa annos de assistencia na terra « o que ninguem lhe contestou, apezar de saberem todos que em 1580 ainda não chegava a cincoenta annos a assistencia dos Portuguezes na capitania de S. Vicente, aonde entrára Martim Affonso de Souza com a sua armada em dia de S. Vicente, 22 de Janeiro de 1532.

(*) Vid. a Not. sobre sua vida, e obras, pelo Dr. A. H. Leal, que precede uma nova edição de suas obras, feita em 1864, Maranhão.

(**) Provincia de S. Paulo, d'onde forão os *Guianazes*, que fundárão as aldêas *S. Miguel*, *Pinheiros* e outras, desde que virão a concurrencia dos Portuguezes na occupação de suas terras.

Concluem autores que, se em 1580 João Ramalho contava noventa annos de residencia no Brasil, seguia-se que aqui entrára em 1490 pouco mais ou menos; e sendo descoberta em 1492 a America pela parte do Norte, resulta que existião Portuguezes no Brasil oito annos antes de se saber na Europa, que existia o Novo Mundo

Das memorias do padre Jorge Moreira, escriptas no meio do seculo passado, consta que, com João Ramalho, viera Antonio Rodrigues, que casára com uma filha do Piquirobi, cacique da aldeia de *Hururay*. João Ramalho e seus companheiros só podião vir em alguma embarcação, que fizesse viagem para Asia ou Ethiopia, e désse á costa na praia de Santos, entrando no numero de varias, que desapparecêrão, sem nunca mais se saber no reino o fim que levárão.

Depois de habitar Ramalho neste continente, casualmente descobrio Pedro Cabral o Brasil em 1500, indo por capitão-mór de uma armada que navegava para a India. Ramalho não sabia escrever, e por seu signal usava de um risco com volta de ferradura aberta para o lado esquerdo, em que ia o seu nome de baptismo, seguindo-se o appellido. Era capitão e alcaide-mór do Campo.

JOAQUIM FRANCISCO DO LIVRAMENTO.

Nasceu na cidade do Desterro, provincia de Santa Catharina, a 22 de Março de 1761, dia de sexta feira maior. Passárão-se quasi sete annos sem que fallasse. Era conhecido por *irmão Joaquim*, e novo Francisco de

Assis pelas solidas virtudes que possuia, e sacrificios pela felicidade de seus semelhantes, que praticava. Era prompto em acompanhar o Santissimo Viatico, apenas o sino convidava os fiéis; acompanhava aos domingos, á noite, em procissão, e com a mais viva devoção, o terço de Nossa Senhora, que o parocho costumava fazer; levantava pequenos oratorios, entoava sagrados canticos, emfim o seu fervor era intimo, a vocação expressa para o serviço de Deos.

Tinha 18 annos quando obteve de seu pai ser dispensado da vida commercial, que o tinha feito seguir, e então o irmão Joaquim tornou-se todo caridade, e devoção. Concebeu o grande plano de edificar um asylo, onde a pobreza encontrasse os precisos soccorros em suas enfermidades. Vestindo sobre as carnes um saial de lã pardo, cingindo-se de uma corda, e tendo guarnecido o peito de seu habito com a figura de um calis e hostia, correu todos os cantos da provincia a pedir esmola para o seu pio estabelecimento; e vendo que a pobreza de sua patria não lhe promettia as esmolas necessarias para realidade de seu projecto, fez uma viagem á provincia de S. Pedro do Sul.

Vio-se, em resultado de tantas fadigas, um magestoso e amplo edificio com capacidade para grande numero de enfermos, incluindo uma roda de expostos, oratorio, botica, gabinete de receita, e um sobrado independente para residencia do capellão.

Montado o estabelecimento, constituio-se enfermeiro o irmão Joaquim; distribuia dietas pelos enfermos, consolava-os em suas dôres, curava-os com suas mãos, muitas vezes em molestias contagiosas, assistia noites consecutivas aos moribundos em perenne vigilia. Nos

momentos que lhe restavão de tão penosos officios, applicava-os em ornar o oratorio com riquissimas imagens e lindas flôres, tudo obra de suas mãos.

Ao engenho do irmão Joaquim se deve o aperfeiçoamento das flôres de panno, em que a provincia de Santa Catharina tanto excede ás outras, e as finissimas e duradouras tintas, que até hoje não se têm podido imitar.

Foi a Lisboa impetrar da côrte um patrimonio para fazer face á despeza de seu hospital, obtendo da Rainha D. Maria I uma prestação annual de 300$.

Em 1796 a 1800 embarcou com destino á Bahia, entregando a administração do hospital á irmandade do Senhor Jesus dos Passos, erecta na capella do Menino Deos. Não se sabem as causas que o obrigárão a deixar sua patria, onde nunca mais voltou.

Na Bahia realizou com esmolas a edificação e estabelecimento do seminario de orphãos de S. Joaquim. Ahi existe o seu retrato, tirado sem elle o perceber.

Foi segunda vez a Lisboa no intento de alcançar uma prestação pecuniaria para este estabelecimento, voltando em 1803 satisfeito pelo acolhimento que tivera sua petição.

Morrendo seu pai, cedeu o que lhe tocou em legitima á mais pobre de suas irmãs.

Entregando o seminario da Bahia á administração de um reitor, veio ao Rio de Janeiro, onde mereceu a amizade de D. João VI.

Partio para S. Paulo em 1809, e, apezar de doente, continuou no exercicio de suas virtudes, tirando esmolas por toda a provincia, com as quaes conseguio fundar dous seminarios, um em Itú, e outro em Sant'Anna, fazenda que foi dos padres da companhia de Jesus.

Na provincia de S. Paulo foi preso como espia estrangeiro em occasião, que desenhava uma paisagem, o que elle gostava de fazer, e remettido para a côrte, soffrendo os insultos do costume com exemplar paciencia. Foi mandado pôr em liberdade immediatamente pelo seu protector D. João VI, que entristeceu-se com esta occurrencia.

O irmão Joaquim seguio para Jacuecanga a ultimar a obra do seminario dos orphãos, que começára antes de partir para S. Paulo, e para o qual, a instancias suas, nomeou o Senhor D. Pedro I para reitor o Exm. Sr. Viçoso, depois bispo de Marianna, que fez o maior elogio do irmão Joaquim nestas palavras: — *Confesso que me envergonho de que um homem leigo e ignorante tenha feito tantas cousas boas que não sou capaz de fazer.*

No desejo de entregar o seminario de Jacuecanga aos padres da congregação da missão embarcou para Lisboa a 21 de Maio de 1826; já havia conseguido ordem de D. Miguel para isso, ignorão-se porém os motivos, que transtornárão os seus projectos.

Dirigio-se então a Roma; suas enfermidades porém aggravando-se, voltava para sua patria, quando falleceu em Marselha em 1829 com 68 annos de idade. Seus despojos erão algumas estampas, livrinhos devotos, *agnus Dei*, e sua pobre roupa.

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER.

Commummente denominado o *Tiradentes*. Inflammado com o exemplo dos Estados-Unidos julgou ser facil aos seus compatriotas, Mineiros, derrubar a autoridade da mãi patria, e estabelecer uma republica independente.

Aproveitou-se Xavier em 1788 dos atrasados dos quintos do ouro, que montava á horrorosa somma de setecentas arrobas, cujo pagamento dizia-se que o povo ia ser forçado a fazer no governo do Visconde de Barbacena. Apresentava como chefe dos confederados Thomaz Antonio Gonzaga, que gozava de alta reputação pelos seus talentos, e alliou-se a outros conspiradores. Foi preso em Minas, onde se achava occulto vindo do Rio de Janeiro, esperando que rebentasse a revolução, e foi remettido á séde do governo do Estado.

Condemnado a ser enforcado, sua cabeça foi levada á Ouro Preto, e levantada em um poste no lugar mais publico da villa, e seus quartos igualmente içados nos lugares, em que tinhão havido os principaes conventiculos dos conspiradores. Seus filhos e netos serião despojados de suas propriedades, e declarados infames, sua casa seria arrazada e salgada, nunca mais em seu chão se edificaria, e nella se levantaria um padrão com uma inscripção, que conservasse a memoria de seu crime e castigo.

Tudo isto executou-se, sendo o dia do padecimento de Tiradentes um dia de festejo publico para o Rio de Janeiro; toda a tropa se vestio de uniforme rico, enfeitada com festões de flôres; o juiz executor trajou de gala, e cantou-se *Te Deum laudamus* em acção de graças. Taes demonstrações de regosijo erão extorquidas pela prepotencia dos governantes, cujo desagrado poderia dar como consequencia, a quem nelle incorrésse, uma sorte igual á do infeliz patriota Mineiro.

Em 15 de Março de 1867 falleceu no arraial do RioNovo, em Minas, o furriel Antonio Luiz Ferreira com a idade de 110 annos. Era tio do doutor Mello Franco, e fôra o

commandante da escolta que conduzíra Tiradentes preso á côrte.

Em 5 de Abril do mesmo anno effectuou-se em Ouro Preto a ceremonia do lançamento da pedra fundamental do monumento, que na praça principal daquella cidade vai ser erigido á memoria dos *Inconfidentes* de 1792 (*).

JOSÉ ANTONIO MARINHO (MONSENHOR).

Nasceu em 1804 em Minas Geraes, filho de pobrissimos lavradores. Seu avô, nos curtos intervallos do quotidiano trabalho, ensinou-lhe as primeiras letras, em que desenvolveu muito talento, o que deu nas vistas de um padrinho abastado, o qual, protegendo-o ao principio fracamente, quiz depois ajuda-lo muito. De viagem ambos para Portugal, afim de formar-se Marinho em Coimbra, parou na Bahia em 1823, ao tempo que echoava grandioso o grito de independencia. Emquanto Marinho entoava canticos de gloria na embriaguez do enthusiasmo, ennovelava-se protecção e protector no fumo das bombardas.

Marinho alista-se em 1824 entre a mocidade ardente de Pernambuco, no theatro das scenas desse anno; encontra-se com a derrota de seus co-religionarios, de volta de uma missão na Villa da Barra; o amor inflamma sua alma de poeta; seu coração agita-se á vista de uma belleza; mas não correspondido esse amor elle se arremessa ao desespero, e ao abandono.

(*) O BRASIL HISTORICO, publicação periodica do Sr. Mello Moraes, contém a integra de todo o processo, organisado contra Tiradentes, e seus infelizes companheiros.

Sobe os primeiros degráos do sacerdocio, como famulo do bispo D. Thomaz de Noronha; mas prestando-se os ouvidos deste a considera-lo complice na revolta do Equador, é expellido de sua casa, e, proscripto e errante, a pé, sósinho, sem bolsa e sem alforges, embrenhou-se por sertões quasi destrilhados em busca do seu paiz natal. Extenuado pela fadiga, e pela fome bate ás portas dos padres do Çaraça, que o recolhem compassivos. Neste collegio completa Marinho os seus estudos, e são removidos os obices, que impedião seu accesso ao altar.

Escriptor politico durante os acontecimentos que apressárão a revolução de Abril, prestando grandes serviços á causa da liberdade e da ordem com a sua actividade e influencia, quando Minas se vio em 1833 ameaçada de afogar-se em sangue, Marinho formou de seu corpo e de sua autoridade a muralha, que devia defender a vida dos prisioneiros da guerra.

Eleito deputado em 1836, advogou com maximo vigor de intelligencia a causa do mesmo bispo, que por muito tempo o privára do presbiterato, mostrando sempre desinteresse e coherencia de principios.

Subindo á cadeira da verdade, adquirio fama pelos seus sermões; e obtendo provisão de advogado distinguio-se em soccorrer os opprimidos, sem colher outra recompensa senão a convicção do serviço que lhes prestava. Nunca homem politico foi tão torpemente calumniado, nenhum mais atrozmente deprimido, mas elle, resignado, esperava a hora, como christão, em que seus detractores, arrependidos, cahirião a seus pés. Na revolução que travára peleja no arraial de Santa Luzia, e em cujas fileiras elle esteve, entregou-se á

prisão, elle proprio defendeu-se brilhantemente no jury de Piranga, e d'ahi a pouco, em 1847, na assembléa geral, procurou sustentar o gabinete, que ia de roldão precipitar-se, acabando por cruzar os braços tristemente a este desfecho, que não poude evitar, apezar da conciliação que procurou e dos esforços que empregou.

Sua Santidade galardoou-o com o titulo de seu camarista privado, e com as honras de proto-notario da Santa Sé.

Ao ruidoso baque de seus amigos, Marinho desperta de um sonho de illusões. Sua inteira abnegação á politica, e a grande idéa de viver para verdadeira utilidade do paiz, matárão o homem de 33 e 48. Entregou-se todo aos desvelos da parochia, de que era cura, e á educação da mocidade em um collegio, a que deu seu nome. Aos 13 de Março de 1853, com 48 annos de idade, expirou Marinho. Escreveu a historia da revolução mineira em dous volumes, obra actualmente rara.

JOSÉ BASILIO DA GAMA.

Nasceu em 1740 na provincia de Minas-Geraes, entrando para a companhia de Jesus, em cujo collegio desenvolvêra seus naturaes talentos. Na arcadia de Roma teve entrada e assento com o titulo de *Termindo Spilio*, hombreando ahi com grandes poetas. É autor do poema «Uruguay.» Falleceu em Lisboa com idade maior de 60 annos.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

Nasceu em Santos a 13 de Junho de 1763; e depois de aprender ahi, e em S. Paulo, alguns preparatorios, veio ao Rio de Janeiro na idade de 17 annos para ir á Coimbra concluir seus estudos na universidade, onde tomou no fim de seis annos o grão de bacharel nas faculdades de philosophia natural e de direito.

Retirado a Lisboa para seguir os lugares litterarios, foi eleito pelo governo, e proposta da academia real das sciencias, de que era socio, para viajar a Europa como naturalista e metallurgista. Escreveu diversas memorias, e entre ellas uma sobre a pesca da baleia, sobre os melhores processos para a preparação de seu azeite, e sobre as vantagens de animar e favorecer as pescarias nas costas do Brasil.

Casou-se em Lisboa com D. Narcisa Emilia de Oleary, de quem teve trez filhos.

Em Junho de 1790 deixou as praias portuguezas, e peregrinou, por espaço de dez annos e tres mezes, pela França — Allemanha — Belgica — Hollanda — Italia — Hungria — Bohemia — Suecia — Noruega — Dinamarca — e Turquia.

Adquirio a amizade e estima de muitos monarchas, e dos principaes sabios d'então, foi recebido membro das principaes sociedades litterarias e scientificas, escreveu memorias de importancia immensa, e, além das lições de illustres professores da Europa, observou por si mesmo a propria natureza, os primeiros estabelecimentos metallurgicos de cada paiz, e o estado das sciencias naturaes em todos elles.

Na sociedade de historia natural de Paris leu um trabalho sobre a historia dos diamantes do Brasil, que foi publicado nos *Annaes da chimica de Fourcroy*. Escreveu em allemão uma carta ao engenheiro Beyer, inspector das minas de Schneeberg, descrevendo os caracteres distinctivos de doze novos mineraes por elle descobertos na Suecia e Noruega, e escreveu algumas memorias sobre diversas minas da Suecia.

Em 1794 percorrendo a Italia, escreveu uma memoria attribuindo á origem volcanica a rocha, que fórma os outeiros Euganeos no territorio de Padua, e escreveu no mesmo anno um trabalho sobre o fluido electrico.

No meio das numerosas occupações scientificas, consagrava José Bonifacio tambem alguns momentos ao culto das musas, e da litteratura.

Depois de ter deixado o seu nome celebre no mundo scientifico, Andrada recolheu-se a Portugal em Setembro de 1800, sendo logo nomeado intendente geral das minas, desembargador da relação do Porto, e professor em Coimbra de geognesia, e metallurgia, conferindo-lhe a faculdade, por graça especial, o titulo de doutor em philosophia natural, visto haver impossibilidade de poder funccionar nella, sendo simplesmente bacharel formado.

Fez uma viagem minerographica, em companhia de seu illustre irmão Martim Francisco, e do tenente-general Napion, pela provincia da Estremadura até Coimbra, descrevendo os principaes mineraes alli encontrados, a natureza dos terrenos por onde transitou, e o estado d'agricultura.

Foi encarregado do encanamento de Mondego, e em 1802 de dirigir as sementeiras e plantações nos areaes das costas.

Quando sobreveio a invasão franceza em Portugal, Andrada não só mandou das ferrarias de Thomar, onde se achava, armas e espingardas para ajudar os bravos Conimbricenses, mas até alistou-se no batalhão academico formado com estudantes da universidade, prestando como major, e depois como tenente-coronel, relevantes serviços á causa portugueza.

Expulsos os Francezes, foi nomeado intendente da polvora do Porto, emprego que exerceu com tanta dignidade e energia, que salvou muitas vidas e bens dos Portuguezes, que passavão então por afrancezados.

Tal reputação grangeou na academia de Lisboa, que em 1812 foi eleito unanimemente seu secretario perpetuo, lugar que exerceu com muita dignidade durante sete annos.

Cansado de vida tão agitada, e saudoso do paiz natal, obteve do governo licença para voltar á sua patria, e em 1819 deixou as praias portuguezas.

Chegado ao Rio de Janeiro, o governo de D. João VI o quiz de novo empregar, porém tudo recusou, manifestando querer terminar em socego os dias na sua villa natal; e quando elle, e seu irmão Martim, forão despedir-se do monarcha na sua partida para Santos, este novamente instou José Bonifacio para que ao menos aceitasse o lugar de director da universidade, que então se projectava crear no Brasil, ao que elle disse que responderia de Santos.

Recolhido áquella villa com o titulo de conselheiro, foi habitar o seu sitio chamado dos Outeirinhos. Elle e seu irmão, em Março de 1820, pouco depois da sua chegada, fizerão uma excursão montanistica em parte da provincia de S. Paulo para determinar os terrenos auriferos, trabalho que foi impresso no *Journal des mines*,

e que provou ser a provincia riquissima em minas de ferro de immensas variedades.

O que vai dito bastaria para immortalisar José Bonifacio; porém a maior gloria, gloria a que póde aspirar um mortal, elle tambem a teve; foi um dos collaboradores principaes da independencia do Brasil.

Unindo sua voz á de outros Brasileiros, dirigio elle a memoravel representação, que decidio o principe a ficar entre nós, com o que começou-se a edificar os primeiros alicerces do Imperio de Santa Cruz.

O principe pede a Andrada que o venha ajudar, que venha salvar o Brasil, e Andrada deixa seu retiro, e vôa ao Rio de Janeiro para tomar parte nos negocios politicos.

Sabe-se do electrico grito de *Independencia ou morte* solto no memoravel campo do Ypiranga, e que de 7 de Setembro de 1822 data a nossa independencia. Do primeiro ministerio, que teve o imperio brasileiro, fazião parte Andrada e seu irmão Martim, ministerio que restabeleceu o credito da fazenda publica, que creou exercito e armada, que bateu os inimigos de sua patria por mar e por terra em diversas provincias; ao mesmo tempo tomava Andrada parte nos debates da assembléa constituinte, de que era membro por eleição de seus comprovincianos.

Dirigio José Bonifacio os primeiros passos do immortal Pedro I; foi quem o fez acclamar imperador do Brasil, quem fez calar tantos partidos e tantas ambições; quem firmou emfim a independencia de seu paiz, dirigindo a náo com mão forte e energica.

Entretanto José Bonifacio, victima da intriga, vê-se, como Aristides e Seneca, afastado do monarcha, e

desterrado por ordem do mesmo principe tão seu amigo, mas tão enganado.

Esteve expatriado em França com seus dous irmãos, e outros deputados, entre elles o Sr. Montezuma, por espaço de sete annos, no fim dos quaes, em 1829, voltou ao Brasil, porém já muito avançado em idade e afflicto pela perda de uma esposa querida. O nobre velho é bem recebido pelo imperador, e a assembléa geral vota-lhe uma pensão annual de quatro contos de réis.

Foi habitar a ilha de Paquetá, mas de seu repouso foi tirado com os acontecimentos de 7 de Abril. D. Pedro abdica a corôa, mas nomeia por tutor de seus filhos a José Bonifacio, resolvido a deixa-los entre nós. Assim salvou o Brasil segunda vez, aceitando tão precioso deposito, do qual tratou com o maior cuidado até a hora de sua morte, que teve lugar em 6 de Abril de 1838 (*).

JOSÉ BORGES DE BARROS.

Nasceu na Bahia a 18 de Março de 1657. Alistou-se na companhia de Jesus, e exerceu muitos lugares religiosos em sua patria, e em Portugal. Falleceu com signaes de predestinado em 10 de Março de 1719.

Foi insigne em philosophia e theologia, insigne orador evangelico, excellente canonista. Teve tão portentosa memoria, que ouvindo proferir mil vocabulos, os repetia fielmente, ou pela sua ordem, ou retrogradamente. Occasiões houve em que, sendo ouvinte de um

(*) Vid. Dicc. Bibl. Port., de Innocencio, vol. 4, 1860.

sermão, recolhido á casa, o mandava escripto a quem o tinha recitado, sem lhe faltar uma palavra.

Na arte de escrever foi espantoso, pois além de formar os caracteres com summa perfeição, escrevia com duas pennas em uma mão, fazendo ao mesmo tempo duas regras differentes, dissemelhantes uma da outra, e até com o pé formava caracteres tão perfeitos, como o fazia com a mão.

Imitava com tal semelhança as letras, ainda das peiores, que se assombravão de as verem tão identicas aquelles que as tinhão escripto. Da poesia vulgar praticou os preceitos com facilidade e felicidade.

Foi de estatura mediana, gentil presença, e genio jovial.

JOSÉ DA COSTA CARVALHO.

(MARQUEZ DE MONTE ALEGRE.)

Nasceu a 7 de Fevereiro de 1796 na provincia da Bahia. Tomou o gráo de bacharel em leis, em 1819, na universidade de Coimbra, e, voltando á patria, servio de juiz de fóra, e ouvidor na cidade de S. Paulo em 1821 e 1822. Foi representante da sua provincia na assembléa constituinte, e tomou assento na primeira e na seguinte legislatura da assembléa geral até 1831 pela mesma provincia, embora se houvesse casado em S. Paulo, e ahi fixado a sua residencia.

Faltavão a Costa Carvalho alguns dotes naturaes para ser orador notavel, mórmente porque uma excessiva modestia, que se tornava em timidez, o arredava da tribuna; mas sua illustração, caracter, probidade, e energia

davão-lhe uma influencia, que se fazia sentir dentro e fóra da camara.

Companheiro fiel de Feijó, Paula Souza, Evaristo, Vasconcellos, Lino, Honorio, e outros, moveu uma opposição, durante o primeiro reinado, que fazia sentir o seu influxo no parlamento, mórmente pela sua penna, que então dirigia o famoso *Pharol Paulistano*.

Foi muitas vezes elevado á presidencia da camara, e, por occasião da abdicação de D. Pedro I., foi um dos membros da regencia permanente, em cujo encargo manteve, com os seus collegas, a ordem no Imperio, e salvou a monarchia constitucional, não obstante as refegas, e o mar agitado, pelas tempestades da revolução, que combatia a náo do Estado.

Profundos desgostos politicos, disfarçados no pretexto de uma enfermidade ; ou alteração realmente de saude, o determinárão a retirar-se para S. Paulo em Julho de 1833, e desde essa data não assignou mais papel algum official como regente do imperio, que deixou de ser em 1835, pelo facto da eleição do regente do acto addicional.

Em 1835 e 1836 foi director do curso juridico de S. Paulo; em 1837 deputado pela sua provincia, e dous annos depois senador pela de Sergipe. Em 1842, quando se receiava que rebentasse em S. Paulo um movimento revolucionario, como realizou-se infelizmente, foi Costa Carvalho nomeado presidente daquella provincia. No mesmo anno foi nomeado conselheiro de estado extraordinario. Em 1848 foi o organisador do ministerio de 29 de Setembro, tomando elle a pasta do imperio. Em 18 de Setembro de 1860 falleceu na provincia que escolhêra para residir.

Era generoso, e de tolerancia politica em alto grão, obsequioso no trato, leal e firme na amizade, bom e caridoso para o pobre — a justiça era o seu norte, a lei o seu pharol, e o bem da patria o seu empenho.

JOSÉ DA SILVA LISBOA

(VISCONDE DE CAYRU').

Desembargador aposentado, senador do imperio, nascido na Bahia em 16 de Julho de 1756, falleceu a 20 de Agosto de 1835, deixando cinco filhos d'entre quatorze, que teve de seu consorcio com D. Anna Benedicta de Figueiredo.

Publicou muitas obras sobre direito mercantil, economia politica, um periodico *Conciliador do Reino Unido* aconselhando a concordia e harmonia entre os cidadãos, e concorreu muito para a decretação das medidas, que trouxerão a abertura de nossos portos ao commercio de todas as nações amigas em 1808. Esta franqueza produzio grande desapprovação da parte dos negociantes portuguezes, cuja causa não faltárão pessoas influentes e estadistas que esposassem.

Dando á luz Silva Lisboa as *Observações sobre o commercio franco*, pulverisando os argumentos dos adversarios, um censor poz á margem do exemplar da obra a seguinte nota — *É réo d'Estado, merece pena capital* —, o que demonstra quanto um homem illustrado, que procura destruir prejuizos populares, está exposto ás settas da maldade.

O Decreto de 9 de Maio de 1838 concedendo uma pensão a suas filhas, e a resolução da assembléa provincial da Bahia para se collocar na bibliotheca pu-

blica seu retrato, emquanto não se fizesse o seu busto, são monumentos erectos á memoria de Silva Lisboa (*).

JOSÉ DE ANCHIETA.

Nasceu em 1533, na ilha de Tenerife. Com 17 annos incompletos entrou para o collegio da companhia de Jesus, estabelecido na universidade de Coimbra. Suas penitencias, e aturado estudo lhe alterárão a saude, e, por conselho dos medicos, partio para Lisboa, e d'alli para a Bahia, com outros jesuitas, que o acompanhárão, recommendados ao segundo governador geral D. Duarte da Costa.

Estabeleceu ahi um curso de lingua latina para os filhos dos colonos portuguezes, e para os jovens cathecumenos, aos quaes aperfeiçoava tambem no portuguez, além dos trabalhos da evangelisação, tendo por essa occasião composto um cathecismo, e um vocabulario do idioma tupy, que foi impresso.

Demorou-se pouco na Bahia, e seguio logo para São Vicente a reunir-se com o padre Nobrega; escapando na viagem de um fortissimo temporal, que alcançou na altura dos Abrolhos, e que o obrigou a arribar em Caravellas.

De S. Vicente seguio para Piratininga (S. Paulo), onde exerceu o mesmo mister, que exercêra na Bahia. Escreveu uma poema em latim, com 4,172 versos, descrevendo as virtudes, e a vida da Santissima Virgem.

(*) Vid. Dicc. Bibl. Port., de Innocencio, vol. 5º, 1860.

Foi nomeado provincial da companhia, lugar que exerceu por mais de sete annos com proveito, visitando todas as casas religiosas, que forão edificadas em Santos, S. Vicente, S. Paulo, Rio de Janeiro, e Espirito-Santo.

Renunciou em 1585 o cargo de provincial, entregando-o ao padre Marçal Belliarte, continuando porém em exercicios espirituaes até o dia 9 de Junho de 1597, em que entregou a alma ao Creador na aldêa de Iritiba (Benevente) (*), sendo acompanhados seus restos

---

(*) Antiga aldêa da provincia do Espirito-Santo, que teve o nome de Iriritiba, ou Reritigba, creada villa por Alvará do 1º de Janeiro de 1759. Ahi falleceu o veneravel padre Anchieta; o cubiculo, em que esse facto teve lugar, no convento levantado pelos jesuitas, está abandonado e desprezado; apenas a tradição o aponta com o dedo. A este respeito publicou o *Correio da Victoria* a bella poesia, que se segue, em 16 de Dezembro de 1865: é da penna do nosso estudioso amigo o Sr. Rangel de Sampaio:

ANCHIETA E BENEVENTE.

Eis-me em fim em Benevente,
Nesta villa memoravel,
Pequenina, mas ridente
E de clima mui saudavel.
A que vim? Ver alvas plagas,
Onde quebrar vêem-se as vagas
Em lençóes de argenteos pannos?
Ou esta linda enseiada,
Lá ao longe terminada,
Na ponta dos Castelhanos?

Esta fila de cabanas,
Com esteios de inhahyba,
Cobertas das ouricanas,
Das margens do Reritiba?
Aquella igara abicando?
Um patacho carregando?

por mais de cem indios para o collegio da companhia, na então villa da Victoria, por espaço de desoito leguas, sendo exhumado dous dias depois, de enterrado, para

---

Uma sumaca ancorada?
Disto tudo hei visto outr'ora,
Não cubiço ver agora:
Vim ver cousa mais sagrada.

Vim ver vetusto convento
Que neste burgo existia,
Qual modesto monumento,
A' Assumpção de Maria!
Era erecto em lindo outeiro,
E foi o templo primeiro,
Dos fundadores do burgo;
Povo das mattas chamado
A' fé do Cruxificado
Por ANCHIETA o Thaumaturgo.

Onde existe esse templo venerando
Que vio, cousa mui rara, um anjo humano
Levita do SENHOR?
Onde existe esse claustro — testemunha
Das mais santas virtudes — quando nelle
Seu santo fundador?

Onde existe a collina verdi-florida
Em que sentado — á luz de Deos chamava
Padre Anchieta os Brasis?
Que á sua doce voz tudo esquecèrão
A taba, o arco, a flecha — a liberdade!
Até que erão Tupis?!...

Eil-o — pobres ruinas desprezadas
Aos insectos entregue — este convento
Onde Anchieta habitou!
E para mais escarneo aproveitárão
Parte desse sacrario para carcere! ...
Quando *Elle* em tal pensou?!...

satisfazer-se aos desejos dos habitantes, notando-se que o cadaver não apresentasse o menor signal de corrupção. Volvidos alguns annos, forão transportados taes restos para o collegio da Bahia.

Que monumento attesta que estas plagas
Osculárão a planta do mais digno
Ministro do altar;
Que esta villa nascêra a seu aceno;
Que os avós deste povo forão homens
Por Elle aqui andar?!

Nenhum! nem ao menos sua obra
Preservou este povo que cahisse,
Na ruina em que jaz!
A cella onde morou, onde ideava
A ventura geral — tornada entulho!...
Benevente, é demais!

E eu que ainda suppunha que os humanos
Em reliquias tornavã'o que dos justos
O contacto sentio;
Eu que ainda julgava ser verdade
Que á Anchieta venerava Riritiba!...
Nem sabe que existio!

Acaso, ó manso rio, te esqueceste
Daquelle que fitando-te mil vezes
Devassava o porvir;
Ou sob tuas roupagens transparentes
Sem risco, ia prostrado reverente
Os Psalmos repetir?

E vós, ó sabiás, japis, canarios,
Gaturamos, sahis, tropa canora
Que os bosques alegraes;
Como ingratos humanos olvidastes
Aquelle que traduzia em lingua d'homens
Vossos sons festivaes?

Conhecia as virtudes de muitos vegetaes para diversas enfermidades, tendo reunido o encargo de medico e cirurgião ao de missionario (*).

Não! — Ainda, de manhã a Deos saudando,
E á tarde, quando ao sol dedicaes ternos
Vossos cantos gentis,
E tu, Iriritiba, ao mar pagando
Teu tributo perenne, com saudades
ANCHIETA — repetís!

Monumento elle tem, não mais precisa,
Columnas e pyramides se acabão
Que nos diga Memphis!
Monumento elle tem nas hecatombes
Que os falsos catechistas têm imposto
Aos netos dos Brasis.

Cáia embora e se perca este edificio
Feito com o seu suor e o desses filhos
Que a Christo deu Tupan;
Tudo, tudo exterminem,— será sempre
No céo de meu Brasil — José d'Anchieta
A estrella mais louçã! ...

Os homens se esquecêrão — só os homens
E não a natureza — ella d'Anchieta
Jámais olvidará,
Emquanto não seccar o Riritiba,
E o mar que o recebe, e emquanto firme
Jazer o monte Aghá!

(*) Vid. Chron. da Comp. de Jesus, de Sim. de Vasc., 2 vol., 1865, Var. ill. de Pereira da Silva, vol. 1º, 1858, e o nosso Ens sob. a hist. e est. da prov. do Esp. Santo, 1858.

JOSÉ DE NAPOLES TELLO DE MENEZES.

Governador e capitão general do Pará, em memoria de quem, em 1782, se inaugurou um obelisco na estrada de Nazareth, o qual, derruido em 1823 pela falta de cuidado em conserva-lo, foi restaurado em 1840 por ordem do presidente João Antonio de Miranda.

JOSÉ DE SÁ BETTENCOURT ACCIOLI.

Nasceu em Caeté (Minas) em 1752. Tomou o gráo de bacharel em sciencias naturaes pela universidade de Coimbra. Voltando á sua patria, fez algumas obras do precioso barro de Caeté, e fundio ferro, que remetteu a seus amigos e condiscipulos formados em outras faculdades. Foi comprehendido em uma denuncia de rebellião, dada ao governador de Minas o Visconde de Barbacena, e, receioso della, retirou-se para a Bahia pelo sertão, com o designio de abraçar seus pais, que ahi residião, e emigrar para os Estados-Unidos, o que não verificou por conselho de um seu tio ; realizando-se porém a sua prisão na comarca de Ilhéos, donde levado para a cadeia de Camamú, transferido para a Bahia, e d'aqui para a do Rio de Janeiro, teve de responder pela supposta rebellião.

Foi soccorrido em sua infelicidade por sua previdente tia, com documentos assaz attendiveis. Affirmão os que conhecêrão esta senhora na idade de cento e oito annos mostrar ella um lugar de suas lavras, onde, dizia N. Senhora do Bom-Successo (padroeira de Caeté) lhe havia indicado para tirar em quinze dias meia arroba de ouro,

com que inteirou duas para gastar com o livramento de seu sobrinho.

Absolvido, voltou á Bahia, onde deu começo a um estabelecimento de plantações d'algodão nas margens do Rio de Contas, em lugar que o mais proximo vizinho lhe ficava a vinte leguas.

Nas escavações feitas nestas terras, compradas ao capitão-mór João Gonçalves da Costa Dias, para o alicerce de uma casa, achou-se uma espada de cópos de prata cuja folha se achava bastante carcomida pela ferrugem, e quantidade de pedaços de louça finissima da Asia, e artefactos de vidro internamente bordados e dourados. Nessa paragem o matto parecia virgem, e as camadas de terra no lugar da escavação apresentavão uma antiguidade de muitos seculos.

Começava o seu estabelecimento quando a Ordem Régia de 12 de Julho de 1799 chamou-o para ser empregado em explorações mineralogicas, com especial inspecção nas minas de salitre de Montes-Altos, commissão em que se desvelou, abrindo estradas, estabelecendo colonos, até o momento em que paralysárão os interesses do estabelecimento pelos effeitos da revolução franceza, que Portugal principiou a sentir, obtendo ultimamente sua demissão desse encargo em virtude de contestações com o governador o Conde da Ponte, que pretendia o andamento da fabrica sem os meios que o Dr. Sá pedia.

Recolhido á sua fazenda, continuou no estabelecimento de plantações d'algodão, instruindo e animando a todos os moradores a dedicarem-se a este ramo de cultura, sobre que escreveu algumas memorias. Facilitou a propagação das melhores sementes, que mandava vir dos paizes estranhos, bem como tecelões, que se empregavão naquelles

desertos a fazer os pannos necessarios ao uso domestico. Seu estabelecimento prosperou de modo, que elle julgou-se feliz, e com meios de educar onze filhos que tinha; porém sua tia fê-lo deixar este estabelecimento para a ir abrigar, na idade de 112 annos, contra as perseguições que soffria para lhe tomarem os bens.

Vio a provincia de Minas, que não via desde a flôr de seus annos, e ahi fez maior residencia, porque, fallecendo sua tia, o instituio seu herdeiro.

Coronel dos Uteis da Bahia, o governo o removeu para coronel do segundo regimento de infantaria da comarca do Sabará, regimento que elevou com toda actividade, e dispendio de sua fazenda, ao maior gráo de disciplina e asseio, e que veio a prestar importantes serviços á independencia do Brasil.

Por occasião de hostilidades praticadas na Bahia pelos chefes portuguezes, o coronel Sá não só lembrou a marcha de tropas por terra para auxiliarem o reconcavo, como organisou um batalhão, cujo commando foi entregue a seu filho, o tenente-coronel José de Sá, em 3 de Abril de 1823, e na mesma occasião fez marchar mais tres filhos para o exercito pacificador da Bahia.

Atacado de grave enfermidade na idade de 76 annos, falleceu a 28 de Fevereiro de 1828 na villa de Caeté.

JOSÉ ELOY PESSOA (Brigadeiro).

Nasceu na Bahia a 27 de Julho de 1792. Concluidos os estudos preparatorios alistou-se voluntariamente, a 28 de Novembro de 1807, na primeira compa-

nhia do regimento de artilharia da guarnição da Bahia, chegando em pouco tempo ao posto de capitão.

Formou-se no curso de mathematicas, e tomou o grão de bacharel em philosophia na universidade de Coimbra, em cuja qualidade regressou a seu paiz em 1821 já no posto de major.

Adoptado o systema constitucional, encorporou-se aos que extravagantemente se reunírão em 3 de Novembro do mesmo anno para depôrem a junta provisoria do governo, installada em 10 de Fevereiro; mas foi naquelle dia preso, e remettido com outros para Lisboa, e, voltando á Bahia logo que foi solto, apenas chegado, emigrou para o reconcavo, onde sua cooperação foi assaz prestante á organisação das forças, que já alli se achavão reunidas contra as divisões do general Madeira, que occupavão a capital, forças que, engrossando successivamente, formárão o exercito pacificador ao commando do general Labatut, de quem José Eloy recebeu a mais distincta consideração, pois o escolheu para commissões importantes, entre as quaes o governo civil e militar de Sergipe. Desembaraçado desta missão, desoccupada a Bahia da divisão portugueza, foi, por ordem do augusto fundador do imperio, em commissão a Campos de Goytacazes, d'onde tornou no posto de tenente-coronel encarregado de commandar a brigada d'artilharia.

Á sua chegada na Bahia em fins de Outubro de 1824, lavrava o susto e o terror em consequencia do assassinato do commandante das armas o coronel Felisberto Gomes Caldeira, feito por uma facção militar, da qual divergião outros corpos, a que se encorporou José Eloy, e

cujo commando assumio, restabelecendo. assim a antiga tranquillidade.

Em Dezembro de 1825 partio para a campanha do Sul, e, apezar de sua probidade, prevalecêrão contra elle os effeitos da intriga de alguns seus desaffectos, pois recolhendo-se ao Rio de Janeiro foi reformado no posto de coronel, com diminuição de seus vencimentos. Não reclamou contra sua reforma, retirou-se ao seio de sua familia, dedicando-se á advocacia, até que em 1831 tornou á linha dos effectivos, passando depois para o corpo de engenheiros.

A rua Nova do Commercio, a grande muralha de apoio de parte da montanha, que fórma a ladeira da Conceição, são obras delineadas, e dirigidas por elle.

Presidente de Sergipe em 1837 muitos serviços prestou contra a crise revolucionaria, que durou na Bahia mais de um anno, serviços pelos quaes foi congratulado pela assembléa desta provincia, merecendo da munificencia imperial ser graduado no posto de brigadeiro. Dirigio tambem as forças contra os facciosos da cidade das Alagôas.

Jámais se dedicou a escrever, comquanto possuisse bastante illustração. Ainda no vigor da idade acabou victima de um assassino, que lhe disparou um tiro das oito para as nove horas da noite do dia 2 de Março de 1841, ao qual poucos instantes sobreviveu, evadindo-se o scelerado, cujo nome ficou no véo do mysterio, visto que José Eloy não tinha inimigos. Deixou esposa e oito filhos, e um nome honrado, morrendo pobre.

JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO.

(VISCONDE DE S. LEOPOLDO.)

Nasceu em Santos, da provincia de S. Paulo, a 9 de Maio de 1774.

Contava 24 annos, quando obteve o gráo de bacharel na universidade de Coimbra, em direito e em canones. Residio quasi tres annos na capital da monarchia portugueza, confundido na grande turba dos bachareis requerentes, e fazendo algumas versões de inglez, até que pela protecção de Diogo do Toledo Lara e Ordonhes, seu parente, que gozava da privança do ministro dos negocios do ultramar, foi despachado juiz das alfandegas do Rio Grande e Santa Catharina, e incumbido de crea-las.

Tornou a seu paiz natal em 1801, mas só em 1804 poude vencer os immensos embaraços, com que teve de lutar, tornando effectiva a creação da alfandega de Porto Alegre, e do consulado do Rio Grande.

Auxiliou o governo do Barão de Bagé, e de D. Diogo de Souza, sendo consultado sobre a melhor gerencia dos negocios publicos, apezar de, por algum tempo, ter este ultimo governador se conservado em respeitosa distancia, dispensando as luzes e a moderação do juiz da alfandega, estado dubio que Guizot chamou a *paz armada*.

Na qualidade de auditor geral das tropas acompanhou o exercito pacificador, e assistio á campanha de 1811 e 1812, no que muito lucrou, pelo conhecimento pratico das localidades, em que se passárão as scenas de que se

« mento das minhas faculdades physicas e moraes me
« adverte a todo o momento que não póde estar longe
« a hora do trespasso; eu o espero sem horror, resig-
« nado, como póde estar um christão e um philosopho.
« Se melhores serviços não prestei á patria, prestei-lhe
« os que se deverião esperar de uma educação aca-
« nhada, mas com honra e probidade. Despedi-me do
« Instituto, e renunciei o titulo de seu presidente per-
« petuo, agradecendo a nomeada que com isso me deu ; não
« continúo porque eu mesmo desconfio da minha cabeça,
« não desejo compromettter os negocios publicos. Conta-se
« que Napoleão dizia que *a roupa suja lava-se em casa.*
« Não tenho o remorso de dissipar o patrimonio de
« meus filhos; uma rebellião, na qual eu mais padeci
« pelo meu afferro e devoção á monarchia, desolou e
« incendiou a minha chacara. Duas vezes o Imperador
« parou diante della indo para Viamão ; nada tenho
« pedido senão a indemnização do meu officio da alfan-
« dega do Rio Grande, o que não é uma graça, é
« uma justiça, porque era uma propriedade que eu
« creei, e exerci por mais de vinte annos com honra e
« sem nota, e ninguem m'o negará. »

JOSÉ FLORINDO DE FIGUEIREDO ROCHA
(DOUTOR).

Natural da Bahia, lente da antiga academia militar do Rio de Janeiro, lugar em que se jubilou, e um dos principaes fundadores da primeira caixa economica, que se estabeleceu na côrte em 1831, e em cuja direcção teve de ficar por longos annos. Falleceu em 1862 no

mesmo lugar em que respirou a primeira aura da vida.

JOSÉ JOAQUIM CARNEIRO DE CAMPOS

(MARQUEZ DE CARAVELLAS).

Nasceu na Bahia a 4 de Março de 1768. Destinado á vida religiosa por seus pais, secularisou-se com consentimento delles, e seguio os estudos de direito civil patrio, em que se graduou.

Em Lisboa empregou-se no ensino e educação dos filhos de D. Rodrigo de Souza Coutinho, depois Conde de Linhares, sendo depois empregado na secretaria de estado da fazenda.

Seguio para o Brasil em 1807, quando a côrte de Portugal deixou Lisboa, e ainda ahi empregou seus vastos conhecimentos e exerceu muitas commissões, desde o lugar de official de uma das secretarias de estado até o de deputado por diversas provincias, de senador pela sua, ministro e conselheiro.

Foi um dos tres regentes depois da revolução de 7 de Abril de 1831, e sua eleição foi quasi inspirada, porque não houve para isso a menor preparação.

Foi sempre reputado como independente em suas opiniões, votando contra tudo o que lhe parecia opposto ao bem da nação, e, como regente, contribuio muito para conciliar os diversos partidos, sua politica dominante, politica de um homem illustrado, que conhece quão poucos principios se encontrão em politica que

sejão incontestavelmente demonstrados; e ainda que nunca sujeitou sua razão a partidos, dispostos a endereçar todos os meios a seus fins, elle achava naturalmente o seu assento na assembléa geral ao lado daquelles, que entendem que o throno deve firmar-se no amor dos povos, na justiça da administração, e no maior desenvolvimento das instituições da monarchia constitucional. O Marquez de Caravellas prezou sempre o principio da *aristocracia do merito*. Acabou pobre a 8 de Setembro de 1836.

JOSÉ MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (Fr.)

Religioso franciscano, natural da provincia de Minas-Geraes. Publicou a *Flora Fluminense*, obra que escreveu independente de preparatorios escolares, e levado só pelas inspirações do genio, monumento de plantas e flôres, classificadas segundo o systema de Linneu; collecção de 1,640 vegetaes em doze volumes, com estampas abertas em Paris á custa do governo, em cuja empreza dedicou vinte e cinco annos, embrenhado por desertos que, em razão da sua situação tropical e da variedade dos lugares, offerecião abundante colheita de vegetaes, tão notaveis pela belleza como pela diversidade de suas fórmas (*).

JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA.

Nascido no Rio de Janeiro a 22 de Setembro de 1767. Desde tenra infancia manifestou grande vocação

(*) Dicc. Bibl. Port., de Innocencio, vol, 5o, 1860.

para a musica. Tinha bellissima voz, cantava admiravelmente, improvisava melodias, e tocava viola e cravo sem haver aprendido, além de prodigiosa memoria para reproduzir fielmente tudo quanto ouvia executar.

De seu motu-proprio foi assentar-se nos bancos da aula publica de latim, e aprendeu tambem philosophia racional e moral, adquirindo tantos e tão extraordinarios progressos, que os professores o indigitárão capaz de substitui-los, ao que José Mauricio escusou-se, tendo comtudo leccionado algum tempo, e contado no numero de seus alumnos o conego Luiz Gonçalves dos Santos.

O negociante Thomaz Gonçalves, com quem entretinha amizade, fez-lhe patrimonio, e o collocou em estado de receber as ordens de diacono, e cantar missa em 1792, obtendo licença para prégar em 1798.

Nos trabalhos e virtudes de sua mãi, e de uma tia, achou elle sempre os recursos e a direcção de sua primeira educação, pois perdeu seu pai na idade de seis annos.

Obteve vastos conhecimentos de geographia e de historia, tanto profana como sagrada, e das linguas franceza e italiana, não sendo hospede no inglez e grego.

O bispo D. José Caetano elogiava-o, não como artista, mas como um sacerdote dos mais illustrados da sua diocese, e fazia-o comparecer sempre ás palestras litterarias que fazia em seu palacio, as quaes cessárão na época da independencia, por haver sido espionado o seu palacio de ordem do governo.

Entregou-se ao ensino publico, e tambem ao particular, d'onde tirava a maior parte de sua subsistencia,

enraizando assim o gosto da musica no Rio de Janeiro.

Por Decreto de 26 de Novembro de 1808, anno em que chegou ao Brasil a familia real, foi nomeado inspector da musica da real capella, e nesse exercicio de compôr, ensaiar e residir, estragou toda a sua constituição, que era robusta.

Em 1810, depois de uma grande festividade em que D. João VI sentio-se arrebatado de enthusiasmo, foi José Mauricio chamado ao paço, e, em presença da côrte, collocou el-rei no peito do musico, por sua propria mão, o habito de Christo. Teve uma ração de criado particular, que foi depois convertida na mensalidade de 32$, a requerimento seu, á vista dos embaraços que na ucharia soffria dos empregados do paço, e teve ordem para haver um cavallo todos os dias á sua disposição, a qual executou-se, mas de tal natureza era o cavallo que nem o mestre nem o moço que o trazia ousavão ensaia-lo por um minuto.

Improvisou doze divertimentos, que são doze peças admiraveis de inspiração, para a banda de musica que acompanhou em viagem a Archiduqueza, primeira Imperatriz do Brasil. Com o regresso d'El-Rei as festas da capella forão modificadas, como se vê da provisão episcopal de 17 de Maio de 1822.

El-Rei D. João avaliava a força e o poder do talento de José Mauricio: a despeito de sua côr mestiça era tolerado na côrte portugueza, onde o auto do nascimento formava o maior merecimento do homem, dava direito a todas as sympathias, e onde o ser Brasileiro, e mórmente *mulato*, bastava para alienar de si todos os favores, e mesmo muitos direitos.

D. João nunca distinguio, de coração, accidentes ou incidentes do homem; pai e principe, havia nascido acima de todos os preconceitos.

Sobem acima de duzentas as peças da composição de José Mauricio. Foi victima das calumnias, do desfavor e das murmurações de seus proprios compatriotas. Sua alma, porém, nunca se dobrou a uma represalia.

Expirou na manhã de 18 de Abril de 1830.

JOSÉ RICARDO DA COSTA AGUIAR DE ANDRADE

(CONSELHEIRO).

Nasceu na cidade de Santos a 15 de Outubro de 1787, obtendo o gráo de bacharel em leis na universidade de Coimbra em 9 de Julho de 1810. Por occasião de uma invasão do exercito francez no territorio portuguez estava elle no quarto anno de sua formatura: tomou a blusa de soldado de infantaria, e militou com distincção no corpo, de que era chefe seu tio José Bonifacio. Voltando ao Brasil foi nomeado juiz de fóra da cidade de Belém, no Pará (1812), lugar que exerceu até crear-se a ouvidoria geral de Marajó (1819), sendo logo tambem nomeado desembargador ordinario da relação da Bahia.

Durante sua estada no Pará escreveu uma importante memoria, ou os annaes daquella provincia, que offereceu ao fundador do imperio; os escassos meios,

que tantas offensas tinhão feito ás suas irmãs de Matto-Grosso, e vingar-lhes as injurias ou morrer nas mãos desses tigres sedentos.

Ao 2º batalhão de voluntarios foi incorporada com a graduação de 2º sargento, depois de haver declarado querer ser militante, e não enfermeira. — Em 10 de Agosto embarcou com 460 praças para a Parnahyba, d'ahi para o Maranhão, e do Maranhão para o Rio de Janeiro, onde desembarcou em 9 de Setembro.

Em 16 deste mez baixou da secretaria da guerra a ordem seguinte :

« Não havendo disposição alguma nas leis e regumentos militares, que permitta a mulheres terem praça nos corpos do exercito, nem nos da guarda nacional ou de voluntarios da patria ; não póde acompanhar o corpo sob o commando de V. S., com o qual veio da provincia de Piauhy, a voluntaria Jovita Alves Feitosa na qualidade de praça do mesmo corpo, mas sim como qualquer outra mulher das que se admittem a prestar junto aos corpos em campanha os serviços compativeis com a natureza de seu sexo, serviços cuja importancia podem tornar a referida voluntaria tão digna de consideração, *como de louvores o tem sido* pelo seu patriotico offerecimento : o que declaro a V. S. para seu conhecimento e governo. Deos guarde, etc. »

Depois desta ordem, que era a negativa de permissão para continuar ella a acompanhar as tropas voluntarias, notou-se nos olhos de Jovita ora a tristeza, ora o desespero.

Isolada, sem amparo, sem affeições, rejeitada por seu pai a cujo seio tentára voltar, n'uma cidade como a do Rio de Janeiro, arremessou-se no caminho da perdição e da amargura.

Compare o philosopho christão as duas épocas da vida de Jovita nos seguintes trechos :

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Agosto de 1865.

A este batalhão vem incorporada a *heroina brasileira*, segundo a consagração popular, Jovita, de 18 annos, natural de Inhamuns, e a um anno residente em Jaicós, onde deixa dous irmãos menores, e o pai, que com difficuldade acquiesceu aos desejos patrioticos de sua heroina filha. Dominada de grande patriotismo, que se lhe desenvolveu com as infamias dos Paraguayos, feitas ás de seu sexo, foi Jovita á capital de Piauhy, e ahi alistou-se no 2° corpo de voluntarios dessa provincia, declarando lógo que não queria ser enfermeira, e sim militante.

O presidente da provincia depois de se convencer que a sua resolução não era filha de loucura, nem pretexto para encobrir um illicito amor, a mandou alistar com a graduação de 2° sargento, em cujo posto com facilidade se exercitou, e dizem ser o sargento do corpo, que está mais pratico nos manejos das armas.

Os Maranhenses fizerão a esta patriota, que mais tarde seria uma *heroina,* as maiores ovações. Na sua chegada alli ia ser hospedada em casa do Dr. juiz de direito da 2ª vara Antonio Francisco de Salles, onde se hospedou o commandante, porém o ajudante de ordens da presidencia, o

JORNAL DO COMMERCIO.

Outubro de 1867.

Suicidou-se antehontem (9 de Outubro) de tarde na casa da praia do Russell numero 43, Jovita Alves Feitosa, natural do Ceará, a mesma que viera para esta côrte com o posto de sargento, em um batalhão de voluntarios daquella provincia, e que tendo depois baixa, aqui ficou residindo.

A' respeito deste tragico acontecimento, e dos motivos que levárão aquella infeliz a dar fim aos seus dias, communicou-nos a autoridade competente o seguinte :

Jovita entretinha ha algum tempo relações com Guilherme Noot, engenheiro da companhia City Improvements, morador com outro engenheiro da mesma companhia na casa acima.

Tendo finalisado o tempo do contracto que Noot tinha com a companhia, e devendo elle partir antehontem para Inglaterra, escreveu no domingo a Jovita um bilhete em inglez, no qua despedia-se , participando-lhe aquella sua intenção.

tenente Campos, que primeiro foi a bordo, a levou para o seio de sua Ex.ma familia, onde recebeu a heroina menina distincto agasalho, e foi cumprimentada por innumeras pessoas.

O emprezario do *S. Luiz*, Vicente Pontes de Oliveira, mal fundeou o vapor, annunciou para o mesmo dia um espectaculo em honra della ; e tamanho foi o enthusiasmo que em pouco menos de tres horas forão vendidos todos os camarotes e cadeiras, sendo a concorrencia no espectaculo espantosa. A elle assistio Jovita em trajos militares, e de um camarote, adornado com a bandeira nacional.

A distincta artista D. Manoela, vestida de guerreiro e empunhando o estandarte nacional, recitou a patriotica poesia do Sr. Muniz Barreto, e em seguida cantou ella, acompanhada pela orchestra, com todos os artistas da companhia, fardados de voluntarios, o hymno de composição do maestro Francisco Libanio Colás, e letras do poeta Juvenal Galeno.

Por essa occasião o povo pedio o comparecimento em scena da heroina, o que ella satisfez. Vivas, bravos, e flôres partirão de todos os angulos do theatro.

D. Manoela, abraçando-a e dando-lhe um osculo, tira-lhe o boné, colloca-lhe na cabeça uma corôa de louros, lança-lhe ao pescoço um cordão, e um crucifixo de ouro ; e findo que foi o espectaculo, ella é conduzida á casa pelo povo ao som de vivas e musica.

O negociante portuguez Boaventura Coimbra de Sampaio, mandou-lhe preparar e offertar

Desconhecendo a lingua ingleza,e na supposição de que aquelle bilhete não continha mais do que a repetição de cumprimentos, que o mesmo lhe havia mais de uma vez dirigido em outros escriptos em portuguez, Jovita não se deu pressa em procurar quem lh'o traduzisse.

Antehontem de manhã, indo alguem á rua das Mangueiras n. 26, onde morava a infeliz, disse-lhe que Noot havia partido no paquete inglez *Oneida*, noticia esta que causou-lhe sorpreza, e desassocego taes que uma mulher que com ella morava, temendo algum desatino da sua parte, procurou tranquillisa-la, dizendo-lhe que talvez não fosse verdade.

Pouco depois de duas horas da tarde fez Jovita chamar um carro, e, vestida com todo o esmero, nelle entrou, mandando que a conduzissem á casa indicada na praia do Russell, onde chegando, e sabendo de uma preta, que com effeito Noot havia partido, e que seu companheiro não se achava em casa, entrou no quarto que fôra habitado por aquelle a quem procurava, e, tendo pedido um enveloppe, nelle metteu alguns papeis com direcção a Noot, entregou-o á preta com recom-

um completo fardamento de panno fino. O Maranhão soube distinguir a tão patriotica joven, e o Sr. Dr. Salles deu-lhe um jantar, a que assistio toda a officialidade do seu corpo, e innumeras pessoas.

Ao passar pela Parahyba recebeu ella ainda uma nova prova de apreço, que merece a seus concidadãos.

Uma commissão foi a bordo do vapor, e ahi fez-lhe offerta de um custoso annel de brilhantes, como recordação de seus patricios Parahybanos, que sabem, como todos os Brasileiros, honrar as virtudes civicas.

Em Pernambuco não forão menores as ovações que tributárão a Jovita ; até o presidente da provincia lhe deu um lugar a seu lado, n'um camarote do theatro.

mendação de remettê-o ao seu destino, e sentou-se na cama que alli havia, retirando-se a preta.

Ás cinco horas e meia, vendo a preta que a moça ainda se conservava no quarto, alli penetrou, e encontrando-a deitada na cama com a mão direita sobre o coração, e parecendo presa de algum ataque, tentou reanima-la, chegando-lhe ao nariz um vidro com agua de Colonia, depois do que procurou levanta-la, e vio então que a mão collocada sobre o coração apertava um punhal nelle cravado até as guardas.

. . . .

Á penna do nosso amigo Rangel de Sampaio pertencem os seguintes versos, que elle dedicou ao Sr. Francisco Mendes de Araujo, digno ancião que prestou os ultimos serviços funebres á pobre martyr, como se disse no *Correio Mercantil* de 12 de Outubro de 1867 :

Elle n'avait pas vingt ans.
V. Hugo.

As grandes vidas como essa foi, não morrem de doenças miseraveis; legados ulcerosos que a humanidade herda a seus filhos, como um escravo !
Alvares de Azevedo.

Respeito ! — Já purgou os seus delirios :
A morte é dura pena — nobilita ;
Mundanos vos curvai, passa um cadaver
O seu nome no mundo era Jovita.

Ei-la morta! inda assim tem heroismo,
Inda assim é sublime de nobreza,
Inda assim em seu corpo ensanguentado
Do genio se demonstra a realeza!

Ei-la! tem um punhal fino engastado
Naquelle coração que pulsou tanto,
Coração que buscou com ancia a gloria,
E que só encontrou desgraça e pranto!

Era sua alma ardente quaes desertos
Da Arabia, quando o *simoun* rodopia;
Livre como o condor em seu remigio,
Bella como o raiar de um bello dia.

Só nasceu para amar! Como essa Lelia
Da Jorge Sand, amou quanto era bello;
E o mundo injusto em luta, não deixou-a
Colher uma só flôr, um só anhelo.

Sua alma tinha amor e enthusiasmo
Como nossos sertões belleza e flôres,
Em paga, um máo destino reservou-lhe
Martyrios infernaes, infernaes dôres.

Amou a pobre mãi, era inda infante
Quando a mãi fallecendo abandonou-a,
Depois amou a patria, como a d'Arc,
A patria com calumnias premiou-a.

Quiz a farda, e fuzil, derão-lhe a tunica
Da perdida — tisnárão-lhe a capella,
Que exornava-lhe a fronte intelligente:
Chamárão-n'a *Ninon*, sendo donzella!

Torpes, desvirtuárão-lhe as idéas!
Cuspírão-lhe na face mil insultos!
Matárão o futuro da criança
Que em outro paiz teria cultos!

Oh ! não, não foi a patria, eu me retracto,
A patria comprehendeu quanto valia
Jovita, de Inhamuns gloria primeira,
Que de tudo apezar resplandecia.

A patria a venerou ! Almas zoophytas
Que a existencia da luz negão convictos
Medirão-na por si, sendo ella um anjo,
Medirão-na por si — elles prescitos !

A farda lhe despírão, e a circumdárão
De tudo o que a lisonja ha inventado ;
Tanto, que o mais sagaz della obteve,
Como ella amou a patria, ser amado.

Oh ! como resistir a pobre louca
Aos acertados golpes da torpeza,
Se, filha de um sertão, não conhecia
Quanto um seductor tem de baixeza.

Era amor o punhal que lhe restava,
Sua alma nessa luz incendiou-se ;
Era flôr dos jardins dos gozos d'alma,
Mui depressa essa flôr murcha esfolhou-se.

Amou, e nesse amor em vez dos gozos
« Dessa morte de amor melhor que a vida »
Encontrou a saudade, o abandono,
Uma carta, um punhal ! — fez-se suicida.

. . . .

Pai das Misericordias ! Tu que viste
O que soffreu su'alma tão ardente;
Não a affastes de ti, não a castigues ;
Perdoa, é tua filha ; sê clemente !

. . . .

Respeito ! já purgou os seus delirios,
A morte é dura pena, nobilita !
Brasil, o teu cocal cinge de crepe,
Mais um heróe morreu ! —
Morreu Jovita ! ! ! !

Ha creaturas que nascêrão marcadas com o sello da desgraça. Jovita cumprio o seu destino !

A historia da malaventurada ahi anda; seu autor, na phrase de um litterato, *é christão no valor da palavra; elle tem uma genuflexão para todas as cruzes, uma lagrima para todas as dôres sublimes, uma oração para toda a memoria, uma flôr para toda a sepultura.*

LOURENÇO DE MENDONÇA (PADRE DOUTOR).

Prelado e administrador ecclesiastico da capitania do Rio de Janeiro, lugar de que tomou posse em 9 de Setembro de 1633. Com este lugar herdou as affrontas, com que o povo o tratou, desde os primeiros dias de sua administração, chegando ao excesso de o fazerem embarcar em um desapparelhado barco, deixando o seu ultimo destino á Providencia, de que felizmente o salvou a tripolação de uma embarcação, que estava no *poço*. Foi preso por ultimo, e remettido ao tribunal do santo officio, por crimes indignos do seu estado. Mostrou-se innocente, e, por ordem do soberano, consta que fôra consultado para o cargo de D. Prior do convento de Aviz.

LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE.

Nasceu na Bahia a 31 de Dezembro de 1832; entrou para a ordem de S. Bento em 9 de Fevereiro de 1851, tomando o nome de frei Luiz de Santa Escolastica. Secularisou-se em 1854, e falleceu a 24 de Junho de 1855. Era poeta, publicou um bello livro que intitulou *Inspirações do claustro* (*).

LUIZ DE VASCONCELLOS SOUZA (D.)

No seu governo, de que tomou posse em 5 de Abril de 1679, formou-se no Rio de Janeiro o Passeio publico, edificou-se a fonte das Marrecas, e classificou-se uma grande collecção de plantas do paiz, ainda não conhecidas na ordem do reino vegetal, as quaes forão copiadas com toda a belleza e propriedade. Restaurou-se, em um anno, o recolhimento do Parto, quasi todo consumido por um incendio. O retrato de D. Luiz existe na igreja do Parto, do Rio de Janeiro.

MANOEL ALVES BRANCO

(VISCONDE DE CARAVELLAS).

Nasceu na Bahia a 7 de Junho de 1797. Completou o curso de direito em 1823, na universidade

(*) Vid. Dicc. Bibl. Port., de Innocencio., vol. 5º 1860.

de Coimbra, onde frequentou tambem as sciencias naturaes e mathematicas. Chegou á sua patria em 1824, pouco depois da retirada das tropas do general Madeira, e, nomeado juiz do crime, exerceu este e outros lugares da magistratura até 1830, em que foi eleito deputado.

Foi encarregado pela camara de redigir o primeiro codigo do processo por jurados, que teve o Imperio, e que passou em 1831 ; e nesse mesmo anno apresentou diversos projectos sobre o systema eleitoral, e sobre o poder judiciario, sendo o primeiro que se lembrou das incompatibilidades dos juizes para as funcções legislativas.

Em 1832 foi chamado ao thesouro no lugar de contador geral, fazendo logo diversos regulamentos, e as primeiras instrucções para a escripturação por partidas dobradas.

Chamado para o ministerio da justiça, e de estrangeiros, assignou com Mr. Fox a convenção abolicionista do trafico, que a assembléa não approvou.

Senador em 1837, ainda esteve na pasta do imperio, recusando porém ficar com a regencia, não obstante as instancias do regente Feijó. Ministro da fazenda por nomeação do regente Araujo Lima, deixou a pasta em Maio de 1840 por desintelligencias com membros influentes da maioria, voltando em 2 de Fevereiro de 1844 á mesma pasta, onde melhorou muitos regulamentos da arrecadação das rendas. Pertencia á familia dos poetas, poetas sonorosos e grandiloquos. «*Nasci pobre*, dizia elle, *e pobre morrerei; mas nasci na mediania social, e fui elevado ao fastigio das posições pela magnanimidade de um principe, que não pergunta pelos avós dos servidores do Estado.*»

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO.

Nasceu na cidade de S. Paulo a 12 de Setembro de 1831, e, dous annos depois, veio para o Rio de Janeiro em companhia de seus pais. Até aos cinco annos foi robusto de saude, mas dessa idade em diante, em que sua vida esteve em perigo, ficou-lhe uma fraqueza, ou adoentamento de corpo.

Em 1844, por conselho de medicos, e pelo receio que seus pais concebêrão pela sua vida, partio, em companhia de um tio, para S. Paulo, onde fez exames de alguns preparatorios, voltando para o Rio de Janeiro, por não ter idade para seguir o curso juridico.

Em 1847 tomou o gráo de bacharel em letras no collegio de Pedro II, e em 1848 entrou no curso juridico de S. Paulo, em que completou bem o seu quarto anno de estudos, como fôra nos outros annos.

Teve gosto pronunciado pela poesia, e pelo desenho, que se lhe desenvolveu aos dez annos de idade ; e desde que deixou de frequentar as aulas até sua morte discorreu admiravel e progressivamente sobre a litteratura portugueza, franceza, ingleza, italiana, e alleman. Não se esqueceu tambem de sua carreira, porque em razões, em autos, em pareceres deixou bem desenhados os seus conhecimentos de direito mercantil, e de direito civil.

Até além do seu primeiro anno academico Azevedo era alegre e risonho ; depois seu riso não tinha tanta expressão de contento. A principio repartio sua vida

íntima com os amigos com quem morava, e com outros que procurava, ou que o procuravão. Ao redor de uma mesa, allumiados por um candieiro, envoltos no fumo dos charutos, ou dos cachimbos, e outras vezes por noites alvas do luar, palestrava, disputava, fantasiava, improvisava, escrevia sobre muitos assumptos, apreciava emfim as bellezas da natureza. Por ultimo passou a viver só, o seu prazer consistia em concentrar-se comsigo — sósinho, em sua casa, com Deos. Tornou-se tristonho, melancolico, e sempre na idéa de morrer cedo. Amava muito sua mãi, a quem sempre acompanhava nas horas que não erão de trabalho, e de estudo.

Depois de uma molestia, que o prostrou na cama mais de quarenta dias, entregou a alma ao Creador em 25 de Abril de 1852, com todos os soccorros da religião, que reclamou.

Ahi existem suas obras publicadas em tres volumes, em 1862, e, segundo consta, muitos manuscriptos se perdêrão.

MANOEL BECKMAN, OU BEQUIMÃO.

Nascido em Lisboa, residia no Maranhão em honesta abastança, querido e venerado de todos, quando moveu ahi uma revolta em 1684, de que resultou a deposição do governador, a expulsão dos assentistas, (negociantes de escravos e do estanco), e a dos jesuitas. Depois de preso e processado pelo governo de então, foi mandado decapitar em 2 de Novembro de 1685 como *inconfidente* pelo governador Gomes Freire de

Andrade. Um descendente deste governador, e do mesmo nome, passado seculo e meio, isto é, a 18 de Outubro de 1817, foi fuzilado injustamente na esplanada da torre de S. Julião, em Lisboa, como *inconfidente* (*).

MANOEL DA NOBREGA (PADRE).

Nasceu em Portugal a 28 de Outubro de 1517. Tomou o gráo de bacharel em direito canonico na universidade de Coimbra , e aos 25 annos entrou para a companhia de Jesus.

Embarcou para o Brasil em 1 de Fevereiro de 1549 com outros jesuitas, na qualidade de superior, aportando á Bahia em 29 do mez seguinte. Introduzio-se entre as tribus selvagens, com o fim de conduzi-las á fé christã, fez edificar a capella da Ajuda, primeiro templo levantado no Brasil, e que servio muitos annos de matriz, e concorreu para outras edificações uteis á religião.

Fez grandes serviços como missionario, partindo em 1551 para Pernambuco com o padre Pires. O novo bispo D. Pedro Fernandes Sardinha permittio, em 1552, que o padre Nobrega acompanhasse o governador, pelo que passou a visitar o sul da provincia até S. Vicente (em S. Paulo), em cuja costa soçobrou o navio, que o transportava, escapando Nobrega desse naufragio pelo auxilio, que lhe prestárão os indios do lugar. Internou-se aqui pelos sertões, fundou uma igreja para reunir os indios Carijós, estabelecendo uma confraria do Menino Jesus, até que

(*) Vid. *Jorn. de Tim.*, de J. F. Lisboa, 3° vol. 1865.

recebeu a patente de provincial da companhia no Brasil, com jurisdicção separada do reino.

Fundou um collegio nos campos de Piratininga (S. Paulo); voltou á Bahia em 1557, fazendo ahi reviver a catechese, e estabelecendo diversas residencias para isso. Foi dispensado de provincial, e, livre de taes funcções, que tanto o gravavão, duplicou seu zelo, auxiliando muito o governador nos meios, e nos conselhos, para fazer evacuar os Francezes da bahia do Rio de Janeiro, prestando-lhe mantimentos, tratamento de enfermos, e todos os soccorros.

Nobrega continuou em S. Vicente a prestar serviços ao aldeamento, e christianisação dos indios, e em 21 de Abril de 1563 partio com Anchieta, conduzido pelo Genovez Francisco Adorno em uma barca sua, aportando vinte e seis leguas ao norte de S. Vicente no dia 4 de Maio, onde entrou em ajuste com os indios, para que fizessem a paz com os Portuguezes, offerecendo em garantia da nova alliança a sua cabeça, e a de seu companheiro. A Nobrega se deve tambem, em grande parte, a restauração do Rio de Janeiro do poder dos Francezes, pelos auxilios e bons conselhos, que prestou aos governadores.

Ao padre preposito do collegio de S. Antão em Lisboa escrevia elle, quando chegou á Bahia pela primeira vez, muitas queixas sobre a mistura de negros e negras na nova povoação, dizendo que assim se innoculava no Brasil o fatal cancro da escravatura, fonte de immoralidade e de ruina. Sabe-se além disto que os negros erão para alli enviados d'Africa (*), afim de se darem aos soldados, descontando-se o seu valor pelos seus soldos.

(*) No anno de 1683 o povo do Grão-Pará e Maranhão, diz *Berredo*,

Nobrega falleceu em 18 de Outubro de 1570 com 53 annos de idade, no collegio do Rio de Janeiro (*).

No thesouraria de fazenda da provincia do Espirito-Santo, sob a guarda do respectivo thesoureiro, existem duas urnas de prata, contendo fragmentos de ossos, que, segundo a tradição, pertencêrão a Nobrega, e Anchieta.

MANOEL DA SILVA ROSA.

Musico notavel pelas composições sagradas que escreveu, entre as quaes se conta a da Paixão de Jesus Christo. Muitas dellas ainda se cantão, e fazem a admiração de todos os artistas e amadores que aprecião a musica do santuario. Viveu sempre retirado, tendo morrido em 15 de Maio de 1793. Era natural do Rio de Janeiro.

---

se amotinára contra os administradores da companhia autorisada pelo governo, porque de quinhentos negros da costa d'Africa, pela taxa ajustada de 100$ cada cabeça, que se obrigárão a metter todos os annos em uma e outra capitania, caminhando-se já para o segundo de seu estabelecimento, nenhum até então se tinha visto nellas. Disto se collige que já era grande a falta de indios, que costumavão empregar em seus trabalhos, até porque, se os podessem haver a 4$, como sempre os compravão, de certo se não sujeitarião a paga-los por 100$ cada um dos quinhentos, que a companhia se obrigára a introduzir; e muito menos se revoltarião contra os seus monopolistas, porque nem um só havião introduzido, sendo aliás obrigados a isso pelo contracto approvado pelo governo.

Em 1583 lavrou-se no Rio de Janeiro um auto de avença, que Salvador Corrêa de Sá, como governador, e provedor da fazenda real fez com João Guterres Valerio, obrigando-se este a pagar certa quantia por cada escravo, que d'Africa conduzisse no seu navio.

(*) Vid. Chronica da Companhia de Jesus, de Simão de Vasconcellos.

MANOEL DE SOUZA DE ALMEIDA (PADRE DOUTOR).

Tomou posse em 1659 da prelatura e administração ecclesiastica do Rio de Janeiro. Dotado de grande affabilidade e prudencia, não poude abrandar a rebeldia dos homens, que o perseguírão e insultárão na propria casa de sua residencia, onde, no maior silencio da noite (5 de Março de 1668) o atacárão, embocando-lhe uma peça d'artilharia, carregada com bala; e para que esta fizesse seu effeito, quando elles já estivessem em segurança, fóra dá cidade, para onde se retirárão com o fim de evitar suspeitas, pozerão uma porção de corda acesa, com a extremidade sobre a escorva, de modo que disparou a peça, empregando-se a bala na parede da casa do prelado, onde conservou-se o signal por muito tempo, sem comtudo receber o prelado prejuizo algum.

MANOEL FERREIRA DE ARAUJO GUIMARÃES.

Nasceu na Bahia a 5 de Março de 1777, e estudou os preparatorios em Lisboa, mas não poude entrar na universidade de Coimbra por falta de meios pecuniarios.

Casou em 1795, e em 1798 matriculou-se na academia real de marinha, cujo curso concluio, concedendo-se-lhe, para poder seguir estes estudos, em Decreto de 3 de Setembro de 1799, uma pensão de 50$ annuaes.

Foi nomeado em 1801 lente substituto da academia, com a patente de primeiro tenente d'armada.

Voltou á Bahia, em companhia do Conde da Ponte,

que fôra nomeado governador e capitão-general; e passando a côrte de Portugal para o Rio de Janeiro, ahi se apresentou, em 1808, ao Conde de Linhares, que servia o lugar de ministro da guerra, o qual o nomeou capitão do corpo de engenheiros, e lhe deu outros encargos.

Em 1813 redigio a *Gazeta do Rio de Janeiro*, e tambem o *Patriota*, interessantissimo periodico, que só dous annos durou, mas que resgatou do esquecimento muitos e importantes documentos de nossa gloria litteraria, e de nossa propria historia. Foi promovido a coronel graduado, e publicou em 1821 o periodico — *Espelho* — com o fim de animar a resistencia aos Lusitanos.

Foi eleito deputado á assembléa constituinte pela sua provincia em 1823, e tomou assento. Teve neste anno effectividade do posto de coronel, e em 1828 foi promovido a brigadeiro.

Falleceu em 24 de Outubro de 1838 com mais de 61 annos de idade, tendo passado em Março pelo desgosto de ver seu filho o major Innocencio Eustaquio mettido em conselho de guerra por causa da rebellião, que rebentou em 7 de Novembro de 1837. Foi elle o seu defensor, e arrancou lagrimas a todos que o ouvírão.

MANOEL FERREIRA DA CAMARA BITTENCOURT E SÁ (Doutor).

Nascido no Serro-Frio em 1762, tomou em Coimbra em 1788 o gráo de bacharel em leis, e em philosophia. Viajou muito, e por muito tempo na Europa, de modo que fallava o francez, inglez, allemão, etc. Prendeu sua attenção ao exame dos terrenos auriferos, e aos estudos

mineralogicos, e foi elle quem tentou primeiro, e estabeleceu uma fabrica de ferro, em ponto grande, sobre o morro do Pilar, na comarca do Serro, escolhendo lugar tão apropriado, que dava 85 % de extracção.

Votou-se tambem aos trabalhos d'agricultura, propagou varias hortaliças, e deu-se a melhoramentos de economia domestica, e industria agricola.

Foi deputado á assembléa constituinte, senador do imperio, e dividio o seu tempo entre as sessões parlamentares, e os trabalhos agricolas emprehendidos em uma fazenda, que comprára na Bahia, e onde fixára sua residencia.

Naturalisou aqui algumas plantas exoticas, e introduzio em 1823 uma porção de raiz de araruta (Maranta indica).

Falleceu em 13 de Dezembro de 1835. Escreveu memorias sobre a cultura do cacáo, canella, algodão, tabaco, fabricação da farinha de araruta, etc.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (Doutor).

Nasceu em S. João d'El-Rei, filho de um musico: formou-se em jurisprudencia na universidade de Coimbra, d'onde regressou a Lisboa; ahi foi respeitado pelos litteratos, apezar do prejuizo que dominava a côrte portugueza sobre o accidente da côr parda, sendo convidado ás mais brilhantes sociedades, e nellas acolhido com particular estimação, fazendo o encanto e admiração dos que o communicavão, ou pelos seus discursos facetos, eruditos, e ricos de ajuizada critica, ou pelas suas poesias, ferteis de imaginação, ou pela dexteridade e gosto com que

tangia uma rabeca, exercicio a que se affeiçoára desde menino.

Passou Manoel Ignacio ao Brasil, onde seguio a profissão de advogado, sendo nomeado professor publico de poetica e rhetorica, cujo primeiro curso abrio no Rio de Janeiro em Agosto de 1782 em presença das pessoas mais gradas, e do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, decidido protector dos litteratos brasileiros.

O Conde de Rezende, que se seguio no brilhante vice-reinado de Vasconcellos, inclinado a ver como insulto á sua pessoa a falta de elogios offerecidos a seu antecessor; homem suspeitoso e taciturno, recebeu uma denuncia estupida de um malvado rabula, que o odio fradesco iniciára na mais vil intriga, denuncia que servio de pretexto para aferrolhar Manoel Ignacio nos subterraneos da Ilha das Cobras, por mais de dous annos, d'onde só sahio depois de repetir-se mui positivamente a ordem de soltura.

Occupou-se de novo no ensino da rhetorica, e em advogar, até que, sentindo os effeitos da vida sedentaria, a que se entregára, e tomado d'uma especie de melancolia, contrahida em sua injusta prisão, terminou a vida em 1 de Novembro de 1814, tendo vivido perto de 80 annos. Era coronel de milicias dos homens pardos de sua comarca do Rio das Mortes.

MANOEL ODORICO MENDES.

Nasceu no Maranhão a 24 de Janeiro de 1799, e, na universidade de Coimbra, completou os preparatorios, e fez inteiro o curso de philosophia natural, voltando á sua patria por lhe faltarem de repente, com

o fallecimento de seu pai, os supprimentos indispensaveis.

Na crise da independencia arremessou-se á arena do jornalismo, escrevendo o *Argos da Lei*, e foi eleito deputado na primeira legislatura, alistando-se no Rio de Janeiro a par dos nomes illustres de Paula Souza, Vergueiro, Feijó, Vasconcellos e outros, que começárão a opposição vigorosa e incessante, que só devia ter fim com a revolução de 1831. Com aquelles vultos foi fundador da *Astréa;* e indo a S. Paulo, no fim de uma das sessões da assembléa, em companhia e a convite de Costa Carvalho, depois Marquez de Monte-Alegre, que fundára alli o *Pharol Paulistano*, Odorico não só escreveu muito para esse jornal, como ajudava a composição na qualidade de typographo.

Secretario da camara dos deputados, iniciou muitas leis importantes, e, sem ser orador de primeira ordem, era sempre feliz nos seus curtos improvisos. Collaborou em muitos jornaes, sendo delle a maior parte dos versos satyricos, que tanta voga derão ao *Sete de Abril*, e os artigos que combatião as injustas pretenções da França ao nosso territorio do Oyapock, publicados na *Liga Americana*.

Foi ainda eleito deputado na segunda legislatura, com a opposição do governo, e sendo accusado o ministerio na camara dos deputados, Odorico foi o primeiro a ferir a batalha, e de maneira se houve que mereceu a honra de uma interpellação directa do monarcha. Finda a sessão foi Odorico despedir-se do Imperador, que, em publica audiencia, lhe disse inesperadamente, alludindo á parte vigorosa que tomára na accusação: « *Sr. Odorico, não seja tão inimigo dos meus ministros.* » « *Senhor*, respondeu-lhe incontinente Odorico, *eu lhe sou um subdito muito fiel, mas quanto ás minhas opiniões hei de*

sempre exprimi-las segundo a minha consciencia, e para isso é que me cá mandárão. » É fama que o Imperador não se desagradára de tanta franqueza. Isto passou-se em 1829.

Por occasião da revolução de 1831, Odorico prestou muitos serviços, já entendendo-se pessoalmente com os chefes da força militar, já convocando os deputados e senadores para proverem ao governo do Estado em abandono, já finalmente exercendo decidida influencia na escolha dos membros da regencia provisoria, e da permanente que se lhe seguio. Houverão divergencias posteriores que produzirão uma scisão no partido vencedor, e havendo-se Odorico declarado pelos *moderados,* d'ahi declinou sua popularidade de modo que não poude ser eleito nas eleições de 1833, e só na seguinte eleição foi chamado a supprir a vaga, que deixára na camara o deputado Costa Ferreira, nomeado senador; mas a carreira politica de Odorico como que dera fim com a primeira exclusão que soffreu, e com o desgosto que lhe ella trouxe.

Além de muitas poesias ligeiras, que nunca forão colleccionadas, e outras que forão perdidas, Odorico traduzio em bom verso portuguez todas as obras do grande epico latino, Virgilio, a melhor traducção que existe em nosso idioma, segundo juizes competentes, havendo concluido tambem a traducção completa dos poemas de Homero.

Tendo sahido do Rio em 1847 viveu quatorze annos em Paris, da aposentadoria do seu emprego de fazenda, e das minguadas sobras que pudera anteriormente accumular, dando boa educação a seus filhos, dous

dos quaes alcançárão logo vantajosos lugares de fazenda.

Em 1861 viajou a Italia. Falleceu em Londres, que pretendêra visitar antes de regressar ao Maranhão, em 17 de Agosto de 1864, inesperadamente accommettido de um ataque cerebral dentro de um wagon, onde cerrárão-se-lhe os olhos.

MARCOS DE AZEVEDO.

Morreu em uma prisão, na cidade da Bahia, sem revelar o lugar em que havia, em Goyaz, encontrado prata.

MARIA BARBARA.

Mameluca, casada com um soldado do regimento de Macapá (Pará), cruelmente assassinada no caminho da Fonte de Marco por não querer adulterar. O Sr. Tenreiro Aranha achou neste facto objecto para o seguinte soneto:

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste, por fiel, cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco feio ao corvo alti-volante;

Que d'um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata desta sorte;
Porém que allivio busque á dôr amara,

Lembrando-se que teve uma consorte
Que, por honra da fé que lhe jurára,
A' mancha conjugal prefere a morte.

MARIA DE SOUZA (D.)

Mulher das mais nobres de Pernambuco, a qual, sabendo que nas guerras hollandezas (1635) havião degolado tres filhos seus, venceu de tal modo a afflicção natural que, chamando outros filhos, que tinha de 14 e 13 annos, lhes disse: « A Estevão tirárão hoje a « vida os Hollandezes, e postoque, filhos meus, perdi « já tres, e um genro, antes vos quero persuadir que « desviar da obrigação precisa aos homens honrados, a « uma guerra onde tanto servem a Deos como a El-Rei, « e não menos á patria. Pelo que, cingi logo a espada! « e a triste memoria do dia em que a pondes na cinta, « esquecendo-vos para a dôr, só vos lembre para a « vingança, matando ou sendo mortos, tão esforça- « damente que não degenereis desta mãi e daquelles « irmãos (*).

MARIA URSULA DE ABREU LENCASTRE (D.)

Nasceu no Rio de Janeiro, e, apenas com 18 annos de idade, ardendo em desejos de assignalar-se no campo da guerra, abandonou a casa paterna, fugio aos

(*) Brito Freire, da Guerr. brasil., e Cantos de um trovador, do Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva.

braços de seu velho pai João de Abreu Oliveira, e embarcou para Lisboa, onde, no dia 1 de Setembro de 1700, assentando praça de soldado sob o nome de Balthazar do Couto Cardoso, passou ao Estado da India.

Achou-se em muitos combates, obrou proezas, e portou-se sempre de modo digno de menção.

No assalto á fortaleza de Amboino foi um dos soldados que primeiro ousárão de entra-la, e mostrou valor e animo na tomada das ilhas de Corjuem e Panelem.

Teve baixa do posto em 12 de Maio de 1714, e, trocando a vida guerreira pela pacifica, esposou ao valente Affonso Teixeira Arraes de Mello, que annos antes havia sido governador do forte de S. João Baptista, na ilha de Goa.

D. João V, em remuneração de seus importantes serviços, fez-lhe mercê, por despacho de 8 de Março de 1718, do paço de Panguim pelo tempo de seis annos, e de um xarafim por dia, pago na alfandega de Goa ; ahi expirou.

MARQUEZ DE BAEPENDY.

(MANOEL JACINTHO NOGUEIRA DA GAMA.)

Nasceu em S. João d'El-Rei a 8 de Setembro de 1765. Estudando sciencias medicas em Coimbra por espaço de tres annos, interrompeu seus estudos, por haver sido nomeado lente de uma cadeira de sciencias

mathematicas na academia real de marinha de Lisboa, onde leccionou por mais de dez annos com geral conceito e estimação. Muito grande e real devia ser o merecimento de Nogueira da Gama, para que, brasileiro e na flôr dos annos, podesse ser escolhido na côrte de Portugal para o importante magisterio, em que se sustentou por tanto tempo, com preferencia a outros individuos!

Dedicou com fervor á sua patria a segunda metade de sua vida, sendo um dos redactores e signatarios da Constituição do Imperio, regendo as finanças deste por varias vezes, presidindo ao senado, além de muitos outros serviços administrativos que prestou, inclusive o de trasladar para a lingua nacional as mathematicas de Carnot, a mechanica de Lagrange, as obras de Fabre sobre rios e correntes, e o de compôr varios escriptos sobre finanças, cultura da canella, nitreiras artificiaes, etc., etc. Falleceu com 82 annos de idade.

MARQUEZ DE MARICÁ.

(MARIANNO JOSÉ PEREIRA DA FONSECA.)

Nasceu no Rio de Janeiro a 18 de Maio de 1773, e na idade de 11 para 12 annos foi mandado por seu pai para Portugal, entrando em 1785 no real collegio de Mafra, em que residio tres annos, e estudou preparatorios.

Em Outubro de 1788 entrou na universidade de Coimbra, onde fez os exames preparatorios, não se matriculando no primeiro anno por falta de idade, o que

o determinou a matricular-se no primeiro anno da faculdade de mathematicas e philosophia, em que tomou o grão de bacharel, sendo-lhe forçoso vir ao Brasil arrecadar a herança de seu pai, que morreu em 1792, quando se destinava a ir estudar medicina em Edimburgo.

Chegou ao Rio de Janeiro em 1794, e tinha aberto casa de negocio, profissão de seu pai, quando foi preso em 4 de Dezembro; e foi retido incommunicavel por dous annos, sete mezes e quinze dias, e solto por effeito de um aviso, estranhando ao vice-rei o Conde de Rezende tal prisão.

Foi deputado d'agricultura da mesa da inspecção do Rio de Janeiro, deputado da junta do commercio na sua creação, até que entrou em ministro de estado da fazenda em 1823; director thesoureiro da real imprensa, sem ordenado, havendo emprestado perto de 5:000$, sem premio, para montar a fabrica.

Administrador thesoureiro da fabrica da polvora, promoveu a extracção do salitre em Minas-Geraes com tal efficacia, que, produzindo no primeiro anno cento e cincoenta arrobas, no terceiro excedeu a dez mil arrobas. Deputado thesoureiro do arsenal do exercito. Censor regio por mais de dous annos, encargo que terminou em 1821 com a liberdade da imprensa. Foi um dos primeiros conselheiros de estado, segundo a Constituição, e um dos redactores desta: — senador pela provincia do Rio de Janeiro. Não entrou nem foi membro de club algum, nem mesmo maçonico: seu club forão sua familia, e sua livraria.

Subio aos maiores empregos sem intrigas, cabalas, partidos nem adulações, mas sómente pela protecção divina, e especialmente por effeito das circumstancias.

Casou-se em 30 de Junho de 1800 com D. Maria Barbara Rosa do Sacramento, tendo cinco filhos, apenas um do sexo masculino.

Começou a escrever as suas *Maximas* na idade de 60 annos, monumento de gloria que honra a litteratura brasileira. Escreveu algumas odes anacreonticas, que forão postas em musica pelo padre José Mauricio. Falleceu em 1852 (*).

(*) Em um dos numeros do *Iris*, periodico litterario publicado no Rio de Janeiro sob a direcção do distincto Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho, encontramos o seguinte artigo, que entendemos dever reproduzi-lo aqui, tão curioso e interessante nos pareceu:

A REPUBLICA E O MARQUEZ DE MARICÁ.

Dando noticia, no *Iris* do 1º de Outubro, da infausta perda que as letras e a sciencia tiverão com a morte do Exm. *Marquez de Maricá*, dissemos:

« A benevolencia, que nos liberalisava, autorisou-nos a pedir-lhe, por vezes, licença de ir tomando notas tachygraphicas ao passo que discursava sobre algum assumpto. Não nos suppomos em liberdade para dispôr de uma propriedade alheia; todavia é provavel, agora que já não militão as razões que mais cedo nos impedião, que demos o transumpto de uma das suas conversações relativas aos recentes acontecimentos da França.

« Desta hypothetica promessa passamos hoje a desobrigar-nos. O escripto, que vai ler-se, não contém uma unica idéa que não dimane do sabio ancião, comquanto algumas ha, desse seu discurso, a que julgamos não dever dar todo o desenvolvimento que na conversação recebião. O nosso unico trabalho é pôr a limpo as notas, e dar-lhes mais ordem. O certo, porém, é que este discurso foi de maior valia ainda do que o que ahi damos, e que, uma vez entrado em materia, o nobre velho proseguio sem *interrupção*, com tal abundancia de phrases e imagens, que fôra impossivel reconhecer a imaginação de um octogenario, nem que a morte lhe concedia apenas vinte dias de graça. Passemos a ouvi-lo em toda sua singeleza, que constituia uma das mais formosas partes do seu gracioso estylo:

MARTIM AFFONSO DE SOUZA.

Primeiro donatario da capitania de S. Vicente (S. Paulo), onde surgio com o resto da armada que lhe fôra confiada por D. João III, em 20 de Janeiro de 1532.

« —Meu amigo! V. falla-me dessas republicas e doudices dos Francezes! Pouco enxerga quem só vê nellas uma mudança de instituições seculares; essa tentativa cava fundo nos alicerces da sociedade; não é questão politica, é social; não é guerra de fóros e liberdades, é guerra de classes; não é preparação de um seculo futuro, mas sim destruição de quarenta seculos passados.

« Eu, que já paguei o meu obolo ao Charonte, e vou vogando na minha barca, sem já saber de qual das duas margens sou cidadão, vejo todo este mundo com as suas grandezas e miserias, com os erros dos seus reis e as loucuras dos seus povos, com o seu eterno afan debatendo-se no vacuo,—como um espectador indifferente que assiste a um entremez que já sabe de cór. A philosophia da historia é como Jano; tanto olha para trás como para diante.

« Nos tempos modernos, e nos povos cultos, é facil seguir a transformação da soberania. Esteve ella verdadeiramente na aristocracia durante o regimen feudal. A monarchia achou facilmente por auxiliar a democracia, para o fim de destruição daquelle soberano. Mas, anniquilado o poder dos aristocratas, a monarchia concentrou em suas mãos o poder absoluto, de que abusou. Isso a que os Francezes chamão *bourgeoisie*, os ricaços, incommodárão-se com o brilho e os prós das côrtes, e tiverão arte para, n'um espaço curto, cavalgar o soberano da vespera. Hoje ahi surde uma especie nova, mais desprezivel que nenhuma, porque esta não tem intelligencia, nem moralidade, nem titulos, nem numero, nem passado, nem futuro; este soberano é o segundo rei das rãs da fabula, não serve senão para engulir; é a *canalha dos jornaleiros.*

« Estes acontecimentos ultimos servem para avaliar o desequilibrio que lá vai pela Europa entre as forças vivas e militantes das terras e das classes. É Paris impondo a lei á França e ao mundo!

Em carta de 28 de Setembro do mesmo anno El-Rei fazia doação a Martim Affonso de cem leguas de costa

---

é a immensa minoria de Paris impondo a lei á maioria! é uma classe microscopica dessa minoria impondo a lei a todos os seus consocios! Miseria! Taes erupções de volcão dão lavas que só servem pera alagar e destruir os Herculanos e Pompeias da civilisação.

« A questão social que isto envolve não merece grande attenção, porque não tem alcance; não ha interesses, não ha principios como base dessa revolução moral, e estatuas pesadas com pés de barro têm a sorte da de Nabuchodonosor. E nem mesmo como questão politica, de instituições, terá essa obra grande duração em sociedades educadas e organisadas como o são as da Europa.

« Todas as fórmas de governo são susceptiveis de abusos, e é vulgar attribuir-se a ellas o que é culpa delles. A propria republica não é tão hedionda e estupida como a exemplificão as duas tentativas francezas; mas ninguem tem mais prejudicado a republica do que a republica franceza, aos olhos do mundo, que identifica com as instituições os erros dos homens. Todavia, o certo é que nenhuma fórma é menos propria para reger as sociedades civilisadas.

« É o corpo social como o corpo humano. Para a completa saude do corpo é precisa a harmonia em todas suas partes, das quaes são umas mais importantes que outras; mas se esse corpo precisa de ossos, de musculos, de nervos, ha uma parte mais nobre, que é só uma, superior a todas e de todas soberana, é o entendimento (*). O governo das nações é, e deve ser, o seu entendimento e a sua vontade; e não é aos pés que se ha de dar o encargo de pensar e querer. Os braços governando a cabeça renovarião o apologo de Agrippa.

« Com as superciliosas cautelas das constituições modernas ha muitas monarchias mais do que republicas, assim como ha muitas republicas menos que monarchias. Essa figura que tem o poder executivo, e que em muitas nações não é mais que um automato dourado, inferior em condição ao ultimo dos cidadãos, que possue nobres direitos a elle vedados, essa figura chrisma-se nas terras por onde passa. Um presidente hereditario chama-se-lhe rei.... algures por irrisão, como o J. N. R. J. Ponhão-lhe o nome de consul, gonfaleiro, doge ou rei, é pura questão de palavras.

(*) Não se considere esta phrase como contradictoria, pois se ligava com o systema que o marquez imaginára.

nos melhores sitios daquelle territorio, e lhe declarava « que se podia tornar ao reino se lhe parecesse não ser preciso ter lá mais demora. »

Onde jaz a questão grave e séria é nas leis, isto é, na norma do procedimento dos homens, e nos principios convencionaes e eternos da moral. Esses são os pontos vitaes das sociedades, porque têm origem na nossa propria organisação! Eu actuo sobre os outros, os outros actuão sobre mim; d'aqui resulta dôr ou prazer; está, pois, na minha mão, e na de cada individuo, fazer mal ou bem; tendo cada um igual poder segue-se que, ainda para o bem geral, é o interesse individual que nos deve dirigir. Eu posso fazer bem a outrem; devo pratica-lo sem hesitar. Pela beneficencia nos approximamos da divindade, porque é ella o supremo attributo de Deos. Ente infinitamente sabio e poderoso, é necessariamente bom. Creou-nos para sermos felizes, e devemos imitar áquelle que taes nos fez, dando-nos vida e intelligencia. É elle o typo ideal de tudo o creado.

« Mas nessa fórma de governo as aspirações são muito mais audazes e absurdas. Como tudo emana de todos e de cada um, cada um aspira a tudo. D'aqui um constante estado de guerra, que é a mais perigosa de todas as *instituições*.

O que é máo em todos os tempos, torna-se hoje o peior. Para anjos, a republica é o melhor dos governos; é o peior para homens e demonios; é pessimo quando os costumes têm enthronisado as paixões. Já não ha ahi principios senão para capa; o movel actual são ambições. Embora as constituições dêm a preeminencia aos talentos e virtudes, nunca isso passou de uma ficção. Na pratica tudo isso se arranja. *Talentos*, ha-os máos e bons: o rabula tem sua especie de talento, tem-n'o o jogador; até o tem o ratoneiro. Quanto a *virtudes*, todos as têm; nem as abelhas Deos fez más; o homem é habitualmente bom; máo só excepcionalmente; e neste caso vem a sociedade e reage com energia. Em vez desses palavrões devião exigir *sciencia e probidade*; e ainda melhor é não exigir cousa nenhuma, em these, porque sempre é máo costumar os povos a reconhecer que os taes principios eternos e fundamentaes são simples verbos de encher. Bentham, n'um trabalho sobre direitos do homem, pondera que esses direitos, formulem-os como quizerem, não passão de proposições geraes, e que o povo não é capaz de fazer as excepções. Com o povo não se brinca, porque a sua logica é tremenda, e o dia das consequencias é o luto das nações. Deve dizer-se ao

Regressou a Portugal em 1533, e foi nomeado capitão-mór do mar da India, e emquanto não partio para

---

povo: « *Tu tens a liberdade de praticar isto ou aquillo* »; mas nunca se lhe ha de ensinar a palavra *liberdade* por si só, que é como aquelles toxicos muito activos que, para curarem, precisão ser muito diluidos ou combinados. A idéa dos deveres é a que importa incutir, porque são os deveres que repugna respeitar; emquanto a dos direitos vem espontanea e violenta, e não precisa prégada; lá está o amor proprio e o egoismo a préga-la ao coração a cada instante.

« Se em parte nenhuma da Europa teria a republica duração, muito menos na França. Como ha de ser republicana a nação da inconstancia e sobretudo a nação do luxo! No dia em que lh'o tirarem, atacão a principal das suas forças vitaes; e atacada está ella. É a terra das modas, leviana, cujo problema é a mudança permanente; o Francez é meio macaco, meio tigre: o que manda para todos os angulos do mundo são colonias de modistas, cabelleireiros, etc. Chateaubriand, estando na America ingleza, foi a um lugar remoto, onde achou emfim um compatriota, que se occupava em ensinar indios e civilisar selvagens; e como? dando-lhes lições de dansa, acompanhadas de muito *monsieur* e *madame*. Lamentava o Duque de Luxemburgo, com amargo pranto, a morte prematura de Luiz XVI, eis senão quando interrompe-se para perguntar ao mordomo: — « *Aurons-nous des haricots verts?* » — « *Oui, monseigneur.* » — « *Helas! nous les mangerons* », foi a resposta, como é o symbolo do caracter francez. Aqui conheci eu um Francez que andava de cabelleira de cachos, com um cãosinho ao collo: *des enfants avec des cheveux blancs.* Onde vai o Portuguez põe uma cruz; o Hespanhol um pelourinho; o Inglez um balcão; o Francez um theatrinho. Se a Inglaterra é Sparta, a França é Athenas; é Heraclito inglez, Democrito francez; aquelle é urso, este fallador. Nada disso é materia prima de uma republica séria. Elles mesmos se arrependerão dentro em poucos mezes, e se eu chegasse ao anno que vem veria alli novamente a monarchia, não sei de quem, talvez de algum soldado feliz que tenha de levantar-se. Não me parece que a dynastia de Orleans seja a que volte ao throno; perde para os realistas por origem illegitima; perde para os liberaes por traidora á sua origem; mais probabilidades tem o ramo mais velho dos Bourbons, baptisado nas idéas modernas.

« E então se fará justiça a tantas utopias proclamadas como ver-

sua commissão cuidou de sua capitania, enviando-lhe casaes, plantas e sementes, incluindo a *canna de as-*

---

dades axiomaticas. Entre estas figura a de taxar o salario, tomando por bagatella a espontaneidade do concurso das obras. Na grande nação consiste a riqueza em duas palavras: *cool and machinery*. As machinas têm multiplicado o producto com diminuição do preço; ainda que o producto e consumo francez fossem entidades constantes, como competirião em preço quando a mão de obra encarecesse? Expulsas assim as obras francezas do mercado do mundo, recahiria pesadamente o tal melhoramento sobre a desvalida classe de cujo nome tanto abusão os ambiciosos. Quando o homem chegar ao maximo gráo de intelligencia, ha de a natureza trabalhar por elle e para elle, ha de o homem ser então o verdadeiro morgado da terra. Quanto aos Francezes, falta-lhes muito para poderem impôr leis ás instituições do mundo: só primão no que têm de exclusivo, no que depende de invenção, de um certo espirito insolito; se fossem methodicos serião firmes, mas têm tanto de firmeza como de methodo.

« Graças a Deos, que no Brasil não temos que receiar o contagio de republicas nascidas de tal origem. Quasi todas as revoluções sahem da barriga, e aqui não ha pobreza; a nossa organisação é toda peculiar; não temos uma classe de miseraveis. Ha, sim, uma classe de servidos e outra de servidores: mas os servidos somos gente de chicote e palmatoria, e os servidores tomão-nos a nós, os brancos, por uns magicos, predestinados a dar-lhes bilhete e surra: a classe é viva, sagaz; a escrava, que serve de nervos a este corpo, oriunda de diversas nações, que se não entendem, está condemnada á ignorancia e á inacção.

« O maior mal do Imperio é o espirito de provincialismo e bairrismo. Cada provincia argumenta com o seu *Nos quoque gens sumus*. O Acto Addicional, com as suas assembléas legislativas, permitte ás provincias fazer verdadeiras leis, estabelecer verdadeiros impostos; foi um erro, que não havia na Constituição; foi uma imitação dos Estados-Unidos, mas, para a analogia, faltava o fundamento da paridade. Os Estados-Unidos forão creados com o federalismo; cada um desses Estados era já por si quasi independente; a soberania fez-se-lhe artificialmente no congresso geral. Nós cá não conhecemos Estados separados; as provincias fórmão um todo, um aggregado solido. Eu nasci inteiriço, e inteiriço hei de morrer. El-Rei D. João VI herdou de seus avós uma terra com-

sucar, e celebrando contractos para a factura deste. Em Goa, Chaul, Diu, ilha de Repelim, Cochim e Ceylão, prestou relevantes serviços, que se achão memorados nas obras de Couto e Barros.

Foi governador de Goa tres annos e quatro mezes com prospero successo, entregando o governo ao seu successor, D. João de Castro, ao 1° de Setembro de 1545. Retirado da côrte não se esqueceu das terras de S. Vicente, pelo contrario favoreceu-as de navios e gente, e deu ordem que mercadores poderosos fossem e mandassem a ellas levantar engenhos de assucar e grandes fazendas. Falleceu a 21 de Julho de 1564.

Vid. tambem *Ararigboia*.

---

pacta; depois da independencia o imperio conservou o caracter de um todo composto de partes integrantes. A separação das provincias seria uma calamidade não menor para ellas que para a nação. Baixarião da grande altura a nada valerem por si, e a desafiar a cobiça da primeira esquadra que as quizesse conquistar. Os homens no Brasil nunca poderão ter a actividade das terras frias, pois onde V. vir um bananal, que dá fruta para todo o anno, não precisa que os seus habitantes se matem pela vida. Não é isto negar que tenhamos alguns turbulentos; mas para esses teria eu uma regra efficaz: ao talentoso, de comer; ao tolo, surra; e não é grande injustiça, porque já Páris deu á mais formosa o pomo de ouro, e cá o meu é para o mais intelligente. Se, porém, houver juizo, nenhum paiz tem, mais que o Brasil, elementos de prosperidade, grandeza e integridade, de que a fórma monarchica é condição capital.

« Quaesquer que sejão os acontecimentos que ainda estão reservados, ha sempre uma idéa consoladora, a de que todas as crises, directa ou indirectamente, concorrem para o adiantamento da sociedade. A razão humana vai em progresso ; e quanto á civilisação, sempre ganha com estas cousas ; é como um parafuso que, ainda quando aos olhos do observador parece atrazar, lá vai sempre adiantando alguma cousa. Assim a sociedade, embora por trancos e barrancos, lá vai caminhando *quo fata vocant!* »

MATHEUS DA COSTA ABORIM (Padre Doutor).

Prelado, que tomou posse em 2 de Outubro de 1607 da jurisdicção ecclesiastica do Rio de Janeiro. Esteve em discordias com os vereadores do conselho. formou cinedrios para averiguarem jurisdicções, resolveu assentos, e até negou-se a confirmar o padre Manoel da Nobrega na vigararia de S. Sebastião, para que fôra provido pelo soberano.

MENDO DE SÁ.

Governador geral do Estado do Brasil. Em 1560, em virtude de ordens da Serenissima D. Catharina d'Austria, que dirigia o reino pela menoridade de seu neto D. Sebastião, marchou da Bahia com uma armada, composta de duas náos e oito ou nove navios, para expellir da barra do Rio de Janeiro os Francezes, que ahi se achavão sob a direcção de Nicoláo Durand de Villegaignon, o que conseguio com felicidade, como melhor se lê de sua communicação seguinte: « Senhor—A Armada que Vossa Alteza mandou « para o Rio de Janeiro, chegou á Bahia o derradeiro « dia de Novembro; tanto que o capitão-mór Bartho- « lomeu de Vasconcellos me deu as cartas de Vossa « Alteza, pratiquei com elle, com os mais capi- « tães e gente da terra, o que se faria que fosse mais « serviço de Vossa Alteza; a todos pareceu que o « melhor era ir commetter a fortaleza, porque o andar

« pela costa era gastar o tempo e monção em cousa
« muito incerta. Eu me fiz logo prestes o melhor que
« pude, que foi o peior que um governador podia ir, e
« parti a 16 de Janeiro da Bahia, e cheguei ao Rio de
« Janeiro a 21 de Fevereiro; e em chegando soube que
« estava uma náo pelo rio dentro do proprio Mr. Ville-
« gaignon, que lhe mandei tomar pela galé *Ezaura*, que
« Vossa Alteza cá tem. Quando o capitão-mór, e os mais
« da armada virão a Fortaleza, a sua fortaleza, a aspe-
« reza do sitio, a muita artilharia e gente que tinha, a
« todos pareceu que todo o trabalho era debalde, e como
« prudentes arreceavão de commetter cousa tão forte com
« tão pouca gente; requerêrão-me que lhes escrevesse
« primeiro uma carta, e os amoestasse que deixassem a
« terra, pois era de Vossa Alteza; eu lhes escrevi, e me
« respondêrão soberbamente.

« Prouve a Nosso Senhor que nos determinamos de a
« combater, e a combatemos por mar, e por todas as
« partes em uma sexta-feira, 15 de Março, e naquelle
« dia entramos a ilha, onde a fortaleza estava posta, e
« todo aquelle dia e o outro pelejamos sem descansar de
« dia e de noite, até que Nosso Senhor foi servido de
« a entrarmos com muita victoria e morte dos contrarios,
« e dos nossos poucos; e se esta victoria me não tocára
« tanto, podera affirmar a Vossa Alteza que ha muitos
« annos se não fez outra tal entre christãos. Porque posto
« que vi muito, e li menos, a mim me parece que se
« não vio outra fortaleza tão forte no mundo. Havia nella
« setenta e quatro Portuguezes no tempo que cheguei, e al-
« guns escravos; depois entrárão mais de quarenta dos da
« náo e outros que andavão em terra, e havia muito mais
« de mil homens dos do gentio da terra, tudo gente esco-

« lhida, e tão bons espingardeiros como os Francezes; e
« nós seriamos cento e vinte homens portuguezes, e cento
« e quarenta dos do gentio, os mais desarmados, e com
« pouca vontade de pelejar; a armada trazia dezoito sol-
« dados moços, que nunca virão pelejar.

« A obra foi de Nosso Senhor que não quiz que
« se nesta terra prantasse gente de tão máos zelos e
« pensamentos, erão Lutheros e Calvinos; o seu exercicio
« era fazer guerra aos christãos, e dados a comer ao
« gentio, como tinhão feito poucos tempos havia em S. Vi-
« cente. O Mr. de Villaganhão havia oito ou nove mezes
« se partira para França com determinação de trazer
« gente e náos para ir esperar as de Vossa Alteza que
« vêm da India, e destruir ou tomar todas estas capi-
« tanias, e fazer-se um grande senhor.

« Pelo que parece muito serviço de Vossa Alteza mandar
« povoar este Rio de Janeiro para segurança de todo o
« Brasil, e dest'outros máos pensamentos, porque se os
« Francezes o tornão a povoar, hei medo que seja verdade
« o que o Villaganhão dizia que todo o poder de Hes-
« panha nem do Gran Turco o poderá tomar.

« Elle leva muito diffrente ordem com o gentio, de que
« nós levamos, é liberal em extremo com elles e faz-lhes
« muita justiça, e fórça os Francezes por culpas sem pro-
« cessos; com isto é muito temido dos seus, e amado do
« gentio, manda-os ensinar a todo genero de officios e
« d'armas, ajuda-os nas suas guerras, o gentio é muito
« e dos mais valentes da costa, em pouco tempo se póde
« fazer muito forte.

« Por outra via escrevi Vossa Alteza do estado da terra,
« e do que foi no Peroaçú, o que peço agora a Vossa
« Alteza é que me mande ir, porque *são* já velho, e sei

« que não *são* para esta terra. Devo muito porque guerras
« não se querem com miseria, e perder-me-hei se mais
« cá estiver. De S. Vicente a 16 do mez de Junho de
« 1560.— *Mendo de Sá.* »

Annos depois ainda entrou o governador em novas hostilidades por novas usurpações dos Francezes, até que posto em socego o continente, determinou lançar os primeiros fundamentos para a nova cidade, que pretendia edificar, abandonando a primeira povoação, e vindo estabelecer-se em distancia de uma legua no lugar em que se vêem hoje os quarteis do regimento de artilharia, e a Santa Casa da Misericordia, dando á cidade o titulo de—S. Sebastião—pela victoria que conseguio em 1567 no dia do Santo.

Morreu em 1572, dirigindo as rédeas do governo quatorze annos no zelo da religião, e do serviço publico.

PATRICIO DE SANTA MARIA (Fr.)

Nascido em Santos em 1690 ; — um dos irmãos de Alexandre e de Bartholomeu de Gusmão. Estudou em Italia , formou-se em Piza, viajou a Asia , esteve em Jerusalem, publicou suas viagens em latim, em 1742, e algumas varias obras de controversia religiosa.

PEDR'ALVARES CABRAL.

« No anno de 1500 (Antonio Galvão, 1563) á entrada
« de Março partio com treze vélas, *com regimento* que se
« afastasse da costa d'Africa para *encurtar a via*. Chegou
« com prospera viagem ás Canarias. Arrebatado porém
« dos ventos tempestuosos, derrotados todos os seus na-
« vios, e tendo uma náo perdida, em sua busca perdeu
« a derrota, e indo fóra della topárão signaes de terra
« por onde o capitão-mór foi em sua busca tantos dias,
« que os da armada lhe requerêrão, que deixasse aquella
« porfia, mas ao outro dia virão a costa do Brasil, isto
« é, Porto Seguro, em 3 de Maio, dia da Vera-Cruz. »

Em 1839 descobrio o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, na sacristia do convento da Graça, em Santarem, o jazigo de Pedr'alvares. Está em sepultura rasa com uma lousa simples de treze palmos de comprido com meia largura, e o epitaphio em gothico florido « Aquy
« jaz Pedraluares Cabral e Dona Isabel de Castro sua
« molher, cuja he esta capella he de todos seus erdeyros
« aquall depois da morte de seu marydo foi camareira-
« mor da Ifanta Dona Marya fylha d'el Rey Dõ João
« Noso Snôr hu terceyro deste nome. »

Deduz-se que Pedr'alvares finou-se entre 1527 e 1545.

O sentimento de interesse com que alguns escriptores têm notado a não existencia de padrões, que attestem o glorioso e transcendente acontecimento da descoberta do Brasil por Cabral, não deixou de fallar ao coração de João Ladisláo de Figueiredo Mello, cujas *Recordações biographicas* forão publicadas em 1866 por seu neto o brigadeiro Sr. Evaristo Ladisláo e Silva. Em 1837 uma indicação

oi por João Ladisláo apresentada á assembléa provincial da Bahia, para que, mediante a collocação de um cruzeiro de pedra, se fosse perpetuando a recordação do feito de Cabral. Cahindo na discussão esse projecto, não se arrefeceu a lembrança de João Ladisláo, e por si quiz fazer o que podia em favor do monumento; por este motivo em 1849 fez preparar de *jetahipéba* uma cruz com treze e meio palmos de comprimento, seis e uma pollegada de braço e seis pollegadas de largura, com o calvario de tres palmos de altura, e cinco para encravar na terra, tendo ao todo de comprimento vinte e dous e meio palmos, chapeadas as pontas de chumbo; e embarcando-a em 27 de Junho, a remetteu ao vigario da villa de Santa Cruz, Jacintho de Freitas Neutro, com uma curiosa carta, que foi publicada a pag. 62 das *Recordações*.

Em 3 de Setembro de 1849 respondeu o vigario a esta carta, accusando o recebimento do cruzeiro, que devia ser arvorado no lugar, em que Cabral arvorou uma cruz de eterna memoria a 3 de Maio de 1500, dia proprio da invocação de Santa Cruz, que marca a época do descobrimento. Cortada parte do pé da cruz, foi arvorada em frente da porta da matriz, onde se acha servindo de cruzeiro.

Da resposta do vigario extrahimos os seguintes curiosos trechos, que podem elucidar pontos da historia patria:

«..... Estes primeiros colonos, e outros que depois chegárão, fizerão crescer lentamente a população, reformando do modo possivel a dita casa da oração, e substituindo novo cruzeiro nesse mesmo lugar, em que estava a cruz arvorada pelo almirante, quando carcomida pela longura do tempo, até que finalmente, á rogativas destes colonos, o Fidelissimo Rei de Portugal D. José mandou por um

decreto dar o subsidio de seis mil cruzados, com que se fabricou o famoso templo que hoje existe, cujas contas forão dadas a 17 de Julho de 1748; eu mesmo vi o termo, que dellas constava. Depois desta tomada de contas têm decorrido mais de cem annos, e decorrêrão muito mais entretanto que formassem a petição da supplica, enviassem a Lisboa, o soberano mandasse lavrar o decreto, voltasse ao Brasil, se recebesse o dinheiro, se fabricasse o templo, se prestassem as devidas contas; antes de tudo isto não terião decorrido dous seculos. Até essa época se conservou illesa a tradição, e da mesma fórma se conserva até hoje, e se conservará sempre.

« Ainda existe a meu ver uma prova mais evidente que a cruz arvorada pelo almirante Cabral foi no mesmo lugar, em que sempre se conheceu o cruzeiro da matriz, e vem a ser que da porta do templo, que substituio a casa de oração, e do cruzeiro que substituio a cruz mencionada, se avistava perfeitamente o fundeadouro da Corôa vermelha, e d'onde erão perfeitamente vistos os mencionados objectos, e ainda hoje se avistarião ao todo, se duas moradas de casas no arruamento da parte do mar não impedissem em parte.

« Quanto á cruz de pedra, de que tratão alguns historiadores do Brasil, parece ou errada informação aos escriptores, ou cruz formada na phantasia, porque sendo a pedra de sua natureza incorruptivel deveria existir em qualquer lugar, em que fosse cravada; mas não existe nem ao menos na tradição dos antigos habitantes, e seria necessario, ou que o almirante Cabral, como adivinhando o futuro, trouxesse de prevenção uma tal cruz, ou aliás trouxesse official que a fabricasse no caso de achar pedra propria para esse fim.

« Da mesma fórma é fabulosa a cruz que na praia se conserva pelo zelo e devoção dos habitantes, quando pelo contrario na distancia de um quarto de legua desta villa, na beira da praia, em um lugar denominado— Saibú — existe, e é conservada e reformada uma de varas toscas para indicar a entrada de um campo do mesmo nome, que abunda de uma fruta , a que chamão mangabas, porque pela maior parte são apanhadas pela madrugada, uma vez que são mais venturosos os que primeiro chegão.

« Ainda fallo de outra cruz, que existe no fim da praia, mandada fazer e reformada pelos almotacés no tempo, que existião, para indicar a entrada desta povoação ; houverão mais cruzes, porém todas indicativas de entradas ; e mesmo quando (caso negado) fossem todas, ou qualquer dellas dispostas pelo almirante, nehuma foi que deu nome ao imperio do Brasil, mas sim a que foi arvorada pelo incomparavel Pedro Alvares Cabral sobre a collina mencionada , conforme a melhor opinião , como fiz ver, no dia 3 de Maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1500, o que bem se collige de uma das estampas do livro da competente historia.

« Fundado nestes principios intentei, com approvação de alguns cidadãos deste municipio, e estou firme na resolução de o cravar no mesmo lugar em que, com todo valor da certeza, foi arvorada a cruz que deu nome tão grande ao imperic do Brasil, e que ainda não puz em pratica por falta de um habil pedreiro, e se espera um que deve vir da villa de Porto-Seguro.

« A cruz será benzida mesmo dentro da igreja matriz, onde está depositada, e levada com a possivel pompa. .

. . . .

PEDRO PALACIOS (Fr.)

Leigo da provincia d'Arrabida em Portugal, de vida mistica e austera, que fundou um convento no rochedo de uma montanha, elevada sobre uma risonha planicie, e isolada de outras que guarnecem a orla austral da bahia do Espirito-nto, na provincia deste nome. Finou-se em 2 de Maio 1575 (*).

PERO LOPES DE SOUZA.

Irmão de Martim Affonso de Souza, a quem muito auxiliou em empresas maritimas, e um dos doze primeiros donatarios do Brasil. Pertenceu-lhe a capitania de Itamaracá, que cuidou elle proprio em colonisar. Entrou em diversos combates navaes com francezes antes de 1535, sempre com feliz successo. Voltando de Goa para Europa em 1539 perdeu-se na paragem de Madagascar, e não houve mais noticia do seu corpo.

POKRANE.

Indio do Rio Doce, que foi o braço direito de Guido Thomaz Marliere, francez naturalisado, o qual prestou muitos serviços á catechese.

Guido tomou Pokrane debaixo de sua immediata protecção, na idade de 24 annos : fê-lo baptizar, e auxiliou-o muito, na gerencia de tudo quanto respeitava á alliciação

(*) Vid. o Ens. sobre a hist. e estat. da provincia do Espirito Santo que publicámos em 1858.

dos indigenas. Deixou o barbaro *botoque*, ou taboa que servia de ornato ao beiço inferior, e ás orelhas dos botocudos, e persuadia aos seus que deixassem um costume tão feio. Tão persuasivas erão as suas allocuções aos indigenas, que estes affluião de continuo, e em grande numero ao quartel da directoria, conseguindo até o arrefecimento de odiosidades, que existião entre os indios do norte e do sul. Não deixou porém de ser polygamo; amava suas mulheres e filhos, a quem alimentava, vestia e alojava a nosso modo.

Era soldado da segunda companhia de montanha do Rio Doce, quando foi queixar-se ao presidente Andréa, que estava, havia tres annos, sem receber soldo. Morreu em 1843 com 44 annos de idade.

Esteve com o Imperador, que o brindou com uma boa espingarda fulminante, e dizem que o tomára por padrinho de um seu filho. Pokrane baptizava seus filhos, ouvia missa com gravidade, fazia-se entender bem na lingua portugueza, era agradavel no trato, procurando-o entre as pessoas gradas. Era fiel á sua palavra, e leal nos contractos. Dirigia uma aldeia de indios, a de Manuaçú no Cuiathé, onde tinha casa, plantações e criação de porcos, e gallinhas. Dizia sempre aos brasileiros que os indios erão muito preguiçosos, quando compellia os de sua aldeia com castigos efficazes para darem-se ao trabalho.

PRUDENCIO DO AMARAL (Padre).

Nasceu no Rio de Janeiro em 1675; em 1690 entrou para a companhia de Jesus. Leu humanidades no seminario de Belém, nas quaes se mostrou insigne. Entre outras obras compoz —*De opificio sachario* — na qual descreve o fabrico do assucar, em verso heroico, e elegante.

RAYMUNDO JOSÉ DA CUNHA MATTOS.

Marechal de campo, vogal do conselho supremo militar, official da ordem do cruzeiro, commendador da de S. Bento d'Aviz, deputado por duas legislaturas, e membro de muitas associações litterarias, nasceu a 2 de Novembro de 1776 na cidade de Faro (reino do Algarve em Portugal).

Na campanha de Roussillon, em que servia de cabo d'esquadra, defendeu elle só, com sua espada, uma peça abandonada por seus camaradas, e por seu valor deu tempo a não ser tomada pelo inimigo. Era superior aos maiores trabalhos, e dotado de uma robustez incomparavel; não soffreu o mais pequeno incommodo de saude em mais de vinte annos, que viveu nas plagas occidentaes d'Africa. Em Fevereiro de 1823 passou a commandar as armas na provincia de Goyaz, d'onde regressou em 1826.

Publicou um *Repertorio das leis militares*, um *projecto de ordenanças militares*, um *Diario do sitio da cidade do Porto defendida pelo ex-Imperador D. Pedro I*, de que elle foi testemunha ocular, por se achar alli com licença, e a sua *Viagem da côrte á provincia de Goyaz.*

Era sua mulher D. Maria Venancia de Fontes Pereira de Mello; em verdes annos morrêra sua filha D. Gracia Ermelinda da Cunha Mattos, que servia de secretaria em seu gabinete, e que acompanhava seu pai no amor das letras.

Falleceu em 1839.

ROBERIO DIAS.

Um dos moradores principaes, e dos mais poderosos da Bahia, descendente de Catharina Alvares; foi fama mui recebida, que tinha uma baixella, e todo o serviço da sua capella de finissima prata, tirada de minas, que achára nas suas terras; esta opinião se verificou depois com a resolução de Roberio, porque sabendo ser já publica esta noticia, que muito tempo occultára, passou a Madrid, e offereceu mais prata no Brasil, do que Bilbáo dava ferro em Biscaya, se se lhe concedesse a mercê do titulo de Marquez das Minas, que se conferio a D. Francisco de Souza, governador e capitão general, ficando Roberio com o lugar de administrador das minas, além de outras promessas, das quaes pouco satisfeito, voltou para a Bahia na mesma occasião, em que vinha o governador, com cuja licença seguio para as suas terras a espera-lo, e a prevenir o descobrimento, ou a desvanece-lo, e a frustrar-lhe a jornada; brevemente a fez D. Francisco de Souza com todas as prevenções, e instrumentos precisos para aquella diligencia; mas Roberio Dias o encaminhou para rumos tão diversos, que não foi possivel ao governador, nem a toda a comitiva achar rastos das minas que tinha assegurado. Este engano, ou se julgasse commettido na promessa ou na execução, dissimulou o governador emquanto dava conta a El-Rei, e sem duvida experimentaria Roberio Dias o merecido castigo, se antes de chegar a ordem real não houvera fallecido (na prisão), deixando aquellas

esperadas minas occultas , até aos seus proprios herdeiros.

ROMUALDO ANTONIO DE SEIXAS (D.)

Nasceu em Cametá, da provincia do Pará, a 7 de Fevereiro de 1787, e depois de fazer os seus primeiros estudos naquella provincia, sob a direcção de seu tio o padre Romualdo de Souza Coelho, depois bispo daquella diocese, foi prosegui-los em Lisboa nas aulas da congregação do oratorio. Aos dezenove annos entrou em sua provincia no magisterio de grammatica latina, rhetorica, e philosophia, regendo estas cadeiras no seminario episcopal.

Seus talentos, virtudes, e sciencia, o elevárão ao cargo de Arcebispo da Bahia, metropolitano e primaz do Brasil, para que foi escolhido aos trinta e nove annos de idade, primeiro conde e primeiro marquez de S. Cruz, deputado á assembléa geral nas legislaturas de 1826 a 1841, e ministro do imperio, nomeado em 1838, lugar que não aceitou.

Conciliou a affeição e estima dos subditos com o respeito devido á eminencia dos cargos que occupava.

Falleceu na idade de setenta e tres annos aos 29 de Dezembro de 1860, deixando muitos trabalhos litterarios, que correm impressos.

ROMUALDO DE SOUZA COELHO (D.)

Nasceu na villa de Cametá, no Pará, a 7 de Fevereiro de 1762; exerceu muitos empregos tendentes ao sacerdocio, e em 22 de Janeiro de 1819 foi apresentado por El-Rei para a cadeira episcopal do Pará, verificando-se assim a predicção do bispo D. Manoel d'Almeida Carvalho, o qual, depois de o ter enviado ao Rio de Janeiro a cumprimentar o soberano, dizia que elle hia ser conhecido, e que seria o seu successor.

A Bulla de Pio VII datada de 29 de Agosto de 1820 confirmou-o no bispado, sendo sagrado pelo bispo do Rio de Janeiro ao 1.º de Abril de 1821.

Foi um dos deputados mandados ás côrtes constituintes e extraordinarias de Portugal em 1822, e desde então prestou muitos serviços ao seu paiz.

Invadido de uma enfermidade a que a medicina não soube dar nome, sahio duas vezes em Maio de 1836 de sua jazida, encostado nos hombros de dous sacerdotes, para fallar aos ferinos rebeldes, que senhoreavão a cidade desde Agosto de 1835; na primeira rogou « a esses embrutecidos, delirantes filhos de uma terra « meiga, que a entregassem ao presidente mandado pelo « governo imperial, promettendo exorar amnistia; e na « segunda implorou com um crucifixo nas mãos, e com « assiduas lagrimas, que abandonassem o intento de « abrazar a cidade, e dessem assim termo aos lugubres « clamores que rompião os céos. »

Ficou surdo da molestia, que reduzio seu corpo a

um arcabouço coberto de pelle. Morreu na idade de setenta e nove annos e oito dias em 15 de Fevereiro de 1841.

ROSA MARIA DE SEQUEIRA (D.)

Nascida em S. Paulo em 1690. Ligada em casamento ao desembargador Antonio da Cunha Souto-Maior, seguio para a Bahia em companhia de seu marido, e ahi embarcou para Lisboa em Dezembro de 1713.

Na madrugada de 20 de Março de 1714, na costa de Lisboa, quinze leguas ao mar das Berlengas, avistou-se ao largo tres vélas; —erão corsarios argelinos, que infestavão então os mares, aprisionando náos christãs, e captivando aos que nellas encontravão.

Travou-se um combate entre os corsarios, e a náo Nossa Senhora do Carmo, e S. Elias; e D. Rosa assignalou-se nelle por suas acções, animando os guerreiros, ministrando armas a uns, levando polvora a outros, e sempre repetindo « *viva a fé de Christo* », re prehendendo a alguns judeus, que ião presos remettidos ao santo officio, os quaes mostravão desejar o triumpho dos argelinos, affrontando perigos de toda a especie, e aprompatando cartuchame durante duas noites para o combate do dia (*).

Ignora-se o fim de tão distincta brasileira, nem consta que lhe fosse concedido premio algum por tanta heroicidade.

(*) A náo demandou a barra de Lisboa, onde entrou em 22 de Março de 1714.

RUY VAZ PINTO.

Governador do Rio de Janeiro, e deste cargo tomou posse em 19 de Julho de 1617. Obrigava o povo com penas pecuniarias a fazer guarda á sua porta, tanto de dia, como de noite, com arcabuzes e fachos acesos: aos que faltavão mandava condemnar em vinte cruzados, fazendo-lhe logo penhora em trastes de igual valor até pagarem.

Neste governo é que pela primeira vez se accordou que houvessem negros para carregarem, e descarregarem as embarcações, facultando-se privilegio a Duarte Vaz para os dar; providencia que produzio terriveis effeitos, não só no monopolio, que se consentio áquelle Vaz, como tambem na copiosa entrada dos negros da Costa d'Africa, de que progressivamente forão resultando as mais tristes consequencias. E' verdade que já havia tambem o intoleravel abuso de servirem os indios como escravos.

SALVADOR CORRÊA DE SÁ E BENAVIDES.

Nascido em 1594, e baptisado na freguezia de São Sebastião do Rio de Janeiro. Entrou em serviço publico em 1612; o primeiro feito relevante que praticou foi a conducção de um comboio de trinta navios, que a salvamento das piratarias hollandezas passárão de Pernambuco á Europa.

Voltando ao Rio de Janeiro reunio trezentos homens na

capitania de São Vicente (S. Paulo), com os quaes, e com tres canôas de guerra e duas caravelas, partio em 1625 para coadjuvar a armada, que de Lisboa sahíra em 24 de Novembro de 1624 para effectuar a expulsão dos hollandezes da cidade da Bahia.

Em viagem para esta cidade, aportou no Espirito Santo, onde forão encontra-lo seis nàos hollandezes, que andavão a corso. Taes intenções forão frustradas pela intrepidez de Salvador Corrêa, que cahio sobre o inimigo, e lhe causou perdas consideraveis.

Chegando á Bahia ainda a tempo, auxiliou o feliz exito da regeneração desta cidade no 1º de Maio seguinte, a qual se achava em poder dos hollandezes havia quasi um anno.

Em 1634 foi Salvador Corrêa nomeado almirante do mar do Sul com ordem de ir combater os rebeldes, que se apresentárão ameaçando a provincia do Paraguay. Nesta commissão desbaratou os Calequis, fazendo prisioneiro seu caudilho D. Pedro Chancuy, que mais de trinta annos resistia em guerra. A provincia de Tucuman ficou tambem perfeitamente pacifica com o ganho da batalha de Palingarta em 1635. A gloria desta victoria foi alcançada por Benavides á custa de doze feridas de flecha.

Por carta patente de 21 de Fevereiro de 1637 foi nomeado capitão-mór e governador do Rio de Janeiro. Vio-se embaraçado com os habitantes de S. Paulo por causa da liberdade dos indios, que elles atacavão, e que os jesuitas querião sustentar a todo transe; para alli partio, com o fim tambem de inspeccionar as minas, demorando-se mais do que pensava, porém conseguindo deixar tudo em paz.

Em 1645 dirigindo-se a Portugal como general de uma frota, aconteceu amanhecer defronte do Recife com trinta e sete vélas em 12 de Agosto, deixando por essa occasião grande soccorro, que muito concorreu para os felizes successos de Fernandes Vieira.

Lembrado para soccorrer o reino de Angola ; apregoando por todos os modos o damno, que resultaria ao Brasil, se Angola ficasse em mãos inimigas, obteve a somma de oitenta mil cruzados, com que se apparelhárão dez vasos guarnecidos e municiados, além de novecentos homens de tropa. O seu triumpho na barra de Angola foi completo, fazendo evacuar os hollandezes de suas costas, e governou tres annos o reino angolense, voltando depois ao Rio de Janeiro com muita escravaria, com cujos braços supprio suas terras. Fundou em 1652 em Campos o templo de São Salvador, cuja administração ficou aos benedictinos.

Foi novamente nomeado governador da repartição do Sul, e vio-se embaraçado pela escassez de numerario na praça, pela adopção de medidas que não forão as mais felizes, e ultimamente pelo espirito de revolta que se desenvolveu contra elle, achando-se a serviço em S. Paulo, procedendo-se até a sequestro de seus bens, não sem grandes perdas. A chegada do desembargador Nabo Pessanha, que veio da Bahia como syndicante, tudo suffocou, e restabeleceu-se o socego, governando Salvador Corrêa ainda um anno.

Retirou-se para Portual, e ahi teve a paga de seus serviços distinctos — uma sentença com dez annos de degredo para as plagas ou sertões africanos, que outr'ora libertára !

A' custa de despezas enormes conseguio recolher-se

n'um convento de jesuitas, onde pretendia acabar seus dias; d'ahi sahio apedido de seu filho, fallecendo em 1° de Janeiro de 1688, com noventa e quatro annos de idade, offerecendo-se ainda ao principe regente Dom Pedro II., para serviços militares, e tendo uma vida activa e vigorosa.

Foi o fundador das villas de Ubatuba e Paranaguá, hoje cidades.

SATURNINO DE SOUZA E OLIVEIRA.

Nasceu a 29 de Novembro de 1803 no Corrego Secco, hoje Petropolis. Formou-se em jurisprudencia em Coimbra, d'onde voltou em 1825.

Tornou-se notavel, um anno depois de entregar-se á advocacia, pois lhe forão confiadas as causas do banco, da camara municipal, das principaes casas de commercio, e até a defesa de Antonio Carlos, e Martim Francisco, quando voltárão da deportação.

Prestou grandes serviços nas calamidades de 1831 e 1832, a par de Evaristo Ferreira da Veiga, já no campo de Sant'Anna, já no theatro de S. Pedro, suspendendo as descargas da força publica, irritada por toda a sorte de provocações contra a plebe desenfreada.

Tinha a faculdade de pensar e de escrever no meio do perigo com a mesma tranquilidade, com que o fazia no seu gabinete. No saguão do paço, no meio de um povo immenso, e da soldadesca insubordinada, que ameaçava os poderes do Estado, elle, com denodo e prudencia, orava a bem da ordem, e redigia ao mesmo tempo um protesto solemne contra essa multidão furiosa, que pedia

deportações, e se revestia de todo o apparato das paixões ferozes.

É notavel o sangue frio, com que respondeu a um anarchista, que vendo-o calmo a escrever aquella representação, lhe disse com tom ameaçador « *temos muita polvora e balas para lhe responder* » ao que Saturnino voltou, suspendendo a penna « *Sim, é de polvora e balas que precisamos para esmagar esta anarchia* » e continuou a escrever, como se nada houvera.

Em Mataporcos, á frente de seu batalhão, em 17 de Abril de 1832, soffreu o choque de um partido armado, e o desbaratou, tomando-lhe uma peça d'artilharia.

Foi eleito deputado, e nomeado inspector da alfandega, lugar que exerceu quinze annos. Foi elle quem promoveu a actual praça do commercio. Na regencia Feijó foi demittido por um conflicto entre elle havido, e o ministro da fazenda, mas foi reintegrado pelo visconde de Abrantes na nova regencia, manifestando o commercio por esse acto de justiça a sua reprovação ao acto anterior, por meio de apparatos festivos, em terra e no mar. As demissões não abatem as reputações fundadas em um longo tirocinio, e em provas constantes; porque ha horas na vida da humanidade, em que o patibulo se nivela com o throno, e a gloria se reflecte no cutelo do algoz: — o ostracismo governamental não póde abrogar a confiança publica, quando este privilegio é adquirido pelo talento, e pela probidade.

Aceitou a presidencia de S. Pedro do Sul, a instancias do Sr. Marquez de Olinda, em tempo que se travára uma luta, que tendia á destruição do imperio: — com a oliveira em uma mão, e a bayoneta na outra, apresentando-se a descoberto no meio dos acontecimentos, teve

de voltar ao seu emprego d'alfandega, porque o ministerio de 19 de Setembro o substituio pelo marechal Andréa.

Depois da maioridade foi obrigado ainda a voltar ao Rio Grande, prestou novos e extraordinarios serviços, até que o Sr. Marquez de Caxias foi alli completar a obra gloriosa da pacificação.

O hospital de caridade do Rio Grande, os mercados publicos desta cidade, e de Porto-Alegre devem-lhe o seu principio, e o augmento de suas obras.

Foi ministro de estrangeiros, e elevado ao senado pela provincia do Rio de Janeiro, falleceu sem tomar assento. Morreu pobre, foi necessaria a caridade dos amigos para seu funeral, e a protecção do Estado para a educação de seus filhos.

SEBASTIÃO DE CASTRO CALDAS.

Governador nomeado para o Rio de Janeiro, a fim de substituir Antonio Paes de Sande, no caso de ausencia, ou fallecimento deste. Tomou posse em 19 de Abril de 1695.

Governador tambem de Pernambuco: produzio entre o povo muitas queixas e estimulos, que forão de dia em dia crescendo, e que o obrigárão a commetter excessos e desatinos; de modo que, em tal desesperação, lhe derão um tiro em 17 de Outubro de 1710, á tarde, indo com outros em sua companhia, fazendo-se a pontaria de uma casa na rua de Santo Antonio, do Recife, que se achou vazia, e só se virão duas pessoas a bom correr della sahindo.

Não forão mortiferas as balas, porque, parece, confiava mais o escopeteiro da actividade e virtude do veneno, com que as hervára, poupando por isso a polvora, para que ficassem dentro no corpo, onde produzissem o effeito da morte. Não se souberão os aggressores.

Retirou-se furtivamente para a Bahia, deixando o povo ainda entregue aos horrores de uma guerra civil, em que se perdêrão vidas, casas, e fazendas. Foi preso e enviado para Lisboa, sabendo-se que furtivamente pretendia voltar a Pernambuco, aonde o chamavão os seus parciaes.

THEODORO DESCOURTILZ.

Naturalista francez, subvencionado pelo governo brasileiro para colleccionar objectos naturaes, o qual falleceu na villa de Santa Cruz, da provincia do Espirito-Santo, dizem que envenenado pela aspiração das preparações arsenicaes, que respirava em seu acanhado dormitorio.

Remetteu para o museu nacional, durante suas excursões pela provincia do Espirito-Santo:

Coleopteros herbivoros	22	especies
Ditos carniceiros	12	»
Longicornes	30	»
Lamellicornes	13	»
Serricornes.	16	»
Coliades.	25	»
Rhycophoros	24	»
Hisperides	12	»
Castnias.	10	»
Glaucopris	6	»
Cycliscos	18	»

Orthopteros	11	especies
Hemipteros.	8	»
Melazomes	17	»
Lepidopteros nocturnos	14	»

Na officina de Rensburg forão publicadas em folio grande, com estampas coloridas, quatro partes de sua — *Histoire des oiseaux brésiliennes*.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

O cantor de *Marilia de Dirceu*, nascido em 1747, concluio os seus estudos na Universidade de Coimbra em 1768. Foi despachado ouvidor para Minas, onde desenvolveu estimulos amorosos, que o creárão poeta erotico, e onde, por suas virtudes, acreditou-se que seria proclamado chefe de uma conspiração, alli premeditada, que lhe promoveu a prisão e degredo em Africa, onde falleceu. Gonzaga attribuio sempre a infames impostores as algemas, que lhe lançárão, tomando como ultrage o ser taxado de cumplice na sedição. É admiravel a nobre audacia com que se resignára até a soffrer uma injusta morte, e a convicção que tinha, de que essa morte era uma nova palma de martyrio, que jámais murcharia. Sua condemnação foi de degredo perpetuo para as Pedras d'Angoche, mas depois foi commutada esta pena em dez annos de degredo para Moçambique. Aqui quiz elle dedicar-se á advocacia ; mas de continuo lhe vinhão á mente as injustiças dos homens ; — fez-se.. .. hypocondriaco. Algum tempo depois sentia que a cabeça se lhe abrasava, e deixou de trazer chapéo. Mas o calor que soffria não era physico. Foi acommettido de uma febre violenta, de que escapou pelos soccorros da

medicina, mas o espirito foi de mal a peior. Terminou seus dias, louco, em 1809 (*).

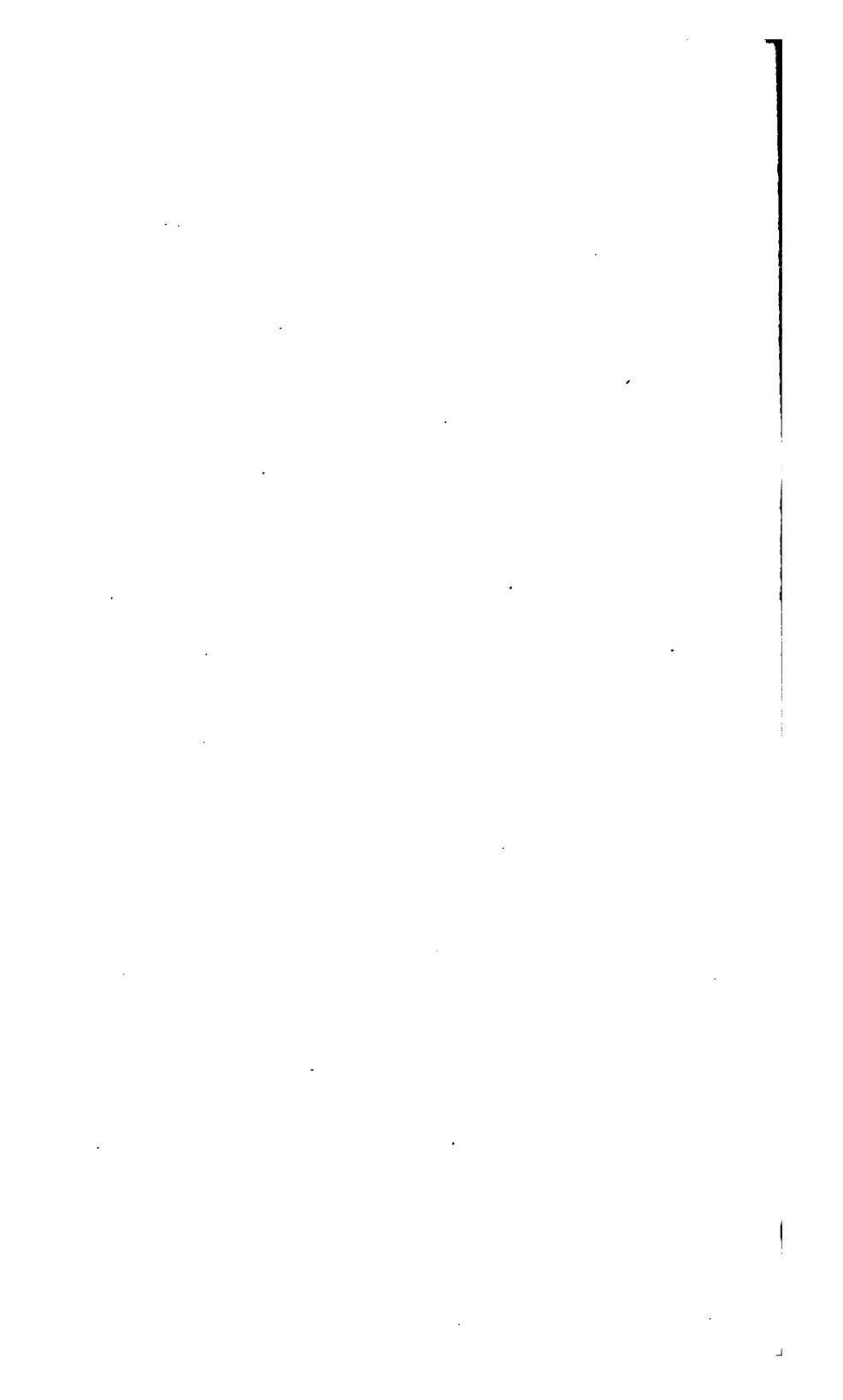
Em 10 de Fevereiro de 1853 falleceu em Ouro Preto D. Maria Dorothea de Seixas Brandão, a quem se dizem dedicados os versos de *Dirceu.*

VICENTE JOSÉ FERREIRA CARDOSO DA COSTA

(DESEMBARGADOR).

Natural da Bahia, e, até 1810, esteve em Portugal em exercicio de officios publicos. Naquelle anno foi transferido para S. Miguel, onde casou, depois de ter estado na Ilha Terceira em virtude da deportação e prisão, que soffrêra de ordem da regencia do reino, que o comprehendêra na *Setembrisada,* isto é, *jacobino,* ou suspeito de protecção aos Francezes (**).

(*) Vid. Var. Ill. de Per. da Silva, 2º vol. 1858, e Dicc. Bibl. de Innocencio, 7º vol. 1862. Ao Dr. Gonzaga é attribuido o celebre poema—*Cartas Chilenas*—, historia anecdotica e comica das tropelias do governador de Minas-Geraes Luiz da Cunha de Menezes.

(**) Vid. Dicc. Bibl. de Innocencio, vol. 7º, 1862.

PARTE II

Indigenas.

Ababas. Indios das margens dos rios da provincia de Matto-Grosso.

Abaeté. Nome de uma tribu indigena, que habitava nas vizinhanças da povoação mineira, onde existem minas de chumbo (*).

Abarajá. Indios das vertentes do *Tocantins.*

Acipoias. Nação de indios guerreiros e antropophagos, alliados dos *Jurunas,* os quaes habitavão as margens do rio *Amazonas.*

Acorod.—Acroás. —Indios da margem de *Parnahyba,* e *Uruçuhy,* na provincia de Piauhy (**).

Adoriás. Indios melancolicos e desconfiados, da provincia do Pará, os quaes cultivão em lugares reconditos pequenos terrenos, que abandonão depois da colheita.

Aimorés (***). Indigenas que habitavão entre Camamú, e Caravellas, da provincia da Bahia, e que não tinhão aldeias, nem casas.

(*) Tambem freguezia na provincia do Pará. Rio e povoação na provincia de Minas. Na etymologia dos indios significa —*pessoa notavel.*—

Tres criminosos achárão no rio deste nome, que fica na comarca de Paracatú, o celebre brilhante —*Regente*— que adorna a corôa de Portugal.

(**) Vid. Almanak de lembr. bras. do Dr. C. A. Marques, 3º anno, 1868.

(***) *Aimorés* é a corda de montanhas, que vai ao longo do mar desde os Ilhéos até á serra Macacú, onde se acaba.

Erão conhecidos tambem por *Coroados*, vivendo errantes nas espaçosas florestas do rio Doce, e Jequitinhonha. Seu culto reproduzia-se por tantos idolos, quantos inventava a sua caprichosa phantasia, em attenção ás conveniencias de sua vida selvagem.

A condição bravia e feroz destes indios não era sustentada ante suas mulheres, em cuja presença mostravão-se doceis, affaveis, e condescendentes. A tregoa que depois de innumeros annos de guerra e desolações houve entre elles, e os colonos estabelecidos no territorio entre Belmonte e a Parahyba do Sul, foi promovida por uma de suas mulheres, apprehendida por Alvaro Rodrigues, com o interesse de ser sua esposa; e tanto preponderou ella no animo de seus compatriotas que commoveu-os a sustarem a luta, entregando-se-lhe a frecha de ponta quebrada, que symbolisava a paz entre os belligerantes.

Amadús. — O mesmo que *Gradaús.*

Amanaiús. Nação de indios selvagens, oriunda dos desertos do Pará.

Amanajós. Idem.

Amoypirás. Hordas selvagens, que habitavão as margens do rio S. Francisco, nas terras de Pernambuco confinantes com a Bahia. Vivião em contínua guerra, captivavão-se, matavão-se, comião-se sem piedade.

Anjetgé. O mesmo que *Amanaiús.*

Appiacás.
Apiaçás.
Apicás. } O mesmo que *Abábas.* Tem boa indole, e é bom o seu serviço.

Apinagés. Indios das margens dos rios do Pará, especialmente do Tocantins, que pirateão a seu salvo, vivendo de frutas boscarejas, e' do que cáção e pescão.

Araés. Indios de Goyaz (*).

Arapiuns. Indios, que habitavão as margens do Amazonas.

Aricoronese. O mesmo que *Apiaçás.*

Aruans. Indios das margens do Amazonas.

Aruaquis. Indios da provincia do Pará, antropophagos, e dados a empeçonhamentos.

Bacurís. O mesmo que Quajajás.

Baracahyguá. Indios da provincia de S. Paulo (**).

Barbados. Indios que habitão as margens do Amazonas;—meios gigantes por sua corpulencia, de animo intrepido para acommetter homens e féras —pescadores de tartarugas.

Beaquiéos. — *Beaquecós.* —Tribu de indios da nação Guaycurú, habitadores de Matto-Grosso, e do Paraguay.

Bororós cabaçaes. Indios de Matto-Grosso.

Botocudos. Indios das margens do Rio Doce e do rio Cricaré, ou S. Matheus, na provincia do Espirito-Santo.

Cabaços. Vide *Timores.*

Cabahibas. Selvagens que habitavão as mattas de Pernambuco.

(*) Consta, por tradição, que Manoel Correia foi o primeiro que ambicioso de possuir *escravos indios*, que era a maior riqueza do Brasil, em quanto o commercio d'Africa não o abasteceu de *escravos pretos*, chegou até o lugar dos famigerados *Araés*, a que depois o gentio *Goyá*, habitante no lugar da maior riqueza, fez dar o nome de Goyaz. Mais tarde, em 1682, foi o descobridor Bartholomeu Bueno da Silva, filho da Parnabyba, naturalmente affouto e astucioso, a quem o gentio deu o nome de *Anhanguera* (Diabo velho) pelo estratagema de acender aguardente em uma vasilha com ameaça de abrazar todos os rios e todos os indios que se lhe não rendessem.

(**) Vid. Almanak de lembr. bras., do Dr. C. A. Marques, anno 3º, 1868.

Cabixis. Indios das margens dos rios de Matto-Grosso.

Cacatapuyas. O mesmo que *Aruaquis.*

Cahetés—Caethés—Cahités (*). Indios de Matto-Grosso. Em suas mãos cahio, e por elles foi comido, o primeiro bispo do Brasil D. Pedro Fernandes Sardinha, e a gente de sua companhia, quando no anno de 1560 naufragárão, indo para Portugal, entre o rio de São Francisco, e Pernambuco. Fazião crua guerra a todos os gentios seus vizinhos, que erão os Pitaguares—Tupinambás—Tapuias—e Tupinaes, e não perdoavão a captivo algum, que não comessem (**).

Caiuás—Cayuás.— Cajoás. Indios do grande rio Paraná, habitando nas cabeceiras do Iguatemy, e outros affluentes.

Camacans. O mesmo que os *Cahetés.* Não negando a subsequente vida dos que morrem entre elles, acreditavão na metempsycose.

Camarares. Vide *Cabahibas.*

Cambebas. Indios do Pará. Acreditavão no poder dos feiticeiros, e observavão agouros ; forão os primeiros

---

(*) Caethé é uma povoação de Minas, e significa—*matta virgem*—. É tambem villa e rio no Pará, e alguns escrevem—Cayté—.

(**) Adoravão o *maracá* (especie de chocalho feito da fruta da coloquintida, com um punho ornado de pennas), no qual introduzião pequenos grãos, ou pedrinhas, que, pela agitação, produzião um ruido surdo. Como emblema do poder lhes suggeria acatamento e oblações, se a attitude que tomava nas mãos do *pagé* que o conduzia, era o caracteristico da benignidade; ou profunda consternação ou temores, se as mãos do impostor lhe imprimião rapidez nos movimentos e oscillações, que fazião dar a seu arbitrio, e quasi sempre com intenções malignas. Apparecia em todos os jogos e festins, onde, elevado ao ponto mais visivel do lugar, tornava-se o objecto do canto e dansa, e ia sobranceiro, como a insignia de honra da nação, entre as phalanges armadas, que se destinavão á guerra, invocando-se os seus bons auspicios para que ella triumphasse nos combates.

em fabricar a gomma elastica, e erão os unicos que não se servião de arcos para desfechar as frechas ; empregavão nisso uma palheta semelhante á de que usavão em Cusco as tropas de Atabalipa ; lavravão vestes do feitio de tunicas, sem mangas, sendo o algodão plantado e fiado pelas mulheres, as quaes tambem fabricavão umas pequenas cobertas de côres variadas, a que chamavão *tapeciranas*.

Cames. Indios, que habitavão os sertões de Coritibá, na provincia do Paraná.

Campezes. Gentios que habitavão casas subterraneas ; começavão desde tenra idade a puxar a pelle da barriga até cahir pelo meio das coxas, sendo este o vestido com que cobrião as partes, que a natureza e o pudor mandão occultar.

Canaytegés. Indios das margens do Tocantins.

Canoeiros. Indios habitadores das margens do rio Tocantins. Vivem rio abaixo, e rio acima, pescando, caçando, e divertindo-se ; nadão, mergulhão, e andão por baixo d'agua, como se fossem peixes. De quando em quando assaltão as fazendas de gado, e matão este por meio de ferozes cães, grandes e valentes, que possuem.

Capepuxis. Indios da provincia de Goyaz.

Carajahi. O mesmo que *Abarajá*.

Caraús. O mesmo que *Angetgé*.

Carijós. Indios que habitavão desde S. Vicente até o Paraguay. Erão pouco bellicosos, de boa razão, não matavão os *brancos*, não comião carne humana. Erão os melhores indios da costa, na opinião do padre Nobrega.

Caririis. Indios da provincia das Alagôas.

Carnizes. Indios do Amazonas, barbaros, guerreiros e antropophagos. São alliados dos *Jurunas*.

Cauanás. Indios que não têm mais de cinco palmos de alto, e existião junto ás cabeceiras do rio Vuruá, que desagua na margem austral do Amazonas.

Cauaxis. Vide *Cacatapuyas*.

Cautarios. Vide *Camarares*.

Cayapós. Selvagens da provincia de Goyaz.

O *Monitor Goyano*, em Julho de 1867 dizia: « Os Indios Cayapós invadírão o presidio de Santa Leopoldina, lançárão fogo em uma casa, que ardeu toda, fizerão algazarras, e depois retirárão-se ufanos, porque o commandante não se animou a repelli-los, em razão de existirem na povoação sómente tres praças da guarda nacional. »

Cayuvicenas. O mesmo que os *Adoriás*, sendo destrissimos na pesca e na caça.

Chambioás. Indios que pertencem á nação dos *Carajás*. Andão nús, pintão-se de escarlate por meio do urucú. São trabalhadores; suas roças estendem-se por mais de meia legua pela margem do rio Araguaya; plantão nellas bananeiras, mandioca, batatas, cannas, etc. Sabem tecer algodão em panno, e em rêde.

Chanés. Indios de Matto-Grosso e Paraguay.

Charaós. Indios, que habitavão nos confins de Goyaz com a provincia do Maranhão, tendo sido removidos para a aldeia de Pedro Affonso, nas margens do rio Tocantins, ao norte de Goyaz, por terem dado motivos de queixa aos fazendeiros. Sem religião, e na maior superstição, usando frequentemente de feitiços para se vingarem reciprocamente, andavão nús, excepto o sexo feminino, que usava de um cordão na cintura,

cobrindo-se mal com qualquer folha. A serem bons caçadores, bons corredores, e jogadores de frechas ensinavão os filhos, que não tinhão respeito aos parentes. Admittião a polygamia, o divorcio, e acreditavão em uma vida futura. Por occasião das festas, que erão muito frequentes, enfeitavão-se de pennas de passaros, e tingião-se de côres differentes. As mulheres só se occupavão em preparar comida para os maridos, e os filhos. Entendião que, tornando-se christãos, não podião mais ir morar em companhia dos parentes fallecidos, que tanto amavão. Dizião que — baptizar-se era o mesmo que abreviar-se a vida.

Charruas. Indios da provincia de S. Pedro do Sul.

Chavante. Vide *Caraús.*

Cherente. Idem.

Coatá tapieya. Affirma-se terem caudas todos os indios desta nação, por procederem de indias, que se fecundárão com uma especie de monos, chamados *coatás.* Existe uma formal e authentica attestação do padre Frei José de Santa Thereza, religioso carmelita, e vigario do lugar de Nogueira, em que testifica, *in verbo sacerdotis,* « ter vindo alli em 15 de Outubro de 1768 um dos referidos indios, a quem elle fizera despir debaixo do pretexto de tirar do rio umas tartarugas, e então lhe víra (sem padecer duvida) uma cauda da grossura de um dedo pollegar, e do comprimento de meio palmo, asseverando o dito indio, que todos os mais de sua nação assim tinhão.»

Coevanas. O mesmo que *Aruaquís.*

Collinos. Indios do Pará, que roubavão e matavão, confiados em serem levissimos na carreira.

Combocas. Indios do Pará, Maranhão, e Amazonas.

Coroá. Indios de Goyaz.

Coroados. Nação de indios poderosa, e muito guerreira, conhecida tambem por Goytacazes, a qual se encontrava internada pelos sertões de Campos, vivendo tambem errantes nas espaçosas florestas do rio Doce, e do Jequitinhonha. Estes ultimos erão tambem conhecidos por Aimorés. Nas mattas de Coritiba existião indios conhecidos por *Coroados*, ou *Dorins*.

Em 1868 o ministerio d'agricultura offereceu ao museu nacional uma collecção de pequenos vasos de fórmas primitivas, fabricados por estes indios, e pelos Cajoás do aldeamento de S. Pedro d'Alcantara, no Paraná. Estes vasos forão expostos na sala de ethnographia do museu.

Coropoques. Vide *Combocas.*

Coxiponé. Indios conquistados por Antonio Pires de Campos, o primeiro que subio com alguns companheiros o rio Cuiabá, que nasce no lago ou pantano Perizal. No lugar, em que se fundou a cidade de Cuiabá, que estava então entre muitos arvoredos, achou-se em 1722 uma das maiores manchas de ouro, que tem dado o Brasil, porque, dentro de um mez, se tirárão mais de 400 arrobas deste metal.

Crixás. Indios de Goyaz.

Crutriás. O mesmo que *Cautarios.*

Cumacumans. O mesmo que *Adoriás.*

Cupinharós. Indios das margens do Tocantins.

Curinquans. Indios gigantes do Amazonas.

Dorins. Indios dos sertões de Coritiba, que se chamavão tambem *Coroados.* Formárão em 1822 uma especie de seita, cujo principio era o uso de bailes que duravão toda a noite, e em que se embriagavão, estado em que praticavão as maiores torpezas.

Fecunas. Indios do Pará, indolentissimos, todavia os unicos que preparão os passaros mortos a tiro de zarabatana, em cuja preparação algum tanto prejudicão as pennas na sua côr e fórma natural, e por isso não são cabalmente estimaveis estes exemplares zoologicos.

Gaimares. Indios que moravão pelos mattos, espantavão-se quando vião os christãos, dizião que estes erão seus irmãos porque trazião barbas como elles, as quaes não trazião todos, antes se rapavão até as pestanas, e fazião buracos nos beiços e ventas, pondo uns ossos nelles, que parecião demonios. Trazião um arco mui forte em uma mão, e na outra um páo mui grosso, com que pelejavão os contrarios, e facilmente os despedaçavão, sendo muito temidos.

Gamellas. Indios do Codó, no Maranhão.

Gineos ou *Guiéos.* Tribu de indios de Matto-Grosso.

Goianazes. Indios que habitão as margens do Amazonas, excellentes caçadores e fura-mattos.

Goijarazes. Duas nações de indios, que habitão as margens do Amazonas, sendo uma de estatura mediana e outra de corpo agigantado.

Goyaz. Indios de Goyaz.

Goytacazes. Nação de indios, que tambem se chama *Coroados*, poderosa e guerreira.

Gradaús
Guaya-guçú } Indios de Goyaz.

Guayanazes. O penhor que servio de liga a João Ramalho para com o chefe da nação destes indios, nos famosos campos de Piratininga (S. Paulo), foi a filha do cacique dada ao aventureiro, para firmar a fidelidade que

entre ambos se pactuou; o cacique foi seguro e leal em sua palavra, e Ramalho falseou ao momento que poude contar com o apoio do sequito de Martim Affonso.

Guaycurús (*). Pertencem á nação dos Chanés, e dividem-se em varias tribus. São tambem conhecidos por *Cavalleiros*. Fazião guerra aos gentios, por elles chamados *Cayavaba* e por nós *Coroados*. Os primeiros que derão noticia destes barbaros forão os antigos Paulistas, e já os encontrárão senhores de grandes manadas de gado vaccum, cavallar e lanigero. Os mesmos Paulistas receiavão encontra-los em campo limpo, pelo modo porque erão acommettidos. Tanto que os *Guaycurús* os vião, ajuntavão os cavallos e bois, e, cobrindo os lados, os apertavão, de sorte que, na violencia que levavão, rompião e atropellavão os inimigos, e elles com as lanças matavão quantos encontravão por diante. Seguião assim o uso da antiguidade, pois já o gado foi causa de Amilcar ser vencido pelos Vetões, e da salvação de Annibal nos desfiladeiros junto a Caselino, quando estava cercado pelo dictador Fabio. Divide-se a nação em nobres, soldados e escravos; reputa-se villeza casar com escravo, a ponto de desprezar o filho a mãi, que assim casa. São de côr mais escura que a de cobre, altos, bem feitos, capazes de resistir á fome e á sede, endurecidos nos trabalhos. Costumão arrancar as pestanas e sobrancelhas. Guardão muita abstinencia nas molestias. Mastigão a comida com muito vagar.

(*) Habitão o lado oriental do rio Paraguay; pelo lado occidental habitão os *Cavalleiros* até abaixo de Corrientes. Chamão-se *Lenguas* os que vivem nas terras fronteiras á cidade d'Assumpção, e são conhecidos tambem por *Xiriquanos*.

Não se conhece entre elles o escorbuto nem mortes repentinas. Não ha calvos; os velhos trazem a cabeça rapada em roda, á semelhança dos leigos franciscanos. Conservão até á morte os dentes denegridos e mal postos. Tratão os meninos com demasiado mimo. Conservão semblante melancolico, estando quietos. Os homens vivem nús, trazendo plumas e enfeites de pennas na cabeça, pulsos e pernas. Pintão todo o corpo com tinta de urucú e genipapo. Usão cinto de algodão tinto, da largura de um palmo. Têm furado o beiço inferior, e nelle mettido um páo da grossura média de uma penna de escrever, e do comprimento de um terço de palmo; os mais ricos trazem-n'o de prata; e nas orelhas trazem meias luas de prata, isto ha mais de duzentos annos, tempo em que matárão um filho do Portuguez Aleixo Garcia, e outros que vinhão dos serros do Potosí, o que deu causa ao engano dos Hespanhóes em chamarem Rio da Prata, por encontrarem estes indios com porção della. As mulheres têm a cara larga, mandão-se picar com espinhos na testa, formando linhas que começão na raiz do cabello, e vêm acabar sobre as palpebras, face e barba, onde fórmão um xadrez. As donas fazem um quadrado nos braços, soffrendo crueis dôres em todas as occasiões. Andão envoltas dos pés ao pescoço em um grande panno de algodão, cujo peso lhes faz cedo cahir os peitos; as mais asseiadas trazem nelles muitas rodinhas de conchas, postas com a madre-perola para fóra, e seguras com linhas. Trazem debuxada no proprio corpo a marca do seu cavallo. Usárão antes de pelles de veados. Debaixo do panno trazem uma tanga, de que fazem usar as

meninas desde que nascem. Canudos de prata enfiados em linhas, que trazem ao pescoço; contas nos pulsos e nas pernas, e uma chapa de prata no peito, para feitura da qual lhes serve de safra uma pedra e outra de martello. Na primitiva erão de páo estes enfeites. Têm mimosos os pés e o animo terno e compassivo. Com muito cuidado e desvelo crião toda a especie de animaes e passaros bravios. É muito curioso este povo, e tem propensão para fazer tecidos.

O *Guaycurú* escolhe a mulher com quem pretende casar, e a pede a seu pai; se lhe é concedida, dorme com a noiva na primeira noite, sem que haja cohabitação, e ao outro dia é entregue a noiva sem dote algum, senão os enfeites e o direito á herança, que lhe tocar por morte do pai. Nunca mais fallão ao genro o sogro e a sogra. Podem separar-se os casados e contrahir nova alliança, mas raras vezes isso acontece.

Antes de 30 annos as mãis matão os filhos no ventre para não incommodarem o marido durante a criação. As mulheres amão com excesso aos maridos, de que ha provas em muitos factos. Ha meretrizes, que são homens affectando todos os modos das mulheres, e usando o peccado amaldiçoado por S. Paulo, e outros, que impedem a propagação humana.

Vivem em casas portateis, cobertas de esteira, abertas pelos lados. Dormem sobre pequenos feixes de palha e pelles de carneiro. Comem tudo sem tempero, assado ou cozido sordidamente, quatro ou cinco vezes no dia, e no mister da cozinha occupão-se ambos os sexos. Os homens cáção, pescão, tirão palmito, e cuidão na guerra e nos cavallos; as mulheres fião algodão, tecem pannos e cintas, fazem cordas, louça e esteiras.

Os divertimentos são estes, em noites claras, em frente dos toldos onde morão. Seis homens forçosos pegão em um panno, em que mandão assentar um menino, e sacodem depois tanto que o rapaz vai aos ares violentamente, e volta abaixo, cahindo na posição que succede. As mulheres fechão um circulo, pegando umas nas mãos das outras, e depois sahe uma a correr em roda com muita ligeireza, até que outra do circulo, estendendo um pé a trás, embaraça a carreira e faz estender a companheira, muitas vezes com lastimosa quéda; trocão então os lugares e começão a mesma distracção.

Dividem-se as mulheres, outras vezes, em dous bandos, e de cada um delles sahe uma a insultar de palavras ao outro bando, e aquella que é mais abundante em nomes injuriosos fica victoriosa e applaudida ao som de grandes risadas. Depois passão ao pugillato, meio pelo qual acabão os homens suas contendas, menos nas desordens domesticas. Não cantão, mas ficão extaticos, e lacrimão quando ouvem cantar com melodia.

Correm cavalhadas nas festas; os homens andão em pello, ás mulheres servem de sella pequenos feixes de palha; a cabeçada é guarnecida de pedaços de arame de bacia, com guizos, e uma chapa de prata na testeira. Não usão de estribos.

Outros brinquedos existem, como azas de passaros nas mãos, querendo imitar os perús; com as mãos no chão investem como touros, ou saltão como sapos.

Fazem excessivo uso do tabaco: os homens cachimbão, e as mulheres trazem-n'o sempre entre o

beiço inferior e a gengiva. Não conhecem Deos; dizem, porém, que ha um ser bom, mas que em nada se embaraça, e que ha demonios que tentão os mortaes. Festejão o apparecimento das sete estrellas, não como divindade, mas por ser precursor do tempo de sazonarem uns côcos chamados bocayuvas, que lhes servem de precioso alimento.

A respeito de sua origem dizem mil desatinos; por exemplo, que depois de serem criados os homens, e com elles repartidas as riquezas, uma ave de rapina, que no Brasil chamão *carácará*, se lastimára de não haver no mundo *Guaycurú;* — que os creára, e lhes déra cacete, lança, arco e frechas, e lhes dissera que com aquellas armas farião guerra ás outras nações, das quaes tomarião os filhos para captivos, e roubarião o que podessem. A este passaro, porém, não tributão culto algum, antes o matão ás vezes e quantos podem.

Crêm que depois da morte as almas dos seus capitães e dos cirurgiões se divertem em passeiar pelas estrellas, e que as do povo ficão errando junto do cemiterio.

Nas suas viagens governão-se pelo sol; distinguem com nomes os quatro ventos geraes; contão os annos pelas vezes que dão fructo as arvores, os mezes por luas, com córtes nos troncos, e as horas pela altura do sol. Explicão os numeros pelos dedos das mãos e dos pés; e quando é muito o que querem explicar esfregão as mãos uma na outra.

Amão-se e vivem em harmonia. Não conhecem a medicina; nas enfermidades carregão com a mão e chupão com a boca a parte dolorida. Os seus cirur-

giões usão de varias extravagancias: sacodem uma cabaça com bastantes pedrinhas dentro, cantando noites inteiras com voz desabrida, procurando imitar ao mesmo tempo o canto dos passaros. Fazem crer que nesta occasião lhes vem do inferno fallar a alma e dizer se hão de morrer ou não; e quando querem vaticinar praticão da mesma fórma, ficando tontos com os movimentos de cabeça que fazem, e predizendo desatinos.

Morrendo alguma moça rica pintão-a, e enchem-a de joias como se estivera viva, envolvem-a em um panno pintado com conchas, cobrem-a com uma esteira fina, e leva-a um parente a cavallo até ao cemiterio geral, que é uma casa coberta com esteiras pelos lados, onde cada familia tem os seus jazigos divididos por estacas. Enterrada, deixão sobre a sepultura o fuso, a cuia e outras cousas de seu uso, assim como sobre a do homem o arco, as frechas, a maça, a lança, as armas e trastes de que usava. O cavallo em que o fallecido foi levado, e que deve ser o melhor que elle possuia, é morto junto ao cemiterio; e se foi guerreiro em vida enfeitão-lhe as armas com as flôres e plumas de diversas côres, que todos os annos renovão.

Mudão o nome todas as vezes que lhes morre parente ou escravo; fazem excessivo pranto, e muitas macerações, até que os parentes lhes pedem repetidas vezes queirão deixar tanto sentimento.

As mulheres explicão-se quasi sempre differentemente dos homens, por ser a lingua abundante em phrases e nomes. A pronuncia é mais guttural que nasal; carregão sobre a voz, e acompanhão o discurso com as mãos e gestos quando querem encarecê-lo.

Sabem todos os annos a matar outros selvagens, e aprisionar mulheres e crianças para captivos.

Os *Guaycurús* tratão com desprezo e soberba a todos os indios confinantes, que são os *Guaxis*, que habitão as 'margens do rio Imbotatuy, e os *Guanás*, nação muito maior que a dos seus oppressores. Esta procurou sacudir o jugo tyrannico a que estava submettida, vindo mais de trezentos, em Junho de 1793, ao presidio de Nova-Coimbra pedir a protecção dos Portuguezes. O sobrinho do capitão *Guaçú* (grande) foi mandado a Matto-Grosso com mais cinco, e o general o mandou fardar á sua custa com farda encarnada e agaloada de ouro, dar-lhe sapatos, fivellas de prata, botas, camisas de punhos, bastão e outras cousas de valor, sustentando-o em palacio todo o tempo que se demorou em Villa-Bella.

Os *Guaycurús* têm em suas aldeias indios das nações *Guaxis*, *Guanazes*, *Guatos*, *Cayvabas*, *Bororós*, *Coroás*, *Caiapós*, *Xiquitos* e *Xamococos*. Esta nação vende os filhos aos *Guaycurús* por machados e facas, e os *Guaycurús* lhe fazem guerra cruel, sendo de todos temidos pela vantagem de suas armas e cavallos. Andando a cavallo, se servem de todas as armas, lança, terçado, facão, maça. Embarcados, serve-lhes o remo de arma, por ter ponta em ambas as extremidades. Alisão a madeira admiravelmente por meio de um caracol, que quebrão nas costas, e que lhes serve de cepilho.

Os *Guaycurús* em 1719 ligárão-se com os selvagens *Payaguás*, quasi amphibios pelo grande uso que fazem das aguas, e pelo muito que são dextros nellas. Em 1792 esta tribu estava reduzida a mil pessoas,

e achava-se aldeada no Paraguay, como informou o general desta provincia, D. Joaquim Alves.

Em 1725 estes indios (*Payaguás*) destruírão uma frota de canôas, de commerciantes que vinhão de S. Paulo para as minas de Cuyabá, matando-lhes perto de seiscentas pessoas, e continuárão nos annos seguintes em tal carnificina, sendo victima, em 1730, o proprio ouvidor, que acabava de servir em Cuyabá, Dr. Antonio Alves Linha Peixoto. Lançárão nessa occasião ao rio sessenta arrobas de ouro, pois não lhe davão preço, contando-se até que na cidade da Assumpção trocárão seis libras do mesmo a uma mulher por um prato de estanho. Estes insultos continuos derão lugar a ordenar Sua Magestade em 1734 ao general de S. Paulo que mandasse fazer guerra aos gentios á custa da real fazenda, sahindo pela primeira vez uma grande armada do porto geral de Cuyabá, composta de cento e oito canôas de guerra e bagagens, e tres balças, que erão casas portateis armadas sobre canôas, onde celebravão os capellães da tropa, que se compunha de oitocentos e quarenta e dous homens. Os insultos, porém, continuárão até 1775, em que foi fundado o presidio de Coimbra para cohibir os insultos e atrocidades.

Em o 1º de Agosto de 1791 celebrárão paz e amizade perpetua com os Portuguezes, lavrando-se um termo no palacio do governador capitão-general de Matto-Grosso João de Albuquerque Mello Pereira Caceres, e servindo de interprete aos indios uma sua captiva, crioula, de nome Victoria.

Os *Guaycurús*, que assistem do fecho dos morros para baixo, têm paz com os Hespanhóes da provincia do Paraguay desde 1774, alliança feita por um padre

que soube introduzir-se entre os selvagens, dos quaes seguio todos os costumes, deixando arrancar-lhe as sobrancelhas e as pestanas, e casando-se entre elles.

Nos magotes que havião como auxiliares do exercito do general Artigas, com o qual este em 1816 aggredio á nova fronteira na provincia de S. Pedro, alguns havião que erão sempre os mais esforçados e valentes nos combates; e nos que erão mortos encontrárão-se pendentes do pescoço, á maneira de relicario, escriptos firmados pelo capellão do general, asseverando que aquelles que succumbissem *peleando contra los tiranos*, trazendo aquelle escapulario, passarião logo á gloria eterna, onde, em companhia de seus parentes e amigos, depararião todos os gozos que podessem desejar.

Guajajaras. Indios do baixo rio Mearim, do Maranhão, conhecidos tambem por Tymbiras, ou Tymbirás, os quaes respeitão muito a memoria de seus finados. Rapinantes dos fructos dos seus vizinhos e iguaes, e invasores do gado dos Portuguezes.

Guajazis. Indios pigmeos das margens do Amazonas.

Guanas, *Guanás*, *Guanãs.* Indios de Matto-Grosso, pertencentes á nação dos Chanés. Vivião aldeados nos terrenos adjacentes ao norte do presidio de Coimbra, e nos contiguos ao de Miranda. Possuem natural inconstancia, e affectada condescendencia, tendo o caracter de refinada dissimulação, e de certa desconfiança ainda dos mesmos beneficios que recebem, os quaes muitas vezes julgão, ingratos, menos graça do que divida. De vida errante e libidinosa, com horror ao trabalho, que considerão proprio de escravos, suppondo-se a primeira e dominante nação de indios,

vivem longos annos robustos e fartos, achando nos rios e campos bem provida despensa.

Vivem dentro de grandes casas, e estabelecidos tambem nas terras e mattos das escarpadas serras de Albuquerque. Tecem bons pannos, e alguns paicús, plantão milho, mandioca, morangos e batatas, que vendem, assim como crião porcos e gallinhas.

Guaranys. Estes indios são inseparaveis de suas mulheres em todos os lances e posições de sua vida, e resistem forte e obstinadamente a tudo que concorra para denegar-lhes sua presença ; o chefe militar que em campanha quizer a valiosa cooperação desses indios, e conserva-los contentes, submissos, e alegres, deve consentir que tenhão junto a si suas mulheres, e que estas os acompanhem, mesmo em todos os movimentos do serviço a que são destinados. Houve no municipio de Cabo-Frio uma aldeia destes indios (*).

Guatiadeos. Tribus de indios de Matto-Grosso.

Guatós — Guatos — Laianas. Indios de Matto-Grosso. Divididos em familias, isolados entre si, são polygamos, havendo alguns até com doze mulheres. O amor da independencia os conserva nas solidões. Não tendo casas, contentão-se com pequenos ranchos de ramagens, que fazem á pressa, quando os ameaça a chuva, e passão a maior parte do tempo em suas canôas, onde accommodão tudo o que lhes pertence, mulheres, filhos, cães, gatos, aves, e armas. Andão nús, e cobrem-se ás vezes, por ceremonia, quando se lhes apresentão estranhos.

Deixão crescer o cabello. São temerarios na guerra

(*) Alm. de lembr. bras., 3º anno, 1868, pag. 64.

que dirigem de arco e frecha, e de zagaia ás onças e tigres, de cujas pelles, bem como da de lontra e outros animaes, fazem seu principal commercio em troca de ferramentas e outros artigos. Vivem da caça e pesca, passão por leaes e honrados nos seus tratos, são avarentos, ciumentos, e mui decisivos nas suas resoluções.

Guayá-guçú. Vide *Gradaús.*

Gueguez. Indios da margem de Parnahyba, e Uruçuy na provincia do Piauhy (*).

Gurupá. Indios das margens do Amazonas, vagabundos e antropophagos.

Iranambés. O mesmo que os indios *Barbados.*

Jacarétapyás. O mesmo que *Cacatapuyas.*

Jacundá. O mesmo que *Abarajá.*

Jaguains. Indios, que habitão as margens do Amazonas, inimigos jurados dos Gurupás, antropophagos, trazendo as faces riscadas com debuxos e florões.

Jogoanharo. Bravo e heroico Tamoio, um dos chefes da famosa liga feita pelas numerosas hordas de Tamoios com o fim de exterminarem os Portuguezes, sendo a capitania de S. Vicente (hoje provincia do S. Paulo) o theatro dessa acção em 1562. Esse feito, que prova a nobreza e independencia de nossos sylvicolas foi decantado pelo poeta diplomata brasileiro Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, sob o titulo, *A Confederação dos Tamoyos.*

Jumas. O mesmo que *Collinos* e *Coevanas.*

(*) Alguns escriptores tem dito, que pelas solidões de Piauhy, nas abas de seus rochedos, se tem encontrado hieroglificos, gravados em lingua desconhecida, que attribuem aos *Gueguês*, e a outras nações indigenas, que, por esse meio, quizerão perpetuar grandes acontecimentos. Na *serra da ribeira do Curumatá* se encontrão com frequencia essas inscripções feitas nas rochas.

Jurazes. Vide *Carnizes*.

Juris. Vide *Cayuvicenas*. Julgão que a residencia da alma é nos ossos, e persuadidos disto queimão os dos defuntos, e bebem as cinzas infundidas no seu vinho.

Jurunas. Vide *Collinos*. São antropophagos, e bellicosos. Distinguem-se pela boca preta, e meias faces da mesma côr.

Juruunas. Selvagens da provincia do Pará.

Jyporocas. Botocudos que habitão entre Mucury e Minas Novas, cujo nome e feitos não horrorisa só o habitante civilisado, mas tambem seus proprios vizinhos, botocudos como elles, os Nak Nanuks.

Kinikináos. Indios de Matto-Grosso, e Paraguay, pertencentes á nação dos *Chanés*.

Layanas. O mesmo que *Chanés*.

Macamecrans. O mesmo que *Caraús*.

Machaculi. Tribu de indios que considerava o tigre como sua primeira divindade ; e tendo os sonhos como preceitos sagrados, que della emanavão, dava-lhes prompta e fiel execução.

Macunis. Indios que bebem as aguas do Jequitinhonha, e Rio Doce. As mulheres são inseparaveis nas largas e arriscadas excursões de seus maridos ; as affeições, que delles recebem, as fazem resignadas, e perseverantes nesses penosos movimentos.

Macús. Indios de horrida figura, mui sordidos e immundos, são vagabundos, e ladrões, e buscão alimento na caça e na pesca.

Makuinis. Indios que procurárão a villa de S. José de Porto-Alegre, no Mucury, como refugio contra os ataques dos botocudos *Jyporocas*.

Mambarés.— *Mambriaras*. Vide *Cabahibas*.

Mamaianazes. O mesmo que *Acipoias*, alliados porém dos Nheengahybas, bons caçadores e nadadores.

Mamengas. O mesmo que *Adoriás*.

Manáos (*). Indios das margens do Amazonas, abalisados na intrepidez, e na quantidade. O seu principal, Ajuricaba, fez-se celebre pela systematica rebeldia de adoptar a bandeira hollandeza, e captivar os indios mansos do Rio Negro, por meio de frequentes correrias nas suas

---

(*) Manáos é tambem a capital da provincia do Amazonas. O rio deste nome, que é tambem conhecido por Solimões, extenso por quasi 1,800 leguas, segundo alguns, e por trezentas, segundo A. do Casal, tinha povoações sem numero, de innumeraveis indios, em suas margens, quando o invadírão os Portuguezes;— havião tantos á beira dos rios collateraes, das ribeiras e lagos, que parecião enxames de mosquitos; a diversidade de nações e linguagem era sem conta. No rio Urubú, que, á vista dos outros, póde chamar-se um regato, uma tropa queimou setecentas populosas aldeias de uma assentada. A tropa tirou neste rio, para resgate, perto de tres milhões de escravos fóra os mortos, os tirados ás escondidas e os que descêrão para as missões, que regularião por outros tres milhões.

« Em algum tempo cada aldeia de indios, diz o padre Vieira ao Rei D. Pedro, das que já tinhão missionarios, podia pôr em campo, se houvessem guerras, para cima de cinco mil arcos; e as aldeias já domesticadas, passavão de quinhentas só até o Gurupá, pouco acima da foz do Amazonas. Na lingua destes indios faltavão as letras f, l, s, z, os verbos auxiliares, a voz passiva dos verbos, os accidentes do nome, e não dobrando consoantes, nem ajuntando mutas e liquidas, não tendo em tempo algum grammaticos originaes que a regulassem, oradores, poetas e historiadores que a illustrassem, apezar de tudo isto, della predicão os doutos (padre Anchieta, Simão de Vasconcellos, Figueira, etc.,) *a delicadeza, facilidade, suavidade, cópia, elegancia*, que ultimamente se compára *á grega na perfeição*. »

O rio Amazonas nasce na altiloqua cordilheira dos Andes, atravessa o Perú, parte da Colombia, e o norte do Brasil, e lança-se no occeano por uma bocca de trinta leguas, pouco mais ou menos entre os cabos do Norte (1° 51' lat. N.) e o Magari (1° lat. S.)

aldeias, para os vender em Surinam. A ufania servio-lhe porém para acabar n'uma forca.

Marauais. O mesmo que *Cacatapuias*.

Maturarés. O mesmo que *Cautarios*.

Maturús. Indios de pés virados, que habitão as margens do Amazonas.

Maués. Indios feros, e de peito fingido, que habitão o Amazonas.

Mayurunas. Indios horridos, immundos, sem habitação certa, tendo os outros habitos dos Cacatapuyas.

Mequens. Nação de indios das margens de Matto-Grosso.

Minuanos. Nação de indios da provincia de S. Pedro do Sul (*).

Miranhas. O mesmo que *Cauaxis*.

Mondrucús.—*Monduruçús*. O mesmo que *Jumas*. Até 1800, em que começárão a ser christianisados, perseguírão de morte os seus circumvizinhos, e as roças dos agricultores.

Mura.—*Muras*. O mesmo que *Apinagés*. São bellicosos, odiosos, e vagabundos; desde 1785 cessárão de manter cruel e irreconciliavel inimizade com todas as outras tribus, e de continuar em seu instituto de pirataria, e rapina, infestando o Madeira, Solimões, e outros rios.

Muraguás. O mesmo que *Juruna*.

Mutuns. Horda de indios de uma das margens do Rio Doce, em hostilidade com os *Pancas*, indios da outra margem.

Muturicús. Tribu de indios, que em 1769 hostilisárão as povoações do rio Tapajós, ajudados das proprias mulheres, que, em qualidade de serventes, ministravão as frechas com pontualidade.

(*) Chamão tambem *minuano* ao vento muito frio, na mesma provincia.

Nak Nanuks. Botocudós das mattas do Mucury, Jequitinhonha, e Minas Novas.

Nheengahybas. Nação de indios do Pará, Maranhão, e Amazonas. Erão bellicosos. Tão zelosos de suas mulheres, que não lhes consentião que fallassem outro idioma, senão o seu, para sopear-lhes toda a communicação com os brancos, e com outras tribus, e jámais se separavão dellas, só com o fim de priva-las das seducções.

Norocoage. O mesmo que *Apinagé*.

Orizes-procazes. Indios ferozes e indomitos. Fugião ao commercio dos Portuguezes no recondito das montanhas, no intrincado das brenhas. Um escripto de José Freire de Monterroyo Mascarenhas, publicado em Lisboa em 1716 sobre a conquista destes indios, collocava a segurança delles a cento e oitenta leguas distante da cidade da Bahia, para parte do sudoéste, entre as montanhas elevadissimas, e inaccessiveis de Nhumaramá e Cassueá.

Pacas Novas. O mesmo que *Maturarés*.

Pacajá. O mesmo que *Mamainazes*, porém claros de côr, molles e preguiçosos.

Pacaleque. Horda de indios, que tem a cabeça á imitação de uma mitra. Os sertanistas chamão-lhe tambem *Cambevas*. São perseguidos dos Guaycurús.

Pacaxudeos. Tribu de indios da provincia de Matto-Grosso pertencente á nação dos *Chanés*.

Pacunás. Selvagens da provincia do Pará.

Pamas. Nação de indios na provincia de Matto-Grosso.

Pancas. Vide *Mutuns*.

Parauanas. O mesmo que *Aruaquis*.

Parecis. O mesmo que *Cabixis*.

Parianas. O mesmo que *Cayuvicenas*.

Passés. Idem.

Patetins. O mesmo que *Mequens*.

Payabas. O mesmo que *Muras*.

Pepuxi. O mesmo que *Norocoage*.

Pexeti. O mesmo que *Apinagés*.

Pimenteira. Gentio da provincia do Piauhy, contra o qual começou em 1776 uma guerra, que só se concluio em Agosto de 1784. Apparecêrão de novo em 1807.

Pinhaçazes. O mesmo que *Parecis*.

Piracoaxiaras. O mesmo que *Jaús*.

Piramcabucús. Idem.

Pitiguares. Indigenas de estatura mediana, e côr baça, os quaes forão grandes amigos dos Francezes, e, por instigações destes, contrarios aos Portuguezes, assim como por se oppôrem os donatarios ao commercio e trocas clandestinas, que fazião com os estrangeiros. Quando em 1584 o general Diogo Flôres tomou aos Francezes a Parnahyba desbaratou tambem esta raça. Forão muito uteis na guerra contra os Hollandezes, por industria sobretudo de Sorobabé, e Camarão.

Potiguarás. Indios das provincias da Parahyba e Ceará.

Puchacaz. O mesmo que *Mambriaras*.

Puris. Tribu de indios tão mesquinhos em seu physico, como celebres pelo seu animo rixoso e briguento.

A sua paixão dominante, e que mais vezes os irrita, é o ciume; adoptão temporariamente a polygamia, consistindo a união conjugal em ser o pai da noiva brindado pelo pretendente que a recebe, como em retribuição do seu presente.

Purús. O mesmo que os *Muras*. Não comem farinha, nem usão de arco e frecha. Dedicavão aos mortos o tributo de suas affeições por meio de cantos folgasãos, e rendião-lhes em holocausto o merito de fazerem em si incisões profundas, e os seus jejuns expiatorios que erão guardados com a maior austeridade.

Quinquinãos. Indigenas da provincia de Matto-Grosso.

Sacamecran. O mesmo que *Apinagés*.

Sapopés. O mesmo que *Jacarétapiyas*.

Sarumas. O mesmo que *Puchacaz*.

Tabajaras. Indios da provincia do Ceará.

Tabocas. O mesmo que *Camacumans*.

Tamirés. O mesmo que *Mambriaras*.

Tamoios. Vid. *Jogoanharo*.

Tapacuá,—*Tapacuá-mirim*. Gentio da provincia do Piauhy, que flagellou em 1793 o districto de Parnaguá.

Tapajós. Tribu de indios do Amazonas que attribuia a seus idolos acção directa sobre o nascimento, destino, e posição do homem, e sobre os successos da guerra, e das suas expedições venatorias (*).

(*) Tapajós é tambem o grande rio confleente do Amazonas; nasce nos campos dos Parecis entre os parallelos 14 e 15 de lat. austral, origem que comprehendendo em multiplicados braços um espaço de 100 leguas de nascente a poente, se enlação outras contravertentes para o sul das cabeceiras do rio Paraguay, e dos

Tapirapés. O mesmo que *Pepuxi*, *e Crixás*.

Tapuias. Primeiros povoadores da Bahia de Todos os Santos, que forão expulsos da terra e mar por outro gentio, conhecido por *Tupinal*. No vocabulario guarany *tapuia* significa *barbaro*, havendo entretanto opiniões que este nome não pertenceu a nação alguma dos indios.

Taramambezes. Indios do Maranhão, cuja destruição effectuou-se em 1679, sendo governador Ignacio Coelho da Silva. Erão insignes nadadores, e tão ousados, que não só levavão mergulhados debaixo das aguas horas inteiras, senão que armados de simples páos aguçados e curvos, affrontavão os tubarões, e lh'os introduzião pela boca, quando aquelles monstros as abrião para devora-los, conseguindo assim por este meio extraordinario, mata-los e trazê-los á praia. Conta-se tambem que protegidos das sombras da noite costumavão approximar-se em silencio ás embarcações surtas junto á terra, e picando-lhes as amarras, as fazião dar á costa, roubando depois a carga, matando, e comendo os naufragantes. O proprio governador se vio exposto a semelhante perigo, o que, junto a outro caso succedido logo depois de sua posse, apressou o castigo dos barbaros (*).

---

seus braços o rio Cuyabá, o Sipotuba e o Jaurú. O Tapajós, depois de correr 300 leguas perde o nome no Amazonas, em que conflue em 2° 25' de lat., e 325° 15' de long.; distante do Pará 108 leguas em linha recta, e 162 segundo a navegação ordinaria.

(*) Vid. *Jorn. de Tim.*, de J. F. Lisboa, vol. 3°, 1865.

Tavens. Indios da provincia do Paraná. São geralmente debochados, occupão-se na pesca, caça e dansa. Ha difficuldade em os desarraigar de seus vicios; são crueis, vingativos, avidos em derramar sangue humano, não têm chefes nem religião. O seu idioma é o guarany, pobrissimo de termos, tendo monosyllabos que exprimem uma idéa.

Tecamedú. O mesmo que *Caraús*.

Temimbós. O mesmo que *Coroá*.

Terenas. Indigenas da provincia de Matto-Grosso.

Tessemedús. O mesmo que *Gradaús*.

Timbiras—Timbirás—Tumbiras. Indios do baixo rio Mearim, da provincia do Maranhão, que vivem de frutas boscarejas, e do que cáção, pescão e pirateão. Denominão-se tambem *Guajojaras*. Ás margens do Tocantins ha os *Timbiras Purecamecrans*, conhecidos tambem por *Cupinharós*. Ha tambem *Timbiras Caraús*, e *Timbiras Piccobgés* (*).

Timores. Indios do Amazonas, tendo as orelhas rasgadas, conhecidos tambem por *Cabaços*.

Topinaquiis. Vide *Tupiniquins*.

Travessões. O mesmo que *Caútarios*.

Tumararés. O mesmo que *Crutriás*.

Tumiminos ou Tigmiminos. Erão indios adversarios dos Tupiniquins, e vivião em terras da provincia do Espirito-Santo.

Tupinaes. Selvagens que tomárão as terras da Bahia aos Tapuias, mas que se virão forçados a deixa-las aos Tupinambás.

(*) Estes selvagens derão materia a Gonçalves Dias para o seu immortal poema—*Tymbiras*.

Tupinambás. Gentio de mediana estatura, côr baça, bem figurados, semblante alegre, bons dentes miudos e brancos, pés pequenos, cabellos curtos na cabeça, unica parte em que o conservão, arrancando todo o mais; têm muita força, são muito bellicosos, muito amigos de novidades, luxuriosos em summo gráo, grandes cultivadores da terra, caçadores e pescadores. Discordárão tanto entre si estes indigenas (1587), que dividirão-se em aldeias e ranchos, comendo-se e matando-se mutuamente. Não reconhecem cousa alguma por autor da natureza, não prestão adoração a alguma cousa, é emfim o povo mais barbaro, que Deos creou. Andão nús, cobrindo apenas por galantaria as partes genitaes com alguma pelle de passaro ; pintão o corpo com lavores pretos; cingem a cabeça com varias castas de pennas, que pregão com cêra; furão as orelhas, e mettem nos buracos ossos artificiosamente lavrados; e ao pescoço trazem grandes collares de buzios, que furão e enfião. Apenas nascem, furão-lhes os pais o beiço inferior para pendurarem nelle pedras, e muitos fazem igual cousa tambem nas faces, e beiço superior. É universal o mal das bobas neste gentio, untão as feridas com tinta de genipapo, apenas sahem, e, se isto não basta, lhes põe folhas de caroba, com que ficão bons.

Tem casas de palmas muito grandes, e taes que podem pousar cincoenta indios com mulheres e filhos. Dormem em redes de algodão junto do fogo, que toda a noite tem aceso, assim por amor do frio, porque andão nús, como tambem pelos demonios que dizem fugir do fogo. Por essa causa trazem tições de noite quando vão fóra.

A fidelidade das mulheres foi entre os costumes honestos e benignos que recêberão, o que mereceu a estes indios a maior aceitação; a infidelidade era severamente punida com sevicias, e ás vezes com a morte, e não se consentia no sexo feminino a incontinencia excessiva.

Existe totalmente extincta esta poderosa nação de indios pela conversão que fez de sedentaria para nomade, compellida pelos conquistadores do paiz a deixar seus primitivos estabelecimentos, e a divagar por todo o litoral do Brasil, até desapparecer nas margens do Amazonas; desprezando o exemplo dos *Puris*, *Aymorés*, *Tamoyos*, *Guayanás*, e *Carijós*, que acossados das margens do oceano, embrenhárão-se pelas mattas da serra geral, onde ainda permanece a sua descendencia, conhecida hoje pela denominação generica de Bugres.

Tupinambarana. Tribu de indios aparentada mui proximamente dos Tupinambás.

Tupiniquins — *Tupininquins.* Habitárão a costa do rio Camamú até ao rio Cricaré. Guerreárão muito nos primeiros annos aos povoadores de Ilhéos, Porto Seguro, e Espirito-Santo, mas por fim vierão a fazer pazes, sendo fiéis aos Portuguezes, aos quaes ajudárão nas guerras contra os outros gentios seus contrarios Tupinambás; Aimorés, Tapuias, e Tamoios.

Tupis. Tem esta nação como certo, e as tribus que della trazião sua origem, que era concedida aos mortos uma vida futura, sendo ladeada de gozos e prazeres para o justo, que, cumprindo os preceitos de *Tupá*, havia superado com resignação e constancia as vicissitudes

da precedente; e de angustias e afflicções para os que vivendo torpemente forão fiéis seguidores das doutrinas de *Anhanga*.

Uacaraudás. O mesmo que os *Cauaxis*, tendo de mais semelhança com os Guipós dos antigos Peruenses na arte de exprimir os seus pensamentos por signaes de cordões e laçadas, e tendo o uso de alguns nomes, parecidos com nomes proprios do idioma hebraico.

Uaicurús. O mesmo que *Guanás*.

Uajurutos. O mesmo que *Travessões*.

Uaranacuacenas. O mesmo que Parauanas.

Uaupés. Indigenas que usão de distincções de dignidade nobiliaria por meio de uma pedra cylindrica, alva e lisa, permeada de um cordão de tucum, e pendente do collo, cuja grandura decresce do *principal* para os seus subditos, segundo os que entre elles realção mais ou menos por nobreza. São curiosos em obras de pennas, como sceptros, carapuças, cangatas (*), e destros em fazer empennar as araras e papagaios de vistosas pennas, despegando as que têm, e applicando nas suas matrizes uma especie de resina de côr parda que varios sapos têm no dorso, e debaixo dos braços.

Ubirajuras. O mesmo que *Amoypirás*.

Uerequenas. O mesmo que *Uacaranas*.

Uginas. O mesmo que *Cauanás*.

Uhahias. O mesmo que *Sarumas*.

(*) Atavios para a cabeça, braços e pernas.

Urikemas. O mesmo que *Timores.*

Urupazes. O mesmo que *Jurazes.* Trazem preta a boca em redor.

U-y-apes. O mesmo que *Cabahibas.*

Viatás. Indios, em grande numero, que vivião juntos aos Pitiguares, os quaes forão de todo extinctos, acossados e perseguidos de um lado pelos Portuguezes, e de outro pelos mesmos Pitiguares.

Votorões. O mesmo que *Dorins.* Prostravão-se ante a effigie, em miniatura, de um papagaio.

Xachuruinas. O mesmo que *Uhahias.*

Xamicocos. Nação miserrima de indios, que não cultiva, e dorme ordinariamente em covas, que faz na terra.

Xocrens. O mesmo que *Votorões.*

Xomanas—Xumanas. Indios que vivião convencidos que no corpo humano a alma residia na medulla dos ossos, e queimavão os dos seus maiores; e por uma especie de deferencia e dedicação a estes, querendo ao mesmo tempo que a alma se abrigasse nelles, bebião em grandes festins o residuo dos ossos, de envolta com liquidos embriagantes.

Yucunas. O mesmo que *Passés.*

PARTE III

Curiosidades.— Variedades.

Abelhas.

Contão-se na provincia do Piauhy trinta e duas especies, ou diversidades de abelhas, como descreve o Sr. Pereira de Alencastre, em uma memoria publicada no 20° vol. da *Rev. do Inst. Hist. Bras.* No municipio de Itapemerim, da provincia do Espirito-Santo, ha vinte especies de abelhas conhecidas, algumas das quaes venenosas, dando entre todas melhor cera a denominada — Fuiumirim — que é pequena, e loura, e que fabríca optimo mel, fazendo o cortiço em arvores.

Academia brasilica dos esquecidos.

Erecta em 1724 na cidade da Bahia, e favoneada pelo vice-rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes. No incendio da náo — *Santa-Rosa*— interessantes producções se perdêrão, as quaes erão remettidas para imprimir em Lisboa, sem se haver dellas deixado cópias.

Academia dos Felizes.

Instituida em 6 de Maio de 1736 no Rio de Janeiro, no palacio dos governadores.

Academia dos Selectos.

Installada em 1752 para applaudir em prosa e em verso as virtudes e acções do capitão-general Gomes Freire de Andrade.

Andiroba.

Arvore que dá azeite para luzes, e bom sabão. Sobre seu uso medicinal vide *Dicc. de plantas brasileiras de N. J. Moreira*, 1862.

Anil.

Planta para o uso da tinturaria. Havendo a fazenda real se obrigado a receber anil pela Ordem de 13 de Agosto de 1773, por falta de prompto pagamento decahio notavelmente a cultura, que foi abandonada, desfazendo-se algumas fabricas, até que, em virtude de novas promessas e editaes, ella restabeleceu-se, havendo em 1784 quatrocentas e seis fabricas em diversos districtos.

Araguaya.

Rio notavel e magestoso, que communica a provincia de Goyaz com a do Pará, e Matto-Grosso. Desceu por elle o Sr. Castelnau em 1844, depois de haverem decorrido mais de trinta annos, sem que fosse visitado por homem algum civilisado. Suas aguas tão puras resvalão tranquillas por meio de vastas solidões, que o bórdão de todas as partes. Sua navegação é perigosa por causa das catadupas terriveis que o embaração, e onde tanta gente tem encontrado a morte. Felizmente o Sr. Dr. Couto Magalhães, na qualidade de presidente de Matto-Grosso, procurou ligar a communicação das tres provincias, fazendo sulcar as aguas deste rio por meio de um vapor, o *Araguary-neru-assú*, em Maio de 1868.

Araxá.

Villa da provincia de Minas, cento e dez leguas a E. S. E. da cidade de Goyaz, onde ha mananciaes de agua salitrada, que os habitantes chamão bebedouros, aos quaes concorrem os gados, e todos os animaes, sendo-lhes muito vantajosos para a nutrição.

Armazem.

Rio da provincia de Santa Catharina, affluente do Tubarão, proximo do Passo da Rapoza, onde terminão os terrenos primitivos, e entra-se em terrenos de sedimento, que vão até á serra geral. É quasi no meio desta bacia, que terá cinco a seis leguas de extensão, que se acha uma mina de carvão de pedra, descoberta ha mais de meio seculo por um tropeiro, que, casualmente, aquecendo uma panella, vio arderem as pedras sobre que a collocára.

Bexigas.

O cirurgião-mór Francisco Mendes Ribeiro de Vasconcellos foi quem, em 1798, ensinou no Brasil a inoculação da bexiga, como preservativo; — e o Marquez de Barbacena, no decurso do anno de 1804, foi o verdadeiro introductor da vaccina, no Imperio.

Bombix.

Especie de casulo muito maior que o persiano. A côr da seda é amarella-escura, e encontrão-se alguns casulos côr de ouro, de carne, e verde. O intendente geral da policia Paulo Fernandes Vianna mandou em 1818 fazer experiencias sobre a qualidade, reconhecendo que o Estado podia perceber consideravel interesse, porque o insecto nutre-se da mamona, e laran-

geira brava, que se encontra no seu paiz nativo. Na cidade da Victoria o espirito-santense Antonio José Vieira da Victoria empregou sete annos em indagações, e estudos para possuir, criar, e tirar proveito do bicho da seda. Fez presente ao governo em 1818 de uma meada, e de uma renda do fio da seda, feita pelos seus cuidados e industria, mostrando-se em ambas as peças o lustre, e a fortaleza da seda européa. Obteve uma gratificação annual de 400$ rs. Outras emprezas particulares, auxiliadas pelo governo, têm sido criadas, em relação á industria serica, sem resultado algum.

Bororé.

Refinado veneno, muito celebre e usado dos indios do Amazonas, por hervarem com elle suas frechas. Faz-se de umas raizes compridas, que ordinariamente só ha nos lagos, pantanos, e lugares humidos, e é trabalhosa sua manufactura. O antidoto é acudir logo a tomar na boca pedras de sal, ou torrões de assucar, não só para evitar a morte, como tambem para não sentir mal algum (*).

Brazil.

A arvore deste nome chama-se *Imyrapiranga* na linguagem indigena, isto é, *páo vermelho*, porque, quando a derrubavão, apresentava internamente aquella côr, sendo parda-escura a casca externa. Em botanica está classificada pertencendo ao genero cœsalpina, e seu nome especial é Cœsalpina echinata. Ha mais do mesmo genero a Cœsalpina brasileto, a Cœsalpina sappan, e outras.

(*) Vid. Dicc. de pl. med. bras., de N. J. Moreira, 1862.

Buritys.

Soberbas palmeiras do genero *Mauritia*, cuja elegancia de folhagem é augmentada pelo brilho de bellas araras, que de continuo nellas pousão.

Cabedello.

Fortaleza na provincia das Alagôas, cuja primeira construcção teve começo em 1698, sendo governador Antonio da Silva Barboza.

Cachoeira de Paulo Affonso.

Depois de quatorze leguas de viagem desde a foz do rio S. Francisco, chega-se a esta cachoeira, de que se contão tantas grandezas fabulosas. Para bem descrevê-la, imaginai uma collossal figura de homem, sentado com os joelhos e braços levantados, o rio de S. Francisco cahindo com toda sua força sobre as costas. Não podereis ver sem estar trepado em um dos braços, ou em qualquer parte que lhe fique ao nivel, ou a cavalleiro sobre a cabeça. Parece arrebentar de debaixo dos pés, como a formosa cascata de Tivoli junto a Roma. Um mugir surdo e continuado, como os preparos para um terremoto, serve de acompanhamento á musica estrondosa dos variados e diversos sons produzidos pelos choques das aguas. Quer ellas venhão correndo velocissimas ou saltando por cima das cristas das montanhas ; quer indo em grandes massas d'encontro a ellas, e dellas retrocedendo ; cahindo de borbotão nos abysmos, e delles se erguendo em humida poeira, quer torcendo-se nas vascas do desespero, ou levantando-se em espumantes escarcéos; quer estourando como uma bomba ; quer chegando-se aos vaivens, e brandamente

crescendo ou recuando rapidamente, e com irresistivel força ; quer cahindo em espadanas, ou em flocos de espuma alvissima como arminhos, é um espectaculo assombroso e admiravel. A altura da grande quéda foi calculada em trezentos e sessenta e dous palmos. Ha dezesete cachoeiras que são verdadeiros degráos de alto throno, onde se assentou o gigante de nome Paulo Affonso. Muitas grutas aprésentão os rochedos deste lugar, sombrias, arejadas, arruadas de crystallinas areias, banhadas de frigidas limphas.

Ante aquella sublime maravilha, ante aquelle magestoso espectaculo, o Sr. Dr. Bonifacio de Abreu, illustrado medico de Sua Magestade o Imperador, e distincto poeta escreveu ahi em Paulo Affonso o seguinte canto de breves estrophes, de figuras ingenuas, ricas de imagens felizes, em que descreve com aquella singeleza e graça, que lhe derão tanta nomeada na Tersina e na Palmyra, esse phenomeno admiravel.

A' chegada de Sua Magestade o Imperador na Cachoeira de Paulo Affonso, na manhã do dia 20 de Outubro de 1859.

I

Céos—que immensa maravilha !
Tanta grandeza me esmaga....
Todo o meu preito não paga
A commoção que me abala !
Nem — sequer — é o reino organico,
Que me arrouba a phantasia :
Pedras... aguas... quem diria ?
Pedras... aguas... não importa,
Se a mão de Deos abre a porta
Ás scenas da natureza.

II

Cataracta do Niágara
Rainha lá d'outra America,
Nem que houvesses lyra homerica,
Era tua fama nublada:
Olha: Aquelle é Paulo Affonso...
O gigante lá disperta...
Do Monarcha a mão aperta
Com seus ares de enfiado...
Desculpa: está deslumbrado
Com a vista do Soberano.

III

Tem por halito do peito
Essa nuvem vaporosa,
Que ora breve, ora espaçosa,
Traduz-lhe a expiração:
De chefe traz por insignia
O iris, que ás vezes cinge (1);
E faz-lhe officio de esphynge
D'esta Thebaida ou Palmyra
Cada penha que se mira
Nas aguas do — São Francisco.

IV

Um manto aquoso de perola,
Que desbanca a do Oriente,
Lhe ondeia — como serpente
Sobre as espaduas robustas:
Em borbotões que trovejão
Vão d'agua monstros — caixões
Entre negros paredões
Á toda brida voando! (2)
É o gigante chamando
Á nayade de seus amores.

---

(1) O vapor d'agua, cortado pelo raio do sol, converte-se em uma faxa luminosa da côr variegada do arco-iris.

(2) Esses tres versos são do poêmeto Palmyra, do mesmo autor.

V

Para mais nos confundir—
Qual vivente, que ora langue,
Ora, turgido de sangue,
Fórma relevos diversos ;
Assim do gigante — a ossada
Um tempo—as aguas encobrem,
E outro — em parte a descobrem,
Imitando as duas phases
De que julgavão capazes
Sómente o reino animado.

VI

Gigante d'estas devêzas,
Por mais que busques modesto
Occultar do mundo ao rosto,—
Da tua grandeza o solio ;
És a violeta, cujo aroma
Argue a escura morada :
És palmeira debruçada
No areal do deserto :
És alma que vê de perto
A quem se adora n'ausencia.

VII

É tal do teu nome a fama
Que das plagas do Janeiro
O Monarcha Brasileiro
Quiz... bastou : — veio saudar-te,
Entretanto só Deos sabe
Quanto custou-lhe a partida :
Lá'stão — vida da sua vida —
Dous lindos astros do Sul —
— Seja o Céo negro ou azul —
A pedir que volte — volte.

VIII

Eu mesmo que não avulto
Das creaturas na escala,
Sinto que dentro me falla
Queixosa voz da saudade:
Sim; que estas aguas banhárão
O torrão que deu-me o ser,
Mas não podem me dizer
Se do meu nome a lembrança,
É uma louca esperança
Que só vegeta em meu peito.

IX

Entretanto aceita o preito
Que humilde a teus pés deponho;
Deixaste de ser um sonho
Na harpa do trovador.
Se as nayades do São Francisco
Pedirem-te um dia a historia
Do teu passado de gloria,
Narra este facto, — só este,
Que em teus paços recebestes
O Imperador do Brasil!

O presidente das Alagôas, Dr. Manoel P. de Souza Dantas, teve a idéa de erigir um monumento para commemorar a visita do Imperador.

Do monumento a planta é a seguinte: « O monumento « assenta sobre um terraço com quatro escadas. Será de « columnas da ordem dorica, tendo em um friso superior « a data da visita imperial; na frente uma ellipse contendo « a effigie de Sua Magestade; na face opposta a inscrip- « ção do monumento, e nas duas lateraes ellipses iguaes, « contendo uma o nome do Sr. ministro do imperio, e ou- « tra o do presidente da provincia.

« Na base serão gravados os nomes de todas as pessoas
« que estiverão presentes á visita imperial. As ellipses
« serão de marmore branco, e o terraço e o monumento de
« alvenaria formada da pedra do lugar com cimento romano.
« O ladrilho do terraço será de marmore preto e branco. »

Fez a planta o conselheiro Antonio Manoel de Mello.

Café.

A provincia do Pará foi a primeira do Brasil em que se cultivou o café no anno de 1723, trazendo um desertor as plantas de Cayenna. Mais de trinta annos depois começou o cultivo do café no Rio de Janeiro, vindo as sementes das provincias do Norte. Da horta dos barbadinhos italianos, forão recebidas sementes, e mandadas distribuir com muita recommendação pelos padres Couto, e João Lopes, aquelle no caminho de Rezende, e este no districto de S. Gonçalo. Estas sementes tiverão muito progresso, pois que da fazenda do padre Couto se derramárão por todas as de serra acima, onde espantosamente prosperão (*).

A comarca de Caravellas deve o plantio do café a dous missionarios italianos Fr. Marcello, e Fr. Pedro, vindos do Sul para prégarem ahi missões e á curiosidade do velho Manoel Fernandes Norinho, tio do capi-

---

(*) A sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, em 1862, em uma circular dirigida aos fazendeiros da provincia do Rio de Janeiro, iniciou a idéa de erigir-se uma estatua ao chanceller João Alberto de Castello-Branco, introductor da semente do cafezeiro no Rio de Janeiro, como um justo tributo de gratidão á memoria desse digno cidadão, que assim contribuio de um modo tão efficaz para o augmento e prosperidade do paiz.

Em sessão da mesma sociedade (15 de Maio de 1868) o Sr. Bittencourt da Silva apresentou, foi aceito e approvado, esboçado em um pequeno quadro, o monumento que se tem de erigir ao chanceller Castello-Branco, *introductor do cafezeiro* no Rio de Janeiro.

tão Manoel da Silva Chaves Senior, que obteve dos missionarios meia duzia de grãos para os plantar em seu sitio do Sacco, uma legua distante de Villa-Viçosa, se devem os beneficios, que a provincia e o Estado tem colhido de tão util producção (*).

Canna de Assucar.

O Pará foi o primeiro lugar do Brasil, que recebeu canna para plantar, vinda de Cayenna, entre os annos de 1790 a 1803, governando D. Francisco de Souza Coutinho.

A' Bahia chegou em 1810, e foi plantada primeiramente no engenho da Praia, cújo dono era Manoel de Lima Pereira; da Bahia passou para o Rio de Janeiro em 1811 pelos cuidados de Felisberto Caldeira Brant, depois Marquez de Barbacena, sendo os primeiros engenhos que a cultivárão os de Bangú, e Gerecinó, na freguezia de Campo Grande. Entretanto ha autores que dão a primeira canna plantada no Brasil, (S. Vicente) como vinda da ilha da Madeira por ordem do governador Martim Affonso entre 1533 a 1538.

Cardos ou Caraguatás.

Fructo bravio, do qual, colhido no campo, e lançado n'agua por quinze ou vinte dias, tirão-se estrigas grandes, como de linho, e mais rijas que linho; dellas fazião os jesuitas *alpergatas* ou *alpercatas*, que, para caminhos asperos, erão os seus sapatos.

Carmo (Convento).

O padre commissario Frei Pedro Vianna, depois de

(*) Vide a Monographia do cafeeiro, publicada pela sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e a Influencia do café sobre a economia humana do Dr. R. Monteiro, 1866.

ter fundado em Santos um convento deste nome, em virtude das ordens do Rei e Cardeal D. Henrique, passou ao Rio de Janeiro, e no anno de 1590 fundou outro em terras doadas pela camara, com uma capella a Nossa Senhora do O'.

Sobre o convento do Carmo da cidade da Victoria, capital da provincia do Espirito-Santo, vide o Ensaio historico e geographico desta provincia, que publicámos em 1858, pagina 92.

Carnahuba.

(*Coripha cerifera*). Palmeira que produz a cêra vegetal. Ha grande quantidade nas margens do Canindé, e outros rios da provincia do Piauhy, bem como nos sertões da Bahia e Pernambuco.

Carujurú.

Arvores para tintas, no Rio-Branco. Vid. *Carajurú* no Dicc. das pl. med., de N. J. Moreira, 1862.

Casca.

A respeito do rio deste nome, que existe na provincia de Minas-Geraes, lê-se em um roteiro, achado em mão do guarda-mór Borges, homem idoso e sisudo: « Sóbe « a serra mais alta das cabeceiras do rio *Casca*, olha « para o nascente e avistarás ao longe outra serra, em « que uma torrente de aguas claras imita a fórma de « lençóes estendidos; marca bem esse ponto para o al- « cançares, e, chegando, prova o cascalho da cachoeira, « e acharás o que precisas. »

Castello.

Gruta de pedra summamente curiosa, a que os habitantes dão o nome de *Castello*. Eleva-se a poucas

leguas da villa de Marvão, provincia do Piauhy, no centro de um plano de pequena dimensão. Tem a fórma de um templo, duas entradas ou portas na frente, e janellas lateraes. Percorrendo-se o interior se vêm varios repartimentos feitos pela natureza, e uma sala espaçosa, em cujo centro se eleva uma columna de pedra em fórma de altar. É banhada por um regato fresco e crystallino. Serve, ou servio, de cemiterio.

— Na provincia do Espirito-Santo, municipio de Itapemerim, existe um lugar deste nome (*Castello*), onde se descobrírão minas de ouro no caso de serem regularmente lavradas, e em cuja serra, por Decreto de 17 de Setembro de 1824, foi autorisada a concessão de terrenos. Ahi encontra-se uma maravilhosa caverna, cuja descripção não faremos melhor senão reproduzindo aqui o fragmento de uma carta, dirigida em Maio de 1865 a um seu amigo pelo Sr. J. Z. Rangel de Sampaio:

« Se fosse possivel virdes d'ahi, da nossa bella côrte, atravessar as noventa ou cem leguas pelo Atlantico; depois, a cavallo, os cento e tantos kilometros que separão a barra de Itapemerim da fazenda em que jaz essa preciosidade, sómente para vê-la, supponho que não vos havieis de arrepender.

« Quanto a mim, nunca vi cousa mais imponente. Creio que a famigerada gruta que existe na memoravel peninsula Quiberon (Carnac), com seus obeliscos, com suas alamêdas, etc., não tem a menor superioridade a esta, tendo até alguma affinidade encarada como monumento historico, pois ambas conservão recordações de povos heroicos e amantes da liberdade.

« Se Carnac assistio por mais de uma vez aos nobres esforços dos Celtas, que vendião caro a sua liberdade,

já contra as tropas aguerridas da antiga Roma, já contra os barbaros companheiros dos Vercingetorix e dos Attilas; se Carnac contemplou a bravura dos Armoricos, mil vezes batidos mas nunca vencidos; com toda a tactica aproveitando as dissenções dos invasores, para se declararem independentes, começando a se regerem por duques de escolha sua, e assim se conservando por mais de dez seculos (383—1488): Catimpoéra tambem admirou a luta dos filhos de *Tupan* contra os descendentes dos Salemas e dos Macieis Parentes, que, depois de tratados como amigos, quizerão seguir os exemplos dos Anglos, quando os povos da Grã-Bretanha lhes pedírão auxilio contra os Pictas e os Scotos. Catimpoéra, mais do que Carnac, teve que ver, pois que os *Puris*, sem nenhuma sombra de civilisação, batêrão, exterminárão, arrasárão até a ultima casa dos Portuguezes do Brasil, que tinhão mais cultura do que esses bravos patricios de Jagoanharo.

« Ambas essas bellezas são cantos immorredouros da epopéa que em todos os tempos é entoada á Déa, que tem tido mais iconoclastas — a liberdade!

§

« Tendo ido visitar o Sr. capitão José Vieira Machado, fazendeiro do Castello, manifestei o desejo de ver a *gruta*, desejo que graciosamente foi acolhido; por isso, pouco tempo depois, montamos a cavallo e seguimos para realizá-lo.

« Depois de curto trajecto, mais ou menos um kilometro (pouco mais de 454 1/2 braças) da fazenda *Povoação*, cheguei a uma aprazivel situação (do Sr. F. de Almeida Ramos, genro do Sr. capitão José Vieira

Machado, dono da *Povoação*), d'onde avistei o fim do meu passeio.

« Antes de avistá-lo já sentia o mesmo que o viajor enthusiasta que visita qualquer das duas cidades outr'óra submersas sob o vomito lethico do Vesuvio! Que importa que não veja, como lá, casas, palacios, monumentos, se neste esteio ainda em pé, carcomido pelo tempo; naquellas pedras derribadas; acolá, naquelle rego extenso e ainda não de todo entupido pelo sinistro do abandono; no cascalho reunido, no fim delle; mesmo nestes cacos de telha e n'um espelho de fechadura com que se depara nesse pequeno espaço mencionado, eu vejo, sem auxilio do magnetismo, uma porção de homens e mulheres cheios de vida e ambição, uns á beira do encanamento, com a batêa em punho, lavando esse cascalho (hoje morto) que rola e deposita fragmentos do corpo complexo desse *deos* que exclama, pelos labios de Gomes de Amorim :

Povos e reis, inclinai-vos,
Meus escravos todos sois!
Diante de mim prostrai-vos,
Artistas, sabios, heróes!
Eu inspiro a paz e a guerra,
E posso tanto na terra
Como Deos póde no ceu.
Do vicio faço a virtude;
Não preciso quem me ajude,
O sceptro do mundo é meu!

« Eu via por toda a parte uma sociedade que crescia, o genio do homem que se desdobrava, tentando avassallar as solidões que o circumdavão.

« Esses vestigios abandonados, que nos levão a uma

saudosa visão retrospectiva, não valem a pena de ser vistos ?

« E isso ainda é nada.

« Caminhai comigo, Fernandes; não vêdes alli aquella montanha que apresenta a fórma de um cabo? E' a que contém em seu cerebro a cavidade de que vos quero fallar. Costeêmo-la e subamos.

« Não vêdes aquella aberta, aquelle fundo entalhado na pedra, coroado de columnas corinthias agglomeradas? é a fachada ; aquellas columnas são os cedros, vinhaticos, oleos, jequitibás, perobas e palmeiras, que existem no cume da montanha.

« Não vos parece a fachada de um templo druidico, cujo architecto tivesse visitado a Grecia e o Egypto, e, sonhando com o estylo gothico, executasse na architectonica o mesmo que Victor Cousin na philosophia?

« Mas.... continuemos.

« Admirado o frontispicio, que para muitos não terá a menor belleza, penetremos na caverna.

« Sua entrada não é acanhada como a dos monumentos egypcios, ainda que delles recorde a magestade ; ao contrario, é um vasto portico, que se poderia dizer gothico, de fórma trapezia, de cincoenta e cinco a sessenta metros de largura sobre sete de altura, desigual. Seu tecto, irregularmente abobadado, parece ser sustentado por uma columna formada por duas pyramides, ligadas peló vertice, a qual tangida, ainda de leve, produz um som lugubre como o da campa que acompanha o condemnado á morte. Essa bi-pyramide, assim como as paredes e grosseiros relevos que nellas se vêm em toda a alpendrada, é de côr ennegrecida.

« Ao fundo ha algumas cavidades de diversos ta-

manhos e feitios, umas ao rez do chão, outras mais ou menos altas. Á direita existem, gravados toscamente, os nomes de alguns visitantes.

« Na extremidade á esquerda rasga-se uma porta de alto a baixo, diante da qual desdobra-se um corredor curvo e afunilando-se, tendo aos lados outras abertas.

« É o lugar da communicação interior.

« Virgem da luz meridiana, preciso se faz, para visitar essa gruta, de luz artificial, por isso acendamos archotes e entremos.

« Parece que a Providencia privou da luz do dia esse antro para torná-lo mais bizarro aos olhos do visitante, pois que, jámais sendo visitado por menos de quatro pessoas, cada uma dellas levando uma luz, assemelhão-se essas visitas a uma procissão de dominicos nos seus escuros e longos corredores, preparando-se para um desses grandes divertimentos do *catholico* Felippe II.

« Eis-nos em caminho pelo corredor.

« Vêde outro sino; mas, menor que o outro, tem mais fraco som, assim como, melhor do que eu sabeis, é sómente uma stalactite que está presa á abobada; quando o sino do portico é formado de uma stalactite unida á stalagmite correspondente, como para attestar que gratas se recordão do estreito parentesco que as une.

« Andemos mais; eis um rasgão do lado direito: é outra communicação para o interior.

« Ao passo que penetrais comigo não sentis, como eu, apezar da curiosidade que nos anima, um outro sentimento apossar-se de vosso coração? sentimento indefinivel!... O arroubo, o pavor, a alegria, a tristeza, o respeito, como que se misturão para dar um modo de ser novo ao *eu!*...

« Oh! eu sinto o mesmo que sentíra Josué quando, ao aceno da vara miraculosa de Moysés, vio as aguas verde-rubras do golfo arabico formarem alas para, por meio dellas, elles e todos os Israelitas se libertarem do despotico jugo de Pharaó; o mesmo que Elyseu quando se separou de seu caro mestre e amigo; o mesmo que Thomé quando teve uma prova palpavel da resurreição do Nazareno; o mesmo que os doze Apostolos quando recebêrão o baptismo do Pentecoste!...

« E' que ahi falla Deos com todo o apparato de sua omnipotencia; ahi o homem, se não O vê, sente-O!...

§

« Tracemos docemente esta grande curva, alcancemos aquella saleta; examinemo-la. Suas paredes são mais cheias de lavores que uma farda de grande do imperio, não amarellos, mas da côr da espuma das aguas; por toda a parte concreções vitreas. E alli, á direita? Quem não dirá que é um espaldar coberto por um docel com fimbrias de alabastro, tão alvo e de um tecido tão mimoso como se fosse trabalho de sirgueiro-poeta?

« E' esta a sala do docel.

« Sigamos. Eis a sala das *Virgens*. Sabeis d'onde vem esse nome? Destas innumeras stalactites mamiformes que pendem do seu acanhado tecto.

« Continuemos; estamos no fim do corredor. Aquella baixa-arcada fenda é o portico mais lindo da caverna. Este lugar chama-se o *Estreito*.

« Não podemos entrar de pé; engatinhemos e tomemos sentido nos archotes para resguarda-los do sopro das membranosas azas dos esquadrões de morcegos que ahi habitão.

« Essa passagem fatigante é por demais compensada pelo thesouro que além della se encontra. De facto, este salão não equivale a um daquelles com que sonhou o poeta das *Mil e Uma Noites*? Não sois capaz de jurar que estamos em um templo digno de taciturna divindade?

« Quanto a mim julgo-me n'um desses edificios de que só nos dão noticia os chronistas preteritos em seus escriptos esquecidos nos mais poeirentos cantos das bibliothecas dos *bibliomaniacos*, pois nunca vi reunidas tantas columnatas, ogivas, portadas, rendados e tudo quanto os forasteiros da Gothia disseminárão pelos paizes em que habitárão, mas com aquella irregularidade sublime que a natureza imprime em seus modelos.

« Chama-se esse lugar *Sala do sellim de banda*, e eu antes lhe chamaria o *Salão Gothico.*

« Deixai que o descreva:

« Sahido do estreito, que é um tanto curvo, depara-se com um perfeito sellim de banda, cheio de custosos lavrados, e n'uma altura de 2,5 metros pouco mais ou menos.

« Esse simulacro de artefacto humano é tão perfeito que causa admiração! Nada lhe falta; até o gancho para descanso da perna esquerda, que é formado de duas stalagmites parallelas no lugar proprio. Nelle existe o nome de um mancebo que primeiro montou-o, tão ancho de si, sem duvida, como Jacques Balmat quando se vio no cume do mais alto monte da Europa.

« Depois de admirar-se o sellim, a vista se volta para o resto do salão, e a primeira cousa que a attrahe é uma stalactite bella e de bizarro feitio que pende bem do centro da *polygonal* abobada. Assemelha-se a uma

lampada presa á curta cadêa, que desce de um bem acabado florão.

« Tem esse salão, de fórma quadrilatera, 26,4 metros de face (segundo o testemunho do Sr. capitão J. Vieira).

« Suas paredes lateraes, cheias de portadas, são tão brilhantes, tão ricas de concreções formadas da decomposição da pedra calcarea pela acção chimica da agua, que a luz dos archotes illude, mostrando tantas myriadas de estrellas cadentes n'um céo alvacento quantos são os movimentos que se fazem. Mais de uma vez procurei tirar o bello brilhante que me seduzia, debalde, pois quando com difficuldade tirava alguma pequena pedrinha dessa parede, fria e dura como o egoismo, parecia haver-me enganado tomando uma pedra de pouco brilho pelo diamante que cubiçára.

« O pavimento desigual desse sotão demonstra, pelo som cavo que repercute, a existencia de vastos compartimentos inferiores. Em alguns lugares desse humido lagedo, principalmente debaixo do sellim da mysteriosa Amazona, existe uma especie de tapete composto de uma larga grega em baixo relevo.

« Traçando-se uma diagonal do sellim á muralha fronteira, na altura de 2,2 metros, ha uma cavidade de fórma triangulo-curvilinea, onde forão encontrados esqueletos humanos arrumados parallelamente, e onde vi ainda um encardido femur, humido como todo o vão onde descansa. E' provavel que não seja esse o unico osso que lá exista, o que não pude examinar por falta de apoio por onde subisse.

« Diversas hypotheses cruzão sobre a origem desse deposito mortuario ; ha quem supponha serem esses ossos

pertencentes aos indios, outros aos primitivos povoádores christãos desses lugares.

« Quanto a mim, supponho que os Aymorés, encontrando aquella caverna tão apropriada, embora fugindo de seus usos, como os antigos Etruscos e mais antigos Egypcios, erigírão-n'a em cemiterio da tribu.

« Do mesmo lado do *Sellim de banda*, ao rez do chão, ha uma descida que leva a um andar inferior, na direcção da sahida, cuja entrada, por demais baixa, só permitte andar-se de rastos, onde leva a outros compartimentos que têm sahida no corredor da entrada, sempre da mesma altura. Em um desses compartimentos ha uma sala chamada dos *Espinhos*, pela immensa quantidade de stalactites e stalagmites embryonnarias que por toda a parte existem.

« Do portico principal ao *Salão gothico* tem a caverna 106,04 metros (quatrocentos e oitenta e dous palmos), segundo o dito do Sr. Vieira.

« É com sentimento de saudade que se abandona essa camara de tenebrosos primores! Ao passo que o visitante se approxima da sahida, a gruta, como para sauda-lo em despedida, patentêa-lhe o espectaculo curioso do romper d'alva. A luz diurna, penetrando a custo pelas curvas da galeria, presta maior brilho aos vitreos relevos della, por pouco tempo, pois que, quanto mais fóra se chega, ella, á semelhança da luz da bonança, apaga rapidamente todos os fogos fatuos dessa vasta e inabalavel não.

« Devido sem duvida aos gazes dessa caverna, todos voltárão pallidos della, e amarelladas vierão as velas que lá nos allumiárão.

« Quizera que comigo lá estivesse alguem que hou-

vesse visitado essas famigeradas cathedraes de que a Europa tanto se orgulha, para lhe perguntar qual falla mais em Deos, onde Deos mais se manifesta? Na cathedral de Mayença com suas seis gigantescas torres; na de Antuerpia com sua torre de quatrocentos e quarenta e quatro pés de altura; na de Rheims com seus seiscentos annos de celebridade, e ainda mais celebre por ter recebido em seu seio quasi todos os reis de França, quer Merovingianos, quer Carlovingianos, quer Capetos; mesmo na magnificentissima igreja de S. Pedro de Roma, onde encontrão-se os primores de Raphael, Miguel Angelo, Peruzzi, Porta; ou na caverna da *Povoação?*

« Nenhum contestaria o primeiro lugar, sob esse ponto de vista, a Catimpoéra, a menos que não fosse um Inglez, e mesmo assim no caso de ser posta em parallelo com a caverna a sua cathedral de S. Paulo, que é a cousa mais rica do universo aos olhos de um cidadão do Reino-Unido da Inglaterra, Escossia e Irlanda. »

. . . .

. . . .

Chá.

No anno de 1812 o benemerito chefe de divisão Luiz de Abreu fez vir directamente da China uma quantidade de sementes de chá, que vingárão e reproduzírão felizmente no Rio de Janeiro.

Na provincia de S. Paulo deve-se a creação e desenvolvimento da cultura ao tenente-coronel José Arouche de Toledo Rendon. Ao estudo aturado da materia conseguio elle fabricar chá tão bom como o da China. Escreveu uma memoria sobre plantação e fabrico do chá, e franqueou sua casa para quem quizesse praticamente aprender uma e outra cousa. Ao tempo de sua morte

excedia muito de 54,000 pés a sua plantação, os quaes produzião annualmente mais de quarenta arrobas.

Cochonilha.

Mauricio da Costa, cirurgião, refere que viajando pelos campos de S. Pedro do Rio Grande do Sul um Hespanhol, que o acompanhava, o qual residíra no Mexico, lhe fizera observar os bixinhos da *cochonilha* sobre as grossas folhas da urumbeba (*cactus opuntia*). Obtida porção desses insectos, e remettidos pelo vice-rei para Lisboa, houve em resposta, que, pelas experiencias, se achava ser tão boa como a fina d'America hespanhola. Serve para tinturaria, e para usos medicinaes.

Crystal — Crystaes.

Na estrada de communicação da provincia do Espirito-Santo com a de Minas-Geraes, que tem hoje o nome de S. Pedro d'Alcantara, nas proximidades do antigo quartel de Barcellos, existe um grande crystal de varias côres com nove palmos de comprido, e cinco fóra da superficie da terra, ignorando-se a porção occulta.

Quinze leguas a léste de Santa Luzia, entre S. Marcos e S. Bartholomeu, em Goyaz, existe a serra — Crystaes —, assim chamada, porque se encontrão ahi crystaes de differentes côres.

Cubatão.

Serra entre o caminho de Santos para S. Paulo. N'uma situação de Manoel Dias, proxima á serra, encontrárão-se montes de ossos, que forão descriptos em uma dissertação de C. D. Meigs nas *Transacções da sociedade de Philadelphia*. Em 1840 o outeiro estava todo desmoronado

por se haverem aproveitado em cal as ostras e mariscos. Havia ahi uma caveira com todos os dentes, ou maxillas, porém já quebrada, a qual foi observada pelo Sr. F. A. de Varnhagen, que deu conta deste facto em sessão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro de 31 de Outubro do mesmo anno de 1840.

Diamantino.

Escrevia o Sr. Conde de Castelnau ao ministro da instrucção publica em 16 de Janeiro de 1845: — « Tenho a honra de vos informar, que cheguei ao Cuyabá, depois de haver atravessado, durante dous mezes, o deserto de duzentas leguas, que separa a cidade de Cuyabá da de Goyaz. Cuyabá é a cidade mais central do mundo, achando-se situada quinhentas leguas distante do oceano Pacifico, o mar mais proximo. Depois de seis dias de descanço, parti de novo para visitar as minas de diamantes, que se achão quarenta leguas ao norte, no meio de vastas campinas, e perto da pequena villa do *Diamantino*. Encontrão-se os diamantes a tres ou quatro pés de superficie da terra no meio de cascalho, ou pedras miudas, nas quaes notão-se alguns de uma natureza particular, a que dão o nome de *captivos*, e cuja presença é de tal sorte ligada á dos diamantes, que os escravos estupidos, empregados nos trabalhos de extracção, levão muitas vezes nas gamellas, que servem para a lavagem, uma porção de *captivos* para attrahirem, dizem elles; os diamantes.

Doce.

Rio na provincia do Espirito-Santo, que offerece communicação com a provincia de Minas-Geraes, e pelo qual

póde navegar-se em canôas e barcos por espaço de vinte leguas. Foi um dos primeiros que se conheceu e navegou logo depois do descobrimento do Brasil, subindo por elle Sebastião Fernandes Tourinho, e Antonio Dias Adorno, no principio do reinado de D. Sebastião. Até o porto de Souza a navegação é franca e boa, gastando-se quatro a cinco dias em canôa varejada. Acima do Porto de Souza até á Natividade, limite das provincias de Minas e Espirito-Santo, existem cinco cachoeiras, denominadas « Escadinhas », as quaes occupão o espaço de duas leguas pouco mais ou menos. Da Natividade até á barra do Cuieté ha a vencer a cachoeira do Inferno, a passagem do Eme, em que podem passar canôas, puxadas por cabos ou cipós. Da barra do Cuieté á foz do rio Suçuhi Grande a navegação é boa.

Fórmão as mais remotas fontes deste rio o Chopotó, Piranga, Ribeirão do Carmo, e outros, cujas cabeceiras existem nas serranias do Ouro-Preto ; e recolhendo por uma e outra margem diversos rios e ribeirões de pequeno nome, recolhe tambem os notaveis Piracaba, S. Antonio, Sussuhy-guassú, Bugres, e Cuayté, até que, pela direita, e nas proximidades da linha divisoria das duas provincias, recebe as aguas do rio Manu-assú. Os maiores obstaculos, que tolhem a livre e interessante navegação deste rio, são formados pelas cachoeiras do Varadouro pequeno, e as outras já mencionadas, sendo algumas de pouca monta. O marco, pelo qual se imagina passar a linha divisoria, está fincado á margem direita, ou sul do Rio Doce quatrocentas e trinta e quatro braças abaixo da ilha da Natividade, onde abicão os mineiros para vencerem o Varadouro até á foz do rio Guandú, que fica abaixo do marco 2,010 braças ; é neste espaço de 2,444 braças,

que se apresenta o canal das decantadas Escadinhas, que fórma o alveo do rio no tempo da sêcca; a corrente, que em geral é mais ou menos arrebatada, segundo os precipicios, que encontra, segue entre muralhas alcantiladas, percorrendo planos inclinados, cheios de orificios, precipitando-se algumas vezes em degráos, cujas bacias estão todas semeadas de ruinas das rochas, formando as cachoeiras da Natividade, Urubú, Inferno, e Sapucaia; a penultima mais espanta pelo fragor e velocidade das aguas, do que pela profundidade do salto, que será pouco maior de uma braça. O fragor é na verdade tão grande, que ninguem póde entender-se, e a velocidade da corrente tão consideravel, que percorre trinta braças em sete segundos (*).

Doirados.

Peixe do rio Tieté (tambem o ha no mar grosso). Utilisão-se os moradores de Itú, Sorocaba, e do porto do embarque, indo ao sertão seis e sete dias de viagem para o pescar, salgar, e vender em arrobas ao povo. Os doirados são de grandeza tal, que, depois de seccos ao sol, pesão uma e meia, e duas arrobas.

Embaré.

Praia entre Santos e S. Vicente, onde está a fonte de S. Thomé, assim chamada por causa de umas pe-

---

(*) Vide Voyag. dans l'inter. du Brés. de Aug. St. Hilaire, 2ª part. vol. 2º, cap. 13, Paris, 1833, o nosso Ens. sobr. a hist. e estat. do Espirito-Santo, pag. 140, Victoria, 1858, e assim tambem a descripção de uma viagem que publicámos no *Correio da Victoria*, 1859, sendo presidente da provincia o Sr. Dr. Leão Velloso.

gadas que se vêem em uma pedra, perto da mesma fonte.

Esmeraldas.

Em Provisão de 19 de Maio de 1664 foi conferido o titulo de administrador dos descobrimentos dellas na provincia do Espirito-Santo a Agostinho Barbalho Bezerra.

Em 1731, no sertão ao norte do Rio Doce, achárão-se esmeraldas, que forão entregues ao governador, e em 1778 achárão-se em Cuieté. As que se encontrão na comarca do Serro, em Minas, são muito escuras, e brandas.

Estanho.

Foi encontrado nas vizinhanças de Corumbá (Matto-Grosso), de que fizera um caldeireiro alguns pratos.

Estrondo.

Serra na estrada de Amaro Leite, para o Bananal, em Goyaz; corre de nascente ao poente além do arraial. Os sertanejos que têm andado por este lugar affirmão ter ouvido por varias vezes, grandes estampidos, o que faz dar á serra o nome, que conserva.

Furnas.

Grande valle, que dista meia legua das margens do Ipanema, e em que o mineral de ferro magnetico é abundante; é o centro de todo o morro, chamado vulgarmento de Ferro, ou de *araraçoyava*. O mineral acha-se entre um barro ferruginoso, vermelho muito escuro, minado em pedras soltas e desarranjadas, de differente peso e grandeza, tanto á superficie como mais profundamente, formando, porém, grandes cintas ou manchas

nos córregos e quebradas. Fica o valle tres leguas distante de Sorocaba, na provincia de S. Paulo.

Gado.

Os primeiros casaes de gado vaccum e cavallar, chegados á capital da Bahia, e que servirão de base ao estabelecimento das fazendas de criação, que ora existem em muitas provincias, vierão em 1550 das ilhas de Cabo-Verde. Custáva então 100$ cada uma vacca. Do archipelago de Cabo-Verde chegárão tambem os primeiros casaes de ovelhas e cabras, bem como alguns jumentos, a planta da taioba, e as sementes de arroz e dos coqueiros asiaticos. A primeira planta de gengibre veio da ilha de S. Thomé, e meia arroba delle, que se repartio por varias pessoas, produzio d'ahi a quatro annos mais de quatro mil arrobas de qualidade superior ao da India.

Gavea.

No cume deste monte, do lado direito aos que vão pelo serrote da Boa-Vista (Rio de Janeiro), n'uma pedra de fórma cubica, existem caracteres ou sulcos que parecem de mão humana. Uma commissão, encarregada em 1839 pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro de analysar e copiar tal inscripção, não affirma que taes caracteres sejão gravados pela mão do homem, ou pela lima do tempo, e em seu curioso parecer, que intitula *Impressões e conjecturas expostas em familia*, diz: « Assim como a natureza esculpio sobre a rocha de Bastia a fórma de um leão em repouso; na gruta das serêas, em Tivoli, um dragão em ar ameaçador; e na mesma *Gavea* a fórma de um mascarrão tragico; assim como ella eleva pontes naturaes, construe fortificações e

baluartes, que ao primeiro lampejo da vista fazem crer ao viajor monumentos da mão do homem, assim ella podia gravar na rocha viva aquelles caracteres, que podem mais ou menos por suas fórmas equiparar-se a algumas das letras dos alphabetos das nações antigas e orientaes.... A commissão encontrou com seus proprios olhos em diversas pedras isoladas em roda da *Gavea* sulcos profundos entre dous veios de granito, que mais ou menos representavão caracteres hebraicos, e alguns até romanos, e de uma maneira assaz evidente e caprichosa.... Argumentos notaveis apresentão-se de uma e outra parte para que ambas as conjecturas tenhão seu fundamento; e as principaes proposições da commissão são: 1ª, que os diversos viajantes têm descoberto inscripções em differentes rochedos do Brasil, e que a da serra de *Anastabia*, onde se crê ver a descripção de uma batalha, assim como a das margens do *Iapurá*, e outras mais que se vêm na famosa collecção das palmeiras de Spick e Martius, dão uma prova da existencia desta sorte de monumentos no nosso solo, accrescendo mais a tradição das *letras do diabo* n'um rochedo em *Cabo-Frio*; 2ª, que assim como Pedro Alvares Cabral e Affonso Sanches, empurrados pelos ventos, descobrirão o continente da America, tambem algum desses povos antigos, que a ambição forçava a sulcar os mares, poderia por iguaes motivos aportar ás nossas praias e escrever sobre a pedra um nome ou aquelle acontecimento, para que a todo o tempo as gerações vindouras lhe restituissem a gloria de tão grande descoberta; 3ª, que a inscripção da *Gavea* se acha collocada de uma maneira vantajosa para estas conjecturas: voltada para o mar, em uma face da rocha cubica, pouco escabrosa,

com caracteres collossaes, de sete a oito palmos, ao rumo LSÉ, póde ser vista a olho nú de todas as pessoas que por alli passarem; e notavel é que os habitantes daquelles lugares todos conhecem as letras da pedra. A inscripção assim collocada está exposta á furia das tempestades e dos ventos do meio-dia, e por consequencia deve estar mui safada, tanto mais que o granito da pedra em que está gravada é de uma consistencia menos forte, por conter muito talco e mica, e na sua base existirem tres concavidades esboroadas que fórmão o aspecto do mascarrão. O accesso do cume é incontestavel, porque alguns officiaes da marinha ingleza lá subirão e collocárão bandeirinhas, ainda que com muito custo. As considerações que se levantão de encontro a esta crença são: 1ª, que os pretendidos caracteres que apresenta o rochedo da *Gavea* não se assemelhão aos dos povos do velho continente que emprehendêrão as primeiras navegações, e muito menos aos dos modernos; 2ª, que estes caracteres, comparados com os alphabetos e inscripções que M. Court de Gibelin dá na sua obra *Mundo Primitivo*, não apresentão semelhança alguma de uma inscripção phenicia, cananéa, carthagineza ou grega, e que mais parecem sulcos gravados pelo tempo entre dous veios de granito; 3ª, que a parte da rocha onde começa a inscripção, além de perpendicular e de um accesso quasi impossivel, é a menos conservada ou a mais apagada, sendo aquella que está menos exposta á furia das estações; alguns traços perpendiculares, outros mais ou menos obliquos, mais ou menos curvos, ligados por hastes interrompidas, que muito e muito se assemelhão a veios, fazem o todo da inscripção, e uma grande irregularidade de profundidade se observa na gravura, assim

como no largo veio da base, que se poderia conjecturar como um traço para melhor se descobrirem as letras, o qual é interrompido visivelmente, e dá formas não equivocas de um veio mais profundo. Este argumento é fortificado pela profundidade dos caracteres da parte esquerda, que estão mais expostos do que os da direita, por entrarem na curva que se dirige para o norte. Os Phenicios escrevião da direita para a esquerda, e trabalhando dest'arte devião dar a mesma profundidade ás letras para que ellas fossem igualmente visiveis. »

Consta que Fr. Custodio Alves Serrão escreveu uma memoria ácerca desta inscripção, a qual não foi possivel encontrar-se, apezar de todas as diligencias.

Koster em sua viagem pelas provincias de Pernambuco e Parahyba diz ter encontrado uma inscripção em um rochedo, na margem de um rio que se achava então secco, na provincia da Parahyba, e que algumas pessoas lhe certificárão que existião mais inscripções desta natureza na dita provincia. O principe Maximiliano de Wied-Newed encontrou tambem algumas nas ruinas de uma villa destruida na provincia do Espirito-Santo.

Vid. *Itaquatiara.*

Genipapeiro.

No tempo do governador da Bahia Rollim de Moura, informando este a Felippe III do serviço que havia feito á Coróa um preto, escravo do vigario da freguezia de Santo Antonio do Carmo, o qual, durante a guerra com os Hollandezes, trepado em um genipapeiro com um sacco de pedras, matava a pedradas quantos Hollandezes podia alcançar, mandou-se libertar o preto á custa da fazenda publica, e fundar uma fortaleza no lugar, com o nome de

Santo Antonio, que era o do preto, a quem se fez capitão da mesma fortaleza.

Giboia.

Refere Miguel Soares ter visto a pelle de uma cobra deste nome, que tinha quatro palmos de largura, e haverem morto outra os vaqueiros da fazenda ou curral de Garcia de Avila, que pesava mais de oito arrobas, e tinha noventa e tres palmos de comprimento.

Gravatá.

Ao longo de um rio deste nome, que desagua no Capivary, na provincia de Santa Catharina, ha uma fonte de aguas thermaes cuja composição chimica ainda se desconhece.

É planta tambem filamentosa, a qual tem usos diversos na industria.

Gruta das Trahiras.

A uma legua de distancia do arraial deste nome, em Goyaz, existe uma gruta com grande capacidade e profundidade, a que se não tem chegado. De sua cupola distilla um liquido que se petrifica e fórma columnas, pias floreadas e outros muitos differentes feitios, e estas formações de pedras têm o som de metal. Ha outra gruta, vasta, conhecida pelo nome de Paraná, junto a Santa Rosa, em que se fórmão iguaes petrificações.

Gruta do Inferno.

Eis como a descreve o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira: « A perspectiva que do fundo daquelle grande salão se offerece á vista do espectador, collocado á entrada della, é a de um magnifico e sumptuoso theatro, todo decorado de curiosissimas stalactites, umas depen-

duradas da abobada, que constitue o tecto, á maneira de outras tantas gotteiras furiformes, curtas ou compridas, grossas ou delgadas, redondas ou compressas, simplices, bifurcadas, ramosas, tuberosas, verrucosas, etc.; outras sahindo do pavimento á maneira de pilares, columnas, columnellos, lisos ou cannellados; pavilhões de campo, e um tão grosso que dous homens o não abarcão. Ao lado esquerdo da mesma sala se deixa ver, como debruçada sobre ella, uma soberbissima cascata natural, com todas as suas pedras cobertas de incrustações spatosas e calcareas, que vivamente representavão alvos borbotões de espuma das aguas precipitadas daquella altura. Em outra parte, porém, do mesmo lado, parece que a natureza se moldou no gosto da architectura gothica. Por todo esse lado estão espalhados diversos labyrinthos, cada um dos quaes de per si constitue uma curiosissima gruta; tem aquella sala a sua linha de direcção lançada ao rumo de Léste, que é o mesmo que segue o interior de toda a gruta, com differença de ser encruzada. Pelo que segue a boca inferior, vio-se que tão sómente o salão, incluida uma recamara sua, tinha de comprimento total cincoenta e uma braças. Todo o seu plano, que aliás era irregular, se havia então convertido em um lago de agua salôbra, porém clara e fria, e crystallina, e reconhecendo-se que nenhum curso tinha, por estar reprezada pela enchente do rio. Para ir ao fundo desta gruta conduzi-me com muito geito por uma precipitada escarpa abaixo até dar comigo na profundidade de cento e noventa palmos, sendo aquella escarpa um enormissimo entulho de pedras abatidas da abobada, que constitue o tecto da gruta, por onde está sempre pingando agua. Levei adiante de mim doze pedestres com outros

tantos archotes. Póde aquartellar-se á vôntade naquella gruta um corpo até mil homens. Nenhum vestigio achou-se de ter alli entrado outra qualidade de gente junta. Depois desta entrada o tenente-coronel Joaquim José Ferreira achou, indagando novamente a gruta, que de uma das camaras referidas, no fundo della, se passava á outra de grandeza e curiosidade não inferior. »

Gruta das Onças.

Situada nas abas de um morro, não muito distante do lugar *Lavrinhas*, em caminho para Cuyabá, tendo sua boca voltada para OSO. Por ella sahe um ribeirão de agua fria e crystallina, a qual corre sobre um leito de areia branca, fina e movel. Vio-se toda a superficie do leito alastrada de folhas seccas que cahem das arvores; e aquelle ribeirão as arrasta e as conduz, ainda depois de subterrar-se, para vir resurgir ao lado esquerdo da segunda camara interior da gruta, e sahir fóra pela sua boca. A materia de que é formada a gruta é de um coz vermelho, glarcoso e friavel, cujas particulas na sua maior parte ainda têm bem fraca adhesão entre si. O vão da gruta tem duzentos e cinco palmos de comprimento total, repartida aquella extensão em tres camaras interiores, para cada uma das quaes dá entrada um arco que divide umas das outras. Na parede do frontispicio deixão-se ver uns como caracteres orientaes, porém pelo gosto e teor de sua formação, bem mostrão, sem contradicção alguma, ser obra dos gentios que alli se têm agazalhado. O Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira visitou esta gruta, fez della uma descripção em 1790, e no frontispicio inscreveu tão sómente o anno em que a examinou.

Gruta de Ouro-Fino.

A uma legua de distancia do arraial deste nome, em Goyaz, na cavidade de um morro, gela-se certa materia branca e friavel que se suppõe salitre, mas que outras averiguações assentárão ser allumen.

Gruta do Castello.

Vid. *Castello.*

Guará.

Ave do tamanho de um frango, de bico comprido, fino e acannellado, o pescoço do comprimento de quasi um palmo, as pernas compridas, delgadas por quatro dedos; a côr vermelha, as pennas da barriga brancas e as coberturas das azas e pescoço pardacentas. (*Heo tantalus ruber.* L.)

Guaxima.

Arbusto apresentado por João Hopman ao vice-rei Luiz de Vasconcellos; depois de cortido tirou-se delle excellente linho, capaz para cabos de navios e toda a mais cordoalha, de que se fizerão experiencias com proveito.

Herva de rato.

Veneno, cujos effeitos são pestiferos, com o qual se matavão os indios do Amazonas uns aos outros, com morte prolongada de ir definhando o doente, até que morria miseravelmente com a pelle sobre os ossos. É um arbusto pequeno, e talvez o mesmo que em alguns pastos mata o gado vaccum.

Hipupiara.

Nas memorias de Pedro Gandavo conta-se que em 1564 matou-se um fero e espantoso monstro marinho,

na capitania de S. Vicente, o qual na lingua dos indios da terra era chamado Hipupiara, que quer dizer *demonio d'agua.* Era de quinze palmos de comprido, e semeado de cabellos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas mui grandes como bigodes. Gandavo juntou-lhe o retrato em suas memorias. Eis como refere Gandavo o facto:

« Sendo já alta noite a horas, em que todos começavão de se entregar ao somno, acertou de sahir fóra de casa uma india escrava do capitão: a qual lançando os olhos a uma varzea que está pegada com o mar, e com a povoação, vio andar nella este monstro, movendo-se de uma parte para outra, com passos e meneios desusados, e dando alguns urros de quando em quando tão feios, que como pasmada e quasi fóra de si, se veio ao filho do mesmo capitão, cujo nome era Balthazar Ferreira, e lhe deu conta do que vira, parecendo-lhe que era alguma visão diabolica. Mas como elle fosse homem não menos desusado que esforçado, a esta gente da terra seja digna de pouco credito, não lh'o deu logo muito a suas palavras, e deixando-se estar na cama, a tornou outra vez a mandar fóra dizendo-lhe que se affirmasse bem no que era. E obedecendo a india a seu mandado foi: e tornou mais espantada, affirmando-lhe, e repetindo-lhe uma vez e outra, que andava alli uma cousa tão feia, que não podia ser senão o demonio. Então se levantou elle mui depressa, e lançou mão a uma espada que tinha junto de si, com a qual botou sómente em camisa pela porta fóra, tendo para si (quando muito) que seria algum tigre, ou outro animal da terra conhecido, com a vista do qual se desenganou do que a india lhe queria persuadir. E pondo os olhos naquella parte que ella lhe assignalou, vio confusamente o vulto do

monstro ao longo da praia, sem poder divisar o que era, por causa da noite lh'o impedir, e o monstro tambem ser cousa nunca vista, e fóra do parecer de todos os outros animaes. E chegando de um pouco mais a elle para que melhor se podesse ajudar da vista, foi sentido do mesmo monstro; o qual em levantando a cabeça, tanto que o vio, começou a caminhar para o mar d'onde viera. Nisto conheceu o mancebo que era aquillo cousa do mar e antes que nelle se mettesse, acudio com muita presteza a tomar-lhe a dianteira. E vendo o monstro que elle lh'embargava o caminho, levantou-se direito para cima como um homem, fincado sobre as barbatanas do rabo, e estando assi a par com elle, deu-lhe uma estocada pela barriga, e dando-lh'a no mesmo instante se desviou para uma parte com tanta velocidade, que não poude o monstro leva-lo debaixo de si, porém não pouco affrontado, porque o grande torno de sangue que sahio da ferida, lhe deu no rosto com tanta fôrça que quasi ficou sem nenhuma vista. E tanto que o monstro se lançou em terra deixa o caminho que levava, e assim ferido urrando com a boca aberta sem nenhum medo, remetteu a elle, e indo para o tragar a unhas e a dentes, deu-lhe na cabeça uma cutilada mui grande, com a qual ficou já muito debil, e deixando sua vã porfia, tornou então a caminhar outra vez para o mar. Neste tempo acudirão alguns escravos aos gritos da india que estava em vella; e chegando a elle o tomárão todos já quasi morto, e d'alli o levárão dentro da povoação, onde esteve o dia seguinte á vista de toda a gente da terra. E com este mancebo se haver mostrado neste caso tão animoso como se mostra e ser tido na terra por muito esforçado, sahio todavia desta

batalha tão sem alento, e com a visão deste medonho animal ficou tão perturbado e suspenso, que perguntando-lhe o pai, o que era que lhe havia succedido não lhe poude responder; assim esteve como assombrado sem fallar cousa alguma por um grande espaço. »

Hospicio de Jerusalém.

Fundou-se no Rio de Janeiro em 18 de Junho de 1735 para nelle se recolherem os religiosos leigos, que se empregão nas esmolas para os Santos Lugares (*).

Iman.

Ha em abundancia no districto de Pilões, junto ao morro Tubá, em Goyaz.

Imprensa.

José Freire de Monterroyo Mascarenhas (**) foi o primeiro que introduzio em 1715, em Portugal, o uso dos jornaes ou folhas periodicas, embora desde 1641 até 1667 apparecessem em Lisboa algumas folhas e gazetas noticiosas, e politicas, cujos autores não estão de todo averiguados.

Em meio do seculo passado, um acto do governo portuguez mandou destruir a unica imprensa, levantada no Brasil por Antonio da Fonseca (Rio de Janeiro), da qual havia sahido, com data de 1747, a *Relação da entrada que fez o bispo D. Fr. Antonio do Desterro Malheiro, escripta pelo juiz de fóra Luiz Antonio Ro-*

(*) *Ordem do Rei D. João V, dirigida ao general Gomes Freire de Andrade.*

(**) Vid. Dicc. Bibl. de Innocencio, vol. 3º pag. 137, e 4º 1859 e 1860.

sado da Cunha; e sabe-se, que della tambem sahira, disfarçado com o titulo de impressão de Madrid, o livro de *Exame de bombeiros*. Antonio da Fonseca era protegido pelos jesuitas (*).

O primeiro impresso que se fez em Pernambuco foi em 10 de Março de 1817, com o titulo de *Preciso*, defesa de um dos membros do governo provisorio.

A primeira typographia que possuio a Bahia foi da Viuva Serva e Carvalho por diligencia do governador o Conde dos Arcos.

(*) No fim de 1808, anno em que veio de Portugal para o Rio de Janeiro a familia real, começou a publicar-se a *Gazeta do Rio de Janeiro*, e na Babia a *Idade de ouro do Brasil*. Até 1820 houve sómente no Brasil estes dous pequenos e insignificantes periodicos que sahião duas vezes na semana. Em 1821 segundo o testemunho do Sr. Balbi, existião oito jornaes nas localidades já indicadas, e em Pernambuco; os quaes se occupavão exclusivamente da politica do dia, censuras aos empregados publicos, correspondencias virulentas, e planos mais ou menos phantasticos de reformas sociaes. Em 1822 começou a publicar-se o *Diario do Rio de Janeiro*, e foi o primeiro que deu o exemplo de occupar-se principalmente de annuncios. Em Dezembro de 1827 começou a sahir a *Aurora Fluminense*, periodico politico, que durou oito annos, e que gozou de voga extraordinaria como director da opinião publica. Em Setembro de 1828 existião trinta e dous jornaes no Imperio, exclusivamente politicos, com excepção de tres ou quatro, que se occupavão de annuncios ou noticias commerciaes. Em Dezembro de 1835 os jornaes existentes sommavão em cincoenta e seis, não havendo jornaes nesse anno no Pará, Piauhy, Goyaz, Matto-Grosso e Espirito-Santo. Em 1846 o numero de periodicos elevou-se a setenta e oito, contando-se litterarios e scientificos, só na côrte o numero de onze. Os assignantes do *Jornal do Commercio* subião nesse anno a 4,000, do *Diario* a 2,200, e do *Mercantil* a 2,700. O *Jornal do Commercio* principiou do tamanho de uma folha de papel de marca vulgar. O Sr. Souza Martins, escriptor de uma noticia ácerca do jornalismo no Brasil, de que extrahimos estes apontamentos, diz que os progressos do jornalismo no Brasil têm sido superiores a quanto era possivel esperar do nosso estado de atrazo na instrucção publica.

— A primeira publicação feita na provincia do Espirito-Santo (cidade da Victoria), teve lugar em 1848, sendo o primeiro periodico o— *Correio da Victoria* —, e seu proprietario Pedro Antonio de Azeredo. Na villa das Cachoeiras creou-se um estabelecimento typographico, sahindo delle em 1º de Julho de 1866 o periodico *Itabira.*

Itabiraba.

Ribeiros, em que descobrirão minas de ouro em 1694 Bartholomeu Bueno de Sequeira, e Miguel de Almeida, reinando o Senhor D. Pedro II, e governando a capitania do Rio de Janeiro e S. Paulo Arthur de Sá Menezes.

Itapicurú —Itapucurú.

Rio na provincia da Bahia. Significa—*pucaro de agua.* Rio, serra, villa, freguezia, e comarca na provincia do Maranhão (*).

Itaquatiara.

Na eminencia desta serra, situada no districto de Minas-Geraes, refere o medico Matheus Saraiva em uma de suas memorias, que havia-se encontrado uma inscripção de tres cruzes, com outras mais figuras, que parecem mysteriosas, symbolicas, e hyeroglyphicas, esculpidas em uma pedra. Itaquatiara na lingua geral dos indios vale o mesmo que *pedra lavrada ou riscada.*

Vid. *Gavea.*

(*) Vid. Apont. para o Dicc. do Mar., do Dr. C. A. Marques, 1864. As aguas do rio são turvas e lodosas, tão quentes no verão durante a noite, que amanhecem fumegando; utilisão então muito os seus banhos, porque são medicinaes; porém logo que lhe succedem as chuvas, ou que no fim destas principião suas barreiras a descobrir-se, tornão-se ellas perniciosas, e até perigosos os seus ares para respirar.

Itaupaba.

É junto do rio deste nome, na provincia de Santa Catharina, que estão as fontes d'aguas thermaes, a que se attribuem muitas propriedades medicas.

Itaipaba é o nome de uma pequena praia, que fica entre o monte Aghá, e a povoação da Barra de Itapemerim, na provincia do Espirito-Santo.

Jacaré.

O dente deste animal é contra-veneno universal, diz o *Thesouro descoberto do Rio Amazonas*.

Jekeri.

Herva, por alguns chamada *malicia das mulheres*, frequente, usual, e refinado veneno no Amázonas, que mata, espremido o succo de suas folhas, e bebido. É muito espinhada esta herva, e se encolhe, quando toca em outra folha. O antidoto está em sua propria raiz.

Jequitibá.

Arvore com folhagem magestosa e abundante que serve de pouso ás araras canindés ornadas de pennas vermelhas, que representão flôres da mesma arvore.

Jesuitas.

Forão expulsos e exterminados da provincia das Alagôas em 1760, em virtude do Alvará de 3 de Setembro de 1759, sendo governador Francisco Pedro de Mendença Gurjão. Os bens dos mesmos ficárão pertencendo á fazenda publica em virtude do breve do Santo Padre Clemente XIV, datado de 21 de Julho de 1773, e Alvará de 9 de Setembro do mesmo anno.

Do Maranhão forão expulsos, e embarcárão, em Março de 1684.

Da provincia do Espirito-Santo forão expulsos, sendo

embarcados em um brigue, que entrou a 4 de Dezembro de 1759 na barra da capital. Nelle veio um desembargador, e uma companhia de soldados granadeiros, que cercárão e guardárão o collegio, publicando-se, antes do embarque, um *bando* ao som de tambores contra os mesmos jesuitas, como falsarios á corôa, etc.

Em 1759 o ouvidor Luiz José Duarte Freire começou o sequestro nos bens dos jesuitas, que em 10 de Março de 1760 sahirão presos de Piauhy com destino á Bahia (*).

Joannes.

Ilha que em extensão excede a todo o reino de Portugal. Produz os gados, de que subsiste o Pará, fazendo frente a todos os rios, que dão navegação para o interior, e sendo accessivel por toda a parte.

Joazeiro.

Cinco leguas distante deste lugar (na provincia da Bahia), de um e outro lado da fazenda Olhos d'agua, por espaço de mais de duas leguas, corre um terreno, onde se encontrão: 1°, o marmore branco em um lugar um tanto elevado; 2°, a pedra de cal ordinaria em maior extensão e mais abundante; 3°, nos baixos vizinhos desses lugares aguas salinas em abundancia, e as terras tão saliferas são, que em varias partes de sua superficie se fórmão tenuissimas camadas de sal concreto.

(*) Na villa de S. Vicente, da provincia de S. Paulo, celebrou-se um congresso onde se resolveu expulsar aos jesuitas de toda a capitania; assistirão a elle procuradores constituidos por todas as villas, e suas camaras. A villa de S. Paulo executou este accordo commum em 13 de Julho de 1640 — o mesmo fez a de Santos, pondo ambas fóra de seus collegios os mencionados religiosos. Treze annos durou o exterminio; e apezar de ordenar S. M. em 1643 e 1647 que tornassem para seus collegios, só forão a elles restituidos pelos povos no anno de 1653, depois de se sujeitarem por escriptura, lavrada em 14 de Maio, a varias condições.

Lage.

Fortaleza na barra do Rio de Janeiro, cuja construcção teve principio no governo de Francisco de Tavora, em 1716.

Lagoa Feia.

No municipio de Campos, da provincia do Rio de Janeiro.

Na provincia de Goyaz existe uma, digna de tal nome, pela sua situação medonha, com mais de legua de extensão, de uma profundidade que se não ha podido sondar; suas aguas, em razão do fundo, parecem pretas, e em parte são cobertas de musgo; povoada de jacarés enormes, e outros monstros, e tambem de excellente pescado, principalmente trahiras. E' origem do Rio Preto.

Lapa das pinturas.

Caverna descoberta na provincia de Minas, onde se achão figuras, que se dizem abertas em relevo sobre rochedos.

Lençóes.

Ribeirão na provincia de S. Paulo, notavel pela formosa symetria, com que, de degráo em degráo, se despenha no rio Tieté.

E' tambem o nome de uma comarca na provincia da Bàhia.

Madeiras.

Apreciaveis para a construcção naval (*) o angelim (*andira ebacariba*, Pison), o páo d'arco (*bignonia leu-*

(*) Segundo a circulár do ministerio da marinha de 5 de Fevereiro de 1858 não podem ser cortadas sem licença:

Peroba. Sicopira. Pequeá. Jaqueira. Cedro batata ou angelim do Pará.	Páos curvos e curvas.
Peroba branca. Potumujú. Itaúba do Pará.	Pranchões ou páos direitos.

coxillum, L.), o aderno verdadeiro e marnacaiba ; o vinhatico, originalmente *sabigenguia*, a sapucaia (*lecythis ollaria* L.), a sicupira, o putumojú, o cedro, o piqui amarello, coração de negro, comumbá vermelho, jequitibá, jetahypeba, jetahypebaçú, jetahypebamirim, massaranduba, jatobá, louro de que distinguem-se dezeseis qualidades, inhabitatan, olandim, oiticica, pindahiba, pinhã, piranduba, orucurana, jetahy preto, oity, de diversas variedades, mucury, cutucoem, biriba, burahem macho e femea, gurubá, comunhá. O castanheiro e a monjuba são arvores, que se encontrão no Rio Branco (Pará), as quaes tem prestimo para cordoaria.

Para marcenaria — vinhatico, jacarandá de quatro especies, amoreira de amago preto, araribá macho e femea, mussutahiba, azulão, brazilete, canella, condurú, mingú preto, pardo e rôxo, gonsalo-alves, sebastião d'arruda, amamonas, arataia.

Na ordem das oleaginosas distinguem-se a arvore do balsamo originariamente cabureiba, a copahiba, e entre as resinosas a arvore do breu, a almecega, ou almecegueira, originariamente ubirasica, o jatobá, o cajueiro bravo, e a landirana, arvore que fornece materia abundante para a tinturaria, além do páo-brasil, e differentes arbustos e hervanços, o piqui, de cuja casca se extrahe tinta preta, o louro anniuba, a jutahy, a tatagibá, cuja madeira dá finissima tinta amarella, e de outras côres, segundo as combinações que para isso se empregarem, a araribá da serra, que fornece do extracto de seu lenho optima tinta côr de rosa, a gurubú, de cuja casca extrahe-se tinta rôxa, tinta esta que tambem se colhe do fructo da aroeira, arvore de madeira rigissima.

Malacachetas.

Ha no districto de Trahiras, em Goyaz, mais limpas e maiores, que as de Veneza, e Allemanha, as quaes já forão usadas em lanternas de náos, e supprem a falta de vidros nas janellas, tendo-se applicado o aço sobre ellas, e formado um espelho, que tinha a vantagem de se não quebrar.

Marianna.

Situada á margem do rio chamado Ribeirão do Carmo, em Minas. Erecta em villa a 8 de Abril de 1711, e confirmada em 14 de Abril de 1712 por D. João V, com o titulo de Leal Villa de Nossa Senhora do Carmo. Erecta em cidade, com o titulo de Marianna, por Carta Régia de 23 de Abril de 1745. Cabeça de bispado, erecto por Alvará de 2 de Maio de 1747, expedido em virtude do motu-proprio de Benedicto XIV, de 1746, que o separou do bispado do Rio de Janeiro.

Fundou-se aqui um seminario, onde se admittião estudantes pobres, e pensionistas, no anno de 1749, com esmolas diligenciadas pelo bispo D. Fr. Manoel da Cruz.

Marmores.

São conhecidas duas pedreiras na provincia de Minas-Geraes, uma nas vizinhanças do arraial de S. Thiago, a sete leguas de S. João d'El-Rei, outra no lugar denominado — Fradique, junto do rancho — Guilherme — a duas leguas da villa de Oliveira. A igreja matriz desta villa é construida desta pedra marmorea em tudo o que pertence á cantaria. O marmore é de uma bella côr verde-escura, com ondeamento amarellado, e sus-

ceptivel de polimento, como se observa no presbyterio da mesma matriz, que é tambem construido da dita pedra.

A cincoenta annos foi descoberta a primeira destas pedreiras; mas, sendo distante da villa de Oliveira, e apparecendo a segunda pedreira, a abandonárão, e continuárão a obra da igreja com o marmore de Fradique. Finda a obra, ninguem mais cuidou tambem da segunda pedreira, e apenas existião (1843) na villa de Oliveira dous velhos pedreiros, que a conhecião, José Martins, e F. Suassuhy. « Se não se aproveitar obter conhecimento da pedreira por intermedio destes homens, diz João Goulart ao Instituto Historico Brasileiro, talvez em pouco tempo se percão as esperanças de a conhecer. »

Na Bahia descobrio-se marmore côr de rosa em uma planicie entrecortada em diversas direcções por muitos braços de mar, e pelos leitos de dous grandes canaes do oceano, o rio grande de Belmonte, ou Jequitinhonha, e o rio Pardo. A posição da pedreira estende-se por leguas do terreno.

Em um pontal ao sul da ilha de Cananéa (provincia de S. Paulo) se encontrárão tres padrões de finissimo marmore branco, verdadeiro *calcareo sacharoide*, sem espheras, sem castellos, e sem data, apenas com as quinas. Suppõe-se ter sido tirado de pedreiras vizinhas a terrenos volcanicos. No parecer do Sr. Varnhagen esses padrões forão ahi deixados por Martim Affonso, cuja armada se demorou mez e meio nesse porto.

Mestre Alvaro.

Montanha de pedra que fica no termo da villa da Serra, da provincia do Espirito-Santo. É tradição existirem nella minas de salitre e enxofre.

Minas Novas.

Municipio da provincia de Minas-Geraes, que não tem prosperado pela difficuldade de suas communicações com os grandes mercados. Teve grande commercio com a Bahia, para onde mandava immensos fardos de algodão, que manufacturava, e teve uma mineração de chrysolitas, aguas-marinhas, e outras pedras preciosas, entre as quaes foi a tão afamada pedra de dezeseis libras, offerecida a D. João VI pelo seu descobridor.

Muqui.

Dizia o capitão-mór João Dias, morador á margem do rio Itapemirim: « Que nós possuimos tambem ricas minas de ouro, afóra as *do Castello*, é para mim cousa certa. Ha aqui um indio manso de nome João, que entrando muitas vezes pelo rio Muquí, depois de seis dias volta sempre carregado de pelles de animaes que mata, e traz folhetas de ouro, que (diz) tira do poço de uma cachoeira, que no sertão de *Camapuá* se precipita em pannos, que imitão a fórma de camisas lavadas. »

Nova Coimbra.

No monte, cujas fraldas occupa o presidio deste nome, na provincia de Matto-Grosso, está uma grande gruta, na qual, depois de fazer-se trinta e oito varas de uma descida trabalhosa, chega-se a um salão de cincoenta e nove varas de comprido, e trinta e cinco de largo, sendo onze occupadas por aguas as mais frescas, e crystallinas, mas no sabor um pouco desagradaveis. Este lago termina a gruta pelo lado direito, por toda a extensão, e na parte mais funda tem vinte e quatro

palmos de alto. O lago parece ter communicação com o rio, porque enche e vasa á proporção que enche e vasa o rio, que fica distante mil passos. Na sala ha sete columnas, tres em frente, e quatro no fundo, todas de pedras congeladas das aguas, que de continuo estão pingando d'abobada; a mais grossa tem trinta palmos de circumferencia sobre vinte e seis de altura; a menor doze de grossura. N'uma parte divisa-se, com o auxilio das luzes, o pavimento coberto de luzentes areias; em outra, crystallina agua em que vai fenecer a abóbada, onde estão crescendo bellas figuras, e innumeraveis pedras, que a natureza, com mão habil, vai formando; as columnas parecem ser feitas com arte, umas são de meias cannas, outras abertas em tarjas; estas se prendem no tecto, sobre aquellas estão differentes folhagens pendentes; altura da abóbada no mais alto sessenta palmos. Em outro monte, algumas leguas apartado deste, estão seis grutas menores.

Pão d'Agua.

Crião-se grandes arvores, a que dão este nome, duas leguas a léste das cabeceiras do rio Jaurú, e á roda dellas (arvores) uma especie de junco de hastea alta e dura, que serve como de canudo, o qual introduzido pelos orificios naturaes, que o tronco daquella arvore tem junto da terra, della se tira a quantidade d'agua bastante para beberem os viajantes, e as suas cavalgaduras nos arenosos campos dos Parecis, onde ha falta d'agua.

Paraguassú.

(Diamantino) Povoação da provincia da Bahia, onde se encontrão e confundem-se diversos rios; entre elles o

Mucugê Combucas, Cocal, Paraguassuzinho, e outros. Foi nestes rios que José Pereira do Prado descobrio riquissimas minas diamantinas em Setembro de 1844, descoberta que, divulgada, fez reunir em menos de seis mezes uma população das extremidades da provincia da Bahia, e das vizinhas em numero de mais de vinte cinco mil pessoas, tempo em que se levantou a povoação dita.

Foi em um poço do rio *Mucugê*, junto áquella povoação, que em poucas horas um homem de nome Venceslão, em Outubro do mesmo anno de 1844, mergulhando, apanhou dezenove oitavas de diamantes. Nellê apanhárão outros muitos individuos mais de oitenta oitavas, e ultimamente colheu o capitão Rodrigo Antonio Pereira de Castro, em quatorze dias de trabalho com trinta trabalhadores, noventa e tres. Os córregos que para estes dous rios desaguão, os brejos que em suas abas, nas fraldas das serras, e nas cavidades dellas se fórmão, abundavão de diamantes, abundancia que se considera existir nos lugares que, ainda por desconhecidos, existem virgens.

Parnaguá.

Villa na provincia do Piauhy. Em Dezembro de 1800 Luiz Raposo do Amaral descobrio minas de ouro, ferro, esmeraldas, e salitre.

Paranaguá é cidade maritima pertencente á provincia do Paraná.

Pastos Bons.

Villa da provincia do Maranhão, até onde se estende o rio Parnayba. As aguas de suas vertentes têm a pro-

priedade de petrificar a madeira, qualquer que seja a sua natureza, fazendo-a porosa, e solidissima (*).

Petropolis.

O homem que realizou a creação deste lugar hoje cidade, pertencente á provincia do Rio de Janeiro, foi o major Julio Frederico Koeler, filho de Allemanha. Sustentou grande luta contra os prejuizos populares, e contra os partidos inimigos da colonisação, e foi mais forte do que a resistencia de uma natureza virgem; os rios obedecêrão ao seu mando, e deixárão os leitos seculares para correrem em alinhados canaes, e entrarem na ordem do bello symetrico; as collinas se abaixárão, os pantanos seccárão, e os valles se nivelárão com os montes, abrindo formosas, faceis e pittorescas estradas para testemunhar um poderoso triumpho do progresso sobre a velha rotina.

Piracuruca — Piracruca.

Freguezia, e rio na provincia do Piauhy. Significa *cruz do peixe*. Aqui descobrírão-se minas de ouro e prata em 1799, segundo informou Miguel Teixeira Monteiro ao governador.

Piranha.

Peixe de pequeno tamanho, ornado de lindas côres, que dilacera instantaneamente tudo quanto cahe n'agua.

Piraqué — Poraqué.

Especie de enguia do Maranhão, que causa os effeitos da tremelga, entorpecendo. E' de côr negra, e de um aspecto repugnante, com tres palmos de extensão, e mais.

(*) Vid. Apont. para a historia do Mar., do Dr. C. A. Marques, 1864.

Pirarucu.

Peixe do rio Araguaya na provincia do Pará, que os naturalistas conhecem sob o nome de *Vastres*, cujas dimensões são taes, que um delles, de tamanho ordinario, dá quasi tanta porção de carne secca, como um boi.

Pitanguí.

Rio na provincia de S. Paulo, villa na de Minas-Geraes. Significa *rio da pitanga.*

Os moradores desta villa de Pitangui, achando excessivo o imposto de trinta e seis arrobas de ouro, lançado em 1715 sobre os povos de Minas, por conta dos reaes quintos, não se sujeitárão a paga-lo; pegando em armas, postando guardas avançadas nos caminhos, tentárão impedir o ingresso das justiças, que vierão conhecer dos sediciosos. O ouvidor da comarca, que vinha escoltado por alguns soldados dos dragões, seguindo as travessias, entrou na villa, tirou a devassa, e mandou enforcar em effigie a Domingos Rodrigues Prado.

Constando este procedimento no campo deste cabeça dos sediciosos, em Itapiba, á margem do Pará, por ordem do mesmo regulo, o ouvidor foi tambem alli enforcado em effigie!

Pororoca.

Phenomeno produzido pela maré na foz do Mearim, no Guamá e Amazonas. A agua do rio luta com a do mar por largo espaço, dando saltos admiraveis com ruido espantoso. Afinal vence a do mar, e corre como de galope pelo rio acima com incrivel rapidez.

Salitre.

Em 1796 o padre Joaquim José Pereira descobrio abundantes minas delle no lugar Valença, da provincia do Piauhy.

S. Antonio (convento).

O padre custodio Fr. Leonardo de Jesus, achando-se no convento de Pernambuco, mandou, a instancia dos governadores e camara do Rio de Janeiro, que os padres Fr. Antonio dos Martyres, e Fr. Antonio das Chagas, em 22 de Outubro de 1606, emquanto elle não vinha, déssem principio á fundação deste convento. Chegados os dous religiosos, lhes foi destinada morada no sitio de Santa Luzia, aonde estiverão até a chegada do padre custodio, que foi a 20 de Fevereiro de 1607, trazendo em sua companhia quatro frades, que se hospedárão na Santa Casa da Misericordia, até o dia dos Prazeres, em que se passárão para a ermida de Santo Antonio, nas casas de Fernando Affonso. Não achando conveniente o padre custodio aquelle sitio de Santa Luzia para fundação do novo convento, representou ao governador Martim de Sá, e á camara, que, de unanime consenso, doárão aos religiosos o monte, em que existem, de cuja doação passou-se escriptura publica em 9 de Abril de 1607.

S. Bento (convento).

Foi fundado no Rio de Janeiro pelos padres Fr. Pedro Ferraz, e Fr. João Porcalho, que para esse fim vierão da Bahia em Outubro de 1589.

Santa Catharina das Mós.

Meia legua ao sul do rio Itabapuana, divisa *legal* da provincia do Espirito-Santo com a do Rio de Janeiro. Esta, põrém, pelo *direito* do mais forte, invadio o territorio daquella, de modo que, desde muitos annos, a divisa conhecida e aceita é o rio Itapabuana. Fica entre este, e o lugar denominado Manguinhos. Encontrárão-se em Santa Catharina umas mós abandonadas, facto de que lhe proveio o nome.

Santa Cruz.

Villa na provincia do Espirito-Santo, e tambem na da Bahia. Com o nome de Santa Cruz ha muitos lugares em diversas provincias, tendo Sua Magestade uma fazenda de criação com esse titulo no municipio neutro.

A um lado do arraial de Santa Cruz, em Goyaz, existem caldas sulphureas, com differentes grâos de calor, e diversas origens, as quaes têm sido uteis, mórmente em molestias cutaneas.

Santa Cruz é um dos maiores fortes da bahia do Rio de Janeiro, e o mais bello de todos do Imperio. Foi mandado construir por Mem de Sá, tendo sido augmentado, e preparado pelo vice-rei Conde de Rezende, como se achava até a época da questão Christie com o Brasil.

Sarampos.

Desta molestia morrêrão trinta mil indios nas missões dos jesuitas do Pará em 1749 a 1750.

Sociedade brasilica dos academicos renascidos.

Fundadá na Bahia, cuja primeira sessão teve lugar em 6 de Junho de 1759; era destinada a escrever a historia universal da America portugueza.

Sorocaba.

Cidade na provincia de S. Paulo.

Fundada a povoação pelos annos de 1670 pelo Paulista Balthazar Fernandes, irmão dos povoadores das villas de Parnahyba e Itú, com seus genros André e Bartholomeu de Zuniga, cavalleiros da provincia do Paraguay á custa da propria fazenda fizerão construir a matriz, casa de conselho e cadêa, e se acclamou em villa por provisão do capitão-mór loco-tenente do donatario Francisco Luiz Carneiro de Souza, Conde da Ilha do Principe.

Adiante de Sorocaba quatro leguas, no sitio chamado serra de *Biraçoyaba* levantou pelourinho D. Francisco de Souza, por conta das minas de ouro, prata e ferro, que na dita serra estavão descobertas pelo Paulista Affonso Sardinha; e o mesmo D. Francisco de Souza lhe poz o nome de minas de Nossa Senhora do Montserrate; porém com a sua ausencia para o reino, sahindo em Junho de 1602 de S. Paulo, cessou o labor das minas de Biraçoyaba, até que em melhor sitio se fundou a villa. Nesta serra de Biraçoyaba houve um grande engenho de fundir ferro, construido á custa de Sardinha, cuja manobra teve grande calor pelos annos de 1609, em que voltou a S. Paulo o mesmo D. Francisco de Souza, constituido governador e administrador geral das minas descobertas e por descobrir das tres capitanias, com mercê de marquez

de Minas com 30,000 cruzados de juro e herdade; fallecendo porém em S. Paulo o mesmo D. Francisco em Junho de 1611, com o decurso dos annos se extinguio o labor da extracção de ouro, e da fundição de ferro.

Nesta mesma serra de Biraçoyaba extrahio boa prata Fr. Pedro de Souza, religioso da Santissima Trindade, quando a estes exames veio mandado pelo Principe-regente D. Pedro em 1680.

Sucury.

Cobra, cujos dentes não fazem mal, por não terem veneno; porém intimida pelo seu tamanho, de duas, tres e quatro braças, com grossura correspondente. Vive engolindo animaes inteiros para sua sustentação; segundo um escriptor, tem-se achado muitas vezes no ventre de taes cobras veados inteiros engolidos no mesmo dia.

Terremotos.

« Neste comenos, diz Vasconcellos na *Chronica da Companhia de Jesus,* se levantou sobre todas aquellas villas de S. Vicente uma tormenta a mais desusada que virão os homens havia muitos tempos. De improviso junto ao pôr do sol se começou a desfazer o céo em ventos, chuvas, raios e trovões, com espantoso estrondo e tremor de terra horrivel, que parecia desfazer-se a machina do universo toda, e não com pequeno estrago, porque levava pelos ares as arvores, as casas, e os proprios homens, aonde muitos perecião! »

Rocha Pita na *America Portugueza* menciona a lagôa de Jacuné que têm seiscentas braças, da qual ha tradição fôra uma aldeia, que alli se sovertera. Silva Lisboa,

nos *Annaes do Rio de Janeiro*, menciona a Munditiba, uma aldeia de indios n'aquella altura.

Ayres do Casal, na *Corogr. Brasil.* diz—« A 24 de Setembro de 1744 ao meio dia e tempo claro se ouvio um trovão subterraneo, e immediatamente tremeu a terra dando varios balanços compassados, que causárão grande susto em todos os lugares de Matto-Grosso, e Cuiabá. Já nesse tempo dominava a secca, que durou até 49. Todos os mattos ardêrão, e na athmosphera só se vião nuvens de fumo, todos os viventes padecêrão fome, e outras calamidades de que morreu uma grande parte. »

Na provincia do Espirito-Santo, referem as memorias de Luciano da Gama Pereira, que alli falleceu em 1851 com mais de 100 annos, ao 1° de Agosto de 1767, pelas 8 horas da noite, houve grande abalo e tremor de terra na então villa da Victoria. Houverão preces e penitencias, e mandou-se vir nesse tempo a imagem da Senhora Mãi dos Homens, instituindo-se sua irmandade na capella da Misericordia.

O juiz de direito João Valentino Dantas Pinagé refere que no anno de 1808, a 8 de Agosto, pelas 8 horas da manhã, na povoação hoje cidade do Assú, provincia do Rio Grande do Norte, ouvio-se um grande estrondo vago, á maneira de um trovão subterraneo, que se dirigia de léste a oéste, e após elle sentio-se tremer a terra por algum tempo, abalando as pessoas que mal podião soster-se em pé, e causando choque nos vidros e louças, que buscavão sahir dos lugares em que havião sido postos. Este terremoto foi sentido em todo o sertão do Assú, da costa em busca do sertão até mais de vinte leguas, e ao longo da costa até o

sertão do Piauhy, onde se disse que attribuia-se o terremoto a castigo por haverem alli umas mulheres torrado uma criança pagã, pondo-a dentro de um tacho sobre brazas para fazerem feitiçaria com suas cinzas!...

No dia 28 de Outubro de 1811, pelas 8 horas da noite pouco mais ou menos, ouvirão-se taes estrondos grandes prolongados, na cidade do Recife, e bem semelhantes a fortes trovões ão longe, com intervallo de cinco minutos de um a outro, sendo o segundo mais forte que os outros. Em uma das casas do páteo da igreja da Senhora do Livramento tão pronunciado sentio-se o tremor, que os objectos que se achavão sobre as mesas ameaçárão precipitar-se ao chão, accrescendo que uma armação de chafariz, que se havia construido no centro do páteo, por occasião da festa da Senhora naquelle dia, e o frontispicio da dita igreja, que se achava convenientemente illuminado, foi abatido pelo tremor de terra, e reduzido á escuridão. Em muitos outros pontos da provincia consta que forão ouvidos os mesmos estrondos, e diz-se que, semanas anteriores ao dia do tremor, appareceu um cometa de cauda branca para o lado do sul, que só deixou de ser visto, depois que se deu o facto do tremor.

O presidente do Ceará Dr. Villela Tavares diz que alli no dia 2 de Dezembro de 1852, de uma para duas horas da tarde, ouvio-se na cidade do Aracaty um grande estrondo, o qual foi acompanhado de um ligeiro tremor de terra, que augmentou-se para partes do termo de S. Bernardo, fazendo rachar a terra, em alguns lugares.

Em 10 de Janeiro de 1854, diz a camara municipal da villa de Touros (Rio Grande do Norte), pelas

7 horas ouvio-se um estrondo que parecia ser no ar, da parte do léste; e logo no mesmo instante um tremor na terra, que chegaria a durar um minuto pouco mais ou menos, e deste phenomeno aconteceu tremerem as paredes das casas, cahirem as telhas das mesmas, assim como algumas mobilias, sem que fizesse estrago algum nem mal a nenhum vivente; isto pois foi na distância de duas leguas em circumferencia, onde percebeu-se o mesmo effeito.

Timbó.

Herva, que lançada em quantidade no rio, em que haja peixe, o embebeda, e o faz vir acima d'agua como morto. Assim usavão os Tupinambás, e muitas outras tribus de indios; os caboclos de Benevente, na provincia do Espirito-Santo, que morão a beira-rio, ainda praticão esse costume, para terem abundancia de peixe. Uma postura da camara municipal pune semelhante procedimento.

Topazios.

São excellentes os de Minas; tirão-se no Rio das Velhas, no Itatiara, no Chiqueiro, em um morro proximo á Ouro Preto, na cachoeira do Campo, no serro Frio, e em Cuieté. Aqui, e no Serro Frio tirão-se crysolitos, aguas-marinhas, granadas, e safiras.

Tucupi.

Veneno usual e conhecido, é este o sumo da raiz de mandioca, de que se faz pão, ou farinha. Veneno tão activo, que mata em breves horas aos que o bebem,

contando excessivas dôres, que parece desfazerem-se as entranhas com ancias e convulsões espantosas. Mui doce e grato ao paladar. A mesma raiz, comida antes de espremida, causa as mesmas convulsões, ancias e mortes. O antidoto deste veneno é a mesma casca da mandioca, porque comida com casca não faz mal. Tambem dizem que açoitando o doente com uma vara da mesma planta, lhe tira toda a malignidade do corpo.

Urucú.

« Fructo de um arbusto, que contém sementes vermelhas, as quaes esmagavão os indigenas, sahindo vermelha a tinta, com que se pintavão, e quando se molhavão, ficava a côr mais viva. » (Assim o escreveu a El-Rei D. Manoel, Pero Vaz de Caminha, escrivão da esquadra em que Pedr'alvares Cabral descobrio a ilha da Vera-Cruz, como lhe chama o mesmo Caminha assignando a citada carta.)

INDICE

PARTE I.

PARTE II.

PARTE III.

Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

CATALOGO

DOS

LIVROS

DE HISTORIA, POLITICA

TOPOGRAPHIA, etc.

EM PORTUGUEZ

Á VENDA EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

MERCADORES DE LIVROS

77, RUA DA QUITANDA, 77

RIO DE JANEIRO

Annaes d'El-Rei D. João III, por frei Luiz de Souza, publicados por A. Herculano. 1 volume encadernado . . . . Rs. 5$000

Annaes de Cornelio Tacito, traduzidos em linguagem portugueza, por José Liberato Freire de Carvalho. 2 volumes encadernados . . . Rs. 10$000

Annaes historicos do estado do Maranhão em que se dá noticia do seu descobrimento e de tudo o mais que nelle tem succedido, desde o anno em que foi descoberto até o de 1718. 1 volume. . . Rs. 6$000

Biographia Classica, ou Noticias dos Gregos e Romanos que se illustrárão na litteratura, sciencias e artes. 1 volume encadernado . . . . Rs. 2$000

Biographia do Exmo Sr. Conselheiro Joaquim Marcellino de Brito, escripta pelo Dr. A. J. de Mello Moraes. 1 volume . . . . Rs. 1$000

Apontamentos Biographicos do Barão de Cayrú, pelo Dr. A. J. de Mello Moraes. 1 volume. . . . . Rs. 2$000

Bosquejo Historico, Politico e Litterario do Brasil: ou analyse critica do projecto do Dr. A. F. França, por um Brasileiro. 1 volume . Rs. 3$000

Biographia de homens distinctos, que faltos dos predicados do nascimento ou da fortuna conseguírão a celebridade com seu merito. 1 vol. enc. Rs. 1$600

Biographia do tenente-coronel e cirurgião-mor reformado do exercito, Dr. Manoel Joaquim de Menezes, pelo Dr. A. J. de Mello Moraes. 1 vol. Rs. 1$000

Brasil (o) e os Brasileiros, por Antonio Augusto da Costa Aguiar. 1 vol . . . . Rs. 3$000

Brasil historico pelo Dr. Mello Moraes. 1 volume, in-folio. Este periodico tendo tido um anno e meio de existencia na côrte do Rio de Janeiro é consagrado á historia do Brasil, e além de importantissimos documentos e noticias curiosas a respeito do paiz, traz a historia dos ministerios de 1808 a 1821. O mesmo periodico transcreve integralmente o processo que se mandou instaurar no anno de 1821 por occasião dos acontecimentos que se derão na Praça do Commercio do Rio de Janeiro; bem como o do Tira-Dentes em Minas. Preço em brochura . . . . Rs. 12$000

* **Calendario historico** de 365 épocas nacionaes brasileiras, offerecendo para cada dia do anno um facto ou acontecimento notavel relativo ao Brasil. 1 volume. . . . . Rs. $560

Cartas e outras obras selectas do Marquez de Pombal, quinta edição; com o retrato do Marquez. 2 vol. encad . . . . Rs. 7$000

Esta edição contém tudo o que se acha nos 5 vol. das edições anteriores; e foi expurgada de immensos erros que tinhão essas edições, não só typographicos, como de orthographia e phraseologia; e está impressa com a orthographia moderna.

artas de um Americano sobre as vantagens dos governos republicanos federativos, traduzidas por um deputado Pernambucano. 1 vol . . . Rs. 2$000

astrioto Lusitano, ou a historia da guerra entre o Brasil e a Hollanda, durante 1624 á 1654. 1 vol. encadernado . . . . Rs. 6$000

Poucas nações podem gloriar-se de apresentar em sua historia um eriodo tão brilhante e glorioso, como o que apresentou o Brasil uando lutou com as forças então collossaes da Hollanda na feliz época e sua immortal restauração.

Os altos feitos e prodigios de valor que distinguirão aquella época memoravel fòrão digna e fielmente consignados na obra intitulada Castrioto Lusitano por Fr. Raphael de Jesus. Tendo-se porém tornado este Livro de summa raridade achava-se o Brasil privado do mais precioso monumento de sua gloria, e os illustres descendêntes daquelles heróes, do melhor titulo de sua nobreza.

Esperamos que os leitores apreciaráõ o desejo que tivemos de vulgarisar um livro que tanto honra os antigos Brasileiros e de contribuir por este modo a fazer mais publica a gloria que com tão justo titulo cabe ao Imperio brasileiro pelos illustres feitos que nelle se contém.

Chronica do Cardeal Rei D. Henrique, e vida de Miguel de Moura, escripta por elle mesmo, publicadas com algumas annotações. 1 vol. encad. . Rs. 3$000

Chronica do Imperador Clarimundo donde os reis de Portugal descendem, por João de Barros. 3 vol. encadernados . . . . Rs. 9$000

Chronica da Rainha a Sra. D. Maria II, comprehendendo os documentos do seu reinado de direito e de facto, desde 2 de Maio de 1826 até 15 de Novembro de 1853, por Franc. Duarte de Almeida e Araujo. 3 vol. Rs. 36$000

Chronica da rebellião Praieira em 1848 e 1849, seguida de grande cópia de peças justificativas, por J. M. Figueira de Mello, chefe de policia da provincia de Pernambuco e deputado á assembléa geral. 1 vol. de 860 paginas . . . . Rs. 4$000

Nesta obra, sahida da penna do illustre parlamentar, encontrará o leitor, amigo da verdade, narração fiel de todo o principio e desenvolvimento politico que por algum tempo ameaçára abalar os alicerces do Estado, e cujo conhecimento é indispensavel para a apreciação da historia contemporanea.

Cintra pittoresca ou memoria descriptiva da villa de Cintra e Collares. 1 vol. encad . . . Rs. 4$000

Commentario do Conde de Tracy, ou espirito das leis do Montesquieu seguidos d'uma memoria sobre a questão: — quaes são os meios de fundar a moral d'um povo? — traduzido por J. A. Nogueira. 1 vol. encad . . . . Rs. 4$000

Compendio das épocas e successos mais illustres da historia geral. 1 vol. encad. . . . . Rs. 2$500

Compendio da historia antiga. e particularmente da historia grega, seguido de um compendio de Mythologia para uso dos alumnos das escolas. 1 vol. encadernado. . . . . Rs. 2$500

* **Compendio da historia do Brasil** desde o seu descobrimento até o magestoso acto da coroação e sagração do Senhor D. Pedro II, em 2 volumes in-4°, nitida impressão em excellente papel, ornados com os retratos de S. M. I. o Senhor D. Pedro II, o fundador do Imperio D. Pedro I, e José Bonifacio de Andrada.
Brochados . . . . Rs. 8$000
Encadernados . . . . Rs. 10$000

A presente obra do Sr. General Lima foi recebida com o maior applauso, pois todos admirão seu estylo, sua elegancia, energia e concisão, e o vasto saber e variada instrucção de que deu prova nesta nova producção de sua penna. No fim do 2° volume se acha um Indice Chronologico mui minucioso e exacto, e uma collecção de documentos, muitos dos quaes são rarissimos e apreciaveis como peças justificativas de subido valor. Esta obra toda nacional é digna de se achar nas mãos de todos; o exacto conhecimento da Historia Patria é indispensavel aos moços como aos adultos, e seu estudo por meio de um tão patriotico livro não menos proveitoso como recreativo e interessante.

A mesma obra com omissão das notas e documentos historicos se acha impressa em uma edição compacta em um só volume de 352 paginas, para uso da mocidade nos collegios. Broch . . . . Rs. 2$000
Encadernado . . . . Rs. 2$500

E. terior não só impressa

Compendio historico dos Magistrados Romanos. 1 vol. encad. . . . . . . Rs. 2$000

Compendio de historia moderna, 1.° da idade média, livro 2° dos tempos modernos. 1 vol. encadernado. . . . . Rs. 2$000

Compendio da historia romana, para uso dos alumnos das escolas. 1 vol. encad. . . . Rs. 2$500

Compendio historico e universal de todas as sciencias e artes, para uso dos curiosos, pelo padre José Amaro da Silva, com estampas. 1 vol enc. Rs. 2$000

Corographia Cabo-Verdiana, ou descripção geographica-historica da provincia das ilhas de Cabo-Verde e Guiné por José Conrado Carlos de Chelmicki. 2 volumes. . . . . Rs. 5$000

***Corographia Brasilica,** ou relação historico-geographica do Brasil, por Manoel Ayres do Casal. Nova edição enriquecida de uma planta lithographada da provincia do Rio de Janeiro. 2 vol. encad. Rs. 10$000

Esta obra classica, descripção do Brasil, de merito reconhecido, é um dos livros mais completos para todas as classes de leitores que se interessão pelas causas do Brasil.

Corographia historica, Chronologica, Genealogica, Nobiliaria e Politica do Imperio do Brasil, contendo noções historicas e politicas, a começar do descobrimento da America e particularmente do Brasil; o tempo em que forão povoadas as suas differentes cidades, villas e lugares; seus governadores e a origem das diversas familias Brasileiras e seus appellidos, extrahida de antigos manuscriptos historicos e genealogicos, que em éras differentes se puderão obter; os tratados, as bullas, cartas régias, etc., etc.; a historia dos ministerios, sua politica e côres com que apparecêrão; a historia das assembléas temporaria e vitalicia, e tambem uma exposição da historia da independencia, escripta e comprovada com do-

cumentos ineditos e por testemunhas oculares que ainda restão, e dos outros movimentos politicos; descripção geographica, viagens, a historia das minas e quinto do ouro, etc., etc., afim de que se tenha um conhecimento exacto não só da geographia do Brasil, como da sua historia civil e politica; pelo Dr. Mello Moraes (A. J. de), autor de muitas obras litterarias e scientificas. 5 grossos vol. em 4°, ornado de um retrato, preço . . . . Rs. 30$000

Como editores de algumas obras do illustrado medico Brasileiro, o Sr. Dr. Mello Moraes, e encarregados por elle da distribuição de todos os seus escriptos, folgamos de levar ao conhecimento do publico a obra acima, que é sem contestação o escripto mais documentado que conhecemos sobre a historia do Brasil.

Ninguem possue tantos documentos (pela maior parte rarissimos) sobre a historia antiga e moderna do Brasil que o Sr. Dr. Mello Moraes, e por isso não receiamos affirmar que a obra presente fórma o repertorio mais fecundo de noticias que a posteridade ha de encontrar sobre o Brasil.

Cyropedia ou historia de Cyro, escripta em grego por Xenofonte. 1 vol. encadernado . . . Rs. 3$000

Demonstração das mudanças de ministros e secretarios de Estado do Imperio do Brasil de 1822 á 1863, organisado por Luiz Aleixo Boulanger. 1 vol. encadernado . . . . . Rs. 5$000

* **Declaração** (a) da maioridade de S. M. I. o Senhor D. Pedro II desde o momento em que essa idéa foi ventilada no corpo legislativo até a sua realização. 1 volume . . . . Rs. $640

Achão-se reunidos e coordenados neste folheto os documentos officiaes, discursos parlamentares e artigos que a respeito deste assumpto se encontrão separadamente das folhas publicas.

Dialogos de D. frei Amador Arraiz, bispo de Porto Alegre. 1 vol. encadernado. . . . . Rs. 8$000

* **Dialogo** sobre a historia romana, composto para uso das escolas. 1 volume . . . . Rs. $480

Esta obrinha, sahida da penna de um benemerito professor publico desta côrte, é mui propria para a mocidade e todos aquelles que desejão adquirir noções elementares sobre a interessante historia Romana.

Diccionario Bibliographico portuguez, estudos de Innocencio Francisco da Silva, applicaveis a Portugal e ao Brasil. 7 vol. encadernados Rs. 40$000

Diccionario Geographico abreviado de Portugal e suas possessões ultramarinas, por frei Francisco dos Prazeres Maranhão. 1 vol, encadernado Rs. 4$000

Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brasil, contendo a origem e historia de cada provincia, cidade, villa e aldêa; sua povoação, commercio, industria, agricultura, e productos mineralogicos, pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. 2 grandes volumes em 4°, ornados com um mappa do Brasil, encadernado. . . . . . Rs. 12$000

* **Diccionario geographico,** historico, politico e litterario do reino de Portugal e seus dominios, contendo a descripção das suas provincias, districtos e colonias, cidades, villas, aldêas e lugares principaes; sua população, superficie, industria, commercio, agricultura, producções dos tres reinos da natureza; seus rios, montes, portos, lagos e mais notaveis curiosidades naturaes, e monumentos; o rendimento, despeza e divida do Estado, força de terra e mar, fórma de governo, divisão politica, militar e ecclesiastica, caracter e costumes dos habitantes, ordens militares e genealogia das rainhas, principes e princezas que em Portugal tem havido. Por Paulo Perestrello da Camara, em 2 vols. in-4° de mais de 500 paginas cada um adornados com 17 magnificas vistas de Portugal e do retrato de S. M. I. o Duque de Bragança. Brochado. . . Rs. 8$000
Encadernado . . . . Rs. 10$000

* **Diccionario historico e geographico da provincia do S. Pedro**, ou Rio Grande do Sul, contendo a historia e descripção da provincia em relação aos tres reinos da natureza, sua descripção geographica e hydrographica, bem como a sua divisão politica, judiciaria e ecclesiastica: os commandos superiores com as

respectivas forças; a população, limites e superficie; a instrucção publica, industria e commercio; os montes, rios e lagos, as cidades, villas, colonias e lugares principaes com a data de suas fundações, etc., etc., por Domingos de Araujo e Silva, Bacharel em sciencias mathematicas e physicas, engenheiro geographo civil e militar, capitão de estado maior de 1ª classe. 1 vol. em 8º francez elegantemente impresso e enc. Rs. 5$000
Brochado . . . . Rs. 4$000

* **Diccionario topographico e estatistico da provincia do Ceará,** pelo Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil. 1 vol. . . . . . . Rs. 2$500

Não será de certo necessario fazer elogios a um livro cuja falta tem sentido todas aquellas pessoas que se occupão com estatisticas e geographias e que desejão instruir-se sobre esta materia.

* **Ensaio critico sobre a viagem ao Brasil,** em 1852, de Carlos B. Mansfield, por A. D. Pascual (Adadus Calpe) membro do Instituto Historio e Geographico do Brasil, e de outras corporações scientificas e litterarias estrangeiras, etc. 2 vols. broch. Rs. 6$000
Encadernados. . . . . Rs. 8$000

O merecimento desta obra tem sido aquilatado devidamente pelo secretario do Instituto Historico Geographico do Brasil no seu relatorio, lido na sessão magna do mesmo instituto, celebrado na presença de SS. MM. II., em 15 de Dezembro de 1861.

Ensaio corographico do Imperio do Brasil, offerecido e consagrado a S. M. o Imperador, o Sr. D. Pedro II, pelo Dr. A. J. de Mello Moraes. 1 vol. encr. . . . . Rs. 3$000

Ensaio sobre a historia litteraria de Portugal, desde a sua mais remota antiguidade até o presente tempo, por Francisco Freire de Carvalho. 1 vol. encadernado . . . . Rs. 3$000

Epitome chronologico da Historia do Brasil para uso da mocidade Brasileira, composto pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, ornado com o retrato de S. M. I. e o mappa do Imperio do Brasil. 1 vol. Rs. 3$000

* **Epitome da Historia do Brasil** desde o seu descobrimento até 1857, por José Pedro Xavier Pinheiro, adoptado para uso das aulas publicas do ensino primario; segunda edição. 1 vol. enc. Rs. 2$500

O Epitome, que hoje offerecemos á mocidade brasileira e a tódas as pessoas que desejão conhecer os acontecimentos de que o Brasil foi theatro desde o seu descobrimento até aos nossos dias, se distingue pela sua boa coordenação e pela singeleza na narração dos factos principaes da nossa historia. Por isso o sabio Conselho de Instrucção Publica, que apreciou estas qualidades, adoptou-o para uso das aulas publicas do ensino primario, como muitos collegios desta côrte e das provincias lhe tem dado preferencia.

Epitome universal, historiæ ab orbe condito ad Carolum Magnum, a Jacobo Benigno Bossuito, Studio et opera Hifronyum Suaresii Barboza. 1 vol. encadernado . . . . Rs. 4$000

Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil comprenant des éclaircissements nouveaux sur le second voyage de Vespuce sur les explorations des côtes septentrionales du Brésil par F. A. de Varnhagen. 1 vol.

Excerptos historicos e Collecção de documentos relativos á guerra denominada — da peninsula e a anterior de 1801 — do Roussellon e a Catalma resultado da commissão de investigações historicas commettida ao capitão de 1ª classe, Claudio de Chaby. 1 vol. encadernado . . . . Rs. 8$000

Fundação (a) da monarchia portugueza, narração anti-iberica, por A. A. T. de Vasconcellos. 1 vol. . . . . Rs. 1$500

Galeria dos illustres contemporaneos portuguezes ou Revista contendo as biographias, acompanhados de magnificos retratos dos homens eminentes de Portugal. 1 vol. encadernado. . . Rs. 8$000

Galeria pittoresca da historia, ou victorias, conquistas, façanhas e factos memoraveis de Portugal e do Brasil. 1 vol. ornado de 34 estampas, encadernado . . . . Rs. 5$000

Historia abreviada da descoberta e conquista das Indias pelos portuguezes. 1 vol. encadernado. . . . . Rs. 1$600

Historia da Bastilha, por Camillo Leynadier, traduzida por J. L. Freire de Carvalho. 3 vols. ornados de estampas . . . . Rs. 7$000

Historia do Brasil desde o seu descobrimento até 1826, originalmente composta em portuguez, para servir de continuação á que se publicou vertida do francez. 12 vols. com estampas. . . . . . . Rs. 24$000

Historia do Brasil desde o seu descobrimento por Pedro Alvares Cabral até á abdicação do Imperador D. Pedro I, por T. S. Constancio. 2 vols. encadernados . . . . Rs. 10$000

Historia do Captiveiro dos presos de estado na torre de S. Julião da Barra de Lisboa durante a época da usurpação, por João Baptista da Silva Lopes, um dos martyres da referida torre. 4 vols. encadernados . . . . Rs. 8$000

Historia de Carlos Magno, e dos doze pares de França. Obra grande em 1 vol. enc. . Rs. 2$000

* **Historia completa da revolução franceza** desde 1789 até 1815, resumida da obra de Thiers. Precedida de um resumo da historia de França desde o principio da monarchia. Um grande volume in-4° adornado com numerosas estampas representando os successos mais notaveis e os retratos dos homens que mais se distinguirão por suas virtudes ou vicios. encadernado . . . . Rs. 10$000
Publicamos da mesma obra uma edição em 2 vols. in-8°, sem gravuras. Brochado . . . . . Rs. 4$000
Encadernado . . . . Rs. 5$000

A revolução franceza é o successo mais assombroso da nossa idade, e fórma a primeira folha da historia futura do mundo. Esta revolução, que levou ao patibulo um rei virtuoso e verdadeiro amigo de seu

povo, e cujos principios, alterando as fórmas materiaes da sociedade, produzirão total revolução nos animos e nas idéas, foi uma sevéra lição para os reis e para os povos, que oxalá a ambos aproveite.— A excellente obra do Sr. Thiers, pelas considerações philosophicas que encerra, viveza e propriedade na descripção dos caracteres, e analyse judiciosa dos factos, merece ser por todos lida e estudada, e deu a seu autor o mais dintincto lugar entre os historiadores modernos.

Historia contemporanea ou D. Miguel em Portugal, motivo de sua exaltação e a causa da sua decadencia. 1 vol. encadernado. . . Rs. 6$000

Historia da conquista do Mexico, com a noticia do descobrimento, povoação e progressos da America septentrional, por J. A. C. Maciel. 2 vols. encadernados . . . . Rs. 4$000

Historia de Cromwell conforme com as memorias escriptas daquella época, e as collecções de notas parlamentares, escripta em francez por Villemain, e traduzida por M. C. da C. Couraça. 1 vol. enc. Rs. 6$000

Historia do descobrimento da America, por Campe, traduzida do allemão. 2 vol. com estampas, encadernados. . . . . Rs. 5$000

* **Historia criminal do governo inglez** desde as primeiras matanças da Irlanda até o envenenamento dos Chinas, por Elias Regnault. Traduzida do francez annotada com a historia de muitos factos modernos tanto no Brasil como em dominios de Portugal, por um Brasileiro, com uma gravura representando um inglez impondo aos chinas o opio. 2 vols. de 600 paginas, encadernados em um. . . . . Rs. 4$000

Historia dos Estados da America septentrional e meridional, desde a sua emancipação até ao reconhecimento de sua independencia, por Jacintho Alves Branco Moniz Barreto. 1 volume encadernado . . . . Rs. 4$000

Historia geral de Portugal, escripta por M. La Clede. 16 grossos vols. encadernados. . Rs. 28$000

Historia dos Girondinos, por A. de Lamartine, traduzida do francez por***. 5 vols. enc. Rs. 28$000
A mesma obra em 1 vol. encadernado . Rs. 7$000

Historia da guerra do Oriente, por J. da Silva Mendes Leal Junior. 2 vols. enc. . . Rs. 6$000

Histoire de Jean VI Roi de Portugal, depuis sa naissance jusqu'à sa mort, en 1826, avec des particularités sur sa vie privée et sur les principales circonstances de son règne. 1 vol. . . . Rs. 2$000

Historia da independencia da provincia do Maranhão 1822—1828, pelo Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, deputado á assembléa geral, autor da *Historia interna do direito romano* privado até Justiniano, etc., etc., etc. 1 vol. de mais de 400 paginas . . . . Rs. 6$000

* **Historia de Napoleão Imperador dos francezes,** desde o seu nascimento até a sua morte: contendo a completa e exacta narração das suas guerras, batalhas e victorias, acções de valor, de generosidade, de clemencia, de magnanimidade, coragem e bondade; sua vida privada, caracter, administração e conducta com as nações estrangeiras. Traduzida do original francez composto por A. Hugo, augmentada com a relação do funeral de Napoleão desde Santa Helena até a igreja dos Invalidos, e seguida do seu testamento. Segunda edição, consideravelmente augmentada. 2 vols. in-4° ornados com vinhetas e 24 estampas finissimas abertas a buril. Elegantemente encadernados . . . . Rs. 10$000

As acções de Napoleão, deste ser extraordinario, são por tal modo superiores ás dos demais homens, ainda dos que merecêrão o nome de heróes na antiguidade e nos tempos modernos, que parece ter sido elle o instrumento da Providencia. O nome só de Napoleão vale um exercito e espalha terror. General aos 25 annos, commandando em chefe um exercito, elle enceta a carreira militar com uma admiravel campanha, que repentinamente o colloca na primeira ordem dos grandes capitães. Sua circumspecção, sua bravura, seu olhar d'aguia, tudo nelle annuncia o ser superior nascido para commandar. De volta dos campos de batalha á sua patria poucos dias lhe bastão para

assenhorear-se do poder, e acaba por collocar-se sobre o throno de França. Seu vasto genio imprime em tudo uma actividade prodigiosa, commanda os exercitos e rege o Imperio: monumentos magnificos se elevão nas cidades, estradas serpeão pelo Imperio, as montanhas se applanão, os abysmos se enchem!

De tantas façanhas e successos estranhos contém a presente obra a mais fiel e complela narração, ainda mais realçada na presente segunda edição que mandamos imprimir por ter-se completamente esgotado a primeira pelo favoravel acolhimento que mereceu do publico.

Historia de Napoleão Bonaparte desde o seu nascimento até á sua morte, seguida da descripção das ceremonias que tiverão lugar na trasladação do seu corpo da ilha de Santa Helena para Paris, e do seu funeral. Obra extrahida dos melhores autores e especialmente das obras de Mr. Thiers pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, ornada de doze estampas e do retrato de Napoleão I. 2 vols. encadernados . . . . Rs. 6$000

Historia de Napoleão por Mr. Norvins. 4 vols. encadernados . . . . Rs. 6$000

Historia do naufragio e captiveiro de Mr. Brisson com a descripção dos desertos d'Africa desde o Senegal até Marrocos. 1 vol. enc. . Rs. 2$000

Historia dos naufragios ou Resumo das relações mais interessantes que têm apparecido sobre naufragios, desde o seculo XV até aos nossos dias, por Desperthes. 2 vols. encadernados . . . . . . Rs. 5$000

Historia da origem, progresso e decadencia das diversas facções que agitárão a França, desde 1798 até a abdicação, por José Lavallée. 3 volumes encadernados . . . . Rs. 7$000

Historia dos philosophos antigos e modernos, em que se relatão as vidas, acções, etc. 2 vols. encadernados . . . . Rs. 6$000

Historia de Portugal, por A. Herculano. 4 volumes. . . . . Rs. 24$000

Historia de Portugal desde o reinado da Sra. D. Maria I até á convenção d'Evora-Monte. 10 vols. encadernados . . . . Rs. 24$000

* **Historia da Restauração de Portugal**, por S. M. I. o Duque de Bragança, contendo a relação completa e circumstanciada das batalhas e victorias do exercito constitucional, dos rasgos de heroismo, de grandeza, de coragem e de bondade do seu immortal general, e da final quéda de seu governo absoluto e do usurpador do throno portuguez; composta sobre documentos authenticos por uma testemunha ocular. Com o mui fiel retrato de S. M. Imperial em 1833. 1 vol. in-4º, brochado . . . . Rs. 3$000
Encadernado . . . . Rs. 3$500

Historia da Revolução Franceza, desde 1789 até 1814, por Mignet. 3 vols. encad. . . Rs. 6$000

Historia das Revoluções de Portugal, pelo Abbade de Vertot. 1 vol. encadernado. Rs. 2$500

Historia Romana, desde a fundação de Rôma até á decadencia do Imperio Romano no Occidente, dividida em duas partes; a primeira contém a historia da Republica, e a segunda a dos Imperadores, traduzida do Inglez de Goldsmith. 2 vols. encad. Rs. 7$000

* **Historia Universal**, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, relatando os acontecimentos mais notaveis em todas as épocas, e os feitos dos homens mais celebres de todos os povos; composta sobre o plano de Gabriel Gottofredo Bredow, professor de historia da Universidade de Breslau, e enriquecida de notas por um Brasileiro. 5 volumes ornados com 24 estampas a buril. Encadernados . . . Rs. 12$000

As gravuras representão os seguintes objectos: 1. Creação do mundo.—2. Diluvio Universal.—3. Moysés.—4. Incendio de Troya.—5. Jogos Olympicos.—6. Xerxes.—7. Batalha de Salamina.—8. Alexandre.—9. Bruto.—10. Dido.—11. Annibal.—12. Batalha de Hermann.—13. Baptismo de Clovis.—14. Baptismo de Witekind.—15. Carlos

Magno.—16. As cruzadas.—17. Guilherme Tell.—18. Christovão Colombo.—19. Dieta de Worms.—20. Morte de Gustavo Adolpho.—21. Principe Eugenio. — 22. Frederico II. — 23. Victoria de Leipzig.—24. Assalto da Bastilha.

Desde muito tempo era entre nós desejadada uma boa obra sobre a historia universal. Possuiamos apenas algumas traducções, e essas mui pouco ao par da justa curiosidade e reclamações do estudo. É com o fim de supprir essa lacuna que nos propuzemos, dando á luz esta obra, offerecer ao publico um livro completo e digno da sua escolha.

Triste é a condição do homem nullo em conhecimentos historicos. Isolado no meio dos acontecimentos, vive nas trévas, sem illustração, sem experiencia: para elle o passado é um enigma, o futuro de todo imprevisto! Toda a sorte de prejuizos e preconceitos de educação, de circumstancias, de localidades, de tempo, embaração a marcha de seu espirito.

Que contraste não fórma com esse quadro o brilhante destino daquelle que pela historia adquirio o conhecimento indispensavel dos acontecimentos e dos homens! De um posto elevado elle observa o genero humano todo e os seus trabalhos: o passado lhe explica o presente e lhe esclarece o futuro.

Um manancial tão abundante, origem da mais util e variada instrucção, deve, sem a menor duvida, ter a mais decisiva influencia na pratica da vida, e por isso foi proclamada a historia por mestra da prudencia, do direito e da virtude. Ella fornece os exemplos mais terriveis e os menos esperados, os preceitos mais importantes, as mais finas lembranças.

Não ha classe alguma, nem individuo, que aspire a qualquer especie de consideração ou queira passar por civilisado que possa prescindir de um tal estudo: mas poucas são as pessoas a quem ella não convenha por motivos e razões especiaes.

Para o HOMEM DE ESTADO ella comprehende quasi a encyclopedia dos conhecimentos que lhe são necessarios.

Os GUERREIROS nella encontrão modelos, maximas, preceitos e estratagemas os mais habeis e cheios de finura.

Ao ECCLESIASTICO demonstra a importancia do seu ministerio, e inspira sentimentos liberaes e de tolerancia.

Os JURISCONSULTOS, MEDICOS E NEGOCIANTES della derivão importantes conhecimentos.

Instrucção igualmente util e variada obtem da mesma origem o ARTISTA, O FABRICANTE, O AGRICULTOR, em uma palavra, todos aquelles que desejarem aperfeiçoar-se em qualquer sentido, e a isso se encaminharem desejosos de aprender.

Eis em geral as idéas que nos decidirão á publicação desta obra, constando de 62 capitulos, destinada sem duvida á uma grande popularidade. Para melhor esclarecimento do respeitavel publico sobre o plano e importancia della, aqui inserimos a epigraphe ou enunciado dos 17 primeiros capitulos:

Capitulo I. Discurso sobre a historia.—II. Formação da nossa terra firme.—III. Creação das plantas, dos animaes e do homem.—IV. Maneira de viver dos primeiros homens. Primeiras descobertas.—V. Descoberta da agricultura. — VI. Descoberta da arte de cozer pão, dos moinhos e das bebidas artificiaes. —VII. Primeiro expediente para haver fogo; para cozinhar; para trabalhar os metaes, e para construir casas. — VIII. Formação das differentes linguas sobre a terra. Dispersão dos homens.—IX. Formação dos Estados.—X. Duvidas sobre a historia antiga. O Egypto. Obeliscos. Pyramides.—XI. Cartas Egypcias. O Sacerdocio depositario das sciencias. Modo de calcular o tempo. Culto dos animaes. Labyrintho. Psammetico.—XII. Abrahão. José. Moysés.—XIII. Sansão. Saul. David. Salomão.—XIV. A navegação.—XV. Commercio e moedas. — XVI. Commercio, navegação, colonias e descobertas dos Phenicios. —XVII. Imperios principaes em que tem estado dividido o governo do mundo, etc., etc.

A impressão, o papel, as gravuras e a encadernação são de mui boa qualidade.

* **Historia Universal**, resumida para uso das escolas communs dos Estados-Unidos da America do Norte, por Pedro Parley, traduzida para uso das escolas do Imperio do Brasil, pelo desembargador Lourenço José Ribeiro. Terceira edição. 1 vol. enc. Rs. 3$000

Historia Universal, escripta em francez pelo Abbade Millot, e traduzida em vulgar por J. J. B. 10 vols. encadernados . . . . Rs. 28$000

Historia Universal, desde os tempos primitivos até 1850, por Cesar Cantu, edição de 90 magnificas gravuras. 5 vols. in-folio . . . . Rs. 65$000

Inglaterra vista em Londres e nas provincias, escripta em francez pelo marechal de campo M. Pillet. 1 vol. encadernado . . . . Rs. 3$000

Instrucções dadas pela côrte de Roma a M. Girolano Capodiferro e a Mgr. Lippomano (coadjutor de Bergamo) nuncio em Portugal. 1 vol. . . Rs. $500

Liberdade (a) dos mares, ou o governo inglez descoberto, traduzido livremente do hespanhol. 1 vol. . . . . Rs. 2$500

Livro (o) do Povo, ou deveres e direitos do cidadão, por Lamennais. 1 vol. . . . . . . Rs. 1$000

Lopes de Mendonça:

— Damião de Góes e a inquisição em Portugal. 1 volume encadernado . . . . Rs. 4$000
— Noticia historica do Duque de Palmella. 1 volume encadernado . . . . Rs. 4$000
— Scenas e phantasias de nossos tempos. 1 volume encadernado . . . . Rs. 3$000
— Memorias de litteratura contemporanea. 1 volume encadernado . . . . Rs. 5$000
— Ensaios de critica e litteratura. 1 volume encadernado. . . . . Rs. 3$000

* **Luiz de Camões levantando o seu monumento,** ou a historia de Portugal justificada pelos Luziadas pelo Dr. Mello Moraes. 1 vol. brochado, com a vista do monumento que se levantou em Lisboa. Rs. 320

Memorias com o titulo de Annaes para a historia do tempo que durou a usurpação de D. Miguel, por José Liberato Freire de Carvalho. 4 vols. enc. Rs. 6$000

Memorias diarias da guerra do Brasil, por espaço de 9 annos, começando em 1630, deduzidas das que escreveu o Marquez de Basto, Conde e senhor de Pernambuco, pelo Dr. Alexandre José de Mello Moraes e Ignacio Accioli de Serqueira e Silva. 1 volume in-folio . . . . Rs. 5$000

A luta da provincia de Pernambuco com os Hollandezes, que da maior parte della outr'ora se apoderárão, é um dos objectos historicos que summamente honra o Brasil. Muito se ha escripto a tal respeito; mas em nosso entender achamos que merece especial apreço o Marquez deBasto, pela minuciosa e exacta descripção que faz dos factos que refere.

Memorias secretas sobre Napoleão Bonaparte, escriptas por um homem que o acompanhou pelo espaço de 15 annos; traduzida da terceira edição. 2 vols. . . . . Rs. 4$000

Memorias do grande exercito alliado, libertador do Sul da America na guerra de 1851 a 1852, contra os tyrannos do Prata; e bem assim dos factos mais graves e notaveis que precedêrão-a desde 20 annos, e dos que mais influírão para a politica energica, que ultimamente o Brasil adoptou afim de dar paz e segurança aos Estados vizinhos: incluindo-se tambem noções exactas e documentadas da batalha de Ituzaingo em 1827 e de seu resultado, pelo major Ladisláo dos Santos Titára. 1 vol. in-4° de 300 paginas . . . . . Rs. 6$000

Memorias da vida de José Liberato Freire de Carvalho, com uma estampa. 1 volume encadernado. . . . . Rs. 5$000

Esta obra, escripta por elle mesmo, póde servir para a historia contemporanea, pois que os factos da sua vida publica e particular se ligão e achão em contacto com as occurrencias politicas durante a sua vida, e com as diversas pessoas que nellas têm figurado; e portanto contém factos geralmente desconhecidos no publico da vida politica de varias dessas pessoas, já na emigração, já depois de regressar á patria.

Motins politicos, ou historia dos principaes acontecimentos politicos da provincia do Pará, desde o anno de 1821 até 1835. por Domingos Antonio Raiol. 1 volume. . . . . Rs. 2$000

Mysterios da Inquisição, e outras sociedades secretas da Hespanha, por D. Manoel de Guendias. 3 vols. encadernados . . . . Rs. 10$000

Noticia historica, politica, civil e natural do Imperio do Brasil em 1833. 1 vol. . . . . . . Rs. 1$000

Noticia historica, da intitulada concordata de Fontainebleau entre o pontifice Pio VII e o Imperador Napoleão, em 25 de Janeiro de 1813, com alguns documentos. . . . . Rs. $500

Origem (da) e estabelecimento da Inquisição em Portugal; tentativa historica, por A. Herculano. 3 vols. . . . . Rs. 9$000

***Ostensor Brasileiro**, Collecção de producções originaes em prosa e verso sobre assumptos pertencentes á historia politica e geographica da terra de Santa-Cruz, por Vicente Pereira de Carvalho Guimarães e João José Moreira. 1 grosso volume ornado com 50 estampas.
Brochado . . . . Rs. 8$000
Encadernado . . . . Rs. 10$000

Como fructo de immensas fadigas e despezas dos seus autores se apresenta este bello livro, unico e ufano por tratar quasi exclusivamente de objectos relativos ou pertencentes ao Brasil. Qualquer a quem interessão as cousas da patria achará no seu conteúdo o mais amplo alimento de espirito e para os olhos não vulgar recreio considerando as estampas que os autores ajuntárão para adornar o texto, explicando-o com ricos artigos em verso e prosa devidos ás melhores pennas de autores brasileiros. — Esta obra é portanto um livro todo nacional, e não sómente por este motivo como pela sua elegancia e bem acabado merece occupar um lugar de honra em qualquer livraria.

* **Os Jesuitas**, historia secreta da fundação, propagação e influencia sobre os destinos do mundo, exercida por esta celebre ordem desde a sua origem até a sua suppressão por Clemente XIV, pelo Dr. Ildefonso Llanos Godinez. Nova edição, com um importante Appendice, contendo: os Jesuitas em Portugal nos seculos XVII e XVIII; a bulla do Papa Clemente XIV que abolio, e a de Pio VII que restabeleceu a Companhia de Jesus, e finalmente as instrucções secretas dos Jesuitas. 1 vol. in-8°
brochado . . . . Rs. 2$000
Encadernado . . . . Rs. 2$500

(REDUCÇÃO DE PREÇO.) **L'Oyapoc et l'Amazone**, question Brésilienne et Française, par Joaquim Caetano da Silva, membre honoraire de l'Institut Historique e Géographique du Brésil; membre de la Société de Géographie de Paris; ex-chargé d'Affaires du Brésil en Hollande, etc., etc. . . . . Rs. 5$000

A presente obra em dous grossos volumes, que mereceu os maiores elogios ás pessoas competentes por tratar de um modo magistral uma importante questão brasileira, que mais cedo ou mais tarde ha de ser aventada e discutida, deve interessar aos homens de Estado e a todos que se occupão das cousas do Brasil. Tendo sido seu elevado preço até agora um obstaculo a maior extracção, annuncia a Livraria Universal de E. & H. Laemmert, que se acha habilitada a ceder a mesma obra por Cinco Mil Réis, em vez do preço primitivo de Rs. 12$000.

Pio IX e a França em 1849 e 1859, pelo Conde de Montalembert; um dos quarenta da Academia Franceza, traduzido em vulgar da 2ª edição. Rs. $500

* **Plutarco Brasileiro**, por João Manoel Pereira da Silva. 2 vols. encadernados. . . . . Rs. 8$000

Esta obra nacional comprehende as vidas e analyse de feitos e obras de José de Anchieta, Jorge de Albuquerque Coelho, Claudio Manoel da Costa, José Basilio da Gama, José de Santa Rita Durão, Antonio José da Silva, Gregorio de Mattos, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Francisco de S. Carlos, Antonio Pereira de Souza Caldas, Alexandre de Gusmão, Salvador Corrêa de Sá e Benevides, Sebastião da Rocha Pitta, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, D. José Joaquim de Azevedo Coutinho, Visconde de Cayrú, José Bonifacio de Andrada e Silva, D. Francisco de Lemos de Faria Azeredo Coutinho, Bernardo Vieira Ravasco, e outros mais illustres Brasileiros; além destas, outras biographias em resumo de diversos Brasileiros, como Mathias de Albuquerqne Maranhão, João Pereira Ramos, Bartholomeu Antonio Cordovil, Antonio de Sá, Antonto de Moraes Silva, Bento Teixeira, Bispo de Ceuta, D. José Justiniano etc., se incluem na obra, que se póde considerar a unica e mais completa historia litteraria do Brasil.

O Sr. Dr. Pereira da Silva, litterato distincto, conhecido vantajosamente por seus escriptos, publicados em diversas épocas, tomou sobre seus hombros uma grande tarefa, senão difficilima tão gloriosa quanto póde ser a publicação de um livro destinado a transmittir á posteridade a noticia dos grandes homens que avultão, como monumentos, na historia da patria: e elle a desempenhou dignamente.

O PLUTARCO BRASILEIRO não foi escripto, nem o podia ser, sem aturado estudo e meditação. Preciso foi examinar muitas obras, recompôr physionomias, caracteres inteiros com traços espalhados aqui e acolá, em diversos volumes, reunir e dar a vida a esqueletos destroncados pela força do tempo, carcomidos pelo pó das idades. E tudo isto foi feito com talento e consciencia.

O PLUTARCO BRASILEIRO, pela correcção de estylo e pompa das imagens, seduz e prende a attenção como um romance. Instrue, porque vos guia pela mão ao conhecimento historico dos feitos do passado, vos familiarisa tanto com os homens dos outros tempos, como se com elles vivesseis. Attinge um fim tão moral quão patriotico, porque incita no leitor o desejo de imitar aquelles cujas nobres acções se lhe descrevem.

Primeiro ensaio sobre a historia litteraria de Portugal, desde a sua mais remota origem até o presente tempo. 1 vol. encadernado . . . . . Rs. 3$000

Primeiros traços de uma resenha de litteratura portugueza, por José Silvestre Ribeiro. 1 vol. encadernado. . . . . Rs. 5$000

Portuguezes (os) perante o mundo, apresentados pelo Dr. Mello Moraes. 1 vol. enc. Rs. 4$000

***Rasgos memoraveis** do Sr. D. Pedro I, Imperador do Brasil, excelso Duque de Bragança, por A. D. Pascual, membro do Instituto Historico e Geographico do Brasil e de outras corporações scientificas e litterarias estrangeiras, etc., dedicado a S. M. I. o Sr. D. Pedro II. 1 vol. elegantemente impresso, in-8° grande. Rs. 3$000

O primordial alvo deste escripto é traçar o principe; descrever o cavalheiro; pintar o politico; esboçar o amigo dedicado, e desenhar a grandes rasgos o varão illustre.

A penna que escreveu este esboço é bem conhecida no Brasil, e envidou todos os esforços para corresponder dignamente á grandeza do assumpto.

* **Relação Historica da Restauração de Portugal**, por S. M. I. o Duque de Bragança; por J. J. Peres. 1 vol. . . . . Rs. 1$000

Esta obra, pela exactidão dos factos (que nas gazetas são quasi sempre alterados, e muitas vezes contrarios á verdade), mostra quanto D. Pedro á frente do seu exercito, cujos feitos heroicos serão escriptos nos Annaes de todos os povos, chegou á elevação, da qual os heróes, pelo unico poder do seu talento, dão um novo impulso ás gerações.

Resumo da historia de Inglaterra, por Felix Bodin. 1 vol. encadernado . . . . . Rs. 2$000

Resumo da historia de Portugal, desde o principio da monarchia, por Aff. Rabbe. 1 vol. encadernado. . . . . Rs. 2$000

Resumo da historia de Portugal, para uso das crianças que frequentão as aulas, por E. A. Monteverde. 1 vol. encadernado . . . . Rs. 1$000

Revelações, Memorias para a historia da revolução de 24 de Agosto de 1820 e de 15 de Setembro do mesmo anno. 1 vol. encadernado. . . Rs. 2$000

Ruinas (as) ou Meditações sobre as revoluções dos Imperios, por Volney. 1 vol. . . . . Rs. 0$000

Sampaio (o) da revolução de Setembro, por A. A. Teixeira de Vasconcellos. 1 vol. . Rs. $800

Saudosa (a) despedida dos escravos Miguelistas, ou o ultimo adeos a seu senhor D. Miguel . Rs. $640

Subsidios para a Historia do Ypanema, comprehendendo: 1.° A memoria historica do senador Vergueiro, impressa pagina por pagina pela edição de 1862. 2.° O appendice que foi publicado com a mesma memoria. 3.° um additamento a esta 2ª edição, contendo mappas e documentos ineditos, etc. 1 vol. broch. Rs. 2$000
Cartonado. . . . . Rs. 2$500

Synopsis genealogica, chronologica e historica dos reis de Portugal e dos Imperadores do Brasil, por Henrique de Beaurepaire Rohan. 1 vol. . Rs. 1$000

Synopsis ou deducção chronologica dos factos mais notaveis da Historia do Brasil, pelo general José Ignacio de Abreu e Lima, natural da provincia de Pernambuco, autor do Compendio da Historia do Brasil; do Bosquejo Historico, Politico e Litterario do Brasil; das Memorias sobre o Guaco e sobre a Elephancia, etc. 1 vol. Rs. 5$000

Além da importante collecção dos factos historicos, contém o excerpto de toda a legislação organica do paiz, dos estabelecimentos publicos, fundações pias, e um Retrospecto sobre a Historia da America desde a mais remota antiguidade; contém mais as datas de todas as Bullas, Breves Pontificios e Rescriptos ácerca do Brasil; as dos Tratados, que se referem á nossa historia, e as Instituições de todas as Ordens Honorificas e Religiosas com os nomes de todos os donatarios, governadores, capitães-generaes, vice-reis, prelados, bispos e arcebispos do Brasil.

Systema ou principios naturaes de moral e de politica, pelo Barão de Holbach. 3 vols. encad. . Rs. 6$000

Tributo á memoria de S. M. Fidelissima o Sr. D. Pedro V, o muito amado, por Castilhos, Antonio e José. 1 vol. elegantemente impresso . . . . . . Rs. 2$000

Entre as publicações por occasião da sentidissima morte do Sr. D. Pedro V, sobresahe a presente com dous nomes na frente, preclaros na republica das letras. Os sublimes accordes da lyra do autor da Noite do Castello, entoados em occasião tão solemne, devem impressionar ao vivo a todos os Portuguezes feridos pelo cruel golpe que soffreu o paiz. Com interesse não menos intenso o leitor percorre as paginas em prosa sahidas da distincta penna do Sr. José Castilho, que com mão de mestre traça o quadro de uma existencia começada debaixo dos mais brilhantes auspicios, e que entretanto devia findar-se na flôr da idade. Nesta biographia se achão entrelaçados muitos rasgos e particularidades sobre a indole e caracter do saudoso finado, que explicão e justificão a dôr que se apoderou de todos os corações portuguezes quando souberão seu prematuro passamento.

***Viagem pittoresca a Petropolis**, para servir de guia aos viajantes e roteiro deste ameno torrão brasileiro, por ***. 1 vol. adornado com 6 vistas. . Rs. 2$500
Dito com 1 planta colorida. . . . . Rs. 3$000

Não existindo até hoje nenhuma descripção especial e circumstanciada da risonha Petropolis, residencia de verão de S. M. o Imperador, e lugar predilecto de nacionaes e estrangeiros, será sem duvida bem acolhido este bello livrinho, cujo espirituoso autor, outr'ora bem conhecido e apreciado por outras publicações, conduz o leitor pela mão aos pontos mais interessantes dessa região paradisica, rematando dignamente por uma poesia do Sr. Norberto, celebrando as delicias daquella feliz mansão de saude e de prazer.

Vida de D. Frey Bartholomeu dos Martyres, Arcebispo e Senhor de Braga. 2 volumes encadernados . . . . Rs. 5$000

Vida de D. João de Castro, vice-rei da India. 1 vol. . . . . Rs. 3$000

Rio de Janeiro. Typ. Universal de Laemmert, r. dos Invalidos, 61 B.

SEGUNDA SERIE

SELECTA BRASILIENSE

OU

Noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades

EM RELAÇÃO

AOS HOMENS, Á HISTORIA E COUSAS DO BRASIL

POR

J. M. P. DE VASCONCELLOS

MEMBRO DE DIVERSAS SOCIEDADES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS
DA CÔRTE E DAS PROVINCIAS DA BAHIA, S. PAULO,
S. PEDRO DO SUL E ESPIRITO-SANTO.

RIO DE JANEIRO
TYP. DO— DIARIO DO RIO DE JANEIRO
97 RUA DO OUVIDOR 97

1870

JUIZO DA IMPRENSA

SOBRE A

SELECTA BRASILIENSE

PRIMEIRA SERIE

DIARIO DO RIO DE JANEIRO

21 DE AGOSTO DE 1868

O estabelecimento typographico dos Srs. E. & H. Laemmert acaba de dotar o paiz com mais uma publicação interessante, em relação a assumptos nacionaes.

E' a *Selecta Brasiliense* que se compõe de uma serie de noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades em referencia aos homens, á historia e ás cousas do Brasil.

O merecimento da obra é garantido pelo nome do seu autor, tão conhecido por trabalhos de outros generos que teem sido bem aceitos do publico.

CORREIO MERCANTIL

22 DE AGOSTO DE 1868

Mais uma obra de incontestavel utilidade acaba de ser publicada. Intitula-se *Selecta Brasiliense,* e é devida ao Sr. J. M. P. de Vasconcellos.

Compõe-se a obra de noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades em relação aos homens, á historia e cousas do Brasil, e divide-se em tres partes: Biographia-Historia, Indigenas e Curiosidades—Variedades.

Collegindo varias noticias sobre os homens e sobre as cousas mais notaveis do paiz, e commentando-as ou reunindo os commentarios de outros escriptores, o autor da *Selecta Brasiliense* faz com a publicação deste livro um bom serviço á sua patria.

O volume publicado deve ser acompanhado de outros de igual assumpto, se o autor encontrar, como merece, a necessaria coadjuvação.

JORNAL DO COMMERCIO

23 DE AGOSTO DE 1868

O Sr. J. M. P. de Vasconcellos acaba de publicar um livro tão curioso como interessante com o titulo *Selecta Brasiliense*. E' uma collecção de noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades em relação aos homens, á historia e cousas do Brasil. Divide-se em tres partes, na primeira das quaes se encontram notas biographicas; a segunda occupa-se dos indigenas, e a terceira compõe-se de ligeiras noticias sobre uma variedade de cousas.

COMMERCIAL, DO RIO GRANDE DO SUL

5 DE SETEMBRO DE 1868

SELECTA BRASILIENSE.— Sob este titulo o Illm. Sr. J. M. P. de Vasconcellos acaba de enriquecer a litte-

ratura nacional, com uma perola que deve ser apreciada, porque adorna a historia patria, assim como acha-se engastada nos mais bellos relevos dos nossos annaes.

Nesta galeria historica encontram-se os retratos habilmente reproduzidos pela penna delicada e o estylo fluente do distincto autor, e se alguns traços são copiados de outra obra não menos preciosa, (*Varões Illustres*, de Pereira da Silva) a modestia os aponta; a perspicacia do leitor pode apreciar que a nova collecção dos eminentes caracteres brasileiros, encaminha-se para pôr na sua completa luz, e arrancar do esquecimento a memoria dos homens que em todos os ramos teem illustrado nossa patria, abrindo, muitas vezes, a estrada em que hoje caminham ovantes e sem rivaes eximios genios.

Alphabeticamente, colloca o Sr. Vasconcellos os homens illustres, cuja perda lamentamos, sem esquecer os relevantes serviços, o que notamos para que os leitores não attribuam ao erro chronologico, uma nova e mais facil maneira de encontrar o esboço historico e biographico que se dezeja consultar.

Esta pequena obra confiada á mocidade lhe seria tanto mais preciosa que de continuo lhe apresentaria factos dignos de serem imitados, modelo de todas as virtudes, rasgos de vontade, inspirados para nobres e elevados fins; feitos que o patriotismo aconselha, e que a gloria burila em caracteres indeleveis nos fastos da patria.

O serviço que o Sr. Vasconcellos acaba de prestar ás lettras patrias, estende-se tambem a tudo quanto interessar possa o Brasil, cuja historia particular

apresenta tantas duvidosas asserções, mormente quando do genio, virtudes e elevação de sentimentos de seus filhos se tenta esboçar o perfil.

E' necessario que o autor da *Selecta Brasiliense* ponha um remate a seu plano, continuando-a, embora a tarefa seja tão ardua quanto é gloriosa.

Sua imparcialidade historica e politica será sempre altamente apreciada pelos homens illustrados, que no historiador reconhecem unicamente os factos taes quaes a natureza os produziu sem atavios, nem favores que os desfigurem.

O exemplar desta obra que nos foi offerecido por um cavalheiro desta cidade, é um mimo que preciosamente conservamos, e temos convicção que se numerosos exemplares da *Selecta Brasiliense* forem apresentados á venda, devem encontrar nos paes de familia e no nosso illustrado publico, em geral, numerosos apreciadores de tão interessante, quão utilissimo trabalho.

PARAHYBANO DE S. JOÃO DA BARRA.

6 DE NOVEMBRO DE 1868

La critique est aisée, mais
l'art est difficile.

GEORGE SAND

I

Todas as vezes que apparece no mundo litterario um livrinho de autor nacional, e cuja substancia util e agradavel se recommenda á apreciação dos leitores, enchemo-nos de verdadeiro prazer, de verdadeira satisfação.

Contrista-nos, porém, que a litteratura em nosso paiz seja tão mal aquilatada pelos iconoclastas do bem, mas comtudo o espirito dos filhos de Santa Cruz, alimentado nas santas crenças da liberdade, proclamada pelos Andradas, não deve esmorecer, não deve perder de vista o interesse e engrandecimento nacional, pois é dever de cada cidadão contribuir com suas forças para esse fim tão justo quão louvavel.

Exultamos, pois, sempre que se apresenta um novo subsidio para as lettras, porque pensamos que a litteratura é o verdadeiro thermometro da civilisação de um povo; sem ella, este nada é em face do mundo, é apenas um simulacro ou uma mumia egypcia, cujo valor só é reconhecido nos dominios da archeologia.

O Brasil sahido ha pouco da obscuridade, tendo lançado para longe os grilhões coloniaes com um brado divino proferido ás margens do Ypiranga, já tem uma litteratura: ahi já vemos brilhar uma myriade de talentos transcendentes, escriptores de mãos cheias, que procuram nobilitar o torrão patrio com producções de sua intelligencia fecunda.

Onde brilham grandes talentos, ha civilisação, ha intelligencia: o sol quando brilha resplandece a todos.

II

E' assim que nos exprimimos ao apparecer o bello livrinho intitulado SELECTA BRASILIENSE, sahido ha pouco do prélo, em cujo trabalho deparamos o bom senso do autor já bem conhecido na republica das lettras.

O Sr. José Marcellino Pereira de Vasconcellos é o autor desse trabalho monumental, cuja primeira serie elle

apresenta esperando ser secundado, para assim proseguir no mesmo labor.

O opusculo divide-se em tres partes. A primeira consta de biographias de homens illustres do paiz: a segunda de noções sobre os nossos indigenas; e a terceira de variedades e observações.

Muito nos deleitamos ao ler a vida dos nossos homens, buriladas em lettras de ouro nos fastos patrios: tarefa é essa que nunca deslustra a quem a emprehende—prova-o a celebridade de nossos biographos como Pereira da Silva, Mello Moraes, Warnhagen e outros escriptores nacionaes.

Quanto ao conhecimento sobre os indigenas, são elles tão uteis que dispensam elogios: — as cousas da patria sempre nos devem interessar summamente, pois « sem patriotismo não existe nenhuma virtude ou talento» como diz o estimavel autor do—*Genio do Christianismo*.

Leitura amena e agradavel bem demonstra este livro o estylo do autor, já vantajosamente conhecido no mundo litterario, como um dos nossos mais notaveis talentos.

Desculpe-nos se offendemos a sua modestia. Não costumamos erguer o thuribulo da lisonja sobre as aras da verdade: fallamos franca e lealmente, de todo o nosso coração.

No seculo em que estamos, quando tanta luz se diffunde no mundo, é mister que os cultores das lettras não abandonem sua carreira; retemperem as suas forças athleticas, para rolar sem desanimo o rochedo de Sisypho.

E' esta nossa apreciação, não um juizo critico, mas uma noticia sobre a Selecta Brasiliense, que tantos encomios obteve da imprensa da Côrte.

Para criticos não temos força, e sim para apreciadores.

J. S. Vidal Junior.

S. José de Leonissa.

IMPRENSA ACADEMICA DE S. PAULO

1º de maio de 1869

Nestes tempos em que existe sómente enthusiasmo pelo que nos vem da França, ou da Inglaterra, e em que a indifferença pela nossa historia parece ter adquirido alto imperio na maioria da nossa sociedade; é do nosso dever, é dever de todos aquelles, em cujo coração existe a sagrada chamma do patriotismo, entoar um hymno aos que empregam seus labores em producções, que dizem respeito aos nossos homens illustres e aos seus gloriosos feitos.

Neste caso acha-se a— *Selecta*— elaborada pelo distincto escriptor Vasconcellos, já conhecido por suas obras de direito.

O estylo claro do trabalho do Sr. Vasconcellos, a fidelidade historica e o conhecimento que revela dos negocios brasileiros, tornam digna de elogios a *Selecta Brasiliense*.

CORRESPONDENCIA DE PORTUGAL

14 DE SETEMBRO DE 1869, N. 143.

Recebemos a seguinte publicação :

SELECTA BRASILIENSE, OU NOTICIAS, ETC. — E' um livro digno de lêr-se.

O Sr. Vasconcellos fez na primeira parte, a biographica, um excellente serviço ás duas nações irmãs. São nossos os brasileiros, como são dos brasileiros os portuguezes que, até a separação politica dos dous Estados, contribuiram para gloria e engrandecimento tanto do velho Portugal, como da mais preciosa joia que Pedro Alvares Cabral collocou na esplendida corôa de D. Manoel.

Passando dos homens á historia, e ás cousas do Brasil, o Sr. Vasconcellos fez tambem um relevante serviço á litteratura e á sciencia. O livro do Sr. Vasconcellos colloca o seu nome a par dos mais illustres escriptores contemporaneos.

DIARIO DA BAHIA

21 DE OUTUBRO DE 1869

SELECTA BRASILIENSE. — Com este titulo acaba de ser enriquecida a litteratura e a historia patria com uma excellente obra, impressa no Rio de Janeiro, fructo das aturadas locubrações de um distincto brasileiro o Sr. José Marcellino Pereira de Vasconcellos, membro

de diversas sociedades scientificas e litterarias da Côrte, e das provincias da Bahia, S. Paulo, S. Pedro do Sul e Espirito-Santo, dividida em tres partes; contendo *noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades em relação aos homens, á historia e cousas do Brasil.* E' um bello volume in 8º que pelo merecimento que possue de derramar variados e uteis conhecimentos dos homens e das cousas do Brasil, deve de ser com prazer acolhido por todos os brasileiros, e por isso o recommendamos aos bahianos, cultores da intelligencia e amantes como são da instrucção em geral e das lettras patrias.

Ao «Juizo da Imprensa» addicionaremos as seguintes observações, que particularmente recebemos, e que folgamos ter occasião de agradecer.

PARNAHYBA DO PIAUHY

30 DE OUTUBRO DE 1868

. . . .

Coordenou V. S., em um commodo volume, uma grande parte da historia patria, e dos seus vultos, fazendo assim um grande serviço aos que, como eu, não podem dispôr de meios para possuir as obras, se bem que mais extensas, mas tambem mais dispendiosas.

Felicito-o, pois, por mais esta inspiração litteraria, que tanta luz vae derramar no paiz, desejando-lhe muitos annos de vida e saude, para progredir em suas sabias locubrações.

A. A. DE M. C.

MARANHÃO

3 DE NOVEMBRO DE 1863

A sua *Selecta* é um ramalhete precioso, e muito bem organisado: denota em seu autor bastante tino, muito bom gosto, talento cultivado, intelligencia esperançosa e acurada paciencia.

A sua consciencia já lhe terá dito, que á patria prestou um bom serviço, e será esta talvez a unica recompensa, que receberá actualmente, até que a posteridade se lembre do numero dos esquecidos injustamente, onde achará o seu nome condemnado ha muito ao mais cruel ostracismo.

DR. C. A. MARQUES.

SELECTA BRASILIENSE

PARTE I

BIOGRAPHIA — HISTORIA

ANDRE VIDAL DE NEGREIROS

Nasceu na Parahyba do Norte.

Depois de haver prestado relevantes serviços expulsando os hollandezes da Bahia em 1636 e 1638, sendo ferido em um combate; depois de ter alcançado glorias e honras no exercito, tendo já o posto de tenente-coronel, determinou partir para Pernambuco em 1644 afim de observar o poder e vantagens do inimigo, que devastava essa capitania. Tomando o pretexto de ir visitar alguns parentes na Parahyba, embarcou-se para Pernambuco levando algumas armas destinadas a servir contra os adversarios de sua patria; mas sendo obrigado a vender essas armas aos oppressores de seu paiz, partiu para a Parahyba a fallar com Fernandes Vieira.(*) Ahi lhe fizeram ver com côres as mais negras as perseguições do inimigo. Desesperado, e com o coração sangrando pela patria, voltou á Bahia.

(*) Vide a 1ª serie da *Selecta*, pag. 83.

Em 1645 dirige-se de novo a Pernambuco procurando cada dia occasião de romper; aguarda com impaciencia o dia de poder manejar o braço e a espada. A destruição de um pequeno navio carregado de munições deu-lhe pretexto para atacar os hollandezes.

Desde então tornou-se o guia de todos, o chefe dos seus, o heroe desse punhado de guerreiros que se levantavam contra os inimigos de sua terra. Vidal não mais descançou — parecia ter jurado, como Annibal, não guardar a espada, emquanto não visse a patria livre e salva.

Em 1645 bate os hollandezes no engenho de Anna Paes, derrota-os perto do engenho de Antonio Fernandes Pessoa. Uma bala passa-lhe pela copa do chapéo; seus olhos turvam-se; o guerreiro vacilla, mas, despertando como de ligeira vertigem, mais bravo e destemido se apresenta, e triumpha.

Em 1646 o Rio Grande do Norte geme com as perseguições dos hollandezes, e pede soccorro. Vidal offerece-se a ir perseguir os inimigos nessa direcção, e todos os do *congresso* aceitam o offerecimento.

Volta a Pernambuco coberto de glorias e abençoado pelo povo.

Na primeira batalha dos Guararapes accommette o inimigo de noute, e o desbarata — combate como Cesar — uma bala mata-lhe o cavallo, mas elle tudo vence e sabe dar victoria aos seus.

Na segunda do mesmo nome combate como heróe, fazendo desapparecer os perigos diante de seu valor e coragem.

Em 1654 toma o reducto de Milhon e sabe ter piedade com os vencidos, permittindo a muitos sua retirada.

Com 1100 infantes ataca o forte das Cinco Pontas. A empreza é arriscada e difficil,mas Vidal supera tudo. Anniquilla n'essa acção o poder dos hollandezes, apezar de ferido em uma perna. Tomado o forte, seguiu-se a capitulação. Depois de conferenciar com o inimigo, esforçando-se por incluir no tratado de paz a terra de seu berço, assigna o tratado de 1654, pelo qual os hollandezes entregaram a praça do Recife com todas as suas defensas, e as capitanias de Itamaracá, Rio-Grande e Parahyba.

Encarregado de levar a D. João IV em Lisboa a noticia da paz,é recebido com agrado, e em recompensa de seus longos serviços durante vinte annos de guerra, é nomeado governador do Maranhão, concedendo-se-lhe o fôro grande, uma commenda lucrativa na Ordem de Christo, tendo elle já a commenda de S. Pedro e as alcaidarias-mores de Marialvas e Moreira.

Foi nomeado tambem successor de Vieira no governo de Angola.

Foi instituidor da capella da Senhora do Desterro, perto de Goyana, attribuindo á intercessão dessa Santa as victorias alcançadas.

Em Angola fez importantes serviços salvando o imperio africano portuguez pela victoria em Ambouilla.

Não se sabe o anno, e o logar de sua morte. O Sr. Varnhagen não hesita em *apresentar Vidal como digno até de figurar em uma epopéa nacional*, e o padre Vieira diz em uma carta dirigida ao primeiro Rei da casa de Bragança: *Tem Vossa Magestade mui poucos no seu Reino como André Vidal; é tanto para tudo o demais, como para soldado; muito christão, muito executivo, muito amigo da patria e da razão, e sobretudo muito desinteressado.*

ANGELA DO AMARAL RANGEL (*)

Celebre poetisa, nascida no Rio de Janeiro, e descendente de uma familia illustre pelos serviços prestados ao paiz. Cega, inteiramente cega, não teve para seus paes um olhar de amor infantil; mas sua imaginação portentosa desenhava montes e serras, campos anilados, um oceano cinzento, lagos crystalinos, e céo azul, sem nodoas, brilhante, magestoso.

Quando em 1752 a academia dos *Selectos* reuniu-se em palacio sob a presidencia do padre-mestre Francisco de Faria para celebrar as virtudes de Gomes Freire de Andrade, a musa de Angelà veio tambem pagar seu preito ao grande general com as producções de seu engenho.

Com a mesma facilidade com que improvisava na lingua de Camões, recitava suas poesias em lingua italiana e hespanhola.

Reuniu as graças da poesia ás virtudes christãs, e foi D. Angela instruida tanto quanto lhe permittiam as circumstancias peculiares de seu tempo e de nosso paiz.

ANNA RODRIGUES

Falleceu em 1868 com a idade de 119 annos, na povoação de S. Vicente, em Montevidéo.

Brasileira, era conhecida pelo appellido de *portugueza*, e exercia a profissão de curandeira.

Nasceu no anno de 1749; perdeu seu primeiro filho de 35 annos em 1805; esteve captiva 8 annos entre os indios Pampas; sahiu dalli caminhando 8 dias em um

(*) Vide *Brasileiras Celebres* do Sr. J. Norberto, Paris, 1862.

cavallo em pêllo: casou-se cinco vezes; seu ultimo matrimonio effectuou-se no 1º de Janeiro de 1860, com 110 de existencia consagrada ao amor, á familia e á medicina.

No anno de 1840, aos 11 dias do mez de Novembro, fez um de seus testamentos ante o alcaide D. Bernardino de Quiroza, no qual se lê a clausula:

« 7. Item declarado que dos quatro matrimonios precedentes tive *trinta filhos* legitimos, a saber: João, José, Luiz, Margarida, Antonia, Magdalena, Maria de Jesus, Maria Fernanda, Angelina, Luiza Ildefonsa, Rita Nazaria, Antonia Joaquina, Josepha, etc., etc., os quaes agora não me lembra. »

O testamento original e cem cópias circulam na povoação de S. Vicente.

No anno de 1867, estando o actual arcebispo de visita na referida povoação, fez chamar a D. Anna para certificar-se da authenticidade de sua pessoa.

Uma vez presente e interrogada sobre o estado de sua saude, respondeu: « que passava excellentemente bem, com quanto perseguida pelo inimigo da carne que todas as noutes a tentava. »

Este era o unico signal de caduquice que dava D. Anna, que nos seus ultimos dias representava 50 annos, vestia-se com luxo e adornava-se, conservando sempre seu corpo em perfeito estado de aceio.

O cholera fez de D. Anna uma de suas victimas a 17 de Janeiro de 1868, em que falleceu em perfeito uso de razão depois de receber os ultimos Sacramentos.

E' curioso dar aos nossos leitores uma idéa do tratamento que seguia com os doentes que a consultavam.

D. Anna tinha em sua casa, situada no antigo povoado de S. Vicente, um altar de tres pés de largo, cheio de quadros de santos, a cada um dos quaes acendia uma vela todos os dias.

Quando algum doente chegava á sua porta perguntando pela — medica, ella sahia a receber as aguas passadas, cuja côr examinava á luz da vela que ardia diante de algum dos santos. De sua côr deduzia o mal e sua gravidade, e receitava verbalmente ou por escripto, se o doente sabia escrever.

De ordinario as suas receitas limitavam-se a alguma beberagem de raiz de malvas, flôr de sabugueiro, e outras; a um banho quente, ou á applicação de um pedaço de baêta escarlate sobre o estomago depois de ter bebido alguns goles de vinho.

Este systema de cura produziu-lhe honra e proveito.

A morte de D. Anna Rodrigues causou verdadeiro pezar a todos quantos a consultavam como oraculo, e a todos quantos admiravam nella um dos typos mais curiosos que tem creado a natureza.

O testamento, de que fizemos menção, existe em original em poder do Sr. cura de S. Vicente, assim como a certidão do ultimo casamento e de seu fallecimento.

Addicionaremos para terminar que no dia de sua morte, esta mulher secular não se recordava que vivesse nenhum de seus filhos, pelo que deixou seus escassos bens a um amigo que assistiu aos seus ultimos instantes.

E' preferivel morrer com menor idade escutando no ultimo momento o adeus de nossos filhos, a morrer com

cem annos de uma vida de trabalhos, vendo extinguir-se com a nossa existencia o nome de uma familia sem posteridade.

ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA

Nasceu na cidade do Serro, na provincia de Minas Geraes, e formou-se em direito na academia de S. Paulo, em 1834, pouco mais ou menos.

Distinguiu-se como estudante, e, além do talento de improvisar, era buscada sua conversação pelo tom ironico com que a temperava.

Fixou sua residencia na Diamantina, depois de sua formatura, e ahi adquiriu grande credito como advogado, e sobretudo como orador. De compleição fragil, padecendo do peito desde bem moço, sua vida comtudo era calma, e de um verdadeiro philosopho — sua musa alegre e satyrica manifestava-se especialmente nos festejos patriarchaes das noutes de S. João.

Compoz satyras espirituosissimas, em que ridicularisava alguns usos absurdos do logar.

Foi um dos redactores da *Revista Philomatica.*

Morreu na flôr da idade.

Entre as composições deste poeta ha uma que é um primor de harmonia, e começa assim:

> Tudo é silencio no bosque,
> Que solitaria mansão!
> Sabiá, cantando amores,
> Só povôa a solidão;
> Em debil ramo, saudoso,
> Descanta, geme e suspira.

Ah! junta, cantor plumoso,
Junta aos sons de minha lyra
Teu canto melodioso....
Tua musica suave
E' doce como a lembrança
Que em desabrida tormenta
Fórma do nauta a esperança;
Dize: tu cantas zeloso?
Ou feliz amor te inspira?

. . . .

ANTONIO DE SA'

Nasceu no Rio de Janeiro a 26 de Julho de 1620.

Foi conhecido em seu tempo como *principe da oratoria ecclesiastica*, e reputado pelo padre Antonio Vieira como afamadissimo prégador, dizendo que « não fazia falta no pulpito, quando Antonio de Sá o occupava ».

Na idade de 12 annos entrou para a companhia de Jesus, ahi se educou e estudou.

Empregou-se muito tempo em Roma como secretario do geral da companhia, cargo que sómente se dava aos mais instruidos da sociedade.

Voltou á Lisboa, foi prégador regio, e muito estimado pela côrte.

A bibliotheca publica fluminense possue alguns de seus sermões, que merecem fama pela dicção apurada, e selectos conceitos.

Regressou ao Brasil na idade de 50 annos, renunciando aos applausos, e admiração, que em Portugal grangeára, e dedicou-se á cathechese dos indios.

Falleceu no Rio de Janeiro ao 1º de Janeiro de 1678.

ANTONIO MANOEL DE MELLO

Nasceu a 2 de Outubro de 1802 na cidade de S. Paulo.

Com 11 annos e poucos mezes assentou praça de alferes aggregado ao 3° regimento de cavallaria de 1ª linha, fazendo ao mesmo tempo em S. Paulo seus primeiros estudos.

Perdeu logo seu pae o marechal de campo Antonio Manoel de Mello Castro Mendonça; mas um outro general, Daniel Pedro Muller, seu padrasto, desvelou-se em amal-o e dirigil-o pelo caminho da honra.

Em Julho de 1823 obteve permissão do governo para vir frequentar os estudos da academia militar da Côrte, e em 1824 matriculou-se. Obteve louros academicos nos dous primeiros annos, mas interrompeu seus estudos, marchando para os campos da batalha que se abria na Cisplatina.

Procurou sempre distinguir-se, soffrendo paciente todos os rigores da campanha, quer ahi, quer na batalha de Ytuzaingo.

Em Março de 1828 foi nomeado vogal permanente do conselho de guerra.

Celebrada a paz em Agosto do mesmo anno, Mello embainha a espada, e volta ao seio da academia, merecendo gloriosos os premios no exame de cada anno lectivo.

Capitão desde 12 de Outubro de 1827, é nomeado commandante da 1ª companhia do corpo municipal permanente da Côrte em 21 de Dezembro de 1831—ainda não havia concluido seu curso academico. Em documento official do governo foram louvados os serviços

que Mello prestou em tal commissão n'uma época, em que o Rio de Janeiro estremecia a cada hora, sob a ameaça de movimentos anarchicos.

Vice-director da fabrica de ferro de S. João de Ypanema, foi nomeado em Setembro de 1829 para director effectivo do mesmo estabelecimento.

Dispensado daquella commissão, conseguiu todos os titulos scientificos conferidos pela academia militar, e, em 15 de Junho de 1837, foi elevado a lente substituto das cadeiras do curso de pontes e calçadas, sendo promovido, a 13 de Setembro do mesmo anno, ao posto de major de engenheiros.

Suave, modesto, paciente, sem aspirar grandezas, sem amar o mundo pelas suas festas deslumbrantes, arrebatando os ouvintes pela proficiencia com que se distinguia em sua cadeira, que dirigiu oito annos, foi nomeado, em 15 de Julho de 1845, lente de geometria descriptiva, e recebeu o titulo de doutor em mathematicas, que, segundo a lei, lhe competia então.

Outros serviços prestou mais ao Estado. Foi professor no Lyceu da provincia do Rio de Janeiro, director do arsenal de guerra da Côrte mais de um anno, director das obras civis e militares do ministerio da marinha, commissario encarregado de examinar o Atlas das provincias do Imperio, organisado pelo visconde de Villiers, materia sobre que escreveu dous importantes relatorios; membro de commissões e laboratorios astronomicos, director interino da escola central e vogal do conselho supremo militar.

Foi ministro da guerra em 1847, em Maio de 1862, e em Maio de 1863.

Era insigne astronomo.

Embocada a trombeta de guerra, ultrajando a honra, e ameaçando a integridade do Brasil, acompanhou Mello a S. A. o Sr. Principe conde d'Eu até á provincia de S. Pedro do Rio Grande, então invadida ousadamente, sendo em Uruguayana designado para o commando geral da artilharia do exercito brasileiro, e dahi seguiu até as margens do Paraná em desempenho de sua gloriosa tarefa.

Poucos mezes foram concedidos ao seu civismo. Os trabalhos e privações prostraram o seu corpo, já abatido e cançado, e, a 8 de Março de 1866, a morte cerrou suas palpebras.

Foi deputado uma vez pela sua provincia. Além das medalhas da campanha da Cisplatina e da Uruguayana, teve a commenda de Aviz, a da Rosa, e a Grã-Cruz da ordem de Christo de Portugal. Foi nomeado guarda-roupa da imperial camara.

As filhas do Imperador o chamávam—*meu mestre*—porque muitas vezes o ouviam em prelecções de astronomia. (*)

ANTONIO SIMPLICIO DE SALLES

Nasceu na cidade da Campanha, da provincia de Minas-Geraes, e formou-se em S. Paulo em 1856.

Um anno depois falleceu, contando apenas 24 annos de idade.

(*) Esta biographia extrahimos de um discurso necrologico do secretario do Instituto Historico o Sr. Dr. J. M. de Macedo—1866.

Era de physionomia doce e sympathica, e, segundo o Sr. Couto Magalhães, se lhe puzessem uma toga sobre os hombros, seria uma verdadeira figura de grego, tal qual nol-a representam suas estatuas.

Poeta, como todo o brasileiro na idade de 20 annos, Salles voltou-se para a Grecia, e depois de ter admirado Hesiodo, Homero e Sophocles, estudou Ossian, e a poesia primitiva da Escossia, voltando-se para o Norte.

E' delle a seguinte poesia— *O cavallo de Mazeppa*—em que se descobre a energia selvagem, que recorda os poderosos accentos da musa de Byron:

Eia, vôa, corsel: sobre teu dorso
Minha musa e amor, ninguem mais quero,
E's filho do trovão; pasmem os homens,
Não me assusta, porém, correr tão féro.

—

Percorre do Oriente ao Occidente
Sobre a cruta das vagas navegando,
Eleva-te às regiões do ar ethereo
Nos ligeiros vapores cavalgando.

—

Corre, corre, ginete, sem destino,
Vadêa a esmo a amplidão do espaço,
Nada quero da terra : já quebrou-se
Entre mim e os homens negro laço.

—

Eu e tu, minha musa e meu amor,
Dirigimos ao globo eterno adeus :
Aos prazeres humanos fui extranho,
Jamais compartilhei delirios seus.

Eia, vôa, ginete, nobre amigo,
Não cances de correr ; e se cançares,
Arroja-te do sol ao disco ardente,
Ou sepulta-te no fundo desses mares.

Durante o anno de 1853 foi orador do Ensaio Philosophico Paulistano. Suas palavras tinham a autoridade do oraculo, defendendo a causa da sciencia e das idéas nobres.

Dia e noute encerrava-se em seu gabinete de estudo, que era uma verdadeira officina de trabalho, ou, melhor, um mystico altar onde, sacerdote do pensamento, queimava constantemente incenso.

São de Bernardo Guimarães os seguintes versos a respeito de Salles:

Em manso adejo desflorando a terra
Passou um dia o cysne peregrino,
E sonorosos quebros gorgeando
Desappareceu nas nuvens.

ANTONIO VIEIRA (PADRE)

Nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608, e logo em 1615 passou ao Brasil, acompanhando sua familia.

Foram seus paes Christovão Vieira Ravasco e D Maria de Azevedo.

Mal desembarcou na Bahia, começou a frequentar as aulas dos jesuitas, estudando os primeiros rudimentos e humanidades. Devoto da Virgem, a cuja influencia attribue o esclarecimento de sua razão e intelligencia, que parecêra acanhada nos primeiros annos, abandonou sua casa, e recolheu-se ao collegio em 1625, tendo pouco

mais de 15 annos, apezar das suasões de seus paes, que lhe reservavam outros destinos.

Professando na ordem, continuou seus estudos, mas fez voto comsigo de despender a vida na conversão e doutrina dos escravos africanos, e selvagens do Brasil, e para esse intento entregou-se logo ao estudo das linguas de uns e de outros.

Aos 21 annos quizeram os padres que Vieira começasse um curso de philosophia para passar depois ao de theologia, mas elle declarou o seu voto, que guardára em segredo. Os superiores lhe recusaram a execução de seus projectos.

Em 1635 Vieira foi ordenado presbytero, celebrou a primeira missa, e, quer antes,quer depois, prégava nas igrejas da Bahia e de seus arredores, desdobrando desde então grandes qualidades oratorias, com que depois enchia de admiração Lisboa e Roma.

A 27 de Abril de 1641 partiu da Bahia Antonio Vieira em companhia de Simão de Vasconcellos, e contrastada a viagem por furiosas e repetidas tempestades, o navio só pôde ancorar nas costas de Portugal nos ultimos dias de Maio. Ahi esteve em risco de morrer, por ter o povo de Peniche arremettido contra elle e seu sequito, na persuasão de serem membros da familia dos traidores do Estado, como consideravam a mulher e filhos do marquez de Montalvão ;—sendo necessario que a prudencia do conde de Atouguia, governador da praça, os fizesse recolher em uma prisão, para evitar peiores resultados do motim.

Foi prodigioso o effeito produzido pelos sermões de Vieira na Côrte de Lisboa; amigos e inimigos eram attrahidos e avassallados pela sua eloquencia, rica de

todos os dotes. A privança e valimento com a Côrte medrou tambem de dia em dia, de modo que Vieira entrava francamente no paço a qualquer hora, correspondia-se com a Rainha, com os Infantes, e com todos; passava horas inteiras nas secretarias d'Estado, assistia a todas as juntas de negocios graves, e successivamente foi nomeado prégador d'El-Rei, mestre do principe herdeiro da corôa, diplomata a differentes côrtes da Europa, e afinal embaixador na de Hollanda.

No maior auge desta fortuna, esteve Vieira arriscado a vêl-a interrompida por dissenções com a sua propria Ordem, aggravadas pela inveja de rivaes e competidores offuscados de sua gloria. Taes dissenções o obrigaram a apartar-se para o Maranhão em 1652, e por ultimo o lançaram nos carceres da inquisição.

O seu desinteresse em materia de dinheiros e riquezas, nunca se desmentiu—até os proventos licitos engeitava.

Nas missões de Hollanda e Roma teve avultadas quantias á sua disposição, em que nem sequer tocou. Para suas despezas pessoaes, nessas e em outras missões, satisfazia-se com ajudas de custo mui limitadas, pois sempre andava com extrema simplicidade, e sem outra comitiva além de um moço para lhe descalçar as botas; e ainda assim, se lhe ficavam algumas poucas dobras, as repunha escrupulosamente.

Nunca quiz receber esportulas dos sermões, recusava a liberalidade dos amigos, e mandando-lhe El-Rei dar em Paris vinte mil cruzados para comprar livros, não aceitou nem dous tostões para um *Diurno*.

Tratou com muitos homens eminentes, examinou na Europa as melhores livrarias, e nos collegios da companhia vivia *mais na livraria do que na cella.*

Não poupava em parte alguma os seus invejosos inimigos, e ostentava com vaidade sem igual o seu valimento.

Não se dobrou, visto como o perigo podia menos em Vieira do que o orgulho, ao processo que lhe iniciou e preparou a inquisição—sendo necessario que a intervenção de Alexandre VII mudasse a face do negocio, para que Vieira recuasse e cedesse sem dezar. Foi relevado *da maior condemnação, que por sua culpa merecia,* segundo a sentença publicada em 23 de Dezembro de 1667 na sala da inquisição de Coimbra, sahindo no dia 31 para a casa do Pedroso, logar que lhe foi assignado para reclusão, sendo-lhe commutada esta pena para a casa da Cotovia em Lisboa, e, seis mezes depois, de tudo perdoado. O processo de Vieira durou quasi cinco annos.

Restituido Vieira á Lisboa, e passado o tempo de sua interdicção, entrou de novo a prégar, e a readquirir a fama prodigiosa, que lhe fôra habitual. Foi resolvida sua viagem a Roma, com a missão ostensiva de solicitar a canonisação de 40 martyres da Ordem, e com a particular de alcançar a annullação da sentença do santo officio; mas neste empenho não obteve, como pretendia, a menor recommendação e favor de D. João IV.

Em Roma, aonde chegou em Agosto de 1669, foi acolhido com grande apparato pelos jesuitas, vindo a seu encontro a duas milhas da cidade, e guiando-o em triumpho á presença do geral da Ordem. Foi tratado com distincção por todos, inclusive o Papa, cardeaes e summidades estrangeiras que alli residiam.

Aprendeu o italiano para prégar nessa lingua, como lhe requeriam, e conquistou novos louros. Concorreu ás palestras litterarias e academicas, tomou parte nellas, mormente na sociedade, que em seu palacio reunia a celebre Christina de Suecia, que por esse tempo vivia em Roma.

Nocivo á sua saude o clima de Roma, achacado de annos e de enfermidades, esgotados os negocios que alli o levaram a Roma,pois deixou em meio,sem poder concluir, o processo da canonisação dos martyres, e pouco alcançando a respeito da sentença da inquisição a seu respeito, retirou-se em 1675 para Portugal, donde, em 27 de Janeiro de 1681, partiu para o Brasil, recolhendo-se na Bahia á quinta do *Tanque*, descontente e triste, vivendo com os livros, e com o padre José Soares, seu antigo e fiel amigo.

Acontecimentos se deram entre o governador e seu irmão Bernardo Vieira, que era secretario do Estado, e que fôra mandado recolher a uma enxovia — destes acontecimentos deram-se para o Reino informações compromettedoras contra Vieira, o que lhe produziu insomnia, delirios e outros soffrimentos, que puzeram sua vida em perigo.

Em 1688 teve patente de visitador da provincia do Brasil, e nesse encargo prestou serviço ás missões, e á companhia, com o mesmo zelo e actividade que desenvolvêra em idade vigorosa.

Publicou onze volumes de seus sermões, deu consultas e pareceres sobre negocios politicos e administrativos. Em 1694 ainda Vieira e o padre Faya foram privados de voz activa e passiva por sentença, que lhes foi intimada, por terem solicitado votos no congresso

provincial em favor de um companheiro, que devia ir á Roma como procurador da provincia,contra os estatutos da Ordem. Appellada esta contenda,Vieira obteve provimento: mas quando chegou á Bahia a decisão, com as delongas e distancias do costume, Vieira era morto, o que teve logar em 18 de Julho de 1697, contando quasi 90 annos de idade, e 75 de religião. Finou-se com todos os Sacramentos e mostras de piedade e conformidade christã

Escreveu muito sobre a sorte dos indios, fez immensas conversões, principalmente no Maranhão, e fez-se acompanhar, em todos estes trabalhos, de outros missionarios, cujo numero se estendeu a mais de quarenta nos ultimos tempos de suas proveitosas fadigas (*).

ANTONIO DO LADO DE CHRISTO (FR.)

Era no seculo o seu nome Antonio Francisco Martins. Nasceu na freguezia de Santa Rita, do Rio de Janeiro.

Dezejando pertencer á ordem de S. Francisco foi acolhido com benevolencia pelo provincial do convento Fr. Joaquim de Jesus Maria Brados; e em 13 de Janeiro de 1796 recebeu o habito franciscano.

(*) Vid. *Jornal do Timon*, de J. F. Lisboa, vol. 4º, Maranhão, 1865, *Bibl. dos Bach. em lettras*, do Sr. Bomsuccesso, Rio, 1867, *Curso de litt.*, de Sotero, Maranhão, 1867.

O padre André de Barros escreveu a vida do padre Vieira, a qual foi publicada em Lisboa em 1746, e de um exemplar fizemos presente ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Tratando desta obra um distincto critico, cujo nome não declina o Sr. Innocencio no seu *Dicc.-Bibl.*, exprime-se assim: « Na vida de Vieira mostra-se mais panegyrista que historiador; largo e até prolixo em cousas menos importantes, e nimiamente conciso nas mais graves. Emprega o estylo corrupto, que era estimado no seu tempo. Admirando com razão a simplicidade e candura das relações que escreveu Vieira, nem por isso o quiz imitar na da sua vida. »

Depois do anno de noviciado, durante o qual patenteou as bellas qualidades de sua alma, professou no mesmo convento em 14 de Janeiro de 1798.

Dezejando applicar-se aos estudos philosophicos, dirigiu-se a S. Paulo, onde teve por lente o padre mestre Fr. Francisco da Candellaria. Seus progressos foram rapidos, porque sua vasta intelligencia tornava faceis as difficuldades da sciencia.

Recebeu ordens sacras nessa cidade em Fevereiro de 1804.

Eloquente na tribuna sagrada, recto na sua vida de monge, foi nomeado prégador e confessor em 7 de Abril do mesmo anno.

Em 1810 foi nomeado pela Ordem lente do respectivo collegio.

Em 21 de Novembro de 1819 foi nomeado por D. João VI para prégador regio, tão afamado tornou-se o seu nome e o seu credito.

Adoecendo gravemente por ter comido, segundo se diz, algumas folhas de cicuta, suppondo ser agrião, succumbiu a 6 de Abril de 1821, depois de ter recebido todos os Sacramentos.

Extraviaram-se quasi todos os sermões deste distincto ministro da Igreja, deste notavel orador brasileiro, o qual, sempre que subia ao pulpito, manifestava em suas palavras o amor, que tributava á sua patria.

A. J. N. BURNIER

Natural do Rio de Janeiro, a cujo clima, que lhe era pernicioso, voltou por occasião de cruel enfermidade,

que interrompêra seus estudos na faculdade do Recife.

Buscou a provincia de Minas, onde ares mais doces e benignos lhe podiam attenuar os soffrimentos.

Contava apenas 17 para 18 annos quando aos seus olhos abria-se a campa, aos seus ouvidos soava a hora fatal Mortal melancolia se lhe desenhava pelas faces, ralava-lhe o coração, lia-se em seus versos. A mão da morte, que lhe roubára primeiramente o caro pae, depois a adorada mãe, e finalmente o respeitavel avô e o deixára orphão e só neste mundo, o impellia para o sepulchro, aonde tombou. A chamma da poesia que cedo illuminou-lhe a mente, cantou-lhe assim os presentimentos, e os ultimos momentos!

Como o nauta pressente a tempestade
Des'que as ondas encrespa fero norte,
Assim na amarga dôr que o peito ancêa,
No desanimo d'alma sinto a morte.

De mil modos em vão me prendo á vida,
Para a lousa me acena impio fadario :
Sonhos, sonhos gentis que m'embalaste,
Gelou-vos o contacto do sudario.

Como é triste morrer quando o horizonte,
Se reveste de luz, dourando as aguas;
Quando o bosque repete as harmonias
Do sabiá, que trina suas magoas!

E' bem triste não ter no peito um hymno,
Quando em hymnos acorda-se a natura !
E' cruel o sentir as cordas d'alma
Partidas pela mão da desventura!

Partidas, sim, que o peito já não vibra
Como d'antes, ao sopro da esperança;
E dos cantos d'outr'ora a alma esquecida,
Não conserva, se quer, uma lembrança !

———

Qual foi minha missão, no entrar da vida,
Meu destino qual é, qual meu futuro?
Pergunto embalde, o pensamento escuro
Não responde á pergunta proferida.

Qualquer explicação sincera e fida
Dos mysterios que vejo, em vão procuro;
Em terreno tão falso, e mal seguro
Vacilla o pensamento, a alma duvida.

Mas eterna será a nuvem densa
Que o horisonte da vida entenebrece,
Cercando-o d'uma cerração intensa?

Oh! não; a escuridade se esvaece
Quando brilha de Deus a luz immensa
Nas altas regiões do hymno da prece.

ANTONIO MARIANNO DE AZEVEDO MARQUES

Nasceu em 1797 na cidade de S. Paulo.

Foi o poeta que saudou a abertura da academia de direito, estabelecida n'aquella cidade; foi o poeta popular, o autor de hymnos festivaes que desappareceram com a época da febre patriotica. Nos seus cantos avulta o nome de Pedro I, que era então para o Brasil o sagrado palladio da liberdade. Não era Azevedo Marques verdadeiro poeta lyrico, e entre a collecção

de seus versos, que nunca foi publicada, uma unica cançoneta existe, dedicada ao amor, ao gosto das lyras de Gonzaga.

Foi um dos primeiros estudantes que se formaram; collaborou o *Pharol Paulistano* com o marquez de Monte Alegre, escreveu um resumo de Quintilianno, que até 1859 corria alterado sob o nome de *Caderneta de rhetorica.*

Foi um advogado celebre no fôro civil da capital de S. Paulo, e professando na cadeira de latim aos 15 annos de idade, foi, pelo bem que se houve nessa ardua tarefa, cognominado o *Mestrinho*, nome que lhe ficou, e pelo qual era conhecido em toda a provincia.

Falleceu em 1847.

Na ode á abertura da academia, finge que Minerva falla aos brasileiros, e diz:

Meus filhos, ella diz, não basta ainda,
Sois felizes, é certo, mas a prole
Que de vós nascerá tem jus igual
A' sorte que gozaes.

Da liberdade os fructos, que heis colhido,
Pouco tem produzido; seus arbustos
Delgados inda são; um sopro os póde
Por terra derribar.

Dous fecundos jardins de minha escolha
Vos deparo em Olinda e Paulicéa;
Alli plantei esta arvore mimosa,
E dormi socegada.

Vós todos colhereis dourados pomos,
A paz, a liberdade, os gozos todos,
Que a deusa do saber, Pallas divina,
E' só quem póde dal-os.

ANTONIO PEREIRA (PADRE)

Nasceu em 1541 no Maranhão —jesuita, foi theologo distincto, pregador de fama, e grande missionario.

Escreveu varios tratados sobre os costumes dos gentios, e um vocabulario da lingua brasilica, que perfeitamente conhecia.

Morreu em 1702 de uma flechada, que lhe atiraram os indios do Pará na occasião em que os procurava para cathechisal-os. (*)

D. ANTONIA BEZERRA

Mulher de Francisco Berenger de Andrada, matrona de primeira nobreza, foi carregada de ferros, e soffreu terrivel prisão em Pernambuco, por acompanhar seu esposo nas luctas hollandezas sob o commando do governador João Fernandes Vieira. Depois de duas renhidas batalhas campaes dadas em 17 de Agosto de 1645, lhe foi restituida a liberdade, assim como a Isabel de Góes, mulher de Antonio Bezerra, e a Luiza de Oliveira, mulher de Amaro Lopes, que se achavam nas mesmas condições.

D. Maria Cesar, mulher do proprio governador, refugiou-se em um bosque, descalça e mal abrigada.

D. Brasida, mulher do capitão Pedro Cavalcanti de Albuquerque, e sua mãe D. Maria Pessoa, arrastaram vis cadêas, e despresaram as acerbas torturas por que passaram, e a perda de todos seus bens, sem a mais leve mancha de sua honra.

(*) Vide *Almanak de Lembranças Brasileiras*, 1868.

AURELIANO DE SOUZA OLIVEIRA COUTINHO

(VISCONDE DE SEPETÍBA)

Nasceu na provincia do Rio do Janeiro, sendo baptisado em 21 de Julho de 1800.

Seu pae foi o celebre engenheiro o coronel Aureliano, o constructor da velha estrada da Estrella.

Educado no seminario de S. José, desenvolveu ahi bem cedo os seus talentos. Matriculou-se depois na academia militar, onde foi sempre premiado. D. João VI mandou Aureliano para Coimbra, onde formou-se com grande conceito. Voltando, seguiu para S. João de El-Rei como juiz de fóra, despedindo-o, ao retirar-se, mais de 600 cidadãos com saudades e bençãos.

Presidente da provincia de S. Paulo, em 1830, viu crescer, e tomar fórmas assustadoras o acontecimento de 7 de Abril, sem poder desvial-o.

Foi desembargador da relação da Côrte, e intendente geral da policia.

Em 1832 foi chamado pela regencia ao ministerio da justiça, e quer então, quer successivamente por quatro annos, occupou differentes pastas. Era essa a quadra, em que se achavam nas altas espheras da politica os interesses mais desencontrados e infrenes, onde tudo presagiava a proxima dissolução da hierarchia brasileira. Aniquilou o *polvo revolucionario* que estendia os braços de Norte a Sul, e derrocou impassivel e friamente todos os embaraços até conseguir o escopo desejado.

A casa de correcção, o monte de soccorro, o monte pio dos servidores do Estado, a companhia dos omnibus, etc., etc., são serviços seus.

Presidente do Rio de Janeiro fez obras de grande valor, e, com o engenheiro Koeler, e o conselheiro Paulo Barbosa, foi o fundador de Petropolis,a Versailles brasileira.

Era grande do Imperio, conselheiro, fidalgo da casa Imperial, gentil-homem da imperial camara, senador do Imperio pela provincia das Alagôas, cavalleiro, dignatario e grã-cruz de diversas ordens brasileiras e estrangeiras, vice-presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, membro da sociedade Ethnologica de Paris, etc.

Morreu em 24 de Setembro de 1855.

O desembargador Ramiro, deputado, dizia em pleno parlamento: — « O Sr. Aureliano dentro e fóra da camara é o melhor cidadão! São muitos e de immensa importancia os seus serviços, ahi estão bem patentes, e prasa a Deus que não nos esqueçamos nunca, nós todos brasileiros, de apreciar e respeitar tão benemerito cidádão.»

Bernardo Pereira de Vasconcellos,seu frenetico adversario, dizia:—«O nome do Sr. Aureliano está gravado na base da nossa monarchia.»

Amigo da orphandade e da pobreza, um dos mais religiosos catholicos da época, democrata sincero e puro, sereno e calmo no enthusiasmo das suas victorias, nas dores da derrota de suas patrioticas ambições, ante a injuria que seus adversarios lhe atiravam aos pés, eis desenhado Aureliano.

AURELIANO JOSE' LESSA

Nasceu na cidade da Diamantina, da provincia de Minas Geraes,e formou-se em S. Paulo no anno de 1853.

Como Alfredo de Musset, Lessa passou sua vida triste no meio de um mundo gelado e triste.

Compoz muitas poesias, emquanto estudante.

Depois de ter advogado algum tempo na Diamantina foi estabelecer-se no Serro, aonde falleceu em 1866.

No *Diario Official* de 1867, n. 38, encontram-se como *specimen* algumas poesias daquelle malogrado genio.

BARBARA ELEODORA GUILHERMINA DA SILVEIRA

Nasceu em S. Paulo, e era descendente de uma familia illustre. Tinha rara belleza, e possuia esmerada educação, o que despertou o amor do Dr. Ignacio José de Alvarenga Peixoto. (*)

A joven donzella folgava poder pagar ao seu amante verso por verso; o commercio das musas engrandeceu aquelle amor, em que mutuamente se abrazaram, e a religião santificou-o. Tendo-se Alvarenga compromettido na revolução do Tira-dentes, foi desterrado, e seus bens sequestrados. D. Barbara mostrou-se ahi heroina, encarou com coragem a adversidade, cuidou da educação de seus filhinhos, mas, quando soube da sentença de 2 de Maio de 1792 declarando infames seus filhos e netos, não pôde resistir a tanta dôr, e... a infeliz enlouqueceu.

No meio de seu delirio pronunciava sempre o nome de seu esposo, e filhos, derramava depois uma torrente de lagrimas, e... assim morreu.

(*) Vide *Selecta Brasiliense*, 1ª serie, pag. 75 *Brasileiras Celebres* do Sr. J. Norberto, Paris, 1862.

Era conhecida por *Maria das Contendas*, por sua belleza e outras causas.

BEATRIZ FERRÃO (D.)

Natural de Minas Geraes, compositora notavel de musica, e de optimos versos portuguezes, latinos e italianos.

BENTO TEIXEIRA PINTO

Nasceu em 1545 em Pernambuco.

Foi o primeiro escriptor nascido no Brasil, segundo a ordem chronologica, e distinguiu-se como cultivador das musas.

Compoz um poema intitulado *Prosopopeia*, dedicado a seu compatriota e amigo Jorge de Albuquerque Coelho, e compoz tambem a relação do naufragio, que, no anno de 1565, ambos soffreram, indo de Pernambuco para Lisboa a bordo da náo *Santo Antonio*.

BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS

Nasceu em Ouro Preto a 27 de Agosto de 1795. Foram seus paes o Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, e D. Maria do Carmo Barradas.

Dotado de viva comprehensão, foi por seus paes destinado desde logo á carreira dos estudos, e mandado para Portugal aos 12 annos de idade, para, sob direcção de pessoas de alta posição da sua familia portugueza, aproveitar as lições mais apuradas de certo nas aulas da metropole do que o podiam ser nas da colonia.

Corria infelizmente o anno de 1807: os acontecimentos politicos embaraçaram a realisação das intenções paternas. O navio que levava o menino brasileiro foi aprisionado e dirigido para Inglaterra: Portugal estava então occupado pelas armas de França, e a França estava nas suas grandes guerras com a patria de Pitt, ou antes com a Europa inteira.

Da Inglaterra teve de regressar para o Brasil, e aqui teve de concluir os seus estudos preparatorios. Seguindo outra vez para Portugal em 1813, matriculou-se nas aulas de direito da universidade de Coimbra, frequentando-as com a maior distincção, e sahindo emfim em 1818 com o grão de bacharel.

Na companhia de seus tios, o conselheiro de Estado Fernando Luiz de Souza Barradas Cardoso e Silva e Dr. Bernardo de Souza Barradas, conservou-se um anno em Lisboa, para completar os seus estudos juridicos; só em 1820 regressou á patria.

Consagrou-se á profissão de advogado; mas tão abundantes naquella época não eram os homens de estudo, que fosse possivel ao joven legista seguir a sua vocação para essa profissão; foi logo despachado juiz de fóra de Guaratinguetá, na provincia de S. Paulo. Dahi, de volta para Ouro Preto, obteve nomeação de desembargador da relação do Maranhão.

A esse tempo agitava-se o paiz: a revolução da independencia, a convocação da constituinte, seus debates, suas lutas, sua dissolução, tinham-se succedido, sem que ao distincto joven coubesse nesses primeiros ensaios da vida politica do paiz grande papel. Proclamada porém a constituição, convocada a primeira assembléa

legislativa, VASCONCELLOS, eleito entre os representantes da provincia de Minas, veio sentar-se, nesse recinto de que não devia mais arredar-se, em embargo de todas as vicissitudes dos tempos, até que fosse occupar a cadeira vitalicia de senador.

Então começou a vida politica desse homem, cuja falta ainda hoje todos lamentam.

Bom senso nesse grão tão apurado que é quasi genio, amor ao estudo, facilidade de concentrar-se na mais profunda attenção, força de iniciativa para descobrir a solução das complicações, vastidão de conhecimentos, sempre augmentada por indefesso estudo de todas as horas, tornaram esse homem o que os contemporaneos presenciaram, o que a posteridade, consultando os monumentos das nossas leis, os annaes do nosso parlamento, os registros do nosso Conselho de Estado, ha de por certo admirar.

Para isso tudo concorreu: até a sua saude deteriorando-se, pregando-o á cadeira e ao leito por fatal paralysia, como que o obrigava a concentrar a vida nas faculdades intellectuaes, e não lhe deixava por unica distracção ás dôres constantes, por unica occupação, senão o estudo, a leitura reflectida dos melhores livros, a conversa familiar e instructiva. Sempre affavel, VASCONCELLOS abria todas as noutes a sua sala a quem quer que o procurasse; com a mais prazenteira amabilidade, sem que nunca esmagasse os outros com a sua superioridade intellectual, punha a conversação na altura da intelligencia dos que com elle estavam, e sabia dest'arte aproveitar todos os conhecimentos que cada qual podia ter, em qualquer especialidade.

Com esses dotes entrando na vida publica, VASCONCELLOS alistou-se necessariamente entre esses deputados brasileiros e liberaes que, em opposição ao governo, procuravam dar ao paiz a verdade do regimen constitucional, e as instituições promettidas pela constituição. No meio das patrioticas aspirações que então se multiplicavam, poucos eram os homens praticos, poucos os que, aos principios e ás theorias, podiam accrescentar conhecimentos positivos de administração e de governo. Entre esses poucos, VASCONCELLOS era um dos mais notaveis, e nos trabalhos dessas camaras que nos deram a organisação superior do thesouro, da caixa da amortização, do supremo tribunal de justiça, das camaras municipaes, que emfim organisaram o paiz tão recentemente constituido em nação, ampla participação teve elle.

D. Pedro o chamou logo em 1828 para o ministerio; mas então o regimen parlamentar não era comprehendido no paiz; entendia-se que o deputado liberal devia condemnar-se eternamente á posição de adversario do governo, nunca aceitar o poder. Por deferencia aos seus amigos politicos, VASCONCELLOS teve de curvar-se a essa doutrina, e de repellir o convite da corôa. A luta assim travada, a questão politica assim entendida, não podia ter desfecho senão em uma revolução; ella appareceu.

Nem se julgue que, se aceitasse o poder, quando a elle chamado, VASCONCELLOS teria salvo o paiz; primeiro, era mais do que certo que a Côrte o não receberia nas condições legitimas de ministro parlamentar; em segundo logar, com todo o seu prestigio e todo o seu talento, é mais do que provavel que VASCONCELLOS, mi-

nistro nessa época, sem dominar a torrente, teria sido abandonado pelos seus amigos, considerado transfuga da causa popular. Cumpria pois deixar que o tempo trouxesse as suas grandes lições, e provasse aos liberaes que a opposição não é senão o combate para triumpho de uma idéa, triumpho que se effectua no dia em que é ella chamada ao poder.

Pela revolução de 7 de Abril de 1831, os liberaes vencedores aceitaram emfim a posição que, desde 1828, D. Pedro lhes havia offerecido. Mas então estavam soltas as paixões revolucionarias, a agitação armada, o motim da soldadesca, as pretenções exageradas do enthusiasmo punham o paiz em quotidiano perigo.

Vasconcellos foi ministro da fazenda do primeiro ministerio liberal. As finanças então achavam-se no gráo maior de descredito e de ruina, aggravado ainda pelo effeito natural da revolução, pela intimidação permanente do motim.

Mal comprehendemos hoje os serviços prestados por esse ministerio de 1831, que teve de lutar, no meio da dissolução de todos os elementos de governo, com todos os germens de dissolução social. Reprimir o motim nas ruas; dissolver a soldadesca, manter a ordem publica, restaurar a força moral do governo, até então universalmente considerado como o inimigo da sociedade, conservar unidas as provincias que os sonhos federalistas arrastavam, fazer frente ás despezas do serviço publico, manter illeso o credito nacional, lutar contra a invasão da moeda falsa de côbre, a par da moeda depreciada de um banco mais do que roubado e fallido.... Honra e gloria aos homens de então! Honra e gloria ao patriotismo e á devoção dos brasileiros! Tudo isso se

conseguiu, e a posteridade reservará bello quinhão nos seus agradecimentos a esses que lhe salvaram a patria.

Em 1832 foi dissolvido esse ministerio.

Em 1833 estava VASCONCELLOS em Ouro Preto, quando ahi rebentou uma revolta contra a autoridade do presidente da provincia, que então era o desembargador Manoel Ignacio de Mello e Souza, depois barão do Pontal. No meio dos gravissimos indicios que haviam annunciado, achando-se o presidente ausente da capital, assumiu VASCONCEELLOS, na qualidade de 1º vice-presidente, as redeas da governança; era uma posição de perigo e de sacrificio; VASCONCELLOS não tinha a prudencia egoistica que nessas horas abandona o paiz, e tergiversa com o dever: cumpria suffocar o motim. Infelizmente a dedicação do homem não bastava, eram necessarios recursos, e não houve tempo de reunil-os: os insurgentes haviam combinado o seu plano com tanta sagacidade, que a autoridade só no ultimo momento prevenida, não pôde contel-os. VASCONCELLOS foi por elles preso.

Conseguindo porém evadir-se aos sediciosos, apresentou-se na cidade de S. João d'El-Rei, ahi organisou o governo e a defeza, chamou ás armas os mineiros, e, dentro de poucos dias, forças consideraveis marchavam contra os dominadores da capital. A revolta não se pôde manter, e o presidente chamado, instado por VASCONCELLOS, para vir tomar conta do seu logar, pôde fazel-o, livre de todo o perigo, sendo aliás coadjuvado, nas medidas que posteriormente teve de tomar, pela influencia e conselho do grande estadista.

Em 1834 tinha a camara sido reunida com os poderes necessarios para reformar a constituição, e realisar essa promessa, que fôra como o ponto da transacção entre todas as fracções liberaes, senhoras do paiz depois de 1831. A difficuldade porém dessa obra constituia uma das maiores complicações do momento : Vasconcellos foi della encarregado ; infelizmente ao seu trabalho fizeram-se emendas, contra as quaes muitas vezes reclamou perante os seus amigos e alliados politicos, emendas que tornaram defeituosa essa reforma, hoje *acto addicional*, e que exigiram alguns annos depois a sua interpretação.

Em 1835 membro da primeira assembléa provincial mineira, comprehendeu elle que cumpria mostrar praticamente a bondade dessa instituição, e o muito que com ella podia ganhar a administração das provincias; meditando pois sobre as necessidades de melhoramentos apresentou, ácerca das estradas e do ensino publico, projectos cuja adopção marcou uma verdadeira época de progresso, e a que se prende tudo quanto de melhor tem-se posteriormente feito nesse sentido.

As circumstancias politicas entretanto se modificavam ; o fallecimento do Sr. D Pedro I, que fazia perder todas as esperanças, e portanto todos os receios de uma restauração, a votação do acto addicional, tinham trazido a distensão dos espiritos, tanto tempo empenhados nas lutas politicas, e com ellas novas necessidades para a governança : cumpria organisar, todos o sentiam, e proclamavam ; mas como, em que sentido ? E quem poria peito a essa reorganisação ?

Separado dos seus antigos alliados politicos, Vasconcellos tomou a frente da opposição, que então se apre-

sentava ao governo do regente Feijó. As sessões de 1836 e 1837 o viram constantemente na tribuna, instando com esse governo para que apresentasse os remedios que julgava necessarios aos males, que elle proprio denunciava, e que todavia elle proprio aggravava. Por fim, em vez de modificar o seu governo, o regente preferiu renunciar ao alto cargo que occupava, entregando-o ao senador Pedro de Araujo Lima, hoje marquez de Olinda. VASCONCELLOS tomou então a pasta da justiça e interinamente a do Imperio. Foi o ministerio de 19 de Setembro.

Não apreciaremos agora a acção e influencia desse tão fallado ministerio; o que ninguem contestará, é que se lhe deve o triumpho do regimen parlamentar, o reconhecimento da condição de solidariedade no gabinete, do apoio das maiorias, da disciplina das discussões. Não é menos certo que as idéas monarchicas, tanto tempo obliteradas, começaram a resurgir nos espiritos, e em publicas e officiaes demonstrações.

Foi nesse tempo, e no meio desses cuidados que VASCONCELLOS, que queria dar impulso aos estudos no Brasil, fundou o collegio de Pedro II, e decretou a existencia de outros estabelecimentos de instrucção, que não chegaram infelizmente a realisar-se, talvez por falta de cooperadores.

Dissolvido o ministerio de 19 de Setembro, outros lhe succederam, durante os quaes o prestigio do poder regencial foi-se alluindo.

Em 1840, quando já a revolução da maioridade estava senhora do triumpho, VASCONCELLOS, que estava retirado dos conselhos e da influencia do governo, foi chamado para junto do regente. O movimento já ia muito adi-

antado: VASCONCELLOS não o pôde conter. Algumas horas depois da sua entrada no gabinete, havia elle triumphado. Ahi corre impresso um manifesto em que o distincto estadista expõe circumstanciadamente o que então occorreu, quaes as vistas e intenções do governo, qual o sentido de seus actos, e porque foram malogrados.

No seu ministerio, VASCONCELLOS havia preparado o immenso trabalho da reforma do codigo do processo. Interrompida a discussão desse projecto, que elle como senador havia offerecido em 1839, continuou depois em 1841 sob os auspicios do ministro da justiça Paulino José Soares de Souza, depois visconde de Uruguay. Esse foi de todos quantos debates teem occupado o nosso parlamento o mais aturado, e o mais completo; para a gloria de VASCONCELLOS bastaria a parte que nelle tomou. Adoptado emfim pelas camaras é a lei de 3 de Dezembro de 1841.

Coube-lhe igualmente a gloria de sustentar, e de fazer passar o projecto, tambem por elle elaborado, da creação do conselho de Estado.

Não menos se lhe devem os estudos que prepararam o projecto da lei das terras; embora por outrem offerecido á attenção das camaras, ninguem ha que ignore a parte que na sua elaboração, como na sua sustentação, coube ao distincto estadista.

Depois da creação do Conselho de Estado, VASCONCELLOS, nomeado conselheiro ordinario, prestou sempre o mais acurado apoio á administração do paiz, ainda com ministerios que lhe eram infensos: o conselheiro de Estado punha de lado a politica, para esclarecer com

a sua vasta intelligencia as questões administrativas, e conseguir o bem do paiz, ainda quando feito por mãos de adversarios seus. Póde-se quasi sem hyperbole affirmar que emquanto foi vivo, VASCONCELLOS era o Conselho de Estado.

Se não faltaram calumnias á sua vida, não lhe faltaram tambem applausos e galardões.

Ministro duas vezes, deputado em todas as legislaturas até que em 1838 entrasse para o senado, conselheiro de Estado desde a fundação, condecorado em 1849 com a grã-cruz do Cruzeiro, havia anteriormente recebido de Sua Magestade o Rei dos Francezes a grã-cruz da Legião de Honra, por ter sido o plenipotenciario brasileiro no tratado matrimonial da Sra. princeza D. Francisca com o Sr. principe de Joinville.

Nos ultimos annos de sua existencia, a paralysia que o atormentava, foi tomando um caracter mais grave, sem todavia conseguir quebrar a serenidade de seu espirito, a actividade do seu amor ao estudo, e do seu zelo pelo paiz.

Ouvindo-o, illudido pelo vigor desse espirito, ninguem podia fazer idéa da fraqueza, do soffrimento desse corpo. Só os seus intimos conheciam, vendo o progresso dos estragos da horrivel enfermidade, que essa immensa luz do genio estava para apagar-se com a ruina desse corpo.

Entretanto não foi a paralysia. Em 1850 a febre amarella que dizimava o Brasil, e que parecia escolher as suas victimas nas eminencias sociaes, acometteu-o... e em 1º de Maio a cidade do Rio de Janeiro, coberta de luto, as camaras que já tinham soffrido tantos golpes doloro-

sos, ouviram a noticia fatal: « BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS já não existe. »

Seu corpo jaz no cemiterio de S. Francisco de Paula: seu nome na historia, e na recordação dos brasileiros.

CARLOS MIGUEL DE LIMA E SILVA

Nasceu no Rio de Janeiro a 29 de Setembro de 1812, sendo seu pae o marechal de campo, senador, e ex-regente Francisco de Lima e Silva.

Destinado á carreira das armas, assentou praça de 1° cadete no antigo regimento de Bragança, então 2.° batalhão de caçadores, em Setembro de 1824, tendo apenas 12 annos de idade. Concluidos seus estudos elementares, seguiu para a provincia de S. Paulo, na qualidade de alferes do estado-maior do exercito, e ajudante de ordens de seu pae, nomeado governador das armas da mesma provincia.

Regressando á Côrte, foi Carlos Lima escolhido para fazer parte do batalhão do Imperador, onde serviu até a revolução de 1831.

Matriculado na escola militar. foi approvado nas materias do ensino lectivo, e, despachado immediatamente para fazer parte da legação do Brasil em Bruxellas, como addido de 1ª classe, servindo de secretario, partiu para aquella côrte em fins de 1833, onde se conservou até Junho de 1842.

Havendo regressado á capital do Imperio, depois de ter visitado Londres, Paris, Roma, Vienna, Lisboa, etc. seguiu para Minas em 1842, como ajudante de ordens de seu irmão hoje duque de Caxias.

Carlos Lima distinguiu-se muito no combate de Santa Luzia, e mostrou muita bravura, e, tempo depois, foi tambem com seu irmão para o Rio Grande de Sul, ao fim de conseguir este a pacificação d'aquella provincia. Tres annos de campanha influiram na saude do major Lima, e falleceu de uma febre perniciosa, aos 12 de Janeiro de 1845, na villa do Rio Pardo.

CASIMIRO DE ABREU

Nasceu na Barra de S. João, da provincia do Rio de Janeiro, a 4 de Janeiro de 1837. Seu pae José Joaquim Marques de Abreu era negociante, e a essa profissão o destinava, apezar do talento para o desenho, que mostrava desde tenra infancia.

Aos seis annos aprendeu os rudimentos da lingua, e aos nove foi para Friburgo, onde entrou para o collegio Freese. Sem ter completado os preparatorios, veio para o escriptorio de seu pae no Rio de Janeiro, d'onde foi enviado, em 1853, para Lisboa, por se ter mostrado indocil á disciplina commercial. Ahi cercaram as musas, e as folhas portuguezas receberam com applauso as primicias de seu estro.

Voltando ao Rio em 11 de Julho de 1857, seguiu para Indáy-açú, fazenda de seu pae nas margens do rio S. João, onde esteve um mez. Regressou ao Rio para de novo empregar-se no commercio, entrando em Setembro para casa dos Srs. Camara Cabral & Costa, onde se conservou até Junho de 1859. Durante esse periodo medraram-lhe as tendencias poeticas, e mais dura se tornou sua condição, porque duras reprimen-

das vieram aggravar as intimas dores de sua organisação delicada.

Em Abril de 1860 partiu para a fazenda de seu pae, de quem recebeu o ultimo adeus.

Quando a fortuna ia sorrir-lhe, visto que o pae lhe legára bens para honesta e descançada subsistencia conheceu-se affectado dos pulmões. Dirigiu-se para Friburgo d'onde veio a noticia de sua supposta morte, que tanto affligiu os amigos das lettras, que já o conheciam pelo volume de suas *Primaveras*.

Falleceu em sua fazenda a 18 de Outubro de 1860 rodeado de sua mãe, e de alguns parentes e famulos, sob o golpe da cruel enfermidade que o despenhou, ainda joven, no sepulchro.

Ao desabrochar do talento,na aurora da gloria, morreu um poeta,de tanto sentimento e de tanta harmonia, como todos o conhecem. O Sr. Zaluar acerca de Casimiro de Abreu expressa-se assim :

« Entre seus companheiros é o cysne da tradição mythologica. Expirou cantando ! Alma candida e perfumada como o *bogary* das selvas, timida e medrosa como a *rôla* sorprendida nas balças do espinheiro, seus versos são um suspiro da aurora, seus cantos um raio de luz matinal. Suspenso já entre o mundo e o céo, tem medo de se afastar da senda luminosa da sua primeira patria, e macular as plantas no lodaçal da terra ! Vagueia no espaço como a *andorinha* estrangeira, pousa no cimo das arvores como a *juruty* dos bosques; e quem como elle exhalou cantos mais sentidos, queixas mais saudosas, e gottejando lagrimas brilhantes, como as flôres da collina entornam as perolas do orvalho ?

« Este poeta viveu e passou como uma estrella fugaz, mas o seu brilho ficará eterno nos cantos da musa nacional.

« Seu tumulo singelo, segundo a expressão do Sr. Reinaldo Montoro, está collocado na Barra de S. João, ao par d'aquelle em que jazem os restos de seu pae. Acalentam-o ao longe as ondas, quebrando-se nas praias do Atlantico, e as aves dos palmares vêm nos arvoredos proximos annunciar-lhe a aurora com seus hymnos doces e cadenciados. » (*)

CUSTODIO FERREIRA LEITE

(BARÃO DE AYURUOCA)

Nasceu na comarca do Rio das Mortes, da provincia de Minas, a 3 de Dezembro de 1782. Desde tenra infancia revelou talento e perspicacia, que seriam aproveitados fructuosamente, se a escassez das luzes, mormente em uma provincia central, que allumiavam o Brasil colonia, lhe permittissem dedicar-se ás lettras.

Ao fim de entregar-se á lucrativa industria da mineração, partiu o joven Custodio com seus irmãos para as margens do Rio Preto; mas pouco se demorou ahi, pois, como curioso observador, percorreu as provincias sul-americanas, que pertenciam á Hespanha, e que hoje constituem outros tantos Estados independentes. Agui-

---

(*) Nesse cemiterio passámos horas de contemplação ao 1º de Janeiro de 1855, recordando nos das lugubres, porém bellissimas palavras de Woung, nas suas *Noutes* Foram momentos de doce e agradavel scismar, de que nunca nos deslembraremos.

lhoado pelo espinho da saudade, e abandonando projectos de viagens mais longinquas, volveu aos lares patrios.

Seu logar estava de ante-mão marcado. Necessitavam as provincias do Rio de Janeiro e de Minas de um homem, assaz dedicado aos seus interesses, para as pôr em communicação facil e segura por meio de estradas e de pontes.

Genio emprehendedor, o capitão-mór (posto que lhe fôra conferido em sua mocidade) não trepidava em embrenhar-se pelos sertões, ainda por esse tempo povoados de selvagens, atravessår a nado caudalosos rios, expor seus dias ás feras.

Abrir fazendas era para o capitão-mór Custodio negocio da maior facilidade, em que sentia summa satisfação. Amplamente ganharam com isso seus amigos e protegidos, e mais de um personagem deveu a origem de sua fortuna á magnanimidade do distincto mineiro.

Seria Custodio Leite um millionario se cuidasse só de seus interesses; porém esquecia-se de si para só se lembrar dos outros, preferindo a satisfação de fazer bem á positivas vantagens da collossal riqueza. Tinha em compensação a posse da maior popularidade.

O fundador do Imperio distinguia-o com sua particular amizade, e agraciou-o com a commenda da ordem de Christo, e com a patente de coronel de milicias.

Sua modestia, e o cuidado que tinha em occultar seus serviços, fez a impossibilidade de seguir par e passo essa bemfazeja existencia.

Abriu a estrada chamada da *Policia*, que se dirige de Iguassú a Minas—mandou fazer os aterrados do *Engenho*

do Brejo—e por muitos annos administrou os trabalhos das estradas de *Sapucaia* e *Feijão-crú*. Offertou á provincia do Rio de Janeiro a estrada,que, a expensas suas, mandou fazer desde Magé até Sapucaia, assim como a ponte lançada sobre o rio Parahyba no trajecto dessa estrada, cedendo gratuitamente do privilegio, que por muitos annos lhe fôra outorgado.

Com o producto de subscripções por elle agenciadas, e com seus auxilios pecuniarios, erigiram-se ou repararam-se as matrizes da Barra Mansa, Arrozal, Vassouras, Conservatoria, Valença, Sapucaia e Mar de Hespanha. Nesta villa construiu elle a casa da camara com prejuizo de algumas dezenas de contos, concluindo pouco antes de seu passamento um formoso e vasto edificio, onde em 1860 se achava estabelecido o *collegio Brandão*.

Quando lhe permittiam as innumeras occupações da vida positiva, entregava-se á leitura de bons livros,especialmente aquelles que tratavam d'agricultura e industria. Assim introduziu elle melhoramentos na cultura do café, e iniciou a da batata de Demerara nos municipios do Mar de Hespanha e Leopoldina.

Exerceu muitos cargos electivos, foi-lhe dado o titulo de barão no ministerio do marquez de Paraná, e teve assento na assembléa provincial de Minas, aonde sua velha experiencia era sempre ouvida com respeito.

Victima de uma congestão cerebral, falleceu a 17 de Novembro de 1859, pobre e onerado de dividas.

Atravez de chuvas, e dos ardores da canicula, caminhando a deshoras por invias estradas, com o chapéo replecto de papeis, e trajando a maior simplicidade, andava constantemente o barão de Ayuruoca tratando

alheios negocios, interesses de parentes, amigos e conhecidos. Era um procurador geral, um *Ashaverus da caridade*. (*)

D. DELFINA BENIGNA DA CUNHA

Nasceu a 17 de Junho de 1791 na fazenda ou estancia do Pontal de S. José do Norte, provincia de S. Pedro do Sul, sendo seus paes o capitão-mór Joaquim Francisco da Cunha Sá e Menezes e sua mulher D. Maria de Paula Cunha. Tinha vinte mezes D. Delfina, quando seus paes velavam noute e dia junto a seu berço, atacada como se achava da cruel enfermidade conhecida pelo nome de bexigas, que invadira, com todo o seu cortejo de horrores, povoações inteiras da provincia do Rio Grande.

Deus attendeu aos rogos do pae de Delfina, preservando-a da morte; mas a molestia terrivel privou-a da vista. Houve, porém, com o correr dos annos, uma compensação para tamanha perda, porque lhe veiu a luz da inspiração poetica, o talento e a facilidade de improvisar.

A publicação de suas poesias repassadas de uma melancolia resignada, exhalada e vasada em tantas dôres, animada no amor de Deus, e das virtudes christãs, popularisou-lhe o nome.

Perdeu seu pae em 1826, perdeu sua mãe em 1833, e deixando as terras do patrio ninho atravessou os mares,

---

(*) Vide a *Rev. Pop.*, vol. 7º, 1860 Esboço Biographico escripto pelo Sr. conego J. C. Fernandes Pinheiro.

e veiu submetter-se á protecção de Pedro I, de cuja imperial munificencia alcançou uma pensão, em remuneração de serviços prestados por seu pae na carreira das armas.

Volveu á luz da eternidade, ao seio de Deus, no anno de 1857, amortalhada com o véo nupcial, engrinaldada com as flôres da virgindade, depois de ter emprehendido viagens á sua provincia, e á da Bahia.

O seguinte soneto lamenta a desgraça com que a ferira a enfermidado, ainda nas faxas infantis:

Vinte vezes a lua prateada
Inteiro rosto seu mostrado havia,
Quando terrivel mal que já soffria
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céo e o sol sendo privada,
Cresceu a par de mim a magoa impia;
Desde então a mortal melancolia
Se viu em meu semblante debuxada.

Sensivel coração deu-me a natura,
E a fortuna, cruel sempre comigo
Me negou toda sorte de ventura.

Nem sequer um prazer breve consigo:
Só para terminar minha amargura
Me aguarda o triste, sepulchral jazigo!

Eis novos gemidos, traduzidos na linguagem divina, que Deus poz em seus labios:

Hoje, qual uma taboa no oceano
Abandonada ao impeto das ondas,
E perdida p'ra todos—tal me vejo!

Tudo careço, porque a luz é tudo;
Dae-me a luz...dae-me a luz... em vão vos peço.
Pois bem, o braço ao menos, e segura
Meus passos levarei á sepultura.

Pungida pela saudade de seus paes, exhalou sua dôr nas seguintes endeixas:

Os olhos de meu pae, da mãe ternissima
Perspicazes velavam meu destino;
E assim meus debeis passos se afoitavam...
Seus desvelos, caricias, seus cuidados
Da minha idéa desviavam sempre
A extensão dessa perda que eu soffria;

Cheguei a ser feliz, a amar a vida....
Porém desse meu ser mesquinho e fraco
Os esteios cahiram finalmente,
Horrivel mão da morte arrebatou-m'o
Foi perdendo-os, que eu vi que nada via
. . . .

DIOGO ANTONIO FEIJÓ

Nasceu na cidade de S. Paulo em Agosto de 1784. Depois de ter frequentado as aulas de latim, rhetorica e philosophia com notavel aproveitamento, passou-se á cidade de Campinas, onde se occupou no ensino da mocidade, merecendo por isso a maior consideração e amor dos seus habitantes; pois nessa época ainda alli não haviam aulas publicas de instrucção secundaria. Compoz uma grammatica latina, extrahida dos melhores autores, na qual afastava-se do systema ordinario, começando por dar algumas noções da ethymologia, e

regras geraes adaptadas á comprehensão de seus discipulos, os quaes em pouco tempo aprendiam a traduzir facilmente os autores mais difficeis.

Com uma reputação illibada, adquirida desde seus primeiros annos por suas luzes e vida exemplar; instruido nas materias de theologia dogmatica e moral, regressou á capital em 1807, e nesse mesmo anno tomou todas as ordens sacras inclusive a de presbytero.

Voltou a Campinas em 1810, e no meio de seus trabalhos agricolas, abriu um curso de rhetorica por um compendio por elle organisado, obra assaz estimavel, e da qual muita vantagem tirou, não só a mocidade, como muitos clerigos já iniciados em ordens sacras.

Em 1818 fez a sua mudança para Itú, deixando a sua fazenda e escravos aos cuidados de um amigo, e administrador, afim de viver com os padres chamados do Patrocinio, os quaes não obstante, as suas virtudes, começavam a soffrer publicas censuras, motivadas pelo espirito de intolerancia que os dominava. Mestre dos principios da moral, e da verdadeira religião de Jesus Christo, conseguiu sobre elles grande ascendencia; moderou suas doutrinas, fazendo-lhes conhecer as doçuras da linguagem evangelica, de sorte que dentro em pouco tempo o nome dos padres do Patrocinio, era pronunciado com veneração e respeito.

Procurando sempre ser util ao seu paiz, na propagação das luzes, abriu ahi um curso de philosophia racional e moral, tambem por um compendio seu, extrahido de autores notaveis, e das doutrinas Kantianas, até então desconhecidas no logar.

Com a proclamação do systema constitucional, tendo a provincia de S. Paulo de enviar seus representantes

ás Côrtes de Lisboa, não podia deixar de ser lembrada uma de suas mais notaveis illustrações, e Feijó teve de fazer parte daquella assembléa, onde com a coragem e independencia proprias de seu caracter, e com verdadeiro patriotismo, sustentou os direitos de seu paiz.Foi dos poucos que preferiram antes emigrar, do que jurar uma constituição que atacava os direitos do Brasil, reduzindo-o ao antigo estado de colonia portugueza,como elle assaz o demonstrou em um manifesto aos seus constituintes, sem, todavia, deixar de apresentar em sua analyse, o muito que ganhava a causa liberal, com os principios sanccionados na mesma constituição.

No seu regresso ao Rio de Janeiro, com a franqueza que lhe era natural, fez sentir a José Bonifacio os males que da politica adoptada no seu ministerio deviam provir ao Brasil; e recusando todas as vantagens, que lhe propunha o governo para ficar na Côrte, declarou a intenção em que estava de viver na sua provincia, estranho absolutamente a negocios politicos.

Retirando-se para S. Paulo, a cuja capital chegou em 12 de Junho de 1823, foi ahi recebido com o maior enthusiasmo pelos homens de todos os partidos, assim como em Itú, onde residia, e em Campinas, aonde tinha a sua fazenda com engenho de assucar; demorando-se, apezar disso, poucos dias em todos esses logares, para viver longe do povoado.

Quando, porém, mui tranquillo se achava, distante mais de trinta leguas da capital, eis que é sorprendido pela noticia de haver o capitão-mór de Itú recebido uma portaria do ministro do Imperio, datada em 11 de Junho, na qual em nome do Imperador se lhe determinava—« que procurasse por todos os meios occultos,

conservar debaixo de maior vigilancia o padre Diogo Antonio Feijó, ex-deputado ás côrtes de Lisboa, por ser constante ao mesmo Sr., que elle, aos sentimentos anarchicos e sediciosos de que era revestido, unia a mais refinada dissimulação, da qual sem duvida resultaria grande prejuizo á tranquillidade e união dos povos daquella comarca, sem se empregarem todas as cautellas na sua perniciosa influencia.»

Vendo-se Feijó, por uma tal portaria, tão atrozmente vilipendiado, não obstante divulgar-se ao mesmo tempo a queda do ministerio Andrada, julgou de sua dignidade dirigir ao Imperador uma carta (*) expondo-lhe quanto havia dito ao ex-ministro, nas entrevistas que com elle tivera, durante o tempo que esteve na Côrte, e mostrando a convicção em que estava de semelhante portaria não ter sido approvada previamente pelo Imperador.

Dissolvida a assembléa constituinte, e dando o Imperador a constituição que havia promettido, mandou ouvir a opinião das camaras municipaes, antes da sua adopção; e consultado Feijó pela camara de Itú, já então apresentou a idéa das eleições por circulos, e votação directa, além de outras observações, algumas das quaes fazem parte da reforma e acto addicional á mesma constituição.

Eleito deputado á assembléa geral, propoz em 1828 a reforma das municipalidades; teve parte em todos os projectos de interesse geral. Como verdadeiro christão,

---

(*) Esta carta foi publicada na *Necrologia do Senador Feijó*, publicada em 1861 pelo Sr. Dr. Mello Moraes, e da qual extrahimos estas notas biographicas.

alguns projectos offereceu para refutar os argumentos daquelles, que confundem os erros do clero com a verdadeira religião de Jesus Christo.

O seu parecer sobre a abolição do celibato clerical, é uma prova desta verdade; a maneira por que o sustentou, assaz demonstra a sua erudição em materias ecclesiasticas, e direito canonico, como melhor se póde verificar pelos seus escriptos que correm impressos.

Homem de principios e de um caracter austero, não comprehendia como podesse haver religião sem moralidade de costumes, assim como liberdade sem a mais exacta observancia das leis; por isso muitas vezes apartou-se de seus correligionarios politicos. Como membro da commissão de poderes, deu o testemunho mais notavel da firmeza de suas idéas, quando a camara dos deputados, na sessão de 1830, pretendeu annular as eleições dos deputados Salvador José Maciel, Clemente Pereira e Oliveira Alvares, no seu parecer julgando-as legaes, e approvando-as contra a opinião de um dos membros da mesma commissão; parecer que depois de uma calorosa discussão foi approvado por votação nominal, embora com a maioria de quatro a cinco votos.

Sendo membro do conselho do governo da sua provincia, nada esqueceu do que convinha á administração, municipalidades, melhoramentos materiaes da provincia e civilisação do sindios. A' sua energia e força de vontade,deveu-se não ter sido a capital o theatro de scenas bem tristes, nos dias 22 e 23 de Novembro de 1830, e seu ouvidor victima do furor da mocidade academica, e de exaltados, os quaes com a maior injustiça, lhe

attribuiam o assassinato do Dr. Badaró, a cujos excessos, como redactor de umo folha politica, elle ouvidor apenas oppunha os meios legaes em cumprimento de seu dever.

Fez dissolver a multidão que cercava a casa da sua residencia, ameaçada de ser invadida; e guardal-a por uma força de linha.

Emquanto as massas na frente do palacio do governo esperavam o deferimento da representação feita contra o mesmo ouvidor, taes foram as medidas então lembradas por Feijó, que, quando mal pensavam, já elle, cautelosamente acompanhado por um capitão de 1ª linha, e soldados da sua confiança, bem perto se achava de Santos, d'onde, pela costa, seguiu para a Côrte.

O estado da anarchia a que chegámos, depois de 7 de Abril, de tal sorte aterrou os habitantes desta capital, que ninguem se julgava seguro em sua pessoa e bens.

A regencia conhecendo, que alguns de seus ministros não tinham sido bem succedidos na applicação dos meios precisos para conter os revoltosos, entendeu que os devia substituir por homens de sua inteira confiança, e Feijó foi encarregado da repartição da justiça.

Conhecendo bem as difficuldades que tinha a vencer, e que nada poderia concluir, se as suas idéas ficassem subordinadas á maioria de seus collegas, e sem ter o livre arbitrio de fazer o que entendesse, só aceitou o ministerio, depois da regencia ter annuido ás suas reflexões, e assignado as seguintes condições:

1ª Conservarem-se os membros da regencia na maior harmonia, sem outras vistas em suas resoluções que a prosperidade do Brasil.

2ª Tomarem-se todas as resoluções relativas á escolha e demissão de empregados, a medidas geraes e a casos particulares, em conselho de ministros, presidido pela regencia, ficando livre ao ministro da repartição a que o négocio pertencer, quando seja dissidente, fazer o que entender; e desonerados os outros de defender semelhante acto. As ordens tendentes à mandar executar as leis, dar esclarecimentos e proceder a diligencias pára propôr a final resolução em conselho, poderão ser dadas pelo competente ministro, independente do conselho.

3ª Dentro de um anno, se por motivo de molestia me fôr indispensavel largar a pasta, por algum tempo será esta interinamente substituida ou occupada pelo ministro que eu indicar á regencia; mas se o incommodo durar mais de quatro mezes, e mesmo depois deste primeiro anno, a regencia nomeará outro ministro, se quizer.

4ª Se fôr necessario demittir alguns dos ministros actuaes, o que só terá logar, quando estes o peçam, ou a verdadeira opinião publica se declare contra elles, os que os substituirem serão da approvação do conselho, pela maioria de votos dos ministros e regentes.

5ª Haverá um periodico dirigido por mim.

Exposição do modo porque me pretendo conduzir no ministerio

Persuadido de que em todo o tempo, e principalmente nos convulsivos, só a firmeza de conducta, a energia e a justiça podem sustentar o governo, fazel-o amado, e respeitado; e certo de que a prevaricação, e mais que tudo, a inacção dos empregados, é causa do justo queixume dos povos, serei rigoroso e inflexivel

em mandal-os responsabilisar. As leis são, a meu ver inefficazes, e o processo incapaz de por elle conseguir-se o fim dezejado; mas a experiencia desenganará os legisladores, salvará o governo da responsabilidade moral,e o habilitará para propor medidas salutares que removam todos os embaraços.

Como o governo livre é aquelle em que as leis imperam, eu as farei executar mui restricta e religiosamente, sejam quaes forem os clamores, que possam resultar de sua pontual execução; não só porque esse é o dever do executor, como por esperar que, depois de algum tempo, cessado o clamor dos queixosos, a nação abençôe os que cooperaram para a sua prosperidade.

Advertencia

A minha maneira de vida, o meu tratamento pessoal não soffrerá alteração alguma, será o mesmo que até aqui.

Para que a todo o tempo, ou me reste a consolação de, quando feliz nos resultados, ter sido fiel a meus principios, e á minha consciencia; ou me encha de vergonha, por haver faltado ao que nesta prometto, assigno-me; rogando á regencia,queira tambem assignar em testemunho de que aceita, e concorda com o exposto.

Rio de Janeiro, 4 de Julho de 1831.—*Diogo Antonio Feijó, Lima, Braulio, Costa Carvalho.*

Desde logo as suas acertadas providencias, fizeram sahir as autoridades policiaes da inercia e apathia em que se achavam; enthusiasmaram o povo, e grande numero de officiaes do exercito contra os desordeiros, como se vio pela firmeza e denodo com que se apresen-

taram na rebellião da noute de 14 d'aquelle mez, e claramente o demonstra o officio que foi dirigido ao 1° secretario da camara dos deputados em 22 de Julho de 1831.

Então, o sempre chorado redactor da *Aurora Fluminense*, em um dos seus luminosos artigos, tratando da consternação e terror em que nos achavamos, depois de narrar o que na França, em circumstancias identicas, fizera M. Perrier, assim se exprime:

« No Brasil, um patriota conhecido pela firmeza de caracter, e rectidão de seu espirito, de tal merito que aos mesmos anarchistas foi impossivel recusar-lh'o, não duvidando sacrificar-se pela patria em perigo, tomou em circumstancias delicadissimas a pasta da justiça, e tem ahi feito apparecer uma força d'alma, uma constancia, que antes d'elle não fôra conhecida entre nós.

« Não se fizeram mais vergonhosas capitulações com o crime, ufano de suas victorias. Os olhos da população ameaçada se voltaram para este homem forte e integro; é delle que aguardam as providencias com que a sociedade se mantenha sem risco de ser invadida por hordas de barbaros; e a confiança veio finalmente corôar os esforços do digno membro da administração publica. Não lhe queimamos pôdre incenso; esta linguagem tem sido a de todos os jornaes da capital... e se acaso se inquirir a massa dos cidadãos interessados na ordem, elles dirão que é no Sr. Feijó, e na sua coragem civica, que tem posto a ancora da sua esperança.»

A 30 do sobredito mez de Julho, mandou distribuir armamento e cartuchame por tres mil cidadãos, que tinham as qualidades de eleitor, e pelos commandantes de esquadra o numero preciso para as rondas diarias.

Accusado na camara dos deputados, em 29 de Julho, por ter, em portaria de 22 do mesmo mez, mandado suspender a concessão de cartas de seguro, o que Feijó praticára, tanto pelo abrigo que os desordeiros encontravam nellas, como pela antinomia entre o § 9º do art. 179 da constituição, que só reconhece o alvará de fiança como meio de excluir a prisão, e cuja interpretação esperava do corpo legislativo; foi a denuncia julgada improcedente pelo parecer da commissão especial, approvado na sessão de 31 de Agosto, por votação nominal de cincoenta e sete votos, contra quinze que tivera o voto separado de um dos membros da referida commissão.

Feijó occupado sómente em procurar os meios de salvar o Imperio, a nenhuma outra cousa attendia, de sorte que no dia antecedente, 30, quando a discussão d'aquelle parecer se achava no maior auge de calor, foi interrompida, por annunciar o presidente da camara achar-se elle na ante-sala; e recebido com as formalidades do estilo, apresentou a proposta creando o corpo de municipaes permanentes.

Pediu, em 5 de Outubro, a lei do codigo do processo criminal.

Naquella mesma data dirigiu mais dous officios, declarando em um, estar o governo resolvido a fazer-se obedecer; ter dado todas as providencias para serem atacados os rebeldes, e assim desaffrontar a capital de tantos actos de ameaças, insubordinação e rebeldia, que toda a prudencia não tem podido vencer; e em outro se exprime da maneira seguinte:

« Constando ao governo, neste momento, que o senado ainda se acha em sessão permanente, participo a

V. Ex. para fazer presente ao mesmo, que a fortaleza da ilha das Cobras foi escalada pelos soldados da patria, e pelos guardas nacionaes, rivalisando estes dous corpos em valor e denodo inaudito; e entre acclamações de vivas á constituição, ao Sr. D. Pedro II, etc.; foram presos os rebeldes com pouca ou nenhuma perda, o que ainda se não verificou, apezar do vivo fogo de parte a parte, e com perda de um guarda municipal, e um ou dous levemente feridos, dolorosa perda por ser de um cidadão pacifico, honrado e corajoso; mas a patria se mostrará grata ao sacrificio da sua vida. Resta, que a sabedoria e patriotismo do senado, descubra prompto remedio aos males, que ainda estão imminentes e pelos quaes reclama a capital e o Imperio todo.

« Deus guarde, etc. »

Procurando por todos os modos excitar o enthusiasmo a favor da ordem, referendou o decreto de 12 do sobredito mez, ordenando á camara municipal, que fizesse inscrever no livro destinado a transmittir á posteridade os grandes acontecimentos, o nome do cidadão Estevão de Almeida Chaves, com a declaração de ter sido o primeiro guarda nacional, que no dia 7 de Outubro deu a vida em defeza da lei, da patria e da liberdade, atacando os rebeldes na ilha das Cobras.

No meio de tudo isto já não era sómente o partido farroupilha que o governo tinha a debellar; anarchistas de alta graduação a elle se unem e planos tenebrosos são concertados; Feijó, porém, homem de *antes quebrar que torcer*, a tudo oppõe as convenientes cautelas. Por aviso de 7 de Março de 1832, manda pesquizar de um partido que tendia a proclamar a federação já e já, e de outro que preparava a restauração de D. Pedro I. Fez

vêr quanto era de mister a actividade, e fazer velar as autoridades sobre os manejos desses inimigos internos, de modo que lhes frustrassem os planos e destruissem suas tentativas.

Verificou-se,entretanto, a fusão desses dous partidos, na sessão secreta que teve logar na loja maçonica do valle do Passeio Publico, na qual foi deliberada a rusga de 3 de Abril, devendo ser precedida do assassinato de Feijó e outros cidadãos benemeritos; substituida a regencia por dous dos membros da mesma reunião, e de um outro que se achava em Pernambuco. E' notavel que de tantos homens reunidos,um só não exista hoje; todos estão na eternidade,inclusive aquelle que não só por ter horror ao derramamento de sangue, mas por ser amigo de algumas das victimas, embora de opinião differente e idéas exaltadas, confidencialmente fez constar tão feroz deliberação.

Feijó, com a sua costumada actividade, logo na manhã do dia 2, reunindo em sua casa os juizes de paz, commandante e officiaes do corpo de permanentes e da guarda nacional, tomou immediatamente todas as precauções necessarias ao triumpho da ordem publica. Antes de oito horas da noute,a regencia e ministerio se achavam reunidos no arsenal de marinha; a esse tempo já corria impresso uma especie de manifesto em nome do povo e tropa, designando os nomes dos novos regentes, e ameaçando com a morte, do modo mais brutal, a todos que não annuissem a tão *salvadora* rebellião. Passou-se todavia a noute, sem que grupo algum dos desordeiros se apresentasse, talvez por conhecer pelo movimento da guarda nacional e municipaes permanentes, que tão feroz plano estava descoberto.

Quando, porém, ao raiar a aurora, cada um tratava de recolher-se á sua casa,eis que vôa a noticia de haverem desembarcado na praia de Botafogo alguns officiaes, soldados e presos das fortalezas de Willegaignon e Santa Cruz, e que, cercados da canalha, em ordem de marcha, se dirigiam ao campo da Acclamação. Todos os cidadãos da guarda nacional se reuniram com promptidão, para debellar os inimigos da patria. Entretanto já o Sr. major Luiz Alves de Lima, hoje duque de Caxias, havia recebido da mão e por lettra do proprio ministro, um aviso, determinando-lhe, que sem perda de tempo, fosse ao quartel dos municipaes permanentes e, assumindo o commando desse corpo, marchasse á sua testa ao campo da Acclamação, onde constava achar-se postada a força em numero de 200 soldados fugidos das fortalezas e os fizesse dispersar a ferro e fogo.

O Sr. Luiz Alves,cujo denodo,pericia marcial e fidelidade,desde seus primeiros annos já tanto o distinguiam, com a velocidade do raio, cumpriu aquella ordem, desbaratando a banda de facciosos, que, depois de terem dado os primeiros tiros, fugiram covardemente, tendo sido presos mais de 40 desses revoltosos, alem de um morto e alguns feridos.

Feijó não cessava de dirigir circulares aos presidentes das provincias, insinuando-lhes os meios que deviam empregar para a manutenção da ordem publica. Em 5 de Abril participando-lhes a sedição do dia 3, dizia... «Não é possivel que haja tranquillidade e segurança, á vista da impunidade que a fraqueza das leis, a negligencia e prevaricação de alguns magistrados protegem, o governo deve salvar a patria. Vão ser tomadas as medidas necessarias para esse fim.

«...A assembléa geral julgará da justiça ou injustiça dellas...Espera que V. Ex. da sua parte, escorado dos cidadãos que respeitam a lei e dezejam ver firmada a tranquillidade publica, dobrando de actividade e energia, trabalhe para conservar segura a provincia que foi confiada ao seu governo.»

Emquanto assim procurava o ministro da justiça sustentar a ordem e segurança publica em todo o Imperio, proseguiam os restauradores em seus nefandos planos, não obstante o mallogro que os farroupilhas por elles instigados, acabavam de soffrer. A imprensa restauradora, sem rebuço ou dissimulação, prégava a quéda da regencia e a proclamação do Sr. D. Pedro I; e tão seguro presumia o feliz resultado, que, na noute de 16, dous negociantes fallidos, tentaram seduzir alguns guardas nacionaes, adoptivos, para tomarem parte na conjuração, que daquella noute para o dia seguinte devia rebentar. Um capitão-tenente da marinha, hoje fallecido, e talvez o unico desta nobre corporação, que faltou até agora á santidade de seu juramento, com uma ordem falsa, em nome do almirante Taylor, exigiu e obteve 50 marinheiros armados da fragata *Imperatriz*.

Constando já então a Feijó a certeza do rompimento desta sedição, todas as providencias e com tanto acerto foram tomadas, que os improvisados anarchistas se acharam de tal sorte emmaranhados em um tão intrincado labyrintho, que não lhes foi mais possivel atinarem com a sahida, e o resultado desta nova tentativa se póde ver na circular, que aos presidentes das provincias dirigiu Feijó em data de 19 do sobredito mez.

Batidos e destroçados os restauradores, presos e entregues á acção da justiça, o foragido Boulow, e seu

infame bando, continuava, todavia, a sociedade e o seu principal chefe, na combinação de suas mais perfidas manobras; estando Feijó sabedor de tudo, por denuncia de alguns delles. Como porém a abertura da assembléa geral se approximava, julgou Feijó dever antes esperar do corpo legislativo o remedio, ácerca do chefe principal de tudo,do que,por um golpe de Estado, tiral-o da posição em que se achava.

No emtanto,continuava a habilitar os presidentes das provincias com regulamentos e instrucções necessarias a respeito de estrangeiros, que, sem passaporte legal, chegassem aos portos do Imperio, assim como para obstar inteiramente o vergonhoso trafico da escravidão de africanos.

Reunida a camara dos deputados, foi approvado o diploma de Feijó, como deputado reeleito pela provincia de S. Paulo, em uma das sessões preparatorias. Logo que foi installada a assembléa geral, apresentou S. Ex. o relatorio da sua repartição, o qual produziu as mais vivas sensações em ambas as camaras e na gente sensata. A maneira energica e vigorosa com que Feijó descreveu os males sobranceiros á patria, alegrou os verdadeiros patriotas,e a quantos eram interessados na prosperidade do paiz, e assustou a todos aquelles que, plantando a desconfiança, assoalhando a intriga, dirigindo e lisongeando as facções,procuravam empolgar o mando. Depois de ter indicado as principaes fontes dos males do Brasil,a que cumpria aos legisladores dar adequadas providencias: depois de ter pintado a immoralidade do corpo judiciario: o deleixo do clero, a licença da imprensa;a impotencia das leis criminaes e os inconvenientes da impunidade, consequencia da falta de um

codigo de processo, em que se encerrasse a bella instituição dos jurados; depois de ter mostrado o espirito de insubordinação, que tanto lavrava e expunha o governo aos ataques da inveja, da ambição, da maledicencia e da calumnia... Conclue dizendo: «Um abysmo horroroso está a um passo diante de nós. Remedios fortes e promptissimos podem ainda salvar a patria. Um só momento de demora talvez faça a desgraça inevitavel. Ou lançai mão delles com presteza, ou decidi-vos já pela negativa. O governo está firmemente resolvido a ajudar vossos esforços em salvar o Brasil, quando queirais marchar de accordo com elle, ou abandonar já o logar, para ser substituido por quem se julgue com valor de arrostar tantas difficuldades.»

Dizia Feijó publicamente no começo da sessão que se retiraria da scena publica, logo que lhe fossem negadas as medidas fortes e salvadoras que requeria, e foi repetindo estas palavras que elle terminou o seu famoso discurso na sessão de 21 de Maio. A remoção do tutor, uma das primeiras indicadas, naufragou no senado por maioria de um voto; e Feijó, incapaz de faltar á sua palavra, cumpriu o que havia dito, demittiu-se, e com elle todos os seus companheiros.

O effeito que produziu semelhante acontecimento, não se póde bem explicar: a consternação, o temor pintou-se nos semblantes, e o prospecto de futuros males se apresentou aos olhos de todos e, ainda mais, á vista do seguinte officio com que elle se despediu da regencia:

« Senhor.—Se alguem se persuade que com grande energia da parte do governo, e sem a cooperação sincera e mui activa dos empregados publicos, póde manter-se ainda por algum tempo a tranquillidade publica da

capital; ninguem dirá, que com os meios á disposição do governo, podem as facções ser supplantadas, ou o Brasil prosperar.

« Ha mais tempo teria eu cumprido a minha palavra, se a honra me não obrigasse a esperar pelas accusações, que dentro e fóra da camara se diziam preparadas; mas está quasi a findar-se o terceiro mez, e nenhuma tem apparecido: estou portanto demittido do ministerio que V. M. Imperial confiou ao meu cuidado. Sinto não haver feito quanto dezejava a bem da patria, mas, ao menos, fiz o que pude, e muito agradeço a V. M. Imperial a sincera approvação que deu sempre aos meus actos. Como cidadão, em qualquer parte do Imperio onde me achar, prestarei os serviços que forem compativeis com as minhas circumstancias, para ajudar o governo de V. M. Imperial a sustentar a dignidade nacional, a liberdade e independencia de meus compatriotas.

« Deus guarde a V. M. Imperial. Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1832. De V. M. Imperial, subdito respeitador, *Diogo Antonio Feijó.* »

As noticias que se divulgaram, de que nenhum cidadão da confiança da regencia queria aceitar a pasta de ministro; a urgente necessidade de uma grande mudança; tudo assustou e poz em dolorosa espectação os cidadãos honrados e pacificos. O partido restaurador, entretanto, exultava com o triumpho do seu chefe, e ameaçava realisar o plano mallogrado a 17 de Abril. A' vista de tão medonho espectaculo, qual o coração patriota, qual o amigo da ordem publica, que não sentiria esfriar-se-lhe o sangue nas veias, contando assim perdidos os esforços de um anno para se guardar livre

o Brasil de ensanguentadas revoluções?? Este afflictivo quadro, ainda mais aterrador tornou-se, com a deliberação tomada pela regencia de demittir-se. Ao reclamo dos juizes de paz, toda a guarda nacional se conserva em armas do dia 29 para 30 de Julho, e dirige uma representação ao corpo legislativo. Em resultado, é enviada pela camara dos deputados uma mensagem á regencia, exhortando-a a conservar-se no posto a que tinha sido elevada; declarando que a assembléa passava a tomar as medidas que a crise tão urgentemente requeria. A regencia ficou no proposito de continuar no desempenho de sua missão, sendo por isso dissolvida a força de guardas nacionaes, convocada só para o fim de manter a ordem, e o socego da capital; durante o tempo em que estiveram reunidas, assaz demonstra quanto eram calumniosas as invenções dos restauradores nessa occasião.

Emquanto Feijó tratava de retirar-se para a sua provincia, teve de conhecer o amor que lhe tributavam os amigos sinceros da ordem, como áquelle a cuja energia e espirito de justiça, devia o Imperio não ter sido devorado pelo fogo da anarchia.

A sociedade defensora da liberdade e independencia nacional, por uma deputação do seu seio, dirigiu-lhe um voto de graças, do qual fôra orador o Sr. Dr. Francisco de Salles Torres Homem, que em um discurso cheio de eloquencia, depois de demonstrar quanto era doce e grato o dever da sociedade defensora, testemunha e participadora dos mui altos e inapreciaveis serviços que Feijó prestára á patria attribulada, em tão horrivel e desastrosa crise, significara-lhe que sobejavam-lhe gloriosos titulos para figurar na pauta

dos benemeritos da patria e descrevera-lhe o abandono em que estavam a honra, a vida, a fortuna dos cidadãos aos furores de bandos delirantes.

A resposta verbal de Feijó, cheia de expressões tocantes e de reconhecimento, muito lisongeou a deputação, e á sociedade, quando transmittida pelo seu orador.

Procurando occultar o dia de sua partida, afim de evitar acompanhamentos; apezar de ter deixado a casa de sua residencia na ante-vespera, e passado para a de um seu maior amigo na rua das Violas, de onde sahiu na tarde de 5 de Agosto; quando chegou ao Aterrado já o acompanhavam cerca de cincoenta cavalleiros, e outros lhe foram sahindo ao encontro, de sorte que, ao chegar á Venda Grande, excedia a duzentos o numero daquelles que entenderam dar-lhe essa demonstração de amizade.

Seu nome era por toda a parte repetido com viva gratidão, e saudade, por isso algumas caixas de lenços, que chegaram de Paris, tendo o seu retrato, com tal enthusiasmo eram procurados, que antes de oito dias, em nenhuma loja se encontravam por dinheiro algum.

Fallecendo nesse mesmo mez o senador marquez de Santo Amaro, desde logo entenderam os fluminenses, que deviam dar um publico testemunho do seu reconhecimento a Feijó, na eleição que se tinha de proceder para preenchimento daquella falta no senado. O partido restaurador apresentando os seus chefes como candidatos, fazia a mais crua guerra á candidatura do homem a cuja energia deveram sempre a sua aniquilação. Tão infelizes, porém, foram em suas combinações que, em resultado, apurados os votos na camara da capital,

foi Feijó o primeiro com duzentos e trinta e nove votos, ao mesmo tempo que o mais votado dos restauradores apenas obteve trinta e nove votos!! Nomeado senador por carta imperial de 5 de Fevereiro de 1833, foi a eleição julgada nulla pelo senado, na sessão de 13 de Abril, caso até então nunca visto, pela mesma maioria de um voto, pela qual havia sido rejeitado o projecto da camara dos deputados, que demittia o tutor.

Tendo-se de proceder a outra eleição, exultaram os restauradores, persuadidos de cantarem o triumpho com esse novo appello; porém ainda maior foi a sua derrota, por ter Feijó então obtido mais setenta votos, isto é, trezentos e nove, em vez de duzentos e trinta e nove que obtivera na eleição antecedente. Por outra carta imperial do 1° de Julho do mesmo anno, foi de novo nomeado senador do Imperio, e sua eleição approvada pelo senado na sessão de 11, não obstante os esforços aliás empregados por alguns de seus irreconciliaveis antagonistas.

O merito de Feijó era reconhecido pelas mesmas nações estrangeiras; altas personagens da Europa lhe teceram os maiores elogios: o proprio ex-Imperador os repetia, chegando a dizer em uma das suas correspondencias, que o ministro Feijó era no Brasil o apoio dos homens de bem.

Tendo sido designado o dia 7 de Abril de 1835, para a eleição de um regente na conformidade do art. 26 do acto addicional, o nome do ex-ministro Feijó, tão considerado entre as nações estrangeiras, não podia deixar de ser lembrado em todas as provincias do Imperio.

Quando tantas ambições interessavam no mando supremo; no meio de tantas commoções, a profunda tranquillidade e boa ordem com que, em todos os collegios do Imperio, foi feita a eleição do regente, muito acreditou o caracter brasileiro em todos os paizes do universo.

Remettidas ao senado as respectivas actas, teve logar a sua apuração em assembléa geral, cujas sessões começando a 5 de Outubro, terminaram a 9 do mesmo mez, em que foram julgadas legaes, e nesse mesmo dia convidado Feijó para prestar juramento como regente do Imperio.

Ficando entretanto a assembléa em sessão permanente, tratou deapprovar a formula do juramento, e a proclamação aos brasileiros, que depois desse acto, devia ser publicada.

Feijó, porém, respondeu que depois de achar-se de cama por doente, ha alguns dias, ainda naquelle começava a levantar-se, e por isso, não lhe era possivel comparecer, o que julgava poder fazel-o segunda-feira, á hora que lhe fosse marcada; ao que annuiu a assembléa, deliberando que o juramento ficasse transferido para esse dia ás 11 horas da manhã; coincidencia notavel, por completar-se nesse mesmo dia 12 de Outubro o decimo terceiro anniversario da acclamação do fundador do Imperio.

No dia e hora aprasada, reunida a assembléa geral, chegou Feijó ao paço do senado,e,introduzido por uma deputação de sete senadores e quatorze deputados, repetiu com voz firme o juramento, segundo a formula approvada na sessão anterior. Immediatamente o presidente em alta voz, leu a proclamação da assembléa geral aos brasileiros, declarando Feijó regente do Im-

No emtanto a mór parte dos municipios da provincia do Rio Grande, congratulando-se com o regente pela sua posse, eram accordes nos protestos de fidelidade e sustentação da ordem publica. A camara da cidade do Rio Grande, em data de 29 de Outubro de 1835, depois de significar o seu regosijo, por mais de tres quartas partes dos eleitores da provincia terem concorrido com a sua votação para a eleição do Sr. Feijó, pela illimitada confiança nas suas virtudes civicas e sentimentos patrioticos, assim se exprime: « A camara por esta occasião julgou conveniente prevenir a V. Ex., que os ultimos acontecimentos aqui occorridos, não teem, nem podem ter fins politicos.... Convença-se V. Ex. pois, que a integridade do Brasil, e os principios fundamentaes da constituição, não serão jámais nem levemente atacados nesta parte do Imperio. »

Quando, á vista disto, parecia que, com a presença do novo presidente, a ordem seria inteiramente restabelecida, outra já era a face politica que apresentava a capital de Porto Alegre, á sua chegada ao Rio Grande. A assembléa provincial achava se reunida, e em sessão de 9 de Dezembro, sob o pretexto de esperar o deferimento de uma representação que havia dirigido ao regente, e de receio de commoções populares, adrede inventadas, resolveu adiar a posse do presidente!! Estando as cousas nestes termos, a publicação da proclamação do regente, datada em 4 do referido mez, promettendo amnistia, desconcertou de algum modo os planos dos sediciosos; e o coronel Bento Manoel, separando-se destes, apresentou-se com a sua gente para sustentar o governo legal.

A assembléa dirigiu então uma deputação de tres membros ao Sr. Araujo Ribeiro, convidando-o a ir tomar posse da presidencia, por estarem desvanecidos, dizia ella, os receios de processos e perseguições, quando aliás a proclamação mencionada não avançou mais do que já havia promettido o mesmo Sr. Araujo Ribeiro. Não podendo, porém, S. Ex., por achar-se doente, sahir do Rio Grande, tomou ahi posse, perante a respectiva camara, em 15 de Janeiro de 1836. Recebendo a assembléa provincial esta noticia, officiou immediatamente a S. Ex., extranhando o seu procedimento como contrario ás leis de 1 e 3 de Outubro de 1828 e 1834; conjurando-o a que fosse verificar a posse na capital, até o dia 15 de Fevereiro, sob pena de não o reconhecer como presidente da provincia.

De tal sorte as cousas se complicaram, que o proprio regente vendo mallogradas as suas idéas conciliadoras, teve de recorrer ao emprego da força armada, cujas consequencias, como tanto previa, realisaram-se de fórma, que só depois de uma lucta de perto de dez annos, coube ao hoje duque de Caxias a gloria da pacificação da provincia.

Desgraçadamente ainda continuava a dissidencia entre o nosso governo, e o de Sua Santidade, sobre a confirmação do bispo eleito para o Rio de Janeiro; mas o regente tendo só diante dos olhos a dignidade nacional, submetteu essa questão ao corpo legislativo. Na falla da sessão da abertura da assembléa geral, em 31 de Maio de 1836, demonstrando as lisongeiras expressões de estima e consideração que tinha recebido de todas as potencias amigas, interessadas pela conservação do throno constitucional do Sr. D. Pedro II, em

cujo nome regia o Imperio pelo voto nacional, diz o seguinte: « Não posso, comtudo, occultar-vos, que Sua Santidade, depois de dous annos de explicações reciprocas, resolveu não aceitar a apresentação imperial do bispo eleito desta diocese. O governo tem de seu lado a lei e a justiça; mas Sua Santidade obedece á sua consciencia. Depois 'desta decisão julgou-se o governo desonerado de ter condescendencias com a Santa Sé, sem comtudo faltar jámais ao respeito e obediencia ao chefe da Igreja universal.

« Em vossas mãos está livrar o catholico brasileiro da difficuldade, e muitas vezes impossibilidade de mendigar de tão longe, recursos, que lhe não devem ser negados dentro do Imperio. E' tão santa a nossa religião; tão bem calculado o systema do governo ecclesiastico, que sendo compativel com toda casta de governo civil, póde sua disciplina ser modificada pelo interesse do Estado, sem jámais comprometter o essencial da mesma religião. Não obstante esta colisão com o Santo Padre, nossas relações amigaveis continuam com a côrte de Roma. O Brasil está em paz com todo o mundo. »

Quando o governo com tanta franqueza assim se apresentava, parece incrivel, mas viu o paiz a ingratidão com que homens, chamados amigos da ordem, conhecidos alguns delles como Feijoistas e moderados, principiaram, desde que Feijó subiu á regencia, a fazer-lhe a mais cruenta guerra, ao ponto de negarem todos os meios reclamados a bem da tranquillidade publica. Emfim a maioria da camara temporaria, tanto mais hostil se apresentava, quanto o governo, por seus actos, mais digno se tornava da consideração dos brasileiros; embora o Sr. Limpo de Abreu, hoje visconde de

Abaeté, um dos ornamentos do ministerio, cujo nome tanta gloria de ha muito havia adquirido, como orador consciencioso e liberal da camara dos deputados, com uma logica e eloquencia, que nada deixava a invejar dos oradores mais distinctos dos parlamentos de todos os paizes civilisados, pulverisasse os argumentos capciosos, em que se encastellava a opposição.

Feijó pela sua independencia, e, força de caracter, sempre coherente com os principios, que proclamára como base de seu governo, não podia convir a homens avezados a dominarem quasi todos os ministerios. Entretanto em tudo que não dependia das camaras, procurava o governo provar, por seus actos, o interesse e dezejo de fazer prosperar o commercio, a agricultura, e quanto havia de mister para elevar o Brasil ao gráo de prosperidade a que é destinado pela Providencia.

Na esperança de ver se obtinha do corpo legislativo algumas das leis que havia indicado, prorogou a sessão até o dia 31 de Outubro, em que a encerrou com a seguinte falla: « Augustos e dignissimos Srs. representantes da nação. — Seis mezes de sessão não bastaram para descobrir remedios adequados aos males publicos: elles infelizmente vão em progresso. Oxalá que, na futura sessão, o patriotismo e sabedoria da assembléa geral, possa satisfazer as urgentissimas necessidades do Estado. »

Apezar da falta de segurança que em algumas provincias se fazia sentir, as rendas publicas cresciam, prosperava a lavoura e o commercio; emfim, tanta era a confiança que havia no governo, que as apolices da divida publica, cujo valor nominal desde antes de 7 de Abril, se conservava para menos de sessenta, subiram

a noventa e seis! Quasi todas as camaràs municipaes do Imperio não cessavam de dirigir ao regente votos de graças com expressões as mais satisfactorias e respeitosas. A do Rio de Janeiro, além disso, querendo perpetuar a memoria de Feijó, resolveu unanimemente a mudança do nome da segunda travessa de S. Joaquim, para o da rua do Regente,por que é hoje conhecida, em razão de ter a casa em que elle rezidia uma das frentes para essa travessa.

Dizia-se geralmente que Sua Santidade o Papa Gregorio XVI havia de todo mudado a opinião em que estava a respeito de Feijó, depois que o Nuncio apostolico, arcebispo de Tarço, tendo encontrado em S. Ex., quando ministro da justiça, a franqueza e prompta solução nos negocios da Santa Sé, que nunca encontrára em nenhum dos ministros, desde o tempo do ex-Imperador, officiára á sua côrte fazendo justiça ao seu modo de pensar, espirito religioso, e justiceiro; e que, em consequencia disso, tinha o mesmo Santo Padre a maior consideração por S. Ex. Acredita-se que, talvez, por esse motivo, tivesse o internuncio Fabrini insinuação para tratar conjunctamente com os ministros da Austria e França, em conferencia privada com o regente, o modo de terminar amigavelmente a questão a respeito da confirmação do bispo eleito para o Rio de Janeiro. Verdade é que essa conferencia teve logar, e que constou, como certo, ter-se então proposto a permuta do Dr. Moura para Marianna, e a de Feijó para o Rio de Janeiro, deixando-se entrever a intenção em que estava o Santo Padre de dar ao bispo regente um testemunho publico da sua alta consideração. Nada porém pôde alterar os principios do regente, só pre-

occupado da dignidade do paiz, sem cousa alguma querer para si.

O regente, abrindo a sessão da assembléa geral em 3 de Maio de 1837, começou por mostrar o direito que tinha a nação a esperar do corpo legislativo vér diminuidos os males que a affligiam; sem esquecer a necessidade de medidas sobre o meio circulante: e conclue dizendo: « Augustos e dignissimos Srs. representantes da nação, remedios fracos e tardios pouco ou nada aproveitam na presença de males graves e inveterados. »

A camara dos deputados, entretanto, se apresentou ainda com mais violencia, desde suas primeiras sessões, embora os seus oradores, nem ao menos, pudessem contestar os argumentos com que o Sr. Limpo os convencia do erro em que elaboravam, e das tristes consequencias que podia trazer á ordem publica: tudo era inutil. O projecto da resposta á falla do regente, assaz provou a sua tenacidade; pois era mais um voto de acre censura, que um voto de graças; e a maneira por que foi recebida pela maioria ainda mais o justifica. O Sr. Limpo conhecendo a impossibilidade de um ministro poder prestar serviços uteis ao paiz, sem o concurso e confiança do corpo legislativo, deu a sua demissão, na qual foi acompanhado pelos seus collegas. Feijó, não com pequena repugnancia, annuiu aos dezejos do ministerio, e forçado a organisar um outro, assentou de recorrer a algumas notabilidades das duas camaras, a homens que, ao seu reconhecido saber, reunissem a precisa coragem para combater os excessos da camara temporaria.

Por decreto de 16 do mesmo mez ficou, pois, o ministerio organisado: — senador José Saturnino da Costa Pereira, ministro dos negocios da guerra, o Sr. Monte-

zuma, hoje visconde de Jequitinhonha, da justiça e interino dos negocios estrangeiros, Alves Branco, depois visconde do Caravellas, da fazenda e interino do Imperio, almirante Tristão Pio dos Santos, da marinha. Com excepção de Alves Branco, nenhum dos outros entretinha relações com Feijó, antes o Sr. Montezuma, como deputado, o havia accusado, quando ministro da justiça, pela suspensão das cartas de fiança; e o Sr. Saturnino, como senador, tinha apresentado um voto em separado oppondo-se a que S. Ex. tomasse assento na camara vitalicia pela provincia do Rio de Janeiro: circumstancias que talvez mais concorressem para estas nomeações, segundo os dezejos de resistencia a taes excessos, de que o regente estava possuido.

Depois de longa discussão, foi afinal approvada a resposta á falla da abertura, e apresentada no dia 6 de Junho ao regente, que deu á deputação a seguinte resposta: « Como me interesso muito pela prosperidade do Brasil, e pela observancia da constituição, não posso estar de accordo com o principio contido no segundo periodo da resposta á falla do throno: e sem me importar com os elementos de que se compõe a camara dos Srs. deputados, prestarei a mais franca e leal cooperação á camara, esperando que, ao menos desta vez, cumpram as promessas tantas vezes repetidas, de tomar em consideração as propostas do governo. »

Desta resposta vê-se bem que Feijó, com quanto constitucional e amigo da liberdade legal, era incapaz de transacções. Feijó desde a demissão do seu primeiro ministerio, dizia em particular aos seus amigos, que continuava a carregar tão pezado onus, para não passar pela vergonha de dar a seus adversarios politicos o

prazer de dizerem — que o haviam enxotado da regencia.— Todavia, seu espirito cada vez mais se agitava, vendo-se privado de poder prestar ao Brasil os meios que entendia convir á segurança e direitos dos seus concidadãos, e á sua prosperidade; ao ponto de soffrer molestias nervosas, que de dia em dia mais aggravaram o seu estado.

Neste estado lastimoso, logo que lhe pareceu mais acalmada a maioria da camara, pela concessão das leis de fixação das forças de mar e terra, tratou de procurar quem lhe succedesse na regencia. Neste sentido convidou a seu amigo o Sr. Limpo a voltar para o ministerio dos negocios do Imperio, que desde a sua demissão continuava em interinidade, ao que S. Ex. se recusou. Então, fazendo vêr sua deliberação ao Sr. Araujo Lima, hoje marquez de Olinda, disse-lhe que a sua escolha de senador precederia ao decreto de sua nomeação para a pasta do Imperio, que S. Ex. havia aceitado, o que deveria realizar-se, logo que chegassem os seus animaes, e no mesmo dia em que tivesse de retirar-se para a sua provincia. A conducção, porém, demorava-se: o horror de Feijó á regencia crescia de tal modo, que se banhava em suores, quando alguem o procurava nessa qualidade; por isso nomeado senador o Sr. Araujo Lima, assignou no dia 18 o seu decreto de ministro do Imperio, retirando-se no seguinte para a chacara de seu amigo e compadre o Sr. Bernardo José de Figueiredo, onde de sua propria lettra escreveu o seguinte officio e manifesto :

« Illm. e Exm. Sr.— Estando convencido de que a minha continuação na regencia não póde remover os males publicos, que cada dia mais se aggravam por

falta de leis apropriadas ; e não querendo de maneira alguma servir de estorvo a que algum cidadão mais feliz seja encarregado pela nação de reger seus destinos; pelo presente me declaro demittido do logar de regente do Imperio, para que V. Ex., encarregando-se interinamente do mesmo logar, como determina a constituição politica, faça proceder á eleição do novo regente, na fórma por ella estabelecida. Rogo a V. Ex. queira dar publicidade a este officio e manifesto incluso.

« Deus guarde a V. Ex. muitos annos, 19 de Setembro de 1837.—Sr. Pedro de Araujo Lima.—*Diogo Antonio Feijó*.

« *P. S.* Accresce achar-me actualmente gravemente enfermo. »

« Brasileiros !—Por vós subi á primeira magistratura do Imperio, por vós desço hoje desse eminente posto.

« Ha muito conheço os homens e as cousas. Eu es-
« tava convencido da impossibilidade de obterem-se
« medidas legislativas adequadas ás nossas circum-
« stancias, mas forçoso era pagar tributo á gratidão,
« fazer-vos conhecer pela experiencia, que não estava
« em meu poder acudir ás necessidades publicas, nem
« remediar os males que tanto vos affligem.

« Não devo por mais tempo conservar-me na re-
« gencia ; cumpre que lanceis mão de outro cidadão,
« que mais habil ou mais feliz, mereça as sympathias
« dos outros poderes politicos.

« Eu poderia narrar-vos as invenciveis difficuldades
« que previ : mas para que ? Tenho justificado o acto
« de minha espontanea demissão, declarando ingenua-
« mente que eu não posso satisfazer ao que de mim es-
« peraveis.

« Entregando-vos o poder, que generosamente me
« confiastes, não querendo por mais tempo conservar-
« vos na espectação de bens de que tendes necessidade,
« mas que não posso satisfazer-vos; confessando o
« meu reconhecimento e gratidão á confiança que vos
« mereci, tenho feito tudo quanto está da minha parte.

« Qualquer, porém, que fôr a sorte que a Providencia
« me depare, como cidadão brasileiro, prestarei o que
« devo á patria.

« Rio, 9 de Setembro de 1837.—*Diogo Antonio Feijó* »

Desde esta data Feijó só tratava do seu regresso; da muita gente que o procurava apenas aos seus intimos amigos recebia: e foram de martyrios os dias que se passaram, até que tendo noticia de acharem-se os seus animaes no Campinho, immediatamente, na madrugada de 12 de Outubro, em que se completavam os dous annos de sua posse da regencia, sahiu de Andarahy, em seu carro, com seu compadre Figueiredo, e um outro amigo, em direitura áquelle logar, onde o esperava a conducção, e nesse mesmo dia continuou a sua viagem para S. Paulo. Talvez, porque Feijó em qualquer posição em que se achasse, a todos tratava sempre com a mesma urbanidade, encontrou em todos os logares por onde teve de passar, até chegar á sua casa, geral dedicação e provas de amizade.

No gozo da vida privada, de que tantas saudades tinha, embora reduzido a poucos meios de subsistencia, por ter consumido a mór parte de sua pequena fortuna nas despezas indispensaveis á decencia do alto emprego, de que acabava de descer, parecia viver contente e satisfeito. Entretinha-se com a sua

lavoura, como meio hygienico; evitando entrar em questões politicas, para não aggravar o máo estado de sua saude, deixou por isso de vir á sessão do anno de 1838. Recebendo a esse tempo um officio do governo para mandar cuidar das bullas de sua confirmação ao bispado de Marianna, Feijó não só respondeu, que não havia aceitado semelhante nomeação, mas até fez publicar no *Observador Paulistano* a seguinte declaração:

« Tendo eu escripto alguma cousa sobre differentes pontos de disciplina ecclesiastica, havendo tambem pronunciado alguns discursos na camara dos Srs. deputados sobre o mesmo objecto; ainda que tudo isto fizesse, persuadido que zelava da mesma Igreja catholica de que sou filho e ministro, e que attentava a bem da salvação dos fieis, comtudo, constando-me que algumas pessoas não só estranharam as minhas opiniões, como algumas expressões pouco decorosas á mesma Igreja, e ao seu chefe; não querendo eu em nada separar-me da Igreja catholica, e ainda menos escandalisar a pessoa alguma; por esta declaração revogo e me desdigo de tudo quanto podesse directa ou indirectamente offender a disciplina ecclesiastica, que a mesma Igreja julgou dever ser conservada, ou a pessoa alguma.

« Esta minha declaração é espontanea, filha unicamente do receio de haver errado, apezar das minhas boas intenções; e é tanto mais desinteressada, que ha pouco acabei de declarar ao governo de S. M. Imperial, que eu nunca aceitei a nomeação de bispo de Marianna, nem a carta de apresentação, que então se me quiz entregar. Deus queira, que se algum es-

candalo hei dado por causa de taes discursos e escriptos, cesse elle com esta minha ingenua declaração.

«S. Paulo, 10 de Julho de 1838. *Diogo Antonio Feijó*.»

Escusado é dizer a viva impressão que produziu esta declaração; e limitar-nos-hemos a repetir as ultimas palavras do artigo dos redactores em seguimento á mesma publicação... « Possam os seus gratuitos detractores, cobertos de pejo, convencer-se da honra e desinteresse deste benemerito brasileiro, deste digno Paulista. »

Melhorado Feijó de seus incommodos, resolveu-se a comparecer á sessão de 1839, e teve de conhecer ainda quanto era geralmente estimado. O senado, em cuja illustrada maioria achou sempre algum apoio, quando ministro, e mais quando regente, o collocou á sua frente na cadeira presidencial, rendendo assim uma homenagem á probidade, ao desinteresse do varão honrado, que pela primeira vez, depois de regente, se apresentava em sessão. Sempre coherente com os seus principios. teve muitas vezes de deixar a cadeira, para tomar parte em todas as discussões importantes, produzindo a maior sensação o seu primeiro discurso na sessão de 16 de Maio, sobre os negocios do Oyapock, quando se discutia o voto de graças. Com uma argumentação simples, mas positiva, e rica de factos, demonstrou na sessão de 27 do referido mez, os erros e abusos do governo, na pacificação do Rio Grande, Sem mencionarmos outros muitos iguaes discursos, como o que proferiu na discussão da interpretação do acto addicional, terminaremos dizendo, que Feijó na sessão de 22 de Agosto, deu ainda uma prova, de que só tinha na idéa a sustentação da ordem e

tranquillidade publica, offerecendo nesse sentido um projecto que nada deixava a dezejar, embora alguns liberaes julgassem violentas as medidas indicadas. Lembrando-se do decreto de 18 de Março de 1836, que, ao correr da penna, redigira em um dos dias, que passára nas Paineiras, quando regente, propunha no art. 8º daquelle projecto, que ficasse de novo em vigor o mencionado decreto, e com o caracter de lei na parte relativa ao abuso da imprensa. E' certamente digno de elogios o discurso, com que Feijó justificou a necessidade das medidas propostas nesse projecto, algumas das quaes foram adoptadas na reforma do codigo do processo criminal.

Finda a sessão, retirou-se Feijó para S. Paulo, e quando com as viagens parecia completamente restabelecido, foi acommettido de uma paralysia, de que ficou de todo sem acção do lado esquerdo. Nestas tristes circumstancias, não pôde Feijó vir á sessão do anno de 1840; e soffrendo as maiores contrariedades e privações, ninguem o vio jamais dar a menor demonstração de desanimo, antes resignado com a vontade do Eterno, assim mesmo celebrava em todos os domingos e dias santos, no oratorio de sua fazenda, em Campinas, e fazia tocantes predicas ao immenso povo da vizinhança, que se reunia a cumprir o preceito da missa, chamando-o ao temor de Deus, e ao culto da Virgem junto á Cruz, de que era muito devoto.

Tendo nesse anno cessado o governo da regencia com a proclamação da maioridade, logo que constou ao monarcha as privações que estava soffrendo Feijó, concedeu-lhe, por effeito de sua alta beneficencia e

magnanimidade, uma pensão de 4:000$000 annuaes por decreto de 24 de Dezembro, que foi approvado pela assembléa geral, e sanccionado em 15 de Junho de 1841. Então, apezar de bem doente, achava-se Feijó na Côrte, e mesmo assim tomava parte nas discussões do senado, comquanto fizesse para isso grande esforço, por embaraçar-lhe a pronuncia o torpôr, que, em consequencia da enfermidade, lhe ficára na lingua.

Por decreto de 18 de Julho desse mesmo anno, ainda a imperial munificencia mais honrou ao ex-regente Feijó, dando-lhe a grã-cruz da imperial ordem do Cruzeiro, e elle por tudo tão reconhecido se mostrou, que, quasi sem poder andar, foi beijar a mão bemfazeja do mesmo Augusto Senhor.

Obrigado a voltar á sua provincia antes de encerrada a sessão, por aggravarem-se cada vez mais os seus incommodos, continuou como d'antes na sua fazenda de Campinas, mais occupado dos exercicios espirituaes, que dos temporaes.

Infelizmente, no principio do anno de 1842, começou a provincia a agitar-se com a publicação das leis de 23 de Novembro e 3 de Dezembro. A assembléa provincial, então reunida, e da qual faziam parte as principaes notabilidades da provincia, deliberou dirigir uma deputação ao throno imperial, afim de ponderar as tristes consequencias que deviam provir da execução de taes leis. A deputação, porém, não foi recebida, e tendo de regressar sem nenhuma decisão do governo, deu logar a que o povo procurasse pelos meios materiaes o deferimento, que acabava de ser negado á deputação da sua assembléa.

Feijó comquanto homem de principios e de ordem, não desconhecia, todavia, o direito de resistencia legal, como assaz o demonstrou quando regente, extremando a sedição do Rio Grande, da rebellião do Pará, no modo da pacificação de uma e de outra provincia. Vendo, pois, compromettidos os seus amigos, entendeu que os não devia abandonar, talvez persuadido que a sua intervenção serviria a obstar excessos.

Falharam, entretanto, as suas previsões, e lastimando os factos que seguiram-se, diremos sómente que, com espanto geral, vio-se, depois de pacificada a provincia, a deportação de Feijó e Vergueiro, sem attenção aos privilegios que ambos gozavam como senadores do Imperio! Transcrevendo a seguinte carta de Feijó a um dos deportados em Lisboa, de sua intimidade, conhecer-se-ha quanto são ephemeras e illusorias as cousas deste mundo.

« Meu caro G.—Aqui estou degredado na Victoria, tendo vindo deportado com o Vergueiro para o Rio, onde, nem ao menos, se nos permittiu desembarcar, estando apenas um só dia no porto. Nesse pouco tempo, o nosso bom compadre Figueiredo fez-me toda a casta de obsequios, evitando que eu viesse sómente com a roupa que trazia no corpo. Não tive o gosto se quer de beijar a mão de tua virtuosa mãe, e aqui viemos ao abandono, e a não ser a caridade do commandante, o Paixão, que nos poz á sua mesa, teriamos de comer a ração do porão. E' assim que o Brasil tem constituição..

« Muito senti o teu degredo, porém ao menos estás em melhor mundo, e livre da solidão desta Victoria.

« S. Paulo emporcalhou-se.... o resto da provincia entregou-se á sorte. Talvez ahi vejas nos *jornaes* do

Rio a minha correspondencia com o Costa, e por ella podes fazer idéa do que por cá tem havido.

« Moro aqui com o Vergueiro, unico companheiro que me resta; elle pede-me que o recommende á tua lembrança. Dá saudades ao Meirelles, e um apertado abraço ao nosso Limpo, a quem depois escreverei, que agora não posso. A minha enfermidade cada dia mais se aggrava, sem esperança alguma de melhora: não sei se ainda terei o prazer de abraçar-te; entretanto continúo resignado com a vontade de Deus.

« Não te descuides de escrever-me; pois, se sempre apreciei a tua correspondencia, muito mais agora neste ermo onde habito. Sê feliz e dispõe de mim como do teu amigo.—*Feijó.*

« Victoria, 11 de Agosto de 1842. »

Com a reunião da assembléa geral, em Dezembro, cessou o degredo, e Feijó foi mandado vir para tomar assento no senado, onde se apresentou na primeira sessão preparatoria a 26 desse mesmo mez. No dia 1º de Janeiro de 1843 teve logar a sessão imperial da abertura, e, na sessão de 12, mandou Feijó á mesa um requerimento, para que, em observancia do art. 173 da constituição, a commissão respectiva examinando os actos do governo, que indicava, entre outros, o de ter delegado em alguns presidentes a autoridade de suspender as garantias; deportar e conservar os deportados, mesmo senadores, fóra de seus domicilios, além do tempo da chamada suspensão; declarasse se, taes actos, eram ou não constitucionaes, e indicasse os meios de providenciar agora, e para o futuro, contra outras semelhantes violações da constituição. Esta indicação tendo sido apoiada, depois de mui discutida,

não passou por mui pequena maioria, na sessão de 19 do mesmo mez.

Emquanto tudo isto se passava, um monstruoso processo se organisava na capital de S. Paulo, em que Feijó e Vergueiro foram pronunciados como cabeças de rebellião! Com officio do ministro da justiça, foi esse processo apresentado ao senado na sessão de 28 do referido mez, e remettido ás commissões de constituição e legislação, as quaes na sessão de 3 de Fevereiro, deram o seu parecer; e para que se conheça a maneira por que consideraram tão importante objecto, passamos a transcrever o penultimo paragrapho, e a sua conclusão :

« As commissões entendem que um dos meios indispensaveis para esclarecimento e apreciação deste objecto, é a publicação de todas as suas circumstancias, isto é, os factos e as razões qualificativas delles; e o reconhecem assim tanto mais, quanto a gravidade dos crimes imputados, e alta gerarchia dos accusados, interessam sobre maneira a todos. Isto posto, não só para que o senado, ficando ao alcance de bem pesar toda a materia, se guie immediatamente pelas suas proprias convicções, como para que os Srs. senadores, ora accusados, tenham logar a concorrer para a manifestação da verdade procurada, assentam as commissões reunidas, que, antes de tudo, se lhes franqueem os respectivos processos, e sejam elles ouvidos por escripto; pois que, de suas contestações, poderá melhor resultar a luz, e formar o senado um juizo tanto mais seguro, quanto forem apropriadas e concludentes as razões que elles queiram subministrar ao seu criterio.

« 1.º Que se dê aos accusados vista de seus respectivos processos para allegarem dos seus direitos o que entenderem.

« 2.º Que, com as respostas ou razões offerecidas, se imprimam os processos que ainda não correm publicados.

« 3.º Que na execução dessas medidas, se observe a deliberação tomada pelo senado em Julho de 1829.

« 4.º Emfim, que no conhecimento destes e de quaesquer outros processos crimes individuaes, de que conhece o senado, se siga a lei da responsabilidade dos ministros e conselheiros de Estado, naquillo que fôr applicavel. »

Este parecer foi approvado no mesmo dia; e indo os autos com vista ao Sr. Feijó, apresentou este a sua resposta na sessão de 12 de Maio, a qual foi mandada imprimir. S. Ex. começou dizendo, que só para dar uma prova de consideração ao senado, passava a responder á pronuncia que o qualificava cabeça de rebellião, embora não tivesse vindo o processo todo, como ordena a constituição e a lei, e tivesse sido feito por pessoa incompetente; com o que não se occuparia; e qualquer que fosse o valor que o senado lhe quizesse dar, serviria de mostrar o miseravel estado do paiz. Com os artigos do Codigo Criminal, demonstrou as circumstancias precisas para haver crime de rebellião; assim como, que pelo modo por que a nossa legislação tem definido o que é autor, fazendo differença entre cabeça e autor, nunca poderia ser elle qualificado cabeça no mesmo processo. Declara que nunca negou ter adherido e approvado o movimento sedicioso, o que se conheceria da simples leitura das suas cartas ao barão de Caxias, e officios ao

barão de Mont'Alegre, e por isso mesmo não podia ser cabeça; provando-o com a minuciosa analyse dos depoimentos das testemunhas mencionadas no incompleto processo, proseguiu dizendo.... « que se todos os cidadãos fossem fieis ao juramento prestado á constituição, nunca haveriam movimentos revolucionarios, por que os que ousassem lançar sobre ella mãos sacrilegas, cahiriam cobertos de maldições e desprezo, quando não soffressem as penas da lei. Entende ser um dever de todos que prezam os fóros e dignidade de cidadãos livres, opporem-se ás infracções da constituição de seu paiz, não só por todos os meios que esta e as leis lhes facultam, como tambem, faltando estes, por todos os outros que lhes restem; pois se em outros tempos isso tivessem feito a Inglaterra e a França, se não se tivessem deixado intimidar pelos anarchistas de então, não se teria horrorisado o mundo, vendo as catastrophes de Carlos I e de Luiz XVI, sacrificados, pela infracção das constituições destes paizes, ao odio dos mesmos infractores dellas. »

Justifica os seus principios com os esforços que, desde que entrára na vida publica, havia empregado para consolidar a liberdade por meio da monarchia representativa; e diz « que seria incoherente se, vendo a constituição mutilada, violada, escarnecida, e por conseguinte os perigos a que ficaria exposto o paiz, pelas leis da reforma judiciaria e Conselho de Estado, que acabavam com a liberdade do cidadão, e cortavam as attribuições do monarcha, se deixasse ficar insensivel, e não tomasse parte no movimento revolucionario, a que os seus amigos recorreram em ultimo caso. »

Depois de mencionar os extraordinarios serviços prestados pelo Sr. D. Pedro I, dando-nos a independencia e a liberdade, e a Portugal a restauração da constituição violada pelo Infante D. Miguel, sem que jámais fosse censurado como rebelde; assim como aos que na Inglaterra vingaram a constituição violada por Cromwel e seus adherentes, e depois pelos Stuarts, e a consolidaram finalmente em 1688: e aos que em França reagiram contra os ministros que violaram a constituição em 1830; e de ter finalmente provado, que não houve rebellião em S. Paulo, e que não podia ser considerado cabeça, no movimento contra aquelles que se rebellaram violando a constituição do Estado, que não é um crime antes um dever, termina a sua defeza do seguinte modo:

« Assim como não me occupei com as innumeras nullidades desse monstruoso processo, não me occuparei tambem com o proceder do senado, mandando-me responder sem lei ou artigo regimental, e pretendendo julgar-me sem lei, ou ao menos sem lei anterior ao facto, contra a expressa determinação do § 11 do art. 179 da constituição; eu resigno-me a tudo, deixo tudo ao juizo do senado, certo de que, em tempos como estes e em crimes taes, rara vez se ouve a voz da justiça e da razão, e tarde é que apparece o remorso: não serei eu a primeira victima immolada pela defeza das liberdades publicas: talvez mesmo são indispensaveis taes sacrificios para firmar-se uma constituição, porque todas as nações os teem tido: oxalá seja eu a unica victima, e assim se consolide em meu paiz a monarchia representativa! Oxalá que o triumpho definitivo della, embora infallivel, não seja á custa de muitas victimas mais!

« Já eu, embora sem culpa formada, embora senador, fui preso, deportado e degredado contra a lettra expressa da constituição ; enfermo como sou, e todos reconhecem, fui lançado nas praias da Victoria, sem que nem ao menos se me prestassem os alimentos na viagem, e sem que lá se me proporcionassem meios de conservar a vida ; fui assim conservado no degredo muito depois de finda a suspensão das garantias, pretexto das violencias praticadas : regressando a esta, depois de tantos incommodos, quasi moribundo, como vêdes, nem ao menos se quiz conhecer desses attentados contra mim praticados, que o são igualmente contra a constituição e contra o senado, antes se honrou com a presidencia delle a esse mesmo que tinha praticado a mór parte das violencias : que pois mais poderei soffrer ? Já quasi de sessenta annos, e, além disso,já á borda do tumulo,poderei acaso apreciar tanto esses poucos dias,que me possam restar de vida, muito mais quando pelo meu estado de saude, não os posso mais empregar a bem do paiz ?

« Tendo tido tal ou qual parte nos negocios do Brasil desde 1821, em que despontou a aurora de sua felicidade, já em Lisboa, já na camara dos deputados e no senado, já nos conselhos, geral e do governo, e na assembléa provincial de S. Paulo, já como ministro e regente ; tenho a consciencia de que só procurei sempre o bem do paiz, trabalhando unicamente para o consorcio da liberdade com a autoridade, por meio da monarchia representativa : este unico pensamento dirigiu-me, e nunca a ambição e o egoismo, como o provaram meus actos. Foi pois esse mesmo pensamento que me dirigiu nos meus ultimos actos em S. Paulo : quem tivesse

conhecido minha vida anterior, não deveria esperar de mim outra conducta: fiz então o que fiz sempre, trabalhei como sempre, pelo triumpho da monarchia representativa.

« A' vista do exposto, parece-me evidente que eu não sou culpado; mas, se diverso é o juizo do senado, se elle me é desfavoravel, consolo-me com a consciencia de ter desempenhado um dever, e de que eu seria indigno da estima dos meus concidadãos, se outra tivesse sido a minha conducta; resigno-me satisfeito a todas as consequencias, quaesquer que sejam, descançando na acção da Providencia, e della esperando com confiança, tarde ou cedo, o remedio aos males do meu paiz.

« Tenho concluido.

« Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1843.—*Diogo Antonio Feijó* ».

Tão conhecida era a informidade do processo vindo com tanta precipitação de S. Paulo, que o ministro da justiça, com novo officio, remetteu, na sessão de 3 de Julho, as cópias *exigidas pelo governo ao presidente da mesma provincia, por ter-se notado que os processos dos senadores Feijó e Vergueiro, não continham todas as testemunhas que no processo geral haviam-se referido aos ditos senadores*. O senado mandou ás commissões a que estavam affectos estes negocios.

Entretanto, a enfermidode de Feijó se tornava cada dia mais grave; por isso foi elle obrigado a dirigir ao senado o officio lido na sessão de 7 de Julho, pedindo decisão do processo em que se achava pronunciado, visto não poder continuar a rezidir na Côrte pelo estado de sua saude; que no caso de ser indispensavel a demora, se lhe concedesse licença para se retirar,

obrigando-se a comparecer logo que fosse necessario. Remettido ás commissões a que se achava affecto o respectivo processo, deram estas parecer na sessão de 10 do mesmo mez, julgando attendiveis as razões expendidas no officio, e concedendo a licença pedida. O senador Saturnino requereu urgencia, e teve por isso a primeira discussão immediatamente; continuando nas seguintes sessões, foi approvado o parecer na de 14, permittindo-se a Feijó retirar-se para sua casa afim de tratar da sua saude.

Quando Feijó, em virtude desta licença, se achava em sua casa, na capital de S. Paulo, esperando a morte a todo o instante, eis que as commissões reunidas apresentaram na sessão de 31 de Julho o parecer ácerca do referido processo, concluindo — *que á vista delle, não podia Feijó deixar de ser considerado como cabeça, e que por isso devia o seu processo continuar, ficando suspenso do exercicio de seu logar de senador, emquanto se não mostrasse livre do crime.* O Sr. Visconde de Olinda, um dos membros das commissões, assignou-se *vencido quanto ao Sr. Vergueiro, a quem a commissão não julgava cabeça, e quanto a Feijó,* declarou: — *que tinha razão particular para não ser seu juiz.*

O senador Lopes Gama, porém, foi o unico membro da commissão, que em voto separado, exigiu que *fosse presente ao senado o processo por inteiro, para que as provas que contra elle se offerecessem, podessem ser consideradas como resultado legal do mesmo processo.*

Sustentando então o parecer, que como um dos membros da commissão de poderes, havia dado, disse em seu ultimo discurso na sessão de 2 de Junho: « Que muito glorioso lhe era defender um homem

abandonado do governo, e execrado da nação, não tendo para isso mais que o ser desgraçado; mas que tambem lamentava a sorte da especie humana, quando tinha de ser julgado pela razão do mesmo homem.» Depois de mostrar com os artigos da constituição, quaes os direitos exigidos para ser-se deputado, e destruido todos os argumentos com que fôra arguido pelos mais distinctos oradores daquella camara; terminou declarando... «que se quizessem examinar a sua idoneidade, Feijó se demittiria immediatamente, para não ser coberto de injurias e insultos, como acontecia, desde que se descia á personalidade.»

Em resultado, nessa mesma sessão foi approvado o parecer da commissão por quarenta e um votos contra quarenta e cinco em votação nominal, cuja importancia melhor se poderá apreciar á vista dos nomes mencionados na acta respectiva. Clemente Pereira provocado pelo senador Ferreira de Mello não só negou que tivesse cabalado para ser membro de semelhante commissão, como confessou-se agradecido a Feijó, e propoz o adiamento da discussão para o anno seguinte.

Na sessão de 11 de Agosto, começou a discussão do parecer e voto separado, sendo necessario os esforços dos mais importantes discursos de Paula Souza, para no fim de cinco dias de renhido debate, vencer-se que fosse discutida separadamente a conclusão do parecer na parte relativa a Vergueiro, a qual passando á segunda discussão, foi approvada na sessão de 18. Então seguiu-se nesse mesmo dia a primeira discussão da parte relativa a Feijó, requerendo Paula Souza, que adiado o parecer, se discutisse primeiro o voto separa-

do. Sem tratarmos dos magnificos discursos de amigos e correligionarios de Feijó, como Paula Souza, Costa Ferreira, depois barão de Pindaré, e Ferreira de Mello, diremos que a gloria desta intrincada discussão, pertenceu toda aos distinctos e illustrados senadores visconde de Maranguape, e visconde de Albuquerque.

O Sr. Maranguape justificando a necessidade da approvação de seu voto disse: « que quando o poder judiciario tem de tomar conhecimento de um facto, é preciso decidir pelas provas dos autos, e não pelo que diz o governo... Ora, o acontecimento de Sorocaba foi considerado pelo governo como rebellião, em razão de conterem os municipios, que a elle adheriram, mais de vinte mil almas, e fez se corpo de delicto debaixo desse ponto de vista...» Houve um desses crimes no Rio de Janeiro, ao qual o governo qualificou de tentativa, entretanto a Relação disse — não é tentativa, é conspiração, e nesse sentido julgou que podia dar, como deu, um *habeas corpus*... O que eu queria era ver no processo verificada e provada a rebellião; é por isso que eu quiz o processo inteiro.

« No processo de Feijó como era o unico, cujas provas importavam para mim a continuação delle, queria ver tudo para verificar se o juiz tinha perguntado — até que ponto aquellas povoações que se tinham empenhado no acontecimento o tinham feito; tudo é preciso para um juiz, á vista dos artigos do codigo, dizer tal movimento é rebellião. S. Ex. continuando em outros luminosos raciocinios de direito, e do modo por que na Inglaterra e França são julgados taes processos; abundando em infinitos exemplos, prosegue com a seguinte declaração :

«..... Privilegio de ser julgado pelo senado é um, e o privilegio de decidir-se que um processo continue ou não, é outro, e estou persuadido que não precisamos tal privilegio, tendo o outro de ser julgado no senado, porque este demonstrava a inutilidade de outro.... »

O visconde de Albuquerque com o cavalheirismo, generosidade e independencia de caracter, que tanta consideração e amor lhe grangeou entre todos os partidos, assim se exprimiu : *O juiz deve discutir pouco : a defeza dos réos é para os advogados, e a accusação para os accusadores.* Apresentou as considerações capitaes que o levavam a sustentar o adiamento, e a necessidade de ser presente ao senado o processo por inteiro... « Não podendo o Sr. Feijó comparecer a esta discussão e tratar de sua defeza, por ter-lhe o senado concedido licença, e achar-se ás portas da morte, *que pressa haverá de emittirmos já um juizo destes, quando temos uma proposição que diz : informemo-nos melhor ácerca deste processo ?*

« A casa sabe que não nutro esses motivos de amizade que outros teem para o Sr. Feijó; tenho sim sentimentos de sympathia pela nobreza de seu caracter, pela sua franqueza, e por outras qualidades distinctas.... mas não serei eu que diga, que um cidadão respeitavel por tantos titulos, que foi escolhido pelo meu paiz para estar á testa de sua administração, desça á campa coberto com uma nodoa, que poderá ser que lhe não pertença !....

« Senhores, que pressa temos de lançar já um decreto ignominioso ?.... Seremos nós tão indifferentes á reputação de nossos collegas ? A pessoa deve-nos merecer alguma consideração; não prostituamos assim, senhores, aquillo que devemos respeitar !.... O Sr.

Diogo Antonio Feijó não é um cidadão ordinario, não só pelas qualidades individuaes, mas pela posição que occupa em nosso paiz. »

Na sessão de 19, respondendo ainda ao discurso do ministro da justiça, entre outros mui brilhantes raciocinios, diz :« Senhores, fallar de si, é sempre máo, e fallar de si sem interesse da causa publica, é pessimo. Mas quando o interesse publico o reclama, não ha remedio senão sacrificar-se o individuo.

« Eu, depois de ter fallado em salvar reputações, fallei com effeito da reputação do Sr. Feijó, e tive de mencionar uma opinião que não é de hoje : o muito respeito que tributo ao nobre cidadão Diogo Antonio Feijó. A primeira vez que tive noticia do Sr. Feijó, foi quando esteve nas côrtes de Lisboa ; conheci-o depois na camara dos deputados, desde que se abriram as primeiras camaras no Brasil, e respeito e sympathia para com elle tive-a constantemente. Para respeitar o Sr. Feijó (quero pagar-lhe uma divida que todo o cidadão honesto deve pagar) bastava, Sr. presidente, considerar o caracter do nobre paulista, e que a sêde do ouro nunca entrou naquelle cidadão! Seu desinteresse, sua probidade, tenha os defeitos que tiver, tendo isso, não se póde deixar de respeital-o. »

. . . .

« Mas no seculo de corrupção em que vivemos, quando Israel é quem governa, apparecer um homem para quem o ouro é cousa desprezivel, é para admirar, e muito ! O Sr. Feijó pois, ponham-lhe as pechas que quizerem, ha de ser sempre respeitado pelos seus patricios, pelos estrangeiros e pela posteridade ! Mas não é só a sêde do ouro que o não póde acommetter :

elle tambem despreza as honras.... Sua vida foi sempre singela, nunca pretendeu essas distincções exteriores; esse cidadão, eu me recordo e todo mundo o sabe, rejeitou um bispado! Pois um ambicioso, a quem se offerecesse uma mitra, não a rejeitaria. O Sr. Feijó foi regente, e sahiu da regencia com o maior desapego que se póde ter. Não sei pois, em que se póde dizer que um cidadão, que mostra tanta indifferença por estas cousas, não seja um cidadão respeitavel.

. . . .

« Em verdade, grande desinteresse mostrou elle em deixar a regencia; mas grande erro commetteu nisso, e grandes contas o seu paiz tem de tomar-lhe por semelhante erro, e oxalá que fosse só esse illustre cidadão que errasse! Na minha opinião errou elle, erraram todos aquelles que para isso concorreram: erraram todos aquelles que trabalharam para se consummar esse acto de desgraça! O nobre ministro da justiça chama-me a terreiro? Diz que eu fiz guerra e fui inimigo do Sr. Feijó? Quando eu não tivesse outros juizes, eu não chamaria para ser julgado a este respeito, senão a consciencia e a rectidão do proprio ministro da justiça.

. . . .

« Até o anno de 1830, estive na camara quasi sempre votando com o Sr. Feijó; até essa época o meu deputado era o Sr. Feijó; o homem que me pareceu mais interessado pelo meu paiz, mais independente, foi o Sr. Feijó; dei-me com elle. Appareceu o acontecimento de 7 de Abril, veio o Sr. Feijó de S. Paulo, e correspondeu a essa opinião, que não só eu tinha delle, mas muitos outros. Apresentou-se o Sr. Feijó na camara, em sessões secretas, é ver-

dade, mostrando os sentimentos os mais dignos de serem applaudidos por todos os brasileiros. Foi o Sr. Feijó em consequencia disso chamado ao ministerio da justiça; fiz opposição, não ao Sr. Feijó, fiz opposição aos seus actos. Especialmente oppuz-me aos sentimentos de querer o Sr. Feijó constantemente achar o paiz submergido, não ter esperança em cousa nenhuma, e tudo pintar com côres negras.... Eis o primeiro motivo da minha opposição. Depois, o Sr. Feijó commetteu alguns actos como ministro da justiça que eu não achei bons.

. . . .

« O Sr. Feijó salvou o paiz em crises mui importantes; mas nem por isso eu sympathisei sempre com alguns meios seus, com algumas medidas por elle tomadas. Porém, porque achei que uma ou outra medida não foi boa, segue-se que não hei de tributar respeito pelas grandes medidas tomadas em taes e taes acontecimentos? Porque eu reconheço tantas virtudes individuaes e mesmo publicas, hei de approvar cousas que julgo prejudiciaes ao meu paiz?

. . . .

« Trata-se de pronunciar um membro desta casa, e eu pergunto se ha todos os elementos para o pronunciar. Um membro de commissão diz: Não; são precisos mais esclarecimentos. E pergunto; ha algum inconveniente nessa demora? Todos respondem: Não. Pois então o que temos a fazer? Deferir o requerimento do adiamento, pedirmos maiores esclarecimentos, e assim, damos, a meu ver, satisfações muito concludentes, muito fortes a quem quer que queira censurar o nosso procedimento. Mas se desprezarmos isto, se entrarmos logo na discussão da pronuncia, talvez não só os principios

da justiça, mas mesmo os principios da acção politica sejam compromettidos. »

. . . .

« Supponho ter dito bastante para provar, que o parecer de um membro dissidente da maioria deve ser approvado; assim como o requerimento do Sr. Paula Souza. »

Continuando a discussão, ficou no dia 23 adiada pela hora, e como não tivesse sido dada para a ordem do dia seguinte, requereu o senador Ferreira de Mello que *proseguisse com preferencia essa discussão*, cujo requerimento não foi approvado; e desde esse dia 24 de Agosto até 24 de Outubro, em que teve logar a sessão imperial do encerramento, nunca mais se tratou de tal materia.

Entretanto Feijó, *cercado* como Job, *de dores do inferno*, com igual paciencia, só encontrava allivio nos recursos espirituaes e Sacramentos da Igreja. Conheceu-se então o amor que lhe tributavam os seus patricios e habitantes de S. Paulo, sem distincção de partidos, no interesse que tomavam pela sua saude. Feijó sempre que permittia o seu estado, a todos acolhia com a sua costumada affabilidade, e com uma quietação de espirito raras vezes vista em taes circumstancias, não cessava de fazer sentir a conveniencia da observancia das doutrinas de Jesus Christo, repetindo textos dos sagrados livros. Depois de assim passar agonisante algumas semanas, deu a alma ao Creador a 9 de Novembro pelas 10 horas da noute, deixando um vasio bem difficil de encher-se; pois homens taes, poucas vezes a Providencia nos depara. Sua perda foi geralmente sentida, e ainda hoje commemorados com saudade os importantes serviços, que em crises as mais difficeis e arris-

cadas prestára ao paiz; por isso acreditamos piamente que sua alma *goza a bemaventurança da luz eterna*.

Embalsamado o seu cadaver,foi a 14 conduzido para a igreja dos terceiros de Nossa Senhora do Carmo, sendo o seu enterro o mais pomposo, que até então se tinha visto na capital de S. Paulo, não obstante haver elle no testamento com que fallecêra, declarado o seguinte: «Quero ser enterrado sem acompanhamento,nem officio, e de lôba sómente.» Todas as corporações religiosas, grandes e pequenos de todas as classes, e de todos os credos politicos o acompanharam ao seu ultimo jazigo, vindo muitos seus amigos affeiçoados, de mais de vinte leguas de distancia, para tomarem parte neste acto de piedade e religião. No seguinte dia, depois de findo o officio de corpo presente,a missa solemne e encommendações de estylo, subiu ao pulpito o Rev. padre Pedro Gomes de Camargo, e,em um eloquente e pathetico discurso, de tal modo descreveu as virtudes do varão de quem havia sido um dos discipulos, que fez derramar lagrimas aos seus ouvintes. Terminadas as ceremonias religiosas, ao dar-se o corpo á sepultura, foram feitas pela tropa de todas as armas, que se achava postada nas immediações do templo, as honras militares que lhe competiam como Grã-Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Sumptuosas exequias se seguiram não só em quasi todas as cidades e comarcas de S. Paulo, como nas de outras muitas differentes provincias.

Alguns annos depois entenderam os seus parentes, que lhe deviam dar um jazigo perpetuo na igreja da ordem terceira de S. Francisco, de que era então commissario o seu particular amigo, o honrado brigadeiro

Raphael Tobias de Aguiar, e para alli particularmente foi trasladado no mesmo caixão de chumbo; conservando-se ainda hoje o seu cadaver em perfeito estado, assim como o seu coração, tambem na mesma redoma de vidro em que havia sido collocado. Houve quem applicasse a Feijó o verso 6º do Psalmo VIII que diz— *Minuisti eum paulo minus ab Angelis, gloria et honore coronasti eum, et constituisti eum, super opera manum tuarum.*—

Com mui tenue differença
Dos anjos o distinguiste:
De dotes, de honra e gloria
O c'roaste, o revestiste:
Sobre as mais obras divinas
Tu lhe déste a preferencia.

Diz o Sr. Homem de Mello, em 1858, nos seus *Estudos Historicos Brasileiros.*

« Feijó é um dos vultos mais notaveis e mais bem caracterisados de nossa galeria politica; dotado de uma probidade á toda prova, e talhado pela sua energia de ferro para as grandes crises e commoções sociaes, elle desenvolveu na vida publica esse nobre e elevado caracter de desinteresse e civismo patriotico, que o colloca entre os maiores homens do nosso paiz. »

DOMINGOS BORGES DE BARROS

(VISCONDE DA PEDRA BRANCA)

Nasceu em 1783 na provincia da Bahia, e formou-se em philosophia na Universidade de Coimbra.

Foi deputado ás côrtes constituintes portuguezas pela sua provincia, e mostrou talento oratorio; vol-

tou ao Brasil, quando declarada sua independencia, aceitando cargos de diplomacia.

Teve carta de conselheiro, e de senador do Imperio, e viajou em varios paizes da Europa.

O madrigal era sua arma favorita, na altura delicada das musas, aonde teve distincto logar, como um dos melhores poetas deste seculo.

No congresso apresentou, entre outras propostas, uma para emancipação do sexo feminino, pretendendo para elle a fruição dos direitos politicos.

Falleceu em 1855.

Conta o Sr. Joaquim Norberto, que a paralysia detendo-o no caminho da vida, já em estado valetudinario, uma menina veio trazer o seu album ao visconde, e pedir-lhe uma contribuição. O velho tomou a penna, e escreveu sem pensar :

Brasilia toma o teu album,
Não bulas comigo, não ;
Se as pernas andar não podem,
Inda pula o coração !

DOMINGOS CALDAS BARBOZA (*)

Natural do Rio de Janeiro, e,segundo outros, nascido sobre as ondas do oceano. Desde menino tornou-se improvisador, e esse dom com que a natureza procurou compensar-lhe o accidente da côr escura, lhe foi fatal.

Tão facil era em metter a ridiculo, em seus improvisos, todas as pessoas que lhe cahiam no desagrado,

---

(*) Vide *Revista Popular*, vol. 14, 1862, artigo do Sr. J. Norberto sobre os poetas repentistas brasileiros.

tantas queixas appareceram por esse motivo contra o joven poeta, que o governador capitão-general Gomes Freire de Andrade, depois conde de Bobadella, fel-o arrancar dos bancos da escola, e seguir com praça de soldado para a colonia do Sacramento.

Alli morreria desconhecido, se a invasão daquella praça pelos hespanhoes, em 1762, não o obrigasse a regressar ao Rio de Janeiro, com o resto da guarnição. Deu baixa, seguiu para Portugal, onde encontrou a protecção do conde de Pombeiro, e do conde de Figueiró, que lhe franquearam sua casa, e o apresentaram ás pessoas mais gradas da cidade do Porto.

Passando á Lisboa em companhia de seus protectores, tomou ordens sacras. Suas prendas o tornaram ahi conhecido de todas as sociedades, que o admiravam pela habilidade com que se acompanhava, á uma viola, cantando seus improvisos, que constavam de glosas sobre assumptos que lhe davam, ainda os mais difficeis. Em todas as reuniões, em todos os passatempos, mesmo aristocratas, faltava o encanto, se o poeta brasileiro não comparecia com sua viola, e não entoava as modinhas brasileiras com a sua voz doce, harmoniosa e um pouco descançada.

Nem todas as suas poesias se publicaram. Perderam-se, ou se apagaram os rasgos de sua musa satyrica, desde a experiencia que tão cara lhe custara na juventude.

Encontrando-se uma vez Caldas com o padre Antonio Pereira de Souza Caldas, dirigiu-lhe por cumprimento a seguinte quadra, em que mostra as contrariedades que se davam entre elles, até na côr :

Tu és Caldas, e eu sou Caldas,
Tu és rico, e eu sou pobre;
Tu és o Caldas de prata
Eu sou o Caldas de cobre.

Falleceu em 9 de Novembro de 1800.

DOMINGOS RIBEIRO DOS GUIMARÃES PEIXOTO (Dr.)

(BARÃO DE IGUARASSU')

No fim do seculo passado nasceu em Pernambuco este varão que se tornou grande e illustrado, já como professor de cirurgia da escola de medicina do Rio de Janeiro, cuja creação a elle se deve em grande parte, e cujos estatutos fez e imprimiu á sua custa, já como homem particular, pois os seus amigos e sua familia perderam nelle um arrimo e protector.

Do conselho de Sua Magestade fidalgo cavalleiro, official mór da casa imperial, commendador de diversas ordens, medico da imperial camara, obteve o gráo de doutor em medicina pela faculdade de Paris, e foi membro correspondente de diversas academias e sociedades scientificas da Europa.

Falleceu em 29 de Abril de 1846, deixando balda de recursos e em triste orphandade sua numerosa familia.

EUSEBIO DE MATTOS (FR.)

Nasceu na cidade da Bahia em 1629. Depois de cursar os primeiros estudos, tomou o habito de padre da companhia de Jesus, na qual porém não permaneceu muito tempo, passando-se para a ordem dos Carmelitas, sob

cuja regra findou a vida, isenta de nodoa e cheia de virtude.

Era irmão de Gregorio de Mattos, (*) porém uma antithese perfeita do genio deste Juvenal brasileiro.

Distinguiu-se nas cadeiras de philosophia e theologia, onde leu por muitos annos; sendo concordes os historiadores e biographos em elogiar seus talentos e altos dotes oratorios. Foi tambem musico, arithmetico, pintor e poeta, mostrando em tudo tal talento, que Vieira o admirava, dizendo:— *que Deus se apostára em o fazer em tudo grande, e que não fôra mais por não ter querido.*

EUSEBIO DE QUEIROZ COUTINHO MATTOSO DA CAMARA

Nasceu em S. Paulo de Loanda a 12 de Dezembro de 1812, ao tempo que seu pae servia alli o logar de ouvidor geral da comarca.

Seu pae o conselheiro Eusebio de Queiroz Coutinho da Silva era casado com sua prima D. Catharina M. de Queiroz Camara. Houveram cinco filhos deste consorcio, mas Eusebio foi o primogenito dos dous unicos, que escaparam ao clima deleterio da Africa Portugueza. Veiu com tres annos de idade para o Rio de Janeiro, e levado ao Serro Frio quando tinha seis annos, aprendeu ahi as primeiras lettras. Em 1822 aprendeu latim em Pernambuco com o padre Francisco do Rego Barros, em 1826 e 1827 frequentou o seminario de S. José, estudando philosophia com o padre-mestre Fr. Peres, e rethorica e grego com o padre-mestre Fr. Custodio de

(*) Vid. *Selecta Brasiliense* 1ª serie, pag. 73.

Faria. Este professor fazia de seu discipulo tal conceito, que no attestado de frequencia declarou ser tão distincto, que se houvessem premios nessas aulas, os seus mesmos condiscipulos proclamariam que a elle se deviam. Em 1828 repetiu na Bahia a aula de rhetorica, quando se abriu o curso juridico de Olinda, para onde seguiu em companhia do primeiro lente daquella academia, e seu director interino desembargador Lourenço José Ribeiro.

Foi premiado em todos os quatro annos do curso, cabendo-lhe a honra de ser premiado com o fallecido bispo do Rio de Janeiro o Sr. conde de Irajá, que já era sacerdote e lente de theologia moral no seminario de Olinda.

Fechada a academia antecipadamente pelas perturbações politicas de 1832, fez acto e tomou o grão de bacharel no mez de Setembro, e aos 20 de Outubro chegou ao Rio de Janeiro para a companhia de seu pae, que servia então no Supremo Tribunal de Justiça.

Em 9 de Novembro foi nomeado juiz do crime do bairro do Sacramento na Côrte, logar que começou a servir com o de juiz de fóra no dia 24 de Novembro de 1892! Ia fazer 20 annos em 27 de Dezembro!

Em 1833 foi nomeado juiz de direito chefe de policia da Côrte que exerceu até Abril de 1844. A época era melindrosa:— filho de um homem que se occupava exclusivamente dos seus deveres como magistrado, e que se conservava extranho á politica, Eusebio continuou nessa vereda até 1849.

Em 1835 casou-se com D. Maria Custodia Ribeiro de Oliveira, filha de José Ribeiro de Oliveira e da hoje

condessa da Piedade, por ter casado em segundas nupcias com o conselheiro José Clemente Pereira.

Em Março de 1843 foi nomeado desembargador da Relação do Rio de Janeiro, continuando no exercicio de chefe de policia; apenas obteve a demissão desse cargo continuou a servir na Relação até Maio de 1848, em que da camara dos deputados, passou a occupar o ministerio da justiça em 29 de Setembro de 1848, onde se conservou até Maio de 1852.

Em 1840 apezar de candidato da opposição, obteve o 4º logar entre os deputados do Rio de Janeiro para a camara, dissolvida nas sessões preparatorias no anno de 1842. Reeleito para de 1843 serviu nella até ser dissolvida, discutindo-se o voto de graças de que fôra relator, tendo previamente pedido e obtido demissão de chefe de policia.

Voltou á camara dos deputados em 1848, de onde sahiu para o ministerio; reeleito constantemente dahi em diante, foi eleito e escolhido senador em 1854.

Quando em Março de 1833 entrou para o cargo de chefe de policia, este cargo não tinha attribuições definidas; não podia dar uma busca, e até havia quem lhe contestasse o direito de ordenar prisões. A consignação para a policia era apenas para pagar a secretaria, e deixava menos de 2:000$ para eventuaes.

Entretanto a cidade estava inçada de ladrões, que atacavam as casas mesmo nas ruas as mais frequentadas, como a dos Ourives, Quitanda, Ouvidor, etc.

Pedro Hespanhol era seu chefe, que espalhava o terror e passeiava impune; as fabricas de cobre trabalhavam até na rua do Cano.

A actividade da policia apprehendeu em 1833, dentro de poucas semanas, mais de seis fabricas, uma dellas em tão grande escala, que excedia em alguns misteres á casa da moeda. Pedro Hespanhol foi preso depois de resistencia, que o deixou tão ferido, que em alguns dias morreu ; — sua quadrilha foi dispersada, indo a maior parte para as galés, sendo o seu ultimo feito o ataque da ilha da Caqueirada, onde foi assassinado o infeliz Liberal — algumas dezenas de seus socios foram purgar nas galés seus attentados.

O thesouro foi roubado, mas a perseverança da policia conseguiu em alguns mezes rehaver quasi todo o roubo, prender os salteadores, e, se todos não pagaram suas culpas, dependeu isso do jury de Nitherohy, de escandalosa celebridade então.

Diligencias importantes sobre o papel-moeda descobriram as fabricas até mesmo em Portugal, onde se encontraram provas e depositos por indicações da policia do Rio de Janeiro.

O Sr. Limpo de Abreu, visconde de Abaeté, dizia em 1836 em seu relatorio: « Só uma actividade que não cansa, um zelo que não desmaia, podem explicar algumas importantes diligencias, que se teem feito nesta capital. Além das prisões de muitos facinorosos, apprehendeu-se, no mez de Dezembro do anno passado, a um francez cerca de 99:000$ em notas falsas. A fabrica foi vigiada constantemente pela policia por espaço de mais de um mez, e a apprehensão das notas effectuou-se precisamente na occasião em que ellas iam ser introduzidas em circulação. Uma diligencia delineada com tanta perspicacia, seguida com tanta perseverança e execu-

tada com tão feliz resultado, faria honra á policia mais bem montada. »

No senado o marquez de Barbacena exaltava a nova actividade da policia, na camara dos deputados Marinho, Ottoni e outros membros de partidos oppostos elogiavam o joven chefe de policia.

O jury chegou a ter 11 sessões annuaes, das quaes oito presididas por Eusebio para pôr em dia processos atrasados desde 1808! Em Dezembro de 1833 houveram os disturbios da sociedade militar, e as medidas que tomou para suffocar esse movimento agradaram ao governo, que nesse tempo se correspondia directamente com os juizes de paz.

Se,como chefe de policia, Eusebio prestou ao paiz serviços reconhecidamente valiosos, ahi estão perduraveis outros que prestou como ministro da justiça desde 29 de Setembro de 1848 até 11 de Maio de 1852. A' sua força de vontade é devida a existencia do nosso codigo commercial e respectivos regulamentos, a lei da guarda nacional, a cessação do trafico de africanos, a lei das terras publicas e muitos outros actos, que formam o corpo da legislação de 1850. O tempo tem mostrado a necessidade de serem alteradas algumas de taes disposições, mas ninguem contestou até hoje de boa fé, que o tempo e a occasião deixasse de exigir medidas, que a alguns espiritos pareceram de rigor.

Activo, de intelligencia superior, energico, como deputado e como senador, agradava na argumentação e na exposição oratoria.

Fez uma viagem á Europa, por occasião de sobrevir-lhe um amollecimento de cerebro, e em todos os paizes que percorreu foi visitado e muito considerado.

Não se restabeleceu porém, e a 7 de Maio de 1868 deu alma ao Creador, sendo geralmente lastimada para o paiz a perda de tão grande vulto.

FABIANO DE CHRISTO (FR.) (*)

Religioso leigo do convento de Santo Antonio, era natural de Braga em Portugal. Veiu moço para o Rio de Janeiro, onde tomou o habito de franciscano capucho, com o qual viveu piedosamente 41 annos, empregando não menos de 37 em servir de enfermeiro com singular piedade.

Foi homem tão venerando que era respeitado por todos os frades e pelas autoridades da casa.

Era conhecido e amado em toda a cidade, e muitos enfermos ricos e pobres vinham ao convento pedir ao simples enfermeiro a sua intervenção perante Deus.

Falleceu em 17 de Outubro de 1747 com o corpo martyrisado de chagas e soffrendo de hydropisia; despediu-se de seus companheiros com suaves consolações, annunciando-lhes o dia e hora de seu passamento, que exactamente veiu a verificar-se.

Existem dous attestados passados pelo governador geral Gomes Freire de Andrade, depois conde de Bobadella, e do bispo D. Fr. Antonio do Desterro, nos quaes dizem —que viram o cadaver de Fr. Fabiano flexivel, com as faces rosadas, olhos crystalinos como vivos, e que das antigas e asquerosas chagas corria sangue puro e odorifero. (**)

(*) Vid. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* do Dr. J. M. de Macedo, 1º vol. 1862.

(**) Estas attestações foram publicadas em sua integra no tomo segundo do *Brasil Historico*.

Foi homem rico de virtudes, pelo que a sua memoria merece louvor.

Uma noute um frade impertinente pelo genio, pela idade e pela molestia, pediu um caldo a Fr. Fabiano que servia de enfermeiro.

Satisfeito o pedido, como o frade não achasse o caldo a seu goste, atirou com a chicara delle ainda quente, á cara de Fabiano, ferindo-a e queimando-a.

Insensivel á dôr, e cheio de angelica paciencia, disse: « Perdôe-me, meu padre, vou preparar-lhe outro caldo.»

O frade confundido com tal procedimento, desfez-se em lagrimas, e, esquecendo a molestia, lançou-se fóra do leito e exclamou:— Perdão... perdôe-me pelo amor de Deus a offensa que lhe fiz...

No dia seguinte o prelado, vendo o enfermeiro com o rosto ferido, sem que elle lhe revelasse a verdadeira causa do damno, impoz-lhe o preceito da obediencia, a que Fr. Fabiano sujeitou-se de joelhos, com o Crucifixo na mão, pedindo e obtendo o perdão do offensor.

Só uma alma sobrehumana é capaz de tanta virtude!

FRANCISCO ALBERTO TEIXEIRA DE ARAGÃO

Nasceu em Lisboa em 1788, e cedo dedicou-se á carreira da magistratura. Regressando de Paris em 1824, e vindo para o Brasil, foi nomeado ouvidor da comarca do Rio de Janeiro, e logo depois intendente da policia. Foi promovido a desembargador da relação da Bahia, commendador da ordem de Christo, e teve titulo de conselho. Em 1828 foi nomeado deputado da mesa da consciencia e ordens, sendo escolhido no mesmo anno

ministro do supremo tribunal de justiça, por occasião de sua creação. Nos ultimos annos de sua vida applicou-se a trabalhos litterarios, sendo o creador da primeira *Gazeta dos Tribunaes* que houve no Rio de Janeiro. De intelligencia superior, e incansavel magistrado, dedicou-se a tamanhos trabalhos no supremo tribunal, que accelereraram sua morte occorrida em 15 de Junho de 1847.

FRANCISCO ALVARES MACHADO DE VASCONCELLOS

Nasceu na cidade de S. Paulo a 21 de Dezembro de 1791. Foi oriundo, pelo lado paterno, de uma das mais distinctas familias, e de um dos ascendentes do celebre economista francez J. B. Say, e pelo materno do benemerito e fiél paulista Amador Bueno.

Deu-se muito cedo ao estudo da cirurgia, ao principio leccionado por seu proprio pae, e ao depois, em 1806, inscripto como praça ajudante de cirurgia na legião de voluntarios de S. Paulo, para ter direito não só a ouvir as lições dadas naquelle tempo pelo physico-mór das tropas da provincia o Dr. Marianno José do Amaral, como a praticar no hospital militar da mesma provincia.

Assiduo em suas locubrações, e no feliz instincto de ser prestadio á humanidade soffredora, mereceu em breve a primazia entre seus condiscipulos, e a deferencia e consideração de seu mestre.

Obteve sua demissão em 1809 do logar de ajudante de cirurgia da legião, continuando porém a ter franca entrada no hospital militar, onde perseverou em sua

pratica, guiado por seu pae, que então começava a gozar de grande reputação medica.

Em 1812 transferiu-se para Itú, e ahi firmou a séde de sua clinica, entregando-se a analyses e investigações de historia natural. Casou-se com D. Candida Maria de Barros, e deste consorcio houve uma filha.

Habil e afortunado, quanto beneficente, obteve em 1814 a nomeação de cirurgião-mór do 1º regimento de 2ª linha, confirmada por carta patente de D. João VI.

Obteve de seus comprovincianos suffragios para conselheiro, deputado provincial, e para deputado geral desde que o systema representativo funccionou no teor da constituição.

Só deixou de ser reeleito em 1842 por causa do estado excepcional, em que se collocou a provincia de S. Paulo.

Sua capacidade parlamentar acha-se registrada na publicação dos debates da tribuna. Justo em seus raciocinios, profundo em seus pensamentos, patriota quanto podia ser, sua argumentação foi sempre vigorosa e vernacula. Sujeito á poesia da honesta jovialidade, ameno em sua linguagem sempre bella e florida, puro de pessoalidades, incisivo que resvalava sem direcção, sabia commover os animos, dominar as convicções, e fazer proselytos. Mostrou-se versado na historia do christianismo, e no estudo da litteratura.

Presidente do Rio Grande do Sul em 1840, cuja rebellião era preciso terminar, vio-se empenhado, de um lado, com todos os horrores da rebellião, e de outro com a intriga, a desconfiança e a ambição. Valiosos serviços prestou nessa commissão, sendo-lhe concedida a exoneração, que pediu, com a honorifica condecoração

de official da ordem do Cruzeiro, e com a nomeação de cirurgião honorario da imperial camara.

Os acontecimentos de 1842 fizeram tal impressão em seu animo, que, desde então, uma fatal enfermidade apagou em seus labios os sorrisos do gracejo, o estylo das facecias, tornando-se taciturno, e sujeito a apprehensões melancolicas.

Falleceu em 4 de Julho de 1846, ouvindo-se-lhe entre arquejos balbuciar estas solemnes palavras:—*Eis o ultimo momento da miseria humana.*—Precedeu o seu passamento um como respirar tranquillo do somno da madrugada, depois do gemer anciado de longo pesadelo.

FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO

Nasceu na provincia do Rio de Janeiro, e, ainda mui joven, em 1835, obteve o gráo de doutor em direito na academia de S. Paulo, e uma cadeira de lente.

Era uma dessas almas ardentes, que parecem predestinadas por Deus a um fim prematuro. Sua passagem no mundo foi rapida, como a do Bernardim Ribeiro portuguez, e morreu, deixando apenas alguns artigos publicados na *Revista Philomatica*, um discurso eloquente e erudito pronunciado na abertura da aula de direito criminal a seu cargo, e algumas poesias. Sua morte teve logar aos 26 annos de idade:—o Sr. desembargador Firmino Silva comparando este poeta a uma de nossas arvores seculares diz:

Da noute o furacão prostrou tremendo
Audaz jequitibá, que inda na infancia
Co'a cima excelsa devassava os céos!

— Eu o vi pelos raios matutinos
Do sol apenas nado auri-tingido,
Inda sepulta em trevas a floresta!
Eu o vi, e asylou-me a sua sombra.

FRANCISCO CORDEIRO DA SILVA TORRES E ALVIM

(VISCONDE DE JERUMERIM)

Natural da Vargem de Ourem, no reino de Portugal, donde veio para o Brasil poucos mezes depois da familia real portugueza.

Occupou os mais honrosos cargos, inclusive o de conselheiro de Estado, e nelles distinguiu-se pela sua illustração. O seu elogio cifra-se nestas palavras do Sr. Araujo Porto Alegre.—« Foi um homem do melhor bom senso, bemfazejo, e de uma piedade exemplar; foi um varão intelligente, laborioso, probo e compassivo. O seu nome está escripto no solo da patria, nos beneficios que fez á nação brasileira durante as tres phases mais importantes da nossa vida social, porque ensinou as sciencias da engenharia, e praticou-as; porque curou das finanças do paiz, e da sua agricultura e industria; e porque nos deixou com o exemplo de sua vida o typo de pae, de cidadão e de christão.»

Falleceu no Rio de Janeiro em 8 de Maio de 1856.

D. FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA COUTINHO

Nasceu, bem como seu irmão mais velho João Pereira Ramos, no engenho de Marapicú, freguezia de Santo

Antonio de Jacutinga, termo do Rio de Janeiro, aos 5 de Abril de 1735. Seus paes ricos e abastados, pertenciam a uma das mais antigas e illustres familias das provincias do Espirito Santo e de S. Paulo. Na idade de 11 annos (1746) partiu para a Europa ao complemento de sua educação, para que o convidava, mais que tudo, a entrada recente de seu irmão como oppositor na Universidade de Coimbra, á Faculdade de Canones, cujo curso seguiu. A 30 de Junho de 1752 entrou para o collegio dos militares como porcionista; passou a collegial aos 6 de Setembro de 1754, e logo no dia 24 do mez seguinte se graduou em Canones, contando apenas 19 annos. Seguiu a vida academica, foi oppositor, e depois a 31 de Julho de 1761 sahiu reitor do collegio dos militares.

Pouco dezejoso de seguir a monotonia da carreira cathedratica, quiz aproveitar-se de um ensejo, que se offereceu, e que lhe pareceu favoravel, afim de ver os seus lares e gozar do clima, que o bafejára na infancia. Constando a vaga do Deado da cathedral do Rio de Janeiro, D. Francisco de Lemos reduziu toda a sua ambição a obter a successão, e a pediu; bem notavel é que o unico pedido de toda a sua longa vida fosse este, em que mostrava dezejo de viver onde nascêra. Consta que ao apresentar o requerimento ao celebre Pombal, este grande ministro respondera: « Não lhe convém tal emprego, não limite tanto as suas vistas. » O politico illustrado, que possuia em alto gráo a arte de conhecer o prestimo dos homens, quiz logo aproveitar-se dos talentos de D. Francisco de Lemos: conferiu-lhe em 29 de Agosto de 1767 o logar de juiz geral das ordens militares; pouco depois, por decreto de 18 de Janeiro de

1768, o despachou desembargador da casa da supplicação; e por carta de 29 do mesmo mez o proveu supranumerariamente em um logar do tribunal da inquisição em Lisboa. Ainda aqui não ficam as honras ao agraciado. Creou-se a mesa censoria. D. Francisco é para ella nomeado em 22 de Abril, e no fim do mesmo anno é nomeado vigario capitular de Coimbra. Esta commissão (segundo elle se explica) era critica sem duvida, pelas circumstancias e desordens em que as cousas se achavam: a lisonja e a intriga principiaram logo a fazer o seu officio, accumulando males sobre males, e, só á custa de não pequenas fadigas, pôde elle desviar e pôr tudo em paz, e no mesmo estado em que o seu antecessor tinha deixado.

Neste exercicio de vigario capitular de Coimbra se conservou até 14 de Maio de 1770, em que foi nomeado reitor da Universidade, para que, de um homem illustrado, se podesse contar com a coadjuvação nas reformas que se iam emprehender; e por este motivo foi tambem no mesmo anno nomeado conselheiro da junta encarregada da dita reforma, presidida pelo proprio marquez de Pombal, que o chamou juntamente com João Pereira Ramos, e outros cinco varões dos mais abalisados em luzes e talentos, que então se conheciam em Portugal. Nesta junta, segundo dizem escriptores imparciaes, foram os dous brasileiros irmãos os que mais trabalharam, occupando-se da formação e redacção dos estatutos; logo que estes se concluiram foi D. Francisco de Lemos agraciado com a carta de conselho, e a 11 de Setembro de 1772 provido no logar de reformador reitor, bispo de Zenopole, e futuro successor no bispado.

Fallecido o bispo de Coimbra D. Miguel da Annunciação, na conformidade da bulla da sua coadjutoria e futura successão, tomou posse do baculo, e por uma representação, que fez, pediu a demissão de reitor e reformador, allegando não ser compativel a accumulação, a qual lhe foi concedida.

Cumpre não esquecer que foi este justo avaliador do verdadeiro merecimento litterario quem chamou a Coimbra, e deu a conhecer ao illustre marquez de Pombal o Dr. José Monteiro da Rocha, o qual vivia na obscuridade, e quasi sem ser empregado, por ter sido membro da proscripta sociedade dos Jesuitas.

Em 1777, sendo chamado para assistir á acclamação da Rainha D.Maria I, lhe apresentou um volume, em que dava uma conta geral do estado da Universidade, das vantagens das reformas, e das providencias indispensaveis.

Em 1799 lhe conferiu novamente o principe regente o titulo de reformador reitor.

Por occasião da invasão franceza em Portugal foi um dos deputados que, de ordem de Junot, foram mandados á Bayone em Março de 1808. Tendo a deputação alli conferenciado em Abril com o Imperador Napoleão, sobre o destino de Portugal, mandou este que os deputados se retirassem a Bordeaux, e que alli esperassem o resultado. No entretanto sobrevindo a revolução em Portugal, e sendo dalli expulsos os francezes, obteve de Napoleão licença para se retirar, e entrou em Portugal no dia 9 de Novembro de 1810. O reconhecido acolhimento, que déra Napoleão a um sabio tão conhecido na Europa, fez que, apenas chegado a Portugal, fosse visto pela regencia como suspeito de infidelidade ao seu Rei;

porém tendo requerido justificação foi absolvido com triumpho; e Sua Alteza Real em 1811 o restituiu ao seu bispado, bem como aos seus antigos cargos de reitor e reformador, sendo recebido em Coimbra com grandes festas e applausos. Cansado dos serviços e dos annos, obteve a 21 de Setembro de 1821 descanço, retirando-se á sua quinta de S. Martinho, tendo por consolação o haver por successor o sabio, digno, e venerando prelado, depois eleito patriarcha de Lisboa. Seguir e relatar miudamente todos os serviços que fez á Universidade, valeria o mesmo que escrever a sua historia no tempo todo que tão illustre varão a regeu. « Deu nova e melhor fórma a todo o paço das escolas. Erigiu os sumptuosos edificios do museu de Historia natural, do gabinete de physica experimental, do laboratorio anatomico, do dispensatorio pharmaceutico, da officina typographica. Fez construir o observatorio astronomico, e deu principio ao jardim botanico. Refundiu em muitos pontos a legislação litteraria, encheu de bellos regulamentos a policia academica: organisou e installou a junta da directoria geral, centro regulador da ensinança publica. Fez completar o ensino das faculdades philosophica e mathematica, criando novas cadeiras de metalurgia, de hydraulica, de astronomia pratica. Estabeleceu doutas viagens, expedições philosophicas, assim dentro, como fóra da patria. » Nestas foram contemplados por conta do governo os brasileiros Camara e José Bonifacio. Deu insignes providencias ao observatorio, enriquecendo-o de machinas, de instrumentos, creando e promovendo a ephemeride astronomica tao util á navegação. Propoz e formalisou a grande lei dos Cosmographos do Reino. Zelou a instruc-

ção do clero nacional... Tudo abrangeu, tudo melhorou o seu zelo indefeso. Nem era menos admiravel no modo suavissimo com que regia os espiritos, e favorecia os que de seu auxilio necessitavam. O nome de quem fez tantos serviços, e tanto concorreu para o progresso das luzes entre os seus compatricios, passará á posteridade com o reconhecimento universal. — Mas depois de tantos serviços e variados encargos estaria esquecido de seus lares? Não. E sirvam de testemunho as seguintes expressões de um monge de Alcobaça, que correm impressas desde 1822. « Brasil, que és o novo paiz de Canaan; terra de prodigios, reservada para os mais altos destinos, e como feita para elles por decreto do Autor da natureza; que em teus rios, em tuas montanhas, em tuas florestas, e até nas proprias entranhas do teu solo ostentou seu poderio e delineou tua futura grandeza.... Arca mysteriosa, onde os augustos e serenissimos principes da casa de Bragança escaparam ás furiosas vagas da revolução franceza; cidade de refugio, onde se uniram, reverdeceram e floresceram os ramos de uma arvore, que se ficasse entre nós (em Portugal) teria sido o ludibrio da tormenta....... seja-me permittido agora saudar-te, render-te sinceras graças, porque nos enviaste como em paga de tudo quanto nos devias, o Exm. Sr. Francisco de Lemos. Elle nunca se pejou de lhe teres dado o berço, antes se gloriava de ser teu cidadão, e quasi proponho a affirmar (continúa Fr. Fortunato de S. Boaventura) que coube ao seu espirito uma certa analogia com essas agigantadas producções, em que sobresaes ás outras partes do globo.... Nunca fallou de ti sem um alvoroço, um enthusiasmo que se transfundia aos seus ouvintes. » Em paga de tantas vir-

tudes os seus patricios lhe deram uma grata e decidida prova de reconhecimento,elegendo-o deputado ás côrtes; porém reconhecendo que a sua avançada idade não lhe podia dar forças para sustentar as novas pretenções e direitos dos seus concidadãos, não chegou a tomar assento em côrtes, vindo a fallecer aos 22 de Abril de 1822.

Remataremos com as justas expressões, em que o seu eloquente apreciador, de cujas phrases nos havemos já por vezes valido, pinta o seu caracter: « Genio vasto, profundo, cheio de qualidades as mais sublimes; foi util ao sacerdocio, foi util ao Imperio. Como pastor serviu á Igreja, honrou o baculo: como sabio, chefe e protector dos sabios, diffundiu os conhecimentos, adiantou a civilisação. (*)

FRANCISCO DE PAULA MENEZES

Nasceu em Nitherohy a 25 de Agosto de 1811.

Brilhando-lhe na fronte a chamma divina do talento, e abrazando-lhe o coração o fogo celeste da caridade, matriculou-se na academia medico-cirurgica do Rio de Janeiro, e em 1834 terminou sua vida laboriosa de estudante.

(*) Aqui poremos em nota (diz o Sr. F. A. Varnhagen) o que em 11 de Maio deste anno (184) nos respondeu o sabio patriarcha eleito de Lisboa, por satisfazer a uma pergunta que lhe haviamos feito, ácerca dos elogios funebres, que se recitaram por morte de seu digno antecessor.

« Não me lembro do que se disse do Sr. bispo de Coimbra Lemos nos elogios funebres que V.... aponta; e como os tenho muito longe

Entrando no mundo encontrou no berço a pobreza, e só uma vontade de ferro, e o mais acrysolado amor do estudo, o faria vencer tantas privações, pois nem livros proprios tinha para estudar, e só dedicava-se á leitura quando descançava do trabalho a que recorria para viver!

Essa pobreza elle sempre procurou vencer, já com a sua clinica, já com a sua tão habil penna, redigindo um jornal da imperial academia de medicina, uma revista noticiosa, traduzindo a Rethorica de Vict. Leclerc, compondo os *Quadros de Litteratura Brasileira*, a tragedia *Lucia de Miranda*, a comedia *A noite de S. João na roça*, etc.

A' sua esposa e filhos legou honrosa, mas triste pobreza; e a elle pode-se applicar o que Lamartine disse de Palissy: — *Sua vida quer dizer trabalho e sua morte martyrio*.

FRANCISCO DE S. CARLOS (Fr.) (*)

Nasceu no Rio de Janeiro a 13 de Agosto de 1763, sendo seus paes José Carlos da Silva, e D. Anna Maria de Jesus.

Mal completou seus primeiros estudos, e ainda na idade de 13 annos, tomou o habito franciscano, indo para o convento de S. Bernardo, em Macacú, que não era então, como hoje, um deserto de montões de ruinas, mas uma bella e importante villa.

de Lisboa, mal posso responder á pergunta de V.... Posso porém dizer em geral que aquelle illustre prelado merece um elogio historico, extenso e circumstanciado, ainda querendo-o limitar simplesmente ao litterario; e que seria difficil nos elogios funebres, ainda illustrados com notas, dar sufficiente idéa dos seus vastos conhecimentos, e variados trabalhos, em beneficio do publico e das lettras.»

(*) Vide *Bibliotheca do Instituto dos Bachareis em Lettras*, 1867.

Abraçou seu genio a theologia, a philosophia, a poesia e eloquencia, e, abrigado sob o tecto da religião, S. Carlos dilatou o seu talento com o estudo das materias ecclesiasticas, e com a leitura das obras litterarias antigas e modernas.

De 1790 a 1796, na cidade de S. Paulo, leu a cadeira de theologia dogmatica com todo o applauso; foi commissario dos terceiros da Penitencia, guardião do convento do Bom Jesus e da Penha, definidor e visitador geral, e com reconhecida honra e vasta intelligencia desempenhou todos esses cargos. Foi tambem lente de eloquencia sagrada no seminario de S. José, e em seu convento; prégador regio, examinador da mesa de consciencia e ordens, titulos de que lhe fez mercê D. João VI pelo talento oratorio, que nelle admirava.

Prégou muito, sempre victoriado e applaudido, cognominando-o seus admiradores com o epitheto de *serêa do pulpito*, sendo unanimes os autores em conceder-lhe o logar de orador de primeira ordem; mas nos ultimos annos de sua vida S. Carlos deixou o pulpito, e encerrou se em sua cella, aonde morreu a 6 de Maio de 1829.

Compoz um poema *Assumpção da Santa Virgem*, obra original, toda filha de sua imaginação e de seu estro, poema rico de bellezas, e de quadros tão magnificos, senão iguaes aos mais brilhantes rasgos dos versos de Klopstok, e Milton.

FRANCISCO DE SANTA THEREZA DE JESUS SAMPAIO (Fr.) (*)

Nasceu no Rio de Janeiro em 1778, sendo seus paes Manoel José de Sampaio, e D. Helena da Conceição. Entrou para a ordem franciscana aos 15 annos de idade: — completou seu curso de humanidades em S. Paulo e tomou no Rio de Janeiro a ordem de presbytero.

Foi digno, pelos seus talentos, de exercer os maiores encargos da Ordem. Excellente prégador, obteve o titulo de prégador da real capella, foi examinador da mesa de consciencia e ordens, censor episcopal, e em 1824 deputado da Bulla da Cruzada. A fama de seu nome transpoz os muros da patria, pois foi nomeado socio correspondente da academia de Bellas Lettras de Munich.

Morreu, sorprendido no meio de sua carreira gloriosa, aos 42 annos de idade, isto é, em 13 de Setembro de 1830, victima de uma apoplexia.

Sampaio foi digno continuador de Caldas e S. Carlos; foi um dos primeiros oradores sagrados.

Deixou em sua cella um caixão com mais de 300 sermões, o qual, arrecadado pelo Provincial frei Joaquim de S. Daniel, por morte deste, em 1852, foi offerecido a um joven religioso, seu discipulo.

A sua cella no convento de Santo Antonio no Rio de Janeiro, é cheia de curiosas e importantes recordações.

(*) Vide *Bibliotheca do Instituto dos Bachareis em Lettras;* 1867.

Em 1821 e 1822 serviu de club para os patriotas, e depois foi muito frequentada pelo Sr. D. Pedro I.

Quando se procurou impedir a retirada do Principe regente para Portugal, o capitão-mór José Joaquim da Rocha, coronel Nobrega, e outros, reuniram-se ahi, e prepararam os grandes acontecimentos de que resultou a independencia.

Ahi escreveu Sampaio para o *Regulador*, jornal politico de sua redacção, d'ahi enviava os seus autographos para a imprensa, ahi os copiava em um livro, que ainda se conserva no convento, ahi lia-os o Sr. D. Pedro I, que o visitava muitas vezes, e com elle conversava até 10 horas da noute, discorrendo sobre politica.

A chave dessa cella é guardada, como recordação historica, pelo Provincial frei Antonio do Coração de Maria e Almeida.

O Dr. José Mauricio Nunes Garcia professor de anatomia da faculdade de medicina, estudou a cabeça de frei Sampaio, e nas suas *lições do anthropotomia*, depois de estudo consciencioso de tão preciosa reliquia, diz : « *que considera o craneo deste orador sagrado como um typo dos melhores, das bellas formações craneanas, e declara que elle se presta a todos os systemas craneometricos melhor do que nenhum dos que ha podido ver.* »

Debaixo do ponto de vista phrenologico ainda notou o desenvolvimento extraordinario da bossa da idealidade.

FRANCISCO FERREIRA BARRETO (PADRE)

Natural de Pernambuco. Brilhou na tribuna sagrada, e abrilhantou a tribuna legislativa nas sessões da antiga constituinte. Tinha sympathica presença, voz clara e sonora, estylo fluente, florido e poetico, mimica expressiva.

Escriptor distincto, ensaiou-se em todos os generos. Quer na vida, quer nos seus ultimos momentos illuminou-lhe a mente a flamma sagrada da poesia. Os lindos poemas— a *Creação do primeiro homem e da primeira mulher*— o *Hymno da Conceição, do nascimento do Menino*, as *Paraphrases de alguns psalmos de David*, honram por sem duvida o seu autor, e lhe ornam a fronte de immarcessiveis louros.

Arremessado ao leito da morte por grave enfermidade, seu estro accendeu-se,e pendente da cruz a imagem do divino Redemptor, á sua cabeceira, improvisou um soneto sublime e pungente—e recebendo depois o Santo Viatico, improvisou ainda outro mais sublime pela grandeza e mysterio de seu assumpto.

FRANCISCO JULIO XAVIER (DR.)

Nasceu no Rio de Janeiro a 16 de Fevereiro de 1809. Seu pae, do mesmo nome, havendo exercido a profissão de medico por espaço de 30 annos com zelo e intelligencia, quiz tambem que seu filho abraçasse a sciencia do velho Hypocrates.

Depois de lhe ter mandado ensinar humanidades, e de o haver matriculado nas aulas de estudo secundario, o fez entrar em 1823 para a academia medico-

cirurgica, que frequentou por quatro annos, dirigindo-se depois a Paris, em cuja academia obteve o gráo de doutor, sustentando uma these sobre a hepatite.

Em 1830 chegou á patria trazendo profundos conhecimentos de medicina,e principalmente da arte obstetrica, de sorte que, pondo-se a concurso a cadeira de partos da escola de medicina, obteve a nomeação de professor em Abril de 1833.

No magisterio adquiriu nome honroso, e brilhante, leccionou muitas vezes sciencias naturaes aos alumnos do 1º anno, e, no exercicio de sua profissão medica, conseguiu ser considerado o primeiro parteiro de seu tempo. E era um medico generoso e caritativo, pois soccorria o pobre no leito da dor e da miseria.

Fez parte da sociedade de Medicina, entranhando-se ahi em trabalhos scientificos, publicando bellos trabalhos no jornal da corporação, e escrevendo luminosas memorias sobre a escarlatina, a febre amarella, etc.

Occupou uma cadeira na assembléa provincial em duas legislaturas. Era cavalleiro da Imperial Ordem de Christo, e socio da sociedade Amante da Instrucção. Exerceu algum tempo o logar de medico dos expostos da Santa Casa da Misericordia.

Por occasião da febre amarella, que invadiu o Rio de Janeiro em 1850, o Dr. Julio soccorria a todos, trabalhava sem descanço, sem temer fadiga, nem contagio. Não trabalhou só como medico, serviu ao paiz como patriota—curou e alimentou os pobres—era a Providencia da pobreza.

Nesse mesmo anno, no dia 8 de Dezembro, no gozo da melhor saude, divertindo-se com alguns amigos e collegas, dando expansão a seu genio jovial e alegre, sentiu-se afflicto, procurou sua casa, mas não se levantou mais do leito... Em poucos instantes enviou ao céo sua alma, victima de uma apoplexia cerebral, como confirmou a autopsia do cadaver.

Para seu funeral, e para a educação de seus filhos, houve necessidade da caridade de seus amigos.

Tres dias depois de seu fallecimento foi publicado o decreto, que lhe dava o officialato da Rosa pelos serviços prestados durante a epidemia. O Dr. José Mauricio, collega do finado, foi ao Paço, pedir ao Impeperador em troca da graça dada ao Dr. Julio um olhar de compaixão para seus filhos.

O Imperador enviou 500$, e S. M. a Imperatriz 400$, para serem repartidos pelos filhos do Dr. Julio...

FRANCISCO MARIA DOS GUIMARÃES PEIXOTO

(TENENTE-CORONEL)

Nasceu a 12 de Março de 1826 a bordo da náo *D. Pedro I*, em viagem que fazia á provincia da Bahia, transportando SS. MM. Imperiaes, a quem os paes de Peixoto, o barão e a baroneza de Iguarassú (*) tiveram a honra de acompanhar.

(*) Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, Vid. pag. 114. Foi elle quem recebeu em suas mãos o nosso augusto Imperador —quando nasceu— e por este foi agraciado com o titulo de barão de Iguarassú tambem em 23 de Fevereiro de 1845 por occasião do nascimento do principe imperial D. Affonso.

Recebeu a bordo as aguas do baptismo, tendo sido seus padrinhos o Sr. D. Pedro I, e a Serenissima princeza D. Maria da Gloria.

Contando 10 annos de idade, partiu para França, onde cursou as aulas do real collegio de S. Luiz, regressando ao Brasil, cinco annos depois, em 1841, tendo aproveitado no collegio as licões de habeis professores dos estudos fundamentaes para a carreira, a que se destinava.

Apezar do empenho, que fazia seu pae, para que Peixoto não seguisse a carreira militar, assentou elle praça de 1º cadete no 1º batalhão de infantaria a 22 de Fevereiro de 1844.

Seguiu o curso de sua arma, com geral approvação, na academia militar, e em 20 de Março de 1847 foi designado para fazer parte da guarda de honra, que a Macahé devia acompanhar S. M. o Imperador.

Promovido alferes em 7 de Setembro de 1847, foi em 25 de Novembro do mesmo anno mandado em commissão á provincia do Rio Grande do Sul—em Março de 1849 marchou para Minas com o seu batalhão—em 1851 foi mandado novamente ao Rio Grande do Sul—em Fevereiro de 1854 foi nomeado em commissão para Montevidéo—em Dezembro do mesmo anno foi nomeado instructor dos recrutas, que formavam a escola do morro do Cavallão, em S. Domingos, logar que exerceu somente doze dias, por ter sido mandado em commissão ao Paraguay em 25 do mesmo mez e anno.

Em 10 de Janeiro de 1856 marchou para a Bahia com o seu batalhão, e tendo sido promovido a tenente em 2 de Dezembro, no dia 15 partiu com o visconde de Camamú para o Rio Grande do Sul.

Em 15 de Novembro de 1858 casou no Rio de Janeiro, e seis dias depois marchou, levando em companhia sua espoza, para a provincia do Pará, na qualidade de ajudante de ordens do respectivo presidente.

Em 2 de Dezembro de 1859 foi promovido a capitão da 7ª companhia, e em Agosto de 1860 seguiu para a provincia do Paraná.

Constantemente elogiado nas commissões, que lhe foram confiadas, e completando 20 annos de bons serviços, foi condecorado com o habito de S. Bento de Aviz.

Em Outubro de 1864 seguiu para o Rio da Prata, commandando um contingente do 1º batalhão de infantaria, sendo destacado a bordo da corveta *Nictheroy*, ás ordens do vice-almirante Visconde de Tamandaré.

Desembarcado com o seu contingente, e com o accrescimo de cento e tantas praças de fuzileiros navaes, e imperiaes marinheiros, atacou em 6 de Dezembro a cidade de Paysandú, cuja guarnição então era de 1,400 homens.

Foi ferido na manhã desse dia, mas isso não o fez abandonar as forças, que lhe foram confiadas, antes penetrou na cidade por brechas, e outras arriscadas difficuldades, permanecendo ahi até 7 horas da noute, em que teve ordem de recolher-se ao porto.

Apezar de haver soffrido a dolorosa amputação do dedo medio da mão direita, continuou a commandar a força, e assistiu ao sitio posto á cidade de Paysandú, o qual durou até 30 de Dezembro, em que chegou o general barão de S. Gabriel, entrando nos ataques de 31 de Dezembro, 1 e 2 de Janeiro de 1865, que deram em resultado a tomada daquella cidade.

Assistiu á capitulação de Montevidéo.

Passou para o *Jequitinhonha* com o seu contingente já bastante reduzido, quando se organisou em 1865 a esquadrilha, que tinha de bloquear o rio Paraná.

Agraciado com o habito de cavalleiro do Cruzeiro em 11 de Março, desembarcou em 25 de Maio, e assistiu ao combate dado contra os paraguayos na cidade de Corrientes com as forças argentinas, sob o commando do general Paunero.

Foi promovido a major por actos de bravura.

Entrou no memoravel combate de Riachuelo, não sendo pisado pelas hordas do presidente do Paraguay o convez do *Jequitinhonha*, apezar de tentada a abordagem da corveta por tres vapores inimigos.

Abandonado o *Jequitinhonha*, passou Peixoto para bordo do vapor *Ipiranga* com parte de seu contingente, e entrou no combate das barrancas de Mercedes.

Em Março de 1866 foi nomeado official da Imperial Ordem da Rosa.

Recolhido ao exercito afim de assumir o commando interino de um batalhão, teve a gloria de ser um dos primeiros, que pizou no territorio paraguayo em Abril de 1866, entrando nos combates que se deram no Passo da Patria, e nos dos dias 2, 20 e batalha de 24 de Maio. Nesta batalha, apezar de contuzo uma hora depois de haver começado a acção, conservou-se tomando parte activa na refrega; e, mesmo perdendo o cavallo, conservou-se no fogo por mais de uma hora, até que, novamente ferido, foi conduzido então para o hospital de sangue.

Promovido a tenente-coronel, em Setembro de 1866 por actos de bravura, nomeado official da Ordem do

Cruzeiro em attenção a seus serviços, recolheu-se ao Rio de Janeiro, de ordem superior: — ahi foi operado, e regressou ao exercito dous mezes depois. Antes de partir, ao despedir-se de S. M. o Imperador, entregou-lhe este a venera do Cruzeiro, que ornou outr'ora o peito do fundador do Imperio, e « que brilhava agora no seu, para que Peixoto a erguesse no estandarte do batalhão de seu commando. »

Com o seu batalhão, e assumindo o commando da 12ª brigada, entrou ainda no combate de 31 de Julho de 1867, que deu em resultado a tomada de Tuyu-Cué.

Ahi uma pneumonia dupla o levou ao leito; Peixoto não quiz deixar sua barraca, dizendo que *em frente do inimigo era esse o seu dever*.

Uma ordem terminante do visconde de Herval o fez recolher á enfermaria, porque os conselhos e as instancias do medico isso não alcançaram.

Abatido e alquebrado, quiz voltar ao serviço. O nobre marquez de Caxias não consentiu, obrigou-o a recolher-se á Côrte. Extenuado pelas molestias, que lhe originaram os trabalhos, as fadigas, e os ferimentos da guerra, succumbiu, fallecendo nos braços de sua familia, no 1º de Maio de 1868. Morreu pobre.

Sua physionomia franca e rasgada era a um tempo insinuante e altiva, tendo o condão de inspirar simultaneamente a sympathia e o respeito.

Peixoto tinha o fôro de fidalgo cavalleiro da Casa Imperial.

FRANCISCO SOLANO (Fr.) (*)

Natural da villa de Santo Antonio de Sá. Pertenceu á ordem franciscana, foi de grande habilidade, e notavel por ter feito diversos espaldares e quadros existentes no convento de Santo Antonio na Côrte.

Nunca sahiu do Brasil, não frequentou artistas abalisados, e nem teve educação academica.

Em seus quadros sauda-se o genio, reconhece-se o talento e a inspiração.

Quando o celebre franciscano José Marianno da Conceição Velloso se occupava da *Flora Fluminense*, não sabendo desenhar, pediu um ajudante desenhador, e, por proposta sua, o vice-rei Luiz de Vasconcellos Souza escolheu Frei Solano para tal mister, e d'então em diante tornou-se companheiro inseparavel de Velloso, seguiu-o em suas excursões pelo interior, embrenhou-se pelas florestas, passou vigilias, emfim são delle todos as desenhos da *Flora*.

Ainda em 1814 chegou a ser ministro provincial de sua ordem.

Contam de D. Solano o seguinte facto:

Os religiosos capuchos do Rio de Janeiro ornaram muito a sua igreja por occasião da festa de Santo Antonio, e para este fim pediram emprestadas a um devoto, quatro lindissimas jarras de porcellana da India.

Depois de passados muitos annos, em que sempre se repetiram o pedido, e o obsequio, o sachristão des-

(*) Vide *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, do Dr. J. M. de Macedo, 1º vol., 1862.

armando o altar conversava com Fr. Solano e dizia:

— Agora, cuidado com as jarras do devoto — com effeito, disse o frade, seria uma infelicidade se uma dessas jarras se quebrasse.

— Certamente porque não ha outras tão lindas, e tão ricas na cidade, e não poderiamos haver por preço algum uma ou duas iguaes para restituir ao dono.

— Pois é preciso não pedil-as emprestadas outra vez.

— Sim... mas...

— Quando tem de ser entregues estas jarras?

— Hoje mesmo.

— Pois eu preciso que ellas me sejam confiadas por quatro ou cinco dias.

— Para que?

— E' um segredo meu.

O frade levou as jarras, tirou-lhes o molde, e copiou a pintura.

No anno seguinte não houve mais o pedido, nem o favor, porém o devoto mal poz os olhos no altar-mór, disse espantado:

— As minhas jarras!

Fitou mais as vistas desconfiado, e convencido de que não as tinha emprestado, repetiu:

— São as minhas jarras!

Correu á casa, viu as suas n'um armario, voltou ao convento e ainda disse:

— Mas por fim de contas são as minhas jarras!

O sachristão sorrindo-se, tirou-as do altar, e veio apresental-as, dizendo:

— Bem vê que não são as mesmas!

— Como? são as minhas jarras!

— Neste caso ahi as tem, tome conta dellas.

O devoto recebeu-as, examinou-as, e disse:

— Não são as minhas, mas a unica differença é que as minhas são de porcellana, e estas de páo.

— Ainda ha outra. E' que as suas vieram da India, e estas foram aqui feitas por Fr. Francisco Solano.

FRANCISCO VILELLA BARBOZA

(MARQUEZ DE PARANAGUÁ)

Nasceu no Rio de Janeiro, a 22 de Novembro de 1769. Seu pae era commerciante, natural de Portugal, e sua mãe, natural do Rio de Janeiro.

Deveu os cuidados de sua educação a uma tia, e á protecção de sua madrinha de baptismo, porque ficou orphão de pae e mãe, e sem fortuna herdada. Na idade de 18 annos foi mandado para a Universidade de Coimbra, a fim de formar-se alli na faculdade de direito; e contrariado viu-se seriamente ao encetar os estudos academicos, porque sua madrinha cessou-lhe as mesadas, por se haver elle casado n'aquella cidade sem consultar sua protectora, os conselhos de amigos e suas especiaes circumstancias. O bispo conde D. Francisco de Lemos, natural do Rio de Janeiro, ex-reitor da universidade, valeu-o, e protegeu-o com os necessarios meios de subsistencia até concluir sua formatura em mathemathicas, para cuja sciencia mostrara gosto e vocação, obtendo dous premios por merecimento distincto no 1º e 3º annos do curso.

Em 1796 solicitou o joven bacharel admissão na armada, o que obteve, dando-se-lhe a graduação de 2º tenente.

Serviu quatro annos, sempre embarcado em varias expedições do Brasil, costa d'Africa, ilhas dos Açôres, e Mediterraneo, em cujo tirocinio teve occasião de fazer-se recommendavel a seus chefes.

Em 1801, regressando a Lisboa, aceitou a nomeação de lente substituto da academia real de marinha, obtendo passagem para o corpo de engenheiros na graduação de 1° tenente, e sendo logo promovido ao posto de capitão.

Provido de propriedade na cadeira de geometria, nella permaneceu até sua jubilação em 1822.

Compoz um compendio de geometria, que offertou á academia real de sciencias de Lisboa, a qual galardoou-o com a honrosa nomeação de seu socio, vindo depois a ser secretario interino da mesma. Esse compendio foi adoptado no ensino, e já teve mais de cinco edições.

Escreveu tambem uma interessante memoria sobre a correcção das derrotas de estima, que mereceu ser premiada pela sociedade real maritima, militar e geographica de Lisboa.

Consagrou ás musas constante e bem aceito culto. Suas poesias primam pela elevação do pensamento, e do estylo, pureza de dicção, harmonia e gravidade dos versos. Como repentista citam-se muitas poesias suas, que aos labios lhe vinham como por encanto. Muitas poesias entregou elle ás chammas até mesmo no dia, em que expirára.

Muitas sociedades litterarias da Europa, e da America fizeram ao nosso consocio a honra de o convidar para seu gremio.

Como representante do Rio de Janeiro, tomou assento nas côrtes geraes e constituintes do Reino Unido, em 1820; sendo tambem um dos sete membros da deputação permanente que ficára, depois do encerramento das côrtes, até a installação da assembléa ordinaria, em cujos trabalhos teve ainda parte.

Com a declaração definitiva da independencia do Brasil, regressou em Junho de 1823 para sua patria, em companhia de D. Maria Nazareth de Carvalho, com quem contrahiu alliança em segundas nupcias, tendo pedido primeiramente demissão do posto de major de engenheiros que occupava no exercito portuguez. Foi bem recebido por seus patricios, e tambem por D. Pedro I, já então acclamado Imperador, o qual he conferiu logo o posto de coronel graduado do corpo de engenheiros.

Nesse mesmo anno foi chamado ao logar de ministro do Imperio e estrangeiros, passando, dias depois, a dirigir separadamente a repartição da marinha, na qual se conservou até 1827.

No decurso desse tempo foi elevado ás honras de dignatario, grã-cruz da ordem do Cruzeiro, visconde e marquez de Paranaguá ; sendo além disso nomeado senador.

No projecto da constituição, que ao Brasil foi dada pelo Sr. D. Pedro, figura seu nome entre os dez signatarios que o collaboraram. Apparece ainda o seu nome no tratado de 1825, pelo qual reconheceu Portugal nossa independencia.

Dirigiu a pasta da marinha, de novo, em 1831, e em 1841.

Legislador consciencioso, zeloso administrador do Estado, rigido observador de seus deveres, amigo do merito quanto menos presava e aborrecia a impostura, falleceu a 11 de Setembro de 1846.

FRANCISCO XAVIER ARANHA (D.)

Bispo de Pernambuco, que falleceu e sepultou-se na Sé de Olinda em 5 de Outubro de 1771.

Concluiu o palacio da Soledade, que seu antecessor começára a fundar, fez muitas obras na igreja da Sé, em varias outras, edificou o aljube, e em frente delle um oratorio para os presos ouvirem missa, visitou uma parte de seu bispado até a Parahyba, e foi mui zeloso nos deveres de seu ministerio.

FREDERICO SELLOW (Dr.)

Por espaço de 20 annos viajou este sabio naturalista pelos sertões do Brasil, empregado em explorações scientificas, das quaes fez importantissimas remessas aos museus de Berlim, e do Rio de Janeiro, de cujos governos era pensionario.

Estudou varios mineraes novos nos catalogos dos mineiros do Brasil, a bellissima serpentina, e differentes variedades de ferro.

Descobriu innumeraveis plantas medicinaes, a arvore que produz a casca de Winter, a qual, no futuro, poderia ter para a civilisação dos indios da provincia de S. Pedro do Sul influencia igual a que teve a colheita da ipecacuanha para os indigenas do Rio de Janeiro e Minas.

Depois de tantas fadigas foi arrebatado em flôr ás sciencias, no anno de 1831, e no Rio Doce falleceu affogado.

GERMANA (A IRMÃ) (*)

Em 1814 uma romaria de fieis e curiosos concorria de grande distancia á capella da Piedade, sobre a serra do mesmo nome, não muito distante da cidade de Ouro Preto, em Minas-Geraes; ia alli ouvir missa, e presenciar os extasis e os padecimentos da moça, a quem chamavam irmã Germana, a qual,para satisfazer a devoção que tinha com a Santa Virgem, obteve do seu confessor a permissão de ir habitar a deserta capella, que coroava o pincaro da alta serra. Facilmente concederam-lhe o que queria, pois era voz geral, que a sua vida era purissima e irreprehensivel o seu procedimento.

Nessa habitação tão erma, vivendo como anachoreta, longe do commercio do mundo, tendo apenas uma irmã por companheira, cresceu a devoção de Germana e votou-se a todas as abnegações das grandezas mundanas; quiz jejuar ás sextas-feiras e aos sabbados; ao principio impediram-lh'o, porém ella declarou que lhe era inteiramente impossivel tomar qualquer refeição durante esses dias, e desde então os passou na mais completa abstinencia.

(*) Vid. *Brasileiras Celebres*, do Sr. Joaquim Norberto.
No n. 8 do *Echo d'além tumulo*, revista dos espiritistas da Bahia, póde-se ler um curioso e identico facto presenciado em um dos logares da França.

Meditando um dia sobre os Mysterios da Paixão, entrou Germana em um extase; seus braços se abriram, formando com o seu corpo uma cruz, tendo os pés igualmente cruzados, e se conservou nesta posição por espaço de 48 horas: desde então se renovou o phenomeno semanalmente, sem a mais pequena interrupção, começando sempre na noute de quinta para sexta-feira até á noute de sabbado para domingo, sem que fizesse o menor movimento, sem que proferisse uma unica palavra e sem que tomasse o minimo alimento. Espalhou-se a noticia, e os habitantes de ambos os sexos e de todas as condições e idades vieram das vizinhanças presenciar este espectaculo inteiramente novo para elles, e ignorando a sua causa, tomaram os seus effeitos como milagre, e dalli o nome de irmã que deram a Germana e a fama que ainda hoje gosa de santa.

Dous medicos concorreram para que mais se augmentasse a veneração publica, passando attestados, de que o seu estado era *sobrenatural*, pois só assim podiam explicar a periodicidade de seus ataques catalepticos.

Em vão o Dr. Gomide, distincto medico formado em Edimburgo, procurou refutal-os, publicando uma memoria cheia de sciencia e de logica, na qual procurou provar, fundado em numerosas autoridades, que os extasis de Germana não eram mais do que uma catalepsia; cresceram as romarias á serra da Piedade, e divulgou-se o boato de que o doutor não tendo visto a enferma, não pudera estudar o phenomeno de sua molestia em todas as suas particularidades, e os attestados dos clinicos não tendo sido impressos, foram reproduzidos em numerosas cópias, e circularam ainda nas mais remotas villas e aldêas da provincia.

Divididas as opiniões entre a fé, e a duvida, interveiu o bispo de Marianna o padre D. Cypriano da Santissima Trindade, o qual prohibiu a celebração da missa na capella da Piedade, por falta de licença regia, no intuito de acabar as romarias. Germana procurou a casa de seu confessor, e os affeiçoados della, crentes sinceros e de boa fé, requereram e alcançaram a licença, abrindo-se de novo a capella, annunciando-se o regresso da *irmã*, e concorrendo os fieis e os devotos á capella ainda em maior numero. O prodigio dos extasis, e a posição em que ficava a irmã, o que continuou a ser repetido nas terças-feiras, era explicado pelos devotos com a coincidencia do dia, pois é na terça-feira, que á meditação dos fieis, se offerecem os soffrimentos de Jesus-Christo, ligado á columna.

Aos nacionaes juntaram-se peregrinos estrangeiros;—viajantes instruidos correram, levados da curiosidade humana, a visitar a capella da Piedade. Spix, Martius, o sabio naturalista francez Augusto de Saint Hilaire, todos occupam-se da irmã Germana. Esta porém não habitou muito tempo o logar de seu exilio. Acharam-na um dia na postura, que ordinariamente tomava quando era accommettida de catalepsia, como diziam os medicos, ou quando estava em seus extasis periodicos, com dizia o povo—pallida e fria como uma bella estatua de marmore, seu coração tinha cessado de bater; era apenas um cadaver.....

Não o foi, diz o Sr. J. Norberto, *mas viveu e morreu como uma santa*.

GONÇALO SOARES DA FRANÇA (PADRE)

Nasceu na provincia do Espirito-Santo em 1632, segundo affirma o distincto escriptor o Sr. Pereira da Silva em seus *Varões Illustres, supplemento*.

Escreveu em latim um poema intitulado—*Brasilica, ou descobrimento do Brasil*, e em portuguez algumas poesias de merecimento, que se perderam.

No anno de 1724 recitou na academia brasilica dos *Esquecidos* na Bahia, uma dissertação da historia ecclesiastica do Brasil, dissertação que foi offerecida por S. M. o Imperador ao Instituto historico e geographico brasileiro em sessão de 22 de Maio de 1857.

GRACIA HERMELINDA DA CUNHA MATTOS (*)

Na *Selecta Brasiliense*, 1ª série, publicada em 1868, fallando á pag. 166 do marechal Raymundo José da Cunha Mattos, lembramos-nos de sua filha D. Gracia, conhecida por *philosophinha*, a quem as senhoras brasileiras são devedoras de um livro de sentenças, em que se mostra digna discipula do marquez de Maricá, cujos louvores mereceu, porque o estudo e a experiencia, em tão verdes annos, lhe dictava maximas, reflexões, e pensamentos dignos de serem lidos e apreciados. Um anno depois da publicação de suas *Sentenças* expirava nos braços de seu pae, a quem servia de secretario, sentindo esta morte todas as pessoas que de perto a conheciam, e que della ouviam fallar.

(*) Vide *Brasileiras Celebres* do Sr. J. Norberto, Paris, 1862.

HENRIQUE DIAS (*)

Henrique Dias, homem de côr preta, mas de generosos e de elevados sentimentos, que soube por suas acções nobilitar-se e immortalisar seu nome.

Nascido em Pernambuco, Henrique Dias não podia ser indifferente á terrivel invasão dos hollandezes. A linguagem que sahiu de seus labios era toda eloquencia do seu patriotismo.

Afastado da capital, quando lhe chegou a noticia com os horrores das profanações commettidas, indignou-se em extremo e proferiu estas memoraveis palavras: « Antes de mim a minha patria, por ella, por meu Deus e por meu Rei, serão meus braços columnas de ferro para sustentar tão caros objectos. Que importa morrer? Quando assim seja, a liberdade bem dirá meu tumulo, e o meu sangue, regando a terra, servirá de fonte, que, para o futuro, brotará mil fructos. »

Assim foi que, em 1633, descendo do centro da provincia com trinta e tantos guerreiros de sua mesma côr, elle se apresenta a Mathias de Albuquerque, offerecendo-lhe os seus serviços.

Dentro em pouco, seu distincto valor o fez conhecido de todos os companheiros de armas, e sua destemida intrepidez o constitue — terror dos hollandezes.

(*) Esta biographia é copiada do discurso pronunciado no Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, pelo seu 2º secretario Salvador Henrique de Albuquerque, na sessão magna de 27 de Janeiro de 1867.

Dotado de grande força e coragem, era um bravo que nunca recuava. Em uma das primeiras sortidas contra o inimigo, matou á espada cinco adversarios.

Augmentando cada dia o numero de seus soldados, foi .nomeado capitão de uma companhia com a qual sempre se achava nos logares de maior perigo.

Energico até o delirio, destemido até ser temerario, era preciso muitas vezes a advertencia dos seus para moderal-o e contel-o.

Na celebre batalha de Porto Calvo, em 1637, onde os actos de bravura, denodo e bizarria, commettidos pelos nossos assombraram até os proprios inimigos, Henrique Dias excedeu-se, patenteando ao mundo uma intrepidez que, no dizer de frei Raphael de Jesus, deve ser posta em parallelo com o que a historia nos refere de mais maravilhoso.

Ferido por uma bala sobre o punho, manda sem demora fazer amputação da mão esquerda, para desembaraçar-se do apparelho que impediria seus movimentos. « Basta-me uma mão, disse elle, para servir a meu Deus e a meu Rei ; cada um dos dedos desta outra me fornecerá os meios de vingar-me. »

Era o Mucio Scevola pernambucano que voava de novo ao combate !

No seguinte anno, depois daquella celebre e penosa marcha de mais de trezentas leguas pelo interior do paiz, desde o Rio-Grande do Norte até a Bahia, foi um dos heroes que mais se distinguiu na defeza daquella capital assaltada por Mauricio; e quando esta mesma cidade em 1639 estava em risco de ser presa do almirante Carlos Torlon, a

presença deste heroe sobre seus muros, salvou-a do ferro e fogo inimigo. Parecia o anjo da guerra perseguindo os adversarios do seu paiz!

Nas frequentes correrias em que andava, percorreu o centro em direcções diversas, destruindo e assolando tudo o que pertencia aos vencedores, sem que estes pudessem perseguil-o nos bosques, onde sempre se abrigava.

Ao terminar um destes celebres encontros, dirigiu aos hollandezes uma carta em que por fim assim dizia: « Tenham por certo que desse Arrecife onde nossas armas os teem accurralado, lhes não fica mais sahida para a Hollanda; e se atiram a outro alvo, bastam os meus negros para lh'os fazer errar. E dado o caso que pretendam vencer nossa constancia com sua perfidia, lhe poremos a terra em estado que lhes não possa dar mais que a sepultura; porque saberemos queimar-lhes em uma noute, tudo quanto plantarem em um anno; e para que não duvidem desta verdade, tenham entendido que é Henrique Dias o que escreve, pegando na penna com a mesma mão com que pega da espada. »

A noticia da traição de Tamandaré foi ouvida no acampamento com os brados da indignação e da vingança; com o coração aceso em ira, arroja-se Henrique Dias qual leão aos inimigos, e tomando parte activa na batalha de Casa-Forte, sae victorioso e coberto de gloria.

No ataque das fortificações que levantaram os hollandezes, entre o forte dos Affogados e o das Cinco Pontas, portou-se como insigne capitão. Em alta noute sorprenderam seus guerreiros ao inimigo, penetram

as trincheiras, degollam as guardas e levam de rojo tudo quanto se lhes oppõe.

Elevado ao posto de mestre de campo ; no meio dos combates e em lances duvidosos tinha este intrepido guerreiro o astucioso costume de arremessar o seu bastão sobre as columnas cerradas do inimigo ou sobre as muralhas de suas fortificações.

Estimulados assim os seus soldados, bradava-lhes: « A' espada filhos ; ou haveis de restituir a insignia do meu mando, ou aqui ficaremos todos sepultados. »

Victorioso e nunca vencido, era-lhe reentregue o bastão. Parece que a Providencia lhe destinava sempre os louros das batalhas !

Em principios do anno de 1648, marcha para o Rio-Grande do Norte, e em frente do sitio Guarairas, onde os hollandezes tinham levantado trincheiras e uma casa forte, faz alto, exhorta os seus soldados, e mostra-lhes o modo de ganhar por assalto aquellas fortificações.

Com agua pela cintura, accomette o inimigo, e dentro em pouco apossa-se das trincheiras; escala a casa forte, e passa a fio de aspada todos os que alli são encontrados.

No dia seguinte em Cunhaú, onde achou o inimigo, fortificado com muita gente, intimou-lhe que sem dilação se renda ; porque, se chegassem os seus a desembainhar a espada, com ella na mão, nem a obediencia os obrigava, nem a commiseração os movia, e que o testemunho desta verdade era o successo do dia antecedente.

Para ganhar tempo, responde o chefe hollandez com palavras equivocas ; mas Henrique Dias, conhecendo o ardil, ordena o ataque. Então rende-se o inimigo á

discrição, e o nosso valente chefe, depois de apossar-se das munições de guerra e de arrasar as fôrtificações, volta com os prisioneiros ao seu acampamento.

Passemos agora rapida vista sobre os mais importantes trechos de uma carta, por elle dirigida aos hollandezes:

« Esta variedade e multidão de papeis que os meus soldados acham pelos caminhos, e que VV. SS. mandam deitar nelles, são folhas de que sempre conhecemos a flôr. Não lhes tem ensinado a experiencia que o negro nem recebe outra côr nem perde a que tem ?

« Para que gastam sua tinta pintando o seu dezejo nestas cartas, se as cartas se dão a conhecer pela pinta?

« Já VV.SS.poderão ter alcançado de suas inclinações que nem perdoam a flamengos, nem de flamengos querem perdão, e estejam certos que, nenhum de nós perdeu a côr com seus ameaços, porque os consideramos de Hollanda, e menos com suas promessas, porque as de Hollanda não teem avesso nem direito.

« De quatro nações se compõe este regimento : Minas, Ardas, Angolas e Crioulos ; estes são tão malvados que não temem nem devem; os Minas tão bravos, que onde não podem chegar com o braço, chegam com o nome ; os Ardas tão fogosos, que tudo querem cortar de um golpe ; os Angolas tão robustos, que nenhum trabalho os cansa.

« Considerem que esta gente não é a que se leva por arte, e assim lhes aconselho que se valham da força ; mas tambem lhes asseguro que, sem os matar a todos, nunca se hão de ver livres de contrarios. »

Esta resposta, humilhante para o soberbo inimigo, claramente revelou que, só pelas armas, decidiriam a contenda. O meio fallaz de promettidos perdões, não produzia mais effeito.

Na primeira batalha de Guararapes, Henrique Dias mostrou-se verdadeiro soldado; na segunda dada nestes mesmos montes, bateu-se como um heroe. Alli recebe um grave ferimento; sua vida acha-se em risco, mas não estava completa a sua missão, ainda lhe restavam grandes feitos, o grato complemento de tão heroica empreza tinha de corôar os seus esforços: pouco tempo depois voltava ao combate.

Inteirado D. João IV dos relevantes serviços prestados naquella guerra, manda-o condecorar com a cruz da ordem de Christo.

Recebe-a com profundo reconhecimento; mas em presença de seus companheiros de armas, declara solemnemente que não usaria dessa distincção, emquanto a sua patria gemesse sob o nefando jugo estrangeiro! E assim o disse com tão segura esperança que veio a realizal-o; só depois da restauração, apresentou-se condecorado.

Henrique Dias foi o inimigo mais audaz e o flagello mais terrivel que nesta guerra tiveram contra si os hollandezes; todo o seu empenho era expulsal-os do paiz. Podemos dizer a seu respeito como Sylla disse de si: « Ninguem fez mais bem a amigos e mais mal a inimigos. »

Esta luta de quasi 24 annos, em que sobresahiu a consciencia de nossos maiores, ia tocar seu termo.

O auxilio de uma força naval, sem a qual jámais seria possivel o assalto do Recife, conseguiu-se com a chegada da esquadra de Pedro Jacques de Magalhaes.

Combinado o ataque das fortificações exteriores, Henrique Dias distinguiu-se nos lances mais arriscados; até que, no assalto da fortaleza das Cinco Pontas, unica que restava ao inimigo, elle se eleva á maior altura.

Com a espada na mão, sem recuar ás marchas, sem fugir ás expedições, sem temer os perigos, sempre avaliou o poder do inimigo por contrario e nunca por desigual.

Depois do assalto da fortaleza das Cinco Pontas, seguiu-se a capitulação dos hollandezes; estava consummada a restauração! e a entrada triumphante dos nossos heróes em Pernambuco, teve logar no dia 27 de Janeiro. Sem esse dia, desappareceriam do nosso auriverde pavilhão seis brilhantes estrellas e com ellas a integridade do Imperio de Santa Cruz.

Estava nos designios da Providencia que o lábaro sagrado erguido por Cabral neste abençoado paiz, estenderia os seus beneficos effeitos do Prata ao Amazonas; o christianismo, fonte da civilisação, do progresso e da liberdade, devia implantar-se em todo o Brasil.

Se a religião, como diz o celebre Chateaubriand, é poderosissimo incentivo do amor da patria, devemos crêr que ella teve a maior influencia no bom resultado de tão feliz empreza.

Henrique Dias, educado nestes principios e animado de piedosos sentimentos, nunca esqueceu os deveres de christão.

No meio das lides guerreiras,onde quer que estivesse, festejava a Virgem Santissima do Rozario, invocando o seu soccorro.

Foi em cumprimento do seu voto que, no logar em que por ultimo se fortificou com a sua gente, elle erigiu a igreja da Estancia para attestar a protecção divina concedida por intercessão da Mãe de Deus, e perpetuar a memoria de seus nobres feitos.

Aquelles, que se sacrificam pela patria, conquistam no futuro a admiração da posteridade, e a gratidão nacional para com elles não é mais do que um dever.

Mas, porque modo tem o paiz patenteado a sua gratidão a Henrique Dias?

Ergueu-lhe uma columna, uma estatua; gravou no marmore ou bronze um distico ou epitaphio honroso? Nada disto, quanto nos custa a dizel-o!

Depois de suas façanhas guerreiras, de regar por vezes a terra com seu sangue, e de emfim restaurar a patria, viveu ainda oito annos para testemunhar sómente as miserias proprias e as alheias.

Henrique Dias, mestre de campo e governador dos homens pretos, cavalleiro da ordem de Christo e restaurador de Pernambuco, falleceu no dia 8 de Julho de 1662.

Sepultado no convento de S. Francisco do Recife, em logar que se ignora, seu funeral, com o qual apenas se gastou 48$720, foi feito por ordem do governador Francisco de Brito Freire, á custa do Estado! (*)

(*) O *Almanak de Lembranças Brasileiras*, do Dr. Cesar A. Marques publica as seguintes peças acerca da pobreza, e do enterro de Henrique Dias, as quaes reproduzimos aqui pela sua curiosidade;

O nome de Henrique Dias tornou-se tão popular que os corpos milicianos de homens pretos, conservados por ordem régia, denominavam-se « Regimentos dos Henriques ».

De tres filhas, que lhe ficaram, houve legitima descendencia, por casarem duas.

Ainda em 1716, D. Benta Henriques, sua filha, e o capitão Amaro Cardigo, seu genro, assignaram uma procuração bastante, como viu-se dos fragmentos de um livro de notas do tabellião João de Souza Nunes, na cidade do Recife.

De uma escriptura lavrada na villa de Iguarassú, nas notas do tabellião Francisco Dias de Leão, aos 19 de Agosto de 1683, consta que uma outra filha fôra casada com Francisco Rodrigues Freire. Existem, pois, os netos descendentes deste bravo.

« Este heroe pernambucano falleceu tão pobre, diga-se para maior gloria delle, que não deixou com que enterrar-se, e por isso houve a seguinte correspondencia official.

« — O provedor da fazenda real faça pagar tudo quanto seja necessario para o enterro do mestre de campo Henrique Dias, cujo dispendio e assistencia tenho encarregado ao capitão Thomaz de Abreu, para, com quitação sua ao pé desta, se levarem em conta ao almoxarife Gregorio Cardoso de Vasconcellos nas que der de seu recebimento o que constar se gastou. E outro sim faça tambem dar dez libras de polvora para a carga, que se ha de disparar no enterramento. Recife, 8 de Junho de 1662. E assim mais o gasto do officio da mesma fórma. — *Brito*.»

« Sr. Governador. — Sua Magestade manda dar uma só paga aos officiaes e soldados, que fallecerem: esta se lhe dará, porém da maneira que V. S. ordena nesta portaria não póde ter logar por ser contra a fórma do regulamento. Recife, 8 de Jnnho de 1662. — *De la Penha* »

« Sem embargo da duvida do regimento, que aponta o provedor da fazenda real, se dê cumprimento a esta portaria *visto o muito que deve o serviço de Sua Magestade, e o Estado do Brasil á memoria do defunto mestre de campo*. Recife, 8 de Junho de 1662. — *Brito*. — Cumpra-se e registre-se. Recife, 8 de Junho de 1662. — *De la Penha*. » (*E' o Dr. Simão Alves de la Penha Deus-dará.*)

HONORIO HERMETO CARNEIRO LEÃO

(MARQUÉZ DE PARANÁ)

Nasceu na villa de Jacuhy, da provincia de Minas-Geraes, a 11 de Janeiro de 1801, sendo seu pae o coronel Nicoláo Netto Carneiro Leão.

Depois de estudar humanidades nos estabelecimentos de sua provincia, partiu em 1820 para a universidade de Coimbra, tomando em 1825 o gráo de bacharel em direito.

Nomeado juiz de fóra de S. Sebastião, em 1826, serviu depois diversos logares de magistratura, inclusive os de auditor de marinha e ouvidor do Rio de Janeiro, sendo elevado ao cargo de desembargador da relação de Pernambuco com exercicio na da Côrte; e na occasião em que devia entrar para o supremo tribunal de justiça, aposentou-se, por lh'o vedar a sua qualidade de conselheiro de Estado.

Enterro — Tres sellos de 3 missas, que lhe disseram de corpo presente na igreja de Santa Catharina	1$440
Dezesete sellos e meio, que se pagaram a 17 sacerdotes e o sachristão	8$400
A' confraria do Senhor.	2$000
Dita das Almas	2$000
Dita de Santa Luzia	$480
Dita de Santa Catharina	$480
Dita do Corpo Santo	$480
Dita do Bom Jesus.	$487
Dita de Nossa Senhora	$480
Dous sellos dos signaes que se fizeram	$960
Pelo cobrimeuto da cova	$640
Oito libras de cêra a 560 rs	4$480
Do habito.	4$000
Pela cova.	2$000
16 Missas em Santo Antonio a 200 rs.	3$200
49 Ditas na matriz, idem	9$800
De um responso.	$960
	42$280

Appareceu pela primeira vez na scena politica em 1830, sendo eleito deputado por Minas. Ligou-se ao partido *moderado*, dirigido por Evaristo Ferreira da Veiga.

Apezar de não ser orador, sua actividade e energia, sua dialectica cerrada, o distinguiram;—entretanto não era favoravel a opportunidade para uma ambição nascente. A popularidade acompanhava reputações já feitas — o partido tinha uma pleiade illustre de homens politicos, como Torres, Costa Carvalho, Vergueiro, Paula Souza, Alencar, Vasconcellos, Feijó, José Bento e outros. Gastou pois dous annos a conquistar palmo a palmo uma posição.

Chegou o memoravel dia 30 de Julho de 1832, uma das datas mais celebres do Brasil. A camara dos deputados se declarou em convenção nacional para o fim de reformar a constituição do Imperio, e Honorio não se oppoz.

Apezar de haver adherido ao plano da convenção, apresentou-se na sessão resolvido a combatel-o: separou-se dos seus antigos alliados, e pronunciou-se contra o projecto com tanta firmeza, que conseguiu um fraccionamento na maioria, o qual, ligando-se á opposição, supplantou o partido *moderado*, e a idéa da reforma constitucional. Data d'aqui a influencia de Honorio ; — o feliz resultado de sua iniciativa o collocou em frente do novo partido, formado da fusão dos opposicionistas com os liberaes divergentes.

Tornou-se o homem da situação; e depois do famoso ministerio de 40 dias, foi chamado para fazer parte do gabinete de Setembro, em que occupou a pasta da justiça.

Contava pouco mais de 31 annos — no curto espaço de sua vida politica revelou caracter independente, e mostrou que não aceitaria imposições, nem governaria por direcções extranhas. Seus antigos chefes não se resignaram a ceder-lhe o primeiro logar, e d'ahi proveio divergencia, e pretextos, que o obrigaram a pedir demissão, depois de ler o relatorio de sua repartição, em que sustentava a necessidade de reformas no sentido de dar mais força á autoridade.

Foi repellido pelos homens da maioria, elevados pela situação que elle creára, e o odio politico desses alliados chegou a tal ponto, que procuraram cassar o diploma do homem, que acabava de obter dos mineiros a mais brilhante reeleição.

Em 1834 teve uma posição eminente na camara, em 1837 desdenhou o prestigio de uma pasta, preferindo conservar-se na camara como chefe da maioria e dominar o ministerio, em 1840 combateu o projecto da maioridade, apresentando outro com uma reforma na constituição, o qual retirou repentinamente, sem prévio accordo com o gabinete, talvez por uma dessas resoluções promptas e decisivas, que o seu espirito previdente, ou sua firmeza de vontade lhe faziam tomar muitas vezes. Inaugurado o reinado de Pedro II collocou-se em opposição pela mudança da politica, que então se deu; mas em 1841 recuperou sua posição de chefe da maioria, e distinguiu-se como presidente do Rio de Janeiro, combatendo a revolta de 1842; e foi nessa época nomeado senador, e conselheiro d'Estado.

Em Janeiro de 1843 sendo encarregado da organisação de um novo ministerio, occupou nelle a pasta

da justiça, e depois a d'estrangeiros até Fevereiro de 1844, em que fez apparecer a questão de gabinete, que mudou novamente a politica do paiz.

Voltando á opposição, manteve-se nella até a elevação do ministerio de 29 de Setembro de 1848, ao qual prestou bons serviços como presidente de Pernambuco em 1849, e na sua missão ao Rio da Prata em 1851.

Foi honrado com o officialato do Cruzeiro, com a grã-cruz de Christo, e com a da Conceição de Portugal, tendo recusado em 1843 a grã-cruz da Legião de Honra de França. Em 1852 foi nomeado visconde de Paraná.

Chamado para a organisação de um ministerio em 5 de Setembro de 1853, do qual fez parte o visconde de Abaeté, iniciou Honorio a politica da *conciliação*, visto como se achava gasta a politica que desde 1830 dominára o espirito publico. As difficuldades de tal systema politico, que podia ser traduzido por muitas faces, só as pdoia vencer seu nome, seu prestigio, sua firmeza de vontade, e a confiança imperial — revelou então a prudencia, virtude que todos lhe recusavam.

Este ministerio venceu uma opposição formidavel que se levantou por causa de questões do Paraguay, e fez approvar a lei de eleições por circulos no seio de uma deputação pela maior parte composta de magistrados. A obra porém que tinha começado, os projectos que tinha em mente, não quiz a Providencia que o marquez de Paraná levasse ao fim; no dia 3 de Setembro de 1857 todos os espiritos se interrogavam — quem o substituirá? Dezeseis dias de molestia,

(hepatite e bronchite chronica) que apresentou diversas alternativas, o fez baixar á campa, com todos os Sacramentos, na manhã de 4 de Setembro.

JACINTHA DE S. JOSE'

Nasceu no Rio de Janeiro a 15 de Outubro de 1715. Seus progenitores foram José Rodrigues Ayres, e Maria de Lemos Pereira.

Era pallida, e bella, mui sensivel, intelligente e excéssivamente nervosa.

Sua educação desde tenra idade foi toda religiosa; adormecia escutando lendas, e historias de santos, mal acordava ia ouvir missa com seus paes, e trazia ao pescoço bentinhos com a imagem de Nossa Senhora.

Aos oito annos já era contemplativa e meditabunda mais do que se podia esperar em tal idade, quando moça mortificou-se em jejuns e cilicios, por meio de orações escolheu a Deus para esposo, e como noiva pensou na casa, em que devia morar.

Um convento veio-lhe ao pensamento: — a mãe resistiu a tal intenção, e só depois de muitos annos é que consente que ella vá para um convento em Lisboa, o que não se verificou pelas graves consequencias de uma quéda, que soffreu.

Durante a convalescença ia com sua irmã Francisca ouvir missa ao convento do Desterro, e um dia, voltando pela estrada *Matacavallos*, notaram a antiga chacara chamada *Bica* abandonada, e em ruinas, porém o logar era solitario, e por isso encantou a Jacintha, e depois de vencidas algumas difficuldades, em 26 de Março de 1742 logo de madrugada sahiu, ouviu missa,

confessou-se, commungou, recolheu-se á casa arruinada, e disse para sempre um adeus ao mundo.

Levantou por suas mãos um altar portatil, onde collocou uma imagem do Menino Deus, ornou-o de flôres, resou suas primeiras orações ahi, abraçou seu irmão o padre José Gonçalves, e incumbiu-o de fazer suas despedidas á sua familia.

Assim teve origem o convento de Santa Thereza, trocando sua fundadora o nome de seus paes pelo nome por que é conhecida.

Todas as horas eram aproveitadas pelos trabalhadores da capella, e á noute, ao clarão da lua, os curiosos viam os vultos de duas mulheres silenciosas, que sobre seus hombros carregavam pedras pesadas para junto das paredes em construcção. Eram as duas irmãs Jacintha, e Francisca de Jesus Maria, que esqueciam o descanço, o somno, e a delicadeza de seu sexo, levadas pelo dezejo ardente de verem mais depressa acabada sua obra. Jacintha vendeu o que possuia, obteve esmolas dos fieis, e uma subvenção mensal do governador Gomes Freire de Andrade; tudo empregou na capella.

Falleceu em 2 de Outubro de 1768 (*).

JERONYMA MENDES

Brasileira que falleceu em 1633.

Quando os Hollandezes invadiram o Rio-Grande, ella entrou em uma batalha contra elles, e tendo uma faca em punho, defendeu com animo invencivel a propria casa, e salvou seus bens, que pretendiam roubar.

(*) Vide *Brasileiras Celebres*, de J. Norberto, 1862; e *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, do Dr. Macedo, 1º vol., 1862.

JERONYMO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO

Fidalgo da casa real, capitão da conquista do Maranhão pela provisão de 29 de Maio de 1613, confirmada em 17 de Junho de 1614, vencendo o ordenado de 200$ por anno, metade em dinheiro e metade em fazendas, pagas no almoxarifado da mesma conquista.

Nascido em pobre e obscura colonia portugueza, fóra do leito da legitimidade conjugal, foi um dos muitos filhos do velho capitão portuguez do mesmo nome, parente de Affonso de Albuquerque, o heroe da Asia, e cunhado de Duarte Coelho, o primeiro donatario de Pernambuco.

A india Maria do Espirito Santo, filha do Principal *Arco-Verde*, o deu á luz em 1548. (*) Aparentado de perto com os indigenas, manejava muito bem a linguagem delles, e merecia-lhes muita estima.

Aprendeu a lêr e escrever com os jesuitas, e exercitou-se no manejo das armas com seu pae e avô materno nas campanhas porfiadas contra os indios do lado de Iguarassú.

Contando 20 annos de idade, appareceu tomando grande parte na definitiva occupação do porto da Parahyba, e por estes feitos, julgando-se indispensavel á segurança da colonia a occupação do porto do Rio Grande do Norte, foi elle escolhido para capitanear a gente de guerra pelo capitão de Pernambuco Manoel Mascarenhas Homem.

(*) Vide *Memor. Hist. de Pernambuco*, de Fernandes Gama, vol. 1º, pag. 91 e seguintes.

Fundeou a expedição fóra da barra do Rio Grande em 17 de Dezembro de 1597, entrou no porto no dia immediato, e estabeleceu a povoação a que deu o nome de *Natal*, alludindo a época do anno que estava proximo.

Retirando-se Mascarenhas, ficou só em campo Jeronymo de Albuquerque, e promptamente os indios sublevados pediram paz, e prestando obediencia, depositaram em terra arcos e flechas.

Por estes serviços teve a remuneração de fôro de fidalgo, sendo provido na capitania do forte do mesmo Rio Grande por tempo de seis annos.

Tinha 60 annos quando foi encarregado de fundar a nova capitania de Caeté—e regressando a Pernambuco, foi confirmada esta nomeação para a conquista do Maranhão no poder dos francezes. Era tratado por capitão-mór, até mesmo por Diogo de Campos, que lhe foi dado por companheiro e chronista da expedição.

Passou por muitos trabalhos e soffrimentos nos caminhos da Parahyba para o norte, e nas muitas arribadas ao Rio Grande e Ceará, o que se acha descripto em Berredo, no *Jornal do Timon*, e nas obras do commendador A. J. de Mello.

Entrou afinal pela bahia de S. Marcos, fundeou quatro leguas antes da foz do rio Munim, fundou o arraial de Santa Maria no sitio da Guaxenduba, e seguiu-se uma longa serie de trabalhos gloriosos para a conquista do Maranhão, realisando seus dezejos em 3 de Novembro de 1615, vendo o inimigo invasor inteiramente derrotado por vergonhoso convenio. Foram seus companheiros de fadigas, com risco de vida, seus filhos e tres sobrinhos.

Ao sellar com sua assignatura a capitulação feita com o chefe francez inimigo Rivardière, lavrou Jeronymo de Albuquerque alvará por si mesmo, intitulando-se pela primeira vez—*Maranhão*.

Venceu em muitas batalhas os francezes, capitaneando um troço de tropas portuguezas e indigenas, de minguadas forças, minadas e disseminadas pela penuria, molestia e insubordinação, emquanto que os francezes eram á frente de tropas regulares, bem providas de todos os recursos para a guerra, e preparadas de antemão e com vagar para esses combates.

Jeronyno de Albuquerque expediu com as noticias felizes um portador para Pernambuco, e Diogo de Campos para Hespanha.

Não sendo approvado o feito pela côrte de Madrid, *foi pelo contrario extranhado severamente por serem as treguas concluidas com piratas*, determinando-se ao governador de Pernambuco que acabasse quanto antes com a conquista do Maranhão.

Foi mandado do Recife, como *general da guerra*, Alexandre de Moura. Jeronymo de Albuquerque, ferido em seu amor proprio, em vista de tal injustiça, esquecidos seus longos serviços, desprezada sua tão notavel experiencia, mostrou-se superior a todos os desgostos, e, usando de toda grandeza de sua nobre alma, resignou-se, sujeitou-se aos revezes da fortuna, e obedeceu.

Sob o commando de Moura aquartellou em 30 de Outubro junto á Fonte das Pedras, para perseguir o inimigo acastellado no Forte do Baluarte.

Em 2 de Novembro foi a capitania arrebatada da mão dos francezes. Nestas luctas todos os louros pertencem a Jeronymo de Albuquerque.

Felizmente o proprio Alexandre de Moura foi o primeiro a fazer justiça a Albuquerque, nomeando-o capitão-mór da conquista do Maranhão, que lhe tocava como propria, e dando a seu filho Antonio e a seu sobrinho Jeronymo commissões importantes.

Com a retirada de Moura para Pernambuco em 1616, Albuquerque volveu suas vistas para a fundação e edificação da capital, chamou á obediencia os indios da ilha de S. Luiz, mandou explorar as riquezas do Pindaré, por varias vezes soccorreu a cidade de Belem com munições de guerra, e de primeira necessidade á vida, e cuidou tanto da sorte dos indios, que collocou á frente delles como governador seu filho segundo, o capitão Mathias de Albuquerque.

A morte sorprendeu-o em 11 de Fevereiro de 1618. Entre o notorio merito de suas virtudes, resplandecia a da devoção da Virgem Purissima.

JOANNA ANGELICA

Natural da Bahia, abbadessa do mosteiro da Lapa escolhida por suas qualidades, e pela estima e acatamento que merecêra de suas irmãs.

A rivalidade dos partidos dos generaes Madeira e Manoel Pedro tocou a seu auge, e correu ás armas, quando chegou á Bahia a designação de Madeira, vinda de Lisboa, para servir de commandante das armas, em prejuizo da causa nacional, que via no exercicio daquelle posto pelo general Manoel Pedro o symbolo e a expressão do voto da junta provisoria, que então dirigia os destinos da provincia.

A guerra já não era com armas bellicosas; soldados grosseiros, estupidos e desenfreados, armados de alavancas, como salteadores, faziam saltar as portas, penetravam nos templos, roubavam as joias sagradas, violavam as casas, e levavam o desacato ao seio das virgens. As tripolações dos navios portuguezes vinham juntar-se á soldadesca, e ajudál-a nas maiores crueldades.

O grito tremendo e sacrilego—Aos conventos!—partiu d'entre elles, e voltaram seus olhos para o convento da Lapa. As virgens estavam prostradas ante os altares, dirigiam suas preces e rogos á nossa Mãe commum, cuja intervenção pediam pela causa da patria, quando as portas cahiram pedaços. Que de suasões não empregou a madre Joanna? A turba, rugindo como um leão, avançava ameaçadora.

Joanna Angelica fez ver que a passagem estava guardada pelo seu peito, e que não passariam além senão sobre o cadaver de uma mulher. Elles, surdos, avançando sempre, lhe atravessavam o peito com as bayonetas. A abbadeça cruzou os braços sobre o seio ensanguentado, como se apertasse contra elle a gloriosa palma do martyrio, alçou os olhos para o céo, e expirou com um sorriso nos labios.

O capellão do convento Daniel da Silva Lisboa, respeitavel pela sua idade e virtudes, acudiu ao conflicto, contemplava horrorisado o cadaver de uma santa no meio de tanta profanação, quando recebeu tambem a morte na ponta das bayonetas! As freiras fugiram espavoridas, buscando no convento da Soledade uma guarida contra aquelles monstros, que se embriagavam no saque! (*)

(*) Vide *Brasileiras Celebres*, do Sr. J. Norberto, Paris, 1862.

JOANNA DE GUSMÃO

Nasceu na cidade de Santos, da provincia de S. Paulo.

Era irmã do abalisado estadista Alexandre de Gusmão, e do famoso aeronauta Bartholomeu Lourenço.

Conjectura-se que nascêra em 1688, ignorando-se porém a época de seu casamento com um fazendeiro, que, segundo a tradição, gosava de honras militares.

Depois de uma grave molestia, indo ella á igreja de Nossa Senhora das Neves cumprir uma promessa, e lendo os differentes votos pendentes da parede, tal impressão fez no seu animo, que, de combinação com seu marido, prometteram ante a imagem santa que, como romeiro, iria peregrinar pelo mundo aquelle que sobrevivesse, deixando de passar a segundas nupcias.

Pouco tempo depois succumbiu seu marido de variola.

Joanna pagou ao morto o tributo da saudade e da religião, tomou o bordão de peregrino dos tempos biblicos, cingiu o cilicio sobre as carnes, amortalhou-se em um habito de burel pesado e negro, e fazendo pender do pescoço a imagem do Menino Deus, a pé caminhava pelos desertos, atravessava solidões, penetrava florestas, e assim chegou á provincia de Santa Catharina, onde demorou-se na freguezia da Lagôa.

Na capital da mesma provincia fundou um templo dedicado ao Menino Deus, que doou aos frades franciscanos.

Realisado este seu ardente dezejo, por 11 annos trajou o habito da ordem terceira da Penitencia, e dedicou-se como mãe caritativa e piedosa ao ensino e educação da infancia desvalida, até que, na noute de 15 de Novembro de 1780, contando 92 annos, expirou sobre pobrissimo leito, no meio daquelle povo, que muito a amava, e respeitava pelas suas virtudes.

Ao passar o enterro ouvia-se muitas vozes—E' a beata Joanna de Gusmão! E' a mulher santa!

JOÃO ALVES CARNEIRO (Dr.)

Nasceu no Rio de Janeiro a 18 de Outubro de 1776.

Seus paes, bastante pobres, deixaram-o bem cedo orphão e abandonado. Uma familia o amparou, mandou-lhe ensinar humanidades, e habilitou-o em breve para os estudos secundarios. João Alves começou a frequentar a escola medico-cirurgica, e sua applicação o tornaram amado de seus mestres, e respeitado de seus condiscipulos.

Obtendo diploma de cirurgião approvado, exerceu sua profissão no hospital da Misericordia, sendo nomeado cirurgião do banco.

No dezejo de aprofundar seus conhecimentos, embarcou para Lisboa; os mouros o aprisionaram, e o levaram á Asia. Depois de ter soffrido trabalhos e tormentos voltou a Lisboa. Saudades da patria, e de seus protectores o fizeram regressar para o Rio de Janeiro.

Entregou-se então exclusivamente á sua profissão, e seus conhecimentos, em breve, o tornaram o medico mais procurado. O seu diagnostico era sempre certo, e seguido pelos seus collegas, que o ouviam em conferencias.

Foi medico effectivo do hospital da ordem terceira do Carmo, renunciando depois esse logar para dal-o a seu amigo o Dr. Luiz Francisco Ferreira.

A sua caridade tornou-o o cirurgião mais popular do Rio de Janeiro, porque nunca se recusou a ir visitar o pobre, e o desvalido—ouvia todas as dores, e gemidos, e encontrava sempre remedio para os que soffriam—sua bolsa era dos pobres—o povo o venerava emfim.

Fundou a sociedade de medciina, da qual foi presidente por algum tempo, e constantemente membro de diversas commissões.

Nem á sua espoza dizia os beneficios que fazia;—e quando ella nisso lhe fallava, exclamava—São mais as vozes do que as nozes!

Indo visitar um doente no logar denominado—Lazareto—cahiu do cavallo, soffrendo grande pancada sobre a cabeça. Então disse: *Temo que desta pancada não m resulte algum mal no 7° dia.* O habil medico adevinhara No dia marcado appareceu-lhe uma contracção nervosa nos musculos do pescoço. Sua espoza assustada, perguntou-lhe o que soffria—João Alves respondeu risonho—*São novenas*—Desde então ficou no leito, do qual sahiu para ir dormir no tumulo a 18 de Novembro de 1837.

A consternação foi geral—os filhos da desgraça choravam seu protector, os pobres seu medico, e seu amigo, as familias desvalidas choravam seu pae. O carro funebre era acompanhado por 96 carruagens, e a Praia da Gamboa, onde morreu o medico, encheu-se de uma multidão afflicta e pezarosa. A academia de medicina tomou lucto por 15 dias.

Os ossos do finado existem no mosteiro de S. Bento em um bello tumulo, mandado preparar pela sua digna espoza.

Todos choraram o homem que soubera ser o apostolo da caridade—era S. João de Deus que ia para seu sepulchro.

JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

Natural do Maranhão, e formado em direito pela universidade de Coimbra. Foi presidente do banco do Rio de Janeiro, teve titulo de conselho, e falleceu ainda moço em 1855.

De Andarahy escrevia elle no leito de mortal doença a um seu amigó:

« Bem quizera terminar, mandando-lhe alguma flôr mimosa, colhida como por encanto no meio das vastas e monotonas campinas deste meu prosaico retiro. Mas apenas deparo com os ramos funebres do cypreste. .

. . . .

« Leia, pois, no meio das esperanças que lhe sorriem, estes tristes versos do desengano, e receba no grito do moribundo uma lembrança indelevel do amigo. E' a minha oração da manhã. »

Já no leito da morte legou-nos as seguintes bellas estrophes, cheias de harmonia, e repassadas de dôr e de tristeza :

Morrer tão moço ainda ! quando apenas
Começava a pagar á patria amada
Um escasso tributo, que devia
A seus doces extremos !

Morrer, tendo no peito tanta vida,
Tanta idéa na mente, tanto sonho,
Tanto afan de servil-a, caminhando
Ao futuro com ella!...

Se ao menos de meus filhos eu pudesse,
Educados por mim, legar-lhe o esforço...
Mas ah! que os deixo, tenras floresinhas,
A' mercê dos tufões!

Vencerão das paixões o insano embate?
Succumbirão na luta do egoismo?
As crenças, da virtude o sentimento
Quem lhes ha de inspirar?

Não te peço, meu Deus, mesquinhos gozos
Deste mundo illusorio; mas supplico,
Tempo de vida, quanto baste apenas
Para educar meus filhos.

E' curto o praso; dai-me embora o fel
Dos soffrimentos; sorverei contente;
Lucida a mente, macerai-me as carnes,
Estortegai meu corpo.

E apoz tranquillo volverei ao seio
Da eternidade. A fimbria de teu manto,
Face em terra, beijando—o meu destino
Ouvirei de teus labios.

JOÃO PEDRO MAYNARD

Brasileiro, dotado de uma memoria feliz, qualidade á que reunia o dom de improviso, tornando-se, como

diz o Sr. Joaquim Norberto, (*) o alvo e o encanto das sociedades, em que se achava, e amenisando sua conversação com sainetes, repentes e anecdotas, que inventava para entreter os espiritos.

A incuria de seus parentes deixou que se perdessem suas poesias.

Depois que se lhe amadureceu a idade, começou a reinar uma tal ou qual liberdade em suas palavras, que, de indecente, passou a cynica a linguagem de homem tão proeminente.

Dando-lhe uma senhora, para o embaraçar, o motte:

Não são nove as musas bellas,
Nem estão no Pindo as tres graças.

Maynard ainda com o chapéo na mão, ao entrar em uma sala de baile, e com os olhos fitos na encantadora moça, que lhe offerecia uma chavena de chá, com o motte foi pronunciando como por encanto estes versos:

No numero, meu bem, d'aquellas
Que habitam lá no Parnaso
Eras tu, e nesse caso
« Não são nove as musas bellas ».
Tu, meu bem, junto com ellas
O sacro licor nas taças
Aos poetas dás; não faças
Qu'eu fique sem estro aqui,
Se as graças estão em ti,
« Não estão no Pindo as tres graças ».

(*) *Rev. Pop.*, vol. XIV, 1862.

JOÃO VIEIRA DE CARVALHO

(MARQUEZ DE LAGES)

Tenente-general, grã-cruz da antiga ordem militar de S. Bento de Aviz, conselheiro de Estado e presidente do senado.

Nos primeiros assomos do patriotismo brasileiro pára a emancipação politica do Imperio, o marquez de Lages envidou esforços para o triumpho da liberdade e da civilisação. Ministro da guerra, levantou um exercito formidavel d'entre alguns officiaes ardentes em patriotismo. A lei das promoções em 1822, e a maior parte de toda a legislação militar, foi confeccionada pelo benemerito marquez, o protector dos militares, o amigo das lettras e dos conhecimentos scientificos na arte de combater e vencer. Attendeu e despachou a aptidão e o merito, apenas o reconhecia. Muitas vezes repetia o marquez: *Na minha longa carreira de ministro de Estado nunca fiz mal a pessoa alguma com conhecimento de assim haver praticado.*

Foi sepultado a 2 de Abril de 1847.

JOAQUIM IGNACIO DE SEIXAS BRANDÃO

Natural da provincia de Minas-Geraes, e pertencente a uma de suas mais honestas e illustres familias.

Estudou na universidade de Montpellier, e de volta á Lisboa foi nomeado medico das Caldas da Rainha. Por lusida reunião era sempre ouvido com interesse nos seus improvisos—e dotado de genio poetico ligou-se intimamente com Basilio da Gama, o autor do *Uruguay*.

Era parente da formosa D. Maria Joaquina Dorothea de Souza Brandão, que Gonzaga eternisára em seus versos.

JOAQUIM VELLOSO DE MIRANDA

Nasceu na provincia de Minas-Geraes. Formado em philosophia pela universidade de Coimbra, regeu na faculdade da mesma universidade algumas cadeiras de sciencias naturaes.

Regressando á sua provincia, deixando todas as vantagens pelas saudades da patria, foi encarregado pelo governo de colligir objectos de historia natural para o museu de Lisboa.

Miranda falleceu em Minas, em 1816 ou 1817, contando 80 annos de idade.

Foi a elle que o professor Domingos Vandelli dedicou o seu genero *Vellosia* na sua *Flora Lusitaniæ et Brasiliensis specimen*, e não a Fr. José Marianno da Conceição Velloso, como muita gente acredita.

JOSE' AFFONSO DE MORAES TORRES

Nasceu no Rio de Janeiro a 23 de Janeiro de 1805.

Em 1820 foi mandado para Minas-Geraes, e entrou no famoso collegio denominado — *Caraça* — que era dirigido pelos padres congregados da missão de S. Vicente de Paula, vindos de Portugal no reinado do Sr. D. João VI.

Tomando ordens, por se ter acendido em sua alma a vocação para o sacerdocio, e depois de concluir com subido louvor o seu curso theologico, sahiu em *missão*, e percorreu grande parte da provincia de Minas com outros padres congregados, fazendo ahi, e no pulpito, ampla colheita de ovelhas, e plantando boas doutrinas.

Passou da tribuna sagrada ao magisterio, ensinando philosophia e outras materias no collegio de Congonhas do Campo, uma das dependencias do Caraça — fez ahi discipulos que hoje são illustrações do Imperio. Nessa mesma localidade foi vigario collado.

Em 1840, vindo á Côrte visitar seus parentes, foi instado para entrar no concurso da freguezia de S. Francisco Xavier do Engenho Velho, e, nella effectivamente provido, a parochiou pouco tempo, porque recebeu a eleição de bispo do Pará, tendo 39 annos de idade, sendo confirmada sua eleição por bulla do Santo Padre Gregorio XVI de 23 de Janeiro de 1844.

Em ambas as freguezias foi pae, irmão e amigo de seus parochianos.

Chegado ao Pará, percorreu grande parte dessa provincia, e da do Amazonas, publicando um itinerario dessa viagem; reformou o seminario, creando novas aulas, e entre ellas a da lingua tupy.

Foi eleito deputado á assembléa geral pelo Amazonas quando se creou esta provincia.

Demasiados escrupulos em seus actos, antigos e longos padecimentos o fizeram impetrar da Santa Sé, em 1357. sua resignação ao bispado, que lhe foi concedida. Em 8 de Julho desse anno despediu-se da diocese, e a 12 retirou-se para o Rio de Janeiro.

Foi pedir asylo e trabalho no excellente collegio de S. Pedro de Alcantara, no Rio de Janeiro, e nelle leccionou historia, latim e outras materias, sendo pelos directores collocado na presidencia do mesmo.

A morte de seu amigo e conselheiro, o bispo conde de Irajá, causou-lhe pezar profundo, augmentaram-se seus incommodos physicos e moráes. Não achou allivio nem

no clima de Petropolis, nem nas aguas virtuosas da provincia de Minas, aonde falleceu em 25 de Novembro de 1865.

Foi examinador synodal da diocese do Rio de Janeiro, commendador de Christo, membro de algumas sociedades litterarias e scientificas do paiz e da Europa. Escreveu dous livros de experimentada utilidade. Um *Compendio de philosophia racional*, publicado em 1852 no Pará, e *Lições de eloquencia*, extrahidas da obra de Francisco Freyre de Carvalho, impressas em 1851 na mesma provincia.

JOSE' BASILIO DE SOUZA

No seculo passado nasceu em Santa Luiza do Sabará. Era de côr parda, de estatura ordinaria e musculoso.

Em 1775 foi obrigado a assignar termo de despejo para fóra da comarca, por ser suspeito ao intendente João da Costa Dantas de Mendonça como contrabandista e não ter officio.

Tendo licença para vir rezidir no districto algum tempo depois, foi obrigado a assignar segundo termo por se repetirem as mesmas suspeitas.

Sem recursos, entregou-se á vida de *garimpeiro*, voltando ao districto, sem temor das rigorosas penas, em que ia incorrer por infracção do termo.

Em 1780 ia ser condemnado a dez annos de degredo, quando fugiu, comprando seu carcereiro por meia oitava de diamantes.

Reunido a dez companheiros valentes, em 1784, foi preso terceira vez, e condemnado a trabalhar como galé, depois de um combate com uma companhia de dragões.

Continuou no contrabando de diamantes, apezar de toda a vigilancia.

Havendo recebido de seus protectores quatro limas' uma verruma e uma faca, alta noute, quando dormia a tropa, elle e seu companheiro de grilheta cortaram as pêas, lançaram fogo ás rancharias, e a nado pelo Jequitinhonha alcançaram a margem opposta, cheia de altos rochedos talhados a pique, e atracaram-se aos ramos das arvores.

Já se consideravam salvos, quando dous tiros de bala o desprendeu da arvore, em que estava agarrado, estalou e quebrou-se esta, e lá foi José Basilio para o fundo do rio, preso ao cadaver de seu companheiro.

Sem perder a coragem foi arrojado pela torrente a um rochedo, limou a corrente de seu infeliz companheiro, e seguindo rio abaixo foi ter á serrá da Barra do Rio Manso, onde morava um seu parente ferreiro, e com o ferro da corrente fez dous almocafres, e uma alavanca, e começou de novo a vida de garimpeiro.

Em 1791 foi, depois de mortalmente ferido, preso, processado e condemnado a dous annos de degredo em Angola. (*)

JOSE' CLEMENTE PEREIRA

Nasceu a 17 de Fevereiro de 1787 no logar de Adem, villa de Castello-Mendo, comarca de Trancoso, bispado do Pinhel em Portugal.

(*) Vide *Almanak de Lembranças brasileiras*, 1858, Maranhão.

Seus paes, José Gonçalves e D. Maria Pereira, confiaram sua educação litteraria a um tio sacerdote, o qual habilitou-o nos preparatorios necessarios para matricular-se na universidade de Coimbra, onde obteve o gráo em direito e canones.

No tempo da invasão dos francezes na Peninsula, José Clemente alistou-se no batalhão academico que então organisou-se em Portugal,e de que foi commandante José Bonifacio de Andrada e Silva.

Na carreira das armas não tardou muito que sua coragem e aptidão o tornassem conhecido muito vantajosamente, pelo que foi elevado a capitão e commandante de uma das guerrilhas que mais damno causou ás armas francezas.

De Portugal passou a atacar os francezes em Hespanha, debaixo das ordens do duque Wellington, fazendo parte do famoso exercito anglo-luso, que tanto concorreu para a primeira queda do Imperio, dando em suas armas o mais terrivel golpe, e obrigando-os á evacuação da peninsula com grandes perdas e innumeras derrotas.

Nesse exercito militou por muito tempo ; viu com a espada na mão a abdicação de Fontainebleau, e ouviu de sua patria o echo da queda inesperada do mais assombroso astro do seculo.

Já não era preciso pelejar. A paz universal tinha tornado inutil a espada do joven guerreiro. José Clemente deixa a Europa em 1815 e vem para o Brasil começar uma nova carreira, em que tantos louros e tanta gloria o esperavam.

Desconhecido na segunda patria que abraçou, viu-se obrigado a recorrer á advocacia para viver, e assim passou até 1819, tempo em que, graças ao seu merito e reputação adquirida, foi nomeado juiz de fóra, encarregado de crear a villa da Praia-Grande, hoje cidade de Nictheroy; que com effeito creou, alinhando e medindo com suas proprias mãos ruas e praças, e edificando uma capella que servisse de matriz e que já não existe.

Além disto, abasteceu d'agua a nova villa, e tantos outros serviços lhe prestou, que a camara municipal, reconhecida, dedicou-lhe em 1840 uma rua que denominou de S. José.

Com verdadeiro enthusiasmo recebeu, a 26 de Fevereiro de 1821, a noticia de que o povo se reunia para jurar fidelidade á constituição que as côrtes estavam fazendo, e, sem perda de tempo, reuniu a camara de Maricá, onde se achava, fel-a prestar e tomar juramento, e ordenou luminarias, *Te-Deum* e outras publicas manifestações de regosijo popular, de que elle mesmo estava sinceramente possuido.

A 30 de Maio desse anno entrou no exercicio do logar de juiz de fóra da Côrte, e por esse tempo foi eleito presidente da camara municipal da qual recebeu, assignado por seus collegas, um documento em que manifestavam admiração e reconhecimento pela energia e coragem admiraveis que desenvolveu no dia 5 de Junho, oppondo-se destemidamente aos officiaes dos batalhões portuguezes que, insurgidos e armados no largo do Rocio, queriam que se jurasse a constituição portugueza, e se désse ao principe D. Pedro uma junta de nove membros que

assistissem a seus despachos, o que era coagil-o a fazer exclusivamente o que fosse da vontade de Avilez.

Ainda como presidente da camara foi elle quem suscitou a idéa e levou á execução a celebre representação de 9 de Janeiro de 1822, e possuido de amor e santo zelo pela causa de sua nova patria, penetrou acompanhado de seus collegas no palacio de Bobadella, onde encontrou o principe, que devia mais tarde ser o primeiro Imperador brasileiro, recostado ao throno de seu pae. Alli fallou-lhe com tanta força e eloquencia dos perigos imminentes a Portugal e ao Brasil se Sua Alteza Real partisse como exigiam e urgiam os portuguezes, que este, tocado de suas razões, accedeu aos dezejos ardentes do povo brasileiro, e deixou escapar de seus labios esse famoso — FICO — que foi o *fiat-lux*, a aurora venturosa de uma nova éra de esperanças para o Brasil.

Nesse dia escreveu-se no livro das leis eternas o facto mais tarde realisado de nossa independencia, e José Clemente, que foi um dos mais ardentes corypheus dessa causa santa e gloriosa, é, sómente por este, quando mesmo outros titulos não tivesse, credor do nosso profundo e eterno reconhecimento; tanto mais que essa sua dedicação no momento em que Portugal mais se empenhava em recalcar a cabeça do gigante que ensaiava esse brado de morte, que lhe queriam sopitar antes que reboasse em todos os angulos do mundo, attrahiu-lhe o odio e a vingança portugueza, que não eram por certo mui faceis de affrontar sem riscos e perigos, e que muito o fizeram soffrer.

Dado aquelle primeiro passo, José Clemente não soube mais descansar. Na Côrte trabalhava com empenho e sofreguidão, já propondo ao principe a reunião de uma assembléa geral das provincias do Brasil, já animando-o e incutindo-lhe a idéa de lançar a primeira pedra fundamental no Imperio da Santa Cruz; e fóra da Côrte communicava-se com muitos independentes como o coronel Fontoura em Montevidéo, e outros em varias provincias, merecendo por tudo isto uma portaria do principe D. Pedro, em que lhe fazia ver o dezejo que tinha de que não se aproveitasse elle de uma licença, que como juiz de fóra tinha alcançado, porque Sua Alteza, em vista de seu patriotismo e dedicação, não podia prescindir de seus valiosos serviços.

O Ypiranga ouviu soar esse brado glorioso de um principe magnanimo que deixa a patria e um throno fortalecido por muitos seculos, por um povo a quem ama e a quem quer dar a mão.

O Brasil não é mais uma pobre colonia, o riso de satisfação que se debuxa em todos os semblantes, e a legenda *Independencia ou Morte*, que se lê nos laços que trazem todos os individuos, dão prova ao mundo que chegou o dia de levantar-se gigante o Imperio americano. Resta sómente acclamar Imperador o principe que por nós tudo sacrificou, e confeccionar uma constituição que sirva de base a seu governo; e é ainda José Clemente quem dirige a famosa circular de 17 de Setembro de 1822, em que se exige um juramento prévio de manter e defender a constituição tal nol-a désse a assembléa constituinte e legislativa. Mas assim como seus serviços a Portugal prestados em sua mocidade foram depreciados e esquecidos, assim tudo o que fêz

pelo Brasil foi interpretado e commentado por seus inimigos, de modo que viu-se José Bonifacio na portaria de 11 de Novembro tratal-o e a seus amigos de facção occulta e tenebrosa, de furiosos demagogos e anarchistas que ousavam temerarios com o maior machiavelismo calumniar a indubitavel constitucionalidade do Imperador e de seus mais fieis ministros. Mudou José Clemente de idéas, ou foi mal julgado?

Seja como fôr, na devassa que se seguiu á deportação, foram pronunciados por demagogos José Clemente, e muitos de seus partidarios mais notaveis; mas este homem que foi desterrado por demagogo recebe a 17 de Fevereiro de 1822 a dignataria do Cruzeiro juntamente com Labatut, general da independencia, sendo essa a segunda vez que se distribuiu aquella condecoração.

Nas primeiras eleições para deputado, foi eleito pelo Rio, por S. Paulo e por Minas, e por esse tempo foi pelo Imperador elevado a intendente geral da policia, e depois chamado para o minsterio, em que, conciliando as funcções de ministro e de intendente, prestou ao Rio de Janeiro relevantes serviços.

O codigo criminal que hoje nos rege é obra sua, refundida por Bernardo Pereira de Vasconcellos.

A provincia do Pará considerou-o digno de represental-a na camara dos senadores, e mandou seu nome na lista triplice para um dos logares daquella corporação. Sendo escolhido pela Corôa, tomou assento entre os anciãos da patria, e sustentou sempre alli o prestigio de seu nome.

Agora acompanhe-se o illustre brasileiro em outra phase de sua vida, e ver-se-ha que o homem politico, que tanto pugnou pela independencia do Brasil, em nada avulta mais que o homem da caridade que concebeu o plano e realizou a construcção dos dous mais bellos e mais uteis edificios desta Côrte, onde o pobre que soffre do corpo e o que soffre do espirito, acham remedio e cura para seus males.

Com effeito, José Clemente Pereira deputado geral, senador do Imperio, ministro da justiça e duas vezes da guerra, não vale mais, e talvez nem tanto quanto José Clemente, provedor e fundador dos hospitaes da Misericordia e Pedro II, que rivalisam com os primeiros do mundo, e são elles mesmos em seu genero os primeiros da America.

Na construcção e direcção desses hospitaes não poupou o provedor cousa alguma que pudesse ser util á humanidade pobre, a quem dedicara os ultimos quinze annos de sua vida. Consultou a Academia de Medicina sobre o local, procurou para dirigir o serviço sanitario das enfermarias os medicos e cirurgiões mais notaveis, e conhecendo os grandes serviços que na Europa prestam as irmãs de caridade de S. Vicente de Paula, chamou-as ao Brasil e proveu dellas os seus dous hospitaes.

O Rio de Janeiro lhe deve nessas duas obras monumentaes que levarão á mais remota posteridade o nome e a gloria de José Clemente, uma divida de coração que não lhe póde pagar, porque a caridade é de Deus, e só Elle tem o poder de remunerar aquelles que sacrificam a vida do mundo por essa, a mais sublime das virtudes.

Este grande homem, este grande vulto deixou a peregrinação da vida em 1854, no meio de lagrimas e benções de uma população de infelizes, que perderam nelle um pae sempre solicito em minorar-lhes os soffrimentos e as miserias.

O Sr. D. Pedro I nomeou-o desembargador, dignatario do Cruzeiro, intendente da policia, ministro do Imperio, grande dignatario da ordem da Rosa, e occupou-o em mais duas repartições ministeriaes.

O Sr. D. Pedro II nomeou-o ministro da guerra em 23 de Março de 1841, senador em 31 de Dezembro de 1842, conselheiro de Estado em 14 de Setembro de 1850, e primeiro presidente do tribunal do commercio em 4 de Setembro do mesmo anno.

Foi eleito deputado á assembléa geral por Minas, e S. Paulo, e quatro vezes pelo Rio de Janeiro, senador por Alagôas uma vez, duas pelo Rio de Janeiro e uma pelo Pará por onde foi escolhido.

Emfim, e como a prova mais saliente de seu merecimento pessoal e de suas virtudes, recebeu José Clemente do Sr. D. Pedro II a maior honra que um monarcha póde despender com um subdito. Sua Magestade mandou elevar-lhe uma estatua no Hospicio de Pedro II, defronte da sua que occupa uma das salas daquelle grande edificio.

JOSE' DA COSTA AZEVEDO (Fr.) (*)

Nasceu no Rio de Janeiro a 16 de Setembro de 1763 no seio de pobre e honesta familia.

(*) O retrato deste naturalista encontra-se na *Revista popular*, vol. 7º, 1860.

Foi o primeiro director do museu, e lente de mineralogia da academia militar.

Estudou o curso de preparatorios no collegio dos nobres em Lisboa, frequentou em Coimbra a faculdade de theologia, e pouco depois leccionava esta materia na ordem de S. Francisco, cujo instituto abraçára.

Estudou sciencias naturaes, e com proveito tal que foi chamado pelo governo para reger uma cadeira desta sciencia em Lisboa, e distinguiu-se de tal sorte, que, passado pouco tempo, seu nome foi inscripto como socio correspondente da academia real das sciencias.

Sendo eleito bispo de Pernambuco o padre-mestre Azeredo Coutinho, obteve licença do governo para trazer comsigo Fr. José, a quem encarregou da fundação do seminario da diocese, onde dirigiu as aulas de philosophia e rethorica, e foi dahi que o conde de Linhares o tirou para a escola militar.

Falleceu em 7 de Novembro de 1822.

Escreveu uma *Memoria sobre a salubridade dos ares de Olinda*, e muitas outras, que nunca foram impressas, lamentando Adriano Balbi no *Ensaio Estatistico* do Reino de Portugal que nunca vissem a luz da publicidade os seus *Elementos de mineralogia.*

JOSE' DA NATIVIDADE SALDANHA (Dr.)

Nasceu em 1797 em Pernambuco; era de côr parda escura, filho natural do padre Saldanha, parocho da freguezia de Serinhaem.

Depois das primeiras lettras deu-se á arte de musica, e chegou a tocar um instrumento de sopro.

Seu pae fel-o estudar latim, e humanidades em Pernambuco e mandou-o depois para a universidade de Coimbra, onde foi formado *in utroque jure*, mostrando sempre talento não vulgar.

Voltando á patria assentou banca de advogado, onde era muito procurado, mormente para as causas de commercio.

No meio deste pacifico trabalho achou-o a revolução que houve em 1824 em Pernambuco, cujo chefe Manoel de Carvalho Paes de Andrade o nomeou seu secretario.

De maneiras faceis e genio persuasivo, ouvido sempre com attenção, evitou muitos excessos, a que em taes emergencias, buscam entregar-se os caracteres cegos, e exaltados.

O chefe da revolta emigrou para Londres, e abandonou o seu secretario á sorte. Este, depois de mil trabalhos e perigos, pôde emigrar para a Inglaterra em demanda de Paes de Andrade, o qual persuadiu-o a ir para Paris, onde se achavam estudando muitos pernambucanos, que o acolheram, repartindo com elle as mezadas que recebiam de suas familias.

Um dia que menos esperava, recebeu Saldanha ordem para deixar a França sem demora ; e como lhe faltavam todos os meios para transportar-se, e tivesse portanto demora em executar aquelle preceito, apezar da resignação e paciencia, com que recebeu a intimação, foi necessario que os seus protectores e comprovincianos o auxiliassem, para evitar as perseguições dos agentes e esbirros da policia, que queriam —logo e logo a sua ausencia.

Chegando á Inglaterra procurou outra vez Manoel de Carvalho, que o influiu a procurar os Estados-Unidos, e de lá o Mexico ou a Columbia, onde o general Bolivar recebia todos os estrangeiros que se queriam alistar no exercito. Embarcou para New-York, e, ao chegar, encontrou alguns amigos, emigrados como elle, da revolução de Pernambuco, com os quaes foi habitar no mesmo hotel. Não havia ainda descançado das fadigas dos vinte e cinco dias de viagem em barco de vella, quando é de novo incommodado, não pela policia de Paris, mas pelo capricho de alguns norte-americanos, que, na occasião de jantar (eram 18), se levantaram todos, abandonando a mesa, e logo o dono do hotel, chegando-se a Saldanha, disse-lhe — Sr., queira retirar-se da mesa, porque do contrario teria grande prejuizo em perder os meus freguezes, que não querem sentar-se a par de um homem que tem origem africana. (*) Em vão os outros asseveraram ao dono do hotel, que o Dr. Saldanha era livre, e que a sua illustração, apezar da côr, o tornava uma entidade saliente em Pernambuco. A nada quiz o homem atten-

---

(*) Muita gente exalta a vida que se leva nos Estados-Unidos, e eleva a forma de seus costumes, e de suas leis. Não ha muito tempo escreveu o Sr. D. Pascoal na sua interessante critica á viagem de Mansfield pelo Brasil :

« O homem de côr, brasileiro, sabe que nos Estados-Unidos é expulso dos theatros, das reuniões publicas, dos omnibus, e até dos templos de Deus, que não faz distincção de pessoas ; e doutrinado pela amarga experiencia, não acredita nas palavras dos negrophilos, e sim nos factos dos Ibero-Americanos.»

Mais adiante accrescenta :

« Um jornal dos Estados-Unidos, echo dos mais diarios da União, traz o seguinte trecho :

« As 500,000 pessoas livres de côr, disseminadas nos Estados-Unidos, se acham pouco mais ou menos na desgraçada condição

der, declarando que apezar de reconhecer que era um mero prejuizo de seus compatriotas, via-se obrigado a condescender com elles. Os pernambucanos foram então jantar em um dos quartos da casa com seu comprovinciano, e assim continuaram emquanto esteve alli o Dr. Saldanha, que, depois de alguns dias, passou á capital do Mexico em companhia do padre Venancio Henriques de Rezende. Acabrunhado com o peso das maguas e desgostos, deu-se ao uso das bebidas alcoholicas, que o levaram a diversas molestias, e por fim á morte.

Era um dos poetas brasileiros que mais natural se mostrava. Em bellas odes pyndaricas cantou os heroes pernambucanos, que se distinguiram na guerra da invasão hollandeza, e dedicou aos amantes do Brasil as poesias que imprimiu em Coimbra.

D. JOSE' DE ASSIS MASCARENHAS

Nasceu na cidade de Goyaz a 4 de Junho de 1805.

Contava, pois, 63 annos, 4 mezes e 1 dia de idade quando falleceu, e era o filho mais velho do finado marquez de S. João de Palma.

dos peixes voadores de Florian, que são devorados pelas aves aquaticas, se se elevam sobre a superficie das ondas, ou pelas douradas, se ficam no mar.

« Nos Estados do Sul são ameaçados estes desgraçados negros de serem reduzidos de novo á escravidão, se não se afastarem quanto antes daquelle territorio; nos Estados do Norte, muitas legislaturas teem decretado leis, prohibindo-lhes que se estabeleçam em seus Estados. De sorte que perseguidos por uns, e repellidos por outros, estes desgraçados não teem outro recurso que vir misturar-se com as fezes da população das grandes cidades, ou irem se estabelecer debaixo de um céo demasiadamente rigoroso para sua raça no Alto Canadá, onde as populações brancas começam por outro lado a miral-os com mui máos olhos. »

Cursou a universidade de Coimbra, a qual conferiu-lhe em 1828 o grão de formatura *in utroque jure*, e chegado ao Brasil, Sr. D. José de Assis Mascarenhas foi nomeado secretario do supremo tribunal de justiça, que no mesmo anno fôra instituido, tendo sido elle o primeiro a exercer tão honroso logar.

Dedicando-se á carreira da magistratura foi o Sr. D. José nomeado ouvidor da comarca de Goyaz, para onde partiu, tomando alli posse a 25 de Abril de 1832, continuando como juiz de direito, denominação que depois foi dada aos antigos ouvidores.

Presidiu a provincia de Goyaz desde 1838 até 1844.

Em 1842 teve de desenvolver muita energia para conter a exaltação a que os animos tinham alli attingido; mas o Sr. D. José soube conciliar então os dictames de sua consciencia com os principios de humanidade, e não faltando áquelles, nem esquecendo estes, soube captar as attenções e a estima daquelles cujos excessos combatia.

Foi representante da nação na camara temporaria pela provincia de Goyaz, e no fim de tres legislaturas entregou-se á vida de magistrado exclusivamente.

Em Julho de 1844 tomou posse de um logar de desembargador na relação do Maranhão, e em 12 de Setembro de 1846 começou a ter exercicio na relação do Rio de Janeiro, onde conservou-se até que a 10 de Março de 1866 entrou em exercicio no supremo tribunal de justiça.

Teve duas filhas que legitimou; uma falleceu, e a outra é casada com o Sr. Dr. D. Nuno Eugenio de Locio.

Do seu consorcio com a Exma. Sra. D. Adelaide Duque-Estrada Meyer, o Sr. D. José não teve filhos.

Era gentil homem da imperial casa, commendador da ordem de Christo e official da imperial ordem da Rosa, e, como ministro do supremo tribunal de justiça, tinha o titulo de conselho.

Em testamento, datado de 1861, o Sr. D. José nomeou seus testamenteiros a sua esposa e a seus irmãos os Srs. D. Manoel e D. Luiz de Assis Mascarenhas, na ordem em que vão, e recommendou-lhes muito que nem um convite, nem participação official se fizesse para seu enterramento, que deveria ser realisado com toda a modestia, e nos ultimos instantes de vida não cessava de renovar essa recommendação.

Todos que o trataram conheceram sempre no Sr. D. José de Assis Mascarenhas um bello caracter e muita jovialidade.

Como magistrado, reunia á intelligencia esclarecida a maior probidade.

Não legou bens da fortuna.

JOSE' DE SANTA RITA DURÃO (Fr.)

Nasceu no arraial da Cata-Preta, da provincia de Minas-Geraes. Não se sabe ao certo a data de seu nascimento, mas conjectura-se que houvesse logar pelos annos de 1718 a 1720.

Foi eremita Augustiniano (1738), doutor em theologia pela universidade de Coimbra, cuja formatura recebeu em 1756, e percorreu a Hespanha e a Italia, gastando 18 annos nestas viagens, sendo a causa de sua sahida, de Portugal, senão expatriação, o comprometimento

que adquiriu, pulverisando uma pastoral fulminante contra os jesuitas, que publicou em 1758 o bispo de Leiria, mais tarde cardeal da Cunha.

Na Hespanha esteve preso como suspeito de ser espia, quando rebentou a guerra do pacto de familia; e sendo solto, depois de assignada a paz de Paris a 10 de Fevereiro de 1763, passou-se de lá á Italia, onde se conservou até regressar a Portugal.

Distinguiu-se na predica, sendo magnifico o sermão, que em 1758 prégou na Sé de Leiria, em acção de graças por haver D. José escapado com vida dos tiros contra elle disparados em 3 de Setembro do mesmo anno.

Em 1777 abrindo-se o curso lectivo da universidade de Coimbra, é Durão quem pronuncia em latim a oração —*De sapientia*— prendendo a attenção de muitos notaveis circumstantes.

Em Portugal viveu poucos annos, depois de seu regresso, nos quaes concluiu e publicou em 1781 o seu afamado poema—*Caramurú*.

Foi Durão o fundador de uma nova escola, introduzindo em seu poema a côr local, essencialmente brasileira, e dando de mão aos deuses da fabula. Garrett, Costa Silva, e outros, tecem muitos elogios a Durão, dizendo J. A. de Macedo a respeito delle—*homem a quem só faltava a antiguidade para ser reputado grande*. (*)

JOSE' DE SOUZA PIZARRO E ARAUJO

Nasceu no Rio de Janeiro a 12 de Setembro de 1753.

Depois de haver cursado as melhores escolas do Rio de Janeiro, mostrando sempre fervoroso amor ás lettras,

---

(*) Vide *Curso de Litt. Bras.*, de Sotero, 4º vol., Maranhão, 1868.

foi mandado por seus paes á Coimbra, em cuja universidade tomou o gráo de bacharel em canones. Quando se dispunha a voltar á patria, recebeu a infausta noticia do fallecimento de seu pae o coronel Luiz Manoel de Azevedo Carneiro da Cunha, abandonou todo o futuro, que augurava na vida civil, e tomou ordens, convertendo-se em ministro do altar.

Conservou-se até 1781 em Portugal, e dahi regressou para o Rio de Janeiro, afim de occupar o canonicato da antiga Sé, em que foi apresentado por carta regia de 20 de Outubro de 1780.

Entrou para a *Arcadia* instituida sob a protecção do penultimo vice-rei, e, quando a dissolveu o conde de Rezende, soffreu perseguições miseraveis, escapando porém á sorte de outros litteratos, seus consocios, que foram presos.

Autorisado pelo bispo para visitar as igrejas e comarcas do bispado, conservou-se alguns annos em viagens interiores fóra do Rio de Janeiro. Nessas visitas encontrou materiaes immensos e documentos curiosos, que lhe ministraram esclarecimentos importantes para as suas *Memorias historicas das capitanias do Brasil* compostas de nove volumes, publicadas de 1820 a 1822.

Em 1801 foi á Lisboa, obtendo do principe regente a nomeação de conego da igreja patriarchal, e neste emprego conservou-se até a invasão dos Francezes, facto que obrigou-o a passar ao Brasil, como obrigou a côrte portugueza a abandonar Portugal. No Rio de Janeiro residiu até o fim de sua existencia, tendo exercido o emprego de procurador geral das tres ordens militares, presbytero com o titulo de thesoureiro-mór e arcypreste da real capella do Rio de Janeiro, e deputado da

mesa da consciencia e ordens, obtendo conjunctamente o titulo do conselho de Sua Magestade.

Foi deputado á assembléa geral, acclamado e escolhido presidente da camara nas primeiras eleições, filhas da constituição de 1824.

Em 1828 obteve uma aposentadoria no logar de conselheiro do supremo tribunal de justiça, e dispensa do exercicio da capella imperial, retirando-se para fóra da capital, entregando ao repouso seu corpo e seu espirito.

Passeiando pelo Jardim Botanico da lagôa de Rodrigo de Freitas a 14 de Maio de 1830, foi atacado de uma apoplexia fulminante, que instantaneamente o matou.

JOSE' ELOY OTTONI

Nasceu no Serro, da provincia de Minas-Geraes, em 1° de Dezembro de 1764.

Foi um dos mais eloquentes poetas brasileiros, politico e amoroso quando joven, e religioso em sua velhice. Primou na traducção dos *Proverbios de Salomão*, e no poema biblico *Job*, deixou-nos muitas composições eroticas, que escaparam ás chammas, a que votara a maior parte dellas, nos ultimos dias de sua existencia. Segundo as expressões do Sr. Pinheiro Guimarães, o traductor de *Byron*, nunca houve poeta mais terno.

As vicissitudes de sua longa existencia não ficaram sepultadas no olvido, graças á penna do Sr. Theophilo Ottoni, parente do poeta e herdeiro de seus escriptos.

Falleceu em 3 de Outubro de 1851.

JOSE' GONÇALVES FRAGA

Natural da provincia do Espirito-Santo, onde serviu o logar de promotor fiscal, e outros de fazenda na thesouraria geral da mesma provincia.

Aprendeu primeiras lettras, e mal a lingua latina, unicas aulas que existiam na capital da provincia, em que nascera. De vocação natural para a poesia, cultivou-a com esmero, tendo sido condemnados ás chammas muitos de seus trabalhos, e correndo os que se poderam salvar, na 1ª e 2ª series do *Jardim poetico*, collecção de poesias antigas e modernas de autores espirito-santenses, que publicámos em 1856 e 1861.

Occupou-se de traduzir em verso a *Eneida*, de Virgilio, compoz dramas, um poema satyrico, intitulado a—*Bandocada*— historiando extensamente a administração do vice-presidente padre Manoel de Assumpção Pereira, e emendou os grosseiros erros do poema sacro *A Penha*, que sè attribue ao espirito-santense João Rodrigues, e outros a Domingos de Caldas.

Falleceu em Fevereiro de 1855, contando idade maior de 40 annos.

A pedido do Sr. Manoel Siqueira e Sá, em 1837, compoz elle uma elegia ao passamento do distincto brasileiro Evaristo Ferreira da Veiga, a qual foi posta entre as peças, que formaram uma collecção de escriptos, allusivos a esse triste acontecimento, publicada por aquelle tempo. Eil-a:

Agora, que de Phebo no occidente,
Ha muito os igneos raios se apagaram,
E a noute occupa o vacuo espaço ingente;

Agora, que a piar já começaram
Nocturnas aves, mochos lamentosos,
E em torno a mim, carpindo, repousaram;

Que por entre o silencio, pavorosos
Phantasmas vagam, diffundindo horrores
Aos mortaes infelizes, desditosos;

E já cançado o mar de seus furores,
Resona adormecido; e as montanhas
Cobrem sombrias, verde—negras côres;

Agora, emfim, que a gruta das peanhas
Gotejam, titilando; e tu, tristeza,
Os olhos do infeliz de pranto banhas;

Vem dar,—Musa, expansão á natureza;
Que o teu lamento, o luto, a dôr infesta.
Possam desabafar-se com franqueza.

Qu' estancia p'ra carpir tão propria é esta!
O tugurio na encosta d'alto monte,
D'altas arvores cercado, e de floresta!...

Despojos de mortaes alli defronte!...
Ah! golpe infausto! Melpomene agora
A causa desta dôr fiel nos conte.

Evaristo morreu!... ah! tudo chora!
O rico, o pobre, o grande e o pequeno;
E mais que todos o Brasil deplora.

Na flôr dos annos seus, do tempo ameno,
Quando da patria o bem delle pendia,
Chamou-o para si o céo sereno.

Distincto brasileiro, que valia
O Brasilico Imperio, que o sustinha
Livre do despotismo e de anarchia,

Honrado patriota, que convinha
Mais ao Brasil que á Grecia seus luzeiros,
E quantos sabios Roma altiva tinha;

Exemplar dos eximios brasileiros,
Da virtude exemplar, douto, eloquente,
Philosopho dos grandes e primeiros!

Alma dotada de constancia ingente,
Que em defeza das leis, da patria, e Estado
Deixava, ouvindo-o, extasiada a gente!...

Heroe sublime, invicto deputado,
Que com nobre eloquencia convencia
O terso coração e o refalsado;

Orador fluminense, que excedia
Aos Ciceros, Demosthenes antigos,
A' cuja voz o Imperio obedecia!...

Ah! sim: morreu! Desfazem-se os amigos
De lagrimas em rios caudalosos!
E até mesmo seus proprios inimigos!

E que sentidos ais tão dolorosos
Arrancam sem cessar do peito afflicto
A consorte, e filhinhos desditosos!

Ah! Alecto voraz, monstro maldito!
Como ousaste extorquir na flôr da idade
A vida ao virtuoso heroe invicto?

Os seus filhos existem na orphandade,
Innocentes filhinhos!... Ah! tyranno!
Quem educal-os, qual seu pae os hade?

Quem? Mas ah! não, não póde um peito humano
Memorias, sensações tão penetrantes
Recordar, e nem mesmo um tigre hircano,

Que á força de martyrios tão tocantes
Não desfalleça, de chorar não morra,
Pungido de amarguras tão possantes.

Mas ah! depara os céos quem os soccorra;
No tio seu, o céo um pae depara,
Que com todo o preciso lhes occorra;

Embora um monstro de fereza ignara,
Que ao morto deve todo o seu emprego,
Lhes falte qual ao pae tambem faltára;

No seu tio acharão propicio achego,
Que ampare a viuvez, a orphandade,
Sem ao monstro occupar de ambição cégo.

Emquanto o pae, perante a Magestade,
Que os seres predomina, amparo alcança
Da sua santa, immensa, alta bondade.

Pois lá no Olympo ethereo, onde descança,
Não se esquece de vós, filhos, consorte,
E nem de orar ao Eterno cança.

Herdai-lhe emfim a alma justa e forte
Para soffrerdes pena tão tyranna,
Que vos causou do pae, do esposo a morte.

Elle vive na côrte soberana
Entre sabios, heroes, ledo habitando:
E tu, Brasil, oh! patria, o vês ufana
Astro novo entre os astros scintillando.

JOÃO JOAQUIM DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO

Na cidade de Campos dos Goytaczaes, hoje pertencente á provincia do Rio de Janeiro, viu a luz em 8 de Setembro de 1742, sendo seu pae Sebastião da Cunha Real Coutinho, casado com D. Isabel Salustiana Rosa de Moraes. Sendo de compleição doentia e fragil, seu pae mandou-o, na idade de 20 annos, viajar por Minas e S. Paulo, indo cursar as aulas da universidade de Coimbra por fallecimento de seus progenitores.

Formado em direito canonico, a vasta nomeada de seu saber, e a sua vida exemplar adquiriu-lhe a cadeira de arcediago da cathedral do Rio de Janeiro, e depois a de deputado do santo officio de Lisboa.

A respeito de espinhosas questões economicas e politicas escreveu importantes *Memorias* na qualidade de socio da academia real de sciencias de Lisboa, com o que adquiriu gloria em sua terra e na extranha.

Em 1749 foi eleito bispo de Pernambuco, e quando partiu para a sua diocese, foi nomeado director geral dos estudos, governador interino da capitania de Pernambuco e presidente da junta da fazenda.

Em 1802 foi transferido para o bispado de Miranda e Bragança, e quatro annos depois para o de Elvas, onde em 1807 fez valiosos serviços por occasião da invasão

dos exercitos francezes, commandados pelo general Junot.

Em 22 de Janeiro de 1818 foi removido para a diocese de Beja, uma das mais rendosas de Portugal, o que não aceitou pelo amor que tinha a seu rebanho

Foi o primeiro deputado eleito pelo Rio de Janeiro para as côrtes portuguezas, onde tomou assento em 10 de Setembro de 1821, e falleceu d'ahi a dous dias repentinamente !

JOSÉ JOAQUIM DA MAIA

Nasceu no Rio de Janeiro na humilde choupana de um pobre artezano, e no collegio do Carmo da Lapa recebeu as primeiras lições de sua educação litteraria. Sua disposição ao estudo, a obscuridade de sua ascendencia, e outras razões o levaram a Portugal, e d'ahi a Paris, e aqui, pobre e desconhecido, levava os dias e as noutes occupado em instruir-se, e em alguns momentos de ocio, em pagar um tributo á curiosidade, lendo as paginas da historia do abbade Raynal, que transmittia depois, em narrações eloquentes, aos seus conterraneos, entre os quaes figurava Domingos Vidal Barboza. Pensa-se geralmente que do Rio de Janeiro recebera a commissão de apalpar os animos europeus a respeito da conjuração mineira.

Era o anno de 1786. O sonho da ambição extasiava J. J. da Maia, a imagem da patria lacrimosa e opprimida o inquietava. Na sua imaginação hasteava o estandarte de uma nova nacionalidade, e ao redor delle arregimentava seus compatriotas. José Joaquim da Maia não quiz adiar por mais tempo a execução de seu

plano,—resolvido a realisal-o pediu e obteve do illustre Thomaz Jefferson o meio facil de communicar-lhe com toda a segurança um negocio de summa importancia, e no dia 2 de Outubro desse anno lhe dirigiu a seguinte curiosa carta :

« Eu nasci no Brasil—vós não ignoraes a terrivel escravidão, que faz gemer a nossa patria. Cada dia se torna mais insupportavel o nosso estado depois da vossa gloriosa independencia, porquê os barbaros portuguezes, receiosos de que o exemplo seja abraçado, nada omittem que possa fazer-nos mais infelizes.

« A convicção de que estes usurpadores só meditam novas oppressões contra as leis da natureza e contra a humanidade, tem-nos resolvido a seguir o pharol, que nos mostraes, a quebrar os grilhões, a reanimar a nossa moribunda liberdade, quasi de todo acabrunhada pela força, unico esteio da autoridade dos europeus nas regiões da America. Releva porém que alguma potencia preste auxilio aos brasileiros, pois que a Hespanha certamente se ha de unir com Portugal; e apezar de nossas vantagens em uma guerra defensiva, não poderiamos comtudo levar a sós a effeito essa defeza, ou pelo menos seria imprudencia tental-o sem alguma esperança de bom exito.

« N'este estado de cousas olhamos, e com razão, para os Estados-Unidos, porque seguiriamos o seu exemplo, e porque a natureza, fazendo-nos habitantes do mesmo continente, como que nos ligou pelas relações de uma patria commum. Da nossa parte estamos preparados a despender os dinheiros necessarios, e a

reconhecer em todo o tempo a obrigação em que ficaremos para com os nossos bemfeitores. Tenho-vos exposto em poucas palavras a summa de meu plano. Foi para dar-lhe andamento que vim á França, pois que na America teria sido impossivel mover um passo, e não suscitar desconfiança. A vós pertence agora decidir se póde executar-se a empreza. Se quereis consultar a vossa nação, estou prompto a offerecer-vos todos os conhecimentos precisos. »

Jefferson não despresou estas communicações, que mais tarde foram levadas ao conhecimento do congresso americano, e procurou entender-se verbalmente com o autor da carta, emprasando-o para comparecer em logar determinado á hora marcada.

Deliberado a experimentar as aguas thermaes da cidade de Aix, Jefferson partiu para ahi, mas desviando-se da estrada com o pretexto de ir examinar as antiguidades de Nîmes, encontrou-se no meio das ruinas romanas com José Joaquim da Maia, que pontualmente o aguardava ! Seguiu-se para logo uma interlocução viva, animada, interessante entre o embaixador da nova potencia, e o desconhecido filho da colonia escravisada, que, facil em expressar-se, repleto de conhecimentos sobre as cousas de sua patria, pois conhecia as principaes cidades, e tinha percorrido as terras auriferas e diamantinas, apresentou em largo quadro todos os recursos do seu paiz, o que Jefferson não se dedignou de reunir para que melhor fosse conhecido em sua patria.

Desta entrevista não houve resultado, porque o embaixador, depois de ouvir attentamente a José Joaquim da Maia, procurou convencel-o não ter instruc-

ções que autorisassem-o a dizer palavra, communicando-lhe apenas suas idéas como individuo, e estas idéas se oppunham aos tão nobres como ardentes dezejos do brasileiro, pois lhe parecia que os cidadãos dos Estados-Unidos não deviam comprometter-se em uma guerra com Portugal, com quem acabavam de celebrar um vantajoso tratado de commercio.

Despediram-se os dous americanos, e deixaram aquellas ruinas magestosas. Maia retirou-se para a capital do reino portuguez. Contrariado em seus designios, que eram o seu pensamento predilecto, isto é, a independencia da patria, querendo voltar ao Rio de Janeiro, para curar a nostalgia que o atacava, para ver e abraçar seu pae, veiu a morte despenhal-o no fundo do sepulchro. (*)

JOSE' JOAQUIM JUSTINIANNO MASCARENHAS DE CASTELLO BRANCO

Nasceu em 1731 no Rio de Janeiro e ahi cursou as aulas da companhia de Jesus.

Em 1750 foi seguir os estudos maiores da universidade de Coimbra, onde tomou o gráo de licenciado em canones.

Em 1762, foi provido no logar de deputado da inquisição de Evora, e pouco depois no de promotor do mesmo tribunal.

(*) Vide *Revista Popular*, volume X, 1861, Estudos historicos sobre as primeiras tentativas para a independencia do Brasil.

Em 1765 succedeu ao Dr. Freire Batalha no logar de decanó da Sé do Rio de Janeiro, e em consideração á sua probidade e talentos, em 1773, foi nomeado coadjutor e futuro successor do bispado.

Entrando á barra do Rio de Janeiro como prelado da diocese no dia 16, tomou posse do bispado em 29 de Abril de 1774.

Mostrou sempre talento e saber. Em 1805 falleceu com grande pezar de seus diocesanos, que o amavam, e lucto da mitra, que nelle encontrara um respeitavel prelado.

Ajudado pelo vice-rei D. Luiz de Vasconcellos (*) deu Mascarenhas livre curso aos sentimentos de seu coração, e, animando os cultores das lettras, tentou fazer despontar o sol da litteratura nos céos de Guanabara e reunir os engenhos conhecidos para a fundação de uma academia á imitação da Arcadia Romana.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e José Basilio da Gama (**) foram os chefes dessa academia; mas era cedo para medrar a planta no terreno, a que faltava a arvore da liberdade.

JOSE' LEANDRO (***)

Nasceu no municipio de Itaborahy, da provincia do Rio de Janeiro, sendo ignoradas as datas de seu nascimento e morte.

(*) Vide *Selecta Brasiliense*, 1ª serie, 1868 pag. 131.

(**) Idem, pag. 94 e 140.

(***) Vide *Ensaio Biographico* de Moreira Azevedo.

Aprendeu desenho com Manoel Dias, primeiro desenhista que houve na Côrte — e no tempo do reinado de D. João VI foi José Leandro o mais notavel pintor historico, e o mais fiel retratista do tempo.

Pintou o tecto da capella-mór da igreja do Bom Jesus, decorou o tecto da varanda da acclamação d'El-Rei D. João VI, e fez todos os quadros da capella imperial. Os melhores retratos que existem de D. João são devidos ao pincel de José Leandro.

Foi bom pintor scenographo. Para o theatro de S. João (hoje de S. Pedro d'Alcantara) fez José Leandro bellos scenarios, que podem competir com os do pintor portuguez o celebre Manoel da Costa.

Os dous lindos quadros que existem na sachristia da igreja do Parto, e que descrevem o incendio e a reconstrucção do recolhimento do Parto em 1789, são de José Leandro; ahi se póde estudar os trajos do tempo colonial, ahi se vêm retratados fielmente o vice-rei Luiz de Vasconcellos e o artista Valentim.

Era um artista activo, e escrupuloso, era homem cortez e affavel, amado por todos que o conheciam, e bom amigo.

Não se excusava de ensinar o que sabia. Teve um filho que trabalhava perfeitamente em flôres, e um discipulo Francisco Ignacio de Araujo Lima excellente scenographo, que falleceu em Vassouras, estimado dos homens mais notaveis dalli.

Havendo um concurso entre todos os pintores, excedeu a todos na execução do quadro do altar-mór da capella imperial, onde vê-se retratada toda a familia real.

Em 1831 trataram de apagar do painel de José Leandro a imagem do grande principe, que deixara patria,

filhos e amigos, tendo-nos dado liberdade e poder. E foi José Leandro o escolhido para lançar a esponja negra sobre sua obra ;—o pobre artista teve de subir o monte do sacrificio de Abrahão ! !

Desde então perdeu a alegria, e a saude, o suicidio de sua obra tornou-o triste e melancolico. Exilando-se voluntariamente para Campos, lá acabou seus dias pobre e esquecido.....

Em 1850 quando se dourou a capella imperial, o artista João Caetano Ribeiro, indo retocar o quadro de José Leandro, no qual existia apenas descoberta a imagem de Nossa Senhora do Carmo, vio apparecer, por uma simples lavagem, os retratos da familia real ; e então usando de seu talento, restaurou as figuras do painel, fazendo assim resuscitar esse bello monumento artistico, que agora admiramos no altar-mór da capella imperial.

Quem sabe se José Leandro, prevendo que um dia seria restaurado e admirado pela posteridade seu quadro, não o apagou com uma simples camada de colla ? Aos genios não é indecifravel absolutamente o livro do futuro !...

D. JOSEPHA DE MENDONÇA

Heroina da revolução mineira de 1842, tanto pela parte activa que tomou, como pelas perseguições que soffreu.

Diz o conego Marinho, apreciando os acontecimentos de Minas naquella época : « Tudo era pouco á vista « do que na villa do Araxá supportara uma senhora « sexagenaria, e por todas as considerações respeita-

« vel. Consorte do coronel João Carneiro de Mendonça
« e sogra do Sr. visconde de Abaeté, esta senhora foi
« levada a uma prisão, onde era a unica de seu sexo,
« que se achava com homens; foi posta em segredo ao
« depois por espaço de dous mezes, e por muito tempo
« continuou presa, sem que lhe permittissem uma conso-
« lação em tanto infortunio, e a não achar ella na gran-
« deza de sua alma, na fortaleza de seu animo a necessa-
« ria resignação, teria succumbido debaixo do peso de
« tão pouco communs e menos merecidos padecimentos.
« Tudo quanto se podia fazer soffrer a uma victima,
« supportou-o, bem que com esforçada coragem, essa
« senhora. Seu marido estava ausente; seus genros um
« deportado e outro preso e ameaçado de morte; seus
« filhos todos perseguidos; suas fazendas arrazadas
« e saqueadas, e ella lançada no segredo de uma prisão,
« em que de tudo a privavam. Ella, porém, conduziu-
« se com tal heroismo e dignidade, que a historia deve
« immortalisar-lhe a memoria ».

JOSEPHA FERNANDES

Nasceu em 1766, em S. João da Barra, hoje pertencente á da provincia do Rio de Janeiro, e foi casada com Manoel Pereira Santiago.

Sua mãe Anna dos Reis, sómente por instinctos beneficos, prodigalisava a seus visinhos enfermos medicamentos e soccorros espontaneos; e neste caminho acompanhava-a, desde menina Josepha Fernandes, a qual, mais de uma vez, teve de ir com sua mãe á cidade de Campos para curar enfermos, convidada para isso em falta de profissionaes.

Com a pratica adquirida com sua mãe, fazendo estudo particular, e sendo dotada de virtuosos sentimentos, Josepha Fernandes tornou-se em S. João da Barra o unico refugio dos doentes. O bom exito de suas curas era quasi sempre infallivel.

Sua casa, na praça da Matriz, era um verdadeiro consultorio de dia e de noute.

A' noute, deitado o marido de Josepha em uma rêde na sala, achava-se ella n'um estrado pegando no pulso de um que havia chegado, ministrando um molho de hervas a outro que sahia, entregando á sua escrava *Antonica* uma gallinha para ir depressa levar a certo doente, ordenando á outra escrava Bibiana a prompta remessa do sinapismo, de que lhe incumbira; e todo este cuidado e desvelos pelo proximo, todos estes sacrificios pelo povo,não eram com vistas de receber em retribuição um só real!

Tinha uma irmã desasisada, que nunca desamparou, e foi della mãe, assim como foi de seus sobrinhos, e dos desvalidos em geral. Os desabrimentos e austeridades de seu marido nunca puderam privar Josepha de exercer actos de sublime piedade.

Falleceu em 1829 ou 1830. O Sr. Fernando José Martins, na sua *Historia do descobrimento e povoação de S. João da Barra*, publicada em 1868, e da qual extrahimos esta biographia, diz á pag. 271 : « Tiveram no seculo XIV, « e ainda hoje, grande nomeada os actos da piedosa « rainha portugueza Isabel, é verdade, e a gerarchia « do nascimento muito faz sobresahir os dotes pes- « soaes; mas guardadas as devidas proporções, re- « leve-se-nos o simile. Tambem foi austero D. Diniz, e « este genio ainda mais fez realçar e polir as virtudes

« da santa esposa. Josepha Fernandes não teve por « certo um throno por alicerce de sua fama, mas dis- « tribuindo com piedade pelos enfermos e desvalidos « todos os seus haveres materiaes e intellectuaes, plan- « tou em nossos corações immorredoura lembrança de « suas virtudes, e uma lagrima de saudade pela ma- « trona que tanto serviu a nossos antepassados. »

JUSTINIANO JOSE' DA ROCHA

Nasceu no Rio de Janeiro a 8 de Novembro de 1812.

Tomou o grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes na academia de S. Paulo, cujo curso frequentou nos annos de 1828 a 1833, tendo tido sua primeira educação litteraria no collegio de Henrique IV, em França.

Foi professor de geographia e historia no imperial collegio de Pedro II, lente das escolas militar e central do Rio de Janeiro, incumbido ahi das aulas de francez e latim, e membro da camara dos deputados em diversas legislaturas.

Em 1836 entrou na carreira do jornalismo politico e litterario, e como jornalista luctou, dia por dia, prestando ao seu partido serviços importantissimos. Fundou os jornaes *Atlante*, *Chronista*, *Brasil* (que exerceu notavel influencia na politica interna do paiz) *Regenerador* e outros, tendo por collaboradores no *Chronista* o Sr. conselheiro Josino Silva e o Dr. Firmino.

Falleceu em 10 de Julho de 1862, deixando em pobreza numerosa familia.

LIBANIO AUGUSTO DA CUNHA MATTOS (*)

Nasceu na provincia de Pernambuco a 2 de Outubro de 1816, filho de Raymundo José da Cunha Mattos. (**)

Ainda muito joven entrou para a secretaria da guerra como addido, sem vencimentos; e tres annos depois, em 1839, foi nomeado 1º official, em 1844 chefe de secção, em 1849 official-maior, e em 1860 director geral, merecendo então de Sua Magestade o Imperador a graça de official da imperial ordem da Rosa. Em 1861 foi aposentado.

Foi official de gabinete de alguns ministros.

Activo, que não marcava as horas de trabalho, de memoria feliz, pratico na administração militar, methodico, intelligente e modesto, eis o que era Libanio na secretaria.

A sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro o contavam no numero de seus membros.

Pobre e abatido, passou seus ultimos annos em melancolico retiro—os desgostos apressaram-lhe o passamento: servira 26 annos ao paiz; em seu transe de agonia houve lagrimas arrancadas pela lembrança da esposa, e dos filhos deixados em penuria.

Falleceu em 29 de Agosto de 1866.

Escreveu um indice da legislação militar, que offereceu gratuitamente ao governo em 1864.

(*) Aproveitamos nesta biographia as noticias do discurso do secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

(**) Vide a 1ª serie da *Selecta Brasiliense*, pag. 166.

LINDOLFO ERNESTO FERREIRA FRANÇA

« Não sei que maldição do inferno pesa sobre a cabeça do poeta. » Escrevia Lindolfo sobre a morte de Alvares de Azevedo, e um anno depois a mesma fatalidade lhe curvava a fronte para a sepultura, antes de a haver completamente erguido para a vida. Morreu contando 22 annos de idade.

Tinha imaginação fertil e ardente. Suas composições acham-se espalhadas no *Guayaná—Revista do Atheneu—Camelia* — e, além das composições em verso, legou á litteratura um drama, e um conto sob o titulo—*Confissão do moribundo.*

Morreu no Rio de Janeiro em 1858. Byron era o poeta de sua inspiração.

LINO ANTONIO RABELLO

Depois de receber em Bolonha o gráo de doutor em sciencias naturaes, voltou ao Brasil nas asas da saudade, com a alma cheia de sonhos e de esperanças, que se transformaram em pungentes espinhos.

Em 1836 foi nomeado lente substituto, e depois proprietario, da escola de architectos medidores da provincia do Rio de Janeiro, mas em 1844 a assembléa provincial extinguiu aquella instituição.

Reduzido ao mesquinho ordenado de professor de mathematicas do collegio Pedro II, mal tinha meios para o pão quotidiano, e, antes de 40 annos, parecia no aspecto um valetudinario curvado pela idade.

Gasto na mocidade pelas privações, não teve forças para chegar á velhice.

Diz o escriptor, de quem lemos esta noticia, *que o livro divino esclarece as miserias, que passa o justo na vida transitoria, quando diz, que no fogo prova-se o ouro e a prata, e os homens que Deus quer para si na fornalha da humiliação*.

Deixou mulher e filhos na terra, motivo porque não saudou a morte com um sorriso.

LOURENÇO RIBEIRO (PADRE)

Natural da Bahia, e contemporaneo de nosso satyrico poeta Gregorio de Mattos. Não obstante a gravidade de sua profissão ecclesiastica, e os louros de prégador que ambicionava conquistar, improvisava cantando ao som de uma viola. As melhores sociedades da antiga capital do Brasil o acolhiam e escutavam com gosto, applaudindo com enthusiasmo os improvisos, que lhe sahiam perfeitos ao som da lyra daquelles tempos, que era a viola.

Era seu rival Gregorio de Mattos, e no certamen das satyras, zurziu-o, ridicularisou-o, sem dó nem piedade, nem poupando a Ribeiro o accidente da côr.

A maior parte dos versos deste repentista se perderam.

LOURENÇA TAVARES DE HOLLANDA (D.)

Natural de Pernambuco, litterata de grande nome e talento, e autora de muitas obras apreciaveis, bem como das cartas dirigidas ao Duque de Cadaval, e a D. Lourenço de Almada em prol de seus irmãos opprimidos, em 10 de Outubro de 1713, as quaes demonstram o seu merito.

LUCAS JOSE' DE ALVARENGA

Natural de Sabará, da provincia Minas-Geraes, descendente de uma honesta familia daquella localidade.

Tinha 16 para 17 annos quando entrou para a Universidade de Coimbra, depois de chegar a Portugal, e e de haver estudado na terra natalicia os conhecimentos, que ahi pudera adquirir.

Durante as férias ia o joven á capital do Reino, e ahi se lhe abriram as relações de amizade intima e fraternal com muitos e distinctos poetas brasileiros, e tomou vulto a fama de ser um dos melhores poetas repentistas, que improvisava cantando ao som de um bandolim.

Formado na universidade, deixou Portugal, viajou pela Asia, e recolheu-se ao Rio de Janeiro, onde se familiarisou com as principaes familias da época, e recebeu provas de distincção e apreço do Imperador D. Pedro I, e da Imperatriz.

Em 1841 já não existia.

LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO

Nasceu em Porto-Alegre, da provincia de S. Pedro do Sul, e perdendo sua mãe muito cedo, teve de ficar sob os cuidados de seu avô materno o major André Alves Ribeiro Vianna, porque o serviço militar obrigava seu pae o brigadeiro Wenceslau de Oliveira Bello frequentemente a ausentar-se.

Feitos seus primeiros estudos, foi concluir os que lhe faltavam em S. Paulo, onde se formou em sciencias juridicas.

Foi promotor publico na comarca de Itaborahy, e juiz de direito criminal de Porto-Alegre, cargo em que foi aposentado com honras de desembargador.

Era na sua provincia uma das principaes influencias, e por ella foi eleito muitas vezes deputado á assembléa geral.

Coube-lhe, na qualidade de vice-presidente, a gloria de administrar algumas vezes sua provincia, distinguindo-se principalmente em 1851, quando o marquez de Caxias, seu parente pelo lado paterno, passou á frente do exercito brasileiro aos campos do Prata para fazer a campanha contra Oribe, e o dictador de Buenos-Ayres.

Presidiu tambem a provincia do Rio de Janeiro.

Morreu dasastrosamente em 30 de Dezembro de 1865 quando caçava em uma de suas estancias.

LUIZ BARBALHO BEZERRA

Nasceu em Pernambuco em 1601.

Foi denodado guerreiro nas guerras do Brasil contra os hollandezes, sendo mestre de campo, quando em 1630 teve logar a defeza do forte de S. Jorge em Olinda, e em 1635 a victoria que alcançaram os hollandezes contra o arraial do Bom Jesus.

Entre os seus brilhantes feitos conta-se o acto de escapar das prisões, em que na Hollanda se achava, de se passar para o Brasil, saltar em Pernambuco, atravessar por terra até á Bahia, e reunir-se em 1638 com André Negreiros, Camarão e outros, em companhia dos quaes sustentou continuos e repetidos combates.

Na Bahia cooperou muito para expellir os hollandezes, que alli mandara o principe de Nassau, e que violentamente atacaram a cidade com 7,800 homens.

Tomou de assalto um forte, que recebeu seu nome, e por cujo feito premiou-o El-Rei, fazendo-o fidalgo de sua casa, e commendador de Christo.

Estava na Bahia em 1640, quando chegou a noticia da revolução portugueza. Governava o marquez de Montalvão. Suspeitando El-Rei de sua lealdade pela defecção de seus dous filhos, que haviam abraçado o partido castelhano, escreveu a Barbalho, ao Bispo, e a Lourenço Corrêa de Brito, autorisando-os a tomar as redeas do governo no caso de recusar-se o marquez a reconhecer a independencia de Portugal.

Posto se não desse este caso, entregou o jesuita Francisco de Vilhena as cartas, e os tres nomeados prenderam o marquez, remetteram-o para Lisboa, e cumpriram a ordem regia.

Reprovado este acto por El-Rei, por se não mostrar que o governador lhe era infenso, chamou á côrte o primeiro e o terceiro a fim de os castigar. Depois de algum tempo de prisão, perdoou a Barbalho, que foi empregado em Portugal nas guerras contra a Hespanha.

Veiu em 1643 para o Rio de Janeiro como governador da capitania.

Falleceu porém em 16 de Abril do anno immediato.

Fallam de suas façanhas os autores hollandezes, e os livros genealogicos da nobreza pernambucana.

LUIZ BARROSO PEREIRA

Nasceu ao descambar do seculo passado, na cidade da Diamantina, então arraial do Tejuco, na provincia de Minas. Seu pae era o intendente dos diamantes.

De espirito lhano, despido de refolhos, era franco quanto podia ser.

Dirigiu-se ao Rio de Janeiro ainda criança. Partindo para Lisboa, tal foi o dezejo que teve de seguir a carreira nautica, que seu pae a ella dedicou-o.

Em 1802 concluiu seus estudos, distinguindo-se por talento e applicação não vulgar.

Por occasião da guerra da peninsula recebeu o joven official o commando de algumas canhoneiras, merecendo os louvores de seus chefes, e distinguindo-se sobretudo em Santarem, quando ahi se achava o heroico general francez Massena.

D. João VI, vendo que Fernando VII enviara para Nova Granada o exercito ás ordens do general Murillo, e reconhecendo que não devia esperar inutilmente, fez vir de Portugal 5,000 homens, commandados pelo general Lecór, depois visconde da Laguna. A's ordens do chefe de divisão Rodrigo Lobo, que conduzia suas forças em uma esquadra, vinha Barroso Pereira.

Em Março de 1816 pôde vir ao Rio de Janeiro, e ahi esteve dous mezes.

Precisando Lecór, depois da victoria de India—Muerta, de um commissario que tratasse com o governo de Buenos-Ayres de assumptos importantissimos concernentes á guerra na Banda Oriental, ahi foi Barroso; e se como militar e como marinheiro dera provas de bravura, deu-as tambem de sua habilidade como diplomata e

como politico. Recebeu distincto acolhimento do publico, e do governo, particularmente do director supremo D. Juan Martin Pueirredon. Conservou-se em Buenos-Ayres algum tempo, retirando-se depois para o Rio de Janeiro.

Echoado no Brasil o magico grito de *independencia ou morte*, embarcou-se na fragata *Nitherohy*, como 2º commandante, e partiu com o primeiro almirante Lord Cochrane, marquez do Maranhão, para a Bahia, então entregue ao exercito do general portuguez Pinto Madeira, e á esquadra do almirante João Felix de Campos.

A 2 de Julho de 1823 o estandarte brasileiro tremulava ufano nas baterias da Bahia, e á esquadra imperial perseguia a portugueza, fazendo-lhe continuas presas. A' fragata *Nitherohy* coube a difficil tarefa de perseguir a inimiga até a foz do Tejo.

Em recompensa de seus serviços recebeu Barroso o officialato do Cruzeiro, sendo nomeado para tomar o commando da fragata *Imperatriz*, que se achava então no Pará.

Na viagem passou em Pernambuco; a hydra revolucionaria arrastava-se no solo dessa bella provincia. Foi Barroso encarregado por Taylor, que então bloqueava o Recife, de ir assistir a um conselho geral, que fez o chefe da rebellião Manoel de Carvalho Paes de Andrade. Barroso deu nessa occasião provas de sua coragem e sangue frio, defendendo a sós entre os rebeldes os actos do governo, e mostrando que essa rebellião impossibilitaria a realisação da independencia.

Depois dessa commissão seguiu para o Pará, onde tomou o commando da *Imperatriz*, que conduziu para a Côrte.

Ahi se achava, quando o governo imperial levantou a luva, que lhe atirara o de Buenos-Ayres.

Barroso mostrou nessa lucta a mais desmedida bravura. Voltava de um cruzeiro. De jovial que era tornou-se repentinamente taciturno e frio. Eram 11 horas da noute. A noute ficara escura, cobrindo-se de negro manto. O official de quarto da fragata *Imperatriz* distinguiu muitos navios, que se dirigiam á fragata ingleza *Doris*, estacionada a alguma distancia da nossa, e avisou disso ao commandante. Suspeitando Barroso que fossem inimigos, preparou-se para qualquer emergencia.

Faltava um quarto para a meia noute, quando os navios que o official de quarto vira, passaram pela fragata seguindo para bombordo, e, virando na prôa, voltaram por estibordo para a alheta. O maior dos navios que entravam perguntou em inglez—Que navio é este?

Não obtendo resposta, esteve parado por alguns instantes, e rompeu o fogo. Eram os navios inimigos. Ao violento fogo destes navios, respondeu a fragata com o maior vigor.

Já estavam içadas as velas de prôa da fragata, as gaveas largas,e tudo estava prompto para largar a amarra sobre a boia—não pôde porém ser executada essa manobra, porque o fogo inimigo cortou muitos cabos de laborar, e crivou as velas.

Barroso não desmentiu a reputação de bravo. Ficaram nos flancos da fragata alguns navios inimigos. No logar mais perigoso collocou-se Barroso contra a vontade de seus officiaes, e com os braços cruzados ahi conservou-se atravez de uma nuvem de balas. Alcançou-o uma dellas poucos minutos antes de começar a

acção. Sem dar um só grito, levou com calma as mãos ao peito:—*Não foi nada, camaradas*, exclamou. Recuou tres passos, e cahiu gritando — *Ao fogo!* Poucos segundos depois expirou.

A habilidade e bizarria com que se defendeu a guarnição da fragata, foi elogiada pelo commandante da fragata *Doris*, e pelo commandante da fragata norte-americana *Cyone*, surta em Montevidéo.

Barroso viveu para a patria, e por ella morreu.

LUIZ PAULINO DE OLIVEIRA PINTO DA FRANÇA

Nasceu na cidade da Bahia em 30 de Junho de 1771.

Gosou de grande nomeada como poeta, e diz-se que deixara ineditos muitos versos.

Deputado ás constituintes de 1821, não adheriu á idéa da emancipação brasileira, e prestou-se aos serviços de Portugal.

Falleceu em 24 de Janeiro de 1824, segundo se affirma, a bordo de um navio em que regressava para Lisboa de uma viagem que fizera ao Rio de Janeiro. Foi commendador e cavalleiro de diversas ordens. O Sr. Pereira da Silva, nos *Varões Illustres*, attribue o passamento de Luiz Paulino a desgostos, por não ter querido recebel-o o Sr. D. Pedro I.

O Sr. Joaquim Norberto, em um artigo, *Os poetas moribundos*,(*) diz:

« Luiz Paulino expirou sobre as ondas do mar, entoando os seus ultimos versos, como o cysne entôa o

(*) *Revista popular*, vol. XII, 1861.

seu funebre canto sobre as aguas do Eurotes. O immenso oceano escutou o gemido harmonioso do grande poeta, que se finara torturado pela dôr, e saudade, longe da patria, dos amigos e o que é mais, de seus parentes, esposa, e filhos...Vendo approximar-se a hora suprema, em que o seu cadaver ia ser legado aos corvos marinhos, mandou n'estes versos cheios de harmonia e tristeza, um adeus aos entes que lhe eram tão caros, e expirou com os labios ungidos pela poesia sublime da religião, do amor e da saudade».

São bellos os seus versos:

Eis já dos mausoléos silencio horrendo
Me impede o respirar, a voz me esfria;
Eis chega a noute eterna, eis morre o dia,
E ao nada a natureza vae descendo.

No da aniquilação passo tremendo
Escudo-me da sã philosophia;
Terror humilde os ossos não me enfia,
Como Catão morreu, eu vou morrendo.

Mas, ah! tu d'alma nobre qualidade,
Saudade cruel, com o soffrimento
Me arremessas a mares de anciedade!

Mulher, filhos, amigos, no momento...
No momento do adeus p'ra a eternidade
Vós sois o meu cuidado, o meu tormento.

MANOEL CAETANO D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE

Nasceu na cidade do Recife, da provincia de Pernambuco, a 11 de Novembro de 1753. Casado em 7 de Ja-

neiro de 1780 com D. Anna Francisca Eufemia da Fonseca, teve 18 filhos, nove de cada sexo. Os homens occuparam posição distincta na sociedade, pois que dous foram desembargadores, dous deputados, dous senadores, um ministro, um commandante das armas do Piauhy, e outro presidente do Rio-Grande do Norte.

Teve todos os estudos das humanidades, foi poeta e musico; deleitava-se tocando viola e rabeca, e vivia do officio de escrivão de defuntos e ausentes, capellas e residuos.

Falleceu em 11 de Janeiro de 1834.

Entre os autores da revolução de 6 de Março de 1817 em Pernambuco, conta-se Manoel Caetano, que a abraçou com enthusiasmo, e a serviu constantemente.

No dia em que o deão Dr. Bernardo Luiz Ferreira benseu as bandeiras republicanas, e as distribuiu pelos regimentos, Manoel Caetano, depois da oração do deão, e do eloquente discurso do ouvidor da comarca Antonio Carlos, fez uma proclamação a alguns grupos do povo, improvisou muitos versos, e distribuiu no pateo da igreja matriz de Santo Antonio pelos estudantes de instrucção secundaria a seguinte quadra escripta de seu proprio punho:

Sem grande *córte* na *côrte*
Não se goza um bem geral;
Que o *córte* é quem nos faz bem
A *côrte* é quem nos faz mal.

Por estes e outros actos foi implicado na devassa, a que se procedeu, e preso por quatro annos na immun-

da cadêa do Aljube na Bahia, onde compoz esta copla, que tornou-se mui popular em Pernambuco:

Não ha ventura
Como ser tolo,
Que o ter miolo
E' mal sem cura.

Não publicou suas poesias, nem tambem o entremez em prosa—*A justiça da Ilha dos Lagartos*, de que existiu uma copia em mão do commendador Mello, no Recife.

Tinha uma qualidade muito preciosa em todos os estados, diz um escriptor, « a mais essencial nos homens de lettras, a de saber ser pobre; qualidade sem a qual não ha nada solido, nem na firmeza do espirito, nem na honestidade dos costumes. A estreita mediocridade em que vivia não o amargurava, nem o humilhava, porque elle não conhecia nem o orgulho, que se irrita contra a má fortuna, nem a vaidade que della se envergonha. »

MANOEL DE FREITAS MAGALHÃES (CONEGO)

Nasceu na villa do Espirito-Santo, da provincia do mesmo nome, e foi baptisado em 17 de Fevereiro de 1787.

Sua familia e parentes eram naquella villa numerosos e distinctos, sendo seus paes João de Freitas Magalhães e Anna da Encarnação.

Perseguido, como muitos outros homens de illustração e talento, pelos despotismos e escandalos dos antigos governadores:—resistindo com coragem e perseverança contra as violencias de que eram victimas os

fracos, procurou o Rio de Janeiro, já cançado de luctas, em Abril de 1822, e ahi se fez notavel pronunciando-se manifesta e vivamente pelo causa da patria, e pela liberdade e independencia de seu paiz.

Em 1825 estabeleceu-se na villa de Itaborahy, aonde permaneceu até 1835, em que foi escolhido para vigario da freguezia de S. Gonçalo, depois de um brilhante concurso.

Desde a primeira legislatura da assembléa provincial até sua morte, foi sempre eleito membro da assembléa provincial do Rio de Janeiro a que presidiu alguns annos.

Em 1839 achando-se vaga a parochia de Itaborahy, tornou o padre Freitas a apresentar-se em concurso, e conseguiu o que elle dizia mais dezejar no mundo, ser vigario deste villa, á qual tinha sempre conservado o mais decidido amor.

Seu pensamento e empenho dominantes, durante o tempo que foi vigario, foram a harmonia e união de todos os habitantes. Trabalhou sempre, e muito, por manter a ordem, destruir intrigas, impedir inimizades, e restabelecer amigaveis relações perturbadas pelo antagonismo politico.

Sua casa e sua mesa eram francas a todos; tornou-se por vezes curioso, e objecto de gracejo de amigos, o facto de chegar-se o vigario Freitas a alguns destes para procurar saber quem eram algumas pessoas que acabavam de jantar á sua mesa, e uma vez quem era um homem que dormira em sua casa !...

Os itaborahyenses tambem, por sua parte, pagavam com o mais decidido amor a dedicação do seu vigario e quando chegavam as grandes festas do anno, e mes;

mo durante o correr dos mezes, os presentes obsequiosos eram em tão grande numero, que elle dizia que já não tinha onde guardal-os, e nos jantares que sempre costumava dar nos dias de festa, o bom vigario exclamava, fallando á numerosissima companhia que cercava a mesa:

—Aqui o convidado sou eu; porque este lauto banquete foram os Srs. que me offereceram.

Em 1842 o conego Freitas instado por alguns comprovincianos, parentes e amigos seus, partiu para sua provincia natal, e pretendendo a honra de represental-a na assembléa geral, teve de sustentar uma lucta porfiada, e calorosa com o presidente da provincia, que tambem era candidato. A camara dos deputados annullou essa eleição; o conego Freitas já se achava no Rio de Janeiro; o presidente da provincia do Espirito-Santo já não era o candidato, e na nova eleição a que se procedeu em 1843, o conego Freitas obteve toda a votação, á excepção de *um!*

O combate eleitoral de 1842 tinha affectado profundamente o espirito do conego Freitas, que voltou de sua provincia triste e doente, os itaborahyenses foram em grande numero recebel-o no porto de Villa Nova, e elle, desfazendo-se em lagrimas atirou-se nos braços destes seus amigos.

Desde esse tempo começou o conego Freitas a prever e annunciar sua morte proxima, e deu-se então um facto que, segundo diz o Dr. J. M. de Macedo, em sua excellente obra *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, da qual extrahimos grande parte desta biographia, elle não se animaria a referir, senão pudesse proval-o com o testemunho de pessoas muito respeitaveis.

Em 1843, pouco antes de partir para a Côrte, onde devia tomar assento na camara dos deputados, o conego Freitas acordou uma manhã pensativo e melancolico; alguns amigos instaram com elle para que dissesse o motivo de sua tristeza, e emfim o obrigaram a dizer.

—Esta noute no meio de um sonho, ouvi perfeitamente uma voz que me bradou—o mez de Outubro te ha de ser fatal.

Zombou-se da causa da melancolia do conego, e procurou-se distrahil-o por todos os modos. Elle porém não se esqueceu mais do sinistro annuncio da voz mysteriosa.

Indo para a Côrte hospedou-se em casa de seu intimo amigo o conselheiro Dr. Thomaz Gomes dos Santos, a quem por vezes referiu seu triste sonho.

Chegou o mez de Outubro, e no dia 15 desse mesmo mez um ataque repentino poz termo aos dias do conego Manoel de Freitas Magalhães, cujas ultimas palavras dirigidas ao seu muito presado amigo, foram as seguintes:

—Então, Thomaz, morro ou não?...

E em poucos minutos morreu com effeito nos braços do Sr. conselheiro Dr. Thomaz Gomes dos Santos.

MANOEL DE MACEDO (Fr.)

Nasceu em Pernambuco em 1603. Era filho de Cosme Rangel, desembargador da relação do Porto, e de D. Joanna Cavalcanti, descendente da familia mais distincta daquella cidade.

Pertenceu á ordem de S. Domingos, e por seu raro talento e não vulgar litteratura, foi nomeado pregador da duqueza de Mantua, D. Margarida d'Austria.

Accusado porém perante o juizo da inconfidencia de ser o autor da precipitada resolução, com que se ausentaram para Castella em 1641 D. Duarte de Menezes, conde de Tarouca, e outros, foi preso e mandado para a India. Reconheceu-se porém sua innocencia, o que lhe valeu ordenar D. João IV sua volta para o Reino.

Arribou porém em Angola o navio, que o trazia, e ahi falleceu.

Não consta que fossem impressos os seus sermões, cuja discripção foi sempre applaudida, merecendo elogios de todos os escriptores, que delles trataram.

MANOEL DO MONTE RODRIGUES DE ARAUJO (D.)

Nasceu em Pernambuco em 1798. Feita a sua educação litteraria a mais completa que foi possivel, confiaram-o seus paes aos padres da Congregação do Oratorio, com os quaes estudou philosophia racional e moral, estudando mathematicas com os religiosos Carmelitas.

Em 1817 rebentando no Recife a revolução, que arvorou os estandartes da republica do Equador, passou Manoel do Monte á cidade de Olinda, a cujo seminario episcopal se recolheu, com seu irmão mais velho, no intuito de seguirem ambos a carreira ecclesiastica, como eram os dezejos de seus paes, e as suas proprias inclinaçõse.

No ultimo anno do curso de theologia moral, foi encarregado de reger esta cadeira durante a ausencia do lente proprietario, que se achava com licença.

No Rio de Janeiro recebeu em 17 de Fevereiro de 1822 a uncção sacerdotal (por vagar a diocese de Pernambuco) das mãos do digno prelado, que era bispo então o Exm. Sr. D. José Caetano.

Regressando immediatamente para sua provincia, obteve a propriedade da cadeira que regêra interinamente, mostrando no concurso que um dia seria um dos mais brilhantes talentos de nosso clero.

Em 1837 veiu ao Rio de Janeiro na qualidade de representante á assembléa geral, sendo escolhido pelo regente, em nome do Imperador, para occupar a cadeira episcopal da diocese do Rio de Janeiro, vaga por morte de seu bispo.

A escolha foi feita por decreto de 10 de Fevereiro de 1839, e confirmada pelo S. Pontifice Gregorio XVI, em bulla de 23 de Dezembro do mesmo anno.

Finda a legislatura, o Rio de Janeiro apressou-se em o escolher deputado. Nunca mais foi reeleito, por não ser homem que servisse para as luctas politicas; mas não deixou a provincia e o Imperio de mostrar-lhe todo o acatamento e respeito devido ás suas eminentes qualidades.

Por si mesmo fazia tudo, e tudo queria ver e decidir, segundo seu modo de pensar. Não tinha porém o dom da energia, com que pudesse fazer frente e destruir esses enxertos de vicios e immoralidades, que por todo o paiz lavrava no clero. Não era culpa sua; dotado de um coração eminentemente christão, elle não sabia ter palavras asperas para ninguem,

e queria corrigir com seus exemplos de virtude, e com seus sabios conselhos.

Sua Magestade o Imperador deu ao bispo o titulo de conde de Irajá, nomeou-o capellão-mór de sua augusta pessoa e familia, e condecorou-o com diversas ordens nacionaes. O S. Padre Pio IX nomeou-o seu prelado domestico e assistente ao solio pontificio.

Publicou diversas obras, e entre ellas o seu afamado Compendio de theologia moral, e os Elementos de direito canonico.

Falleceu em 11 de Junho de 1863, com todos os Sacramentos da Igreja.

MANOEL DE MORAES

Nascido em S. Paulo, entrou muito joven para a Companhia de Jesus, em cujas aulas estudou.

Foi expellido da companhia por irregularidade de comportamento; e deixando o Brasil, estabeleceu-se em Amsterdam, na Hollanda, onde ganhou creditos de litterato. Ahi abjurou o catholicismo, abraçou o calvinismo, e casou-se.

Sabendo-se destes factos em Lisboa, foi relaxado em estatua pelo tribunal do Santo Officio no auto de fé de 6 de Abril de 1642.

Saudades da patria o fizeram voltar a Portugal em 1645, logo porém foi preso pela inquisição.

Abjurando de novo o calvinismo, protestando sinceramente adoptar a religião catholica, foi solto em 1647, segundo o abbade Barboza, depois de sahir no auto de fé desse anno com as insignias de fogo, morrendo em Lisboa em 1651.

Escreveu uma *Historia d'America*, que se perdeu, e da qual falla com muito elogio João de Laet. Outros autores tecem-lhe tambem grandes encomios. Deixou uma memoria em hespanhol, em favor da restauração de 1640, e dos direitos de D. João IV á corôa portugueza, a qual foi publicada em Leyde em 1641.

O Sr. Pereira da Silva escreveu uma bella chronica á respeito de Manoel de Moraes, que publicou em Paris em 1866.

MANOEL DO NASCIMENTO CASTRO E SILVA

Nasceu a 25 de Dezembro de 1788 na então villa do Aracaty, da provincia do Ceará. Teve a educação litteraria que era possivel alcançar-se no tempo e logar em que os meios eram escassos, pois se reduziam unicamente ao estudo de grammatica latina. Casou cedo, pela inclinação ao estado de familia, sendo um de seus filhos o Dr. Manoel Elisiario de Castro Menezes, magistrado conhecido e distincto.

De 1807 a 1821 axerceu diversos empregos com zelo, intelligencia e probidade, sendo enviado por seus comprovincionos ás côrtes portuguezas, onde tomou assento em 9 de Maio de 1822. Nesse congresso pugnou pelos interesses da terra natal.

Regressando ao Brasil, depois de haver pago o que devia á emancipação politica de seu paiz, presidiu o Rio Grande do Norte, onde, além de outros serviços, evitou um contrabando de 8,000 quintaes de páo brasil no valor de 160:000$000.

Foi deputado á assembléa geral em todas as legislaturas, e tomou parte em 1834 nos conselhos da Corôa

como ministro da fazenda, em que deixou monumento indelevel de conhecimentos financeiros, regularisando a contabilidade das estações fiscaes, liquidando a conta do governo como accionista do extincto banco do Brasil, reformando as alfandegas e consulados, e creando a recebedoria do municipio.

Foi tres vezes escolhido senador pela sua provincia, e só na ultima, em 1841, foi escolhido por carta imperial.

Foi nomeado plenipotenciario em 1840 e 1841, e houve-se com habilidade e desinteresse na liquidação das contas do Brasil e Portugal, pondo termo a essa pendencia, de modo a merecer elogios do governo em aviso de 17 de Agosto de 1842, e a consideração do governo portuguez.

Falleceu em 23 de Agosto de 1846. Serviu muitas vezes gratuitamente, cedendo a importancia de seus vencimentos em favor do thesouro publico. Legou á sua familia um nome puro e sem mancha, pois mandado devassar em 1826, em virtude de denuncia do vice-presidente do Rio Grande do Norte, foi sua conducta declarada illibada, e julgada infundada a mesma denuncia.

MANOEL DE SANTA MARIA ITAPARICA

Nasceu na provincia da Bahia, no começo do XVIII seculo. Abraçou o instituto serafico d'aquella provincia, e mostrou agudo e penetrante engenho, illustrando-se pelo estudo da poesia, para a qual a natureza o formara. Foi amado e presado pela communhão dos sabios de sua ordem, entre os quaes terminou paci-

ficamente o viver deste mundo, embalado pelas virtudes christãs.

D'entre suas poesias sobresae o bello poema em oitava rima, dado á luz em Lisboa sob o titulo *Eustachidos*, raro hoje nas bibliothecas. Diz-se que o autographo e muitos exemplares impressos desse poema se conservam na Bahia, sob a poeira do archivo do convento.

MANOEL FELIZARDO DE SOUZA E MELLO

Nascido a 5 de Dezembro de 1805 na freguezia do Campo-Grande, municipio da Côrte, estudou no lar paterno as primeiras lettras e o latim, e no seminario episcopal de S. José completou seu curso de humanidades. Em Junho de 1822 atravessou o Atlantico, foi beber nos seios de Coimbra a sciencia de que sequioso se mostrava; cooperou na universidade para manter a reputação gloriosa dos estudantes brasileiros, ganhou premios em todos os annos lectivos, em que essa distincção havia, e tomando o gráo de bacharel em mathematicas em 1826, voltou á patria, e foi no anno seguinte despachado lente substituto da academia militar da Côrte, e logo depois tenente, graduado capitão, do corpo de engenheiros.

A fortuna bafejára o joven de 22 annos; abençoada, porém, seja a fortuna, quando em sua cegueira acerta com o merecimento e a intelligencia esclarecida.

O verdadeiro talento faz sentir ao longe o seu fulgor: as habilitações de Manoel Felizardo foram conhecidas e aproveitadas fóra da academia; na commissão liquidadora do primeiro e infeliz banco do Brasil, na do

exame do pessoal do thesouro e de todas as outras repartições fiscaes da Côrte, experimentaram-se desde logo seu elevado prestimo e a extensão das suas faculdades.

Em 1832, nomeado inspector da thesouraria provincial do Rio Grande do Sul, presidiu e dirigiu a sua organisação, e com tanta habilidade e tino administrativo, que em menos de tres annos a renda duplicou; retirando-se daquella provincia, consagrou-se exclusivamente ao magisterio até o anno de 1837, em que foi chamado á administração da provincia do Ceará, que exerceu como presidente até 1839, sendo então removido para a do Maranhão, ensanguentada por violenta e brutal rebellião. No Ceará o exaltamento dos partidos offereceu então um quadro de resistencia e reacção, de antagonismos ardentes, que enchem a historia de injustiças mutuas, de recriminações parciaes, que, não lhe disputando os fóros de habil administrador, discutem-lhe ainda a imparcialidade politica em processo que espera da sentença do juiz competente que sahirá das novas ou de futuras gerações; no Maranhão o governo, sem forças appellando para recursos insufficientes, lutando com os rebeldes, quasi abandonado, porque os cuidados da Côrte se concentravam no Rio-Grande do Sul, onde mais gravemente perigava a integridade do Imperio, no Maranhão a presidencia foi para Manoel Felizardo um martyrio, uma missão desesperadora, em que elle fez muito resistindo impassivel, pondo em campo cerca de cinco mil soldados e facilitando assim a completa pacificação da provincia, que foi mais tarde realisada pelo Sr. barão, depois conde e marquez de Caxias.

Nas épocas de lucta violenta, o espirito de partido é muitas vezes iniquo e implacavel ; na colheita dos louros de um triumpho os vencedores amam o exclusivismo das honras da victoria : esmerilhar e patentear sem nuvens a verdade é difficil, senão quasi impossivel aos que vivem com os homens da mesma idade, aos que ouvem os interessados, aquelles que são partes e pretendem ser juizes ; como quer que seja, é incontestavel que, na presidencia do Maranhão, Manoel Felizardo soube não se deixar abater e vencer por 15,000 rebeldes, conseguiu a restauração da cidade de Caxias, expoz a sua vida na tomada da villa de Icatú ; prestou, portanto, serviços reaes, e por elles foi merecidamente promovido ao posto de major.

A provincia das Alagôas em 1840 até 1842 ; a de S. Paulo em 1843, a de Pernambuco por poucos dias, em 1848, o nosso Manoel Felizardo por presidente, e nessas, menos vehemente, a intolerancia dos partidos deixou ao administrador zeloso mais afortunado ensejo de servir á causa de todos na boa direcção dos negocios provinciaes.

Manoel Felizardo não tinha ficado esquecido na administração das provincias : duas vezes eleito deputado, se distinguira na camara como habil discutidor, e adextrado na pratica administrativa. Membro notavel do partido conservador, soffreu as consequencias do revez politico de 1844, que foi aproveitado pela escola militar até 1848, em que, no mez de Março, o gabinete organisado pelo visconde de Macahé roubou-lhe o lente preclaro que foi ser ministro da guerra. Como o primeiro ministerio do visconde de Uruguay, tambem esse teve a vida ephemera : Manoel Felizardo

voltou á effectividade do magisterio, interrompeu-o para ir tomar assento na assembléa provincial do Rio de Janeiro, da qual foi eleito presidente em 1848, e no mesmo anno, a 29 de Setembro, foi de novo chamado ao ministerio, occupando a pasta da marinha e interinamente a da guerra, da qual foi, em 1849, effectivamente encarregado; nesse gabinete contribuiu muito para a debellação da revolta praieira em Pernambuco, deu provas de grande actividade e energia, preparando, dispondo com rapidez, e fazendo utilisar todos os meios necessarios para a guerra do Prata, que acabou incruenta no Estado-Oriental, dissolvendo-se o exercito de Oribe, e na Confederação Argentina, sendo vencido em Monte-Caseros o tyranno de Palermo. Em 1853 sahindo do ministerio, sendo nomeado no anno seguinte director geral das terras publicas, foi o creador desta repartição, e concorreu consideravelmente para a organisação dos regulamentos necessarios para ser executada a lei de 18 de Setembro de 1850.

Ainda outra vez ministro da guerra em Janeiro de 1859, poucos mezes conservou-se no poder, em que então pela ultima vez fez sentir a sua capacidade administrativa e profundo conhecimento dos negocios da repartição que com elevada intelligencia dirigiu.

Em 1848 tinha sido eleito pela provincia do Rio de Janeiro em lista triplice para senador, e escolhido em Dezembro do mesmo anno por Sua Magestade o Imperador, foi sentar-se na camara vitalicia em uma cadeira, que illustrou com seu grande saber e com a eloquencia da sua palavra.

Estava ainda vigoroso e forte, quando começou a ouvir annuncios de morte no coração, affectado por

uma dessas enfermidades terriveis, que avançam e se desenvolvem sinistramente, zombando da sabedoria do medico e dos cuidados da victima, que acaba cansada da vida tormentosa pelos soffrimentos, e negrejada pela desesperança.

Manoel Felizardo de Souza e Mello occupou com distincção os mais altos cargos de seu paiz; em 1859 foi nomeado conselheiro de Estado extraordinario, passando por decreto de Agosto de 1866 ao exercicio ordinario, em que já não lhe foi dado entrar; Sua Magestade o Imperador o agraciou em 1841 com a commenda da ordem de Christo, e Sua Magestade Fidelissima com a grã-cruz da mesma ordem.

O conselheiro de estado Manoel Felizardo de Souza e Mello, onde se mostrou, mostrou-se notabilidade: no magisterio deixou lembrança indelevel do brilhantismo, da amenidade e da profundeza das suas lições na memoria grata de todos os seus discipulos: na arena politica foi um dos primeiros vultos de seu partido; no parlamento gozou merecidamente fóros de orador abalisado, e nas altas questões financeiras dos ultimos annos elevou-se no senado á altura dos mais consumados lidadores, e nos trabalhos de gabinete, nessa seára muitas vezes ignorada, e onde mais gravemente se attribula o espirito e se gasta a vida, foi activo, como fecundo e habil.

Conseguiu em vôos arrojados subir aos mais altos gráos na escala social; foi a intelligencia que para tanto lhe deu azas de aguia: abençoamos o systema de governo, que abre ao merecimento as portas de todas as grandezas.

MANOEL JOAQUIM DE MENEZES (Dr.)

Nasceu no Rio de Janeiro em 1789.

Seus paes fôram o 1° tenente da armada Antonio Rodrigo de Menezes, e D. Violanta Escholastica de Menezes.

Morreu Antonio Rodrigo quando seu filho contava sete annos de idade, e D. Violanta ficou pobre e sem protecção.

Concluiu Menezes a instrucção de primeiras lettras, desenvolvendo-se physica e moralmente, e procurando por si mesmo os meios de continuar a instruir-se. Havendo-se applicado á pratica de cirurgia no hospital da Santa Casa da Misericordia, sentou praça de ajudante dessa arte no 2° regimento de infantaria de linha em 9 de Novembro de 1803.

Seguiu para a villa de Paraty, no posto de 1° sargento, em Outubro de 1807, por ordem do Vice Rei Conde dos Arcos, na commissão de estabelecer alli uma enfermaria, onde fossem tratados os soldados, encarregados das fortificações da mesma villa. D'ahi regressou em 28 de Julho de 1808.

Desacoroçoado de ser promovido, em razão do excessivo numero de officiaes portuguezes, matriculou-se na academia medico-cirurgica, creada por occasião da chegada da familia real ao Brasil.

Em 1810 propoz-se Menezes a fazer exame publico de cirurgia, e, desfeitos alguns embaraços, obteve diploma com a cathegoria de bacharel em medicina.

Em 1817 por occasião da revolução de Pernambuco, foi nomeado primeiro cirurgião do hospital expedicionario, na divisão que para alli seguiu commandada pelo

general Luiz do Rego, chegando áquella provincia em 29 de Junho, depois de ter estado na Bahia. Menezes installou o hospital no convento dos Carmelitas do Recife, que estava deserto de religiosos, e offerecia as accommodações precisas.

Na falta de cirurgiões habilitados, Menezes admittiu a praticar no hospital aos ajudantes de cirurgia dos corpos, e a muitos moços, que se queriam applicar, e aos quaes forneceu a possivel instrucção theorica e pratica gratuitamente.

Casou-se ahi com D. Eufemia Marianna de Menezes, e regressou para o Rio de Janeiro em 3 de Janeiro de 1821.

Nenhuma remuneração recebeu Menezes do governo pelos serviços prestados na expedição.

No *club secreto*, em que se tratavam e preparavam as medidas que convinham á união e independencia do Brasil, e ao qual pertenciam pessoas muito distinctas, inclusive o Sr. D. Pedro I, que algumas vezes o presidiu, foi admittido Menezes.

Por occassião da revolta de 1824, em Pernambuco, o Dr. Menezes, cirurgião-mór da 3ª brigada da expedição que havia tomado o titulo de *exercito cooperador da bôa ordem*, chamou a si a direcção em chefe da expedição de saúde, tendo organisado em Maceió um hospital ambulante, e dando todas as providencias necessarias para o bom serviço, achando-se até no combate do bairro da Bôa-Vista por occasião de entrar e occupar o exercito a cidade do Recife.

O Dr. Menezes, neste tempo como em 1817, concorreu muito para a lentidão dos interrogatorios e execução de alguns presos, lentidão que deu tempo a chegar a amnistia concedida pelo Imperador, poupando-se assim

muitas vidas, que seriam sacrificadas talvez innocente e injustamente.

Em 7 de Dezembro de 1824 foi nomeado delegado do cirurgião-mór para reorganisar as differentes partes da repartição de saude, o que cumpriu; regressando em 9 de Agosto de 1825 para a Côrte com a brigada.

Ao tempo que profusamente se distribuiam graças até por pessoas extranhas aos acontecimentos, o Dr. Menezes era excluido dellas, porque os espiões apresentaram os seus serviços como feitos ao partido *republicano*.

Pelo proprio Imperador, que reconhecia o zelo e capacidade de Menezes, foi este designado a marchar para o Sul, com a expedição que seguiu para a provincia de S. Pedro por occasião da guerra das republicas de Uruguay e Argentina.

Foi secretario do commando desta expedição, de que era chefe o brigadeiro João Damasceno Rosado, bravo, mas destituido de instrucção; prestando-se Menezes a esse mister,porque não havia um official no pequeno estado-maior daquelle chefe, capaz de redigir um officio. Desintelligencias se deram entretanto, das quaes resultou mandar Rosado pôr á disposição de Menezes uma sumaca para transportar-se nella com os doentes e trem do hospital, dispensando-o de com elle marchar no quartel-general.

Menezes installou-se na villa de S. José do Norte, e depois em Pelotas, providenciando a todas as necessidades com actividade, e removendo as difficuldades, que de proposito se lhe antepunham.

O coronel Bandeira, desta expedição, achou-se em difficuldades de marchar para a fronteira de Bagé por falta de recursos pecuniarios, os quaes lhe foram facili-

tados por Menezes, que, sendo amigo do charqueador Antiqueira, depois visconde de Jacuhy, pôde obter deste um emprestimo de oitenta contos de réis, em duas prestações.

Removidos para o hospital fixo de Porto-Alegre os doentes, Menezes marchou para o exercito, sendo nomeado em 14 de Janeiro de 1827 chefe da repartição de saude. Em S. Gabriel achou vestigios de sua bagagem roubada. O ladrão foi um individuo para quem Menezes havia obtido um emprego no exercito, suppondo ser seu amigo. Deixou-o reduzido ao fato do corpo.

Tendo-se perdido todas as ambulancias, dispersados os cirurgiões que o general mandara reunir em um só ponto, contra a opinião de Menezes, este voltou a S. Gabriel, fez levantar o hospital que alli deixara, fazendo remover tudo para a villa da Cachoeira, o que se fez alta noute, com o auxilio da lua, providencia que salvou muitos doentes.

Desgostoso com alterações extra-legaes,admittidas na repartição a seu cargo pelo general visconde da Laguna; concluida a campanha, requereu licença para regressar á Côrte, que lhe foi concedida,e aonde chegou a 4 de Março de 1829, achando-se preterido por um camarada, que não tinha a sua antiguidade,habilitações e serviços.

Justificado pessoalmente perante o Imperador, em uma audiencia que delle obteve por intervenção de seus amigos, marquez de Cantagallo e conselheiro José Clemente Pereira, foi condecorado com a ordem do Cruzeiro.

Reduzido a quasi total cegueira, em consequencia de uma ophtalmia, acabrunhado de desgostos, pediu reforma e a obteve no posto de tenente-coronel com o

mesquinho soldo de 60$, contando mais de trinta e seis annos de serviço.

Tirou diploma de cavalleiro da Ordem de Aviz, e obteve o officialato da Rosa da munificencia do Sr. D. Pedro II.

Segundo diz o Sr. Mello Moraes, o Dr. Menezes emprehendeu a redacção de algumas memorias sobre a cirurgia militar, hospitaes fixos e ambulantes, ambulancias de corpos, e sobre as enfermidades que mais frequentemente atacam os soldados nos acampamentos, mas o máo estado de sua vista lhe não permittiu coordenal-as e publical-as, limitando-se apenas a mandar escrever, e publicar uma memoria sobre a independencia do Brasil, e integridade das provincias e tambem offerecer-nos varios trechos para a historia, cujas circumstancias ficariam ignoradas, bem como uma memoria sobre a companha do Sul de 1824 até 1829 que está por completar.

MANOEL MAURICIO REBOUÇAS (Dr.) (*)

Nasceu em Maragogipe, da provincia da Bahia. Aprendeu primeiras lettras, e quando se preparava para começar o estudo da lingua latina, aceitou ser escrevente do escrivão da provedoria de ausentes capellas e residuos por conselho de seu pae. Em 1814 empregou-se nesse mesmo mister na capital da Bahia, e no mesmo caracter, depois, na villa da Cachoeira.

(*) Vide discurso do orador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Sr. Dr. J. M. de Macedo, publicado na *Revista Trimensal*, vol. XIX, pag. 447.

Eis a infancia do menino escrevente de cartorio, mostrando-se capaz, em idade de 12 annos, de comprar o seu pão com o producto do proprio labor.

Por occasião de guerra santa da independencia, que na cidade da Bahia rompêra com a lucta dos dias 19 e 20 de Fevereiro de 1822, e que ensanguentara as ruas da primeira capital do Brasil, guerra que durara até o faustoso 2 de Julho de 1823, Manoel Mauricio serviu incessantemente á causa da patria com a dedicação e energia do mais preclaro civismo. Entre taes serviços conta-se o haver elle tomado parte em uma peleja travada nos horrores da noute contra uma canhoneira lusitana, a qual abordou em canoas, com outros combatentes, aprisionando o commandante e quantos da guarnição sobreviveram ao combate; conta-se mais haver elle partido á meia noute em commissão á villa de Maragogipe;para providenciar a acclamação, que do principe D. Pedro se fazia na Cachoeira para regente, voltando no dia seguinte com a acta do pronunciamento de Maragogipe conta-se tambem que atravez do fogo das canhoneiras lusitanas, fôra incumbido de ir arrecadar grande numero de barris de polvora guardados na ilha adjacente á Barra Falsa, empenho que realisara, commandando uma atrevida flotilha de canôas.

Cooperou na organisação da companhia de voluntarios patriotas denominada Bellona, e della fez parte como simples soldado; exerceu até Maio de 1823 o logar de commissariado de boca na villa da Cachoeira, passando para o exercito na mesma commissão até o fim da guerra.

Com o triumpho da patria despiu a farda, e entregou sua bella espingarda de voluntario; nada mais pediu.

Contrariado no provimento de um dos officios de escrivão da capital da Bahia, resolveu ir á França formar-se em medicina; e vencendo mais de uma difficuldade, que se antepunha á sua resolução, conquistou em Paris a carta de bacharel em lettras, de bacharel em sciencias e de doutor em medicina, obtendo em 1832, por meio de concurso, a cadeira de botanica e zoologia da escola de medicina fundada na capital de sua provincia, magisterio que desempenhou com exemplar assiduidade por mais de cinco lustros.

Foi agraciado com o habito do Cruzeiro, e recebeu o titulo de conselheiro que por lei lhe competia.

Prestou serviços reaes á humanidade no exercicio da clinica medica, e a caridade esteve sempre em seu coração acima do interesse material. Por occasião das epidemias da febre amarella e cholera-morbus, aceitou gratuitamente diversas commissões do governo.

Escreveu algumas obras scientificas, fructo de seus estudos, que foram publicadas.

Foi jubilado, porque seu espirito não pôde reagir contra acerbos desgostos da vida, contra ingratidões, que vieram perturbal-o em sua velhice, e inutilisaram o homem de tempera de ferro. A cruel enfermidade parecia entretanto respeitar a intelligencia de Rebouças, em relação á sciencia que professava; porque escreveu uma volumosa obra, que se perdeu, mas que foi lida pelo Dr. Paula Candido com a maior satisfação.

Falleceu em 19 de Maio de 1866.

MANOEL THEODORO DE ARAUJO AZAMBUJA

Nasceu a 4 de Julho de 1780 no Rio de Janeiro, filho legitimo e primogenito do capitão Manoel de Araujo

Gomes, e de D. Anna Felicia de Figueiredo Azambuja.

Teve quatorze filhos de seu consorcio com D. Maria Rita Nascentes.

Na idade de 14 annos tendo Manoel Theodoro assentado praça na 1ª companhia da tropa auxiliar da freguezia de S. José, que teve depois a denominação de 3º regimento de infantaria de milicias, passou successivamente a porta-bandeira, capitão aggregado e finalmente a capitão effectivo da 8ª companhia do mesmo regimento, obtendo este ultimo logar a 26 de Agosto de 1802. Patenteou tal caracter em seu comportamento, tanto publico como particular, taes serviços prestara, que mereceu louvor de seus superiores, sendo promovido, dous annos depois, a capitão de caçadores, e, em 7 de Dezembro de 1812, ao posto de tenente-coronel aggregado do mesmo regimento.

Manoel Theodoro que nunca se lembrara que pudesse haver outro galardão para um homem de bem além da satisfação da propria consciencia, teve m erê do habito de Christo, e 12$000 de tença effectiva, por despacho do principe Regente, assignado pelo Conde de Aguiar.

Em 4 de Setembro de 1830 foi promovido a coronel commandante do dito regimento de infantaria de 2ª linha.

Adquirira direito á sua reforma em brigadeiro, mas nunca a requereu, porque nunca soube pedir cousa alguma para si.

Antes da independencia Manoel Theodoro figurou na scena politica, tomando parte com o seu regimento na proclamação da constituição de Portugal. Achava-se

na Praça do Commercio, na qualidade de commissario para a nomeação do governo provisorio, quando teve logar a matança, de que escapou com José Clemente, Amaral, Moniz Barreto, e outros.

Tomou parte activa na independencia, e na acclamação do Sr. D. Pedro I, á testa de seu regimento.

A 29 de Janeiro de 1823 tomou posse do cargo de vereador do senado da camara, para que fôra eleito.

Dissolvida a constituinte em 1824, ficou de tal modo impressionado sobre as esperanças, que a favor da patria fazia medrar em seu animo, que se conservou em casa com todas as janellas fechadas, recusando-se a pôr luminarias a despeito das instancias e pedidos dos seus amigos. Seguiram-se por esse tempo as deportações dos Andradas, Montezuma, e outros.

Partiu para França com sua mulher e 12 filhos, e a estes procurou dar alli a mais perfeita educação, sendo auxiliado pelo illustre naturalista Augusto de Saint-Hilaire, a quem havia acolhido e obsequiado com as maneiras mais affaveis e significativas, quando em suas excursões passára pelo Rio de Janeiro.

Em Paris, Manoel Theodoro assistiu ás sessões legislativas, visitou os estabelecimentos publicos, humanitarios, instructivos, recreativos, e varias fabricas de mais nomeada; frequentou as audiencias de differentes tribunaes, e com especialidade a das autoridades policiaes e administrativas, e fez estudos mui particulares sobre as instituições do juizo de paz, commissarios de policia, e municipalidades, tomando de tudo nota, e munindo-se dos manuaes,livros e escriptos concernentes a esses objectos. Compenetrando-se da

indispensabilidade dos estabelecimentos dos mercados, dos matadouros que visitou e examinou, e bem assim do serviço da limpeza nas grandes capitaes, conseguiu formar de tudo isso, e de outros objectos uteis, um importante peculio, de que mais tarde se pudesse servir em beneficio de seu paiz.

A casa de Manoel Theodoro, em Paris,era o ponto de reunião de muitos de seus concidadãos, era o centro dos brasileiros alli existentes, e de quantos chegaram até sua volta para o Brasil, que se effectuou em Outubro de 1827.

Em 10 de Fevereiro de 1830 prestou juramento do cargo de juiz de paz da freguezia de S. José, e foi elle o principal organisador desta instituição, applicando ao bom desempenho do cargo quanto observara e estudara, e a sua intelligencia, espirito justiceiro, energia e paciencia.

Offereceu á camara municipal em 1830 tres memorias — 1ª sobre matadouros— 2ª sobre mercados publicos —3ª sobre limpeza da cidade. Esta offerta foi recebida com especial agrado, e lhe foi agradecida pela municipalidade.

Nos dias difficeis e melindrosos, que precederam e se seguiram á abdicação, muitos serviços prestou para manter o socego publico, o que se manifesta do voto de agradecimento, que á camara municipal lhe dirigiu em 18 de Abril de 1831.

Foi nomeado presidente da provincia de S. Paulo, emprego em que não desmentiu o seu passado, porque teve em mira sómente o bem publico e o cumprimento de seu dever. Entregou seis mezes depois a administração a Raphael Tobias de Aguiar, nomeado para o

substituir em 13 de Outubro de 1831, por conveniencias da politica que dominava.

A injustiça das paixões politicas levou o moderado Manoel Theodoro a responder a um processo de responsabilidade, em que o jury não achou materia para accusação, por ter negligenciado a execução da lei de 6 de Junho de 1831, isto é, por não ter usado de rigor e força para dispersar o povo, que, reunido, queria representar então contra o ministerio.

Ainda foi reeleito juiz de paz, logar que exerceu na época notavel do golpe d'Estado de 30 de Julho de 1833, concorrendo para manter a ordem, e apoiar a opinião daquelles que, na representação nacional, se pronunciavam contra essa medida revolucionaria.

Retirou-se a tempo da scena politica, e recolheu-se ao lar domestico, e ao seio de sua familia, sem comtudo deixar de acompanhar a leitura de tudo quanto podia interessar o seu paiz.

Falleceu em 27 de Julho de 1859, sorprendido por uma pneumonia dupla e aguda.

Não comprehendia a politica sem a moral — era religioso sem ostentação, e consultava sempre a sua consciencia em todas suas acções, quer publicas, quer particulares, em que sobresahia o maior desinteresse e abnegação de si mesmo. (*)

MARCOS TEIXEIRA (D.)

Quinto bispo do Brasil, que falleceu na Bahia em 8 de Outubro de 1624.

(*) Aproveitamos esta biographia de um completo escripto do Sr. J. B. Calogeras, publicado na *Revista popular*, vol. VII, 1860.

A voz da patria, opprimida pela invasão dos hollandezes, o chamou ás armas, deixou o seu cajado pela espada, e poz-se á frente das tropas brasileiras, dando assim o exemplo do despreso das regalias do repouso pelos perigos e incommodos do campo da batalha, e perigos da guerra. Foi profundamente lamentada a sua morte.

MARIA JOSEPHA BARRETO (*)

Natural de Viamão, da provincia de S. Pedro do Sul.

Foi casada com um individuo, que servia de carcereiro na cadeia de Porto-Alegre.

Compoz muitos elogios dramaticos, hoje perdidos.

Um de seus contemporaneos affirma que a viu improvisar no theatro, e sustentar vigorosamente a lucta com um official cego, tambem poeta.

A ella pertence o seguinte soneto, dedicado ao 55° anniversario de D. João VI:

> Lá onde o Tejo undoso ufano pisa,
> Dos brilhantes laureis já despojada,
> De funebre cypreste a fronte ornada,
> Lysia envolvida em pranto se divisa.

(*) *Alman. de lemb. bras.*, 1868, Maranhão. O Sr. A. de V. M. de Drumond, de Pernambuco, em um escripto sob o titulo—*Apologia do bello sexo*— publicado em 1857, dá noticia de uma D. Maria Josepha Barreto Pereira Pinto, natural do Rio de Janeiro, insigne poetisa, conhecida por—*Musa brasileira*.

Na saudade cruel que a penalisa,
Invejosa suspira, consternada,
Quando America assaz afortunada
A gloria de João immortalisa.

No seu erguido throno brasileiro,
Fundador de uma nova monarchia,
Qual de Ourique Affonso, rei primeiro,

Dictando sabias leis, já neste dia
De onze lustros o gyro vê inteiro
O grande filho da immortal Maria.

MARIA QUITERIA DE JESUS MEDEIROS (D.)

Natural da Bahia. Deixou a casa de seus paes no *Rio do Peixe*, vestiu-se com os trajos de um homem, foi á cidade da Cachoeira, sentou praça de voluntario no regimento de artilharia, e depois, já conhecido o seu disfarce, obteve passagem para o batalhão de caçadores, denominado dos — voluntarios do Principe D. Pedro.

Quando as tropas de Pinto Madeira quizeram tomar Itaparica, ahi fez ella prodigios de valor á frente de muitas senhoras, e guiou-as á victoria.

Quando a esquadra contraria aproou á foz de Paraguassú, nem a chuva de metralha, que varria a praia, despedida das bocas de fogo das embarcações, nem as ondas embravecidas a detiveram.

Pacificada a Bahia, foi D. Maria de Jesus levar ao Rio, a D. Pedro I, a nova da feliz restauração, e o Imperador, por decreto de 20 de Agosto de 1823, permittiu-lhe o uso da insignia do Cruzeiro, como um dis-

tinctivo para assignalar os serviços militares que, com denodo, raro entre as mais de seu sexo, prestára á causa da independencia.

Warden faz della menção honrosa na sua historia do Imperio do Brasil.

Maria Graham, illustrada ingleza, que escreveu e publicou em Londres o jornal de sua viagem pelo nosso paiz, ornou a sua obra com o retrato da heroína.

O Sr. Ladisláo Titara não se deslembrou de sua companheira de armas no seu poema—*Paraguassú.*

MARIA ORTIZ

No tempo em que os hollandezes cruzavam as costas do Brasil para delle se assenhorearem, o almirante Patrid em Maio de 1625 com uma armada de oito velas deu fundo na barra da Victoria, capital da provincia do Espirito-Santo, desembarcou, e fortificou-se em diversos pontos.

Nos dias 12 e 14, por meio de um combate, experimentaram a fortuna que, apezar da intrepidez dos nossos, lhe seria propicia,se,como refere Brito Freire, *uma animosa mulher*, a espirito-santense Maria Ortiz, posta á janella de uma casa aguardando a passagem do chefe, não derramasse sobre este uma caldeira d'agua fervendo,que o fez retroceder, desanimar a sua gente, e declarar-se a victoria pelos habitantes do logar, com perda de 38 dos contrarios, que foram mortos, e 44 feridos.

MARIANNA PINTO

India, unica pessoa que ousou, rompendo por entre sentinellas, levar alimento ao padre Antonio Vieira,

que em 1661 fôra posto em custodia na cidade de Belem, (Pará) em resultado de um movimento que alli se levantára contra os jesuitas. Ameaçaram Marianna com queimar-lhe a cabana, e ella respondeu *que se o fizessem, na rua cosinharia a comida para o padre*. Os jesuitas, gratos a este proceder, educaram-lhe o unico filho com esmero tal, que, ordenando-se, veiu a ser cura na mesma cidade de Belem. O geral da ordem mandou de Roma uma carta de Irmandade a Marianna, conferindo-lhe quinhão no merecimento das boas obras da Companhia. Foi enterrada na igreja do collegio a expensas da Companhia. (*)

MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA

Nasceu em 1776 na cidade de Santos, provincia de S. Paulo. Os recursos de sua familia proporcionaram-lhe a vantagem de seguir a carreira litteraria, com seus dous irmãos.

A universidade de Coimbra abriu-lhe seus thesouros, e ahi obteve Martim o gráo em mathematicas.

Em 1800 Martim Francisco foi empregado em excursões scientificas, por ordem do governo portuguez, juntamente com seu irmão José, e o tenente-general Napier, lendo-se pela primeira vez em 1812 um trabalho seu na Academia Real de Sciencias de Lisboa.

Voltou á sua patria todo entregue á vida pacifica do homem de lettras, e accumulando com seus estudos esse cabedal de erudição e saber, que devia mais tarde tanto engrandecel-o no theatro da vida publica.

(*) André de Barros, Liv. 3º, Southey, 4º vol.

Entregou-se ás peregrinações da sciencia—seguiu por entre precipicios e brênhas para descobrir a verdade. « Creio, dizia elle, que Kolbe e Vaillant nos aridos e desertos sertões d'Africa não acharam tantas difficuldades que vencer, como eu em uma colonia portugueza, ha tanto povoada.... Se Linneu intentou suas primeiras viagens a pé, e despido de todos os meios, eu tambem para instruir-me, conhecendo os productos naturaes desta capitania, tenho arrostado com todos os perigos, cobrindo-me com as folhas da *areca oleracea* e alimentando-me com o seu palmito, zombando das onças, tão damnosas e malfazejas, andando a pé por entre mattas continuas, emmaranhadas de espinhos: tudo isto tolero com gosto, e só me desgosta a escassez de observações. »

Martim Francisco, secretario do governo provisorio de S. Paulo, concorreu com seu irmão José para essa gloriosa representação de 24 de Dezembro de 1821, que foi o primeiro grito do patriotismo contra a prepotencia da metropole. Tal era porém a força das idéas regressistas, tanto conseguira entorpecer o progresso da liberdade o movimento retrogrado das idéas luzitanas, que Martim é expulso do governo provisorio, e conduzido preso para a Côrte.

Chegado ao Rio, aguardava-o o mais brilhante triumpho; Martim é chamado para o ministerio da fazenda em 4 de Julho de 1822. O desinteresse e a probidade deram a mão a seus subidos talentos para firmar sua reputação politica: apezar dos enormes dispendios da guerra da independencia, em que houve um accrescimo de dous mil contos na divida publica, sua probidade e patriotismo acharam recursos para fazer-lhe face sem

gravar os cofres da nação, pois ao retirar-se da administração deixou no thesouro uma somma de valores sufficiente para resgatar todo o incremento da divida.

Martim Francisco foi deputado na constituinte brasileira pelos votos da provincia do Rio de Janeiro, e desempenhou com honra o encargo de defender os interesses do povo, e a causa da liberdade.

A 17 de Julho de 1823, o glorioso ministerio da independencia brasileira estava fóra da administração, por que uma opposição surgiu, embaraçando-lhe a acção, opposição formada da liga dos exaltados com os realistas.

A 12 de Novembro de 1823 é dissolvida a constituinte á força armada, e Martim Francisco, cuja voz enthusiastica de patriotismo offendido ferira o poder, é arrastado com seus irmãos, e outros patriotas, ás torturas do exilio.

Em 1828 estava ultimado o plano de um processo, que era o parto do absolutismo dos antigos tempos. Ia ser sujeito á relação o proscripto, como inculpado do crime de sedição. Chegado ao Rio para defender-se, é encerrado em uma masmorra na ilha das Cobras, onde devia expiar o crime de haver amado sua patria.

Em 6 de Setembro de 1828 a Relação firma a sentença de absolvição, que lava a affronta feita aos patriarchas da independencia, e os restitue a seus concidadãos. Neste mesmo anno a provincia de Minas protestava contra o poder, elegendo Martim Francisco para a legislatura de 1830.

Desgostoso porém por tantas decepções, e por soffrimentos tão dolorosos, Martim protesta nunca mais levar aos labios o amargurado calix da vida publi-

ca, que para elle só encerrara o fel da ingratidão. Na sessão de 12 de Maio de 1832 elle profere—« Desde 23 protestei condemnar-me á obscuridade; se esta não basta, o desterro mesmo me será grato, comtanto que delle resulte para os meus concidadãos socego e prosperidade. » Já em 1830 elle havia recusado entrar para os conselhos da Corôa, chamado pelo Imperador, que de seus erros estava arrependido.

Martim Francisco e seus irmãos foram os amigos, que Pedro I encontrou na adversidade, porque os aulicos que o perderam, abandonaram o sol em seu occaso. Recusou servir sob a regencia, porque, aceitando o 7 de Abril de 1831 como um facto consummado, não queria comtudo assumir a responsabilidade de um governo sahido do seio de uma revolução por elle reprovada.

Em 1838, quando sobre os restos da democracia se erguera uma nova politica, Martim engrandeceu com seus talentos essa patriotica minoria, que oppunha na camara os recursos da eloquencia ao poder. Combateu nesse anno a admissão de tropas estrangeiras no Brasil, e em 1840 teve uma parte larga e generosa no movimento parlamentar, que investiu o segundo Imperador de suas funcções magestaticas. Que nobreza de sentimentos, que elevação d'alma nestas palavras, que dirige á camara na sessão de 16 de Julho de 1840:

« ...... Quero que o monarcha suba ao throno, não por amor do poder, porque nunca o procurei, nem o procuro; não por amor de honras, pequenos nadas, futeis frivolidades da vaidade humana, porque eu tenho titulos meus nas acções minhas; não por amor de riquezas, paixão baixa e vil a que nunca queimei incenso;

mas por amor da patria, paixão nobre, que arde em meu coração, pura como o fogo de Vesta.

« Quero o monarcha no throno, porque estou persuadido de que elle será o anjo da paz, que virá salvar-nos do abysmo que nos ameaça; quero que o monarcha suba ao throno, porque supponho que é a unica medida que póde trazer remedio aos nossos males; quero que o monarcha suba ao throno, porque amo esta augusta familia, senhores, para cuja defeza e gloria tenho contribuido com todo o cabedal de minhas forças. Quero finalmente, para cumprir uma promessa dada a um respeitavel velho, que jaz hoje na eternidade, meu fallecido irmão, tão injustamente maltratado por tantos, o qual, no resto de seus dias, affirmava não poder morrer feliz, senão vendo o Sr. D. Pedro II no throno, e o systema constitucional consolidado. Senhores, se eu consigo isto, meus votos estão satisfeitos; e cheio de jubilo posso exclamar com o poeta—oh patria, inda esta gloria me consentes! »

A 23 de Julho de 1840 a maioridade era uma realidade, e o illustre paulista com seu irmão Antonio Carlos era chamado aos conselhos da Corôa pelo joven Imperador.

O mesmo genio que tinha assistido o Imperio nos dias da independencia, fôra fadado pela Providencia para inaugurar o reinado do segundo Imperador. Em menos de nove mezes Martim Francisco deixou o poder ; mas nos poucos dias que viveu, a adversidade guardava-lhe ainda soffrimentos.

Nenhuma parte tomou Martim nos acontecimentos de 1842; entretanto suas cans foram desacatadas, e elle, com seu irmão, solemnemente exautorado das hon-

ras de camarista do Imperador. A ingratidão devia ainda turvar seus derradeiros dias,e, até á ultima hora, o venerando ancião teve de soffrer pela patria.

Um anno depois em 23 de Fevereiro de 1844, falleceu em Santos o veneravel velho, de uma severidade de costumes superior a toda seducção, na expressão do Sr. Homem de Mello, decente em suas palavras, ameno em seu trato e no amor faternal, talhado á antiga, typo dos homens raros, conforme a expressão do Sr. Porto-Alegre. Conservou-se sempre pobre, sem honras, e baixou ao tumulo apenas com o habito de Christo do tempo colonial. Para sua gloria bastava-lhe seu nome.

MARTINHO ALVARES DA SILVA

Nasceu em Pitangui, da provincia de Minas, a 11 de Novembro de 1769.

Assentou praça de cadete, e chegou a ser tenente-coronel, exercendo em seu paiz muitos cargos, e sendo elevado, em 1831, a coronel do regimento de cavallaria de Pitangui. Em 1845 foi nomeado commandante superior da guarda nacional.

De seu casamento com D. Isabel Jacintha de Oliveira Campos teve 22 filhos, dos quaes restavam 13, ao seu fallecimento, sendo dous formados em medicina e um em direito.

Foi homem probo, pae carinhoso, cidadão laborioso. Falleceu em 9 de Abril de de 1846.

MATHIAS DE ALBUQUERQUE

Natural do Maranhão, distincto general nas guerras contra os hollandezes, quando atacaram e empossa-

ram-se de Pernambuco e capitanias circumvisinhas, das quaes era governador.

Se bem que tivesse mostrado coragem e denodo, foi mandado retirar para Portugal por El-Rei D. Felippe e exilado nas suas terras.

Com a revolução de 1640, appareceu offerecendo-se a D. João IV, que, conhecendo seu merecimento, aceitou-lhe os serviços; ganhou logo como general a batalha de Montijo contra os castelhanos, a qual assegurou a independencia de Portugal, e á casa de Bragança.

MIGUEL DE SOUZA MELLO E ALVIM

Nasceu a 9 de Março de 1784, na provincia da Extremadura, do Reino de Portugal, de paes illustres em nome e em riqueza.

Tendo concluido seus estudos preparatorios, foi destinado á marinha militar, assentando praça de aspirante, em Lisboa, a 24 de Março de 1798, na companhia dos guarda-marinhas; e completando o curso scientifico recebeu a promoção de official, e serviu successivamente em diversos navios, inclusive a fragata *Urania*, que em 1807 fez parte da esquadra que acompanhou a familia real em sua transmigração para o Brasil.

Na mãe patria ficou registrado o nome de Alvim nas quatro campanhas do Mediterraneo contra os Estados barbarescos, e em missões importantes nos mares da Africa e da America.

No Brasil, 1º tenente em 1808, foi nomeado para a commissão encarregada de levantar a planta do porto do Rio de Janeiro, trabalho que desempenhou com pericia e actividade, sendo louvado pelo governo; capitão,

tenente em Dezembro de 1813, capitão de fragata effectivo em Outubro de 1814 pelo seu proprio merecimento, commandou navios até 1816, foi ajudante de ordens do governador de Santa Catharina, ao qual ajudou ahi a fundar colonias, e um estabelecimento de aguas thermaes, e fez as campanhas de 1812, 1816 e 1817 no Rio da Prata.

Em 1818 foi nomeado intendente da marinha na provincia de Santa Catharina, emprego que exerceu com esmero durante dez annos; tendo-se casado ahi, dous annos antes da independencia.

Em 182S foi chamado ao Rio de Janeiro, e nomeado intendente da marinha da Côrte e em 15 de Junho desse anno, tomou conta da pasta de ministro e secretario de Estado dos negocios da mesma repartição, cujas funcções exerceu até Dezembro de 1829. Era mais administrador do que politico, activo, escrupuloso e leal sobretudo ao monarcha.

Descendo do poder no dia 4 de Dezembro, é nomeado presidente de Santa Catharina no dia 11, e desempenha esse cargo até 21 de Abril de 1831. Com a noticia da abdicação do Sr. D. Pedro I, rebenta uma revolta militar, que vae ao palacio exigir a deposição do presidente. Este esquece-se de si e só cuida da patria — não quer lutar, dá conselhos, mostra o melhor caminho da revolução, entrega o governo ao vice-presidente, que é obedecido, e não o entrega aos revolucionarios.

Cansado da vida publica, pede e lhe é concedida reforma no posto de chefe de esquadra a 28 de Julho de 1834. Pretendendo consagrar-se exclusivamente ao amor da esposa e dos filhos, o povo catharinense vae buscal-o do lar da familia para membro da assembléa provincial de que foi presidente.

Em 1839 invadindo a provincia visinha a rebellião do Rio Grande, Alvim acode ao brado da legalidade, toma interinamente o commando das forças navaes em operações na provincia de Santa Catharina e por esse serviço é louvado pela Regencia em nome do Imperador.

Proclamada a maioridade do segundo imperante, Alvim deixa o seu suave retiro, e é nomeado em 1841 vogal do conselho supremo militar, encarregado do quartel-general da marinha; em Junho parte para S. Paulo como presidente dessa provincia, obtendo demissão desse cargo em 24 de Novembro, reassumindo o exercicio de vogal.

Em 1844 intendente da marinha pela segunda vez, em 1851 conselheiro de guerra, em 1855 conselheiro de Estado extraordinario. Com funcções tão importantes ainda desempenha a tarefa de inspector das fabricas do municipio da Côrte, protegidas por loterias, ou subvencionadas pelo governo. Em Agosto de 1866 passa a conselheiro de Estado ordinario, e em 8 de Outubro do mesmo anno descança dos trabalhos da terra.

Em seu peito brilharam medalhas e insignias testemunhadoras de prestimos e de virtudes, de que soube dar exemplo aos homens.

Conhecia as sciencias mathematicas, e a litteratura franceza, ingleza, italiana, hespanhola e portugueza. Era comsummado latinista, e arava o campo da poesia onde tivera Nicoláo Tolentino por mestre.

Teve 16 filhos dos quaes deixou vivos 13. (*)

(*) Foi para nós subsidio nesta biographia o discurso do orador do Instituto Historico Geographico Brasileiro, e o Sr. Dr. J. M. de Macedo, publicado na *Revista*, vol. XXIX, segunda parte.

MIGUEL EUGENIO DA SILVA MASCARENHAS (PADRE)

Nasceu na provincia de Minas-Geraes (Santa Luzia do Sabará). Era dotado de grande talento.

Seus primeiros estudos foram adquiridos pelas lições, que lhe deram os professores de latinidade José Felix, e os de philosophia e rethorica de Marianna, e Rio de Janeiro, admirando-se em toda a parte a sublimidade de seu genio.

Francisco Fernandes Vianna, que esteve nove annos em Sabará como intendente do ouro, agasalhou Miguel Eugenio como o fazia a todas as pessoas de talento; facilitou-lhe, e annunciou a lição dos melhores livros, com os quaes, no gabinete, fez-se consummado em bellas lettras latinas, portuguezas, francezas e italianas, apresentando admiraveis traducções em verso de logares escolhidos de poetas latinos, Corneille, Racine, Voltaire, Ariosto, Tasso e Metastasio. O ouvidor d'então Francisco de Souza Guerra Araujo Godinho, e o intendente Vianna persuadiram, e quasi obrigaram Miguel Eugenio a ser orador sagrado, sendo o seu primeiro sermão o das grandes festas celebradas em Sabará pelo nascimento do principe D. Antonio.

Teve a desgraça de perder a razão; o que deu causa ao extravio de seus manuscriptos.

O conego Januario na setima caderneta de seu *Parnaso Brasileiro* impressa em 1832, menciona o nome de Manoel Eugenio como um de nossos bons poetas.

PAULINO JOSE' SOARES DE SOUZA (*)

(VISCONDE DO URUGUAY)

Nasceu na cidade de Paris em 1807, e ainda em tenra idade acompanhou seus paes o Dr. José Antonio Soares de Souza e D. Antonia Magdalena Soares de Souza para o Maranhão, onde fez os seus estudos de humanidades, revelando logo talento superior. Destinado á carreira das lettras, passou aos quinze annos a Portugal e matriculou-se na universidade de Coimbra; estudando até o quarto anno de direito e canones, com applausos de seus lentes e condiscipulos, já prelibava a proxima conquista do titulo scientifico, quando rebentou a revolução absolutista, que em seus furores fechou o templo e espantou os sacerdotes de Minerva.

O esperançoso joven volta ao Brasil, e segue em breve para a provincia de S. Paulo, em cuja academia de direito recebe em 1831 o gráo de bacharel.

Sempre muito merecidamente considerado por seus mestres, gozando entre os estudantes seus collegas de influencia incontestavel, devida á sua brilhante intelligencia e á mais attrahente affabilidade, Paulino Soares de Souza entrou na vida publica em uma época de fervorosa exaltação politica, que arrebatava todos os espiritos, inflammava as generosas ambições da mocidade illustrada, e em cada cidadão parecia exigir um athleta no parlamento, uma sentinella na imprensa, um

---

(*) Esta biographia pertence ao Sr. Dr. Macedo, orador do Instituto Historico, e são suas as expressões proferidas em sessão solemne do mesmo Instituto de 15 de Dezembro de 1866, salvas algumas suppressões que fizemos.

tribuno na praça, um soldado no campo; mas, Paulino resistiu á impetuosa torrente, e abraçou a magistratura, sendo despachado juiz de fóra de S. Paulo, e oito mezes depois removido para a Côrte, no logar de juiz do crime do bairro de S. José, passando, com a execução do codigo do processo, a juiz do civel da 2ª vara.

Como magistrado, Paulino José Soares de Souza poz termo á mais honrosa carreira no fim de breves annos, quando já era desembargador da Relação do Rio de Janeiro; juiz integerrimo, profundo conhecedor da sciencia do direito, interprete fiel, e applicador consciencioso do lei, foi digno da nobre toga que vestiu, e honrou o sacerdocio da magistratura.

Promulgado o acto addicional, a provincia do Rio de Janeiro, elegendo os membres da sua primeira assembléa provincial, escolheu para ella os seus homens mais notaveis, Ledo e José Clemente, vultos de 1822; José Bernardino, antigo ministro e deputado, bella intelligencia e rigido caracter; João Paulo, sabio e eloquente engenheiro e mathematico; Evaristo, honestissimo patriota, e então luzeiro da imprensa; Souza França, o intelligente zelador da economia, o guarda vigilante do orçamento; o Dr. Silva e Cesar de Menezes, duas sciencias e duas probidades. Lembramos sómente alguns dos que já não vivem, varões que foram distinctos,e entre os quaes mereceu ser contemplado naquella eleição o joven Paulino José Soares de Souza, que, no meio dessas notabilidades, tanto se fez notar, que a assembléa logo o escolheu para entrar na lista dos vice-presidentes da provincia.

Mas, o mancebo tocara com os labios a taça encantada; recebêra em seus hombros a tunica de Dejanira; a politica disputou á magistratura a posse exclusiva do seu talento esclarecido; eram duas esplendidas rivaes em luta, ambas nobres e dignas, uma mais grave, mais fria e reservada, a outra mais brilhante, mais caprichosa, mais dominadora; naturalmente foi esta que venceu.

Grande, louvavel, insigne é a missão do estadista: Paulino se devia ao paiz, e consagrou-se ao paiz, correspondendo aos votos da nação e á confiança da Corôa; apenas é lamentavel a perda sentida pela magistratura; talvez, quasi com certeza, tambem o illustre cidadão a lamentou, porque a vida do politico é um oceano de tempestades frequentes, é uma fonte de desillusões que apagam a fé nos homens, é o desengano para o crente, a pobreza para a honrado, tormento para o brioso; mas é um dever sagrado. A vida do politico consciencioso póde aproveitar, aproveita á patria, a elle não: no maior auge das suas grandezas, o politico consciencioso deslumbra a multidão com um brilhantismo apparente; mas, na realidade da sua vida ha maguas que se escondem, torturas que se abafam, e a sua missão é um martyrio imposto pelo dever.

Paulino entrou, pois, na scena politica, na qual, durante mais de um quarto de seculo, representou importantissimo papel.

No parlamento, foi deputado pela provincia do Rio de Janeiro desde 1836 até 1849, em que, escolhido senador em lista triplice, offerecida pela mesma provincia, passou a ter assento na casa vitalicia; tinha, é certo, deixado de ser reeleito em 1844, ficando segundo

supplente entre os votados; mas, ainda então, coube-lhe occupar a sua cadeira na camara, em consequencia do fallecimento de um deputado e de haver entrado para a outra camara o primeiro supplente.

Quer em uma, quer na outra casa do parlamento, estivesse na opposição ou na maioria, ou fosse ministro, nunca se mostrou dominado pela ambição das palmas triumphaes da tribuna; quando, porém, subia a ella, chamado pelo dever ou pela consciencia, rompia de seus labios uma torrente de raciocinios que a pureza do estylo vestia de elegante forma; valente argumentador que elevava as discussões, aprofundando as materias, fallava sempre á razão, raro ou quasi nunca ao enthusiasmo, cuidava pouco das galas da rhetorica, muito da solidez dos argumentos: a sua eloquencia era a logica.

Na alta administração, depois de ter sido presidente da provincia do Rio de Janeiro, entra como ministro da justiça para o ephemero gabinete de 23 de Maio, que devia cahir dous mezes depois perante a declaração da maioridade de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II; em 1841 volta de novo a tomar a pasta da justiça no ministerio de 23 de Março; resiste esforçado á brilhante opposição parlamentar desse anno ; sustenta e faz passar a lei de 3 de Dezembro e a do conselho de Estado, e, em seguida á dissolução da camara em 1842, contribue consideravelmente no governo para reprimir os movimentos revolucionarios de S. Paulo e Minas, e nesse empenho, apadrinhando-se com as circumstancias extraordinarias em que se achava o paiz, não hesita no emprego de medidas que dão testemunho da sua energia. Em 1843 retira-se do poder o gabinete de

23 de Março, mas Paulino faz parte do que se organisa a 20 de Janeiro, continuando ainda na pasta da justiça, que deixa pela dos negocios estrangeiros a 8 de Junho, até que a 2 de Fevereiro de 1844 desce do governo com todos os seus collegas, e vae dirigir na camara a opposição conservadora.

Correm cinco annos, o illustre estadista é outra vez chamado ao poder, indo no gabinete de 29 de Setembro substituir o Sr. marquez de Olinda na pasta dos negocios estrangeiros a 8 de Outubro de 1849. Sua vasta intelligencia e o seu patriotismo desprendem-se dos antagonismos da politica interna, e vão nas relações exteriores ostentar os seus potentes recursos em uma arena onde muitas vezes ha tambem adversarios e inimigos, onde porém os adversarios e inimigos não são nossos irmãos pela patria. Nesse gabinete, que tem por si a paz interna, e uma vida de quatro annos, Paulino encontra herculea tarefa nas ultimas questões com a Inglaterra, relativas á extincção do abominavel trafico de africanos, e na luta com o dictador Rosas, que, começada no campo da diplomacia, passa ao da guerra, e acaba em Monte-Caseros, dando em resultado a effectiva independencia e integridade do Estado Oriental do Uruguay, as mesmas condições ao Paraguay, a libertação da Republica Argentina, e, em direito ao menos a livre navegação dos grandes rios que formam a bacia do Prata.

A 6 de Setembro de 1853 Paulino deixa, emfim, o poder para nunca mais tornar a elle; dous dias depois é nomeado conselheiro de Estado ordinario; a 2 de Dezembro do anno seguinte é por Sua Magestade o Imperador agraciado com o titulo de Vis-

conde do Uruguay, com grandeza, e em 1855, encarregado de uma missão especial junto á côrte de Paris, passa á França como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario. A missão não teve resultado; a questão do Oyapock que era o seu assumpto, ficou ainda adiada, e o conselheiro de Estado visconde do Uruguay, recolhendo-se á patria, esqueceu a politica e dedicou-se a profundos estudos, que deram ao paiz fructos de subido valor.

Em 1862 o Visconde do Uruguay começava a exhibição da messe proveitosa e abundante, publicando o *Ensaio sobre o Direito Administrativo*, obra em dous volumes, portico do monumento que planejara; em 1865 proseguia com ardor na mesma empreza, dando á luz da imprensa em outros dous volumes a *primeira parte* dos *Estudos Praticos sobre a Administração das Provincias no Brasil*, trabalho de vastas proporções, que infelizmente a morte veiu interromper, mas que nem por isso é menos estimado e considerado por autoridades competentes na materia, parte das quaes embora muitas vezes se afaste do Visconde do Uruguay em pontos de doutrina, e de consequente pratica, não lhe nega, antes applaude a importancia e o merecimento das duas obras que elle deixou impressas.

O Visconde do Uruguay dormiu o ultimo somno aos cincoenta e nove annos de idade; estava alquebrado e envelhecido pelo labor incessante e pela enfermidade que tanto padecer o levou ao tumulo; em sua vida mal conhecera as festas, as distracções e os prazeres da sociedade; tinha as suas delicias no gabinete de estudo; o seu encanto nos livros, dos quaes apenas o separava o dever do serviço publico; suas horas de descanço

pertenciam ao amor da familia e ás suaves doçuras da amizade; a ambição de saber e a constancia no trabalho gastaram-lhe as forças; seu tronco já estava dobrado como o do octogenario, seus passos mal seguros annunciavam o desfallecimento do corpo, e ainda assim trabalhava e trabalhou até o dia, em que o golpe fatal da enfermidade o prostrou no leito e o condemnou á longa e cruelissima agonia que precedeu ao seu passamento.

Como filho, esposo, pae e amigo, o Visconde do Uruguay foi um modelo de dedicação e de fidelidade; como magistrado, escriptor e homem de sciencia, todos lhe fazem plena justiça; como politico provou firmeza de convicções, e foi um dos mais prestigiosos chefes do partido conservador; por isso mesmo os contemporaneos são juizes suspeitos dos seus actos, das suas idéas e da sua influencia no governo do Estado; nós cumpre respeitar a pureza das suas intenções, á posteridade julgal-o-ha em seu caracter de estadista.

O Visconde do Uruguay foi altamente considerado dentro e fóra do Imperio; mereceu de Sua Magestade o Imperador D. Pedro II a graça da grã-cruz da imperial ordem da Rosa, de official de ordem imperial do Cruzeiro; de Sua Magestade o Rei de Napoles, em 1850, a grã-cruz da ordem de S. Gennaro; do Rei da Dinamarca, em 1852, a da ordem real de Dambrog; do imperador da Austria, no mesmo anno, a da ordem imperial da Corôa de Ferro,e do Rei de Portugal a da ordem de Christo daquelle Reino.

Na republica das lettras era membro honorario da academia Tiberina de Roma; da academia archeologica da Belgica; da academia britannica de sciencias, artes

e industria; da sociedade zoologica de aclimatação de Paris; da sociedade animadora das sciencias, lettras e artes de Dunkerke; do Instituto Historico e Geographico brasileiro; da sociedade Auxiliadora da industria nacional, e do Instituto historico do Rio da Prata.

O Visconde do Uruguay occupou as mais altas posições sociaes; foi magistrado durante alguns annos, presidente da provincia do Rio de Janeiro, deputado desde 1836 e depois senador do Imperio, quatro vezes ministro, emfim conselheiro de Estado. Possuira, entrando na vida politica, uma modesta fortuna; viveu sem ostentação e sem fausto, e morreu legando á sua familia, com o thesouro do seu nome, uma pobreza gloriosa. Os altos poderes do Estado, concedendo pensões á viuva e á filha do visconde do Uruguay, lavraram para sua memoria a mais brilhante carta de nobreza, o testemunho eloquente da sua immensa probidade. Falleceu em 15 de Julho de 1866.

PEDRO RODRIGUES FERNANDES CHAVES

(BARÃO DE QUARAHIM)

Nascido na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, formou-se em direito na academia de S. Paulo. Tinha caracter vigoroso, e incontestavel talento.

Foi presidente da Parahyba do Norte n'uma época de maior exaltação dos partidos; e franco e decidido como costumava ser, escapou em 1842 a uma tentativa de assassinato, que não o fez arrefecer de energia, antes reduplicar.

Foi deputado pela Parahyba, e tambem pela sua provincia natal. « Ostentou na opposição, diz o Sr. J. M. de Macedo, a vehemencia de um adversario exaltado mas leal; bateu-se na tribuna sempre a descoberto; excedeu-se as vezes no ardor da discussão; tinha os defeitos correspondentes ás suas qualidades; era o homem das lutas vehementes; atirando-se á guerra queimava o navio apenas desembarcava; queria vencer ou succumbir: ningem se enganou com elle: herculeo paladino nunca entrou na liça levando viseira. »

Escolhido senador pela sua provincia, mostrou-se mais calmo nas discussões, raras vezes tomando a palavra.

Grave molestia o levou á Europa; não lhe aproveitou a viagem, e falleceu em 1866.

RITA JOANNA DE SOUZA

Em 1796 nasceu em Pernambuco essa senhora illustre, que muito honrou as bellas artes e lettras, e de cujo talento fazem menção o abbade Barboza, Froes Perin, Denis, Balthazar Lisboa, e outros.

Sua mocidade passou ella alegre no entretenimento da pintura, e quando descançava os seus pinceis, era para se entregar ao estudo da historia e da geographia, que fazia o seu encanto, e a respeito do que escreveu algumas investigações, que talvez se conservem em abandono, se já não foram desencaminhadas pela incuria.

Em 1718 a morte ceifou esta flôr, quando contava 22 annos de idade ! (*)

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA

Nasceu na Bahia a 3 de Maiō de 1660. No collegio dos jesuitas habilitou-se para os estudos superiores, e sendo seus paes abastados, seguiu na idade de 16 annos para Lisboa, tomando em 1682 o gráo de bacharel em canones na universidade de Coimbra.

Regressando logo á sua patria, occupou o posto de coronel do regimento privilegiado de infantaria das ordenanças. Casou-se com D. Brites de Almeida, e recolheu-se para uma fazenda, que possuia nas margens do rio Paraguassú.

Passou ahi muitos annos vida tranquilla, entregando-se no meio dos trabalhos agricolas á leitura de todas as obras litterarias e scientificas da época, e escrevendo canticos, sonetos, hymnos e eglogas. Escreveu na lingua castelhana um romance imitativo do *Palmeirim de Inglaterra*.

Deliberou-se a escrever uma historia do Brasil, e para conseguir esse empenho, deixou seu descanço e seu repouso, e gastou annos no exame de documen-

---

(*) Vide *Brasileiras Celebres* do Sr. J. Norberto, Paris, 1862. O Sr. A. de V. M. de Drumond, em uma *Apologia do bello sexo* escripta em 1857, diz a respeito de D. Rita :

« Nasceu em Olinda, da provincia de Pernambuco, filha do Dr. João Mendes Teixeira.

« Tornou-se insigne em litteratura, philosophia racional, historia, e bellas artes. Publicou obras interessantes, que recommendam seu nome á posteridade, e morreu em 1719 com 24 annos incompletos.

tos e manuscriptos, que existiam nos archivos dos collegios dos jesuitas da Bahia, Rio de Janeiro, e S. Paulo. Passou-se a Lisboa, onde entregou-se com actividade á indagação consciencíosa dos papeis, que lhe podiam ministrar elementos para sua tarefa, Estudou as linguas franceza, hollandeza, e italiana para er e conhecer os escriptos destes povos. Nesta missão lque conseguiu terminar em 1728 empregou pouco menos de metade de sua vida.

Publicou em 1730 a *Historia da America Portugueza* desde seu descobrimento até 1724, a qual muitos applausos obteve. A academia real de historia deu-lhe diploma de socio supra-numerario. El-Rei D. João V nomeou-o fidalgo de sua casa, e cavalleiro da ordem de Christo.

Retirou-se Rocha Pitta para a Bahia, e recolheu-se ao seu dourado repouso, e ao gremio de sua familia, reunindo em torno de si muitos filhos queridos, em cujos animos procurou diffundir as amaveis e candidas virtudes que adornavam seu coração.

Baixou á sepultura no dia 2 de Novembro de 1738.

URSULA LUIZA DE MONSERRATE

Natural da Bahia, filha unica do coronel Pedro Barboza Leal, de quem herdou 355:000$000.

Requereu faculdade para fundar um convento de freiras, o que lhe foi concedido por alvará de 21 de Abril de 1735. Depois disto alcançou licença para levantar um pequeno hospicio, onde immediatamente foram admittidas ao noviciado algumas moças, que

se destinavam a viver neste convento, abrigadas pelo manto de Deus, das illusões do mundo. Estando prompto este asylo, que tomou o nome de *Mercês*, em 24 de Setembro de 1744 foi a trasladação das virgens para a nova habitação, debaixo das ordens de D. Ursula, sua primeira superiora, por autorisação do Pontifice.

Ainda existe este mosteiro, que goza de merecido credito, por imperar só nelle a virtude e a religião.

PARTE II

INDIGENAS

Botocudos.—Tribu de indios existente nas margens do Rio Mucury aonde teem plantações proprias, e,segundo escrevia em 1859 o Sr. Theophilo Ottoni,estão fixados ao solo, e só ás vezes ha necessidade de exprobrar-lhes alguns furtosinhos nas roças das visinhanças, e a regra geral neste caso é ;— que elles confessam o furto, mas com uma imperturbavel hypocrisia declaram, que foi feito por suas mulheres sem elles o saberem, e offerecem-se para castigal-as á satisfação do roubado,que tem de contentar-se com estas explicações, mas que, com a queixa, affugenta da roça os larapios.

Na interessante *Noticia de Matto-Grosso* publicada em 1869 pelo Sr. Joaquim Ferreira Moutinho, em S. Paulo. lê-se que se dispersaram os indios *Caiuás* e *Guaranys* os quaes formavam um aldeamento,depois da invasão e devastação daquella provincia feita pelos paraguayos.

O mesmo diz dos *Terenas* e *Laianas*.

Dá as mais favoraveis noticias dos *Quiniquinaos*, em relação ao amor do trabalho, circumspecção e moralidade, que lhes teem infiltrado os missionarios, e á visinhança dos estabelecimentos agricolas do Barão de Villa Maria e sua familia.

Dá noticia dos costumes e da lingua usada pelos *Guanás*.

Diz que os *Bacahiris* continuam inoffensivos na sua vida de caça e pesca, não tendo apresentado seu aldeamento resultado algum favoravel, por falta de meios indispensaveis á sua realisação.

Os *Guachis* estão quasi extinctos pelo barbaro costume de matarem os filhos. E' uma raça altiva que não se sujeitou ás leis do Brasil, desde que o seu chefe foi preso por vingar-se, matando um soldado, que lhe desrespeitara a mulher. O crime foi perdoado, mas isso não bastou. O Sr. Moutinho dá noticia da linguagem desta raça.

Guarayos.—Teem seu aldeamento 68 leguas distante de Matto-Grosso, na margem occidental e oriental do Guaporé. São de excellente indole, bem apessoados, sadios e trabalhadores, e vivem aldeados em numero maior de 400, sem a menor intervenção do governo.

Cabixis.—Em suas depredações e ataques teem mostrado possuir audacia e coragem, e grande rancor aos habitantes de Matto-Grosso. Sempre que teem occasião offendem os *guarayos*, que se receiam de seu barbarismo.

Muras—Mondrucús.—Vivem dispersos e bravios, porém em numero mui limitado. Foram elles que deram começo ás ruinas de Matto-Grosso, impedindo a navegação para o Pará. O dialecto delles encontra-se na obra do Sr. Moutinho.

Bororós Cabaçaes.—Tem desapparecido estes indios de um modo inconcebivel, victimas da miseria e dos bichos. Seu aldeamento estava collocado em uma linda planura entre palmeiras e bananeiras, á beira da estrada que segue para Matto-Grosso. O seu dialecto dá-o o Sr. Moutinho.

Quatós.—Seu dialecto encontra-se na obra do Sr. Moutinho; e refere elle, além de outras circumstancias destes indios, que João Rebanho, cacique bonito e valente, tinha para cima de vinte mulheres.

Chavantes.—Em 1863 fundou uma povoação o Dr. Couto de Magalhães, quando presidente de Matto-Grosso, a qual tomou o nome de S. José de Jamimbú, reunindo tribus dos indios Carajás e Chavantes com o fim de, fazendo-os cultivar o solo fertil da margem do rio Araguaya, entre aquella povoação e Leopoldina, prestarem aos navegantes os viveres de que necessitassem. Em Agosto de 1868, o commandante do vapor *Araguaya* Francisco Sizenando Peixoto, em viagem de experiencia entre os portos de Itaicaiú e Santa Maria, dando conta desta expedição, noticia que a povoação de S. José de Jamimbú terá 300 almas, entregues aos cuidados do capuchinho Fr. Sigismundo de Taggia, empregando-se na cultura e criação de gado, achando-se ahi por modico preço os generos alimenticios, de que se faz uso commum na provincia.

Os *Chavantes* estavam vestidos, e o fizeram á custa de seu trabalho, o que não acontecia com os Carajás que, ainda arreigados aos usos selvagens, andam nús, e comquanto já se entreguem á cultura, continuam a fazer da caça e da pesca sua mais estimada profissão.

Alguns ha que já se vão sujeitando a servirem de camaradas para as guarnições dos botes.

Diz o Sr. Moutinho que são terriveis inimigos, que difficilmente se poderão vencer, por se haverem tornado bravios, sendo uma das tribus que causará serios embaraços á navegação do Araguaya. O Sr. Moutinho dá o seu dialecto e o dos Cayapós.

Coroados.—Existe tambem em todo o sertão que divide a provincia de Matto-Grosso da do Goyaz, tribu de indios deste nome, em numero de oito grandes aldeamentos, indomitos de caracter, e exercendo carnificinas e tropelias taes, que obrigam o governo a mandar bandeiras para batel-os, o que em vez de serenal-os, mais lhes exacerba o rancor.

O uso de rasparem em parte os cabellos, deu-lhes o nome de Coroados. O Sr. Moutinho dá noticia de algumas palavras, de que usam estes barbaros em seu dialecto.

Cayabavas.—Vivem entre os Guaycurús, com que se parecem, e habitam dentro dos mattos pelo receio que teem da guerreira nação que sempre lhes dá caça.

Guaycurús.—Alguns vocabulos da lingua desses indigenas dá-os Ayres do Casal no 1º volume da sua *Corographia*, e o Sr. Moutinho no capitulo 11 de sua *Historia do Matto-Grosso.*

Bartolomé Bossí em uma *Viage Pittoresca por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuyabá, etc*, publicada em Paris em 1863, dá curiosas noticias dos indios Guaycurús, Apiacás, Paricis, apresentando em sua interessante obra uma photographia dessas tribus de indios.

Jabuaritis ou Morcegos.— Indios que habitam as immediações do Salto Augusto, no Pará, bravios e ferozes, que atacam de noute as monções, que sobem ou descem o rio. Claros, á imitação dos *negros-assas* vêm apenas de noute, hora em que saem das escuras brenhas, onde moram, para exercerem suas perigosas correrias.

Tapanhuna.— Tribu feroz de canibaes, que causam serios receios aos viajantes. Pintam o corpo de negro, usam d'arco e frecha, vivem da caça e da pesca, e fallam a lingua dos Bacahyris.

Nabicuara—Parentitim. — Existem ainda alguns individuos destas nações entranhados pelas florestas de Matto-Grosso, conservando-se indomitos e antropophagos.

Apiacá.— O seu dialecto escreve o Sr. Moutinho no capitulo XII de sua *Historia de Matto-Grosso.*

Paricis. — Entre pag. 220 e 221 da historia do Sr. Moutinho vê-se uma estampa representando um grupo de *Paricis.* Dos costumes desta tribu, hoje mansa, dá elle noticia, assim como de algumas palavras de seu dialecto.

Nas *Scenas de Viagem*, exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda, da provincia de Matto-Grosso, publicada em 1868 pelo 1° tenente de artilharia Alfredo de Escragnolle Taunay, encontra-se um vocabulario da lingua destas tribus de indios e tambem uma noticia dos costumes dos indios do districto de Miranda, que são os *Guaycurús, Chanés, Cadiueos, Beaquieos, Terenas, Laianas, Quiniquinaos, Guanás ou Choronós, Guaxis e Caiuás.*

O bahiano João Joaquim da Silva Guimarães publicou em 1851 na typographia de Manel Feliciano Sepulveda

(Bahia) uma reimpressão da grammatica da lingua geral dos indios do Brasil do padre Luiz Figueira, que vira a luz em Lisboa pela primeira vez em 1621.

Além desse trabalho, e de um diccionario da lingua geral dos mesmos indios, publicado em 1854, promettia o Sr. Guimarães em sua grammatica, uma *historia dos indios*, a qual não sabemos se foi publicada.

Gonçalves Dias escreveu um *Diccionario da lingua Tupy*, que sahiu á luz em Leipzig em 1858, em 16° com II—VIII 191 paginas na officina de Brockhaus. Forma o 1° volume de uma *Bibliotheca linguistica* dos indigenas do Imperio, e de que o autor não chegara a publicar os demais volumes; deixando apenas, como subsidio, o *Vocabulario da lingua geral do Alto Amazonas,* inserto na Rev. trim. de 1864.

Na confecção do *Diccionario Tupy* tomou por base o *Paranduba Maranhense*, escripto importante de Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão, natural de Favaios em Traz os Montes, conhecido no seculo com o nome de Fernandes Francisco Pereira, e litterariamente com o nome usual de *Flaviense*, nome que adoptara da villa patria, a antiga *Flavias* dos romanos, e não da villa de Chaves, *Aguas flavias*, como erradamente tem sido accreditado.

Em 30 de Julho de 1869, o Sr. senador Barão de Antonina offereceu ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro um manuscripto com o titulo—*Epitome* dos costumes e religião dos indios Camés ou Coroados, que habitam na provincia do Paraná, com um pequeno vocabulario escripto pelo missionario director Fr. Luiz de Cimetile.

Na *Historia da provincia do Ceará*, publicada em 1867 pelo Sr. T. A. Araripe, dando-se noticia das tribus indigenas, que occupavam aquella provincia, lê-se o seguinte:

« Os *Anassés*, que viviam na costa desde a foz do Jaguaripe até a do Mandahú: eram doceis, e facilmente accommodaram-se com os europeus.

« Os *Tramambés*, habitadores da Almofala, desde o Mandahú até perto do Acaracú, eram de caracter pacifico e inoffensivo.

« Os *Areriús*, que habitavam por uma e outra margem do Acaracú, eram assás bravios e indoceis.

« Os *Caratiús*, que viviam no districto deste nome, e parte no de Inhamun, abrigando-se nos logares frescos da visinha cordilheira da Ibiapaba, eram bravios, semelhantes aos Areriús, com quem confinavam os Canindés.

« Os *Inhamuns*, que percorriam nas nascenças do rio Jaguaribe, districto da villa do Tauhá, eram valentes e guerreiros.

« Os *Quixarás*, tambem conhecidos pela denominação de Quixadás, viviam nas margens do rio—Sitiá.

« Os *Jucás*, visinhos dos Cariris, habitavam no valle do pequeno rio Jucá, e eram ferocissimos na guerra.

« Os *Quixelôs*, que demoravam nas terras das cercanias da actual villa da Telha, eram notaveis pelo instincto de rapina.

« Os *Calabaças*, que viviam na parte media da ribeira do Salgado.

« Os *Canindés*, tribu numerosa, que percorria as margens do Banabuiú e do Quixaramobim, e os territorios circumvisinhos.

« Os *Genipapos*, que viviam nos districtos de Baturité, de Russas, e cabeceiras do rio Xoró.

« Estas duas tribus tinham a denominação commum de Baiacús, ou Paiacús; e eram assaz bravias, e difficilmente submetteram-se ao aldeamento.

« Os *Icós*, que viviam pouco abaixo do territorio occupado pelos Cariús.

« Todas estas tribus pertenciam á raça dos Tapuyas, e eram ramificações da numerosa nação dos Potyguaras, a que alguns escriptores chamam Pitiguaras, outros Pitiguares, e outros Potiguares, denominações todas tiradas das palavras indigenas *poti* camarão, e *udra* comedor.»

Das notas sobre o rio Purús, por W. Chandless, lidas perante a Real Sociedade Geographica de Londres em 26 de Fevereiro de 1868:

Pammarys.—Horda de indios do rio Purús:—seu territorio com o dos *Juberys*, são meras subdivisões da antiga tribu dos Purús-purús, nome este que se acha extincto. Os *Pammarys* são muito pacificos, sendo quasi desconhecidas entre elles as mortes por violencia, e mesmo os ferimentos e pancadas graves. São alegres, folgazões, e muito amigos de cantar; o seu canto assemelha-se muito ao effeito agreste da gaita de folle, ouvida de longe. Dão-se pouco á agricultura, plantando sómente bananas, aipim e mandioca, mas não fazem a farinha desta, não obstante gostarem muito della, e procurarem obtel-a dos negociantes. São essencialmente uma tribu da agua, bons pescadores e atiradores á setta, com a qual matam peixe ou

tartaruga, mas são máos atiradores de caça, e em geral pessimos atiradores para o ar. Alguns negociantes que teem empregado uma aldeia inteira delles, tiraram de 200 a 300 tartarugas em um só dia de trabalho. Contam-se mais de 60 canôas fluctuando pelo rio abaixo á caça da tartaruga, indo em cada uma dellas uma mulher remando, e um indio de pé na prôa como uma estatua, á espreita do apparecimento da tartaruga. O preço regular de uma tartaruga é uma ponteira de ferro com barba para flexa, ou duas sem barba; quando o rio está cheio pedem mais. No verão vivem a maior parte do tempo nos bancos de arêa, fazendo choupanas de talos de palmeira, quando se demoram por muito tempo; mas quando se mudam, contentam-se com fincar no chão ramos de oirana para fazer sombra. No tempo de enchente retiram-se para os lagos e fazem as suas choupanas sobre jangadas, ancoradas no meio para evitarem os mosquitos. Uma aldêa Pammary tem então uma apparencia notavel; cada familia habita em uma choupana separada, e cada choupana é construida sobre a sua jangada: o interior das choupanas é arranjado com muito asseio, e em geral tem pelo menos um grande bahú verde, artigo este que todos teem mui grande ambição de possuir, ainda mesmo que não tenham o que guardar nelle, o que todavia poucas vezes succede. Presentemente estes indios empregam-se muito, mas preguiçosamente, na colheita da borracha, cujo valor conhecem bem, assim como de tudo quanto recebem em troca della, não obstante pagarem, como todos os indios, preços ridiculos pelos objectos que dezejam possuir. Elles recusam hoje os machados portuguezes e querem os americanos; commerciam com outras

tribus, vendendo-lhe facas usadas, machados, etc., e são muito limitados em seus gostos. Sei de um caso de dous *Pammarys*, que tendo ficado em uma canôa, em que havia um garrafão cheio de vinagre até o meio, beberam uma porção enorme, suppondo que era vinho. Ninguem hoje deixaria espiritos ao seu alcance, porque, graças aos negociantes, elles aprenderam a embebedar-se sempre que acham occasião para fazel-o. Em geral elles compram roupas, com que se vestem, mas os que as não compram, usam de uma tanga pequena: as mulheres trazem um pedaço de panno de algodão atado ao redor dos quadris. Os *Pammarys* pertencem exclusivamente ao *Purús*, e a 6 milhas acima de qualquer affluente já se não encontram.

Sobre o rio *Tupaná*, segundo informam pessoas habilitadas, habitam os *Cipós*, tribu pequena e amiga; estes indios são muito industriosos; em geral teem sempre sortimento de farinha de mandioca, e segundo se diz, são bons linguistas.

....

Canamarys.—Indios que são agricultores e mansos. Elles conheciam o ferro por tradição, mas então não o possuiam: são amigos dos *Hypurinás*, e os casamentos entre os visinhos são communs. Neste tempo tinham uma aldêa com os respectivos portos sobre o *Purús* (na margem direita), mas encontramos o caminho obstruido com tojos: o que indicava claramente que elles tinham-se mudado. A partir do *Hyuacú* ha uma grande distancia sem indios na margem ou perto della. Dizem que ha na margem esquerda uma tribu denominada *Uainamarys*, que retirou-se para o interior, em consequencia de ter sido metralhada

pela segunda expedição. Algumas pessoas da minha comitiva disseram-me que ouviram alli durante a noute musica indiana para o lado esquerdo do interior; mas encontramos mui ligeiros vestigios de indios até chegarmos ao banco de arêa frequentado pelos *Manetenerys* de cima, que fazem grandes choupanas, as quaes começavam a ser levadas pelas aguas do rio, que principiava a crescer.

Catauixis.—No districto entre o *Purús* e o *Madeira*, especialmente nos rios *Mucuim*, *Mary* e *Pacia*, residem os *Catauixis*, que é uma bella tribu, livre da molestia de pelle do *Puru-purú* e de uma côr de pelle notavelmente clara: guerreiros se são atacados, promptos a defenderem a sua propriedade, elles são pacificos e industriosos por disposição; gostam da agricultura e mesmo da manufactura. A sua farinha de mandioca é muito superior à do Amazonas, porque não extrahem a tapioca ou gomma. A sua louça de barro, nitidamente feita e ornada com arabescos geometricos, é muito estimada no *Purús*: elles tambem negociam com outros indios neste artigo e em *encarajuaro*, que é uma tinta encarnada, feita pela decocção das folhas da planta assim chamada.

Neste tempo elles soffriam muito de catharro que é muito fatal aos indios; e houve não poucas mortes provenientes desta causa. Não tendo eu estado nos tributarios, vi sómente os *Catauixis*, que tinham descido ao Purús, o que elles poucas vezes fazem. Na embocadura do rio *Mary* vi um que, não obstante residir a meio dia apenas de viagem do *Purús*, ainda não tinha visto este rio, e admirou-se muito com a vista delle e dos piums.

Dizem que os *Catauixis* são dados á hospitalidade, virtude muito rara entre indios.

Pamanás.—Tribu do affluente Ituxé, indolente, recusando trabalhar por maior que seja o salario, que se lhe offereça.

Hypurinás—Tribu a mais numerosa, guerreira e formidavel do Purús.

Hyamamades.—Estende-se pelo interior dos da tribu antecedente, em toda a sua extensão, mas no lado direito nem se quer conhece-se o nome de outra tribu do interior.

Não usam de canôas.

Parece que os *Hypurinás* são affeiçoados á guerra, e vivem constantemente empregados nella (principalmente nas guerras da sua propria tribu), sendo que as promovem frequentemente com causa ou sem ella. Vi alguns que ainda conservavam feridas frescas, feitas com flechas: poucos usam da taquara ou flecha de bambú, naturalmente venenosa; a maior parte, porém usa do *Curabí* que é uma flecha sem pennas com uma ponteira envenenada, toda rachada e meia cortada para entrar no corpo: o veneno é composto do succo do *assacú* e outros ingredientes. Elles o experimentam primeiro em macacos com pequenas flechas de sôpro. Dizem que o sal é um antidoto para este e para todos os venenos indianos: disseram-me que *os Miranhas* do rio *Jopurá* levam comsigo um saquinho de sal, quando vão pelejar. Esperando a cada momento um ataque, os *Hypurinás* raras vezes depõem os seus arcos, e naturalmente desconfiam de um estrangeiro; algumas palavras, porém, proferidas na sua lingua

teem um effeito magico, havendo perigo sómente na primeira vista, porque se elles então não atacam, não o farão depois traiçoeiramente; todavia esta regra não é muito segura, e os assassinatos, como a guerra, são communs por causa de uma bagatella.

Quando as tartarugas apparecem nos bancos de arêa, o *Hypurinás* saem do interior. Vimos na maior parte dos bancos alguns destes indios, sempre armados (ou as suas pegadas) e poucas vezes em numero maior de 15 ou 20 juntos, os quaes nunca nos molestaram. Sou affeiçoado aos *Hypurinás*, porque teem boas maneiras e um certo ar de respeito de si mesmos. São muito asseiados. Um que trabalhou na minha canôa por espaço de alguns dias, e tinha camisa, pedia sabão, e a lavava immediatamente, ao passo que o *Pammary* nunca lavará seus vestidos sem que seja forçado a fazel-o. Em geral os *Hypurinas* usam sómente de tanga, e as mulheres trazem um pedaço de panno. Os que habitam nas aldêas do interior usam simplesmente de uma folha: as mulheres parecem ser pouco mais do que escravas, e na presença de estrangeiros não se animavam a dizer uma palavra. A polygamia, que na maior parte das tribus é privilegio dos chefes, é commum e geral entre os *Hypurinás*. E' possivel que as suas guerras continuas possam fazer uma desproporção effectiva nos sexos, se bem que, quando um partido fica completamente victorioso, nem as mulheres e nem os meninos são poupados.

Manoel Urbano disse-me que estes e todos os indios acreditam em um Ente Supremo, a quem uns chamam *Corimade*, e outros *Jurimate*. Quando se lhes

pergunta se já o viram, respondem, com alguma reverencia, que não é dado a todos verem *Jurimate*, e que aquelles que teem essa felicidade, vêm sómente uma face. Póde-se bem imaginar, como alguns indios no obscurantismo e silencio dos bosques, formam a imagem de uma face, como Norma ouvia vozes entre as pedras de Stenís. Os indios nunca perdem a sua fé em *Jurimate*, excepto se são tirados das mattas ainda pequenos, mas podem conformar-se com as ceremonias do catholicismo, que consideram nada ter que ver com elles, pois pertencem a *Jurimate*. Todas as tribus teem algumas ceremonias funebres, e enterram ou põem junto da sepultura, alimentos, urucú, etc.

Os *Pamarys* tambem fazem fogo de vez em quando sobre a sepultura.

Deixam os seus defuntos enterrados. Os *Hypurinas*, passado algum tempo, quando os ossos já estão limpos, tiram-nos e fazem uma festa com oração funebre: o orador levantando o humero, por exemplo, e dizendo: — com este braço elle praticou, etc., etc., rememora as façanhas do defunto; depois do que guardam os ossos com todo o cuidado.

Os *Hypurinás* pintam-se, principalmente de preto, com a fructa verde do jenipapo torrada; mas os desenhos parecem depender do gosto dos individuos.

Gostam muito de tabaco, que aspiram do concavo da palma da mão. As suas caixas de tabaco são feitas de conchas do caracol, cujas bocas são tapadas com pedaços de conchas de marisco, e em cujos topes ha pequenos canudos para sahir o tabaco. O *ipadu* (coco) é ainda mais indispensavel, e raras vezes deixam de trazer um pedaço delle nas bochechas.

Caripunas.— O presidente da provincia do Amazonas participou ao Ministerio da Justiça em 25 de Março de 1869 as atrocidades praticadas na cachoeira do rio Madeira, denominada *Caldeirão do Inferno*, por estes indios contra os tripolantes de uma embarcação boliviana, que por alli passava.

Goyánazes.— Observava esta tribu de indios uma pratica luctuosa, que lhe era peculiar; quando morria alguem, enforcava-se um certo numero dos seus amigos ou parentes, pessoas do mesmo sexo, e quanto era possivel da idade do fallecido, para que no outro mundo tivesse companhia adequada. Se não se offereciam bastantes victimas voluntarias, á força se preenchia o numero. Por morte d'um chefe sacrificavam-se os seus vassallos, e não os seus parentes. Não observavam porém outro rito algum cruel. Viviam em cavernas subterraneas, onde tinham fogo a arder de dia, e de noute; não era pois para se esconderem que elles preferiam estas incommodas habitações. Dormiam em cima de pelles, e camas de folhas, e não em rêdes. Nem cultivavam a terra, nem criavam animaes, fiando-se inteiramente na pesca, na caça, e nas fructas silvestres para seu sustento.

Goytacazes.— Apezar de ferozes, não devoravam seus prisioneiros. Eram mais formosos que os outros selvagens, e seu idioma mais barbaro, o que quer dizer que alguns de seus sons eram de mais difficil pronuncia. Raça valente não se batia nas selvas nem de emboscada, nem em campo raso. A nado se atiravam ao mar, levando na mão um páo curto, agudo em ambas as pontas; com esta arma atacavam um tu-

barro, mettiam-lh'a na guella, suffocavam-n'o, puxavam-n'o para a terra, comiam-lhe a carne, e dos dentes faziam ponteiras para suas settas.

Faziam guerra de continuo a seus vizinhos, e eram tão ligeiros na corrida que por ella não só se livravam de muitos perigos, mas lhes servia de procurar uma grande abundancia de viveres, e pela facilidade e destreza que nas caçadas tinham, para haverem assim toda a sorte de animaes. Comiam carne humana, e differençavam-se dos seus vizinhos até no idioma, e eram assignalados pelos povos mais crueis. Habitavam a planicie de trinta leguas, nos baixos entre rochedos, que se avançavam ao mar, e que se estende desde o Itapemerim até Cabo-Frio.

Guarany.—Em aviso do Ministerio d'Agricultura, de 26 de Outubro de 1868 foi posta á disposição do presidente do Rio-Grande do Sul a quantia de 100$, destinada á acquisição, para o Museu Nacional, de dous vasos perfeitos, contendo ossos de indios da tribu *Guaranys*, encontrados na fazenda nacional de Bujurú, sita naquella provincia.

Guarayus.—Estes selvagens, em Setembro de 1869, como communica o presidente do Amazonas ao Ministerio de Estrangeiros, assaltaram com uma descarga de flechas, que dispararam dos bosques, a expedição do Dr. Santos Mercado, que acompanhava o Sr. Henrique Eiras, consul do Imperio nomeado para Santa-Cruz de la Sierra, na Bolivia; este assalto foi no rio Mamoré, a chegar a Exaltacion, e delle resultou atirar-se ao rio o Sr. Eiras todo traspassado de flechas, donde não sahiu mais, bem como dous indios de sua tri-

polação, ficando na canôa seis feridos, entre os quaes o criado do mesmo Sr. Eiras, homem de côr, brasileiro.

Jumas.— De Purús, no Amazonas, chegára o subdelegado de policia trazendo a triste noticia do assassinato do infeliz subdito portuguez, Cesario José de Mesquita, e de uma mulher que com elle vivia em estreitas relações, pelos indios bravios *Jumas*, horda antropophoga e nomada que invadiu o barracão da infeliz victima em 2 de Setembro de 1869. No dia 19 o subdelegado conseguiu deparar com o aldeamento, depois de seguir no encalço de taes indios, e apezar de sua tenaz resistencia, pôde conseguir que se evadissem para as selvas. Transposto o limiar da habitação, depararam com tres craneos, sendo o de Mesquita e de sua companheira, e outro que se julga o de um assassinato feito em 1863 por esses barbaros no Paraná-Pixuna. Estes craneos e mais fragmentos das victimas, serviam de idolos nos barbaros festins dos *Jumas*.

Marahós.— Em 1868 chegaram á capital de Goyaz trinta e quatro indios da tribu dos Marahós, que vivem aldeados na margem esquerda do rio Manoel Alves Pequeno, comarca do Porto Imperial, e que iam com destino á Côrte pedirem soccorros á S. M. o Imperador.

As exigencias desta infeliz gente, e o que os demovia a vencer a pé a enorme distancia de quasi quatrocentas leguas, consistiam em reclamar algumas armas de fogo, fouces, missangas, roupas e sobretudo, um chapéo armado para o chefe, o que satis-

feito pelo vice-presidente, regressaram contentes e satisfeitos para a aldêa, abençoando a generosidade do «Pae grande» pois assim denominam o presidente da provincia.

Monducurú.— Nação de indios a mais altiva; são fieis aos brancos atravez das perseguições, das faltas de fé e de perfidias incriveis, mas inimigos encarniçados e despresadores de todas as variedades de negros. Ainda hoje são elles os que, quasi sós na bacia do Baixo Amazonas, se encarregam de perseguir os negros fugidos, e de lhes destruirem os asylos ou mucambos.

Muras.— Os mais preguiçosos, covardes e ladrões de todos os indios da America do Sul. Teem o cabello ligeiramente crespo, a côr muito carregada, e os labios espessos. As outras nações indias os tratam como parias, como os Sioux da campina na America do Norte. Ha mesmo tribus que fazem consistir uma de suas glorias em dar-lhes caça.

Parentintins.— Occupam a margem direita do rio Madeira, desde o lago de Solimão até o lago dos Machados. Não chegaram ainda á falla, e sobresaem por sua ferocidade. Todos os annos no tempo da vasante percorrem as praias, occupando-se nas pescas, e o viajante que por ahi passar de canôa, deve ir bem acautelado. No tempo da enchente fazem excursões para o interior, e dizem alguns que atravessam os campos para irem até a margem do ri Tapajoz, onde consta já terem apparecido por varias vezes. (Officio do engenheiro Joaquim Miguel Ribeiro Lisboa, datado de Manáos, em 1 de Setembro de 1869.)

O *Amazonas*, periodico da capital da provincia do mesmo nome, annuncia um assalto destes indios, que teve logar a 16 de Julho de 1869, feito á barraca do inspector do segundo quarteirão do districto do rio Madeira, no logar denominado Frechal, de que resultou o assassinato a taquaradas da mulher do inspector, D. Anna Joaquina do Nascimento, e de uma india boliviana, que n'essa occasião se achavam sós. Levaram comsigo a cabeça da infeliz D. Anna como despojo de seu cruel triumpho.

Segundo o *Diario do Grão Pará*, estes selvagens, no começo de Novembro do mesmo anno, assassinaram a flechadas dous indios, que haviam ido ao rio Machados buscar farinha, a serviço de José Rezende de Moraes. Na foz do rio foi a morte dos rapazes.

Urapas.—Turàs.—Piranhas.— Matanhãns.— Erram nas cabeceiras de alguns affluentes do rio Madeira.

Papanazes.— Seu idioma era apenas entendido pelos Goytacazes e Tupininquins seus inimigos, apezar de suas longas guerras. Eram caçadores e pescadores, dormiam no chão em cima de folhas. Se um delles matava outro, era entregue aos parentes do morto, e na presença dos de ambas as partes immediatamente estrangulado e enterrado. Todos faziam clamorosas lamentações no acto da execução, e depois banqueteavam-se e bebiam juntos por muitos dias, até que da inimizade não restava vestigio. Ainda que a morte tivesse sido accidental, o castigo era o mesmo. Se o delinquente se evadia, era o filho, a filha, ou o parente mais chegado em sangue, em seu logar, mas o substituto em logar de perder a vida, ficava sendo escravo do herdeiro do morto.

Patachós.— Communicaram ao *Jornal da Bahia* da Villa da Barra do Rio de Contas, em data de 10 de Novembro de 1869 :

« Nazario Ferreira da Cruz, residente da villa da Barra do Rio de Contas, indo em dias do mez de Novembro do corrente anno encontrar uma boiada, que havia comprado no termo da Imperial Villa da Victoria, de volta com a boiada, passando no logar *Rexeado* termo de Ilhéos, acima da villa 5 ou 6 leguas, a elle se queixaram os moradores desse logar que estavam sendo perseguidos horrivelmente pelos indios *Patachós*, os quaes já haviam queimado duas casas e feito grande destruição nas roças, cortando cacaoeiros e flechando as pessoas que avistavam, havendo alli alguns feridos; que esses indios eram muito ferozes, tanto que o Rvm. Fr. Luiz do Catulé tinha receio de passar por esta estrada, e queria mudal-a para outra parte, conforme já havia escripto ao seu amigo José Pinto, morador de Ilhéos.

« Nazario, com receio de ser offendido, trazendo duas indias *camacans* e com os outros vaqueiros em numero de seis pessoas, foram ao logar do aldeamento dos *Patachós*, cercaram a rancharia, e pegaram nove indios *Patachós*, sendo um homem, duas mulheres e seis meninas de 2 annos a 12.

« Chegando a Ilhéos, deixou alguns desses meninos entregues a familias para os educar, e trouxe para villa da Barra o homem, as mulheres e duas creanças que estão em sua companhia. Esta gente é inteiramente bravia, não sabe uma só palavra nossa, e custa-se muito a entender o que elles querem.

« Nazario propõe-se a ir de novo a esse logar, levando os ditos indios *Patachós* que aprisionou para chamar o resto dessa tribu á civilisação, se o governo da provincia nisso concordar, e o quizer auxiliar com algum dinheiro para as despezas, visto que elle já despendeu com a primeira entrada cerca de 80$000, pagando 10$000 a cada homem que o acompanhou. »

TABA OU ALDEIA DE INDIOS

A aldeia era ordinariamente formada de grandes casarões, ou abarracamentos, a que chamavam *ocas*, feitos de páo e de algum barro, cobertos em fórma convexa de folhas de pindoba, tendo 150 pés de comprimento, 14 de largura e 12 de altura. Junto ao tecto tinha cada *oca*, *giráos* onde guardavam os utensilios e comestiveis.

A's vezes toda a povoação construia para si só um rancho, em que cabiam 200 pessoas.

Dentro não haviam repartições de esteiras ou tabiques, e sim esteios para as rêdes.

No meio da *oca* accendiam uma fogueira para cosinhar, allumiar de noute, aquecel-os e livral-os de morcegos.

Eram as *ocas* dispostas, deixando no centro uma area (ocára) para a qual de cada rancho havia tres vãos, ou portaes baixos, ordinariamente sem porta ou postigo.

A taba era cercada de uma tranqueira de palancas, de fórma pentagonal.

As vezes esta cerca, que chamavam *caiçara*, feita sem fosso, era de uma palmeira espinhosa, ou de taboca,

e se tornava quasi sempre inexpugnavel, e á entrada della espetavam em páos a pique as caveiras dos inimigos.

As *tabas* abandonadas se chamavam *taperas*, nome que se applica hoje a um sitio ou roça abandonada.

UTENSILIOS DOS INDIOS

Reduziam-se a um *patiguá ou petiguá*, especie de arca, algumas talhas *ou iguaçaba* para os vinhos ou para a agua, testos para coser a mandioca, panellas de ferro, uma combuca de guardar farinha, e algumas cuias singellas, as quaes serviam de copos para beber agua, e ás vezes de pratos.

Tambem tinham rêdes (*ini ou maquira*) as cordas (mussurana), e outras de varias embiras.

Para onde se mudavam, levavam os utensilios.

O homem, a pretexto de que devia ir ligeiro para combater, só levava o arco e a flecha, e tudo o mais a mulher. A rêde ao hombro, o petiguá ás costas, o cabaço e cuia dependurados a um lado, o cão atado a uma corda pela mão, e o filho pequeno n'uma tipoia ás costas.

Outro utensilio ou arma indispensavel a algumas cabildas, era a canôa *(igara)*.

VESTUARIO DOS INDIOS

Póde dizer-se que os indios e indias andavam sem o menor vislumbre de vexame, quasi nús.

Alguns indios de climas mais frios se cobriam porém com pelles de animaes, e outros para se fazerem temidos, usavam por carapuça e mascara de focinhos de

onça, e outros animaes—com dentes e com tudo—segundo diz Pero Lopes, e como ainda vê-se em tribus do Alto Amazonas.

Os chefes usavam de *cocares* em occasiões solemnes, e ás vezes para abrigal-os do sol, e eram feitos de pennas amarellas e vermelhas, côres pelas quaes teem muita predilecção.

Os *cocares* cobriam o craneo até as orelhas, aos quaes chamavam *acanguape* ou guarnição de cabeça.

Nos pés traziam umas axorcas feitas de certos fructos, que juntos tiniam como cascaveis, e da cintura, pela banda posterior, pendia uma tanga de plumas de ema, ou *enduape*.

Alguns se cobriam tambem de uma especie de mantos ou trofas de pannos, que denominavam—*açoyaba*.

SEPULTURA DOS INDIOS

Dispunham alguns as sepulturas dentro dos ranchos em que viviam. Ao morto servia de feretro a propria rêde, que ficava suspensa na cova, a qual era coberta de páos e ramagens, e de terra pelo parente mais chegado. Se o defunto era o principal, ia trajado de pennas com todas as armas, e na sepultura deitavam-lhe generos para comer, beber e fumar, e tinham-lhe fogo aceso por alguns dias.

Outras vezes, lá nos Ilhéos e Espirito-Santo, nas cabildas que dormiam sobre folhas no chão, mettiam o defunto de cocaras, em posição analoga a dos fetos no ventre, com todos os seus trajos, dentro de uma talha de barro.

Ainda se encontram muitas dessas talhas com qualquer desaterro ao abrirem-se estradas.

Chamam-se *camucins* essas urnas funerarias, e outr'ora assim se chamavam todas as talhas e potes pintados, a que tambem chamavam *iguaçabas*.

A sepultura chamavam *tibi*, e ao cemiterio *tibicoara*.

Em Minas descobriram-se sepulchros de barro, como caixões, de côr castanha, com pinturas de arabescos e pontinhos, feitos de barro de côres, tudo envernizado com resina, tendo, de ordinario, cinco palmos de comprido, tres de largo e tres quartos de palmo de alto.

SENTENÇA DE UM TAMOYO EM ENTREVISTA COM LERY

— Porque viestes e os portuguezes de tão longe a buscar madeiras? A vossa terra não vos subministra tantas para queimar?

— Subministra, e em grande abundancia; mas não deste genero de arvores, quaes são as vossas, principalmente os *brasis*, que não servem para queimar, como julgais, mas para tingir como fazeis aos vossos fios escarlates e pennas, e outras cousas.

— E vós necessitaes de tão grande abundancia de madeiras?

— Sim; ha entre nós um mercador que possue muitas pennas escarlates, facas, tesouras e espelhos, mais do que nós vos temos trazido; só elle compra todo o *brasil*, ainda que delle fossem carregados muitos navios.

— Contas-me cousas admiraveis, e mais do que tenho ouvido; dizei-me, esse homem tão rico não morre?

— Morre, assim como os outros homens.

— E morrendo, para quem ficam estes bens?

— Aos filhos, se os tem—quando não,a seus irmãos e irmãs—ou aos mais proximos parentes.

—Então,eu vos advirto, francezes,que vós sois muito loucos. De que serve fatigar-vos tanto, atravessando os mares, e para o vencerdes, passardes por tantos males, que vós tendes contado, a buscar riquezas para deixardes aos filhos,que vos hão de sobreviver? A terra que vos sustenta não bastará tambem para sustentar a elles? Nós tambem temos filhos e parentes, que vós vêdes, e os amamos muito; porém confiamos certamente que depois da nossa morte, a terra que nos sustentou, tambem os ha de sustentar da mesma fórma, e nisso descançamos.

TENDENCIA DOS SELVAGENS PARA A POESIA

O Sr. J. Norberto, distincto escriptor nacional, no capitulo II do 2º livro da *Historia da litteratura brasileira* falla sobre a tendencia dos indigenas brasileiros para a poesia, estabelecendo um exame sobre as tribus que mais se avantajaram na cultura dessa arte sublime, exame que no pendor da balança se declara a favor dos Tamoyos, ou Tupinambás,seguindo-se-lhes os Goytacazes.

Entre os *Caraibas*, que ignoravam todas as artes, tambem acharam-se canções, segundo o Commendador A. J. de Mello, em suas *Biogr. dos hom. ill. de Pernambuco*, vol. I.

Os celebres viajantes Spix e Martins colheram, durante sua viagem pelo Brasil, alguns fragmentos de poesia.

Almoçaram com um paulista em uma povoação, o qual era mui dado á lingua geral, e delle obtiveram os versos seguintes, que mostram, segundo a opinião do Sr. Norberto, que estes povos exagerados na sua linguagem, possuiram tambem um não sei que de jovial e satyrico em suas poesias.

« Nitic xa potar cunhang
« Setuma sacai waá ;
« Curumú ce mana mamane,
« Boia sacai majaué.
« Nitio xa potar cunhang
« Sakiva-açu waá ;
« Curumú ce monto-monloque
« Tiririca majaué. »

A traducção allemã é a seguinte :

« Ich mag nicht Weib
« Mit gar zu schlanken Beinen ;
« Sonst wurde ich umwickelt
« Wie von einer dunnen schlange.
« Ich mag nicht Weib
« Mit gar zu langem Kaar
« Sonst mochte es mich schneiden
« Wie ein Gehag von Gueisslgras. »

A versão portugueza é :

« Não quero mulher, que tenha
« As pernas bastante finas,
« A medo que em mim se enrosquem,
« Como feras viperinas.

« Tambem não quero, que tenha
« O cabello assaz comprido,
« Que em matos de tiririca
« Achar-me-hia perdido. »

Os viajantes allemães notam que a repetição da palavra *Curumú* nos terceiros versos de cada estrophe, encerra a graça principal desse *gaguejar poetico.*

Os seguintes versos, que talvez pertençam aos Guaycurús, apresentados como uma amostra de poesia indiana pelos mesmos autores, são de outra natureza; respiram mais melancolia, e comtudo não deixam de ter certa novidade, são pelo menos tão originaes como os primeiros :

« Scha mann ramaé curi
« Tejerru iaschió.
« Aiqué Caracara-i
« Serapiró aramú curi.

« Scha mann ramaé curi
« Se nombôre caá puterpi
« Aiqué Tatú memboea
« Se jutûma aramú curi. »

Os versos da traducção allemã são estes :

« Wenn ich einst gestorben,
« Wolte du nicht weinen ;
« Da ist ja Caracara-i
« Der wird mich beweinem.

« Wenn ich einst gestorben
« Wirf du mich in den Wald ;
« Da ist ja das Armadill
« Das wird mich begraben. »

Em portuguez é assim:

« Quando me vires sem vida,
« Ah! não chores, não por mim,
« Deixa que o Caracará-i
« Deplore o meu triste fim.

« Quando me vires sem vida
« Atira-me á selva escura,
« Que o tatú ha de apressar-se
« Em me dar a sepultura. »

Para que melhor se comprehendam estes versos, é necessario que se saiba, que, segundo uma tradição, pensam os Guaycurús, que foram elles creados pelo Caracará, quando já existiam os outros povos. Quem pois com mais razão deveria chorar a destruição de sua bella obra? Quanto ao tatu, sabe-se geralmente que elles penetram os sepulchros subterraneos, e nutrem-se de cadaveres humanos. Diz o Sr. Dr. A. Gonçalves Dias:

« Quando immundo tatú, na concha involto
« Vae de manso volver minada campa. »

O indio só presa uma cousa no mundo—a sua liberdade. Mas uma liberdade completa, absoluta, sem limites; não uma liberdade como a nossa, mesquinha, limitada, igualitaria e despotica; impaciente para com um unico senhor, pacientissima para com muitos, encadeada em todos os musculos por prejuizos, leis, contractos, necessidades e vaidades estupidas; apertadas

malhas que prendem o homem como ás de uma rêde ; mortalha immensa, cujas dobras o suffocam. O indio é

.... Cavale indomptable et rebelle
Sans frein d'acier ni rênes d'or,

liberdade virgem, que não reconhece, não aceita, não se submette a cousa alguma, que não seja o seu capricho.

Vimos indios abandonarem o salario de um anno inteiro, e quanto possuiam, só para partirem algumas horas mais cedo.

(Emile Carrey).

PARTE III

CURIOSIDADES

CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO

O nosso amigo St. Wanderley, de Maceió, escreveu-nos em Março de 1869, em relação ao que publicámos na 1ª serie da *Selecta*, sobre esta cachoeira, o seguinte :

« A proposito de sua publicação occorre-me lembrar-lhe que servindo ella aqui em concurso para prova oral e de regencia na parte que trata da Cachoeira de Paulo Affonso, notei que foi V. mal informado quanto á distancia, pois da barra do rio S. Francisco á cidade do Penedo são 7 leguas de viagem e do Penedo á Cachoeira são umas 70 e tantas leguas !

« Se um meu amigo (Dr. Moura, procurador fiscal) publicar um trabalho que fez acerca da provincia, lhe mandarei um exemplar, onde V. achará as distancias das comarcas, villas, etc. »

CATACUMBAS

Em 1858 estampou-se em Pernambuco um desenho mostrando o plano, córte e perfil elevado de um dos mais curiosos edificios, que seguramente possue o Imperio.

Este edificio, cujo architecto parece ter sido unicamente Deus, está situado não longe das nascentes do

Parahyba, quasi a 140 leguas de Pernambuco, no macisso da *Serra dos Irmãos*. Figure-se uma montanha de 300 metros somente de altura, porém cortada a pique por cima de uma corrente que muge estrepitosamente; depois tudo ao redor uma terrivel solidão, bosques, arêas, massas de pedra calcinada, excavada, e ennegrecida pelo fogo de vulcões extinctos. Trepa-se a está montanha por uma senda natural, praticavel até para bestas cavallares, chegando-se á altura de 200 metros, ahi para-se, porque é uma plataforma, da largura sómente de algumas dezenas de pés, donde se descobre mais de 100 metros abaixo, a copa vecejante das arvores gigantescas de uma floresta virgem, onde se ouve ainda, como um ruido longinquo e confuso, o rugido da torrente.

Naquella plataforma, á direita, ha uma abertura estreita, por onde se entra em vasta gruta, excavada na rocha viva, e tapetada de algumas plantas trepadeiras, por entre as quaes se ouvem correr os lagartos. No fundo, isto é, a 20 passos da primeira entrada, vê-se outra porta natural, dando accesso para uma immensa gruta, que têm 15 passos de largura media, e pelo menos 150 de uma extremidade á outra. As paredes, á direita e á esquerda, estão forradas de craneos humanos, canellas, cabeças de animaes, pelles de féras, flechas, plumas e massas. São indubitavelmente tropheos dos guerreiros indios, cujos tumulos alli estão alinhados nos dous lados, desde a entrada. Cousa singular são esses tumulos, porque constam simplesmente de grandes vasos de terra endurecida ao sol, sobre os quaes se assentaram enormes, e pesados tampos da mesma terra assim cosida, revestida de pelles cortidas.

Ahi repousam os guerreiros indios, acocorados, com a cabeça encostada ás mãos, e os cotovellos descançados sobre os joelhos, e com as suas armas e joias postas ao lado. Contaram-se vinte e tres cadaveres, e a maior parte em perfeito estado de conservação.

Tentou-se tirar de dentro d'aquelles vasos, mas desfizeram-se logo em pó, e só ficou nas mãos dos curiosos visitantes uma pelle negra e dura, semelhante a pergaminho ennegrecido ao fogo. Todos tinham bem conservados os dentes, e alvos como o mais brunido marfim; os cabellos porém tinham-se desprendido dos craneos, e encontravam-se mechas delles ou pegadas ás costas das mumias, ou cahidas no fundo dos vasos. Na extremidade da galeria havia mais sete vasos, semelhantes em tudo aos primeiros, mas com a tampa no chão junto delles, esperavam de certo cada um ha longos annos o seu cadaver que nunca chegou.

Removeram-se para Pernambuco dous desses tumulos, e hoje ornam o seu museu. O gargalo destes vasos está adornado com um colar de contas encarnadas, misturadas com outras pretas e brancas. De certo suppriria elle as respectivas inscripções, e tinha por fim perpetuar a memoria do defunto. A que data podem remontar estes tumulos? A que povo se deverão attribuir?

A CAVERNA DE PARANAPANEMA

.... Era o dia 7 de Junho de 1860. Residiamos em Itapetininga. A caverna distava desta cidade 15 leguas.

Caminhamos o primeiro dia 9 leguas, e fomos pernoutar no Ribeirão do Bom Retiro em um frondoso bosque, onde a custo penetrava os raios do sol.

.... Despontou o dia, e continuámos a viagem. Atravessámos muitos bosques de pinheiros, que erguiam para o céo suas frontes coroadas de verdura, e attrahiam nossa attenção. Aquellas grandes arvores, que pareciam gigantes de pé a devassar as nuvens, aquelles numerosos troncos, uns já abatidos, outros decrepitos, sem folhas nem galhos, ainda em pé symbolisando a imagem da destruïção, sem mais nem um emblema da sua realeza; estes no vigor e na robustez de sua mocidade, aquelles em toda sua virilidade, todos emfim decorando um scenario pittoresco, offerecem ao poeta horas profundas de meditação, inspirações sublimes.

.... Chegámos a uma collina, onde ficamos extaticos diante de um painel todo novo, mais arrebatador que todos os que tinhamos visto e admirado. Eram as vastas campinas do Capão-Bonito, em cuja extremidade está situada hoje a villa de Paranapanema, que suavemente se desdobravam a nossos olhos.

..... A planicie é tão vasta, que a vista se perde entre o verde dos campos, e o azul do céo. Bem longe se distingue a custo a serra de Iguape que forma o sombreado desse quadro magestoso.

..... Entrámos á noute na pequena villa, falhamos aqui o dia 9 e 10 e seguimos no dia 11 para o termo de nossa viagem, que dista d'ahi tres leguas, e cujos caminhos são pelas mattas. Tivemos que vencer logares bem custosos, e chegámos a final á velha Paranapanema, cujas ruinas nada teem de notavel senão terem sido de uma acanhada povoação feita pelos antigos sertanejos, que trabalharam nas minas do Ribeiro, denominado Chapéo. D'aqui á caverna dista um quarto

de legua. Pernoutamos ao pé dessas ruinas, e no dia 12 partimos, parte da comitiva foi a pé, parte a cavallo.... Todas as proximidades das margens do ribeiro de Chapéo são auriferas, ainda se encontram signaes das velhas excavações dos antigos paulistas, e mineiros, que alli lavraram por espaço de muitos annos sempre com vantagem. Tendo interrogado alguns maiores do logar, por que chamavam o Ribeiro do Chapéo, nos foi communicada a seguinte tradição — que em um dos dias dessas antigas minerações, ou porque faltasse a *batea*, ou porque o metal que appareceu fosse em grande quantidade, se serviram de um chapéo para apanhal-o, e que disto vinha o appellido.

Chegamos felizmente ao logar dezejado.

Achamo-nos emfim no adro desse templo mysterioso que tem motivado tantas legendas entre o povo tão propenso ao maravilhoso.

Não é nem collocado em cima da serra, nem na baixada, é verdadeiramente na encosta. O exterior todo é coberto de mattas virgens, porém as arvores em geral são pequenas, porque sendo toda a cupola da caverna de pedras, ellas não encontram o alimento preciso para crescerem e aprofundarem suas raizes, as quaes tomam direcções diversas, e vão tocar a terra.

Pisamos o limiar do portico principal e lançamos os olhos para o seu interior. A impressão que recebemos á primeira vista foi desagradavel. Encontra-se um escuro tenebrozo, pontas de pedras calcinadas, e ouve-se um ruido surdo e longinquo, produzido pelo ribeiro, que atravessa as profundidades da caverna Um não sei que nos affirmava que estes logares eram habitados por alguem, um não sei que nos fazia

respeital-os. Eu logo protestei de não me entranhar por esse labyrinto.

Acendemos as tochas de ante mão preparadas, sem as quaes não se póde fazer a visita, e proseguimos. Cada um com sua luz na mão, formavam todos um grupo, que parecia antes uma procissão de enterro, com a differença porém de que em vez de se notar nos semblantes de todos a tristeza e o abatimento, só se lia a curiosidade e o espanto. Começamos a visita na primeira sala que segue em linha recta, e se eleva em sua extremidade, onde se vê uma especie de throno. O seu tecto é tão alto, que mal os raios dos tocheiros tocavam-o.

A' esquerda subindo-se encontramos uma grossa columna cheia de gomos, formada de pingos de um liquido filtrado pelo tecto, que formando pequenos gomados, chegou a este resultado pelo que observamos.

Nossa descripção não poderá ser interessante, por isso que nada sabendo de mineralogia, não podemos dar conta de tudo que alli dentro se acha.

.... Adiante da columna, subindo sempre, encontram-se cubiculos com estreitas entradas, e uma pequena claraboia, unica que se divisa em toda a caverna. A luz que derrama é tão pallida, tão fraca, que nada se póde distinguir. E' semelhante a um raio de luz penetrando em um profundo valle. Ha não sei que de horrivel nessa luz, cahindo n'aquellas cavidades, que infunde indizivel terror.

Descendo e chegando ao primeiro ponto eis que tambem chegam alguns dos nossos companheiros de viagem, que se tinham atrasado. Assim como nós deram os mesmos passos, e deliberaram-se entranhar

pela caverna. Quando ainda não tinhamos tomado medida alguma no pequeno congresso que reunimos,eis que dous dos mais destemidos dos nossos companheiros embocaram por um outro portico praticado na parede direita, e lá sumiram-se.

Eu os acompanhei no correder até onde se começava a descer, e ahi fiquei aguardando o resultado desse passo. A curiosidade os enchia de coragem, foram aventurar. Logo depois voltamos á primeira sala, e ahi esperamos por elles, quando depois de longo tempo, ouvimos gritos na baixada, e voltavam orgulhosos de sua coragem, e satisfeitos de suas observações.

Disseram-me que a não percorrer-se toda a caverna, perderia a viagem —que tinham visto muitas cousas interessantes.

Assim, confiado nos companheiros, comecei a descer. Em distancia de quatro braças mais ou menos ha um despenhadeiro, é preciso tomar-se á direita. Assim o fizemos por um estreito corredor, em que apenas cabe um homem, e por entre as palavras de animação— coragem! não ha perigo— sahimos em uma segunda sala; ha de notavel aqui uma porta de pedra que sendo tocada, sôa como um sino. A sua voz por aquellas sombrias abobadas era solemne e grandiosa, e produzia em nós admiração misturada de terror. Não tocamos a extremidade desta sala. Continuamos a descer, chegamos a um ponto que não era possivel vencel-o sem o soccorro de um vara-páo, que tocando no fundo pudessemos por elle deslisar. De antemão já lá estava. De um em um descemos por elle, e todos nos achamos, reunidos em

uma medonha cavidade. Ainda ha um degráo, que não é tão alto; por isso que um dos nossos companheiros, de gatinhas, me recebeu sobre as costas.

Tocamos emfim as aguas do subterraneo, que encontramos muito crystalinas, e muito frias. Tivemos aqui um pequeno congresso. Dous dos nossos companheiros que nos tinham precedido na caverna, resolveram que esperassemos emquanto elles subiam pelo ribeiro a indagar outros logares. Com effeito cada um com sua luz desappareceu por entre o fundo das pedras. Ficamos cinco pessoas; então lancei os olhos áquellas sombrias arcadas, seu aspecto era pavoroso. Conhecia que aquelle ar não era proprio para nossa vida; senti algum desassocego, vinha-me sempre a imaginação o faco de um desabamento, e durante todo o trajecto a lembrança da morte me perseguia. Cuidamos pois em sahir dessas regiões, a que não estavamos acostumados, e começamos a descer ora com agua pelos joelhos, ora mais baixo ou mais acima. Nestes longos corredores é que se encontra maravilhas. As paredes estão como que cravadas de brilhantes.

Ha um mineral que nos pareceu stalactites espalhado por todas ellas. A claridade dos archotes sobre essas substancias produz um effeito maravilhoso. E' um verdadeiro encantamento. Muitas vezes tocava com a mão, e só encontrava pedra.

Ha um phenomeno muito notavel da luz nesses logares. Em todas as abobodas deste templo de granito ha do dito liquido petrificado, pontas de mil fórmas e maneiras.

Ao passo que se caminha, estes objectos desapparecem, fogem como uma sombra.

A luz derramada por entre elles dava-lhes um phantastico movimento, de modo que parecia-nos seres vivos, que se occultavam á vista do visitador curioso.

Continuamos a descer passando sempre pela agua. Pouco paravamos para observar, o que eu dezejava era ver-me fóra dessa tenebrosa habitação. De quando em quando viamos passar alguns morcegos brancos, unicos habitadores desse extenso subterraneo.

Em certo logar nos extraviámos da agua, e tomamos á direita, fomos de novo procural-a, encontrando um salto aparado, que descemos com alguma difficuldade, segurando-nos por alguns bicos de pedra, que felizmente se encontram. Chegados a um certo logar vi lobrigar uma pequena luz parecida com uma estrella. Perguntei logo por ella, se me respondeu que era uma das sahidas da caverna, pois ha uma outra pela agua, mais abaixo.

Esta resposta foi um raio de esperança que me veio naquella noute profunda, pois confesso que receiava não sahir mais daquelle logar, que ficaria alli sepultado para sempre. Vimos muitas inscripções, fizemos tambem algumas, gravámos nas pedras nossos nomes, sahimos finalmente dessas tristes moradas, tendo consumido tres quartos de hora em todo o trajecto........ Quando vi-me no gozo pleno do nosso elemento, passei as mãos pelos olhos para me certificar de que não estava dormindo..... Buscamos de novo a entrada principal da caverna, onde estavam nossas armas de fogo. Alli chegando, lembramo-nos dos companheiros que tinham tomado outro rumo.

...... Ouvimos seus gritos que sahiam daquellas profundidades, e logo conjecturámos que pediam soccorro.

Com effeito do logar onde elles tinham-nos deixado a umas 14 ou 16 braças, seus archotes apagaram-se, o ar não era sufficiente para sustental-os. Viram-se submersos na profunda noute da immensa caverna. Lembraram-se de nós, resolveram tornar para traz, umas vezes caminharam de gatinhas, outras arrastavam-se pelas lages com difficuldade. Chegando onde nos tinham deixado, tudo era silencio. Gritaram, e só ouviram o echo de suas vozes retumbar pelas abobodas, e sumir-se. Passaram então um momento serio e solemne. O desanimo começava a pairar sobre elles, tanto mais que intentando subir pela vara, pela qual tinhamos descido, não poderiam conseguir. Neste esforço infructifero chegaram os companheiros em seu soccorro Sahiram todos sujos da lama das pedras; reunimo-nos então, e partimos para o Capão-Bonito, bem empregando as leguas que tinhamos caminhado.

PADRE JOSÈ JOAQUIM DE ALMEIDA.

Araraquara, 1862.

CRIANÇAS DE DUAS CORES

Nos registros officiaês da camara da villa de Cuyabá, do anno de 1799, acha-se exarado o seguinte extraordinario facto:—O Rvd. coadjutor Manoel Machado de Siqueira, baptisou nesta freguezia no dia 18 de Junho, uma innocente criança, á qual poz o nome de Isabel (filha legitima de José de Arruda e Sá, e de Anna da Fonseca Corrêa, pessoas brancas destas minas); cuja menina nasceu, e ainda assim se conserva, branca da cabeça até ao umbigo, e dos joelhos até a extremidade dos pés, porém preta do umbigo até os joelhos.

DIAMANTE ESTRELLA DO SUL

Em 1855 o Sr. Halphen, da cidade de Paris, recebeu um diamante, verdadeiramente extraordinario pelas suas dimensões, e pela pureza de sua forma crystallina. Os lapidarios a quem foi mostrado, deram-lhe o nome de *Estrella do Sul.*

Pesava 52^{gr},275, e foi encontrado por uma preta empregada na lavra das minas da Bágagem, provincia de Minas-Geraes. E' o diamante maior que tem apparecido na Europa, proveniente do Brasil.

Figurou na Exposição Universal de Paris.

Delle se occupam o Sr. conde de La Hure em sua obra — *L'Empire du Brésil*, publicada em Paris em 1859, Hippolyte Carvallo em seus — *Etudes sur le Brésil au point de vue de l'emigration et du commerce français*, Paris, 1858, e o *Panorama*, 12° vol. de 1855, 17° de 1867.

Este periodico accrescenta que os mais notaveis diamantes que se conhecem, são os do Imperador da Russia, o do grão-duque da Toscana, o Regente, e o Ko-hi-no-or que houve occasião de admirar na exposição de Londres em 1851. Todos esses diamantes são originarios da India.

O valor de pedras semelhantes varia muito, segundo as circumstancias e é todo convencional. O que se conhece pela denominação de *Regente*, foi avaliado em 8 milhões de francos, ou 1,440:000$000 pouco mais ou menos, nos inventarios da Corôa em 1848, e o Ko-hi-no-or esse cedeu-o o governo inglez á companhia das Indias por 6 milhões de francos ou 1,080:000$000, calculando, em um e outro caso o franco, por 180 rs. da moeda portugueza.

A FONTE DO SENHOR

Assim se chama o remanso que fazem as aguas do rio Iguape na provincia de S. Paulo, em um recanto de pouco fundo.

As lendas tradicionaes, recolhidas pelos religiosos de outro tempo, rezam que tal nome lhe proveiu por se ter ahi lavado a imagem do Senhor, que se venera na ermida da Senhora das Neves, a qual encontrada em uma praia deserta, fora alli lançada para a purificarem da vegetação marinha que recebera das aguas do oceano.

« Boiava ella, diz o jesuita Manoel da Fonseca, e com piedosa audacia lhe pozeram uma pedra em cima, ajudando-se de seu peso para conservar coberta d'agua sobre outra pedra, emquanto a purificavam.

« Muitos annos se conservou este lago servindo de piscina aos necessitados, e dando aos enfermos milagrosa saude com o trabalho só de se lavarem em tão santas aguas.

« Abusaram porém de tanta piedade, e a pedra, que até então era de pequena estatura, querendo a seu modo vingar esta injuria, cresceu, tanto que tomando todo o circulo, o tapou, deixando sómente livre o ribeiro em cujas aguas ainda hoje estão depositados grandes remedios para muitas enfermidades. »

INDEPENDENCIA DO BRASIL

Na *Bussola da Liberdade* n. 51 de 20 de Setembro de 1834, publicada no Rio de Janeiro, lê-se:

« Sr. Redactor.—Não pude ouvir a sangue frio que o Sr. Dr. José Bonifacio fosse o primeiro, que désse o grito da independencia do Brasil: esta gloria só a mim

pertence porque eu é que fui o primeiro, que na cidade do Recife de Pernambuco, a 6 de Março de 1817 pelas duas horas da tarde, fiz soar esta palavra magica que só depois foi echoada em 7 de Setembro de 1822 pelo Sr. Dr. José Bonifacio de Andrada nos campos do Ypiranga. Perdoe-me! o seu a seu dono.

Seu amigo e respeitador

O coronel PEDRODA SILVA PEDROSO.

TYPOGRAPHIAS

Em 31 de Outubro de 1821 chegou á capital do Maranhão uma typographia mandada vir da metropole por conta da fazenda real, sendo logo nomeado director dos trabalhos, o official maior da secretaria do governo Antonio Marques da Costa Soares. Em 13 de Novembro foi-lhe dada uma administração composta do desembargador José Leandro da Silva e Souza presidente, director Costa Soares secretario, e Lazaro José da Silva Guimarães thesoureiro.

A officina foi montada no predio em que hoje tem hospital a Santa Casa da Misericordia, e apenas em estado de funccionar,em uma bella tarde,ahi appareceram algumas familias, e anciosas por verem trabalhar a imprensa, conseguiram os seus dezejos, compondo o major Rodrigo Pedro Pizarro esta decima, que foi logo impressa:

Certas deidades um dia,
Seguidas do Deus vendado,
Foram ver por desenfado
A nova typographia;

Uma pagina se imprimia
Não sei de que natureza,
Mas Cupido com destreza
Taes voltas nos typos deu,
Que na estampa appareceu—
Viva amor! viva a belleza!

—A primeira typographia que houve no Brasil foi a que estabeleceram os hollandezes em Pernambuco pelos annos de 1634 a 1654, e parece ter pertencido a um tal Brée, que esqueceu-se de nos deixar informações sobre sua pessoa.

CAPELLA DE NOSSA SENHORA D'APPARECIDA

A pouco mais de meia legua adiante da cidade de Guaratinguetá, na direcção de S. Paulo, acha-se situada uma solitaria capellinha. E' singela e graciosa ua architectura; uma montanha serve-lhe de pedestal, e em horizonte infinito domina moldurado um dos panoramas mais arrebatadores, que se póde contemplar.

Reza a tradição, e consta do livro do tombo a respeito da imagem de Nossa Senhora, que alli se venera, o seguinte:

« No anno de 1719, pouco mais ou menos, passando por esta villa para as Minas o governador dellas e de S. Paulo o conde de Assumar, D. Pedro de Almeida, foram notificados pela camara os pescadores, para apresentarem todo o peixe que podessem haver para o dito governador. Entre muitos foram a pescar Domingos Martins Garcia, João Alves e Francisco Pedroso com suas canôas, e principiando a lançar suas redes no porto de

José Corrêa Leite, continuaram até o porto de Itaguassù distancia bastante, sem tirar peixe algum, e lançando nesse porto João Alves a sua rede de rasto, tirou o corpo da Senhora sem cabeça, e lançando outra vez a rede mais abaixo tirou a cabeça da mesma Senhora, não sabendo-se nunca quem ahi a lançasse.

« Guardou Alves esta imagem em uns pannos, e continuando a pescaria, não tendo até então achado peixe algum, dalli por diante foi tão copiosa a pescaria em poucos lanços, que os pescadores, receiosos de naufragar pelo muito peixe que tinham nas canôas, retiraram-se ás suas vivendas, admirando este prodigio.

« Fellippe Pedroso conservou seis annos esta imagem em sua casa, junto a Lourenço de Sá; depois mudou-se para a Ponte Alta, e dalli para o Itaguassú, onde deu a imagem a seu filho Athanasio Pedroso, o qual fez um oratorio para collocar a Senhora, e no sabbado iam todos os devotos alli rezar o terço.

« Em uma das occasiões em que rezavam, apagaram-se as vellas repentinamente, estando a noute serena; então Silvano da Rocha levantando-se para accendel-as, ellas por si accenderam-se; foi este o primeiro prodigio:—depois em outro dia viram tremer o nicho e altar da Senhora, bem como as luzes. Em outra occasião (sexta-feira para o sabbado, estando reunidas muitas pessoas para cantarem o terço) estando a Senhora guardada em uma caixa, ouviu-se dentro da mesma grande estrondo.

« As pessoas que presenciaram estes prodigios foram propalando a noticia, até que esta chegou aos ouvidos do vigario da vara José Alvares Villela; este e outros

devotos edificaram uma capellinha, que depois foi demolida, sendo edificada em seu logar a que actualmente existe. »

Dos sertões de Minas, dos confins de Cuyabá, e do extremo do Rio Grande, vão todos os annos piedosas romarias cumprir religiosas promessas, feitas á Senhora d'Apparecida, Virgem afamada pelos seus milagres. As paredes da capella não teem mais logar para as figuras de cêra, troncos, cabeças, braços, pernas e mãos de todos os tamanhos e feitios, que se vêm simultaneamente pendurados ao lado de numerosos paineis, que symbolisam os martyrios e dores que angustiam a existencia humana. Alli se mostram umas algemas de ferro, que o tempo não conseguiu enferrujar, apezar dos muitos annos que tem decorrido, depois que cahiram repentinamente dos braços e dos pés de um recrutado, que procurára a capella, e orára com fervor á Nossa Senhora para lhe restituir sua liberdade, extenuado de fadiga como se achava, devorado pela fome, exhausto de forças por caminhar descalço, a pé, e encorrentado por entre sertões inhospitos.

A' pouca distancia da capella existe na beira da estrada uma pedra já meia encoberta pelos espinheiros, a que chamam a *pegada*.

Na sua face superior está perfeitamente gravada a planta de um pé humano.

Contam os moradores antigos do logar, que um filho desnaturado tendo concebido o nefando intento de assassinar sua mãe, a esperava sobre esta pedra, e que no momento em que ella passava, e elle ia perpetrar este monstruoso crime, sentiu o pé agarrado ao lagedo,

e tal foi o seu terror, que poucos momentos sobreviveu á esta tremenda punição dos céos! (*)

A maravilhosa lenda da Apparecida aviventa nossa memoria a respeito da lenda de Nossa Senhora da Penha, imagem collocada no edificio levantado sobre uma rocha pela fé de Pedro Palacios, na villa do Espirito Santo, da provincia do mesmo nome, assumpto grave de que tratamos no *Ensaio historico e estatistico*, publicado em 1858, Victoria, e que, ainda ultimamente, fez mover a delicada penna, e fluente imaginação do Sr. Dr. Pessanha Povoa em suas *Legendas*.

(*) Vide o escripto do Sr. Zaluar sobre a capella á pag. 8 do volume XV da *Revista Popular*.

INDICE

Typ. do DIARIO DO RIO DE JANEIRO, rua do Ouvidor n. 97